HISTÓRIA da REFORMA

2

do SÉCULO DÉCIMOSEXTO

JEAN HENRI MERLE-D'AUBIGNÉ

Copyright © 2024. Empresa de Publicações Luz del Mundo.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, electrónico ou mecânico, incluindo fotocopias, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento ou recuperação de informações, sem a permissão expressa por escrito da editora, exceto no caso de citações breves incorporadas em artigos e resenhas críticas. Consulte todas as perguntas pertinentes ao editor.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, electrónico ou mecânico, incluindo fotocopias, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento ou recuperação de informações, sem a permissão expressa por escrito da editora, exceto no caso de citações breves incorporadas em artigos e resenhas críticas. Consulte todas as perguntas pertinentes ao editor.

ISBN: 200-2-85533-777-2

Catalogação em Dados de Publicação

Editado por: Light of the World Publications Company Ltd.

Reproduzido em Torino, Italia

Impresso no: Light of the World Publications Company Ltd

P.O. Box 144, Piazza Statuto, Torino, Italia

"Lux Lucet in Tenebris"

A Luz brilha nas Trevas

Light of the World Publication Company Limited

A Luz do Mundo

P.O. Box 144 Piazza Statuto, Turin, Italy

Email: newnessoflife70@gmail.com

HISTÓRIA

DA

REFORMA

DO DÉCIMO SEXTO SÉCULO

POR J. H. MERLE D'AUBIGNÉ.

Chamo accessorio o estado das cousas desta vida caduca e transitoria. Chamo principal o governo espiritual no qual brilha soberanamente a providencia de Deus." ---

TEODOSIO DE BEZE

Segundo Volume.

SÃO PAULO,

CASA EDITORA PRESBITERIANA

MDCCCCLI

ÍNDICE DE CONTEÚDOS

LIVRO V. A DISPUTA DE LEIPZIG 9
CAPÍTULO I 9
CAPÍTULO II 21
CAPÍTULO III 28
CAPÍTULO IV 33
CAPÍTULO V 42
CAPÍTULO VI 51
CAPÍTULO VII 57
CAPÍTULO VIII 60
LIVRO VI • A BULA DE ROMA (1520) 65
CAPÍTULO I 65
CAPÍTULO II 69
CAPÍTULO III 76
CAPÍTULO IV 85
CAPÍTULO V 91
CAPÍTULO VI 95
CAPÍTULO Vil 99
CAPÍTULO VIII 107
CAPÍTULO IX 111
CAPÍTULO X 117
CAPÍTULO XI 125
CAPÍTULO XII 134
LIVRO VII. A DIETA DE WORMES 141
CAPÍTULO I 141
CAPÍTULO II 148
CAPITULO III 157
CAPÍTULO IV 161
CAPÍTULO V 167
CAPÍTULO VI 173
CAPÍTULO VII 177

CAPÍTULO VIII 185
CAPÍTULO IX 200
CAPÍTULO X 207
CAPÍTULO XI 215
LIVRO VIII. OS SUEÇOS. (1484-1522) 223
CAPÍTULO I 223
CAPÍTULO II 228
CAPÍTULO III 234
CAPÍTULO IV 240
CAPÍTULO V 246
CAPÍTULO VI 254
CAPÍTULO VII 263
CAPÍTULO VIII 268
CAPÍTULO IX 277
CAPÍTULO X 283
CAPÍTULO XII 295
CAPÍTULO XIII 300
CAPÍTULO XIV 310

ÍNDICE DETALHADO

LIVRO V. A DISPUTA DE LEIPZIG

CAPITULO I

O perigó de Lutero — Deus o salva A viagem de Mil titz — Medidas tomadas cóntra Lutero — Circunstáncias favoráveis — Reforma terror de Tezel — Conferência entre MiltitZ e Lutero Miltitz exige uma retratação —. Lutem recusa; mas oferece calar-se —.O belfo. de Judas é morte de Tezel — Lutéra do papa — Lutero. contra a separação —Miltitz e de Vio procuram enlevar. — Lutero — Triunfa a causa de Lutero — Suissa,1 Países Baixos, França, Espanha, Itdlfa — O despertar.

CAPITULO II

Novo gdormecilnento. — Ambiçdo do doutor Eck — Eck reaviva a luta Lutero se vê provocado — A questão do papa — Coragem de Lutem,. e receio de seus amigos — A verdade triunfa por si só — Temores de Roma — Riso de Moseltinio — Receio de Erasmo.

CAPITULO III.

Chegada de Eck e dos Witembergués Amsdorf — Os estudantes — Queda de Carlstadt — O bispo — O duque — Preparativos para a disputa — Haverá juízes? —Lutas de Lutero.

CAPITULO IV

Abertura da discussão — Discurso de Moselano — V eni, Sancte Spiritus — Retratos de Lutero e de Carlstadt — O doutor Eck — Os livros de Carlstadt — Mereci-mento côngruo — Forças naturais — Distinção esco-« lástica — Ponto de divergência entre Roma e a Re-forma — A liberdade dada ao homem pela graça —O caderno de Carlstadt — Melancton — Eck — Sermão de Lutero — Os cidadãos de Leipzig — Brigas entre os estudantes e os doutores.

CAPITULO V

A hierarquia e o racionalismo — Dois filhos de aldeãos —Eck e Lutero principiam — A cabeça da igreja — A primazia de Roma — A igualdade dos bispos — Pedro a pedra fundamental — Cristo o fundamento —Eck insinua que Lutero é hussita — Lutero sobre a doutrina de Huss —! Agitação entre os assistentes — Só a palavra — O bufão da corte — Lutero na Missa — Dito do duque — O purgatório — Fim da discussão.

CAPITULO VI

Interesse dos leigos — Opinião de Lutero — Confissão e e jactância do doutor Eck — Resultados da disputa — Poliandro — Celario — O jovem príncipe de Anhalt — Os estudantes de Leipzig — Cruciger — Vocação de Melancton — Emancipação de Lutero.

CAPITULO VII

Eck ataca a Melancton — Defesa deste — A interpretação da Santa Escritura — Firmeza de Lutero — Os ir-mãos de Boêmia Emser — Staupitz.

CAPITULO VIII

Gálatas — Cristo por nós — Cegueira dos — Primeiras idéias sobre a santa ceia — O sem a fé será suficiente? — Lutero boéatacado — Eck vai para Roma.

LIVRO VI • A BULA DE ROMA (1520)

CAPITULO I

Caráter de Maximiliano — Aspirantes ao Império — Carlos V .— Francisco I — Disposições dos alemães — A corda é oferecida a Frederico — Carlos V é eleito.

CAPITULO II

Lutero escreve ao Imperador — Seu perigo — Instruções de Frederico a seu enviado em Roma — Os sentimen-tos de Lutero — Receios de Melancton — Os nobres na Alemanha favorecem a Reforma — Schaumburg — Sickingen Ulrico de Hutten — Confiança de Lutero — Erasmo defende a Lutem — Abst&mio Hedio — Lutero adquire mais liberdade — A fé, manancial das obras — Donde vem a fé? — Lutero julgando seus escritos.

CAPITULO III

Lutem ataca o papado — Manifesto à nobreza — As .trés muralhas — Todos os cristãos são sacerdotes — O clero deve estar debaixo da jurisdição dos magistrados. — Abusos de Roma — Ruína da Itália — Perigos dà. Alemanha — O papa — Os legados — Os frades —Casamento de padres — O celibato — As festas —Os boémios — A caridade — As universidades — O Im-pério — O Imperador deve tornar a tomar Roma —Livro não publicado — Modéstia de Lutero -- Efeito do manifesto.

CAPITULO IV

Preparam-se em Roma — Motivos da resimémcia do papado Eck em Roma — Eck triunfa — O papa é o mundo —Deus efetua a .separação — Um sacerdote suiço

intercede por Luterá — O consistório romano — Exórdio da bula — Luté ro é condenado.

CAPITULO V

Witemberg — Melancton — Seu casamento — Catarina —Vida doméstica — Benignidade — Cristo e a antigui-dade — Trabalho — Amor às letras — Sua mãe — Motim dos estudantes.

CAPITULO VI

O Evangelho lia Itália — Sermão sobre a missa — O cati-veiro babilônico da igreja — O batismo — Abolição dos mais votos — Progresso da reforma.

CAPITULO VII

Novas negociações — Os agostinhos e Miltitz em Eisleben — Deputação enviada a Lutero Miltitz e o eleitor — Conferência em Lichtemberg — Carta de Lidero ao papa — Livro enviado ao papa — União entre Cristo e o que nele crê — Servidão e liberdade.

CAPITULO VIII

A bula na Alemanha — Acolhimento de Eck — A bula em Witemberg — Intervenção de Zwinglio.

CAPITULO X

Passo dcisivo do reformador — Apela para um concílio geral — Luta de corpo a corpo — A bula queimada por Lutero — Significação deste ato atrevido — Lutero na academia — Lutero contra o papa — Novo escrito de Melancton — Como Lutero consola seus amigos —Progresso da luta — Opinião de Melancton sobre os tímidos — Escrito de Lutero sobre a Bíblia — Doutrina da graça Retratação de Lutro.

CAPITULO XI

Coroação de Carlos V — O nuncio Meandro — Serão queimados os livros de Lutem? — Meandro e o Imperador — O TitilleiOS e o eleitor — O filho do duque — João fala a favor de Lutem — Calma de Lutero — O eleitor o protege — Resposta dos nuncios — Erasmo em Colonia — Erasmo em casa do eleitor — Declaração de Erasmo .— Conselhos de Erasmo — Sistema de Carlos V.

CAPITULO XII

Lutero sôbre a confissão — A verdadeira absolução — O Anticristo — A popularidade de Lutero — Sátiras — Ulrico de lliitten — Lucas Cranach — O

carnaval em Witemberg — Staupitz intimidado — Trabalhos de Lutero — Sua humildade — Progresso da Reforma.

LIVRO VII. A DIETA DE WORMES

CAPITULO I

Vitórias da palavra de Deus — A dieta de Worms — Difi-culdades — Carlos exige Lutero — O eleitor a Carlos V — Estado dos ânimos — Temores de Aleandro — O eleitor parte sem Lutero Aleandro desperta Roma —Excomunhão do papa e comunhão de Cristo — Fulminações da bula — Os motivos de Lutero na Reforma.

CAPITULO II

Um príncipe estrangeiro — Conselho dos políticos — Con-ferdncia entre o confessor e o chanceler — lzwlili-dade dessas manobras — Atividade de Aleandro — Palavras de Lutero — Carlos entrega-se ao papa.

CAPITULO III

Aleandro admitido na Dieta — Discurso de Aleandro — Lutero acusado — Roma defendida — Apelo a Carlos contra Lutero — Efeito do discurso do núncio.

CAPITULO IV

Parecer dos príncipes. — Discurso do duque Jorge Caráter da Re forra Cento e unui queixas — Carlos se rende — Estratagemas de Aleand?o — Os grandes de Espanha — Paz de Lutem — Antes a morte que a retratação.

CAPITULO VII

Partida para a dieta de WOrMS Despedida de Lutero —Sua condenação é publicada em cartazes — Cavalgada perto de Erfurt — Encontro de lonas com Lutero — Lutero em seu antigo convento — Lutero prega em Erfurt — Incidente — A fé e as obras — Concurso do povo e coragem de Lutero — Lutero a Spalatino — Estação em Francfort — Temores em Worrn.s. — Planos dos imperiais — Firmeza de Lutero.

CAPITULO VIII

Entrada cm Worms — De profundis — Conselho presidido por Carlos V. — Capitão e o contemporisado•es. — Concurso numeroso de visitas a Lutero — Citação — a Lutero Marcha para a dieta — Palavra de Freundsberg — Assembléia imponente — Alocução do chanceler — Resposta de Lutero — Sua sabedoria — Palavra de Carlos V. — Alarma — Triunfo — Firmeza de Lutem — Ultrage dos espanhoves — Conselho Turbação e oração de Lutero Fôrça .da Reforma — Seu Juramento de fidelidade à Santa Escritura — O átrio da dieta — Discurso de Lutero

Três gêneros de escritos — Pede que se lhe prove o seu ,erro — Graves conselhos — Repetido seu discurso cm latim — Eis-me aqui; não -posso proceder doutro modo — A debilidade de Deus mais forte que o homem — Novas tentativas — Vitória.

CAPITULO IX

Tumulto e calma — A copa do dogue — O eleitor e Spalatino — Mensagem do irnperadbr — Querem violar o salvo-conduto — Violenta oposição — Entusiasmo a favor de Lutero — Via de conciliação — Temores do eleitor — Concurso em casa de Lutem — Filipe de Nesse.

LIVRO VIII. OS SUEÇOS. (1484-1522)

CAPITULO I

Movimento na Suíça — Princípio da Reforma — Caráter democrático — Culto estranho — Moralidade — O Toelcenburgo — ì tmu cabana nos Alpes — Uma familia dos pastores trfric.

CAPITULO II

Ulric em Wesen e em Basiléa Ulric ein Berne — O convento dos Dominicanos — Jetzer — As aparições — Paixão dum frade-leigo — Impostura — Descoberta e — Zwingle em Viena e Basiléia — A música em Basiléia — Witembach ensina o Evangelho — Leão lu-(ias — O curato de Glaris.

CAPITULO III

Amor pela guerra — Schinner — Pensão do Papa — O labirinto — Zwinglio na Itália — Princípio da reforma — Zwinglio e Lutero — Zwinglio e Erasmo — Zwinglio e os anciãos — Paris e Glaris..

CAPITULO IV

Zwingle e Erasmo — Oswald Nficouius — O bandidos — CEcolampade — :ZwingIe em Marignan Zwingle e a — Método de Zwingle — Principio da Reforma — Descyberta — Passagem dum Ilidtliao a outro.

CAPITULO V

Senhora de Einsidlen — Vocação de Zwingle — o abade — Geroldsek — Reunião de literatos — A Bíblia copiada — Zwingle e a superstição — Primeira oposi ção aos erros — Sensação — Zwingle e os legados — As honras- de Roma — O bispo de Constança — Sansão .e as indulgências — Stapfer — Caridade de Zwingle — Seus amigos.

CAPITULO VI

Zurich — O colégio dos cônegos — Eleição na cateclrül Fábula — Acusações — Confissão de Zwingle — Os de-sianios de Deus se desenvolvem — Adeus. a. Einsidlen —t.Chegada a Zurich — Declaração resoluta de Zwingle — Primeiras. pregações — Seus efeitos — Oposição —Caráter de Zwingle Gosto pela música- — Ordem do dia — O bufárinheiro.

CAPITULO VII

As indulgdncias — Sansão em Berne — Sansão em Baden —O decano de Bremgarten O jovem -Henrique Bullinuer — Sansão e o décano — Combates interiores de Zwingle — Zwingle contra as indulgências — Sansão despedido.

LIVRO V. A DISPUTA DE LEIPZIG

CAPÍTULO I

O perigó de Lutero — Deus o salva A viagem de Miltitz—Medidas tomadas contra Lutero — Circunstáncias favoráveis a Reforma —; terror de Tezel — Conferência entre Miltitz e Lutero—Miltitz exige uma retratação —Lutem recusa; mas oferece calar-se — [1]*O beijo, de Judas é morte de Tezel — Lutéra do papa — Lutero. contra a separação —Miltitz e de Vio procuram enlevar—Lutero — Triunfa a causa de Lutero — Suissa, Países Baixos, França, Espanha, — O despertar.

Tinham-se amontoadu peugz.b.: em tomo de Lutero e da Reforma. A apelação do doutor de Witemberg para um concilio geral era um novo atentado contra o poder .pontifício. Uma bula de Pio II pronunciara a excomu-nhão maior contra os próprios imperadores que outoak.em tornar-se. culpados de tal revoita. Frèderico de Skte, mal firmado ainda na doutrina evangélica, estava pronto a banir Lutero de seus estados. Uma nova mensagem de Leão X teria, pois, atirado o reformador para o meio de estranhos que receariam expôr-se recebendo um frade que Roma anatematizara. E se a espada mesmo de alguns fidalgos se tivesse levantado para o defender, esses simples cavalheiros, desprezados dos podèrosos príncipes da .Ale-manha, .deveriam logo sucumbir em sua aventurosa empresa.

Mas no momento em que todos os cortezãos de Leão X o impeliam a medidas de rigor; e em que um último golpe teria posto o adversário em suas mãos, este papa mudou subitamente de proceder, e entrou em vias de con-ciliação e aparente doçura. [2]• Pode-se sem dúvida dizer que ele iludiu-se. sobre as disposições do eleitor, e as julgou mais favoráveis a Lutero -do que eram na reali-dade; pode-se admitir que a voz pública, o espírito do século, poderes esses então inteiramente novos, lhe pa-recessem rodear o reformador de um baluarte inacessível; pode-se supor, como o fez um de seus• historiadores; que ele seguiu os impulsos de sua mente e de seu coração que pendia para a doçura e para o comedimento; porém tal proceder de Roma, em semelhante ocasião, é tão insólito que se torna impossível não descobrir nele a Mão mais alta e mais poderosa.

Um fidalgo sax6nio, camarista do papa, e cônego de Moguncia, de Treves e de Meissen, se achava então na côrte de Roma. Ele tinha sabido fazer-se valer nela. Ga-bara-se de ser parente remoto. dos prindipes saxônios, de sorte que os áulicos romanos davam-lhe o título de .duque de Saxe. Na Itália ele ostentava parvamente a sua nobreza germânica; na Alemanha imitava com prazo as maneiras e elegância dos italianos. [3]• Era amigo do vinho, ° e sua estada em Roma tinha aumentado esse vício. Entre- • tantn os cortezãos Romanos depositavam nele grandes esperanças. Sua origem alemã, seus modos. insinuantes, sua habilidade em -

negócios, tudo os levava a augurar que Carlos de Miltitz (era este seu nome) conseguiria dar um paradeiro à pujante revolução que ameaçava abalar o mundo.

Importava ocultar o verdadeiro objeto da missão do camarista romano. Isso se conseguiu sem dificuldade. Quatro anos antes o piedoso eleitor havia mandado pedir ao .papa a rosa de ouro. Esta, a mais linda das flores, representava o Corpo de ,Jesus • Cristo; era consagrada cada ano pelo soberano pontífice, e oferecida a um dos primeiros príncipes da Europa. F9i resolvido que se mandasse dessa vez ao eleitor. Miltitz partiu encarregado de examinar o estado dos negócios, e de. ganhar Spalatino• e Pfeffinger, conselheiros de eleitor. Levava para eles cartas reservadas. Procurando assim chamar a si os que rodeavam o príncipe, Roma esperava assenhorear-se logo de seu temeroso adversário. [4]

Chegando à Alemanha no mês de dezembro de 1518, o novo legado aplicou-se de caminho a sondar a opinião pública. Nos lugares em que parou, notou com grande pasmo seu qué a mór parte dos habitantes era pela Re- forma. Falava-se de Lutero com entusiasmo. Para cada pessoa favorável ao papa, achavam-se três pelo reforma- dor. Lutero nos tem deixado uma anedota desta missão: "Que pensais á respeito da cadeira de Roma?" perguntava freqüentemente o legado às locandeiras e criadas de esta- lagem. Respondeu-lhe um dia ingenuamente uma dessas pobres mulheres: "A falar verdade, não sabemos se as cadeiras que .tendes em Roma são de pedra, ou de pau." [5]• Só o rumor da chegada do novo legado encheu de suspeitas e desconfianças a corte do eleitor, a universidade, a cidade de Witemberg e toda a Saxónia. "Graças • a Deus, Martinho respira ainda," escrevia Melancton ater- rado. Afirmava-se que o camarista romano tinha ordem de apodèar-se de Lutero por manha ou à viva força.

De todas as partes .se recomendava ao doutor que se premunisse contra as ciladas de Miltitz. "Ele vem," diziam-lhe, "para vos agarrar e entregar ao papa. Pessoas fidedignas viram os breves de que é portador." "Aguardo a vontade de Deus," respondia Lutem.

Com efeito, Miltitz chegava carregado de cartas dirigidas ao eleitor, aos conselheiros deste, aos bispos e ao burgomestre da cidade de Witemberg. Ele estava munido de setenta breves apostólicos. Se as •lisonjas e. favores de Roma ferissem o alvo, se Frederico entregasse Lutero em suas mãos, esses setenta breves lhe deveriam de *alguma maneira servir de passaportes. Miltitz queria exibir e afixar um em cada cidade que tivesse de atravessar, esperando destarte conseguir dar om seu prisioneiro em .Roma sem oposição. [6]§

Parecia que o papa tomara todas as medidas. Já na côrte eleitoral não se sabia pôr qual partido decidir. Ter-eia resistido à violência; mas como contrariar ao chefe da cristandade falando com tanta doçura e tamanha aparência de razão? Não seria

conveniente, dizia-se, esconder-se algures Lutero, até que tenha passado a tempestade? Um acontecimento imprevisto veio tirar Lutero, o eleitor e a Reforma de tão difícil situação. O aspecto *do mundo mud.ou de repente.

A 12 de janeiro de 1519 morreu -Maximiliano, imperador da Alemanha. Frederico de Saxe ficou, conforme a constituição germânica, administrando o império. Desde então deixou o eleitor de temer • os projetos dos núncios. Interesses-novos, começaram a agitar a corte de Roma, forçaram-na a usar de resguardo em suas negociações com Frederico, e detiveram o golpe que infalivelmente maquinavam Miltitz e de Vio.

O papa tinha vivo desejo de afastar do trono impe-rial a Carlos de Áustria, já rei de Nápoles. Julgava que um rei vizinho era mais para temer do que um frade da Alemanha. Desejoso de assegurar-se do eleitor. que em tal negócio lhe poderia servir de muito, resolveu dar alguma folga ao frade, para melhor • se optr ao rei: mas tanto um com outro progrediram a pesar seu. Assim quidou Leão X.

Uma outra circunstância veio ainda, desviar a tem-pestade suspensa sobre a Reforma. Logo depois da morte do • imperador rebentàram perturbações políticas. Ao sul do império a confederação suábia queria punir Ulrico de Wurtémberg que se lhe tornara infiel. Ao norte o bispo de Hildesheim se arrojara com fórças armadas sobre o bispado de Minden, e sobre as terras do duque de Bruns. wick. Como poderiam, pois, os príncipes do mundo [7]*no meio de tais agitações, ligar importância a uma disputa sobre a remissão dos pecados? Mas Deus fez com que servissem principalmente aos progressos da causa da Reforma a reputação de sabedoria do eleitor que se tornara vigário do império, e a proteção que ele concedia aos novos .doutores. "A tempestade sustou seus furores," disse Lutero; "a excomunhão papal começou a cair em desprêzo - À sombra, do vicariato do eleitor o evangelho estendeu-Se ao longe, e disso resultou grave dano para o papismo."

Demais, durante um interregno as mais severas proibições perdiam algo de sua força. Tudo tornava-se mais fácil e mais livre. O raio de liberdade, que veio luzir sobre estes primeirós passos da Reforma, desenvolveu po-derosamente essa planta ainda tão delicada; e pôde-se reconhecer desde então quanto a liberdade política seria favorável aós progressos do cristianismo evangélico qúe tinha chegado à Saxônia antes ainda da morte de Maximiliano, dera-se pressa em •procurar seu velho amigo Spalatino; mas apenas abrira a boca paia incre-par Lutero, o capelão trovejara contra Tezel. O núncio ficou inteirado das mentiras e blasfémias do vendedor de indulgências: foi-lhe declara. do .que toda a Alemanha atribuía ao dominicano a* divisão que dilacerava a igreja.

Miltitz ficou pasmado: .de acusador • se tornara cm acusado. Foi sobre Tezel que recaiu então toda a sua cólera. Ele o citou para que se apresentasse em Alten-burgo

a fim de se justificar de correr cidades e aldeias, e conservava-se oculto no colégio de S. Paulo em Leipzig. Descorou ao receber a carta de Miltitz. A própria Roma o abandona; ela o ameaça, condena, quer arrancá-lo do único asilo em que Se julga seguro, e expô-lo à sanha dos inimigos ... Tezel recusou-se à intimação do núncio. "Certamente," escreveu ele a Miltitz em 31 de dezembro de 1518, "eu não me esquivaria às fadigas da viagem se pudesse sair de Leipzig sem risco de vida; mas o agostinho Martinho Lutero tem de tal sorte movido e excitado contra mim os homens poderosos, que não estou seguro em parte alguma. Grande número de partidários de Lutero tem jurado a minha morte. Não posso, pois, ir ter convosco." Que. contraste frizante entre esses dois homens que estavam, um no colégio de S. Paulo em Leipzig, e outro no convento dos agostinhos em Witemberg! O servo de Deus mostrava coragem in-trépida em face de perigo, e o servo dos homens, desprezível covardia.

Miltitz havia recebido ordem de começar pelas ar-mas da persuasão; e, só no caso de falhar, deveria exibir os seus setenta breves, e fazér uso de todos os favores romanos pai-a levar o eleitor a reprimir Lutero. Manifestou, pois, desejos de ter uma entrevista com o reformador. Seu amigo comum, Spalatino, ofeeceu para esse fim a sua casa, e no dia 2 ou 3 de janeiro saiu Lutero. de Witemberg para ir a Altenburgó.

Miltitz esgotou nessa entrevista todas as suas finuras de diplomata e cortezão romano. Apenas Lutero chegou, foi o núncio procurá-lo com grande. demonstração ,de amizade. "Oh!" pensou Lutero, "como • se trocou em, doçura a sua violência! Este novo Saulo vinha à Alemanha armado de mais . de setenta breves apostólicos pára me levar vivo e encorrentado à homicida Roma; mas o Senhor o derrubou no caminho." [8]

"Caro Martinho," disse-lhe o camarista do papa, com voz melíflua, "eu supunha que éreis um velho teólogo que, assentado tranqüilamente junto à lareira, cismava em nugas teológicas; mas vejo que sois ainda um rapagão na flor da idade. [9]• Sabeis," continuou em tom mais grave, "que arrebatastes ao papa o mundo inteiro, e que o cha-mastes para vós?" Miltitz sabia bem que é lisongeando o orgulhoso gênero humano que se consegue melhor aliciá-lo, más ele não conhecia o homem com quem tratava. "No caso de ter eu," acrescentou ele, um exército de vinte e cinco mil homens, ainda assim não empreenderia arrancar-vos desta terra, e levar-vos a Roma. [10]§ Roma, apesar de todo o seu poder, sentia-se fraca em presença de um pobre frade, e o frade sentia-se forte em presença de Roma. "Deus detém na praia as ondas do mar," disse Lutero, "e as detém... com areia." [11]

Miltitz, crendo ter destarte preparado o espírito de seu adversário, prossegue nestes termos: "Deitai vós mesmo o aparelho à ferida que abristes na igreja, e que só vós podeis curar. Guardai-vos," acrescentou, deixando escorregar algumas lágrimas,

"guardai-Vos de excitar uma tormenta que traria a ruína da cristandade." [12] Chegou depois a insinuar paulatinamente que só urna retratação poderia reparar o mal; mas, adoçando logo o que essa palavra poderia ter de ofensivo, deu a entender a Lutero que nutria por ele alta estima ao passo que coriscava contra Tezel. Er-à o laço armado por mão de mestre: como deixar de cair? "Se o arcebispo de Mogúncia me tivera assim falado desde o princípio," disse mais tarde o reformador, "este negócio não teria feito tanto ruído." ° [13]

Tomou então Lutero a palavra, e expôs com calma, mas também com dignidade e energia, as justas queixas da igreja; exprimiu toda a sua indignação contra o arcebispo de Mogúncia, e queixou-se nobremente do modo indigno por que Roma o tratara, não obstante a pureza de suas intenções. [14]

Miltitz, que não esperava linguagem tão firme, soube contudo dominar a cólera.

"Ofereço-vos," Continuou, LuterO, gUardar dora em diante silêncio sobre esta matéria, e deixar què este,,ne0- cio morra por si, contanto que ;de sua parte, se Calem .. os meus adversários; mas, se me .continuarem :a agredir,

1 dentro em pouCó, de uma pequena contenda nascerá. ..um combate sério. Minhas. armas estão Preparadas. Mais -ainda . farei, acrescentou um instante:. depois: "escreverei. à. sua santidade para reconhecer que fui um pouco. demais,. vidlento, e para lhe declarar que foi como filho fiel da igreja que combati prédicas que traiam sobre ela :as, zombarias e injúrias do povo; consinto mesmo.. em, publicar. um escrito em que exortarei a todos os que têm; meus .:livros :a: não ver neles ataques contra a igreja romana, ..é àconservarse-lhe submissos: Sim,- estou .dispósto..a..fazer- tudo, e. a tudo sofrer, mas quanto a uma retratação, não a espereis nunca de mim."

Pelo tom decidido de Lutero compreendeu Miltitz que mais prudente era dar mostras de que .estava .Satisfeito com aquilo que aprazia ao .reformadór prometer. Propôs somente que se tomasse um arcebispo para. árbitro. sobre quaisquer pontos que houvesse-a discutir. "Seja assim", disse Lutero, "mas duvido que o papa queira. .aceitar juiz; e neste caso- nem eu tampouco me sujèitarei ao juizo dó papa; então a luta recomeçará. O papa •comporá o texto, e eu farei os comentários."

Assim terminou a primeira entrevista entre Lutero e Miltitz. Eles tiveram uma segunda em. que sè assinou a trégua, ou antes a paz. Lutero deu logo parte ao eleitor do que se passara. "Sereníssimo príncipe [15]*e graCiósíssimo senhor," escreveu-lhe• ele, apresso-me em levar humildemente ao conhecimento de vossa alteza eleitoral que eu e Carlos de Miltitz *chegamos a um acordo, -e terminamos o negócio, estabelecendo os dois artigos seguintes:

1.° Proibido às duas Partes pregar, escrever e trabalhar por mais tempo em relação à dispfita suscitada.

2.° Miltitz dará sem detença conhecimento do estado das coisas ao santo padre.. Sua santidade ordenará a um bispo esclarecido que sindique do negócio, e faça indica-ção dos artigos errôneos que eu devo retratar. Se me provarem que estou em erro, retratar-me-ei de bom grado, e nada mais farei que possa prejudicar a honra ou a autoridade da santa igreja romana.

Feito assim o acordo, Miltitz pareceu ficar contentíssimo. "De cem anos a esta parte," exclamou ele, "nenhum negócio tem dado mais cuidado aos cardeais e cortezãos romanos do que este. Prefeririam eles dar dez mil duca-dos a consentir que se prolongasse ainda." [16]°

O camarista do papa não poupava demonstração para com o frade de Witemberg. Ora, testemunhava alegria, ora derramava lágrimas. Tal ostentação de sensibilidade pouco movia o reformador; mas ele absteve-se de dar a conhecer, o que • pensava. "Eu não dei a entender que com-preendia o que significava essas lágrimas de crocodilo," disse ele.

Miltitz convidou Lutero a cear; o doutor aceitou. O anfitrião pôs de parte a gravidade inerente a seu cargo, e Lutero se deixou arrastar pela jovialidade de seu caráter. O repasto foi animado, e,« -tendo chegado o momento de se separaram, o legado estendeu os braços ao doutor herético e :o"beijou. [17]§ "Beijo de Judas," pensou Lutero. "Eu fingi que não entendi .esses italianismos.

Deveria [18]*esse beijo .reconciliar entre si Roma e a Reforma nascente? -Miltitz o esperava, e exultava, porque de mais perto que os cortezãos de Roma via ele as terríveis conseqüências que pára o papado poderia ter a Reforma. "Se Lutero e seus adversários se calam," dizia ele consigo, "a disputa estará finda, e Roma, fazendo nascer circunstáncias favoráveis, reconquistará toda a antiga influêneia."

Parecia que se estava já bem perto do fim ido debate. Roma abrira os braços, e tudo levava a: crer que o reformador neles se tinha atirado; porém essa obra não era de um homem, e .sim de Deus. .O erro de • Roma foi ver uma questão de frade onde havia • um acordar da igreja. Os beijos de um camarista do papa não podiam sustar a renovação da cristandade.

Miltitz, fiel ao acordo que acabava de concluir, foi de Altembtirgo para Leipzig, onde se achava Tezel. Não era mister fechar-lhe a boca, porque de preferência a falar ter-se-ia ele ocultado, se • tivesse podido, nas entranhas da terra: mas o núncio queria mesmo descarregar sobre ele as iras. Chegado apenas a Leipzig, Miltitz mandou citar o desgraçado Tezel, acabrunhou-o sob o peso de mil re-preensões, acusou-o de ser o causador de todo o mal, e o ameaçou com a indignação

do papa. [19]° Não bastava. O agente da casa Fugger, que se achava então em Leipzig, foi com ele acareado. Miltitz apresentou ao dominicano as contas dessa casa e os •papéis que de seu punho assinara; provou-lhe que havia desperdiçado ou até subtraído somas consideráveis... O desgraçado, á quem nada atemorizava no dia do triunfo, vergou • sob tão justificadas. acusações: deixou-se tomar de desespero; alterou-se-lhe a saúde; não sabia mais onde ocultar a vergonha. Lutero soube do mísero estado de seu antigo a&ersário, e foi o único que dele se apiedou. "Tenho dó. de Tezel," escrevia ele a Spalatino. Não se limitou a palavras: não fora o homem quem aborrecera, mas sim as suas más ações. No momento em que Roma o esmagava sob suas iras; Lutero lhe escreveu uma carta cheia de consolações. Ttido, porém, foi baldado. zel, perseguido pelos. remorsos de sua çonsciência, aterrado pelas increpações de seus melhores amigos; e receiando a cólera do papa, [20]° Morreu miseravelmente pouco tempo depois. Julgou-se que finara de paixão.

Lutero, fiel às promessas feitas a Miltitz, escreveu ao • papa no dia 3 de março a seguinte carta: Bemaventurado padre! Digne-se vossa santidade inclinar os ouvidos paternais, que são como os do próprio Cristo, para a vossa pobre ovelha, e escutar-lhe bondoso o balido.

Que fazer, padre santíssimo? Não posso suportar o corisco de vossa ira, e não sei como fugir-lhe. Exigem que eu me retrate. Apressar-me-ia em fazê-lo, se julgasse que isso poderia levar ao fim a que se mira. As perseguições, porém, de meus adversrios têm espalhado ao longe os meus escritos, e eles estão gravados fundo demais nos corações para que seja possível arancá-los. Uma retratação só serviria para desonrar cada vez mais a igreja de Roma, e para por em todas as bocas um grito de acusação contra ela. Padre santíssimo, declaro em presença de Deus e de todas as criaturas suas: eu nunca intentei, e nem agora o .faço, agravar por astúcia ou por força o- poder da igreja romana, e o de vossa santidade . Reconheço que nem no céu nem na terra coisa alguma há que se deva preferir a esta igreja a não ser Cristo, Senhor de todos.

Tais palavras na boca de Lutero poderiam parecer-nos insólitas e mesmo repreensíveis, se não estivéssemos lembrados que ele não chegou. à luz de um só jato, mas por uma marcha lenta e progressiva. Testemunham elas, o que é de máxima importância, que a Reforma não foi mera-mente uma oposição ao papado. Ela não foi uma guerra feita a certas formas, nem o simples resultado de uma tendência negativa. A oposição ao papa só figura em segundo plano. Uma nova vida e uma doutrina positiva constituíram o princípio gerador da reforma. "Jesus Cristo Senhor de todos é preferível :a tudo," inclusive à própria Roma, como no fim de sua carta diz Lutero, eis a causa essencial da revolução do século XVI.

É provável que pouco tempo antes o papa não tivesse deixado passar desapercebida«uma carta em que o frade de« Witemberg recusava abertamente quaquer retratação. Mas Maximilianó tinha morrido: a escolha de seu sucessor ocupava os espíritos, e, no meio das intrigas políticas que agitavam a cidade pontifícia, foi a missiva de Lutero es-quecida.

O reformador empregava melhor o tempo do que o seu poderoso adversário. Enquanto Leão X, absorvido pelos interesses que tinha como príncipe temporal, empregava todos os meios para arredar do trono um vizinho -a quem temia, Lutero ia diariamente crescendo em. conhecimento e fé. [21]

Ele estudava os decretos dos papas,- e as descobertas que ia fazendo modificavam suas idéias. "Leio os -decretos dos papas," exclama ele a Spalatino; "e; digo,te• à puridade, não sei se o papa é o próprio Anti-Cristo, ou se é algum apóstolo seu, tanto desnaturam e Crucificam eles a Jesus Cristo!"

Todavia *ele estimava ainda a. igreja de Roma, e não curava de separação. [22]• "Que dé" preferência a todas as outras seja honrada por Deus a igreja. de Roma é o. que nãii se pode por em dúvida," diz ele na explicação que a Miltitz prometera .publicar. "S. Pedro., S. Pailló, quarenta é iseis papas e muitas centenas de milhares de mártires em-ri seu seio derramaram o sangue, e ali venceram o inferno e o mundo; de sorte que. as vistas de Deus descansam particularmente sobre ela.

Conquanto. tudo nela • se ache- hoje em estado tristíssimo, não é motivo de Separação. .Muito pelo contrário, quanto pior as coisas correrem, mais por ela se d_eve requintar a afeição; porquanto não é por • se, paração que ela se tornará •Melhor. Não convém almindonar a Deus por ;causa do demônio, nein aos filhos de Deus -que estão em Roina roi [23]* causa da multidão dè .perversos. Não há pecado; não.. há . mal .de espécie alguma que deva destruir- á, Caridade ou quebrar a unidade. A caridade tudo pode, e nada é :árduo paia a ..unidade.

Não foi Lutero .quem .se .separóu. de -Roma; foi Roma que Se. separou ,de Lutero; é que, assim;- -rejeitou a- fé • da-igreja católica,. Cujo- representante ele era. Não;. oi. Lutem quem destituiu Roma de seu póder,- e nem quem ai). eot? o seu • bispo de: um sólio usurpado; • as dotitrinas que ele. proclamava,. a pálávia dós apóstolos, que com pujança e-pureza adritiráVeiSA5éus manifestava de :riovó . na igreja .universal — isso foi,. só, que pode prevalecer contra essa potência que desde séculos avassala a igreja.

Essas declarações, que em fins de fevereiro publicara Lntero, não satisfaziam ainda a Miltitz e a de Vio. Esses dois abutres; tendo errado na presa, se tinham retirado para as velhas muralhas de Treves. Aí, secundados pelo príncipe-arcebispo,

esperavam alcançar juntos o fim que cada um de per si não, pudera atingir. Os dois núncios compreendiam que nada mais havia a fazer com Frederico, revestido .no império do supremo poder. Viam bem que Altero persistia em recusarse a qualquer retratação. O út4co meio de surtir efeito era subtrair o frade. herético à proteção do eleitor, e atraí-lo para junto de. si. Uma vez em Treves, nos estados de um príncipe da igreja, habilíssinlio será. o reformador se sair sem ter satisfet6. plenamente exignêcias do soberano pontífice. Meteram sem de- . mc4ra mãos à obra. "Lutero," disse Miltitz ao eleitor-arcebispo de Treves, "aceitou a vossa graça como árbitro. Mandai-o, pois, intimar." O eleitor de Treves escreveu em conseqüència .-ao. eleitor de Saxe, rogando-o que lhe mandasse Lutero.. De • Vici e depois o próprio Miltitz escreveram • também a Frederico, partiCipando-lhe que chegara a Altemburgo, em casa dos Fuggér, a rosa de ouro. Era, julgavam eles, o momento de ferir o golpe decisivõ.

Mas as coisas tinham mudado: nem Frederico nem Luterá se deixaram abalar. O eleitor compreendera a sua nova. posição. Já não temia mais o papa e, muito menos os seus agentes. O reformador, vendo reunidos Miltitz e de Vio, adivinhou a sorte que o aguardava, se obedecesse à intimação. "Pór • toda .a parte," disse ele,. "è de todos os modos. tentam contra a minha vida. [24]* Deinais, ele tinha pedido • ao papa :que se pronunciaSse,,, e o* papa absorvido por coroas- e intrigas não. replicara.. Lutero escreveu, a Mil-- titz: "Como poderia eu • por-me a caminho .sem ordem de Roma, .quando tantas perturbações agitam ó império? Como afrontar tantos .perigos, e sujéitar-me tão. consideráveis despezas, eu,, o. mais pobre dos. homens?

O eleitor de • Treves, homem prudellte e moderado, amigo de Frederico, qu&ia poupã-lo. Demais, ele, não tinha desejo de se meter em semelhante negócio, a não ser que fosse positivamente chamado. Convieram, pois, ele e o eleitor de Saxe em que se adiasse o exame para a outra dieta; e só dois meses mais tarde foi que esta se reuniu em Worms.

Enquanto mão providencial afastava uns após outros todos os perigos que cercavam Lutero, este caminhava co-rajosamente para um alvo que ele próprio desconhecia. Crescia a stia reputação, fortificava-se a causa da verdade; aumentava-se o número de estudantes em Witemberg, entre os quais iam tornando lugar os moços mais distintos da Alemanha. "Nossa cidade," escrevia Lutero, "mal pode conter todos os que para ela acodem; "e em outra ocasião:: "O número .de estudantes aumenta excessivamente: é como um rio que transborda." [25]°

Mas já não era só na Alemanha que a voz do reformador se fazia ouvir: ela tinha ultrapassado as fronteiras do império, e começava a abalar nos diversos povos da cristandade os alicerces do poder romano. Frobênio, impressor famoso de Basiléa,

publicara uma coleção dag obras de Lutero: rapidamente se iam elas espalhando. Em Basiléa o próprio bispo aplaudia Lutero. O cardeal de Sião, de-pois de ter-lhe lido as obras, exclamava com leve pico de ironia, jogando o • vocábulo seu nome: "Ó Lutero, tu és um verdadeiro Lutero!" (um verdadeiro purificador, Lauterer).

Erasmo achava-se em Lovain quando os escritos de Lutero chegaram aos Países-Baixos. O prior dos agosti-nhos de Antuérpia, que estudara de Witemberg, e .que, segundo o testemunho de Erasmo, seguia [26]*o verdadeiro cristianismo primitivo, e outros belgas mais, os leram com avidez. Os que procuravam, porém, os seus interesses só, diz o sábio de Roterdam, e que nutriam o povo com histórias de velhas, espraiaram-se em sombrio fanatismo. "Não vos poderia pintar," escrevia Erasmo a Lutero, "as comoções, as perturbações realmente trágicas a que tem dado lugar vossas escritos." [27] ---

Frobênio mandou seiscentos examplares dessas obras para a França e para a Espanha. Em Paris foram elas vendidas publicamente. Ao que parece, os doutores de Sorbona as leram, então, com aprovação. Era já tempo, disseram muitos deles, de que os que se ocupam com as letras santas falassem com tal liberdade. Na Inglaterra foram esses livros recebidos com aceitação ainda maior. Nego.: ciantes espanhóis as fizeram traduzir em castelhano, e as mandaram de Antuérpia para a pátria. "Certamente esses negociantes eram de raça mourisca," [28]° disse Palavicini.

Calvi, erudito livreiro de Pávia, levou para a Itália grande número de examplares, e os espalhou por todas as cidades- transalpinas. Não era o amor do lucro que animava esse letrado-, mas o desejo de contribuir para o despertar da piedade. A força com que por Lutero era sustentada à causa de Cristo o repassava de júbilo. "Todos os homens doutos da Itália se juntarão a mim, e nós vos mandaremos versos compostos por nossos mais distintos escritores."

Frobênio, enviando a Lutero um examplar dessa pu-blicação, deu-lhe todas essas consoladoras notícias, e acrestou: "Vendi todos os examplares, menos dez, e nunca fiz tão bom negócio."

Outras cartas mais manifestavam a Lutero a alegria que inspiravam suas obras: Folgo," dizia ele, `.`de que a verdade tanto agrade, se bem que ela fale com tão, pouca cincia, e por modo tão bárbaro."

Foi este o começo do despertar nos vários países da Europa. Á exceção da Suíça- e quiçá da França, onde já tinha feito ouvir o evangelho, a chegada dos escritos do doutor de WiteMberg constitui a primeira página da história, da Reforma. Um impressor de Basiléa espalhou esses primeiros germens da verdade. No momento em. que pontífice romano julgava sufocar a obra na Alemanha, ela prindpiava em

França, nos Países-Baixos,, na Itália, na Espanha, na Inglaterra e na Suíça. Quando Roma abatesse mesmo o tronco primitivo, que importava?... As sementes já tinham sido atiradas a todos [29]•os ventos.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] Carta do eleitor ao seu enviado em Roma. Lut. Opp. Liv. 11, p. 298.

[2] Palavicini, Hist. Conc. Trident. 1, 51. 71- %idem, 1, 51.

[3] Vida de Leão X. Boscoe 4: 2.

[4] * Palavicini Hist. Concil. •Trident. 169.

[5] L. Opp., Lat. in Praef. lbidem.

[6] O dominicano, tão covarde quanto fanfarrão, temendo• o povo que suas fraudes haviam irritado, tinha deixado

[7] L. Opp. Lat. in Praef.

[8] Loscher, • 2 567. • -L. Epp. 1. 206.

[9] Opp. Lat. in Proef.

[10] Lut. Ep. 1, p. 231. II V.

[11] L. Opp: W. 22.

[12] Lut., Op. Lat. in Proef.

[13] Palavicini, 1. 52.

[14] L. Opp. Lat. in Prmf.

[15] * L. Epp. 1. 207.

[16] L. Epp. I 209. Pallavicíni, 1. 52.

[17] Ep.. 1. p. 216. Conta-se que Crocodilo chora quando não pode ferrar a presa.

[18] .p. 231. § Ibid., p. 216. I 1 Ibid., p. 231.

[19] L. Opp. in Przef. int. Ep., p. 223.

[20] L. Opp. in Pnef.

[21] L. Epp. J. 234.

[22] L. Epp. 1. 239.

[23] L. Opp. L. 17. 224.

[24] L. Epp. 1, 274. 16 de maio.

[25] L. Epp. 1, 278, 279.

[26] Lauterer — purificador, expurgador.

[27] Erasm. Epp., 6. 4.

[28] Pallav. 1, 91.

[29] L. Epp. 1. 255.

CAPÍTULO II

Novo gdormecimento. — Ambição do doutor Eck — Eck reaviva a luta Lutero se vê provocado — A questão do papa — Coragem de Lutero, e receio de seus amigos — A verdade triunfa por si só — Temores de Roma — Riso de Mosel4nio — Receio de Erasmo.

Ao passo que a luta principiava fora do império, dentro parecia ela quase esmorecida. Os mais fogosos campeões de Roma, frades franciscanos de Jüterbock, que tinham im-ptudentemente atacado Lutero, recolheram-se ao silêncio com uma vigorosa resposta do reformador. Os partidários da papa se calavam. reze]. estava fora de combate: Os amigos de Lutero o conjuravdm a cessar com o debate, e ele assim lho havia prometido. As teses iam caindo no olvido. Esta paz pérfida inutilizava a boca eloqüente do. reformador. Parecia que a Reforma estava sustada .de uma vez. "Mas," disse mais tarde Lutero falando dessa época, "os homens meditavam coisas vãs: porquanto o Senhor despertou:se para julgar os povos. [1]° Deus não me conduz," diz ele . algures; "impele-me, arrebata-me; Não sou senhor de mim. Quereria viver em descanso; mas, sou precipitado para o meio do tu multo e èlas revoluções."

Eck, o escolástico, o velho amigo de Lutem, o autor. dos Obelisços, foi.quem recomeçou o combate. Ele nutria sincera afeição pelo papado: mas, ao que parece, faltavam-lhe verdadeiros sentimentos religiosos, fazendo parte dessa classe de ho!nens,•por demais numerosa em todos os tempos, que consideram a ciência e mesmo a teologia e a religião, como meios de grangear fama -ao mundo. A vanglória tanto se acoberta com a sotaina do pastor, como com a armadura do guerreiro. Eck se tinha aplicado à arte da disputa conforme as regras dos escolásticos, e era mestre consumado em tal gênero de luta; Enquanto os çavalheiros da meia idade, e os guerreiros do século da Reforma procuravarri a glória nos torneios, os escolásticos a buscavam nas disputas silogísticas — espetáculo que por, vezes ofereciam as académias. Eck, formando de si elevadíssimo conceito, altivo com seus talentos, com a popularidade de sua causa, e com as vitórias que alcançara em oito universidades da Hungria, da Lombardia e da Alemanha, , desejava ardentemente achar ocasião de por em campo contra o reformador suas forças e perícia.

Nada poupara ele para adquirir a nomeada de ser um dos mais célebres sábias do século. Procurava sempre suscitar disputas - novas, fazer sensação, e aspirava abarcar por meio de façanhas todos os gozos da vida. Ao que ele próprio dizia, uma viagem que fizera à Itália forà uma série de .triunfos. Os mais sábios de entre os sábios tinham-se visto forçados a assentir às suas teses. Espadachim exercitado, ele fixava as vistas sobre um novo campo de batalha, no qual já cria alcançar vitória-segura: Esse fradinho. que crescera- de repente a ponto de tornar-se gigante, esse -

Lutero, a quem até então ninguém pudera vencer, .ofuscava-lhe o orgulho, e ateava-lhe o çiúme. [2]° Talvez que em busca de sua própria glória Eck perdesse a Roma... Mas a vaidade escolástica não se deixava vencer por semelhante consideração. Os teólogos, -bem. como os prínCipes, tem sabido por mais de uma vez, imolar o interesse geral à sua glória particular. Nós vamos agora ver que circunstâncias proporcionaram ao doutor de Ingolstadt o meio de entrar em liça com seu importuno rival. [3]•

O zeloso, mas poi demais ardente Carlstadt entendia-se ainda com Lutero. Esses dois teólogos ligavam-se sobretudo por .sua afeição à doutrina da graça, e pôr sua admiração para com S. Agostinho. Carlstadt, propenso ao entusiasmo, e dotado de pouca prudência, não era, homem que a destreza e a diplomacia de um Miltitz pudessem conter. Publicara ele contra os Obelisos do doutor Eck teses em que defendia Lutero e a fé que lhes era comum. Eck respondera, e Carlstadt não lhe tinha deixado a última palavra. Encandescera o combate. Eck, desejoso de aproveitar-se de ocasião tão. oportuna, arremeçara a luva a Carlstadt; o impetuoSo Carlstadt a tinha levantado. Deus se servia das paixões desses dois homens. para cumprir os seus desígnios. Luterd não tinha tomado parte nesses debates, e entretanto . devia ser ele o herói da batalha. Concordou-se em que fosse Leipzig o lugar da discussão. Tal fõi a origem dessa disputa. de Leipzig que tão célebre se tornou.

Pouco importava a Eck combater a Carlstadt, ou mesmo vencê-lo. Com Lutero eram suas contas. Empregou, pois, todós os meios para chamá-lo a terreiro, e neste intuito, publicou treze teses contra as doutrinas principais já professadas pelo reformador. A déêima-terceira era assim concebida: "Negamos que a igreja romana não se levantaSse_ acima das outras igrejas antes do tempo do papa Silvestire; e sustentamos que era sucessor de S. Pedro e vigário de Jesus Cristo que em qualquer época ocupava a cadeira de S. Medro e tinha a sua fé." Silvestre vivia no tempo de Constantino, o grande; . Eck negava, pois, nesta tese élue o primado de que Roma gozava lhe tivesse sido dado por. esse imperador.

Lutem., que não sem dificuldade tinha consentido em güardar:.silêncio até esse. tempo, abalou-se vivamente com a leitura de tais proposições. Reconheceu que era ele o alvo em mira, .e sentiu que não podia deixar-se fugir ao combate.. Este homem," disse ele, "chama a Carlstadt seu antagonista, e. ao mesmo tempo atira-se sobre mim. [4]

Porém Deus reina. Ele sabe o que quer tirar desta tragédia. Não se vai tratar de mim e nem do doutor Eck. O desígnio de Deus cumprirá. Por meio de Eck este negócio, que não passava de um brinco, vai, por fim, tomar-se sério e há de dar um golpe funesto na tirania de Roma e do pontífice romano.

Roma mesma quebrou o acordo. Fez mais ainda dando de novo o sinal do combate, feriu a luta sobre um ponto que Lutero não tinha ainda diretamente atacado. Era o primado do papa o que o doutor Epk assinalava aos seus adversários. Seguia ele assim o. exemplo perigoso que Tezel já tinha dado. Roma provocou os golpes do atleta, e se deixou na arena membros palpitantes, foi porque ela mesma atraiu para a sua cabeça o seu braço formidável.

Uma vez derribada a supremacia pontifical, todo o edifício romano cairia por terra. O maior perigo ameaçava, pois, o papado, e entretanto Miltitz e Cajetano nada fa-ziam para impedir a nova luta. Imaginariam eles que a Reforma seria vencida, ou estariam feridos dessa cegueira que arrasta na queda aos poderosos?

Lutero, que tinha dado raro exemplo de moderação, conservando-se mudo por tanto tempo, respondeu impá-vido à provocação de seu antagonista. Opôs logo teses novas às teses do doutor Eck. A última delas rezava assim: "É por meio de decretais . desprezíveis, forjadas há quatrocentos anos e ainda menos, que se prova o primado da igreja de Roma; mas este primado tem contra si a história fidedigna de mil e cem anos, as declarações das Escrituras Sagradas, e as conclusões do concílio de Nicéia, o mais santo de todos os concílios." [5]

"Deus sabe," escrevia ele ao mesmo tempo ao eleitor, "que eu tinha a firme intenção de calar-me, e que estava jubiloso de ver enfim terminada esta contenda. Observei tão fielmente o pacto estipulado com o .comissário..do papa, que nem repliquei a Silvestre Prierias, apesar dos insultos dos-adversários, e dos conselhos dos amigos. Mas agora o doutor Eck provoca-ape, e não só a mim, como também a toda a- úniversidade de Witemberg. Não posso permitir que.seja assim .cóberta de opróbrio -a verdade." [6]

Por este :mesmo tempo, escreveu • Lutero a Çarlstadt:. "Não quero,: excelente André, que entreis nesta • questão, pois é a mim que procuram.. Deixo de:parte com alegria os meus trabalhos sérios para Me ocupar cornos folguedos desses aduladores. do pontífice romano." Depois, apostrofando, a seu -adversário, lhe grita com soberbo desdém de Witeráberg a Ingolstadt::.:"Agora, meu caro Eck, homem forte!. Sê corajoso è cinge tua espada à coxa.[7]° Se te não pude agradar como mediador, talvez te satisfaça Mais como antagonista:. Não porquê me proponha a .vencer-te, mas porque em seguida aos. triunfos qúe alcançaste na Hungria, na Lombardia e na Baviera: (se é...que te devemos aèteditar) proporcionar-te-ei ocasião. de .obter o nome do triunfador da Saxônia e da Mísnia, dë sorte que serás para sempre saudado com 43 título glórioso de Augusto." " [8]•

Neip. todõs *os amigos de Lutero:participavam• de sua coragem, porque até essa data ninguém ainda pudera resistir aos sofismas do doutor Eck. Porém, o que mais susto. lhes dava era ó assunto da controvérsia: o primado do papa. Como ousava o

pobre frade .de Witemberg vir às mãos com 6.gigante que desde séculos. tinha esmagado todos os seus inimigos? Os palaçi.iinos na. Côtte do eleitor; tremiam. -Spalatino, confidente do príncipe e amigo..ínti-. mo do-reformador, ansiava. Frederico estava inquieto: a própria eSpada_..de cavalheiro do Santo-Sepulcio,..cóm que o tinham. armado em Jerusalém,. não seria suficiente -para tal guerra. «Só Lutero .continuava tranqüilo. "Ó eterno, pensava ele "ó entregará. ent Minhas mãos." Ele. achou na fé quelo anima av com que: confortar os seus amigos. Su-. plico-vos, meu caro Spalatino," disse ele,. "de vos não deixatdes tomar • de :medo: vós • sabeis que se Cristo nãó. fosse por mim, tudo _o quer até esta data tenho :feito já deveria ,ter causado a minha ruína. Não -se escreveu da Itáliá há bem pouco tempo ao chanceler do duque de Pomerânia, çue eu tinha revirado Roma, „que-não se sabia corno aplacar o tumulto,. de. sorte que Propunham-se :a agredir-me, não conforme as regras da justiça, mas, por meio das finezas romanas (são as expressões empregadas) que querem dizer, segundo creio, o veneno, as emboscadas e o assassinato?

Modero-me em atenção ao eleitor e à universidade, e guardo comigo bastantes coisas de que me serviria contra Babilônia, se eu estivesse algures. Ah! meu pobre Spalatino! é imposível falar com verdade da Escritura e da igreja sem irritar a besta. Não espereis nunca me ver em sossego, a não ser que eu renuncie à teologia. Se é esta a causa de Deus, ela não findará sem que todos meus amigos me tenham abandonado, como os discípulos de Cristo o fizeram a ele.

A verdade ficará sozinha, e triunfará por sua destra, e não pela minha, nem pela vossa, nem pela de homem algum. Se eu sucumbir, o mundo não terá de perecer comigo. Mas miserável de mim, tenho receio de não ser digno de morrer por uma tal causa." "Roma," escrevia ele por esse mesmo tempo; "arde em desejos de perder me, e eu fino-me por zombar. dela. Asseguram-me que queimaram Publicamente em Roma; no campo de Flora, um Martinlio .Lutero de papel, depois de o terem coberto de execrações. Aguardo seu furor. O mundo inteiro, prosse-guia_ele, agita-se e titubeia; o que acontecerá? Deus o sabe. Quanto a mim, prevejo guerras e desastres. Deus-se amerceie de nós.

. Lutero escrevia carta sobre carta ao duque Jorge, [9]§ em cujos estados se achava Leipzig,.para que, lhe permitisse ir a essa cidade e tomar parte na disputa; mas lhe não vinha resposta alguma. O neto do rei da Boêmia, Podiebrad, espantado da proposição de Lutero sobre a autoridade do papa, e temendo ver rebentarem na Saxônia as guerras de que por tanto tempo fora teatro a Boémia, não queria consentir no pedido do doutor.

Resolveu este então publicar explicações sobre sua décima-terceira tese. Esse escrito, porém, longe de persuadir o duque Jorge, o robusteceu, pelo contrário, em

sua resolução; recusou-se absolutamente a dar a autorização pedida pelo reformador para disputar, consentindo-lhe só que assistisse ao debate como mero espectador. [10]* Era uma grande contrariedade para Lutero, mas ele só tinha uma vontade, a de obedecer a Deus. Deliberou-se a ir, a ver, a esperar.

Ao mesmo tempo o príncipe favorecia com todas as forças a. disputa entre Eck e Carlstadt. Jorge era dedicado à doutrina antiga; mas não deixava de ser homem reto, sincero, amigo do livre exame, e não julgava que uma opinião devesse ser acoimada de herética pelo simples fato de desagradar à igreja de Roma. Demais o eleitor insistia com o primo, e Jorge, firmado nas palavras de Frederico, ordenou que se procedesse à disputa.

O bispo Adolfo de Merseburgo, em cuja diocese estava situada Leipzig, compreendeu melhor do que Miltitz e Cajetano o perigo de entregar questões tão importantes às fortunas de um combate singular. Roma não podia expor a tais azares o fruto do trabalho de longos séculos. Todos os te6logos de Leipzig, não menos assustados, suplicavam ao bispo que impedisse a disputa. Adolfo fez, pois, ao duque Jorge enérgicas representações. Respondeu-lhe o duque com muito juízo: "Surpreende-me ver um bispo professar tamanho horror pelo antigo e louvável costume que tinham nossos pais de examinar as questões duvidosas sobre as coisas da fé. Se os vossos teólogos recusam-se a defender suas doutrinas, melhor seria que, com o dinheiro que se lhes dá, se entretivessem velhas e crianças que saberiam ao menos fiar e cantar." [11]

Pouco efeito produziu essa carta sobre o bispo e sobre os teólogos. O erro tem uma consciência secreta que o faz temer a investigação, ainda mesmo quando mais fala no livre exame. Depois de ter avançado com imprudência, dos adversários, e dos conselhos dos amigos. Mas agora o doutor Eck provoca-me, e não, só a mim, como também a toda a universidade de Witemberg. Não posso permitir que seja assim coberta de opróbrio a verdade. [12]

Por este mesmo tempo escreveu Lutero a Carlstadt: "Não quero, excelente André, que entreis nesta questão, pois é a mim qu procuram. Deixo de parte com alegria os meus trabalhos sérios para me ocupar com os folguedos desses aduladores do pontífice romano." Depois, apostrofando a seu adversário, lhe grita com soberbo desdém de Witemberg a Ingolstadt: "Agora, meu caro Eck, homem forte! sê corajoso, e cinge tua espada à coxa. Se te não pude agradar como mediador, talvez te satisfaça mais como antagonista. Não porque me proponha a vencer-te, mas porque em seguida aos triunfos que alcançaste na Hungria, na Lombardia e na Baviera (se é que te devemos acreditar) proporcionarte-ei ocasião de obter o nome de triunfador da Saxónia e da Misnia, de sorte què serás para sempre saudado com o título glorioso de Augusto." [13]

Nem todos os amigos de Lutero participavam de sua coragem, porque até essa data ninguém ainda pudera re-sistir aos sofismas do doutor Eck. Porém, o que mais susto lhes dava era o assunto da controvérsia: o primado do papal ... Como ousava o pobre frade de Witemberg vir às mãos com o gigante que desde século tinha esmagado todos os seus inimigos? Os palacianos na corte do eleitor tremiam. Spalatino, confidente do príncipe e amigo íntimo do reformador, ansiava. Frederico estava inquieto: a própria espada de cavaleiro do Santo Sepulcro, com que o tinham armado em Jerusalém, não seria suficiente para tal guerra. Só Lutero continuava tranqüilo. "O Eterno", pensava ele, "o entregará em minhas mãos." Ele achou na fé que o animava com que confortar os seus amigos." "Suplico-vos, meu caro Spalatino," disse ele, "de vos não deixardes tomar de medo: vós sabeis que, se Cristo não fosse por mim, tudo o que até esta data tenho feito já deveria foge covardemente.[14]

A verdade não provoca • e mantem-se; o erro acomete e foge. Além de tudo era a. prosperidade da Universidade de Witemberg um motivo de ciúme para a de Leipzig. Os frades e padres de .Leipzig conjuravam o povo do alto do púlpito a fugir dos novos, heréticos. Des-pedaçavam Lutem; o representavam, bem como a seus amigos, sob- as mais negras cores, a fim de fanatizar a classe ignorante contra os doutores da Reforma. Tezel, que vivia. ainda, despertou para gritar do fundo de, seu retiro: É o diabo que suscita este combate!» [15].

Todavia não eram deste. parecer os professores de Leipzig: alguns pertenciam à classe dos indiferentes, sempre prontos para rir dos erros de ambos os. partidos. Deste número era o professor de grego, Pedro Mosellano. Pouco se importava ele com João Eck; Carlstadt e Martinho Lute. ro, mas esperava um grande divertimento à custa da sua luta. "João Eck, o mais ilustre de entre os gladiadoreS da pena, e de entre os. rodomontes," escreveu ele a seu amigo Erasmo, "John Eck, que, como .S6crates em Aristófanes, despreza os próprioS deuses, virá às mãos em disputa .com Carlstadt. O combate acabará em gritaria. Dez Demócritos • terão bastante de que rir." [16]*

O tímido Erasmo, pelo contrário, estava assustado com a idéia de iam combate; e sua prudência meticulosa teria queridó sustar a disputa. "Se quisésseis crer em-Erasmo,". escreveu ele a Melancton, "vos aplicaríeis mais a fazer flo-rescer [17]• as belas-letras do que a disputar com seus inimigos. Creio que deste modo nos adiantaríamos mais. Só: -brètudo não. nos esquçamos de que .na lata devemos tri, unfar não somente pel eloqüência, mas também pela modéstia e pela. doçura." idas - nein os .sustós dos padres, nem a prudênçià. dos pacificadores podiam mais impedir o combate. Cada um, pois, preparou as suas armas. [18]

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * L. Opp. Lat. in Prtef.

[2] L. Epp. 1. 231.

[3] * Palav. 1..55.

[4] * Defensio adversus Eckii monomachiam. Lut. Opp. 17. 242.

[5] L. Epp. 1. 230, 222. Vejam-se as teses de Tezel, ao 1. Volume desta obra, pags. 276-284.

[6] Lut. Opp. Lat. 17. 245.

[7] * Lut. Epp, 1, p. 261.

[8] * Ibidem, p. 280, de 30 de maio de 1519.

[9] § Ibid. p. 282.

[10] * L. Opp. in Prfef.

[11] * L.. Epp. 1. 255.

[12] * Schneider, Lips. Chr. 4. 168.

[13] * Lut. Ep. 1, p. 2i7. Ibid. p. 251.

[14] * L. Epp. 1 L. Epp. 1, p. 255.

[15] * Ibid.

[16] * Seekend., p. 201.

[17] Corpus Reform., ed. Bretschneider, 1. p. 78, de.•22 de abril <44: t <10.

[18] 1, p. 251. Ibid.

CAPÍTULO III

Chegada de Eck e dos Witembergueses Amsdorf — Os estudantes — Queda de Carlstadt — O bispo — O duque — Preparativos para a disputa — Haverá juízes? —Lutas de Cutero.

Ao mesmo tempo que os eleitores se reuniam em Francfort para dar um imperador à Alemanha (junho de 1519), os teólogos se reuniam .em Leipzig.para um ato de-sapercebido do. mundo, mas cuja importância não devia ser menor para o futuro..

Eck foi quem primeiro chegou à entrevista. A 21 de junho entrou ele em Leipzig com Poliandro, mciç-Õ que trouxera de Ingolstadt para. escrever a relação da disputa. .Renderam toda a qualidade de horiras ao doutor escolástico. Revestido de hábitos sacerdotais, e à frente de numerpsa procissão- percorreu. as ruas na cidade- no dia de Corpo de Deus. Todos o queriam ver. [1]*Todos os habitantes estas vam de sua parte, disse ele _próprio: "todavia corria na cidade o boato de que eu: sucumbiria nesse combate."

No .dia seguinte ao dai- festa, sexta-feira 24 de junho, dia de S. João, chegaram os. Witembergueses. Carlstadt, que devia .combater com o doutor Eck, estava sozinho em seu carro, é precedia a todos os outros. O duque Barnim de Pomerâmia, que estudava então em Witemberg, e que fora eleito reitor da universidade, vinha logo atrás em uma carruagem descoberta; de um e de outro lado seu estavam assentados os dois grandes teólogos, padres da Reforma, Melancton e Lutero. Melancton não quisera abandonar o amigo. "Martinho, soldado do Senhor," dissera ele a Spalatino, "remexeu esta. sentina. Sinto-me indignado quando penso na conduta vergonhosa dos teólogos do papa. Sede firmes e ficai de nossa parte!" Lutero mesmo desejara que o acompanhasse o seu Achates, como ele o chamava.

João Lange, vigário dos agostinhos, muitos doutores em direito, alguns mestres em artes, dois licenciados em teologia, e outros eclesiásticos, entre os quais se notava Nicolau Amsdorf, fechavam o cortejo. Amsdorf, oriundo de nobre família da Saxónia, fazendo pouco caso da carreira brilhante a que o poderia chamar o seu nascimento, se tinha consagrado à teologia. As teses sobre as indulgências o tinham trazido ao conhecimento da verdade. Fizera ele uma corajosa profissão de fé. Dotado de alma forte e caráter veemente,, Amsdorf levou por vezes Lutero, já assás vivo por sua natureza, a atos talvez imprudentes. Nascido em classe elevada, ele não temia os grandes, e algumas vezes falou com tal liberdade que pareciã até rudeza. "O Evangelho de Jesus Cristo," dizia ele certo dia perante nobre assembléia, "pertence aos pobre e aos aflitos, e não a vós, príncipes, senhores e cortezãos que viveis continua-mente nas delícias e na alegria." [2]

Mas não constava só desses o cortejo de Witemberg. Os estudantes em grande número acompanhavam seus mestres. Seguindo Eçk, havia talvez uns ,duzentos: Armados de chuços e alabardas, rodeavam os carros dos :doutores, prestes a defendê-los, e altivos com a sua causa... [3]

Tal era a ordem em que chegava a Leipzig o cortejo dos reformadores. Quando ela já tinha passado a porta de Grima, e quando se achava defronte dó cemitério de S. Paulo quebrou-se uma roda do carro de Carlstadt. O arcediago, cujo amor-próprio lisongeava-se com tão solene en- trada, rolou na lama. Ele não se machucou, mas viu-se obrigado a ganhar a pé o lugar de sua morada. O carro de Lutero, que seguia o de Carlstadt, o pasou rapidamente, e levou o reformador são e salvo ao seu domicílio. O povo de Leipzig, reunido para ver a entrada dos campeões de Witemberg, enxergou neste acidente um presságio desastroso para Carlstadt; e logo correu por toda a cidade que ele sucumbiria no combate, mas Lutero venceria. [4]°

Adolfo de Merseburgo não ficava ocioso. Logo que soube da aproximação de Lutero e de Carlstadt, e antes mesmo que tivessem descido dos carros, mandou afixar em todas as portas das igrejas a proibição de começarem a disputa, sob pena de excomunhão. O duque Jorge, admi-rado da audácia, ordenou ao conselho da cidade que mandasse rasgar o cartaz do bispo, e enviou para a cadeia o audacioso intrometido que ousara dar execução à ordem episcopal. Jorge com efeito, tinha vindo em pessoa a Leipzig.. Estava acompanhado de toda a sua corte, incluindo, entre outros, esse Jerõnimo Emser em cuja casa em Dresde tinha Lutero passado uma tarde famosa. Jorge deu aos combatentes dos dois partidos os presentes de costume. "O duque," disse Eck com orgulho, "me presenteou com um belo cervo, ao passo que só deu um enho a Carlstadt." [5]§

Assim que Eck soube da chegada de Lutero, foi logo ter à sua casa. "Pois então!" disse-lhe, "tenho ouvido dizer que vós vos recusais a disputar cómigol"

Lutero: "Como disputar, se o duque o proibe?"

Eck: "Se não puder disputar convosco, pouco se me dá de vir às mãos com Carlstadt. Foi por vossa causa que aqui vim." ° Depois de um momento de silêncio ele acrescen-tou: "Se eu vos arraiar a permissão do duque, aparecereis no campo de batalha?"

Lutero, com alegria: "Arranjai-ma, e combateremos." [6]

Eck dirigiu-se logo ao duque. Procurou dissipar seus

temores. Representou-lhe que estava certo da vitória, e que a autoridade do papa, lo?ge de sofrer com a disputa, sana coberta de glória. E ao chefe que se dvee admirar.

Se Lutero ficar de pé, tudo ficará de pé; se Lutero cair, tudo cairá. Jórge concedeu permissão.

O duque mandara preparar uma grande sala em seu palácio chamada a sala de. Pleissenburgo. Tinham-se nela . levantado dois púlpitos um em frente ao outro; havia me-sas para os notários .encar-iegados de tomar por escrito a disputa, e bancos para os espectadores. Os púlpitos e os bancos estavam cobertos de belas tapeçarias. Sobre o púlpito do doutor de Witemberg estava suspenso o retrato de S. Martinho, cujo nome era também o seu; sobre o do doutor Eck, o retrato do cavaleiro S. Jorge. "Veremos," disse o presunçoso Eac, olhando / esse emblema, "se não me porei a cavalo sobre meus inimigos." Fm tudo se via quão grande era a importância que se ligava ao combate.

A 25 de junho reuniram-se no castelo para se enten-derem sobre a ordem a seguir. Eck, que depositava mais confiança em suas declamações e gestos do que em seus argumentos, exclamou: "Disputaremos livremente e de im-proviso; e os notários não tomarão nossas palavras por es-crito."

Carlstadt: "Foi convencionado que a disputa seria escrita, publicada e submetida ao juízo de todos."

Eck: "Escrever tudo o que se disser é enfraquecer o espírito dos combatentes, e - protelar a batalha. Destruída seria então essa vivacidade que requer . uma disputa - animada. Não detenhais a torrente das palavras."

Os amigos do doutor Eck apoiaram seu. pedido.,,Calstadt persistiu em suas objeções. O campeão de Roma teve de ceder.

Eck: "Seja, escreva-se: mas ao menos a disputa escrita não será publicada antes que • tenha sido apresentada ao exame de certos juízes." [11]

Lutero: "Pois a verdade do doutor Eck e dos ecicistas teme a luz?"

Eck: "É preciso ter juízes!"

Lutero: Que juízes?

Eck: "Quando acabar-se a disputa entender-nos-emos para os nomear."

Era evidente o .fim dos partidários de Roma. Se os teólogos de Witemberg aceitassem juízes estariam perdidos; seus adversários estavam de antemão seguros daqueles a quem se dirigiriam. Se recusassem, cobri-los-iam de vergonha, espalhando por toda a parte que eles tinham tido medo de submeter-se a juízes imparciais.

Os refonnadores queriam para juízes, não tais ou tais indivíduos cuja opinião estivesse já previamente estabelecida, mas sim a cristandade em peso. Era para um sufrágio universal que eles apelavam. Demais, pouco lhes im-portava que fossem condenados se, advogando a sua causa perante o mundó cristão, trouxessem à luz algumas almas. "1,.!.tero," diz um historiador romano; "requeria para juízes todos. os fiéis, isto é um tribunal tal, que não haveria urna bastante vasta para conter so seus. votos." [12]

Separaram-se. "Vede que astúcia empregam," disseram uns aos outros Lutero e seus amigos; "querem de certo pedir para juízes o papa e as universidades."

Com efeito, no dia seguinte de manhã, os teólogos de Roma enviaram a Lutero um dos seus, encarregando de lhe propor para o juiz -- o papal . "O papal" disse Lutero; "como poderia eu admiti-lo?"...

"Guardai-vos," lhe disseram todos os amigos, "de aceitar condições. tão • injustas." Eck e os seus.. fizeram nova consulta. Renunciaram ao papa, e propuSeram algumas uni-verdades. "Não nos arrebateis a liberdade que antes nos concedestes," respondeu Lutero. "Não podemos ceder neste ponto," replicaram eles. "Pois então," exclamou Lutero, "eu não disputarei!" [13]

Separaram-se, e toda a cidade ocupou-se com o que cabava :de ter lugar. "Lutero," gritaram por toda a parte os romanos, "Lutero não quer aceitar, á discúàsão. Ele não quer reconhecer juiz algum!".... Comentaram, -torturaram suás palavras, esforçaram-se por fazê-las aparecer do modo mais desfavorável. "Que! pois é certo? ele não quer disputar?" exclamaram os melhores amigos do reformador. Foram ter com ele, e lhe manifestaram seus temores. "Vás recusais o combate!" disseram eles. "Vossa recusa cobrirá de eterna vergonha a vossa universidade e a vossa causa." Era atacar Lutero pelo lado mais sensível. "Pois bem," respondeu ele com o coração cheio de indignação, "aceito as condições que me impõem; mas reservo-me o direito de apelação, e recuso a corte de Roma." [14]

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Corp. Ref. 1, p; 82.

Nec cum carne et sanguine diu contulit, sed statim palam ad fidei confessionem constanter, edidit. M. Adami Vita Amsdorff:

[2] Weismann, Hist. Eocl., 1. 1444.

[3] Sebastian Froschel vom Priesterthurm. Wittemb., 1585, no Prefacio.

[4] Lut. Opp. L., 17, p. 245.

[5] § Seckend., p. 190.

[6] Lut. Opp., in Prtef.

[7] Sebastian Froschel vom Priesterthurm. Wittemb., 1585, no Prefacio.

[8] Lut. Opp. L., 17, p. 245.

[9] § Seckend., p. 190.

[10] Lut. Opp., in Prtef.

[11] * Melant. Opp. 1, p. 139. Edição de Koethe.

[12] * Palavicini, 1, p. 55.

[13] L. Opp. L.. 17, p. 245.

[14] * Lut. Opp. Lat. 17, p. 246.

CAPÍTULO IV

Abertura da discussão — Discurso de Moselano — V eni, Sancte Spiritus — Retratos de Lutero e de Carlstadt — O doutor Eck — Os livros de Carlstadt — Mereci-mento côngruo — Forças naturais — Distinção esco-« lástica — Ponto de divergência entre Roma e a Re-f arma — A liberdade dada ao homem pela graça — O caderno de Carlstadt — Melancton — Eck — Sermão de Lutero — Os cidadãos de Leipzig — Brigas entre os estudantes e os doutores.

Estava fixado o dia 27 de junho para o começo da discussão. Logo pela manhã os dois partidos se reuniram no colégio da universidade, e daí foram em procissão à igreja de São Tomás, onde celebrou-se uma missa cantada por ordem e à custa do duque. Acabado o serviço, os assistentes foram em procissão para o palácio ducal. À sua frente marchavam o duque Jorge e o duque de Pomerânia; em seguida vinham os condes, o clero, os cavalheiros, e outros personagens de distinção, e por fim os doutores de ambos os partidos. Uma guarda composta de setenta e seis burgueses alabardeiros acompanhava o cortejo com bandeiras desfraldadas, ao som da música militar. Esta guarda postou-se nas portas do castelo.

Tendo o cortejo chegado ao palácio, cada qual tomou seu posto na sala em que devia ter lugar a discussão. O duque Jorge, o príncipe hereditário João, o príncipe. Jorge de Anhalt de doze anos de idadé, e o duque de Pomerânia ocupavam os assentos que lhes eram destinados.

Moselario subiu ao púlpito para fazer lembrar aos teó-logos, por ordem do duque, a maneira por que deveriam disputar. "Se vos atirais em questões," lhes disse o orador, que diferença haverá entre um teólogo, que discute e um duelista descarado? Que é aqui a vitória senão arrancar do erro um irmão? Parece que é mais para desejar ser vencido do que ser vencedor. [1]°

Acabado o discurso, .retinou uma música sacra sob as abóbadas da sala de Pleissenburgo: toda a assembléia se pôs de joelhos, e o hino antigo de invocação, Veni, Sancte Spiritusl foi cantado. Hora solene nos fastos da Reforma! Tres vezes a invocação se fez ouvir, e enquanto soava esse canto grave, reunidos, confundidos os defensores da antiga e nova doutrina, os homens da igreja da meia idade, e os que queriam restabelecer a igreja dos apóstolos, inclinavam humildemente a fronte para o chão. O laço antigo de uma só e idêntica comunidade reunia em feixe todos esses espíritos diversos; a mesma súplica saía de todas as bocas, como se a pronunciasse um mesmo coração.

Eram os últimos momentos da unidade exterior, da unidade morta: uma nova unidade de espírito e de vida ia começar. O Espírito Santo era invocado sobre a igreja, e o Espírito Santo ia responder e renovar a cristandade.

Acabados os cantos e a súplica, levantaram-se. A. disputa devia começar; mas tendo já dado meio-dia, tra`ns-feriram-na para as duas horas.

O duque reuniu à sua mesa os principais personagens que se propunham a assistir ao debate. Depois do jantar voltaram para o castelo. Estava a sala cheia de espectadores. As disputas deste gênero eram as assembléias públicas do tempo. Era nelas que os representantes do século agitavam as questões que preocupavam todos os espíritos. Os oradores estiveram a postos sem demora. A fim de que se possa fazer deles uma idéia aproximada, daremos os seus retratos, tais como os traçou uma das. tes-temunhas mais imparciais da luta.

"Martinho Lutero é de porte médio, e tão magro por causa de seus muitos estudos, que quase se podem contar seus ossos. Está no vigor da idade e tem voz clara e sonora. São incomparáveis seus conhecimentos e inteli-gência da Escritura Santa; a palavra de Deus ele a sabe todas nas pontas dos dedos. " Ele tem demais grande pro-. visão de argumentos e idéias. Talvez que fosse para desejar nele mais algum discernimento para pôr cada coisa em seu lugar. Na conversação ele é polido e afável; nada de estóico, nem de orgulho; sabe-se acomodar a cada qual; seu modo de falar é agradável e jovial. Mostra firmeza, e tem empre ar de satisfeito, sejam quais forem as ameaças dos adversáriõs; de sorte que se é obrigado a• crer que é com auxílio de Deus que ele faz tamanhas coisas. Acusam-no entretanto de ser, quando replica aos outros, mais mordente do que conviria que fosse um teólogo, mormente quando este teólogo anuncia coisas novas em. religião. [2]

Carlstadt é mais baixo: tem o rosto moreno e quei-mado; sim voz é desagradável; sua memória não é tão segura como a de Lutero, e mais também do que ele é propenso à cólera. Todavia, ainda que em grau menor, se encontram nele as qualidades que distinguem seu amigo.

Eck é de elevada estatura, largo de ombros; sua voz é forte e verdadeiramente alemã. Tem bonS pulmões, de sorte que se faria ouvir em um teatro, e daria mesmo um excelente pregoeiro. público. Sua pronúncia, porém, é mais grosseira do que culta. Não dispõe da graça que tanto louvam Fábio e Cícero. Sua boca, seus olhos e todo o seu semblante dão mais ares de um soldado, ou de um cortador de gado, do que de um teólogo. [3]° Tem excelente memória, e se tivesse também inteligência em proporção, seria homem perfeito. Mas ele é tardo em compreender, e falta-lhe o discernimento, sem o qual se tornam inúteis todos os outros dons. AsSim, quando disputa, amontoa sem escolha e sem critério uma mole de passagens da Bíblia, de citações dos padres, de provas de toda a [4]• sorte. Além de tudo é homem de uma imprudência inconcebível. Se se vê embaraçado, sai do assunto de que trata, atira-se sobre outro, apodera-se mesmo, sob diversas expressões da opinião de seu

antagonista, e atribui ao adversário com destreza admirável o absurdo que ele próprio sustentava.

Tais eram, segundo Moselano, os homens que cap-tavam a atenção da turba que se comprimia na grande sala de Pleissenburgo.

A disputa começou entre Eck e Carlstadt.

Instante depois Eck fixava os olhos sobre certos ob-jetos que estavam em cima da escrivaninha do púlpito de seu adversário, e que. pareciam inqúietá-lo: eram os Santos Padres e a Bíblia. "Recuso-me à disputa," exclamou ele de repente, "se vos fôr permitido ter livros convosco!" Surpreende, na verdade, que um teólogo recorra a seus livros para disputar! A admiração do doutor Eck era ainda mais para admirar. "É a folha da figueira de que se serve este Adão para cobrir a sua vergonha," disse Lutero. Agostinho, porventura não consultou livros quando combatia os maniqueus?" [5]° Muito embora! Os partidários de Eck fizeram grande algazarra; os contrários opuseram-se em grita também. "O homem não tem memória," dizia Eck. Determinou-se por fim, segundo o desejo do chanceler de Ingoldstadt, que só poderiam os contendores servir-se da memória e da língua. "Assim, pois, disseram muitos, "não se tratará nesta questão de indagar da verdade, mas dos elogios que merecem a memória e a língua dos combatentes."

Não podendo referir por inteiro essa disputa que du-rou dezessete dias, devemos, imitar os pintores que, quando se trata de representar uma batalha, esboçam no primeiro plano as ações mais notáveis, deixando as outras no fundo.

Era importante o assunto da disputa entre Eck e Carlstadt: "A vontade do homem antes de sua conversão," dizia Carlstadt, "nada pode fazer que seja bom: toda a obra boa vem inteira e exclusivamente de Deus, que dá ao homem a principio a vontade de fazê-la, e depois a força para completá-la." Esta verdade fora já proclamada pela Escritura Santa que diz: "É Deus que obra em vós o querer e o perfazer segundo o seu beneplácito," Fil. 2-13; e por Santo Agostinho que em sua disputa com os pelagianos a enunciara quase pelos mesmos termos. Toda a obra, em que faltam o amor e a obediência para com Deus, é despida aos olhos de Deus daquilo que única-mente a poderia tornar verdadeiramente boa, ainda mesmo quando fosse produzida pelos mais louváveis motivos humanos. Ora, há no homem uma oposição natural a Deus. Vencê-la é tarefa superior às forças do homem. Ele não tem esse poder, não tem sequer a vontade. Isso tem de ser efetuado, pois, pela força divina.

Eis a questão do livre arbítrio, questão tão debatida no mundo, e todavia tão simples. Tal tinha sido a doutrina da igreja. Os escolásticos, porém,- a explicaram de modo a tornar impossfvel reconhecê-la. Sem dúvida, diziam eles, a vontade

natural do homem nada pode fazer que seja verdadeiramente agradável a Deus; mas pode fazer muito para tornar o homem mais apto a receber a graça divina, e mais digno de obtê-la. Chamava eles a estas preparações um merecimento côngruo: "porque é congruente," dizia Tomás de Aquino, "que Deus trate com particular favor aquele que faz bom emprego de sua própria vontade." E, quanto à conversão que deve ser operada no homem, era indubitavelmente, segundo os escolásticos, a graça de Deus que devia efetuá-la sem excluir, porém, as forças naturais. Essas forças, afirmavam eles, não foram aniquiladas pelo pecado: o que faz o pecado é pôr estorvo ao seu desenvolvimento; mas logo que se tira esse estorvo (e era essa, na opinião deles, a tarefa da graça divina), a ação dessas forças recomeça. O pássaro, para nos servir de uma de suas comparações favoritas, o pássaro que esteve preso por algum tempo não perdeu nesse estado as forças, nem esqueceu a arte de voar; mas é preciso que mão alheia quebre os seus laços, a fim de que possa ser-

vir-se outra vez das asas. O mesmo acontece com o ho-mem, diziam eles.

T:1.1 era a questão agitada entre Eck e Carlstadt. Parecia que Eck a princípio se opunha a [6]* todas as proposições de. Carlstadt sobre o assunto; mas, sentindo que lhe era difícil manter-se sobre o terreno que escolhera, disse: "Concordo que a vontade não tem o poder . de fazer uma boa obra, e. que o recebe de Deus." "Reconheceis, pois," perguntou-lhe Carlstadt, contentíssimo de ter obtido tal concessão, "que uma obra boa vem inteira de Deus?" "Toda a obra boa vem na .verdade de Deus, mas não • finteiramente," respondeu com sutileza o escolástico. "Eis," exclamou Melancton, "um achado bem digno da ciência teológica." "Uma maçã," acrescentou Eck, "é toda produzida pelo sol, mas não totalmente sem concurso da planta." • Nunca se sustentou de certo que uma maçã- fosse toda produzida pelo sol.

"Pois bem," disseram então os oponentes, penetrando _mais fundo nessa questão tão delicada e tão importante em filosofia e em religião, "examinemos como. Deus opera sobre o homem, e como o hamm procede sob essa ação. "Reconheço," dizia Eck, "que o primeiro impulso para • a conversão do .homem vem de Deus, e que neste caso é inteiramente passiva a vontade do homem." Até este ponto estavam de acordo os dois antagonistas. "Reconheço," dizia de sua parte Carlstadt, "que depois desta ação que vem de Deus é preciso que venha alguma coisa da parte do homem, coisa esta que S. Paulo chama vontade e os Padres consentimento." E ainda nisto estavam ambos de acordo; mas desse momento em . diante deixavam de o estar; "Esse consentimento do homem," afirmava Eck, "vem em parte de nossa vontade natural, em parte da graça de Deus." "Não," contradizia Carlstadt; "mas é necessário qúe Deus efetue inteiramente no homem essa vontade." Neste ponto Eck admirava-se e irritava-se, ouvindo palavras tão próprias a fazer sentir ao homem todo o seu nada. "Vossa doutrina," exclamou ele, "faz do ho- mem uma pedra, um

pau, incapaz de qualquer reação!" "Pois que!" responderam os reformadores, "a faculdade de receber essas forças que Deus nele opera, essa facul-dade, que, na nossa opinião, possui o homem, não o dis-tingue bastante de urna pedra, de um pau? "Mas," repli-cou o antagonista, "vós vos pondes em contradição Com a experiência recusando ao homem toda a força natural." "Não negamos," retorquiram os adversários, que o ho-mem possua forças, e que haja nele a faculdade de refle-tir, de meditar, de escolher. Consideramos somente essas forças e essas faculdades como simples instrumentos que nada bom podem fazer antes que a mão de Deus os tenha posto em movimento. Elas são como a serra na mão do homem que a maneja. .

Era aqui debatida a magna questão da liberdade, e era fácil mostrar que a doutrina .dos reformadores não pivava o homem da liberdade de um agente moral, e não fazia dele uma máquina passiva. A liberdade de um agente moral consiste no poder de obrar conforme a sua escolha. Toda a ação feita sem constrangimento externo, e em consequência da determinação da alma mesma, é uma ação livre. A alma se determina por motivos; mas vê-se muitas vezes -que os motivos obram diversamente sobre diversas almas. Muitos homens não obram conforme os motivos, cuja força aliás reconhecem por inteiro. Essa ine-ficácia dos motivos provém dos obstáculos que lhes opõem a córrupção da inteligência e do coração. Ora Deus, dando ao homem um novo coração e um novo espírito, arreda esses obstáculos. E, arredando-os, bem longe de tirar ao homem a liberdade, tira pelo contrário o que impedia ao homem de obrar livremente, de seguir a voz de sua consciência; e, segundo a palavra evangélica, o torna verdadeiro. S. João 8:36.•

Um incidente insignificante veio interromper a disputa; Eck é quem o conta. [7]* Carlstadt tinha preparado vários argumentos, e, semelhante nisso a muitos oradores de nossos. dias, lia o que tinha escrito. Eck só viu em tal modo de obrar uma tática de estudante: opôs-se pois.

Carlstadt, embaraçado, e com receio de não se sair bem, se lhe tirassem o caderno, insistiu. "Ah!" disse o doutor escolástico, inchado com a vantagem, que sobre ele julgava ter, "não tem tão boa memória como eu." Submeteu-se a questão a árbitros e estes permitiram que se lessem as passagens dos santos padres, mas determinaram que o mais se falasse de improviso. [8]

Esta primeira parte da disputa foi várias vezes in-terompida pela bulha que faziam os assistentes. Agita-vam-se, gritavam. Uma proposição que soava mal aos ouvidos da maioria dos ouvintes excitava logo clamores, e então, como em nossos dias, tornava-se preciso chamar à ordem as galerias. Os próprios combatentes se deixavam algumas vezes arrebatar pelo fogo da discussão.

Perto de Lutero se achava Melancton que atraía os olhares quase tanto como ele. Era de baixa estatura, e não se lhe teriam atribuído mais de dezoito anos de ida-de.

Lutero, a quem ele dava pelos ombros, parecia ligar-se com ela pela mais estreita amizade; eles entravam, safam e passeavam juntos: Ao ver-se Melancton," escreveu um teólogo suíço que estudou em Witemberg. dir-se-ia que era um rapazinho; mas quanto à inteligência, ciência e talento, é um gigante, e não se pode com-preender como tais alturas de sabedoria e de gênio se achem encerradas em [9]• tão mesquinho corpo." No intervalo das sessões Melancton conversava com Carlstadt e Lutero. Ele os ajudava a se prepararem para o combate e lhes sugeria argumentos que .sua vasta erudição o habilitava a descobrir; mas enquanto disputavam, ele conservava-se tranquilamente assentado entre os espectadores, e seguia com atenção as palavras dos teólogos. Entretanto veio algumas vezes em socorro da Carlstadt: quando este estava prestes a sucumbir sob a potente declamação do chanceler de Ingolstadt, o jovem professor lhe soprava uma palavra ou file fazia chegar um papel em que tinha traçado a resposta. Eck, tendo uma vez percebido isso, indignado de que um gramático, como ele o chamava, ou-

sasse meter-se na disputa, virou-se e lhe disse: "Cala-te, Filipe; ocupa-te com teus estudos, e não me perturbes." Talvez que desde então Eck previsse o formidável ad-versário que mais tarde tinha de achar. nesse moço. Lu-tero ofendeu-se com o grosseiro insulto atirado a seu amigo. "O juízo de Filipe tem para mim mais peso do que o de mil doutores Eck."

O calmo Melancton discerniu facilmente os lados fracos .da discussão. "Não se pode deixar de ficar surpreso," disse ele com a sabedoria e encanto que se encontram em todas as suas palavras, "ao atentar na violência empregada em tratar de todas ests coisas. Como se podia tirar delas qualquer proveito? O Espírito de Deus apraz-•se no retiro e no silêncio: é .quando se está no retiro e no silêncio que ele penetra nos corações. A esposa de Cristo não se conserva nas ruas e vielas, mas conduz o seu esposo para a casa .de • sua mãe." [10]°

Cada um dos dois partidos atribuiu a si a vitória. Eck pôs em campo toda a sua finura para dar ares de a ter alcançado. Como os pontos de divergência se toca-vam quase, acontecia por vezes exclamar ele que tinha trazido o adversário à sua opinião; ou então, novo Pro-teu, disse Lutero, ele se virava de repente, expunha sob outras expressões a opinião do próprio Carlstadt, e lhe perguntava com acento de triunfo se não se via obrigado a ceder-lhe. E as pessoas ineptas que não tinham podido discernir a manobra do sofista aplaudiam e exultavam com ele! ... A muitos respeitos não era igual a partida. Caristadt tinha o espírito vagaroso, e por vezes só no dia seguinte respondia às objeções do adversário. Eck, pelo contrário, era senhor de sua ciência, e nela achava de pronto o que se lhe fazia mister. Ele se apresentava com ar soberbo; a passo resoluto subia para o púlpito; aí se agitava, ia, vinha, fazia retinir sua voz aguda, opunha uma resposta a cada argumento, aturdia o auditório com sua memória e destreza.. Entretanto Eck, sem dar fé do que fazia, concedeu na

disputa muito mais do que se ha-via proposto. Seus partidários riam a bandeiras desprega-das a cada uma de suas sortes; "mas," disse Lutero, "creio muito que eles fingiam riso, e que no fundo era-lhes pe-sada cruz ver seu chefe, que começara o combate. com tantos ferros, abandonar o seu estandarte, desertar de seu exército e tornar-se desprezível trânsfuga."

Tres ou quatro dias depois do começo da conferên-cia, se interrompera a disputa por causa da festa de. S. Pedro é S. Paulo, apóstolos.

O duque de Pomerania pediu a Lutero que pregasse em presença dele na sua capela. Lutero aceitou com alegria. A capela ficou logo cheia, e acudindo sempre os ouvintes em número avultado, teve a asembléia de trans-portar-se para a grande sala do castelo, onde se dava or-dinariamente a disputa. Lut9ro pregou, segundo o texto do dia, sobre á graça de Deus e o poder de Pedro. O que Lutero sustentava Ordinariamente diante de um auditório composto de sábios expôs então diante do povo. O Cristianismo tanto faz penetrar) a luz da verdade nas mais altas inteligências como nos espíritos mais humildes;

e é isto justamente o que o distingue de todas as religiões

e de todas as filosofias. Os teólogos de Leipzig que ti-nham ouvido pregar Lutero, deram-se pressa em relatar a Eck, as palavras escandalosas com que tinham sido ofendidos seus ouvidos. "É preciso responder," "exclamaram eles, "torna-se mister refutar publicamente estes erros sutis." Era justamente o que Eck desejava. Todas as igrejas lhe foram franqueadas, e quatro vezes em seguida subiu ao púlpito para deprimir Lutero e o seu sermão. Os amigos de Lutero ficaram indignados. Pediram, porém, em vão que por seu turno fosse ouvido o teólogo de. Witemberg. Os púlpitos estavam abertos aos adversários, da doutrina evangélica, mas fechados aos que a proclamavam. "Tive de guardar silêncio," disse Lutero, "e de me deixar atacar, injuriar, caluniar, sem poder sequer me desculpar e me defender. [11]

Não foram somente os eolesiásticos que se mostraram opostos aos doutores evangélicos: a burguesia de Leipzig estava nisto de _acordo com o seu clero. Um fanatismo cego a entregava às mentiras e ódios que se procuravam propagar. Os mais grados habitantes nem a Carlstadt nem a Lutero visitaram. Se os encontravam na rua não os saudavam, e esforçavam-se por denegri-los no espírito do duque. Pelo contrário, porém, iam e vinham, comiam e bebiam cada dia com o doutor de Ingoldstadt. Este regalava-se à fidalga com eles, comparando sapientemente a cerveja da Saxônia com a cerveja da Baviera: seus modos um pouco livres não indicavam muito alta moralidade. Contentaram-se com oferecer a Lutero o presente de. vinho devido aos combatentes. Os que lhe queriam bem se escondiam dos outros; muitos, como outrora Nicodemo, o visitaram de noite ean segredo. Só dois homens se honraram declarando-se em púlpito como amigos seus. Foram o

doutor Auerbach, que já tivemos ocasião de encontrar em .Augsburgo, e o jovem doutor Pistor.

A maior agitação reinava na cidade. Os dois partidos formavam como que dois campos inimigos que vinham por vezes às mãos. Os estudantes de Leipzig e os de Wi-temberg brigavam amiúde nas estalagens. Dizia-se em alta voz, até nas assembléias do clero que Lutero trazia consigo um diabo metido mima caixinha. "Se é em uma caixa, que se acha. o diabo", respondia malignamente Eck, "ou se é simplesmente debaixo do seu hábito, eu não sei: mas com toda a certeza em uma dessas partes ele está." [12]

Muitos doutores dos dois partidos estavam alojados durante o tempo .da disputa em casa do impressor Herbípolis. Chegaram eles a tais excessos que o hóspede foi obrigado a ter na cabeceira da mesa um guarda urbano armado de alabarda, e encarregado, em caso de necessidade, de impedir os comensais de passarem a vias de fato. Um dia o vendedor de indulgências Baumgartner teve uma contenda com um fidalgo amigo de Lutero, e se deixou tomar de tamanha cólera que rendeu o espírito. "Fui um dos que o conduziraM ao túmulo," diz Froshel, que conta este fat.o [13]* Assim se revelava a fermentação geral dos espíritos. Nesse tempo, com agora, os discursos da tribuna repercutiam no salão e na rua.

O duque Jorge, se bem que propenso a Eck, não se mostrou tão apaixonado como seus súditos. Convidou Eck, a Lutero e a Carlstadt a jantar todos tres em sua companhia. Ele, chegou até a pedir a Lutero que o fosse visitar .em particular; mas mostrou logo todas as prevenções que lhe tinham inspirado. "Com vosso escrito sobre a oração dominical," lhe disse o • duque de mau modo, tendes desvairado bastante consciências. Pessoas há que se queixam de não ter podido por mais de quatro dias dizer um só Pater.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Seckendorf, p. 209.

[2] Mosellanus in Seckend., p. 206. Hist. of Ref. Port., II.

[3] Mosellanus in Seckend., p. 206.

[4] * L. Epp. 1, p. 294. Palavicini, 1, p. 65.

[5] Planck, 1, p. 176.

[6] * Pallavicini, 1, p, 58.

[7] * Seckendorf, p. 192.

[8] * João Kessler, mais tarde reformador de São Gall. Corpus Reformatorum, 1, p. 111.

[9] Ibid. p. 149.

[10] Lutn. Ep.. 1, p. 295.

[11] * M* anca. Opera, p. 134.

[12] Eck a 1-laven e Bourkard, 19 de julho de 1519. Walch. 15, p. 1456.

[13] * Loscher, 3, p. 278.

CAPÍTULO V

A hierarquia e o racionalismo — Dois filhos de aldeãos —Eck e Lutero principiam — A cabeça da igreja — A primazia de Roma — A igualdade dos bispos —Pedro a pedra fundamental — Cristo o fundamento —Eck insinua que Lutero é hussita — Lutero sobre a doutrina de Huss —! Agitação entre os assistentes — Só a palavra —,0 bufão da corte — Lutero na Missa — Dito do duque — O purgatório — Fim da discussão.

Foi no dia 4 de julho que começou o combate entre Eck e Lutero. Tudo anunciava que tinha ele de ser mais violento, mais decisivo e mais interessante do que o que terminara e fizera pouco a pouco esvaziar a sala. Os dois combatentes avançavam pela arena, decididos a não depor as armas senão quando a vitória se tivesse declarado em favor de um ou de outro. Todos estavam na mais ansiosa expectativa, porque b primado do papa devia ser o assunto debatido. O Cristianismo tem dois grandes adversários: o hierarquismo e o racionalismo. Foi o racionalismo, em sua aplicação à doutrina das forças do homem que fora atacado pela. Reforma na primeira parte da disputa de Leipzig. O hierarquismo, considerado no que constitui ao mesmo tempo a sua cúpula e a sua base, "a doutrina do papa" era o que devia ser discutido na segunda. De um lado aparecia Eck, defensor da religião estabelecida, glorificando-se das disputas que sustentara, corno um general de exército se gaba de suas batalhas.

Do outro adiantava-se Lutero, que parecia dever recolher dessa luta as perseguições e a ignominia, mas que, apesar disso, se apresentava com boa consciência, com a firme resolução de tudo sacrificar à causa da verdade, e com uma esperança cheia de fé em Deus, e no seu apoio. Convicções inteiramente novas tinham penetrado em sua alma; não estavam ainda coordenadas em sistema; mas no calor do combate rebentavam como relâmpagos. Grave, afoito, mostrava ele uma decisão que não olhava a estorvos. Via-se em suas feições os vestígios das tempestades que sua alma sustentara, e a coragem com que se preparava a afrontar novas tormentas. Dois contendores, ambos filhos de camponeses, representantes das duas tendências que ainda a essa hora dividiam a cristandade, iam dar um combate de que dependia em grande parte o futuro do estado e da igreja.

Às sete horas da manhã os antagonistas estavam em seus púlpitos, cercados de uma assembléia numerosa e atenta.

Lutero levantou-se, e usando de •precaução disse com modéstia :

"Em nome do Senhor! Amém. Declaro que o respeito que consagro ao soberano pontífice me teria obrigado a não sustentar esta disputa, se o excelente doutor Eck não me tivesse a isso impelido." [1]

Eck. "Em teu nome, doce Jesus! Antes de descer .à arena, protesto em vossa presença; magníficos senhores, que tudo que eu disser está submetido ao juízo da primeira de todas as cadeiras, e do mestre que nela está sentado."

Depois de um momento de silêncio, Eck continuou:

Há na igreja de Deus um primado que vem do próprio Cristo: _A igreja militante foi estabelecida à imagem da igreja triunfante. Ora, esta é uma monarquia em que a hierarquia sobe em ordem regular até o -único chefe que é Deus. Eis a razão porque Cristo estabeleceu seme- lhante ordem sobre a terra. Que monstro seria a igreja se fosse acéfala. [2]°

Lutero, voltando-se para a assembléia. "Quando o se-nhor doutor declara que convém que a igreja universal te-nha um chefe, ele faz bem. Se alguém há entre nós que pretenda ❑ contrário, levante-sel quanto a mim, nada tenho a dizer sobre isso."

Eck. "Se a igreja militante nunca esteve sem mo-•arca, ou desejaria bem saber quem pode ele ser senão o pontífice de Roma?"

Lutero. "O chefe da igreja militante é ❑ próprio Cristo, e não um homem. Eu o creio em virtude do tes-temunho de Deus. "É necessário," diz a Escritura, "que Cristo reine, até que ponha todos os seus inimigos de-baixo de seus pés." 1 Cor 15:25. Não ouçamos os que exilam a Cristo para a igreja triunfante do céu. Seu reinádo é um reinado de fé. Não podemos enxergar ❑ nosso chefe, e todavia o temos." [3]

Eck não se deu por batido, e, recorrendo a outros argumentos, replicou:

"É de Roma, como disse S. Cipriano, que proveio a unidade sacerdotal."

Lutero. "Para a igreja do ocidente, concedo. Mas esta igreja romana não provém da de Jerusalém? Essa, sim é que é, para falar propriamente, a mãe e a aia de todas as igejas." [4]§

Eck. Jerónimo declara que se um poder extra-

ordinário e superior a todos os outros não for dado ao papa, haverá nas igrejas. tantos chismas quantos pontífices.

Lutem, Se não for dado: quer dizer que se todos os outros fiéis nisso consentissem, esse poder poderia ser atribuído por direito humano ao primeiro pontífice. Nem eu tampouco negarei que, se os fiéis do mundo inteiro chegassem ao acordo de reconhecer como primeiro e soberano pontífice o bispo de Roma, ou o de Paris, ou o de Magdenburgo, seria precisei reconhecê-lo como tal por causa do respeito que se deveria a este consenso de toda a igreja, mas tal coisa nunca se viu e

nunca se verá. Mesmo em nossos dias não recusa a igreja grega a sua adesão à Roma?

.Lutero estava então pronto a reconhecer o papa co-mo o primeiro magistrado da igreja, livremente eleito por ela; negava, porém, que fosse estabelecido papa por Deus. Só mais tarde foi que ele negou que devesse de qualquer maneira submeter-se-lhe. Foi esse um passo que a disputa de Leipzig o levou .a dar. Mas Eck se tinha metido em um terreno que Lutero conhecia melhor do que ele. É verdade que Lutero não pôde sustentar à tese de que o papado—só existia havia quatro séculos. Eck citou autoridades de data anterior a que ele não soube o que responder. A crítica não tinha ainda atacado as falsas decretais. Mas quanto mais a discussão se aproximava dos tempos primitivos, tanto mais forte se tornava Lutero. Eck apelava para os Padres; Lutero lhe respondia com os mesmos Padres, e todos os ouvintes admiravam sua superioridade sobre o rival.

"Que o sentido -que exponho," disse ele, "seja o de S. Jerônimo, é o que provo pela epístola do mesmo S. Jerônimo a Evágrio: "Todo o bispo," diz ele, "seja o de Roma ou o de Eugúbio, seja o de. Constantinppla ou o de Régio, seja o de Alexandria ou o de Tânis, tem o mesmo merecimento e o mesmo sacerdócio. [5]* O poder das ri-queías, a húmilhação de pobreza vem a ser o que uni-camente coloca os bispos mais alto ou. mais baixo.

Dos escritos dos Padres passou Lutero aos decretos dos concílios que não viam no bispo de Roma senão o primeiro entre os seus da primeira sé não seja chamado nem príncipe dos pontífices, nem iguais. [6]

"Nós lemos," disse ele, "no decreto do. concílio da África: "O bispo soberano pontífice, nem por qualquer

outro nome .deste gênero, mas somente bispo da primeira sé. "Se a monarquia do bispo de Roma fosse de direito divino," continuou Lutero, "não seria esse um decretn herético?"

Eck respondeu com uma dessas distinções sutis que tão familiares lhe eram:

"O bispo de Roupa, se o quereis, não é o bispo uni-versal, mas é o bispo da igreja universal."

Lutero. "Quero bem calar-me sobre esta resposta; nossos ouvintes que julguem po si!"

"Certamente," disse ele em seguida, "é esta uma glósa digna de um teólogo, e bem própria a satisfazer um disputador ávido de glória. Não foi em vão que fiquei à custa de grandes despesas em Leipzig, uma vez que aprendi que o papa não é, na verdade, bispo universal, mas sim bispo da igreja universal!..." [7]§

Eck. "Pois bem! chego ao essencial. O venerável doutor me pede que lhe prove que o primado da igreja de Roma é de direito divino; eu o provo com estas palavras de Cristo: "Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja." S. Agostinho, em uma de suas epístolas, çxpôs assim o sentido desta passagem: "Tu és Pedro, e sobre esta pedra, isto é sobre Pedro, edificarei a minha igreja." É verdade que alhures o mesmo Agostinho expôs que por essa pedra era necessário entender o próprio Cristo; mas ele não retratou sua primeira exposição." [8]

Lutero. "Se o reverendo doutor quer atacar-me, concilie primeiro ele próprio essas palavras contrárias de S. Agostinho. Porquanto .é certo que S. Agostinho disse muitas vezes que a pedra era Cristo, e talvez apenas uma vez que era o mesmo Pedro. Mas quando ainda S. Agostinho e todos os Padres -dissessem que o apóstolo é a pedra de que fala Cristo, éu só lhes resistiria, apoiado na autoridade da Escritura, isto é; sobre o direito divino [9]• porque está escrito: "Ninguém pode pór outro fundamento senão o que foi posto que é Jesus Cristo 1 Cor. 3:11. Pedro mesmo chama a Cristo a pedra angular e viva,

Eck. Admiro-me da humildade e da modéstia com que o reverendo doutor promete opor-se sozinho a tantos Padres ilustres, pretendendo saber mais do que os sobe-ranos pontífices, do que os concílios, do que os doutores, e do que as universidades!... Seria indubitavelmente pa-ra admirar-se que Deus tivesse ocultado a verdade a tan-tos santos e mártires... até a vinda do reverendo padre!

Lutero. "Os Padres não são contra mim. S. Agosti-nho, S. Ambrósio, ambos mui distintos doutores falam como eu falo. "Super isto articulo fidei fundamenta est ecclesia." diz S. Ambrósio, explicando o que convem que se entenda pela pedra sobre que repousa a igreja. Modere- o meu adversário a sua língua. Exprimir-se como o faz é atear ódios, e não discutir como verdadeiro doutor."

Eck não contava que seu adversário possuísse tantos conhecimentos, e soubesse tirar-se do labirinto em que ele o procurava desorientar. "O reverendo doutor," disse ele, "desceu à arena com seu assunto bem preparado. Me desculpem vossas senhorias, se lhes não apresento indagações tão exatas: eu vim para disputar, e não para compor um livro." Eck estava admirado, mas não batido. Não tendo mais razões a dar, recorreu a artifício desprezível e odioso que devia, senão vencer o adversário, metê-lo ao menos em grande embaraço. Se a acusação de ser boêmio, herético, hussita, pairasse sobre Lutero, vencido estaria ele; porquanto os boêmios eram detestados na igreja. O lugar do combate não estava mui afastado das fronteiras da Boêmia; a Saxônia, em conseqüência da condenação pronunciada pelo concilio de Constança contra João Huss, tinha estado exposta a • todos os horrores de uma guerra longa e ruinosa; gloriava-se ela de ter resistido aos hussitas; a universidade de Leipzig tinha sido fundada em oposição à tendência de João Huss; a

disputa passava-se em presença de príncipes, de nobres e de burgueses cujos pais tinham sucumbido nesse luta célebre. Dar a entender que Lutero e Huss estavam de acordo era dar no primeiro o golpe mais terrível. Foi a essa manha de guerra, que recorreu o doutor de Ingolstadt. "Desde os tempos pri-mitivos," disse ele, "foi sempre reconhecido por todos os bons cristãos que a igreja de Roma tem o seu primado do próprio Cristo, e não do direito humano. Devo -confessar, entretanto, que os boémios, defendendo com obstinação os seus erros, têm atacado esta doutrina. Peço perdão ao venerável padre de ser eu inimigo dos boêmios, porque eles são inimigos da igreja; peço perdão se a disputa atual me fez lembrar esses heréticos; porquanto... segundo meu fraco juízo... as conclusões que tirou o doutor favorecem inteiramente esses erros. Conta-se até que os hussitas disso se gloriam em alta voz."

Eck calculara perfeitamente. Todos os seus partidários acolheram com grande favor essa pérfida insinuação. Houve um movimento de alegria no auditório. "Essas injúrias," disse mais tarde o reformador," os lisongeavam muito mais do que a própria disputa."

Lutero. "Não gosto e não gostarei de um cisma. Ainda mesmo que o direito divino se prnu.nciasse em favor da doutrina dos boêmios, fazem eles mal, já que por sua própria autoridade se separam de nossa igreja; porquanto o supremo direito divino é a caridade e a unidade de espírito." [10]

Foi no dia 5 de julho, na sessão da manhã, que disse Lutero estas palavras. Tendo chegado pouco depois a hora do jantar, separaram-se. Lutero sentiu-se mal. Não teria ele ido longe demais condenando os cristão da Boê-mia? Não mantiveram eles as doutrinas que nessa hora sustentava Lutero? Ele viu quão difícil era o passo em que se achava metido. Levantar-se-á ele contra um concílio que condenou a João Huss, ou renegará essa grande idéia de uma igreja universal de Cristo, que se tinha apoderado de sua alma?... O inabalável Lutero não hesitou. "Faze o teu dever, aconteça o que acontecer." Por conseguinte, tendo de novo se reunido a assembléia às duas horas da tarde, Lutero tomou a palavra, e disse com firmeza:

"Entre os artigos de João Huss e dos boêmios alguns há muito cristãos. Esta é uma coisa certa. Por exemplo "Que só há uma igreja universal:" e este outro: "Que não é necessário para a salvação crer que a igreja romana seja superior às outras." Que -seja Wicliff que seja Huss que o tenha dito pouco importa ... É a verdade."

Esta declaração de Lutero produziu no auditório uma sensação imensa. Huss, Wicliff, esses nomes detestados, pronunciados com elogio por um frade, no seio de uma assembléia católica! Fez-se ouvir um rumor quase geral. O próprio duque Jorge ficou aterrado. Pareceu-lhe ver levantar-se na Saxônia esse estandarte de guerra civil, que por tanto tempo desolara os estados de seus avoengos ma-temos. Não podendo conter a sua emoção, ele pôs as mãos nos .quadris, sacudiu a cabeça, e

exclamou em voz alta, de sorte que pudesse ser ouvido por toda a assem-bléia: "É a raiva que o impele." O auditório inteiro estava em viva agitação. Levantavam-se, e - cada qual falava com o vizinho. Os que tinham cedido ao sono acordavam. Os adversários triunfavam; os amigos de Lutero estavam embaraçadíssimos. Muitas pessoas que até então o tinham ouvido com prazer entraram a duvidar de sua ortodoxia. A impressão dessa palavra nunca mais se desvaneceu nó espírito de Jorge; desde esse momento ele olhou para o reformador com maus olhos, e constituiu-se seu inimigo. [11]°

Pelo que diz respeito a Lutero, não se deixou inti-midar por esta explosão de murmúrios. Um de seus principais argumentos era que os gregos nunca reconheceram o papa, e todavia nunca foram , declarados heréticos; que a igreja grega subsistira, subsistia e -subsistiria sem o papa, e que pertencia a Cristo tanto como a igreja de Roma. EC1c, pelo contrário, afirmava descaradamente que a igreja cristã e a igreja romana eram uma única e mesma igreja; que os gregos e os orientais, abandonando o papa, ti•ham também abandonado a fé cristã, e que eram incontestavelmente heréticos. "Que!" exclamou Lutero, Gregório Nazianzeno, Basilio o Magno, Epifanio, Crisóstomo. um número imenso de outros bispos gregos não se salva-ram? E todavia eles nunca acreditaram que a igreja de-Roma fosse superior às outras igrejas) Não é da alçada dos pontífices de Roma estabelecer novos artigos de fé. Para o cristão fiel não há outra autoridade senão a Es-critura Santa. Só ela é de direito divino. Suplico ao sr. doutor que conceda terem sido homens os pontífices de Roma, e que não queira fazer deles deuses.

Eck recorreu então a um desses gracejos que dão gratuitamente a quem os diz um arzinho de triunfo.

"O reverendo padre, que não entende bem da arte culinária, faz tal mistura de grelos com santos e herejes gregos, que o perfume de santidade de uns impede que se sinta o veneno dos outros." [12]°

Lutero, interrompendo-o vivamente. "Com impudên-cia fala õ reverendo doutor. Não há para mim comunhão entre Cristo e Beijai."

Dera Lutero um grande passo. Em 1516 e 1517 só tinha ele atacado as prédicas dos vendedores de indulgências, e as doutrinas escolásticas, respeitando os decretos dos papas. Mais tarde rejeitara esses decretos, apelando deles para um concílio. Agora repeliu mesmo essa última autoridade, declarando que nenhum concílio podia estabelecer um novo artigo de fé, e nem pretender que não estava sujeito a errar. Assim todas as autoridades humanas caíam diante dele; a areia que a chuva e as torrentes arrastam tinha desaparecido, e só restava para reconstruir as ruínas a rocha eterna da palavra de Deus. "Venerável padre!". disse-lhe Eck, "se credes que

um concílio legitimamente reunido pode errar, sois para mim um pagão e um publicano!" [13]•

Tais eram as discussões que ocupavam os dois dou-tores. A assembléia estava atenta. Todavia diminuía por vezes a atenção e os ouvintes gostavam muito de que um incidente os viesse recrear e distrair. Freqüentemente cogn as coisas mais graves se misturam as mais cômicas: foi: o que aconteceu em Leipzig.

O duque Jorge, segundo o costume do tempo, tinha um bobo de corte. Alguns gaiatos disseram a este: Lutero sustenta que um bobo de corte pode se casar: Eck de-fende a proposição contrária. Em atenção a isto o bobo tomou grande aversão a Eck, e cada vez que entrava na sala no séquito do duque olhava o teólogo com ar amea-çador. O chanceler de Ingolstadt não se dignava de descer até o brinquedo: um dia fechou ele um olho, (o bobo tinha só um olho), e com o outro pôs-se a olhar atentamente o pequeno personagem. Este, fora de si, sobrecarregou de injúrias o grave doutor. Toda a assembléia, como diz Pfeifer, disparou a rir, e este divertimento minorou um pouco a tensão extrema dos espíritos. [14]

Ao mesmo tempo se passavam na cidade e nas igre-jas cenas que patenteavam o horror inspirado pelas asserções afoitas de Lutero aos partidários de Roma. Foi so-bretudo nos conventos dedicados ao papa que se gritava mais. Um domingo o doutor de Witemberg tinha ido à igreja dos dominicanos antes da missa conventual. Achavam-se aí alguns frades apenas que diziam missas ordiná-rias sobre altares laterais. Apenas se soube no claustro que o herege Lutero estava na igreja, os frades acudiram a toda a pressa, tomaram o ostensório, levaram-no para o tabernáculo, o encerraram e guardaram com cuidado, receiosos de que fosse o santíssimo sacramento profanado pelos olhares heréticos do agostinho de Witemberg. Ao mesmo tempo os que liam a missa ajuntaram precipitadamente tudo quanto servia para celebrá-la; abandonaram o altar, atravessaram a igreja, e fugiram para sacristia como se o diabo lhes fosse no encalço, diz um historiador.

Por toda a parte se falava do assunto da disputa. Nas estalagens, na universidade, na corte, cada qual dava a sua opinião. O duque Jorge, muito embora irritado se recusava obstinadamente a deixar-se convencer. Um dia em que jantava com Eck e com Lutero, interrompeu a con-versáção, dizendo: "Que o papa seja papa por direito divino, quer seja por direito humano, a verdade é .que sempre ele é papa." [15]

Lutero ficou muito satisfeito com estas palavras. O príncipe," disse ele, "nunca as teria proferido, se os meus argumentos não o tivessem abalado.

Tinha-se disputado durante cinco dias sobre o primado do papa. A 8 de julho começou-se a tratar da doutrina do purgatório. Pouco mais de dois dias durou a

disputa. Lutero admitia ainda a doutrina do purgatório, mas negava que se achasse ensinada nas Escrituras, ou nas obras dos Padres, pelo modo porque o pretendiam os escolásticos e seu adversário. "Nosso doutor Eck," disse ele aludindo ao espírito superficial de seu antagonista, "tem hoje corrido por sobre a Sagrada Escritura sem tocá-la quase... como uma aranha por cima da água." [16]

A 11 de julho tratou-se das indulgèncias. "Não foi mais que um brinquedo, urna disputa, por gracejo", disse Lutero. "As indulgências caíram chatas, e quase em tudo Eck concordou comigo. [17]* O próprio Eck chegou a dizer: "Se eu não tivesse disputado com o doutor Martinho sobre o primado do papa, eu pcideria quase estar de acordo com ele. [18]

A discussão versou depois sobre o arrependimento, sobre a absolvição dos padres, e sobre as satisfações. Como de ordinário Eck citou os escolásticos, os dominicanos, os cânones do papa. Lutero terminou a disputa com estas palavras: "O reverendo doutor foge das Escrituras Sagradas como o diabo da cruz. Quanto a mim, salvo o respeito devido aos Padres, prefiro a autoridades da Escritura, e é ela que eu recomendo a nossos juízes." [19]

Aqui findou-se a disputa entre Eck e Lutero. Carlstadt e o doutor de Ingolstadt discutiram ainda durante dois dias sobre o merecimentos do homem nas boas obras.

A 16 de julho, depois de ter durado vinte dias, terminou com um discureso do reitor de Leipzig. Assim que ele acabou, fez-se ouvir uma música brilhante, e a solenidade concluiu-se com o canto do Te Deum.

Mas durante esse canto solene já não eram os espíritos o que tinham sido durante o canto do Veni Spiritus. Já os pressentimentos de muitos pareciam realizados. Os golpes recíprocos que se haviam atirado os campeões das duas doutrinas tinham ferido gravemente o papado.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Lut. Opera, in Prier.

[2] * L. Opera Lat., 1, p. 243. Ibid.

[3] Ibid.. 244.

[4] Lut. Opera Lat., p. 243.

[5] * Lut. Opera Lat., 1, p. 244. Primus inter pares.

[6] Lut. Opera Lat., 1, p. 244.

[7] § L. Epp., 1, 299.

[8] * Lut. Opera Lat., 1, p. 137.

[9] sobre a qual somos edificados em casa espiritual. 1 S. Ped. 2:4 e 5.

[10] Lut. Opera Lat., 1, p. 250.

[11] * L. Opera, in Przef.

[12] Lut. Opera Lat., 1, p. 252.

[13] * L. Opera Lat., 1, p. 252.

[14]* Lut. Opera W., 15, p. 1440.

[15] Loscher, 3, p. 281. Lut. Opera, in Przef.

[16] Lut. Opera L., 17, p. 246.

[17] Ibid.

[18] Ibid., 1, p. 291.

[19] Hist. of Ref. Port, 11.

CAPÍTULO VI

Interesse dos leigos — Opinião de Lutero — Confissão e e jactância do doutor Eck — Resultados da disputa

— Poliandro — Celario — O jovem príncipe de Anhalt

— Os estudantes de Leipzig — Cnwiger — Vocação de Melancton — Emancipação de Lutero.

Estas disputas teológicas, a que na época atual a gente do mundo não quereria de certo consagrar alguns curtos instantes, tinham sido seguidas e ouvidas com muitã atenção. Leigos, cavalheiros, príncipes tinham mostrado um interesse nunca desmentido. O . duque Barnim de Pomerãnia e o duque Jorge se fizeram notar sobretudo por sua assiduidade. Mas alguns teólogos de Leipzig, amigos do doutor Eck, dormiam pelo contrário de mansinho, disse uma testemunha ocular. Era até necessário acordá-los quandó se acabava a disputa. para que não faltassem a seu jantar.

Lutero foi o primeiro • que deixou Leipzig; Carlstadt partiu depois; Eck aí permaneceu por alguns dias depois que partiram.

Não houve decisão sobre a disputa. [1]° Cada qual falou dela a seu modo. Houve em Leipzig," disse Lutero, "per- da de tempo e não indagação da verdade. Dois anos há que examinamos as doutrinas dos adversários; temos contados todos os seus ossos. Eck, pelo contrário roçou apenas a superfície; gritou, porém, mais em uma hora do que nós em dois longos anos.

Eck, escrevendo em particular a seus amigos, con-fessava a diversos respeitos sua derrota; não lhe falta-vam, porém, razões para explicá-la. "Os Witembergueses me venceram sobre diversos pontos," escreveu a Hochstraten em 24 de julho. [2]° "primeiro, porque trouxeram livros consigo, segundo, porque escrevia-se para eles a disputa, e eles a examinavam em casa com vagar; terceiro, porque eram muitos: dois doutores, (Carlstadt e Lutero) Lange, vigário dos agostinhos; dois licenciados, Amsdorf e um arrogantíssimo sobrinho de Reuchlin, (Melancton;) tres doutores em direito e muitos mestres em artes: todos ajudavam a disputa tanto em público como em particular. Quanto a mim, eu me apresentava desa-companhado, tendo só por companheira a equidade." Eck esquecia-se de Emser, do bispo e de todos os doutores de Leipzig. [3]

Se tais confissões escapavam a Eck em sua correspondência familiar, coisa muito diversa era em público. O doutor de Ingolstadt e os teólogos de Leipzig faziam grande barulho a respeito do que eles chamavam sua vitória. Espalhavam por toda a parte relações falsas. Todos os pregoeiros do pa:rtido repetiam as suas palavras de

louvor próprio. Por toda a parte Eck triunfa," escrevia Lutero. Mas no campo de Roma disputavam-se os louros. "Se não tivéssemos socorrido Eck," diziam os de Leipzig, "o ilustre doutor teria sido derribado." "Os teólogos de Leipzig são boa gente," dizia de sua parte o doutor de Ingolstadt, "mas eu confiei demais neles; eu sozinho fiz tudo."[4] "Tu vês", disse Lutero a Spalatino, "que eles cantam uma nova Ilíada e uma nova Eneida. Por muita bondade fazem de mim um Heitor ou um Turno, ao passo que Eck é para eles Aquiles ou Enéias. A dúvida única que lhes resta é saber se a vi-tória foi alcançada pelas armas de Eck ou pelas de Leipzig. Tudo o que eu posso dizer para esclarecer o negócio é que Eck não cessou de gritar, e que os de Leipzig não cessaram de calar.

Eck triunfou aos olhos dos que não compreendem a coisa, que encanesceram sob os escolásticos, disse o ele-gante, espirituoso e prudente Mosellano; "mas Lutero e Carlstadt ficaram vencedores para todos os que têm ciência, inteligência e modéstia." [5]

Contudo a disputa de Leipzig não devia esvair-se em fumo. Toda a obra feita com dedicação dá seus frutos. As palavras de Lutero tinham penetrado com pujança irresistível no espírito, de seus ouvintes. Muitos dos que todos os dias enchiam a sala do castelo foram subjugados pela verdade. Foi mesmo entre seus mais pronunciados adversários que ela fez mais numerosas conquistas. O secretário do doutor Eck, seu familiar, seu discípulo, Poliandro foi ganho para a Reforma, e desde o ano de 1522 pregou publicamente o Evangelho. João Celário, professor de hebraico, um dos homens mais opostos à Reforma, tomado das palavras do poderoso doutor, começou a sondar mais a Sagrada Escritura. Bem depressa ele deixou o lugar, e, cheio de humildade, veio estudar em Witemberg aos pés de Lutero. Mais tarde foi ele pastor em Francfort e em Dresde. [6]

Entre os que tinham tomado lugar nos assentos reservados à corte, e que rodeavam o duque Jorge, estava um príncipe de doze anos, oriundo de uma família célebre por seus combates contra os sarracenos, Jorge de Anhalt. Ele estudava nessit época em Leipzig, sob a direção de um aio. Um grande ardor pela ciência, e um vivo pensador pela verdade distinguiam já esse ilustre moço. Muitas vezes ouviam-no repetir esta sentença de Salomão: "O lábio mentiroso não convém ao príncipe." [7] Prov. 17:7. A disputa de Leipzig fez nascer nesse menino reflexões sérias, e decidida inclinação por Lutero. Algum tempo depois ofereceram- lhe um bispado. Seus irmãos, todos os seus parentes instavam para que aceitasse, querendo levá-lo às altas dignidades da igreja. Ele porém foi inabalável em sua recusa. Tendo morrido sua piedosa mãe, amiga secreta de Lutero, ele se achou de posse de todos os escritos do reformador. Ele apresentava a Deus constantes e fervorosas preces, pedindo-lhe que dobrasse seu coração à verdade, e muitas vezes na solidão de seu gabinete exclamava com lágrimas: "Faze a teu servo a tua misericórdia, e ensina-me

as tuas ordena-ções."[8] Suas súplicas foram ouvidas. Convencido, arrastado, ele se postou inpávido do lado do Evangelho. Em vão seus tutores, e principalmente o duque Jorge, o assediaram com súplicas e representações. Conservou-se inflexível, e Jorge, meio convencido pelas razões de seu pupilo, exclamou: "Nada lhe posso responder; ficarei todavia- em minha igreja, porque tomar ensino um cachorro velho não é coisa possível." [9]

Encontraremos mais tarde este príncipe tão amável, um don belos caracteres da Reforma, o qual ptegou em pessoa a seus súditos a palavra de vida, e ao qual se tem aplicado este dito de Dion sobre o imperador Marco Antonio: Foi conseqüente durante a vida inteira; era homem de bem, e não houve nele fingimento. [10]°

Foi sobretudo pelos estudantes que foram recebidas com entusiasmo as palavras de Lutem. Eles sentiram a diferença qúe havia entre o espírito e a vida do doutor de Witemberg, e as distinções sofisticas, as especulações vazias do chanceler de Ingolstadt. Viam a Lutero apoiando-se .sobre a palavra de Deus. Viam o. doutor Eck fündando-se apenas sobre tradições humanas. Foi pronto o efeito. As aulas da universidade de Leipzig ficaram quase vazias depois da disputa. Uma circunstância particular para isso contribuiu; pois a peste parecia aí declarar-se. Havia, porém, . muitas outras universidades, Erfurt, Ingolstadt, por exemplo, onde poderiam ter ido os estudantes Porém a força da verdade os atriu a Witemberg, de .sorte que a afluência de estudantes duplicou nesta cidade. [11]

Entre os que se transportaram de uma dessas uni-versidades para a outra notou-se um moço de dezesseis anos, de caráter melancólico, pouco falante, e que, muitas vezes, no meio das conversações e brinquedos dos con-discípulos, parecia absorvido em seus próprios pensamentos. Seus pais o tinham julgado a princípio fraco de espírito; mas bem depressa o viram tão pronto a aprender, tão continuamente ocupado em seus estudos, que conceberam delegrandes esperanças Sua retidão, candura, modéstia e piedade o faziam amado de todos, e Mosselano o assinalou como um modelo a toda a universidade. Chamava-se Gaspar Cruciger, e era originário de Leipzig. O novo estudante de Witemberg foi mais tarde amigo de Melancton, e ajudante de Lutero na tradução da Bíblia. [12]

A disputa de Leipzig teve efeitos ainda maiores. Foi nela que o teólogo da Reforma recebeu sua vocação. Modesto e silencioso Melancton assistira a discussão, sem quase nela tomar parte. Até então só se tinha ele ocupado com a literatura; a conferência lhe deu impulso novo, e o eloqüente professor foi levado para a .teologia. Desde então fez dobrar a. altivez de sua ciência diante da palavra de Deus. Ele recebeu a verdade evangélica com a simplicidade de uma criança. Seu auditório o ouviu expor as doutrinas. da salvação com tal graça e clareza que arrebatava a todos. Avançava ele com coragem nessa carreira nova para si, porque, dizia: Cristo

não faltará aos seus". [13]° Desde este momento os dois amigos caminharam juntos, combatendo pela liberdade e pela verdade, um com a força de S. Pedro, outro com a doçura de S. João. Lutero explicou admiravelmente a diferença de suas vocações. "Eu nasci," disse ele, "para vir às mãos no campo de ba.talha com os partidos e com os demónios. É esta a razão porque meus escritos estão cheios de guerra e de tempestade. É preciso que eu desarraigue os cepos e os troncos, qtie tire OS espinhos e as farças, que encha os paus e lamaçais. Eu sou o grosseiro derrubador que deve preparar as estadas, e igular o caminho. Mas o mestre em arte, Filipe, avança sempre tranqüilo, sempre manso; ele cultiva e planta; semeia e rega alegremente conforme os dons que com mão tão liberal deu Deus.

Se Melancton, o tranquilo semeador, foi chamado à obra pela disputa de Leipzig, Lutero, o vigoroso derru-bador sentiu nela seus braços fortificarem-se, e mais ainda se inflamou sua coragem. O efeito mais poderoso desta discussão se cumpriu no próprio Lutero. A teologia escolástica," disse ele, "desmoronou-se inteiramente a meus olhos sob a presidência triunfante do doutor Eck." O véu, que a escola e a igreja tinham estendido juntas diante do santuário, foi de cima a baixo rasgado para o reformador. Constrangido a novas indagações, ele chegou a descobertas inesperadas. Viu com tanto pasmo quanto indignação o mal em toda a sua plenitude. Sondando os anais da igreja, descobriu que a supremacia de Roma não tinha outra origem senão a ambição de uma parte, e uma crédula ignorância da outra. Ao ponto de vista estreito sob o qual ele tinha até então encarado a igreja sucedeu um outro mais largo e mais profundo. Reconheceu ele nos cristãos da Grécia e do Oriente verdadeiros membros da igreja católica; em vez de um chefe visível assentado à margem do Tibre,. ele adorou como chefe único do povo de Deus esse Redentor invisível, eterno que, segundo sua promessa, está todos os dias, no meio de todos os povos da terra, com os que crêem em seu nome.

A igreja latina não foi mais para Lutem a igreja universal; ele viu caírem as barreiras estreitas de Roma, e deu um grito de alegria, divisando bem além, o domínio glorioso de jesus.Cristo. Desde então ele compreendeu que podia ser membro da igreja de Cristo, sem sê-lo da igreja do papa. Sobretudo os escritos de João Huss fizeram nele forte impressão. Nesses escritos encontrou com grande supresa a doutrina de S. Paulo e de S, Agostinho, essa doutrina a que ele próprio não tinha chegado senão depois de tantos combates. "Cri," disse ele, "ensinei sem o saber, todas as doutrinas de João Huss; [14]° o mesmo fez Staupitz. Para encurtar razões, sem o pensar somos todos hussitasl S. Pau- lo e S. Agostinho também o eram. Estou confuso e não sei o que pensar... Oh! que terríveis juizos de Deus não tém os homens merecido, já que a verdade evangélica, desvendada e publicada há mais de um século, foi con-denada, queimada, sufocada ... Ai, ai, da terral...

Lutero se. desligou do papado;, concebeu então por ele uma aversão pronunciada, uma santa indignação; e todas as testemunhas, que em cada século se tinham le. vantado contra Roma, vieram .alternadamente depor diante dele contra ela, ou revelar-lhe abusos e erros. "O trevas!" exclamava o reformador. [15]

Não lhe permitiram que st calasse sobre, estas tristes descobertas. O .orgulho de seus adversários, seu pretendido triunfo, os esforços que eles faziam para extinguir a luz, decidiram sua alma. Ele avançou pelo caminho em que Deus o levava, sem se inquietar do fim a que ele poderia conduzir. Lutero assinalou este momento como o de sua libertação do jugo papal. "Aprendei de mim," disse ele, "quanto é difícil desembaraçar-se de" erros que o mundo inteiro confirma com seu exemplo, e que por longo hábito se têm tornado para nós uma segunda natureza. Havia sete anos que eu lia e explicava publicamente a Escritura Santa com grande zêlo, de sorte que eu a sabia quase inteira de cor. Eu tinha também todas as primícias do conhecimento e da fé em meu Senhor Jesus Cristo; isto é, eu sabia que nós não somos justificados e salvos por nossas obras, mas pela fé em Cristo; e .mesmo eu sustentava abertamente que não é por direito divino que o papa é chefe da igreja cristã. E todavia... eu não podia ver o que daí se deduz a saber que, necessária e certamente, o papa é do. diabo. Porquanto o que não. [16] é .de Deus deve necessariamente ser do diabo. Lutero acrescentou um pouco mais adiante: "Eu me não aban-dono mais à minha indignação contra os que estão ainda ligados ao papa, visto que eu, que havia tantos anos lia com extremo cuidado as Escrituras Santas, me aferrava ao papismo com tamanha obstinação." [17]

Tais foram as verdadeiras consequências da disputa de Leipzig, bem mais importantes do que a própria disputa. Ela foi semelhante a esses primeiros sucessos que disciplinam um exército e inflamam a sua coragem.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Pallavicini, 1, p. 65.

[2] Ep. 1, p. 291.

[3] * Corpus Reform., I, p. 83.

[4] Lut. Ep., 1, p. 290.

[5] * Lut. Ep., 1, p. 305.

[6] Seckendorf, p. 207.

[7] * Lut. Opp. W., 15, p. 1440.

[8] M. Adami, Vita Georgii Anhali, p. 248.

[9] * Mele. Adam., p. 255.

[10] Pfeifer, Hist. Lipsiensis, p. 356.

[11] Melc. Adami Vita Crucigeri, p. 193.

[12] Corpus Reform., 1, p. 104.

[13] Lut. Opera W., 14, p. 2001.

[14] * Lút. Ep., 2, p. 452.

[15] Lut. Opera Lat. in PrEef.

[16] * Lut. Opera Lat. in Prwf.

[17] Ib. Ibid.

CAPÍTULO VII

Eck ataca a Melancton — Defesa deste — A interpretação da Santa Escritura — Firmeza de Lutero — Os ir-mãos de Boêmia Emser — Staupitz.

Eck se abandonava a toda a embriaguez daquilo que ele queria fazer passar por vitória. Despedaçava a Lutero. Amontoava acusações sobre acusações. [1]° Escrevia a Frederico. Pretendia, como general hábil, .aproveitar-se da per-turbação que se segue sempre a uma batalha, para obter dó príncipe importantes concessões. Enquanto esperava as medidas a tomar contra o adversário em pessoa, ia ateando fogo contra seus escritos, [2]*mesmo contra os que não tinha lido. Suplicou ao eleitor que convocasse um concí- lio provincial: "Exterminemos toda está piolhada," dizia o grosseiro doutor,. "antes que ela se tenha .multiplicado demais." [3]

Não foi só contra Lutem que ele descarregou a bílis. Sua impudência chamou Melancton a terreiro. Melancton, ligado por terna amizade com o excelente Oécolampadio, lhe deu conta da disputa, falando com elogios do dáutor Eck. Ofendeu-se todavia o orgulho do chanceler de In- golstadt. Lançou logo mão da pena contra esse ramá-tico de Witemberg, que, na, verdade, não ignorava, dizia ele, "o latim e o grego, mas que se atrevera a publicar uma carta em que o tinha insultado a ele, doutor Eck." [4]§

Melancton respondeu. Foi este o seu primeiro -escrito teológico. Nesta obra se acha aquela esquisita urbanidade que distinguia esse excelente homem. Estabelecendo os princípios fundamentais da hermenêutica, ele mostra que não se deve explicar a Escritura Santa pelos Padres, mas os Padres pela Escritura Santa. "Quantas vezes não se enganou Jerônimol" disse ele, quantas Agostinho! quantas Ambrosio! Quantas vezes não são eles de parecer diferente! Quantas vezes não retratam seus. erros! . Só existe uma única Escritura, inspirada pelo Espírito do céu, pura e verdadeira em todas as coisas. [5]°

"Dizem que Lutero não segue algumas exposições am-bíguas dos antigos; porque• as seguiria ele? Quando expõe a passagem de S. Mateus: "Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja," ele fala como Orígenes, que, por si só, vale muitos; como Agostinho em sua homília; como Ambrósio em seu sexto livro sobre S. Lucas; passo outros em silêncio. Que pois! direis vós, os Padres se contradizem? E que há nisso para admirar-se? Creio nos Padres porque creio na Escritura Santa. O sentido da Escritura é um e simples, como a própria verdade celeste. Alcança-se este sentido comparando uma parte da Escritura com outra, e se deduz do fio e do encadeamento do discurso. Há uma filosofia que [5]*nos é ordenada em relação às Escrituras de Deus; é submeter . a elas todas as opiniões e todas as máximas dos homens, como a pedra de toque que as deve •experiinentar". [6]•

Muito tempo havia, que se não tinham exposto com tanta elegância verdades tão poderosas. A palavra de Deus era posta em seu lugar; e os Padres também no seu. .0 caminho simples pelo qual se obtém o sentido verdadeiro da Escritura estava firmemente traçado. A palavra sobrenadava acima de todas as dificuldades e de todas as ex-plicações da escola. Melancton fornecia o necessário para se responder aos que, como o- doutor Eck, embrulhassem este assunto, até nos tempos Trilais remotos. O frágil gramático se tinha levantado; os ombros largos e robustos do gladiador escolástico tinham vergado ao primeiro movimento de seu braço.

Quanto mais fraco se sentia Eck, tanto mais gritava. Pretendia com suas rodomontadas e acusações assegurar-se da vitória que tinha escapado a suas disputas. Os frades e todos os partidários de Roma juntavam seus gritos aos de Eck. De todas as partes da Alemanha se levantavam exprobações contra Lutero; ele, porém, conservava-se impassível. "Quanto mais vejo meu nome coberto de opróbrio, mais me glorifico," disse ao acabar as explicações que publicou sobre as proposições de Leipzig. "É preciso quê a verdade, isto é, Cristo, cresça, e que eu diminúa. A voz do esposo e da esposa me dão mais alegria do que todos estes clamores que não me metem medo. Não são os homens- os autores de meus males, e eu não sinto por eles ódio algum; Satanaz, o príncipe do mal, é quem estimaria amedrontar-me. Mas aquele que está em nós é maior do que aquele que está no mundo. O juízo de nossos contemporâneos é mau, o da posteridade será melhor."

Se a disputa de Leipzig multiplicou na Alemanha os inimigos de Lutero, aumentou também o uúmero de seus amigos. O que Huss foi outrora na Boêmia vós sois agora na Saxônia, ó Martinho!" lhe escreveram os irmãos da Boêmia: orai pois, e sêde forte no Senhor!" [7]

A guerra rebentou por este tempo entre Lutero e Emser que era então professor em Leipzig. Este escreveu ao doutor Zach, zeloso católico-romano de Praga, uma carta em que dava mostras de se propor a tirar aos hussitas á idéia de que Lutero fosse dos seus. Lutero não pode duvidar de que, parecendo justificá-lo, o sábio Leipsiguense se propunha a fazer pairar sobre ele a suspeita de que aderia à heresia boémia, e por conseguinte determi- nou rasgar violentamente o véu com que seu antigo hós-pede de Dresde pretendia encobrir a inimizade. Para este efeito publicou uma carta dirigida. ao "bode Emser". Emser tinha por armas um bode. Lutero terminou esse escito com estas palavras que pintam bem seu caráter: "Amar a todos os homens, mas não temer nenhum."

Enquanto novos amigos e novos inimigos assim se mostravam, amigos antigos pareciam se afastar de Lutero. Staupitz, que fizera sair o reformador da obscuridade do claustro de Erfurt, começou a testemunhar alguma frieza. Lutero levantava-se alto demais para Staupitz, que não podia segui-lo. "Abandonais-me," escreveu-lhe

Lutero: "tenho estado o dia inteiro triste por vossa causa como o menino que desmamaram, e • que chora sua mãe. [8]* Sonhei convosco esta noite," continuava o reformador. "Vós vos afastáveis de mim, e eu suspirava e derramava lágrimas amargas. Vós, porém, estendendo-me a mão, me clizieis que me acalmasse, que vós voltaríeis para mim."

O pacificador Miltitz quis tentar novos esforços para sossegar os ânimos. Mas que influência se pode ter sobre homens ainda agitados pela emoção da luta? Seus esforços deram em nada. Ele trouxe a famosa rosa de ouro para o eleitor, e este príncipe nem sequer deu-se o trabalho de recebê-la em .pessoa. Frederico conhecia os artifícios de Roma; preciso era renunciar a esperança de enganá-lo. [9]§

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Mclanct. Corp. Ref. 1, p. 106.

[2] Lut. Opera Lat. 17, p. 271.

[3] Ibid., 1, p. 337.

[4] § Lut. Opera Lat., 1, p. 338.

[5] * Contra Eckium Defensio, Corp. Ref., 1, p. 115. Ibid.

[6] Ibid., p. 115.

[7] * Lut. Opera Lat., 1. 310.

[8] Lut. Opera Lat., 1, p. 252. * Ep., 1, p. 342.

[9] L. Opera Lat, in Prxef. § Ibid.

CAPÍTULO VIII

Epístola aos Gálatas — Cristo por nós — Cegueira dos adversários — Primeiras idéias sobre a santa ceia — O sacramento sem a fé será suficiente? — Lutero boémio — Eck atacado — Eck vai para Roma.

Muito longe de recuar, Lutero avançava sempre. Foi então que ele deu no erro um dos mais rudes golpes, publicando o seu primeiro comentário sobre a epístola aos Gálatas. [1] O segundo comentário excedeu sem dúvida ao primeiro; mas já neste ele expunha com uma grande for-ça a doutrina da justificação pela fé. Cada palavra do novo apóstolo era cheia de vida, e Deus dele se serviu para fazer penetrar o conhecimento do coração do povo. "Cristo deu-se a si mesmo por nossos pecados," dizia Lutero a seus contemporâneos. [2] Não foi prata nem ouro que ele deu por nós; não foi um homem; não foram os anjos todos: foi a si próprio que ele deu, a sua pessoa da qual nada há que seja grande. E este tesouro incomparável, ele deu por nossos pecados! Onde estão agora os que gabam com orgulho o poder da nossa vontade? Onde estão os ensinos da filosofia moral? Onde estão o poder e a força da lei? Já que nossos pecados eram tamanhos, que nada os pode tirar, a não ser esse imenso resgate, pretendemos nós ainda obter a justiça pela força de nossa vontade, pelo poder da lei, pelas doutrinas dos homens? Que fazemos nós com todas [3]• .estas ligeirezas de mãos, com .todas estas .ilusões, Ah! cobriremos nossas iniquidades com uma justiça mentirosa, e. constituir-nos-emos hipócritas que coisa-alguma do mundo o poderá salvar.

Mas se. Lutero estabeleceu assim que ,não há salvação para o homem senão em Cristo, mostrou também que essa salvação muda o homem e o faz abundar em boas obras. "Aquele que ouviu verdadeiramente as palavras de Cristo," disse ele, "e que a guarda, é logo revestido do espírito de caridade. Se tu amas aquele que te fez presente de vinte florins, ou que te prestou. qualquer serviço, ou que te testemunhou de qualquer outro modo sua afeição, quanto mais não deves amar aquele que não deu por ti ouro nem prata, mas que se deu a si próprio, que recebeu por ti tantas feridas, que suou sangue por ti, que morreu por ti; em uma palavra, que pagando por todos os teus pecados, sorveu a morte, , e adquiriu para ti no céu um Pai cheio de. amor!. . . Se não o amas, não ouviste de coração as coisas que ele fez: não as acreditaste: porque a fé obra pela caridade." "Esta epístola é minha epístola," dizia Lutero falando da epístola aos Gálatas. "Eu me casei .com ela."

Seus adversários o faziam andar mais depressa do que teria andado. Eck excitou contra ele nesta época um novo ataque dos franCiscanos de Juterback. Lutero, em sua resposta, [4]° não Contente. de repetir o que ensinara já, atacou erros que tinha decoberto haviã pouco. "Eu esti-maria muito saber," disse ele, "em que lugar dá Escri-tura foi dado aos papas o poder de canonizar os santos; e, também que

necessidade, que utilidade mesmo há em canonizá-los?.... Demais", acrescentou ele com ironia, "ca-nonizem quantos quiserem!" .

Estes novos ataques de Lutero ficavam sem reposta. A cegueira de seus inimigos lhe era tão favorável como a sua própria coragem. Eles defendiam com paixão coisas acessórias, e quando Lutero levava a mão aos ali-cerces da doutrina romana, eles os viam abalar-se sem dizer palavra. Agitavam-se para defender alguns redutos avançados, e, no entretanto, seu intrépido adversário penetrava no corpo da praça, e .aí plantava afoitamente o estandarte da verdade. Também mais tarde ficaram espantados de ver a fortaleza, de que se tinham constituído defensores, minada, incendiada, esboroar-se no meio .das chamas, ao passo que eles a julgavam inexpugnável, e afrontavam ainda que os que lhe davam assalto. Assim se efetuam as grandes quedas.

O sacramento da ceia do Senhor começava a ocupar o pensamento de Lutero. Em vão procurava ele essa ceia santa na missa. Um dia, .foi pouco tempo depois que vol-tara.. de Leipzig, subiu ao púlpito. Demos atenção às suas palavras, porque foram as primeiras que pronunciou sobre um assunto que rasgou depois em duas partes a igreja da Reforma: "Há;" disse ele, "no santo sacramento do altar Ires coisas que convém conhecer: o sinal que deve ser exterior, visível e sob forma corpórea; a significação que é interna, espiritual, e que está no espírito do homem; a fé que faz uso tanto de uma coisa como de outra." Se não se tivessem levado. muito longe as definições, a unidade, não teria sido destruída.

[5]• Lutero continuou: "Seria bom que a igreja, em um concílio geral, ordenasse que se distribuíssem as duas es-pécies a todos os fiéis; não que contudo não baste uma só espécie, porquanto a fé só seria já suficiente." Essas ousadas palavras agradaram à assembléia. Alguns ouvin-tes, todavia, pasmaram e ficaram irritados. "É falso," disseram eles, "é um escândalo!" [6]°

O ,pregador continuou: "Não há," disse ele, união mais íntima, mais profunda, mais indivisível do que a que tem lugar entre o alimento e o corpo que o ali-mento nutre. Cristo se une a nós no sacramento de modo tal, que ele obra como se fossem nós próprios. Nossos pecados o asssaltam. Sua justiça nos defende. .

Mas Lutero não se contentou com expor a verdade: ele atacou um dos erros mais fundamentais de Roma. A igreja romana sustenta que o sacramento opera »por si mesmo, independente da disposição daquele que o rece-be. Nada mais cômodo do. que semelhante opinião. Vem daí o ardor com que se procura o sacramento, vêm daí os proventos do clero romano. Lutero atacou o doutrina, e lhe opôs a doutrina contrária, [7]§ em virtude da qual tornam-se necessárias a fé, a boa vontade do coração.

Esse protesto enérgico devia derrubar antigas superstições. Mas,coisa admirável! ninguém a isso deu atenção. Roma. deixou passar o que teria devido fazer-lhe dar um grito de agonia, e arremessou-se com impetuosidade sobre a observação pouco importante que Lutero atirara no começo de seu discurso, relativa à comunhão sob as duas espécies. Tendo esse discurso sido publicado no mes de dezembro, de todas as partes levantou-se um grito contra a heresia. "Ë a doutrina de Praga em toda a sua pureza!" exclamaram no côrte de Dresde onde o sermão chegou por ocasião das festas do Natal; "demais a obra é em alemão, para que os simples a compreendam." A devoção do príncipe perturbou-se com isto, e, no terceiro dia de festas, ele escreveu a seu primo Frederico: "Desde a publicação deste discurso, tem-se aumentado de seis mil pessoas na Boêmia o número dos que recebem a ceia sob as duas espécies. Nosso Lutero, de professor de Witemberg que era, vai tornar-se bispo de Praga e arquierétiol ... "Ele nasceu na Boêmia!" exclamavam, "de pais boêmios; foi criado em Praga, e instruído nos livros de Wicliff! [8]

Lutem julgou de seu dever contradizer os boatos em um escrito em que contou sisudamente a história de sua origem. Nasci em Eisleben," disse ele, "e fui batizado na igreja de S. Pedro. Dresde é o lugar mais próximo da Boêmia, em que tenho estado em minha vida.

A carta do duque Jorge não indispôs o eleitor contra Lutero. Poucos dias depois esse príncipe convidou o doutor para um banquete esplêndido que ele oferecia ao embaixador de Espanha, e Lutero aí combateu valentemente contra o ministro de Carlos. O eleitor lhe tinha mandado pedir por intermédio do seu capelão que defendesse sua causa moderadamente. "Loucura. demais desagrada aos homens," [9] respondeu Lutero a Spalatino, "mas prudência demais desagrada a Deus. Não se pode defender o Evangelho sem tumulto e sem escândalo. A palavra de Deus é uma espada, ela é uma guerra, ela é uma ruína, ela é um escândalo, ela é uma destruição, ela é um veneno; [10]§ e, corno diz o profeta Amós, ela se apresenta semelhante a um urso no caminho, é uma leoa na floresta. Amós 5:9. Eu nada procuro, nada peço. Há Um mais forte do que eu me procura e que pede. Se ele cair eu nada perco; se ele ficar de pé não tiro proveito algum." [11]°

Tudo anunciava que mais do que nunca ia ter Lutero necessidade -de fé e de coragem. Eck formava projetos de vingança. Em vez dos louros que contara recolher, o gladiador de Leipzig atraira sobre sí a irrisão de todos os homens espirituosos de sua nação. Publicavam contra ele sátiras mordentes. Ora era uma Epístola de cônegos ignorantes, escrita por Oecolampadio, e que feriu a Eck no imo da alma; ora era uma lamentação sobre Eck, provavelmente devida à pena do excelente Pirckheimer de Nuremberg, cheia ao mesmo tempo de sarcasmo e de dignidade de que só podem dar alguma idéia as Provinciais de Pascal.

Lutero manifestou o descontentamento que lhe cau-savam muitos desses escritos. "Vale mais," disse ele, "atacar. abertamente do que moder, conservando-se oculto atrás de uma sebe." [12]

Que desapontamento para o. chanceler de Ingolstadt! Ele se aprontou para ir além dos Alpes invocar um so-corro estranho. Em todos os lugares por onde passou vo-mitou ameaças contra Lutero, contra Melancton, entra Carlstadt, e até contra o próprio eleitor. "Pela altivez," disse o .doutor de Witemberg, "se diria que ele se julga o próprio Deus onipotente." Inflamado de cólera. e de de-sejos de vingança, Eck, depois de ter publicado, em feve-reiro de 1520, sobre o primado de S. Pedro, um escrito desprovido de toda a critica sã, e no qual ele pretendia que esse apóstolo, o primeiro dos papas, tinha residido por vinte e cinco anos em Roma, Eck partiu para a Itália, a fim de nela receber a recompensa de seus pretendidos triunfos, e de forjar em Roma, perto do Capitólio papal,.. raios mais poderosos .do que as frágeis armas escolás-ticas que se tinham quebrado nas suas -mãos:

Lutero compreendeu• todos os perigos que essa via-gem ia atrair sobre si, mas não teve medo. Spalatino, as-sustado, o convidou a que oferecesse a paz. "Não," res-pondeu Lutero, "enquanto ele gritar não poderei retirar minhas mãos da batalha. Entrego tudo o Deus. Abando-no meu navio às ondas e aos ventos. A guerra é do Se-nhor. Por que julgais vós_ que será pela paz que Cristo fará progredir a sua causa? .Não combateu ele com seu próprio. sangue, e depois dele todos os mártires?" [13]*

Tal era, no começo do ano de 1520, a posição dos dois, combatentes de Leipzig. Um movia todo o papado para ferir o seu rival; outro esperava a guerra com a calma com que se. espera a paz. O ano seguinte tinha de ver estrondar a tormenta. [14]

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Em setembro de 1519.

[2] Lut. Opera Lat., 10, p. 461.

[3]* Lut. Opera L., 1, p. 356.

[4] -I- ibid., p. 367.

[5] * Lut. Opera, 17, p. 272.

[6] Lut. Opera Lat., 17, p. 281.

[7] Concilio de Trento, Sess. 7, canon 8. Conhecida sob o nome de opus operatu►n. § A de opus operatis.

[8] Lut. de Opera Lat., 17, p. 281.

[9] Lut. Ep., 1, p. 389. Ibid., p. 396.

[10] § Ibid., p. 417.

[11] I.ut. Epist., 1, p. 418.

[12] Ibid., p. 426.

[13] Ibid., p. 380.

[14] * Lut. Epist., 1, p. 425.

LIVRO VI • A BULA DE ROMA (1520)

CAPÍTULO I

Caráter de Maximiliano — Aspirantes ao Império — Carlos V .— Francisco I — Disposições dos alemães — A corda é oferecida a Frederico — Carlos V é eleito.

Um novo personagem ia aparecer em cena. Deus queria por em presença do frade de Witemberg o monarca mais poderoso que desde Carlos Magno tinha aparecido na cristandade. Escolheu um príncipe no vigor da mocidade, e a quem tudo anunciava um reinado de longa duração, um príncipe cujo cetro se estendia sobre uma parte considerável do mundo antigo e sobre um mundo novo, de sorte que, segundo uma expressão célebre, nunca havia ocaso do sol nos seus vastos estados; e esse príncipe opôs a humilde Reforma, começada na cela obscura de um convento de Erfurt pelas angústias e suspiros de um pobre frade..A história desse monarca e de seu reinado estava, ao que parece, destinada a dar ao mundo uma grande lição. Ela devia mostrar o nada de todo o poder do homem," quando pretende lutar com "a fraqueza de Deus.

Se um príncipe, amigo de Lutero, tivesse sido cha-mado ao império, ter-se-iam atribuído os sucessos da Re-forma à sua proteção. Se mesmo um imperador oposto à nova doutrina, mas fraco, tivesse ocupado o trono, ter-se-iam explicado os triunfos dessa obra pela fraqueza do monarca. Mas foi o soberbo vencedor de Pavia quem teve de humilhar o seu orgulho diante do poder da palavra divina; e todo o mundo viu que aquele, para quem era coisa fácil arrastar Francisco I cativo a Madri, devia depor a sua espada diante do filho de um pobre mineiro.

O imperador Maximiliano tinha morrido, e os eleitores se tinham reunido em Francfort para lhe dar um sucessor. Era um negócio importante para a Europa nas cir-cunstâncias em que ela se achava. Toda a cristandade es-tava ocupada como esta eleição. Maximiliano não fora um grande príncipe, mas sua memória era querida do povo. Gostavam de trazer à lembraça sua presença de espírito e sua mansidão pachorrenta. Lutero conversava muitas vezes a respeito dele com seus amigos. Ele lhes contou um dia a seguinte pilhéria desse monarca:

Um mendigo lhe embargara os passos, e lhe pedira esmola, chamando-o seu irmão, porque," dizia ele, "nós ambos descendemos do mesmo pai, Adão. Eu sou pobre, continuava o tal, "e vós sois rico: é, pois, do vosso dever socorrer-me." O imperador, a estas palavras, voltou-se e lhe disse: "Toma lá duas moedas; vai ter com teus outros irmãos, e se cada um te der a mesma quantia ficarás mais rico do que eu." [1]

Não era um Maximiliano bonachão quem devia ser chamado a trazer a coroa. Os tempos iam mudar; ambições pujantes iam disputar o trono dos imperadores, do

ocidente; mão enérgica ia apoderar-se das rédeas do império, e longas e sangrentas guerras estavam a ponto de suceder-se a uma profunda paz.

Três reis pediam à assembléia de Francfort a coroa dos Césares. Um jovem príncipe, neto do último imperador, nascido com o século, e, por conseqüência, com dezenove anos de idade, se apresentava em primeiro lugar.

Chamava-se Carlos, tinha nascido em Cand. Sua avó ma-terna, Maria, filha de Carlos, o ousado, lhe tinha deixado as Flandres e os ricos estados da Borgonha. Sua mãe, Joana, filha de Fernando de Aragão e de Isabel de Castela, mulher de Filipe, filho do imperador Maximiliano, lhe transmitira as coroas reunidas das Espanhas, de Nápoles e da Sicília as quais Cristovam Colombo tinha juntado um novo mundo. A morte de seu avô o. punha nesse momento de posse dos estados hereditários da Áustria. Este jovem príncipe, dotado de muita inteligência, amável quando queria sê-lo, juntava ao gosto dos exercícios militares, em que se tinham distinguido por tanto tempo os brilhantes duques de Borgonha à fineza e à penetração dos italianos — ao respeito pelas instituições existentes, que ca-racteriza ainda a casa da Áustria, e que prometia ao papado um firme defensor — um grande conhecimento dos negócios públicos, adquirido sob a direção de Chièvres; porquanto desde a idade de quinze anos ele tinha assistido a todas as deliberações de seus conselheiros. [2]° Essas qualidades tão diversas estavam como que cobertas e veladas pelo recolhimento e taciturnidade espanhola; havia algo de triste em seu semblante alongado. "Ele é piedoso e tranqüilo," dizia Lutero; "sustento que ele não falta tanto em um ano como eu em um dia." Se Carlos se tivesse desenvolvido sob uma influência livre e cristã, teria talvez sido um dos príncipes mais dignos de admiração de que fala a história; mas a política absorveu sua vida e crestou suas felizes disposições.

Não satisfeito com todos os cetros que reunia em sua mão, o jovem Carlos ambicionava a dignidade imperial. "É um raio de sol que projeta brilho sobre a casa a que esclarece," diziam muitos; "levantai, porém, a mão para agarrá-lo e nada achareis." Carlos aí via, pelo contrário, o arremate de toda a grandeza terrestre, e um meio de obter sobre o espírito dos povos uma mágica influência. [3]

Fancisro I, rei de França, era o segundo dos compe-tidores. Os jovens paladinos da corte deste jovem rei cavalheiro lhe repetiam incessantemente que êle, como Carlos Magno, dévia ser imperador de todo o ocidente, e que, ressuscitando as façanhas dos antigos valentes, devia atacar o crescente que ameaçava o império, desbaratar os in-fiéis, e recobrar o santo sepulcro.

"É preciso provar aos duques da Áustria que a coroa do império não é hereditária," diziam aos eleitores os embaixadores de Francisco.. "Demais a Alemanha, nas atuais circunstâncias, tem necessidade, não de um moci-nho de

dezenove anos, mas de um príncipe qué a um juízo experimentado junte talentos já reconhecidos. Francisco reunirá as armas da França e da Lombardia às da Alemanha para mover guerra aos muçulmanos. Além disto, soberano do ducado de Milão, ele é já membro do impé-*rio.[4]" Os embaixadores franceses apoiavam estas razões com quatrocentos mil escudos que distribuíam para com-prar sufrágios e para festins em que deviam embriagar os convivas.

Enfim, Henique VIII, rei da Inglaterra, cioso da in-fluência que a escolha dos eleitores daria a. Francisco ou a Carlos, se pôs também na lista; mas deixou logo esses dois poderosos rivais disputar sozinhos a coroa.

Os eleitores pouco dispostos estavam em favor .de qualquer destes competidores. "Nossos povos," pensavam eles, "verão no rei de França um senhor estrangeiro que poderia ,bem roubar-lhs a independência de que,. pouco há, se têm visto privados os grandes de seus próprios estados." Quanto a Carlos, era princípio antigo dos eleitores não escólher príncipe que já representasse um papel importante no império. • O papa particiava destes receios. Ele não queria nem o rei de Nápoles, seu vizinho, nem o rei de França, cujo espírito empreendedor temia. "Escolhei antes um de entre vós," mandou dizer aos eleitores. O eleitor de. Trèves propos que se nomeasse Frederico de Saxônia. A coroa imperial foi deposta aos pés desse amigo de Lutero.

Esta escolha teria obtido a aprovação de toda a Alemanha . A .rudência de Frederico e seu amor com o povo eram bem conhecidos. Por ocasião da revolta de Er-furt, tinham instado com ele para que tomasse a •cidade de assalto. Rècusou-se a isto para poupar sangue. "Mas," responderam-lhe, "não chegará a çustar cinco hómens. Um só que custasse seria demais," replicou ..o príncipe. ° Parecia que a eleição do protetor da Reforma ia assegura um raro triunfo. dessa obra. Não deveria Frederico ter enxergado no desejo dos eleitores . um chamamento do próprio Deus? Quem melhor do que ele com tanta aptidão e um príncipe tão prudente poderia presidir aos destinos do império?

Quem melhor do que uni imperador cheio de fé poderia ser forte contra os turcos? Talvez que a recusa do eleitor de Sa-xônia, tão louvado pelos historiadores, fosse uma falta desse príncipe., Talvez que se lhe tenha de atribuir em parte as -lutas .que dilaceraram mais tarde a Alemanha. Difícil, porém,. é -dizer se Frederico merece ser censurado por sua faltá de fé, ou ser louvado por sua humildade. julgou ele que a própria salvação do império exigia que recusasse a Coroa. "Torná-se preciso," disse esse príncipe modesto e desinteressado, `.`um imperador mais poderoso do que eu para salvar a Alemanha. O turco bate-nos às portas. O rei da Espanha cujas possessões hereditárias da Áustria limitam a fronteira ameaçada, é o seu. defensor natural.

O legado de Roma; vendo que: Carlos ia ser escolhido. declaráti que .0 papa retirava as suas objeções; e a 28 de julho o neto de Maximiliano foi eieitó. "Deus," disse mais tarde Frederico, "no-lo- deu em. seu .favor e • em sua ira." [5]*

Os enviados espanhóis apresentaram .trinta mil florins de. ouro. ao -eleitor de Saxônia,-c; orno sinal do reconhecimento de seu amo; mas este príncipe os recusou,• e proi- biu a seus ministros que aceitassem qualquer presente. Ao mesmo tempo ele assegurou liberdades alemãs por um tratado que os enviados de Carlos juraram em seu nome. As circunstâncias em que este cingia a cabeça com a coroa imperial pareciam mais ,ainda do que juramentos, assegurar as liberdades germâniças e a obra da Reforma. Este jovem príncipe estava pfuscado com os louros que Francisco I, seu rival, colhera em » Marignan. A luta deveria prosseguir na Itália, e bastaria sem dúvida à Reforma esse tempo para firmar-se. Carlos, deixou a Espanha em maio de 1520, e foi cooado a 22 de outubro em Aix-la-Chapelle.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Lut. Opera W., 22, p. 1869.

[2] * Memórias de du Bellay, 1, p. 45.

[3] Lut. Opera W., 22. p. 1874.

[4] Lut . Opera W.. 22. p. 1858. -f 1. p. 79.

[5] Lu 1. Opera W.. 22. p. 1880.

CAPÍTULO II

Lutero escreve ao Imperador — Seu perigo —. Instruções de Frederico a seu enviado em Roma — Os sentimen-tos de Lutero — Receios de Melancto-n — Os nobres na Alemanha favorecem a Reforma — Schaumburg — Sickingen — Ulrico de Hutten — Confiança de Lutero — Erasmo defende a Lutero Abstémio Hedio — Lutero adquire mais liberdade — A fé, manancial das obras — Donde vem a fé? — Lutero julgando seus escritos.

Lutero tinha previsto que a • causa da Reforma seria logo levada diante do novo imperador. Ele escreveu a Carlos quando ainda se achava em Madri -esse príncipe: Se a causa que defendo, lhe disse ele, "é digna de se apresentar diante do trono da majestade celeste, não deve ser digna de ocupar um príncipe deste mundo. C5 Carlos, príncipe dos reis da lanço-me súplice .aos pés de vossa sereníssima majestade, ,e vos conjuro a que vos digneis receber à sombra de vossas asas, não a mim, mas a causa mesma dessa eterna verdade, para cuja defesa Deus vos confiou a espada." [1]° O jovem rei da Espanha pôs de parte essa carta singular de uni frade alemão, e não lhe deu resposta.

Enquanto Lutero voltava-se em vão para Madri, a tor-menta parecia crescer em torno de si. O fanatismo acen-dia-se na Alemanha. Hochstraten, infatigável em seus esforços de perseguição, tinha extraído algumas teses dos escritos de Lutero. A seu pedido as universidades de Colônia e de Louvain tinham condenado essas obras. A de Erfurt, irritada sempre por lhe ter Lutero, preerido Witemberg, ia seguir o seu exemplo. Tendo-o, porém, sabido, o doutor escreveu a Lange uma carta tão enérgica que os teólogos de Erfurt espantados se calaram. A condenação pronunciada em Colônia e Louvain bastava todavia para incendiar os ânimos. Houve ainda mais: os padres da Mísnia, que tinham abraçado a causa de Em-ser, diziam em voz alta (é Melancton quem o refere) quem matasse a Luter,-; ficaria sem pecado. "Eis o tempo," disse Lutero, "em riue os homens crerão prestar serviço a Jesus Cristo, dandf)-nos à morte." Essas palavras deviam dar seus frutos. [2]

Um dia, conta um biógrafo, em que Lutero estava diante do claustro dos agostinhos, um forasteiro que trazia uma pistola escondida na manga chegou-se a ele, e disse- lhe: "Porque andais assim sozinho?" Eu estou nas mãos de Deus, respondeu Lutero, Ele é minha força e meu escudo. Que me poderá fazer o homem mortal? [3] A estas palavras o desconhecido empalideceu, e fugiu. Serra- Longa, o orador da conperência de Augsburgo, escreveu por esse tempo ao eleitor: Não ache Lutero àsilo algum nos estados de vossa alteza repelido por todos, seja ape- drejado à face do céu, tal acontecimento me será mais grato do que se eu recebesse de vós dez mil escudos. [4]° Era sobretudo da banda de Roma que roncava a tor- menta.

Um fidalgo da Turíngia, Valentim Teutheben, vi- gário do arcebispo de Mogúncia, e partidário zeloso do papa, representava em Roma o eleitor da Saxônia.

Teuthe- ben, envergonhado da proteção que seu amo dispensava ao frade herético, via com impaciência paralisada a sua missão por essa conduta imprudente. Julgou ele de si para si que, assustando ao, eleitor, o decidiria a abandonar o teólogo rebelde. "Não me querem ouvir," escreveu a seu amog, "por causa da proteção que dispensais a Lutero." Os romanos, porém, enganavam-se quando supunham amedrontar o prudente Frederico. Esse príncipe sabia que a vontade de Deus e o movimento do povo eram mais irresistíveis do que decretos da chancelaria papal. Ordenou a seu enviado que insinuasse ao papa que, longe de defender Lutero, ele deixara sempre que este se defendesse por si; que demais o eleitorjá lhe tinha pedido que deixasse a Saxônia e a universidade;que o doutor se tinha declarado pronto a obedecer, e que não estaria mais nos estados eleitorais, se o próprio legado, Carlos de Miltitz, não tivesse suplicado ao príncipe que o conservasse junto de si, receoso de que, indo para outros países, Lutero obraasse com mais liberdade do que na própria Saxônia. Frederico fez ainda mais: ele queria esclarecer Roma.

"A Alemanha," continuava na sua carta, "possui agora um número avultado de sábios, de homens instruídos em toda a sorte de ciência e línguas. Os próprios leigos começam a entender e apreciar a Escritura Santa; se, pois, forem recusadas condições razoáveis ao doutor Lutero, muito é paa temer que nunca se possa restabelecer a paz. A doutrina de Lutem tem lançado profundas raízes em grande número de corações. Se em vez de a refutarem com testemunhos da Bíblia, procurarem aniquilá-la com os raios do poder eclesiástico, causar-se-ão grandes escândalos, e suscitar-se-ão perniciosas e terríveis revoltas." [5]

O eleitor, cheio de confiança em Lutero, mandou-lhe comunicar a carta de Teutleben, e uma outra que recebera do cardeal São Jorge. Comoveu-se o reformador ao lê-las. Enteviu logo todos os perigos ue o cercavam. Sua alma deixou-se oprimir. Mas era em tais momentos que brilhava todo o poder de sua fé. Muitas vezes fraco, prestes a cair no abatimento, viam-no levantar-se e aparecer maior no meio da tempestade. Ele desejava ver-se livre de tantas pr9vocações; mas compreendeu por que preço lhe ofereciam o repouso... rejeitou-o com indignação. "Calar-me!" disse ele; "estou disposto a fazê-lo se não mo permitirem, isto é, se fizerem com que os outros se calem. Se quer destruir os meus escritos, queime-os. Pronto estou a me conservar em silêncio, contanto que não se exija que se cale a verdade. evangélica. [6]° Eu não peço o chapéu de cardeal; não peço ouro, nem cousa que Roma estima.. Nada há no mundo que se não possa obter de mim, contanto que não se feche aos cristãos o caminho da salvação. Todas as suas ameaças não me espantam; todas as suas promessas me não podem seduzir." [7]

Animado de tais sentimentos Lutero recobrou logo seu gênio guerreiro, e à calma do retiro preferiu o combate do cistão. Uma noite bastou para lhe restituir o. desejo de derrubar Roma. "Meu partido está tomado," escreveu no dia seguinte: "desprezo o furor de Roma, e desprezo os seus• favores. Nada de reconciliação, nada de comunicação corn, ela em tempo algum! [8]• Condene ela e queime os meus escritos! Por meu turno condenarei e queimarei publicamente o direito pontifical, esse ninho de heresias. Tem sido inútil a moderação que até: agora mostrei, renuncio a ela!"

Longe estavam seus amigos de ter à mesma tranqüi-lidade. Era grande .a consternação em Witemberg.. "Estamos em extraordinária expectativa," dizia Melancton. "Preferiria morrer a que me separassem de Lutem. Se Deus não nos socorrer, pereceremos." "Vive ainda o nosso Lutero" escreveu êle, um mês mais tarde em sua ansiedade;, praza a Deus que viva muito tempo! porquanto os sicófantes romanos empregam todos os meios para o perder:

Orai para que êle viva, esse único vindicador *da santa teologia. [9]

Foram ouvidas as preces. Os -avisos que mandara o eleitor dar .em .Ronia por seu encarregado dê negócios não eram destituídos •de. fundamento. A palavra de Lutero retumbará .por toda a .parte, rias. Cabanas, nos Conventos, nas moradià dos burgueses, nos solares doS fidalgos, nas academias, .é nos palácios dos reis.; "Tenha minha vida- servida;" disse êle ao duque . João- de Sax8nia,..`para a • conversão de ~.S6 homem, e eu consentirei de bom grado que pereçam. todos -os meus livros. [10]§ Não era um homem só, era uma grande multidão que tinha achado luz nos escritos do humilde doutor. Também por toda a parte se achavam homens prontos a protegá-lo. A espada que se destinava para feri-ló forjava-se no Vaticano; mas na Alemanha se levantavam heróis para lhe formarem escudo com seus cOrpos. No momento em que os bispos sê* irritavam, em que os príncipes guardavam.silêncio, em que o posio estava na expectitiva, em que já trocavam os raios sobre as sete colinas, suscitou Deus a nobreza alemã para servir de baluarte ao seu , servo. Silvestre de Scbaumburgo, um dos mais poderosos ca-valheiros cli• Francónia, enviou nessa época seu filho a WiteMberg com uma carta parà o reformador: Corre perigo,a vossa vida," lhe escrevia Schaumburgo: "Se vos faltar o socorro dos eleitores, dos príncipes ou .dos magistrados guardai-vos, eu vó-lo peço, de ir para a Boêmia, onde outrora homens instruidissimos muito tiveram que sofrer; vinde de preferência ter :comigo. Se Deus quiser terei em póuco tempo reunido mais de- cem fidalgos, e com **seu att•-. xílio, poderei vos. preservar de. todo o perigo. [11]

Francisco • de Sickingen, esse herói* de seu século, cuja intrépida coragem -já conbecemos, amava o reformador porque o julgava dignó,- e também porque era odiado pelos frades. "Meus serviços, meus bens e meu corpo, tudo ❑ que eu possúo está a vossa disposição," escrevia êle. "Quereis manter a verdade cristã: estou

pronto a vos ajudar nisso." [12]§ Harmuth de Cronberg usava a mesma língunagem. Enfim, Ulrico de Hütten, êsse poeta, êsse valente cavalheiro do décimo-sexto século, não deixava de falar a favor de Lutero. Mas que contraste entre esses dois homens! Hütten escrevia ao reformador: "É de espadas, é de arcos, é de dardos, é de bombas que precisamos para destruir o furor .do diabo." [13]

Lutero, recebendo essas cartas, exclamava: "Não quero que se recorra para defender o evangelho às amas e a carnificina. Foi pela palavra que o mundo foi vencido; foi pela palavra que a igreja foi salva; será também pela palavra que ela há de ser restabelecida." [14] "Não desprezo suas ofertas," dizia ainda êle ao receber a carta de Schaumburgo, "mas não quero entretanto, outro protetor que não seja Cristo." Não era assim que falavam os pontífices de Roma quando patinavam no sangue dos Valdenses e Albigenses. Hütten sentiu a diferença entre a causa de Lutero e a sua; assim, escreveu-lhe com nobreza: "Eu me ocupo das coisas do homem; mas tu, elevando-te muito acima, pertences inteiro às de Deus;" depois partiu para, se lhe fosse possiel. ganhar para a verdade a Fernando e a Carlos Quinto. [15]

Desta sorte, ora os inimigos de Lutem o oprimiam, ora os seus amigN se levantavam para o defender. Meu navio," disse êle, "flutua por aqui e por ali ao blprazer dos ventos; ... a esperança e o temor nele reinam alter-nadamente; mas que importar§ Todavia os testemunhos de simpatia que ele recebia não deixavam de exercer influência no seu espírito. "O Senhor reina," disse ele: "êle aí está, nós o podemos tocar". [16]

Lutero -que já não estava só: suas palavras tinham dado fruto, e Esse pensamento ❑ encheu de nova coragem. O receio de comprül-neter ❑ elei- tor não o deteve mais, ora que êle tinha outros defensores dispostos a afrontar a ira de Roma. Êle tornou-se mais livre e. se possível, mais decidido. Foi esta uma época importante no desenvolvimento de Lutero. "Convém que Roma compreenda," escreveu êle então ao capelão do eleitor. "que quando ela conseguisse com ameaças banir-me de Witemberg, nada mais faria do que piorar a sua causa. Não é na Boêmia. é no coração da Alemanha que se acham os que estão prontos a me defender contra os raios do papado. Se ainda não fiz a meus inimigos tudo que lhes preparo, não o devem atribuir a minha modéstia, nem à sua tirania, mas ao nome do eleitor e à prosperidade da universidade de Witemberg. que tenho tido receio de comprometer. Agora que não tenho mais tais temores, ver-me-ão com força nova precipitar-me sobre Roma e seus c-ortezãos." [17]°

Entretanto, não era nos grandes que Lutero depositava esperança. Tinham-no por vèzes solicitado que dedicasse um livro ao duque João. irmão do eleitor. Éle nunca o fizera. "Receio. respondera "que tal sugestão venha dele próprio. A Escritura Santa só deve servir para a glória do nome de Deus. Lutero-depois

recobrou-se de seus temores. e dedicou ao duque João o seu discurso sobre as boas obras. É um dos escritos em que o reformador expõe com mais pujança a doiltrina da justificação pela fé. essa verdade poderosa, cuja força èle coloca bem acima da espada de Hütten. do exército de Sickingen, da proteção aos duques e dos eleitores.

A primeira. a mais nobre, a mais sublime de todas as obras." disse êle. "é a fé em Jesus Cristo. É desta obra que -devem proceder todas as obras; todas elas são vassalas da fé e dela recebem a eficácia . [18]

Se um homem acha em seu ação a segurança de à que o que êle faz é agradável à Deus, a obra é boa ainda que só consista em levantar um pedacinho de palha; se não há nele. porém. esta segurança, a obra não é boa, quando mesnit ressuscitasse os mortos. [19] Um pagão, um judeu, um turco, u mpecador, pode fazer todas as outras obras; mas confiar firmemente em Deus, e ter segurança de que lhe somos agradáveis, é o .que só o cristão firmado na graça é capaz de fazer.

Um cristão que tem fé. em Deus faz tudo com liberdade e alegria; ao passo que o homem que não está em paz com Deus - cheio de cuidados, e retido na servidão; ele pergunta angustiado a si próprio quantas obras deverá fazer; corre daqui para acolá: interroga este, interroga àquele; em parte nenhuma acha paz, e tudo faz com desgôsto e com medo.

Por consequência, [20]• tenho sempre exaltado a fé, _Diverso, porém, é o que se passa no mundo. Ai o essencial é ter muitas obras; grandes, altas, de tôdás as dimensões, sem que se pense de modo algum na fé que só pode -animar. Constroem assim a sua paz, não sobre p beneplácito de Deus, mas sobre os merecimentos próprios, isto é, sobre a areia. S. Mat. 7.:27.

Pregar a fé é dizem, impedir as boas obras; mas ainda mesmo que um homem tivesse por si só as forças de todos os homens, ou ainda as de todas .as criaturas,* só essa obrigação de viver na fé seria tarefa grande demais para que èle a pudesse cumprir. [21] Se eu disser .a um doente: "Tem saúde; e terás o uso de teus membros," dir-se-á que eu lhe proibo o uso de seus membros? Não deve a saúde preceder o trabalho.? O mesmo acontece quando pregamos a fé: ela deve existir antes das obras; para que as próprias obras possam existir.

Onde se pode achar essa fé, direis vós, e .como recebê-la? É, na verdade, o .que mais importa saber. Á fé vem só de Jesus Cristo prometido e dado gratuitamente.

"Ó homem! figura-te a Jesus Cristo, e contempla como nele Deus te motsra a sua misericórdia, sem que preceda mérito algum de tua parte. [22]* Bebe nessa imagem de sua graça a fé e a segurança de que todos os teus pecados te são perdoados. Isto as obras não poderão produzir. do sangue, é das feridas, é da morte de Cristo que essa fé nasce no coração. Cristo é o rochedo donde manam leite e mel." Deut. 32.

Não podendo dar a conhecer todas as obras de Lutero, temos citado alguns curtos fragmentos desse discurso sô-bre as boas obras, por causa do que dele pensava o próprio reformador. É, disse èle, "segundo o meu juízo, o melhor dos escritos que tenho publicado." E acrescentou logo esta observação profunda: "Mas eu sei que quando me agrado do „que escrevi, a infecção desse maldito fermento impede que isso agrade aos outros."

Melancton, enviando èste discurso a um amigo, o acom-panhou das palavras: Nenhum há entre os escritores gregos e latinos que mais do que Lutem se tenha apro-ximado do espírito de S. Paulo. , I) [23]

NOTAS DE RODAPÉ

[1] L. Epist., 1, p. 392, 15 de janeiro de 1520.

[2] L. Epíst., 1, p. 383.

[3] Keith, L. Urnstandc, p. 89.

[4] Tcnzcl. Hist. Ber.. 2. p. 168.

[5] Lut. Opera Lat., 17, p. 298. Ibid.

[6] Lut. Epist. 1, p. 262.

[7] Ibid.

[8] Lut. Epist., 1, p. 466, de 10 de julho de 1520. -l- Corp. Ref., p. 160 e 163.

[9] * Ibid., p. 190 e 208.

[10] Lut. Opera Lat., 17, p. 392. * L. Opera Lat., 17, p. 381. Corpus Ref., I, P. 201.

[11] Ibid., p. 132.

[12] § Ibid.

[13] Lut. Ep., 1, p. 14tI

[14] Lut. Opera Lat., 1, p. 175. Corp. Ref., 1, p. 201.

[15] L. Ep., 1, p. 443.

[16] J ibid. p 401.

[17] Lut. Ep., I, p. 465.

[18] p. 431.

[19] Lut. Opera 1..al 17. p. 394.

[20] Lut. Opera Lat., 17, p. 398.

[21] Lut. Opera 1.at., 17, p. 401

[22] Lut. Ep., c, p. 431.

[23] * Corp. Ref., 1, p. 202.

CAPÍTULO III

Lutero ataca o papado — Manifesto à nobreza — As .trés muralhas — Todos os cristãos são sacerdotes — O clero deve estar debaixo da jurisdição dos magistrados. — Abusos de Roma — Ruína da Itália — Perigos dà. Alemanha — O papa — Os legados — Os frades —Casamento de padres — O celibato — As festas —Os boémios — A caridade — As universidades — O Império — O Imperador deve tornar a tomar Roma —Livro não publicado — Modéstia de Lutem — Efeito do manifesto.

Mas havia na igreja um outro mal além da substituição de u msistema de obras meritórias à idéia de graça e de anistia.[1]* Um poder soberbo se havia levantado do meio dos humildes pastores do rebanho de Jesus Cristo. Lutero de terminava-se a atacar essa autoridade Já um rumor vago e longínquo anunciava as intrigas e os sucesos do doutor Eck em Roma. Ésse ruído despertou o gênio belicoso do reformador, que, no tumultuar de, tôdas as suas agitações, estudara em seu retiro o nascimento, os progressos e as usurpações do papado. Suas descobertas o tinham enchido de surprêza. Não hesitou êle mais em dá-las - a. conhecer, e em ferir o golpe que, como outrora a vara de Moisés, tinha de despertar um povo inteiro adormecido por longo cativeiro. Antes mesmo que o papa tivesse tido tempo de publicar a sua formidável bula, foi éle quem lhe lançou a declaração de guerra. "O tempo d_e se calar está passado," exclamou; "chegou o tempo de falar! É preciso enfim desvendar os mistérios do Anticristo." A 23 de junho de 1520 publicou o seu famoso: "Apélo à sua majestade imperial e à fidalguia cristã da nação alemã sobre a reforma do cristianismo." Ésse escrito foi o sinal de ataque que devia decidir tanto a ruptura como .a vitória.

Não é por temeridade," disse èle no começo desse escrito, "que compreendo eu homem do povo, falar a vossas senhorias. A miséria e a opressão que acabrunham presen-temente todos os Estados da cristandade,. e principalmente a Alemanha, me arrancam um grito de agonia. É forçoso que eu grite por socorro; é forçoso que eu veja se Deus não dará o. seu Espírito á algum homem de nosso pátria, e se não estenderá a sua mão. à nossa infeliz nação. Deus nos deu por chefe um príncipe moço e generoso (o imperador Carlos Quinto), e tem desta arte enchido os nossos corações de grandes esperanças. Mas convém que façamos de nossa parte tudo quanto pudermos..

Ora, a primeira coisa necessária é não confiarmos em nossa grande força, ou em nossa alta sabedoria. Se alguém começa uma obra boa por confiar em si próprio, Deus a deita por terra e a destrói. Frederico I, Frederico II e muitos outros imperadores ainda, perante quem o mundo tremia, foram calcados aos pés pelos papas, porque mais confiaram em sua fôrça do que em Deus. Era forçoso, pois, que

caissem. É contra os . poderes do inferno que temos de combater nesta guerra. Nada esperar da fôrça das armas, e confiar humildemente no Senhor; olhar mais para as misérias da cristandade do que para os crimes dos maus; eis como convém proceder. De outra sorte a obra começará talvez com belas aparências; mas de repente, no meio da luta, virá a.. confusão, os maus espíritos causarão desastre imenso, e o mundo inteiro nadará em sangue. Quanto maior o nosso poder, tanto maior será o nosso perigo se não andarmos no temor do Senhor.

Depois deste exórdio Lutero continuava assim:

Os romanos levantaram em torno de si três muralhas para se guardarem contra toda a espécie de reforma. Atacou-os o poder temporal.? Responderam que não estavam sujeitos a êle, e que o poder espiritual lhe era superior. Foram repreendidos pela Sagrada Escritura? Replicaram que, exceto o papa, ninguém podià interpretá-la. Foram ameaçados com um concílio? Fóra o soberano pontífice, ninguém pode convocá-lo, disseram.

"Tiraram-nos assim as três varas destindadas a corrigílos, e se entregaram a tóda a malícia. Agora; porém, Deus nos ajude, e nos dê uma das trombetas que derrocaram as muralhas de Jericó. Abatamos com nosso sôpro os muros de papel e palha que os romanos. levantaram em torno de si, e ergamos as varas que castigam os maus, pondo à luz do sol as astúcias do demônio."

Lttero começou em seguida o ataque. Abalou em seus alicerces esa monarquia papal que desde séculos reunia em um só corpo o povo do ocidente sob o cetro do bispo romano. Não há casta sacerdotal no cristianismo; tal é a verdade escondida aos olhos da igreja desde os seus primeiros tempos, e que êle expõe com fôrça no princípio.

Dizem," assim falou Lutero, "que o papa, os bispos, os padres e todos os que povoam os conventos, formam o estado espiritual ou eclesiástico: e que os príncipes, os fidalgos, os burgueses e os rústicos formam o estado secular ou leigo. É isto um lindo conto. Não se assuste todavia ninguérii. Todos os cristãos são do estado espiritual, e não há entre êles outra diferença senão a das funções que exercem. Todos nós temos um só batismo, [2]* uma só fé, e êste é oque constitui o homem espiritual. A unção, o tonsura, a ordenação, a .sagração que dá o bispo ou o papa podem fazer um hipócrita, nunca, porém, um homem espiritual. Somos todos sagrados sacerdotes pelo batismo, assim como diz S. Pedro: "Vós sois sacredotes e reis", bem que não competia todos exercer tais cargos, porque ninguém pode tomar o que é comum a todos sem o consenso da comuni-dade. Mas se esta consagração de Deus não estivesse sobre nós, a unçãci do papa nunca poderia fazer um padre. Se dez irmãos, filhos de rei, tendo direitos iguais à herança, escolhessem um de entre si, a fim de administrar por todos; seriam todos reis, e entretanto só um deles seria o

administrador de seu poder comum. Acontece o mesmo com a igreja. Se alguns leigos piedosos estivessem exilados em um deserto, e se não tendo consigo padre consagrado por bispo, concordassee em escolher um entre si, casado ou não, esse homem seria verdadeiramente padre, como se todos os bispos do mundo o tivessem consagrado. Assim foram escolhidos Agostinho, Ambrósio, •Cipriano.

Segue-se daqui que os leigos e os padres, os prínci-pes e os bispos, ou, como se diz, os eclesiásticos e os leigos, nada tem que os distinga, exceto as funções. Todos tem o . mesmo estado, mas não tem todos o mesma obra a fazer.

Se assim é, porque o magistrado não corrigirá o clérigo? O poder secular foi estabelecido por Deus para punir .os maus e proteger os bons. Convém deixá-lo obrar em toda a cristandade, alcance êle a quem alcançar, papa, bispos, padres, frades, freiras, etc. S. Paulo disse a todos os cristãos: "Todo o homem (e, por consequência, o papa também) esteja sujeito às potestades superiores, porque não é debalde que elas trazem a espada".

Lutero depois de ter do mesmo modo derribado as duas "outras muralhas," pasoü em revista os abusos de Roma. Expôs com eloquência inteiramente popular os malés. assinalados havia séculos. Nunca, se fez ouvir mais nobre oposição. A assembléia em cuja presença falava Lutero era. .a igreja universal; o poder cujos abusos êle atacava .erál...esse papado, que desde séculos pesava sobre todos os povos; a reforma que êle proclamava a altos gritos, deveria exercer sua poderosa influência sôbre toda a cristadáde, em todo o mundo, durante toda a duração da humanidade.

Começou pelo papa. "É uma coisa horrível," disse ele, ver-se aquele ,que se .chama vigário de Jesus Cristo ostentar magnificência que não é igualada pela de nenhum imperador. É porventura isto assemelhar-se ao pobre Jesus, ou ao humilde S. Pedro? Dizem que êle é o Senhor do mundo! Mas Cristo, de quem êle se gaba de ser vigário, disse: "O meu reino não é dêste mundo." O reino de um vigário se estenderá além do Senhor?

Lutero passou então a pintar os efeitos da dominação papal. -Sabeis vós para que servem os cardeais? Dir-volo-ei. A Itália e a Alemanha tem muitos conventos, fundações e curatos ricamente dotados. Como trazer essas riquezas para Roma? Criaram-se os cardeais; foram lhes dados esses claustros, essas prelaturas; e na hora presente... a Itália está quase deserta, os conventos destruidos, os bispados devorados, as cidades decaídas, os habitantes corrompidos, o culto expirando e a prédica abolida! Por que? Porque é mister que os bens da igreja vão para Roma. Nunca o turco teria assim arruinado a Itália!

Lutero voltou-se em seguida para o seu povo:

"E agora que exauriram todo o sangue de sua nação, êles vem para a Alemanha; começam de mansinho; mas tomemos cuidado! A Alemanha tornar-se-á logo semelhante à Itália. Nós já temos alguns cardeais. Antes que os grosseiros alemães compreendam o nosso desígnio, pensam êles, não terão mais bispado, nem convento, nem curato, nem dinheiro, nem eira, nem beira. É mister que o Anticristo possua os tesouros da terra. Criar-se-ão trinta ou quarenta cardeais em um dia: a êste dar-se-á Bamberg; àquele, o bispado de Wurtzburgo; a isto vincular-se-ão ricos curatos, até que as igrejas e as cidades estejam desoladas. Então dirá &papa: Eu sou vigário de Cristo e pastor de seus rebanhos. Tenham paciência os alemães."

Inflamou-se a indignação de Lutero:

"Como é possível que nós alemães soframos da parte do papa tais roubos e tais exações? Se de tais coisas soube o reino de França defender-se, porque nos deixaríamos nos ludibriar e escanecer assim? Ah! se êles nos não roubassem senão os bens! Mas devastam as igrejas; despojam as ovelhas de Cristo; abolem o culto, e aniquilam palavra de Deus."

Lutero expõe as práticas de que usa Roma para obter o dinheiro e as rendas da Alemanaha. Annatas, administrações, graças expectativas, incorporações, reservas, etc. tudo passa êle em revista. Depois disse; "Esforçemos-nos por dar mu paradeiro a tanta desolação e miséria. Se queremos marchar contra os turcos comecemos por êstes que são os piores de todos. Se enforcamos os gatunos e decapitamos os ladrões, não deixemos escapar a avareza romana que é o maior dos ladrões e gatunos, e que o é em nome de S. Pedro e de Jesus Cristo! Quem tal pode sofrer? Quem pode calar-se? Não é rocbado tudo o que o papa possuí? porquanto êle não comprou, nem herdou de S. Pedro, nem ganhou com seu suor. Donde lhe vem, pois, tudo?

Lutero propôs remédio; a esses males. Excitou energi-camente a fidalguia alemã a por termo às depredações romanas. Depois chegou a tratar da reforma do próprio papa: "Não é ridículo," disse, "que o papa pretenda ser «herdeiro legítimo do império ? Quem lho deu ? Foi Jesus Cristo quando disse: "Os reis dos gentios dominam sobreêles; não há de ser, porém, assim entre vós outros?" Lucas 22:25 e 26. Como governar um império, e ao mesmo tempo pregar, orar, estudar e tomar conta dos pobres? Jesus Cristo proibiu seus ministros que trouxessem consigo ouro ou vestidos, porque ninguém pode bem desempenhar o ministério se não está desembaraçado de qualquer outro cuidado, e o papa queria governar o império e ao • mesmo tempo ficar papa!"

Lutero continuou a desmascarar o sobeano pontífice: "enuncie o papa a toda espécie de título sôbre o reino de Napoles e Sicília. Êle não tem mais direito do que eu. É injustamente e contra todos os mandamentos de Jesus Cristo que ele possui Bolonha, Imola, Ravena, Marcha de Ancona, etc. Ninguém,- diz S. Paulo, "que

milita para Deus se embaraça com negócios do século.- 2 Timóteio 2:4. E o papa, que pretende ser chefe na guerra do Evangelho se embaraça mais com negócios dèste secillo do que outro imperador ou rei. P. peciso desembaraça-10 casse trabalho. Ponha o imperador nas mãos do papa a Bíblia ou um livro de orações a fim de èle pregue e ore e deixe os reis go;eri ia rem. [3]°

Lutero tão pouco queria o poder eclesiástico do papa na Alemanha, como o seu poder temporal na Itália. "Antes de tudo," disse êle, "é preciso .expulsar de todos os estados alemães os legados do papa- com êsses pretensos bens que nos vendem a peso de ouro, e que não são mais do que puro embuste. Tomam-noS dinheiro, e por que? para legitimar o bem mal adquirido, para dispensar os juramentos, para ensinar-nos a faltar com o fé, para. nos instruir no pecado e levai-nos direito ao inferno... Ouve-o tu, ó papal não papa santíssimo, mas papa muitissimo pecador!... Precipite logo Deus-do alto do. seu céu o teu trono no abismo do inferno!"

O .tribuno cristão prosseguiu na sua carreira. Depois de ter citado o papa para o seu tribunal, citou todos os abusos que formam o. cortejo do papado, e pretendeu varrer do solo da igeja êsse, lixo que o entulhava. Começou pelos frades;

"Chego agora a essa pesada matula que promete muito e cumpre pouco. Não voz. zangueis, caro senhores! é boa a minha intenção; o que tenho a dizer é uma verdade doce e amarga ao msmo tempo. a saber, que não convém mais edificar claustros para os frades. mendicantes. Grande Deus! nós já os temos de sobra, .e oxalá que todos êles fossem abaixo... Vagamundear pelo país nunca foi útil, nem jamais o poderia sê-lo."

O casamento dos eclesiásticos veio por eu turno. , Foi . a primeira vez que Lutero dele falou:

"Em que estado caiu o clero, e quantos padres não se erxcontram carregados de mulheres, de filhos, de remorsos, sem que venha alguém em seu auxílio! Que o papa e os bispos deixem corre • o que corre, e perder-se• o que se perde, muito embora! quanto a mim, quero salvar a minha consciência, quero abrir livremente a boca: escandalizem-se depois papa, bispos e quem quiser! ... Eu digo, pois, que, conforme a instituição de Jesus Cristo e dos apostolos, cada Cidade deve ter um pastor ou bispo, e que êsse pastor pode ter. uma mulher, como escreveu S. Paulo a Timoteio: "Que o bispo seja espôso de uma só mulher (1 Tim. 3:2)- e como ainda se pratica na igreja grega. Mas o diáho persuadiu ao papa, como o disse S. Paulo ao mesmo Timóteio (1 Tim. 4:1 a 3), a proibir que o clero se casasse. E disto originaram-se tão numerosas misérias, que não se podem mencionar todas. Que fazer? Como salvar tantos pastores, a quem nada se tem a ex-probar senão o viverem com uma mulher à qual de todo o seu coração desejariam unir-se legitimamente! Ah! salvem a sua consciência! tomem essa mulher por esposa legítima, vivam honestamente com ela

sem se importarem se isso agrada, ou desagrada ao papa. A salvação da vossa alma importa mais do que leis tirânicas e arbitrárias que não emanam do Senhor.

Era assim que queria a Reforma restabelecer na igreja a santidade dos costumes. O reformador continuou:

"Sejam abolidas as festas, e guarde-se só o domingo; ou, se quiserem guardar as grandes festas cristãs, celebrem-se pela manhã, e que seja o resto do dia como um dia útil. Porquanto, como nessas ocasiões nada mais se faz do que beber; jogar, cometer toda a sorte de pecados, ou permanecr na ociosidade, se ofende a Deus nos dias de festas muito mais do que nos outros dia."

Atacou depois as comemorações [4]* a que chamou de ver, dadeiras tabernas; depois os jejuns e as confrarias. Não somente quis destruir os abusos, como dar fim aos cismas. "É tempo," disse, "de nos ocuparmos seriamente com a causa dos boêmios, de fazermos cessar o ódio e a inveja, e de nos reunirmos com êles." Propôs excelentes meios de conciliação é acrescentou: Assim é que convém convencer os hereges pela Escritura, como o fizeram os antigos padres, e não vencê-los pelo fogo. No sistema contrário os carrascos seriam os mais sábios doutores do uniVerso.. Oh! prouvera a Deus que de ambas as partes estendessemos as mãos em humilde fraternal, antes do que nos endurecer no sentimento de nossa força e de nosso direito! É mais necessária a caridade, do que o papado de Roma. Agora, tenho feito o que estava a meu alcance. Se o papa e seus apaniguados se opuserem, terão de dar contas. Deveria o papa estar pronto a renunciar ao papado, a todos os seus bens e a todas as suas honras se pudesse com isso salvar uma só alma. Mas ele preferiria ver perecer o universo inteiro a ceder a grossura de uni cabelo do poder que usurpou!

Estou limpo dessas coisas.

Passou depois às universidades e às escolas. Muitíssi-mo tempo que as universidades sejam largas portas do in-ferno, se não se aplicam a explicar a Escritura Santa, é a gravá-la no coração da gente moça. A ninguém aconselho çue ponha seu filho em lugar em .que não reina a Sagrada Escritura. Toda instituição. em que não se ocupam sem descanso com a palavra de Deus, tem de meditar os governos, ou doutos, os pais de todos os séculos.

No fim de seu discurso voltou êle ao império e ao imperador.

O papa," disse êle, "não podendo guiar à vontade os antigos senhores dó império romano, ideou arrebatar-lhes o título e império,. e dá-los a nós alemães. Assim o fez, e nós nos tornamos servos do papa. Porquanto o papa se apoderou de Roma, e obrigou o imperador por meio de juramento a nunca lá permanecer; donde resulta qué o imperador é imperador dé Roma. sem Roma. Nós temos o nome; o papa tem .o país e as cidades. Nós temos o título, as armas do império; o papa tem o tesouro, o

poder, os priVilégios, a liberdade. O papa come a fruta, e nós brincamos com a casco. É por esta forma que a soberba e a tirania de Roma tem sempre abusado da nossa simplicidade. . .

Mas .agora auxilie-nos Deus, que nos deu um tal império. Obremos conforme o nosso nome, o nosso título, as nossas armas; salvemos nossa liberdade! aprendam os romanos a conhecer o que Deus nos entregou por suas mãos. Gabam-se de nos terem dado um império. Pois bem tomemos o que nos pertence. Ceda-nos o papa Roma, e tudo quanto possui do império. Ponha termo a seus impos- [5]• tos e extorsões restitua-nos a liberdade, o poder, os nossos bens, a nossa honra, a nossa alma, o nosso corpo! Seja império o que um império deve ser, e não seja mais cons-tangia a espada dos príncipes a baixar-se diante da hipó-crita pretensão de um papa!

Há nestas palavras não sómente força e arrebatamento, mas também alta razão. Falou já orador assim a toda a nobreza do império e ao próprio imperador? Longe de se ficar surpreendido de que tantos estados germânicos se tenham desligado de Roma, não se deve antes admirar de que não tenha ido a Alemanha em pêso reconquistar, nas mesmas margens do Tibre, êsse poder imperial, cujos atributos tinham os papas imprudentemente colocado na cabeça de seu chefe?

Êste corájoso discurso, Lútero terminou com estas palavras:

"Creio que tenho cantado alto demais, que hei pro-posto muitas coisas que parecerão impossível, que tenho atacado talvez com força excessiva numerosos erros. Mas que posso eu fazer? Irrite-se antes contra mim o mundo do que Deus. Nunca me poderão tirar coisa alguma senão a vida. Por vêzes ofereci eu a paz a meus adeversários. Porém Deus forçou-me por meio deles mesmos a abrir a boca contra êles, cada vez mais. Tenho ainda sobre Roma uma canção de resrva. Se lhes coça o ouvido, cantá-la-ei em em alta voz... Compreendes bem o que eu quero dizer?"...

Trata-se provavelmente aqui de um escrito sobre o papismo que Lutero se propunha a publicar, e que não saiu à luz. O reitor Burkhardt escrevia então a Spengler: "Há ainda um pequeno livro "De execranda venere Romanorum;" mas conservam-no de reserva." O título prómetia grande escandalo. Deve-se estimar de que, tenha tido Lutero a moderação de não publicar essa Obra.

"Se é justa a minha causa," continuou, "deve ser con-denada na terra, e unicamente justificada por Cristo no céu. Avancem pois, papas, bispos, padres, frades, doutores! desenvolvam todo seu zêIol façam, brilhar seu furor! São estes verdadeiramente os homens que devem perseguir a verdade como todos os séculos o têm visto."

Onde adquiriu èste frade tão clara inteligência das coisas públicas, que os próprios Estados do império acha- O ram muitas vèzes tão difíceis de esclarecer?

Onde êste alemão bebeu essa coragem que, do seio de sua nação por tantos séculos subjugada, lhe fez levantar a cabeça, e atirar tão duros golpes ao papado? Qual a força misteriosa que o animou? Não se poderia dizer que êle ouviu estas palavras de Deus, dirigidas a um homem dos antigos dias: "Eis que tenho reforçado a tua face contra as suas faces, e tenho tornado tua fronte como um diamante, e mais forte do que um seixo: não te espantes, pois, por causa deles". Ezequiel 3;9.

Dirigida à nobreza germânica, essa exortação chegou logo a todos para quem fôra escrita. Espalhou-se pela Alemanha com inconcebível celeridade. Os amigos de Lutero tremeram. Staupitz com os, que queriam seguir as vias da doçura acharam o golpe forte demais. "Em nossos dias," respondeu Lutero, "tudo o que se trata tranqüilamente cai no olvido e ninguém disso cuida."[6]* Ao.mesmo tempo mostrava simplicidade e humildade admiráveis. Éle se desconhecia a si próprio. "Não sei o que dizer de mim," escrevia êle. Talvez que eu seja o precursor de Felipe (Melancton.) Preparo-lhe, como Elias, o caminho em espírito e fôrça. Será êle quem perturbe um dia a casa de Israel e a casa de Acab.

Mas não havia necessidde de esperar outro além do que já tinha aparecido. A casa de Acab já estava abalada. O "Manifesto à nobreza germânica" tinha aparecido a 24 de julho de 1520; em pouco tempo quatro mil exemplares foram vendidos, e êsse algarismo é inaudito para os tempos. Era universal a admiração. O escrito comunicou a todo o povo uma comoção poderosa. A fôrça, á vida, a clareza, a generosa afoitez que nessa obra reinavam, faziam com que fosse ela um verdadeiro escrito popular. O poVo compreendeu que o amava quem, assim lhe falava. Alargaram-se as. vistas confUsas de grande número de homens sábios. Tornaram-se evidentes a todos os espíritos as usurpações de Roma. Ninguém duvidou mais em Witenberg de que o papa fossë o Anticristo. A própria côrte do eleitor,

tão circunspecta, tão tímida, não desaprovou o reformador; esperou. A nobreza, porém, e o povo não esperaram. Animou-se a nação. Comoveu-a à voz de Lutero; foi ela ganha, e reuniu-se em tôrno do estandarte que êle levantou. Nada teria podido ser de maior vantagem ao reformador do que essa publicação. Nos palácios, nos solares, nas moradas dos burguêses, e até nas choças estavam então preparados, e como que encouraçados contra a sentença de condenação que ia cair sobre êsse profeta do povo. Toda a Alemanha estava em chamas. Viesse a bulal não seria ela que extinguiria o incêndio.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Lut. Opera Lat., 17, p.1 457 a 502.

[2] * Rom. 13: 1,. 4.

[3] Lut. Opera Lat.. 17. p. 472.

[4] * Quase -o mesmo que entre nós os festejos deorago.

[5] * Lut. Opera Lat.. 17, p. 483. Ibid., p. 486

[6] Lut. Epist. 1, p. 479. Tbid., p. 478.

CAPÍTULO IV

Preparam-se em Roma — Motivos da resimémcia do papado Eck em Roma — Eck triunfa — O papa é o mundo —Deus efetua a .separação — Um sacerdote suiço intercede por Luterá — O consistório romano — Exórdio da bula — Luté ro é condenado.

Tudo se preparava em Roma para a condenação do defensor da liberdade da Igreja. Aí se tinha sempre vivido em orgulhosa segurança. Muito tempo tinham os frades de Roma acusado Leão X de só pensar no luxo e no prazer, e de só se ocupar com a caça, a comédia e a música,* enquanto ia a igreja esboroando-se. Por fim, aos gritos do doutor Eck que veio de Leipzig invocar o socorro do Vati-cano, papa, cardeais, frades, todos em Roma acordaram e cuidaram em salvar o papado.

Roma, com efeito, devia lançar mão das mais severas medidas. A luva estava atirada; de morte devia ser o combate. Lutero não atacava os abusos do pontificado romano, mas o próprio pontificado. À sua voz teria o papa humildemente devido descer do trono, e tornar-se simples pastor ou bispo das margens do Tibre. Todos os dignatários da hierarquia romana teriam de reunciar as suas riquezas e glórias mundanas, e tornar-se presbíteros e diáconos das igrejas da Itália. Todo êsse brilho, todo êssepoder que desde séculos ofuscavam o ocidente deviam esvaecer-se e dar lugar à humilde simplicidade do culto dos cristãos primitivos. [7]

Deus teria podido fazer essas coisas: Éle as fará uni dia; mas não devia espáá-las dos homens. E quando mesmo um papa tivesse sido bastante desinteressado e afotito para querer derrubar o antigo e suntusoso edifício da igreja romana, milhares de padres e bispos teriam estendidos as mãos para o impedir de cair. O papa havia recebido o poder e sob a condição expressa de manter o que se lhe confiava. Roma se julgava instituí-: da por Deus para governar a igreja. Não se pode, pois admirar de que se tivesse ela aprestado a ferir os mais rudes golpes. E todavia, a pricípio, ela hesitou. Muitos cardeais e o papa mesmo não eram pelas medidas severas. O hábil Leão compreendia bem que um juízo cujo cumprimento dependia da vontade duvidosa do poder civil podia comprometer gravemente a autoridade da igreja. Demais, êle via que os meios violentos já empregados só tinham servido para aumentar o mal. Será impossível comprar esse frade saxônio? perguntavam uns aos outros os po ticos de Roma. Não surtirão efeito toda a fôrça da igreja e as astúcias da Itália? É preciso negociar ainda.

Eck, encontrou poderosos obstáculos. Nda desprezou para atalhar todas as concessões ímpias. Percorendo Roma, dava largas à tolera, e gritava vingança. Consigo ligou-se o partido fanático dos padres. Forte com tal aliança, assaltou de novo tanto o papa como os cardeais. Segundo sua opinião, inútil era toda a experiência de conciliação. Eram sonhos vãos, dizia êle, com que se embalavam na

distância. Éle conhecia o perigo, porque tinha lutado com o frade audacioso. Sabia que era preciso darem-se pressa em cortar o membro grangrenado para que o mal não invadisse todo o corpo. O fogoso combatente de Leipsig resolveu objção por objeção, e teve dificuldade em persuadir. O papa [8]° Éle queria salvar Roma, apelar da própria Roma. Tudo pôs em ação. Passou horas em deliberação no gabinete do pontífice. Excitou a côrte e os claustros, o povo e a igreja. Eck conjura abismos e abismos corgra mim," dizia Lutero; "êle põe fogo nas florestas do Líbano.

Venceu por fim. Foram os políticos reduzidos ao scilêncio pelos fanáticos nos conselhos do papado. Leão cedeu; foi resolvida a condenação de Lutero; Eck respirou. Comprazia-se seu orgulho no pensamento de que fóra êle quem decidira a ruiria de seu herérito rival, e de que assim salvara a igreja. "Foi bem," disse êle, "que eu viesse a Roma por este tempo, porquanto aqui conhecem pouco os erros de Lutero. Saber-se-á um dia o que eu tenho feito nesta causa." [9]§

Entre os que se esforçaram por sustentar o doutor. Eck, convém nomear o mestre do sagrado palácio, Silvestre Mazzolini de Priério. Êle acabava de publicar um escrito no qual; estabelecia não sèmente que era ao papa só que pertencia a decisão infalível de todos os pontos dis-cutidos, mas ainda que a dominação papal era a quinta monarquia de Daniel, e a única verdadeira que o papa era o príncipe de todos os príncipes eclesiásticos, o pai de todos os príncipes seculares, o chefe do mundo ,e mes-mo em essência o mundo inteiro. I Em outro escrito ele afirmava que o papa estava tão elevado acima do imperador quanto o ouro está acima do chumbo; [10]* que o papa pode eleger e destituir os imperadores e os eleitores, esta-belecer e anular os direitos positivos, e que o imperador, com todas as leis e todos os povos da cristandade, não pode decidir contra a vontade do papa. Tal era a voz que saía do palácio do soberano pontífice; tal era a gigantesca ficção que, unida ao dogma escolástico, pretendia sufocar a verdade renascente. Se esta fábula não tivesse sido desmascarada como o foi, e mesmo por sábios da igreja católica, não [11]• teria havido nem verdadeira história, nem verdadeira ,religião. Não é sèmente• diante da bíblia que o papado é uma mentira; êle o é ainda diante dos anais dos povos.

Também a Reforma, quebrando o encanto, libertou não só a igreja mas os reis e as nações. Tem se dito que a Reforma foi uma obra política: neste sentido é verdade; mas êste é só um sentido secundário.

Deus espalhava assim um espírito de atordoamento sobre os doutores de Roma. Preciso era todavia que se cumprisse a separação entre a verdade e o êrro, e era o êrro que devia levá-la a efeito. Se tivesse a uma acomo-dação, não poderia isto ser senão em detrimento da verdade. Mas tirar à verdade a mínima parcela de si mesma, é pre-parar-lhe completo aniquilamento. A verdade é como êsse inseto de que se conta que basta arancar uma antena para que morra. Ela precisa ser inteira

em todos os seus membros para desenvolver essa energia que a leva a alcançar vitórias extensas e•salutares, e para propagar-se nos séculos por vir. Misturar um pouco de êrro à verdade é lançar um grão de veneno em abcndante iguaria; basta êsse grão para alterar-lhe a natureza; dela resultará a morte, lentamente talvez, mas com toda a certeza. Os que guardam a doutrina de Cristo contra adversários que a atacam velam com zêlos sôbre as suas obras mais avançadas, como sôbre o.próprio corpo da praça; porquanto, desde que o inimigo se tem apoderado da mínima dessas posições, não está longe da conquista:

O pontífice romano decidiu-se, .na época sobre que discorremos, a despedaçar a igreja, e o fragmento que lhe ficou na mão, Por magnífico que seja, oculta inutilmente sob ornatos pomposos o princípio deletério de que está eivado. Onde está a palavra de Deus, aí só está a vida. Fôsse qual fôsse a coragem de Lutero, ter-, se-ia êle provavelmente calado, se Roma também se. calasse, efetuando algumas concessões aparentes. Mas Deus não tinha abandonado a Reforma a um fraco coração de homem. Lutero estava em poder de um que via mais claro .que êle. A providência. divina se serviu do papa para quebrar todo o laço entre O passado e o futuro, e para lançar p reformador em uma- carreira nova, desconhecida, incerta a seus olhos, e cujas entradas difíceis êle sozinho não teria podido achar. A bula pontificial foi a carta de divórcio que Roma enviou à igreja pura de Jesus Cristo, na pessoa daquele que era seu representante humilde, mas fiel; e a igreja a aceitou para não mais depender desde essa hora senão do seu Chefe que está no céu.

Enquanto em Roma proseguia-se com tantas violên-cias na condenação de Lutero, um humilde padre que habitava em uma das simples cidades da Helvécia, e que nunca tivera relação com o reformador, tinha-se vivamente comovido com o pensamento do golpe que ia feri-1o; e ao passo que os próprios amigos do doutor de Witemberg tremiam e se calavam, êsse filho das montanhas da Suiça tornava a resolução de tudo empregar para sustar a terrível bula. Chamava-se Ulrico.Zwingle. Guilherme dos Falcões, secretário do legado do papa na Suiça, que, em ausência do legado, achava-se encarregado dos negócios de Roma, era seu amigo. "Enquanto eu viver," disera-lhes poucos dias antes o núncio ad ínterim, "deveis confiar que haveis de ter em mim tudo o que se pode esperar de um verdadeiro amigo". O padre helvécio, fiando-se neste dito foi ter à nunciatura romana (ao menos é o que podemos concluir de uma de suas cartas). Êle não temia por si próprio os perigos a que o expunha a fé evangélica: sabia que um discípulo de Jesus Cristo deve estar sempre pronto a sacrificar a vida. "Tudo o que eu peço a Cristo por mim," dizia êle a um amigo a quem confiava então as suas solicitudes a respeito de Lutero, "é que eu suporte com coração de homem os males que me esperam. Eu sou um vaso de barro em suas mãos: quebre-me êle ou me faça mais sólido, conforme lhe aprouver." [12]°

Mas o evangelista suíço receiava, pela igreja cristã se tão temível golpe viesse atingir o reformador. Esforçou-se por persuadir ao representante de Roma que esclarecesse o papa, e empregasse os meios a seu alcance para o im-pedir de ferir Lutero com excomunhão. "A mesmo digni-dade da Santa Sé está nisso interessada," lhe disse êle; porque se as coisas chegarem a êste ponto, a Alemanha, cheia de entusiasmo pelo Evangelho e pelo doutor que lho anuncia, desprezará o papa e seu anatemas. [13]° Foi inútil êsse passo; parece até que quando êle foi dado já estava desfechado o golpe. Tal foi a primeira ocasião em que se encontraram as pegadas do doutor saxônio e do padre suiço. Teremos de encontrar a êste no curso desta história, e o veremos desenvolver-se e crescer pouco a pouco até tornar-se de alta estatura na igreja do Senhor.

Uma vez resolvida a condenação de Lutero, novas di-ficuldades levantaram-se no seio do consistório. Os teó-logos queriam que se passasse imediatamente à fulmina-ção; os jurisconsultos, pelo contrário, que se começasse por uma citação. "Adão," diziam êles aos teólogos, seus colegas. "não foi primeiramente citado? "Adão, onde estás?" disse o Senhor. Aconteceu o mesmo com Caim: "Onde está teu irmão Abel?" perguntou-lhe o Eterno." A estes singulares argumentos tirados da Escritura Santa os canonistas juntavam motivos poderosos bebidos do direito natural.

"A evidência de um crime," diziam, "não poderá privar um criminoso do direito de defender-se." É grato encontrarem-se estes princípios de justiça em uma congregação romana. Mas não convinham muito êstes escrúpulos aos teólogos da assembléia, que, guiados pela paixão, só pensavam em ir depressa à sua obra. Acordaram por fim em que se condenaria imediatamente a doutrina de Lutero, e quanto a êle e seus aderentes, conceder-lhe-ia um prazo de sessenta dias, findos os quais, se não se retratassem, seriam todos ipso-facto feridos de excomunhão. De Vio, voltando doente da Alemanha, mandou que o carregassem para a Assembléia. Não queria êle faltar a êsse pequeno triunfo que lhe oferecia alguma consolação. Batido em Augsburgo, pretendia ao menos condenar em Roma êsse frade indomável, diante do qual vira naufragar a sua ciência, a sua finura e autorida.. de Lutero não estava presente para responder: De Vio sentia-se forte. A última conferência, a que assistiu Eck, teve lugar na presença do próprio papa em sua vila de Maliano. [14]

Foi, a 15 de junho que o sacro colégio decretou a condenação, e aprovou a famosa bula.

"Levanta-te, Senhor," disse o pontífice romano, falan-do nesse momento solene como vigário de Deus e chefe da igreja, "levanta-te, sê juiz em tua causa, lembra-te do opróbio com que insensatos te acometem todos os dias" Levanta-te, Pedro, lembra-te de tua santa igreja romana, mãe de todas as igrejas e mestra da fé! Levanta-te, Paulo, porque eis que um novo Porfirio ataca as tuas doutrinas

e os santos papas nossos predecessores! Levanta-te enfim, assembéia de todos os santos! santa igreja de Deus! e intercede junto ao Deus onipotente.

Citou o papa depois, como perniciosas, escandalosas

e envenenadas, quarenta e uma proposições de Lutero em que êste expunha a santa doutrina do Evangelho. Encon-travam-se na lista as proposições seguintes;

"Negar que haja pecado na criança depois do batismo é calçar aos pés de S. Paulo e Nosso Senhor Jesus Cristo."

"Uma vida nova é a melhor e a mais sublime peni-tência." [15]

Queimar os herejes é contra a vontade do Espírito Santo, etc.

"Desde a hora mesmo em que fôr esta bula publicada." continuou o papa, os bispos deverão procurar com cuidado os escritos de Martinho Lutero, que enceram erros, e queimá-los pública e solenemente em presença do clero e dos leigos. Quanto ao próprio Martinho, bom Deus! O que não temos nós feito? Imitando a bondade do Deus onipotente, prontos estamos a recebê-lo ainda no seio da igreja, e lhe concedemos sessenta dias para nos fazer che-gar a sua retratação, selada por dois prelados; ou então; O que nos seria mais agradável, para vir êle em pessoa a Roma, a fim de que ninguém possa mais duvidar de sua obediência. Enquanto espera, e desde êste mesmo instante, deve deixar de pregar ,ensinar, escrever, e de entregar às chamas as suas obras. Se não se retratar no espaço de sessenta dias, nós os condenamos, êle e seus aderentes, como heréticos públicos e obstinados: O papa pronunciou em seguida um grande número de excomunhões, de maldi-ções, de interditos contra Lutero e os seus, com ordens de agarrarem as suas pessoas e enviá-las a Roma. Pode-se adivinhar sem dificulades o que seria feito desses generosos confesores do Evangelho nas masmorras do papado.

Assim . formava-se o raio sóbre a cabeça de Lutero. Poder-se-ia crêr, por ocasião do negócio de Reuchlin, que a côrte de Roma não queria mais fazer causa comum com os dominicanos e inquisidores. Mas estes levavam agora a melhor, e a antiga aliança estava solenemente renovada. A bula estava publicada,_ desde séculos a boca de Roma não tinha proferido uma palavra de condenação sèm que seu braço ferisse de morte. Essa mensagem assassina ia partir das sete colinas, e alcançar em seu convento o frade saxônio. Bem escolhido era o momento. Podia-se supor que o novo imperador, que tantas razões tinha para procurar a amizade do papa, dar-se-ia pressa em merecê-la, sacrificando-lhe um frade obscuro. O papa Leão X, os cardeais e toda a Roma triunfavam e julgavam ver o inimigo a seus pés,

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Lut. Opera Lat., 17, p.1 457 a 502.

[2] * Rom. 13: 1,. 4.

[3] Lut. Opera Lat.. 17. p. 472.

[4] * Quase -o mesmo que entre nós os festejos deorago.

[5] * Lut. Opera Lat.. 17, p. 483. Ibid., p. 486

[6] Lut. Epist. 1, p. 479. Tbid., p. 478.

[7] Echii Epístola 3 Maü, Lut. Opera Lat., 2, p. 48.

[8] Lut. Epíst., 1, p.:421 e 429...

[9]§ Epist. Echii.

[10] Bibl. Max. 19, cap. 4.

[11]* Papa est imperatore major dinitate plus quam aurum plombo. De papa et ejus potestante, p. 371.

[12] Zwinglii Epistolae, curantibus. Schutero et Schulthessio, p. 144. Ibidem.

[13] * Zwinglii curantibus Schulero et Schulthessio, p. 144.

[14] Sarpi, Hist. do Concilio de Trento, 1, p. 12.

[15] Lut. Opera Lat. 17, p. 305. e Opera Lat., 1, p. 32.

CAPÍTULO V

Witemberg — Melancton — Seu casamento — Catarina —Vida doméstica — Benignidade — Cristo e a antigui-dade — Trabalho — Amor às letras — Sua mãe — Motim dos estudantes.

Enquanto se agitavam assim os habitantes da cidade eterna, passavam-se em Witemberg cenas mais tranqüilas. Melancton aí derramava, uma doce mas brilhante luz. Mui-[1]• tas vêzes de mil e quinhentos a dois mil ouvintes, vindos da Alemanha, da Inglaterra, dos Países-Baixos, da França, da Itália, da Hungria e da Grécia, reuniam-se em tôrno dèle. Tinha vinte e quatro anos, e não era eclesiástico. Todos em Witemberg gostavam de receber em suas casas esse profesSor tão sábio e amável. Universidades estrangeiras, Ingolstadt em particular, desejavam atraí-lo. para o. seu seio: Seus amigos de Witemberg queriam, por meio do casamento, retê-lo junto de si. Ao passo que almejava urna companheira para o seu caro Filipe, Lutero declarava em alta voz que não queria ser seu conselheiro nesse negócio. Outros disso se encarregaram.

O jovem doutor freqüentava principalmente a casa do burgomestre Krapp, que pertencia a uma antiga família. Krapp tinha uma filha chamada Catarina, de génio manso e de elevada sensibilidade. Aconselharam Melancton a que a pedisse em casamento: mas o jovem sábio, estava afundado em seus livros, e não queria ouvir falar de outra coisa. Suas delícias eram seus autores gregos e seu Novo Testamento. Aos argumentos de seus amigos opunha ele outros argumentos. Enfim arrancaram-lhe o consentimento. Fizeram por êle todos os arranjos, e deram-lhe Catarina por mulher. Ële a recebeu com muita frieza,[2]* e disse, dando um suspiro: "Deus o quis assim! 2 preciso que eu renuncie a meus estudos e alegrias para seguir a vontade de meus amigos." 21e tódavia, apreciava as qualidades de Catarina. "A moça," disse, - "tem tal caráter e tal educação como eu podia pedir a Deus. Certamente que ela teria sido digna de melhor marido." Foi no mês de agosto que a coisa se decidiu: a 25 de setembro tiveram lugar os esponsais, e no fim de novembro celebrou-se o casamento. O velho João Lutero e sua mulher foram a Witemberg com suas filhas. [3]§ Muitos sábios e fidalgos assistiram à festa.

A terna esposa mostrava tanta afeição quanta frieza testemunhava o jovem professor. Sempre cheia de solicitude para com o marido, Catarina assustava-se desde que via uma aparência de perigo ameaçar êsse ente tão çaro. Quando Melaneton propunha-se a dar algum passo de natureza a comprometê-lo, ela o aturdia de súplicas para o levar a desistir. Vi-me obrigado, escrevia Melaneton em uma dessas ocasiões, "a ceder à sua fraqueza... é essa a nossa sorte." Quantas infidelidade na -igreja não terão tido semelhante origem! Talvez à influência de Catarina devam-se atribuir a timidez e os receios que muitas vêzes se têm

exprobrado a seu marido. Tão terna como mãe, quanto como esposa, foi Catarina. Ela [4]• dava com mão larga aos pobres. "Ó Deus! não me abandones -na minha velhice, quando meus cabelos começarem a branquear!" Tal era o suspiro usual dessa alma piedosa e timorata. Melaneton foi logo ganho pela afeição de sua mulher. Quando êle gozou das alegrias domésticas, compreendeu as suas doçu-ras: êle fora feito para as sentir. Em parte alguma se jul- gava mais feliz do que junto de sua Catarina e de seus pequenos. Um viajante francês tendo um dia encontrado o "mestre da Alemanha" a embalar o filho com uma mão, e segurando um livro com a outra, recuou de surprêsa. Mas Melancton, sem desconcertar-se, expôs-lhe com tanto calor o valor dos filhos perante Deus, que o estrangeiro saiu da casa mais instruido, disse êle, do que quando entrara. O casamento de Melancton deu um lar doméstico à Reforma. Houve desde então em Witemberg uma família, cuja casa estava aberta para todos a quem animava a nova vida. Era aí imenso o concurso de estrangeiros. [5]° Vinharn ter com Melancton para mil negócios diversos; e a ordem estabelecida proibia que se recusasse coisa alguma a quem quer que fôsse.

O jovem professor era sobretudo hábil em esquecer de si, quando se tratava de algum bem a fazer. Se não tinha mais dinheiro, levava às escondidas suas baixelas a qualquer negociante, pouco se dando de dela privar-se, contanto que tivesse com que aliviar os que estavam sofrendo. "Assim, ter-lhe-ia sido impossível prover as suas necessidades e às dos seus,- disse o seu aimgo Camerário,,"se uma benção divina e _oculta não lhe tivesse de tempos em tempos, fornecidos os meios." [6] Era extrema sua cordialidade. Rle tinha medalhas antigas de ouro e de prata, notáveis por suas inscrições e figuras. Mostrou-as um dia a um estrangeiro que o estava visitando. "Fica," lhe disse Melancton, "com a que vós desejardes." [7]"Eu as desejo todas," respondeu o estrangeiro. Confesso, "disse Filipe, "que me ofendeu a princípio esse pedido indiscreto; todavia eu lhas dei todas." [8]

Havia nos escritos de Melancton um perfume de an-tiguidade, que entretanto não impedia que o bom cheiro de Cristo se exalasse por todas as partes, e que lhes dava inexprimível encanto. Não há uma só de suas cartas aos amigos em que se não ache recordada, do modo mais natural, a sabedoria de Homero, de Platão, de Cícero e de Plínio, ficando sempre Cristo como seu mestre e seu Deus. Pedira-lhe Spalatino a explicação desta palavra de Jesus Cristo: Vós sem mim não podeis fazer nada."[9] S. João 15:5. Melancton o mandou a Lutero. "Cur afiam gestum, spectante Roscio?" para falar com Cícero, disse ele Depois prosseguiu: "Esta p,asagena significa que é preciso que nós sejamos absorvidos por Cristo, de sorte que nós não obremos mais, mas que Cristo viva em nós. Como a natureza divina foi incorporada ao homem em Cristo, assim convém que o homem seja incorporado a Jesus Cristo pela fé.

O ilustre sábio deitava-se habitualmente pouco tempo depois da ceia. As duas ou três horas da manhã estava de novo trabalhando. Nessas horas matutinas é que

foram compostos seus melhores escritos, Seus manuscritos se achavam de ordinário em cima de sua mesa, expostos às vistas de todos os que iam e vinham, de sorte que roubaram-lhe muitos. _ Quando tinha convidado alguns amigos, pedia-lhes que um ou outro de entre êles lêsse qualquer composição pequena em prosa ou em verso. Em suas viagens fazia-se sempre acompanhar por alguns mancebos. Entretinha-se com êles por modo a um tempo instrutivo e divertido. Se a cosversação amortecia cada um tinha de recitar por sua vez sentenças tiradas dos antigos poetas. Freqüentemente empregava êle a ironia, temperando-a todavia com grande doçura. "Ela pica e corta," dizia, "e no entanto não causa dor."

Era sua paixão a ciência. Espalhar as letras e as luzes, tal era o alvo de sua vida. Não convém esquecer que as letras para êle eram as Santas Escrituras, e, só em lugar secundário, as obras dos antigos. Aplico-me só a uma coisa," dizia ele, "a defesa das letras. Convém que com nosso exemplo se inflame a mocidade de admiração pelas letras, e que as ame por amor delas, e não pelo proveito que delas posa tirar. A ruína das letras trás consigo a desolação de tudo o que é bom: religião, costumes, cousas divinas, coisas humanas. "` ... Quando melhor é um homem, tanto maior é o ardor que tem por salvar as letras; porquanto sabe que das pestes a mais perniciosa é a ignorância." [10]

Algum tempo depois de seu casamento foi ter à Breten, no Palatinado, para visitar sua querida mãe, em companhia de Carcerário e de outros amigos. Quando avistou sua cidade natal, apeOu-o, lançou-se de joelhos, e deu graças a Deus por permitir-lhe torná-la a vê-la. Margarida quase desmaiou de alegria ao abraçar o filho, Queria que êle ficasse em Breten, e pediu-lhe com instância que permanecesse na fé de seus pais. Melanctou desculpou-se a êste respeito, porém com muita ciscunspeção, receioso de ofender a consciência da mãe. Foi-lhe muito penoso o separar-se dela; e cada vez que daí em diante algum viajante lhe trazia notícias de sua cidade natal, regosijava-se como se tivesse voltado, dizia, às alegrias da infância. Tal era em seu interior um dos mais proeminentes chefes da revolução redigiosa do décimo-sexto século.

Veio todavia um motim a perturbar as cenas domésticas e atividade estudiosa de Witemberg. Os estudantes travaram-se de mãos com os -burgueses. O reitor mostrou muita fraqueza. Pode-se avaliar qual a tristeza de Melancton ao ver êsses discpulos das letras cairem em tais excesos. Lutero indignou-se. Longe estava de querer ganhar os ànimos por uma falsa condescendência. O opróbrio que essas desordens atiraram sôbre a universidade transpassava-lhe a alma.[1]° Subiu êle ao púlpito, e pregou enérgico contra essas sedições, convidando ambos os partidos a submeter-se aos magistrados. Seu discurso excitou uma grande irritação. "Satanás," disse êle, "não podendo atacar-nos no exterior, quer prejudicar-nos interiormente. Não o temo; mas receio que nos fica a cólera de Deus, porque não

temos recebido bem sua palavra. No correr destes tres últimos anos tenho estado exposto tres vezes a grandes perigos.: em 1518 em Augsburgo; em 1519 em Leípzig; e agora em 1520 em Witemberg. Não é pela sabedoria, nem pelas armas que se cumprirá a obra da renovação da igreja, mas por humildes súplicas e por uma fé corajosa que po-nha Jesus Cristo conosco. Ó meu amigo, junta tuas orações às minhas para que o espírito mau não se sirva desta pequena faísca para atear um vasto incêndio."[2]

NOTAS DE RODAPÉ

[1] Corp. Ref., 1, p. 211.

[2] Ibid., p. 265.

[3] Ibid., p. 212.

[4] Lut. Epist., 1, p. 528.

[5] Cam., Vita Melanch., p. 40.

[6] Ibid.

[7] Vita Melancton, p. 56.

[8] Cam., Vita Melanc., p. 43.

[9] Corp. Ref. Epíst. 13 de abril de 1520.

[10] Corp. Ref.. 1. p. 207, 22 de julho de 1520.

[11] L. Epíst., 1. p. 467.

[12] Ibid.

CAPÍTULO VI

O Evangelho na Itália — Sermão sobre a missa — O cativeiro babilônico da igreja — O batismo — Abolição dos mais votos — Progresso da reforma.

Ainda mais terríveis combates aguardavam Lutero. Roma brandia a espada com que ia ferir o Exangelho. O ruído da condenação que o ia alcançar, longe de abater o reformador, aumentou-lhe a coragem.. Pouco cuidou êle de aparar os golpes dessa potência orgulhosa. Dando golpes mais terríveis é que tornará baldados os de seus adversários. Enquanto as congregações transalpinas fulminam anatemas, levará êle a .espada da palavra ao seio dos povos italianos. Garças de Veneza-falavam do agrado com que aí se acolhiam os sentimentos de Lutero. Ardia êle em desejos de fazer o Evangelho pasar os Alpes. Preciso era que os evangelistas para aí o transportassem. Desejaria," disse êle, "que tiessemos livros vivos, isto é, pregadores, [1]* e que pudessemos multiplicá-los e protegê-los por todas as partes, a fim de que transmitissem ao povo o conhecimento das coisas santas. O príncipe não poderia fazer uma coisa mais digna de si. Se o povo da Itália recebesse a verdade, então seria inatacável a nossa- causa.- Não parece que se realizasse esse projeto de Lutero. verdade que mais tarde homens evangélicos, Calvino mes-mo, demoravam-se por algum tempo na Itália: mas nessa época não se realizou o desígnio de Lutero. Ele se havia dirigido a um grande do mundo. Se tivesse apelado para homens humildes, e zelosos ao mesmo tempo pelo reino de Deus, o resultado teria sido muito diverso. Nessa época se pensava que tudo se devia fazer pelos governos; a asso-ciação de simples indivíduos, essa potência que ora opera tantas maravilhas na Cristandade, era quase desconhecida.

Porém, se Lutero não se saía bem em seus projetos para espalhar ao longe a verdade, era tanto mais zeloso em anunciá-la pessoalmente. Foi então que pronunciou em Witemberg o discurso sobre a santa missa. [2]° Levantou-se contra as numerosas seitas da igreja romana, e exprobou-lhes com alta razão a falta de unidade. "A multiplicação de leis espirituais," disse êle, "tem enchido o mundo de seitas e divisões. Os padres,- os frades e os leigos têm chegado a odiarem-se mais do que os cristãos e os turcos. Que digo eu? Os padres entre si, os frades entre si, são são inimigos de morte. Cada qual é dedicado à sua seita, e despreza todas as outras. Foi-se a Unidade e a caridade de Cristo. Depois atacou a idéia de que fôsse a missa um sacrifício, e de que tivesse poder em si mesmo. "O que há de melhor em todo o sacramento, e por conseqüência na ceia do do Senhor," disse êle, "são a palavra e as promessas de Deus. Sem a fé nessa palavra e nessas promessas está morto o sacramento; é um corpo sem alma, um vaso sem vinho, uma bolsa sem dinheiro, uma figura sem realidade, uma carta sem firma, um estojo sem jóia, uma bainha sem espada.

Entretanto a voz de Lutero não estava encerrada em Witemberg, e se êle não achou missionários que levassem longe as suas instruções, Deus tinha provido um missionário de novo gênero. A imprensa substituia os evangelistas. O prelo tinha de bater à brecha a fortaleza romana. Lutero preparara uma mina, cuja explosão abalou até aos fundamentos o edifício de Roma. Foi a publicação do seu famoso livro sobre o Cativeiro babilônico da igreja, que apa- receu a 6 de outubro de 1520. [3]° Nunca homem algum em tão crítica situação mostrara tanta coragem.

A princípio expõe êle com soberba ironia neste escrito tôdas as vantagens de que - devedor a seus inimigos.

"Quer eu queira, quer não," diz "vou ficando de dia em dia mais sábio, levado, como sou, por tão doutos mestres. Há dois anos ataquei as indulgências, com tanta indecisão, porém, que hoje tenho vergonha. Não é todavia de admirar porque era eu só a rolar essa pedra." Êle dá graças a Prierio, a Eck, a Emse e. a seus outros adversários. Eu negava," prossegue êle, "que o papado fosse de de Deus, mas concedia que fosse de direito humano. Hoje, depois de ter estudado tôdas as sutilezas sôbre que êsses fidalgos estabelecem seu ídolo, sei que o papado não é senão o reino de Babilônia e a violência do grande caçador Nemrod. Peço ,pois, a todos os meus amigos e a todos os livreiros que queimem os livros que escrevi a respeito, e que lhes substituam- esta proposição única: "O papado é uma caçada geral comandada pelo bispo de Roma, para _pregar e deitar a perder as almas."

Lutero ataca em -seguida os erros dominantes sobre os sa-cramentos, votos monásticos, etc. Reduz a três, batismo, penitência e santa céia„ os sete sacramentos da igreja. Ex-põe a verdadeira natureza da ceia do Senhor, passa depois ao batismo, e é principalmente aí que estabelece a excelência da fé, e que ataca Roma com pujança. Deus," diz êle, "nos conservou éste único sacramento limpo das tradições dos homens. Deus disse: "Aquele que crer e fôr batizado será salvo."[4] Esta promessa de Deus deve ser preferida a todo o brilho das obras a todos os votos, a todas as satisfações, a todas as indulgências e a tudo que o homem tem inventado. Ora, desta promessa, se a recebemos com fé, depende toda a nossa salvação. Se cremos, é nosso coração fortificado pela promessa divina; e, quando tudo abandonasse o fiel, essa promessa em que êle crê não o abandonaria. Com ela resistirá ao adversário que paira sobre sua alma, e responderá à implacável morte e mesmo no juiío de Deus. Sua consolação em todas as provas será dizer: Deus é verdadeiro em suas promessas; recebi o seu penhor no batismo; se Deus é por mim quem será contra mim? Oh! quanto é rico o cristão, quanto o é o batizado! nada pode perdê-lo, a não ser que recuse crer.

"Talvez que ao digo sobre a necessidade da fé oponha-se o batismo das criancinhas. Mas assim como é poderosa a palavra de Deus para mudar o coração de

um ímpio, que não é todavia menos surdo e incapaz do que uma criancinha, assim, pela súplica da igreja apresentante e crente, muda-se, limpa-se e renova-se a criancinha ,infundida por Deus a fé." [5]°

Nós não fazemos mais que expôr a doutrina de Lutero sabre o batismo, sem que de modo algum a aproverrios. O ensino da Santa Escritura, que nenhum sacramento aproveita se não fôr acompanhado de fé, levou Lutero a declarar "que até as crianças crêem no batismo com uma fé peculiar a elas;" [6]° e quando se lhe objetou que, "não sendo nelas desenvolvida a razão, não podem ter fé," êle replicou, dizendo: "Que têm que ver a razão com a fé e com a palavra de Deus? Não é ela, pelo contrário, aquilo que lhes resiste? Nenhum homem pode chegar à fé sem que se tenha como louco, falta de razão e de inteligência, e sem que se faça tão simples como criança." Não devemos temer assinalar os erros dos caudilhos da Reforma, pois não lhes rendemos homenagem como Roma faz a seus santos; não defendemos nem Calvino nem Lutero, e sim Cristo e a sua palavra.

Depois de ter exposto a sua doutrina do batismo, Lute-ro dela se serve como de uma arma contra o papado. Com efeito, se o cristão acha toda a sua salvação na renovação de seu batismo pela fé, que necessidade têm das prescri-ções de Roma?

Eis porque, eu o declaro, nem o papa, nem o bispo, nem quem quer que seja tem o poder de impór a mínima coisa a um cristão, se não for com o .seu consentimento.

Tudo o que se faz por outra sorte faz-se com tirania. Somos livres a respeito de todos. O voto que no batismo fizemos basta por si só, e é mais do que tudo quanto podemos cumprir. [7]§ Todos os outros votos podem, pois, ser abolidos. Todo o homem que entre para o sacerdócio ou para uma ordem religiosa compreenda bem que as obras de um religioso ou de um padre, por difíceis que possam ser, em nada diferem perante Deus das de um camponês que trabalha em sua lavoura, ou da de uma mulher que toma conta de sua casa. [8]° Deus avalia todas as coisas segundo a fé E acontece muitas vezes que o simples trabalho de um servo ou serva é mais agradável a Deus do • que os jejuns e as obras de um frade, por faltar a êste a fé... O p-ovo cristão é o verdadeiro povo de Deus, transportado em cativeiro à Babilônia, onde lhe roubaram o que tinha dado o batismo.

Tais eram as armas por meio das quais se efetuava a revolução religiosa, cuja história traçamos. Primeiramente era restabelecida a necessidade da fé; depois os reforma-dores dela se serviam, como de uma dava, para pulverizar as supertições. Era com èste poder de Deus, que transporta montanhas, que èles atacavam tantos erros. Estas palavras de Lutero, e tantas outras semelhantes, espalhadas nas cidades, nos conventos, nos campos,. eram o fermento qiie fazia levedar toda a massa.

Com as seguintes palavras termina Lutero -6se famoso escrito sôbre o cativeiro de Babilónia:

"Contam-me que novas excomunhões papais têm sido fabricadas contra mim. Se assim fôr, podem-se considerar o presente livro como uma parte da minha futura retratação. O resto virá depressa para dar prova de minha obediência, .e o conjunto formará, em auxílio de Cristo, um rodo tal, que Roma nunca terá visto nem ouvida semelhante,"

NOTAS DE RODAPÉ

[1] Lut. Epíst., 1, p. 491.

[2] Lut. Opera Lat., 17, p. 490.

[3] Lut. Opera Lat., 2, p. 68, et Leips., 17, p. 511.

[4] Lut. Opera Lat. 2, p. 64.

[5] Lut. Opera Lat., 2, p. 77.

[6] Lut. Opera Leips., 13. p. 360. p. 361.

[7] Lut. Opera Lat., 2, p. 17. § Ibid., p. 78.

[8] Lut. Opera LM. 2. p. 7R.

CAPÍTULO Vil

Novas negociações — Os agostinhos e Miltitz em Eisleben — Deputação enviada a Lutero — Miltitz e o eleitor —Conferência em Lichtemberg — Carta de Lutero ao papa — Livro .enviado ao papa — União entre Cristo e o que nele crê — Servidão e liberdade.

Depois. de um tal escrito, devia esvaicer-se tôda a esperança de conciliação entre o papa e Lutero. A incom-patibilidade da fé do reformador com a doutrina da igreja devia saltar aos olhos ainda mesmo daqueles que menos enxergavam. Mas era justamente então que começavam novas negociações. Cinco semanas antes da publicação de Cativeiro de Babilônia, no fim de agósto de 1520, tinha-se reunido em Eisleben o capítulo geral dos agostinhos. O venerável Staupitz aí resignou o vicariato geral da ordem, e Wenceslau Link que tinha acompanhado Lutero a Augs-burgo foi dele revestido. O infatigável Miltitz se apresen-tou de repente ao capítulo. [1]° Ardia em desejos de reconci-liar o papa com Lutemo. Seu amor-próprio, sua avareza, e sobretudo o ciúme e o ódio estavam nisso interessados. Eck com suas fanfarronadas, o incomodava; ele sabia que o doutor de Ingolstad o tinha desdourado em Roma, e tudo teria sacrificado para fazer abortar, por meio de urna pax prontamente concluída, as tramas desse importuno rival. O interêsse religioso era para êle nulo. Um dia, segundo o que êle próprio conta, estava à mesa em casa do bispo de Leissen. Os convivas tinham já feito numerosas libações, quando se lhes trouxe um novo escrito de Lutero. Abriram-no, leram-no; o bispo arrebatou-se; o oficial praguejou; mas Miltitz riu-se a bom rir. [2]° Miltitz tratava a Reforma como homem do mundo, Eck a considerava como teólogo.

Despertado pela chegada do doutor Eck, Miltitz diri-giu ao capítulo dos agostinhos um discurso pronunciado com sotaque italiano muito carregado, julgando impôr desta arte a seus bons compatriotas. "Tôda a ordem dos agostinhos está comprometida neste negócio," disse êle. "Indicai-me um meio de reprimir Lutero." [3]"Nada temos a fazer com o doutor," responderam os padres, "e não sabemos que conselho dar-vos." [4] Êles apoiavam-se sem dúvida sôbre que Saupitz. desligára Lutero, em Augsburgo, de suas obrigações para com a ordem. Miltitz insistiu: "Vá uma deputação deste venrável capítulo ter com Lutero a rogar-lhe que escreva ao papa, assegurando-o de que nunca tramou coisa alguma contra a sua pessoa.¢ Bastará isto para terminar o negócio." O capítulo rendeu-se à proposta do núncio, encarregou, sem dúvida por pedido dele, ao vigário geral e seu sucessor, Staupitz e Link, de falar a Lutero. essa deputação partiu logo para Witemberg com uma carta de Miltitz para o doutor, cheia das expressões as mais respeitosas. "Não havia tempo a perder," disse êle, "o raio, já suspenso sôbre a cabeça do reformador, ia arrebentar logo; então tudo estaria acabado." [5]

Nem Lutero, nem os deputados que partilhavam seus sentimentos, esperavam coisa alguma de uma carta ao papa. Mas nisto mesmo havia uma razão para não se recusar êle a escrevê-la. Uma tal carta não podia ser senão mero ne- Bócio de forma que faria ainda mais sobressair o direito de Lutero. "Êste italiano da Saxônia," Miltitz,) pensava Lutero, "tem sem dúvida em fito neste pedido o seu in-teresse particular. Pois bem! vá. Escreverei, conforme a verdade, que nunca tive coisa alguma contra a pessoa do papa. Ê preciso pôr-me em guarda para não atacar fortemente demais a cadeira mesmo de Roma. Todavia eu a temperarei de seu próprio sal."[6]°

Mas logo depois o doutor soube da chegada da bula à Alemanha; a 3 de outubro declarou êle a Spalatino que não escreveria ao papa, e a 6 do mesmo mês publicou o seu livro sobre o Cativeiro de Babilônia. Miltitz não desanimou ainda. O desejo de humilhar a Eck lhe fazia crêr no imposível. A 2 de outubro escrevera, cheio de esperanças, ao eleitor: "T do irá bem; mas, pelo amor de Deus, mandai-me pagar sem tardar mais a tenta que vós e vosso irmão me estabelecestes há alguns anos. Tenho necessidade de dinheiro para arranjar de novo amigos em Roma. Escrevi ao papa, rendei homenagem aos jovens cardeais, parentes de sua santidade, com peças de prata e ouro do cunho de vossa alteza eleitoral, e ajuntai algumas para mim porque furtaram-me as que vós me destes." [7]

Mesmo depois que Lutero teve conhecimentó da bula, o intrigante Miltitz não perdeu o ânimo. Pediu para ter em Lichtemberg uma conferência com Lutero. O eleitor ordenou a. êste que para aí fôsse. Seus amigos, porém, sobre todos o afetuoso Melancton, opuseram-se. [8]° "Que!" pensavam eles, "no momento em que aparece a bula que manda agarrar Lutero para o levarem a Roma, aceitar, em um lugar afastado, uma conferência com o núncio do papa! Não é evidente que o doutor Eck, não podendo aproximar-se do reformador por ter abertamente demais publicado o .eu ódio, encarregou o astuto camarista de apanhar Lutero em seus laços?"

Êsses receios não podiam deter o doutor de Witem-berg. O príncipe mandara; êle tinha de obedecer. Parto para Lichtemberg," escreveu em II de outubro ao capelão; "orai por mim. Seus amigos não o quiseram abandonar.[9] No mesmo dia, à tarde, Lutero entrou em Lichtemberg, rodeado de trinta cavalheiros, entre os quais se achava Melancton. O núncio do papa chegou quase ao mesmo tempo, com uma comitiva de quatro pessoas. Não seria esta modesta escolta uma astúcia para inspirar confiança a Lutero e a seus amigos? [10]

Miltitz dirigiu a Lutero urgentes solicitações, assegu-randd-lhe que a culpa recairia sobre Eck e suas parvas jatâjncias, e que tudo terminaria a contento de ambas as partes. "Pois bem!" respondeu Lutero, "proponho-me a guardar silêncio de

ora em diante, contanto que meus adversários também o guardem. Quero fazer me prol da paz tudo quanto me fôr possivel" [11]§

Miltitz ficou cheio de alegria. Acompanhou Lutero até Witemberg. O reformador e o núncio papal entraram, ao lado um 4o outro, nessa cidade de que já se aproximava Eck, apresentando com mão ameaçadora a bula formidável que devia derrubar a Reforma. "Levaremos a coisa a bom fim," escreveu Miltitz ao leitor imediatamente; "agradecei ao papa a sua rosa de ouro, e mandai ao mesmo tempo quarenta ou cinqüenta florins ao cardeal Qual-tio, Sanctorum." [12]°

Lutero tinha de cumprir a sua promessa, e escrever ao papa. Antes de dizer a Roma um adeus eterno, èle queria fazer-lhe ouvir ainda uma vez importantes e salutares verdades. Talvez que se enxergue em sua carta ~ente te um escrito cáustico, uma amarga e insultante sátira; mas isto é desconhecer os sentimentos que o animavam. Ele atri,buía sinceramente a Roma todos os males da cristandade: segue-se, pois que suas palavras não foram insultos, e sim solenes avisos. Quanto mais êle ama a Leão e a igreja de Cristo, tanto mais éle quer desvendar a extensão da chaga. A energia de suas expressões é a medida do ardor de sua afeição. Chegára o momento de dar grandes golpes. [13]

Crè-se vèr e ouvir um profeta, rodeando pela última vez a cidades, exprobando-lhe tôdas as suas abominações, revelando-lhes os juizos do Eterno, gritando-lhe: "Alguns dias ainda!" Jonas 3:4. Eis a carta:

Ao santíssimo padre em Deus, Leão X, papa em Roma, saúde em Jesus Cristo, Nosso Senhor. Amem. [14]

Do âmago desta violenta guerra que movo há três anos contra homens desregrados, não posso deixar de aten-tar algumas vezes para vós, ó Leâo, santíssimo padre em Deus! Se bem que a loucura de vossos ímpios lisonjeiros me tenha constrangido a apelar de vosso juízo para um concílio futuro, meu coração não se desviou de vossa santidade, e eu não tenho• cessado de pedir a Deus, em constantes preces e suspiros profundos, a vossa prosperidade e .a de vosso pontificado. [15]°

Ataquei, é verdade, algumas doutrinas anticristãs, e fiz uma ferida profunda me meus adversários por causa de sua impiedade. Não me arrependo, porque tenho o exemplo de Cristo. Para que serve o sal se não tempera, o fio da espada se não corta? Maldito seja o homem que trabalha descuidadosamente na obra do Senhor! Ó excelentíssimo Leão, longe de ter algum dia concebido um mau pensamento a vosso respeito, eu vos desejo por tôda a eternidade os mais preciosos bens. Só fiz uma coisa: mantive a palavra da verdade. Pronto estou a- ceder a todos, em tudo; mas

pelo que respeita a essa palavra, eu não quero, eu não posso bandoná-la. Quem pensa diverso do que penso, pensa mal.

Ataquei, é verdade, a- côrte de Roma; mas nem vós próprio nem homem algum sôbre a terra podereis negar que é maior nela a corrupção do que foi em Sodoma e Gomorra, e que a impiedade que aí reina ; sem esperança de cura. Sim, tenho-me horrorizado vendo que sob o vosso nome se enganava o pobre povo de Cristo. Opus-me a isso,. e opôr-me-ei ainda; não que. [16] eu vãmente imagine que, apesar da oposição dos lisonjeiros, possa eu conseguir alguma coisa nessa Babilônia que é a própria confusão: mas eu me devo a meus irmãos, a fim de que alguns escapem, se fôr possível, a esses terríveis flagelos.

Desde muitos anos, vós o sabeis, te mRoma imundado o mundo com tudo que deita a perder alma ecorpo. A igreja de Roma, outrora a primeira em santidade, tornou-se um covil de ladrões, um teatro de prostituição, um reino da morte e do inferno. [17]° de sorte que o próprio Anticristo, se aparecesse, não poderia aumentar-olhe a malícia. Tudo isto é mais evidente do que a própria luz do sol.

"E entretanto, vós, ó Leão, sois como um cordeiro no meio de lobos, como Daniel no lago dos leões! Que podeis- vós opôr sózinho a êsses monstros? Talvez haja três ou quatro cardeais que justem virtude à ciôncia. Mas o que é isto contra tamanho número? Perecereis envenenado, antes mesmo de poderdes experimentar qualquer remédio. Foi-se a côrte de, Roma" a ira de Deus caiu sabre ela, e a consumirá. Ela aborrece os avisos, teme a Reforma, não quer moderar o furor de sua impiedade, e merece que se diga dela, como de sua mãe: "Temos medicado a Babilônia, e ela não sarou; deixemo-la!" Jer. 51:9. Competia-vos e a vossos cardeais aplicar o remédio: o doente, porém, ri-se do médico, e o cavalo não quer sofrer o freio.

Cheio de afeição para convosco, excelentíssimo Leão, tenho sempre lamentado que, formado para um século me-lhor, tenhais sido elevado ao pontificado no tempo presen-te. Roma não é digna de vós nem dos que convosco se parecem; ela não merece ter por chefe senão Satanás em pessoa. Também é verdade que ele reina mais do que vós nesta Babilônia. Prouvéra à Deus que, depondo essa glória que vossos inimigos tanto exaltam, a trocásseis por um modesto pastorato, ou que vivesseis de vossa herança paterna; porquanto só os Iscariotes sãó dignos de tal glória... C) [18] meu caro Leão! de que servis, pois, nessa c8rte romana, a não ser para que hómens execráveis se sirvam de vosso nome e de vosso poder para arruinar as fortunas, perder as almas,. multiplicar os crimes, oprimir a fé, a verdade e tôda a igreja de Deus? C5 Leão, Leão! vós sois o mais desgraçado dos homens, e ocupais o mais perigoso dos tronos! eu digo-vos a verdade porque vos quero bem.

Não éverdade que, sob a vasta extensão do céu, nada há de mais corrupto, de mais odioso do que a côrte romana? Em vícios e corrupção excede ela infinitamente aos turcos. Porta outrora do céu, tornou-se ela boca do inferno; boca larga e que a ira de Deus conserva aberta, de sorte que, vendo eu tantos desgraçados que ai se precipitam, é me preciso gritar, como em um aternpestade, a fim de que alguns ao menos se salvem de pego medonho.

Eis, ó Leão, meu pai, porque me desencadeei contra essa sé que produz morte. Longe de me levantar contra a vossa pessôa, julguei trabalhar para a vossa salvação, ata-cando valentemente a prisão, ou antes o inferno em que estais encerrado. Fazer à côrte de Roma toda a espécie de mal é cumprir o vosso dever: cobri-la de vergonha é honrar a Cristo; em uma palavra, ser cristão é não ser romano.

"Entretanto, vendo eu que em socorrer a sé de Roma perdia tanto meus cuidados como meus trabalhos, remeti-lhe a carta de divórcio. Eu .lhe disse: Adeus, Roma! "Aquele que faz injustiça, faça-a ainda: e aquele que está sujo, suje-se ainda!" Apoc. 22: 11, e eu me entregue ao tranquillo e solitário estudo da Escrituro Santa. Então Satanás abriu os olhos, e acordou a seu servo João Eck, grande inimigo de Jesus Cristo, á fim de que êle me fizesse tornar a descer à arena. Ele queria estabelecer, não o primado de Pedro, mas o seu, e para isto esforçava-se por levar em triunfo Lutero vencido. êle quem tem a culpa de todo o opróbrio de que está coberta a sé de Roma." [19]

Aqui conta Lutero suas relações com Miltitz, De Vio e Eck; depois prossegue:

Agora, pois chego-me a vós, ó santíssimo padre, e peço-vos que, se possível ponhais um freio aos inimigos da paz. Mas eu não posso retratar a minha doutrina. Não posso permitir que se imponham à escritura Santa regras de interpretação. t de necessidade que se deixe livre a palavra de Deus, que é a própria fonte donde emana toda a liberdade.° [20]

O Leão, padre meu! não escuteis essas sereias lison-jeiras que vos dizem que sois, não um mero homem, porém um semi-deus, e que podeis ordenar tudo quanto voz apraz. Vós sois o servo dos servos, e o lugar em que estais assentado é o mais perigoso e o mais miserável de todos. Acreditai nos que vos humilham, e não nos que vos elevam. Sou talvez muito ousado por ensinar a tão alta majestade, que deve instruir todos os homens. Eu, porém, vejo os perigos que vos rodeiam em Roma; eu ai vos vejo impelido para aqui e para ali, como sobre as vagas do alto mar, em tormenta. Urge a caridade, e eu devo dar um grito de aviso e de salvação.

"Pará não me apresentar com as mãos vazias diante de vossa santidade, ofereço-vos um livrinho que saiu sob o vosso nome, e que vos fará conhecer dé que assuntos poderei ocupar-me, se mo permitirem os vossos lisonjeiros. Pouca causa é se

olhardes para o volume; muito, .porém, se atenderdes ao conteúdo; porquanto se acha nele encerrado o sumário da vida cristã. Sou pobre, e nada mais tenho a oferecer-vos; demais tendes por ventura necessidade de outra cousa que não seja de dons espirituais? Recomendo-me a vossa santidade que o Senhor Jesus guarde eterna. mente! Amem!"

O livrinho de que Lutero fazia homenagem ai) papa era o seu discurso sobre a liberdade do cristão." O refor-mador aí demonstra incontestávelmente como, sem atentai contra a liberade lhe tem dado a fé, pode o cristão submeter-ser a toda a ordenação _externa, em um espírito de liberdade e de caridade.. Duas verdades servem" de base a tudo o mais: "O cristão ,é livre, e senhor de todas as coisas. O cristão é servo e era tudo e a todos. Ele é livre e senhor pela fé; êle é submisso e servo pela caridade."

Expõe êle a pricípio o poder que tem a fé para tomar livre o cristão. A fé une a alma com Cristo, como uma, espôsa com seu espôso," diz Lutero ao papa. "Tudo quanto tem Cristo toma-se propriedade da alma fiel; tudo quanto tem a alma torna-se propriedade de Cristo. Cristo possui todos os bens e a salvação eterna: tudo isto vem a ser, pois, propriedade da alma. A alma possui todos os vícios e todos os pecados: êles, pois, vêm a ser como propriedade de Cristo. É então, que começa uma troca bem-aventurada: Cristo que é. Deus e homem, Cristo que nunca pecou, e cuja santidade é imaculada, Cristo o Onipotente e Eterno, chamando a si pelo seu anel nupcial, isto é pela fé, todos os Secados da alma fiel, estes pecados são engolidos nele e abolidos; porquanto não há pecado que possa substitiiir perante sua infinita justiça. Assim, por meio da fé, a alma é libertada de todos os pecados, e revestida da justiça eterna de seu espôso, Jesus Cristo. Õ feliz união! o rico, o nobre, o santo espôso, Jesus Cristo, toma em ca-sarnento essa esp8sa pobre, culpada, desprezada,° livra-a de todo o mal, e enfeita-a com as mais ricas bençãos. Cristo, rei e sacerdote, partilha essa honra e glória com todos os cristãos. O cristão é rei, e por consequência possui todas as cousas; êle é sacerdote, e por consequência possui à Deus. E é a fé, e não as obras, que lhe trás semelhante honra. O cristão é livre de todas as coisas, acima de todas as coisas, dando-lhe a fé tudo abundantemente.°

Na segunda parte de seu discurso Lutero apresenta a outra face da verdade. "Bem que o cristão tenha assim ficado livre, torna-se voluntàriamente servo, para obrar para com seus irmãos assim como Deus obrou para com éle por meio de Jesus Cristo. Eu quero," diz êle, "servir livre, alegre, gratuitamente um Pai que tem assim derra-mado ;obre mim a abundância de seus bens; eu quero," diz êle, "servir livre, alegre, gratuitamente um Pai que tem assim derarnado sobre mi ma abundância de seus bens; eu tornar-me tudo para o meu próximo, como Cristo tudo tornou-se para-mim." "Da fé" continua Lutero, ".decorre o amor de Deus; do amor decorre uma vida cheia de liberdade, de caridade e de alegria. Oh! quanto é- a elevada e nobre a vida

cristã! Mas ail ninguém a conhece,. ninguém a prega! Pela fé o cristão se eleva até Deus; pelo amor êle desce até o homem, e todavia fica sempre em Deus. Eis a verdadeira liberdade, liberdade que excede qualquer outra liberdade tanto quanto os céus estão levantados acima da terra."

Tal foi o escrito com que Lutero fêz acompanhar sua carta a Leão X.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] Palav.. 1, p. 68.

[2] Sechend., p. 266.

[3] Lut. Epíst., I , p. 483. Ibid.

[4] Ibid., 484.

[5] I Ibid. 486.

[6] Lut. Epíst. 1. p. 486.

[7] Seckand., p. 267.

[8] Lut. Epíst.. 1, p. 455.

[9] Lut. Epíst., 1. p. 455.

[10] Seckend., p. 268.

[11] Lut. Epíst., p. 496.

[12] Ibid.

[13] Seckendorf, p. 268.

[14] Lut. Epíst., 1, p. 498.

[15] Ibid., p. 499.

[16] Ibid.

[17] L. Epíst., 1, p. 500.

[18] Ibid.

[19] L. Epíst., 1, p. 501.

[20] Lut. Epíst.. 1. p. 504.

CAPÍTULO VIII

A bula na Alemanha — Acolhimento de Eck — A bula em Witemberg — Intervenção de Zwinglio.

Enquanto o reformador dirigia-se assi .m pela última vez ao pontífice romano, a bula que o anatematizava estava já nas mãos dos chefes da igreja aleMã, e as portas:da morada de Lutero. Parece que em Roma não havia dúvida sobre o êxito da medida que se acabava de tomar contra a Reforma. O papá encarregara dois altos funcionários de sua côrte. Caraccioli e Aleandro, levá-la ao arcebispo de Mogúncia, convidando-o a cuidar de sua. execução. -Mas o próprio Eck aparecia na Saxônia como arauto e executor da.. grande. obra. pontificial. •

O doutor de Ingolstad compreendera melhor do que qualquer outro ó poder dos golpes de Lutero; vira o perigo, e estendêra á mão para sustenta_r o edifício. abalado de Roma. • Ele era; ao que pensava, o Atlas destinado a carregar nos ombros robustos o antigo mundo romano gretes a esboroar-se. Altivo com os sucessos de sua viagem a Roma, altivo com o cargo que recebera do soberano pontífice, altivo com o fato de aparecer na Alemanha com o novo título de proto-notário e núncio pontifício, altivo pela bula que tinha em mão e na qual se achava a condenação de seu indomável rival, sua atual missão valia-lhe um triunfo mais esplêndido do que todas as vitórias que

alcançára na Hungria, na Bavária, na Lombardia, na Saxô-nia:,. e de que antes tirara tanta glória. Porém abatida devia ser breve essa altivez. O papa, em confiar a Eck a bula, cometera um èrro que tinha de destruir-lhe o efeito.

Tamanha distinção, concedida a um homem que não ocupava na igreja posição elevada, ofendeu os espíritos suscetíveis. Os bispos, acostumados a receber bulas direta-mente do papa, julgavam mau que fosse essa publicada em que fugira para a tálial, via.:o com pasmo e indignação que pateara o pretenso vencedor de Leipzig no momento e mque fugira para a Itália, via-o cora pasmo e indignação tornar a atravessar os Alpes, munido das insígnias de nún-cio pontifício e com o poder de •esmagar a flôr de seus homens. Lutero considerava êsse jazo dado por seu .im-placável adversário como um ato de vingança pessoal; era para êle essa condenação, diz Palavicini, como o punhal pérfido de um inimigo mortal, e não como a machada le-gítima de um litor romano.° [1]

Não era mais êsse escrito olhado como a bula do soberano pontífice, mas como a bula do doutor Eck. Desta arte foi o golpe embotado e enfraquecido de antemão por aquele mesmo que o provocára.

O chanceler de Ingolstad se tinha dado pressa em ir ter à Saxônia. Era aí que tinha dado combate, era aí que queria fazer brilhar sua vitória. Conseguiu afixar a

bula em Meissen, em Merseburgo e em Brandeburgo pelos fins de setembro. „Mas na primeira destas cidades pregaram-na em u mlugar em que ninguém a podia lêr, e. os bispos destas três sés não se apressaram em, publicá-la. Seu grande protetor mesmo, o duque Jorge, proibiu no conselho de Leipsig que a publicasem antes de receber-se a ordem do bispo. de Merseburgo; e só no ano seguinte foi que veio essa ordem. "Estas dificuldades são só por forma," pensava a princípio João Eck, porque, quanto, acis demais, tudo parecia sorrir-lhe. [2] O duque Jorge mandou-lhe uma taça dourada e Alguns ducados. O próprio Miltitz, acudindo a Leipzig com a notícia da chegada de Eck, o convidou para Nnta r. Os dois legados eram amigos da mesa, e Miltitz julgava que não podia melhor sondar o doutor Eck dó que com o copo na mão. "Depois que bebêra bem," disse o camarista do papa," èle começou a gabar-se cada vez 17"`ais; mostrou a sua bula, e contou como pretendia chamará razão o patife de Martinho.

Mas bem depressa teve [3]•o chanceler de Ingolstat oca-são de notar que o vento virava. De um ano a essa parte grande mudança. se tinha operado em Leipzig. No dia de S. Miguel alguns estudantes afixaram em dez lugares diversos cartazes em que atacavam vivamente o novo núncio. Espantado, t"Ie foi refugiar-se no claustro de S. Paulo, onde já se tinha asilado Tezel recusou todas as visitas aí, e obteve do reitor que fossem chamados à ordem os seus jovens adversários. Pouco, porém ganhou o pobre Eck. Os estudantes compuseram a seu respeito uma canção, e a entoaram nas ruas. Eck da sua prisão a ouvia. Então es- vaiu-se toda a sua coragem: o tremor percorreu todos os membros do terrível campeão. Todos os dias recebia êle cartas ameaçadoras. Cento e cinqüenta estudantes chegaram de Witembreg, falando afoutamente contra o enviado papal. O pobre núncio não pôde mais a isso resistir. "Não quero que o matem," disse Lutero, "mas desejo que abortem seus desígnios. Eck deixou de noite o seu retiro, fugiu clandestinamente de LeipZig, e foi ocultar-se em Coburgo. Miltitz, que isto conta, triunfava ainda mais do que o reformador. Esse triunfo não foi de longa, duração; abortaram todos os projetos de conciliação entretidos pelo camarista, e findou-se-lhe tristemente a vida. Miltitz caiu bebado no Reno, em Mogúncia, e morreu afogado.

Pouco a pouco Eck cobrou ánimo. Partiu para. Erfurt cujos teólogos tinham dado ao doutor de Witemberg mais de uma prova do seu ciume. Insistiu para que sua bula fosse [4]•publicada nessa cidade mas os estudantes se apoderaram dos exemplares, rasgara-nos, e os atiraram ao rio, dizendo: "Já que é bula (bolha), nade." Lutero. quan. do o soube, disse: "Agora sim é que o papel do papa é uma verdadeira bula" (bolha).

Eck não ousava aparecer em Witemberg; êle mandou a bula ao reitor,. ameaçando-o de que, se não se conformasse com ela, destruiria a universidade. Escrevei ao duque João, irmão e co-regente de Frederico: "Não leveis a mal o que

faço," lhe disse "pois é pela fé que trabalho, e isto me custa bastante trabalhos e muito dinheiro." [5]

O bispo de Brandeburgo não podia, ainda que quisesse, obar em Witemberg na sua qualidade de ordinário; por-quanto a universidade tinha privilégios que a protegiam. Convidaram Lutero e a Carlstadt, condenados péla bula, a tomar parte nas sessões em que se deliberou sôbre o seu conteúdo. O reitor declarou que, não tendo recebido juntamente com a bula uma carta do papa, negava-se a darlhé publicidade. A universidade gozava já nesses páises de autoridade maior ,do que a do próprio soberano pontífice. Sua declaração serviu de norma ao governo do eleitor. Assim triunfava da bula de Roma o espírito que estava em Lutero.

Enquanto na Alemanha êsse negócio agitava tão fortemente os espíritos em outro país da Europa fez-se ouvir uma voz grave. Um homem, prevendo as sessões que a bula do papa ia operar na igreja, se apresentou para dar um aviso sério, e defender o reformador. Foi êsse mesmo padre suiço, de quem temos já falado, Ulrico Zwingle, que, sem relação alguma de amizade com Lutero, publicou um escrito cheio de sabedoria e dignidade, a primeira de suas numerosos obras [6]° Uma afeição fraterna parecia arrastá-lo para o doutor de Witemberg. A piedade do pontífice," dizia êle, "exige um sacrifício com alegria à glória de Cristo. seu rei, e a paz pública da igreja, tudo o que êle tem de mais caro. Nada prejudica mais a sua dignidade do que clefendé-la èles somente com peitas e terrores. Ainda não tinham lido os escritos de Lutero, e já o desconceituavam junto ao povo corno um herético, um cismático, o Anticristo 4m pessoa.

Ninguém o advertia, ninguém o refutava; pedia èle uma discussão, e davãrn-se por satisfeitos em condená-lo. A bula publicada contra êle desagrada aos próprios que honram a grandeza do papa: porquanto em tôda ela se reconhecem os sinais do ódio impotente de alguns frades, e não os da doçura de um pontífice que •devéra ser o vigário de um Salvador cheio de caridade. Todos reconehecem que a verdadeira doutrina do Evangelho de Jesus Cristo muitíssimo tem degenerado, e que torna-se precisa uma restauração pública e brilhante das leis e dos costumes.° Contemplai a todos os homens de ciência e de virtude: quanto mais sinceros são, tanto mais ligados à verdade evangélica, e menos também os escandalizam os livros de Lutero. Ninguém há que deixe de confessar que esses livros o tornaram melhor, quando mesmo neles se achassem passagens que não se pudesse aprovar. Escolham-se homens de uma doutrina pura, de uma probidade reconhecida; três príncipes acima de tida a suspeita o imperador Carlos, o rei da Inglaterra e o rei da Hungria — nomèem os árbitros; leiam eses homens os escritos de Lutero, ouçam-no em pessoa, e ratifique-se tudo o que êles decidirem!

Nada conseguiu essa proposição vinda do país dos suiços. Preciso era que se cumprisse o graxide divórcio; preciso era que a Cristandade fosse desperdaçada; era em suas próprias feridas que ela devia achar o remédio para seus males.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] Pulavicini. 1. p. 74.

[2] Seckend., p. 238.

[3] Lut. Epíst., 1. p. 492. Ibid.

[4] Lut. Epíst., 1, p. 520.

[5] Lut. Opera Lat., 2, p. 317.

[6] Zwinglio Opera. curant. Schulero et Schultessio, 3, p. 1-5.

CAPÍTULO IX

Lutero se encomenda a Deus — Sua opinião sobre a bula Uma família neutra — Lutero sobre a bula — Contra a bula do Anticristo — O papa veda a fé — Efeitos da da bula — A fogueira de Louvain.

Com efeito, que significavam todas essas resistências de estudantes, de reitores e de padres? Se a pujante mão de Carlos V se unisse à poderosa mão do papa não esmw, gariam elas esses alunos e gramáticos? Resistiria alguém ao poder do pontífice da cristandade e do imperador do ocidente? O golpe estava desfechado; Lutero estava expulso da igreja; o Evangelho parecia perdido. O reformador nesse momento solene não dissimulou a si a grandeza do .perigo em que se achava. Olhou para cima. Aprestou-se a receber, como da mão do Senhor mesmo, o golpe que parecia dever aniquilá-lo. Sua alma se recolhia ao pé do trono de Deus. O que vai acontecer?" disse êle; "eu o ignoro, e não curo mesmo de sabê-lo, certo- de que Aquele que tem sua sede no céu previu desde toda a eternidade o começo, a continuação e o fiin deste negócio. Fira o golpe onde ferir estou sem medo. Não cai uma folha de árvore sem que o queira nosso Pai. Quanto menos nós!... Pouco é morrer pelo Verbo, pois que êsse Verbo que encarnou por nós morreu primeiro. Com Ele resurgiremos nós; e se morrermos com Ele, passando por onde passou Ele chegaremos onde Ële chegou, e ficaremos junto dele por toda a eternidade."° Entretanto Lutero não pôde, por vêzes, conter o desprèzo que lhe inspiiavam as manobras de seus inimigos; achamos então nele esse misto de subli-me e irônico que o caracteriza. ."Oe Eck só sei," dizia êle, "que chegou co mlonga barba, longa bula e longa bolsa; ... eu, porém, zombarei da sua bula ou bolha.[1]°

A 3 de outubro teve èle conhecimento da carta papal. "Ei-la enfim chegada," disse, "essa bula romana. Eu a desprezo e ataco como ímpia, mentirosa e digna de Eck a todos os respeitos. É o próprio Cristo quem nela é conde-nado. Não se dá nela razão alguma; citam-me, não para ineouvirem, mas para que eu cante a palinódia. Eu a tratarei como falsa, bem que eu a• creia verdadeira; Oh! se Carlos V fôra homem valente! e se por amor ele Cristo atacasse esses demônios. Regosijo-me por ter de suportar alguns males pela melhor das causas. Já sinto mais liberdade em meu coração; porquanto sei enfim que o papa é o anticristo, e que sua sede é a do próprio Satanaz."

Não era somente na Saxônia que os raios de Roma tinham dado rebate. Uma tranqüila família da Suábia, família neutra, viu de repente perturbada a sua paz, Bilibaldo Pirckheimer, de Nuremberg, um dos mais distintos varões do seu século, privado cedo de sua querida espôsa Crescência, ligara-se pela mais estreita afeição as suas duas jovens irmãs, Charitas, abadessa de Santa Clara e Clara, freira do mesmo convento. Essas duas piedosas donzelas serviam a Deus na solidão, e

dividiam seu tempo entre o estudo o cuidado dos pobres e as meditações sobre a eterL [2]• nidade. Bilibaldo, homem de estado, descansava dos trabalhos públicos entretendo-se com elas por meio de cartas. Elas eram instruídas, sabiam latim e estudavam os santos padres; mas nada havia de que gostassem tanto como da Santa .Escritura. Nunca tiveram outro mestre, além do irmão. As cartas [3]• de Charitas têm o cunho da delicadeza e da amabilidade. Tomada de uma terna afeição para com Bilibaldo, temia ela o menor perigo que lhe sobreviesse.

Pirckheimer, para animar essa alma tímida, escreveu um diálogo entre Charitas e Veritas (caridade e verdade), em que Vedtas procura sustentar Charitas.[4]° Nada mais tocante, nem mais póprio para consolar um coração terno e angustiado.

Qual deveria ser o espanto de Charitas quando se espalhou o boato de que o nome de Bilibaldo estava afixado sob a bula do papa, às portas das catedrais, ao lado do de Lutero. Com efeito, Eck, levado-por furor cego, associara a Lutero seis dos homens mais distintos da Alemanha, Caristadt, Feldkirchen, Egrano, que com isso pouco se importaram, Adelmann, Pirckheimer e seu amigo Spengler, que, pelas funções públicas de que estavam revestidos, se tornavam particularmente sensíveis a essa injúria. Grande foi a agitação no convento de Santa Clara. Como suportar a vergonha de Bilibaldo? Nada afeta mais aos parentes do que provas tais. Urgente era com efeito o perigo. Em vão a cidade de Nuremberg, o bispo de Bamberg, os próprios duques da Baviera intervieram em favor de Spengler e de Pirckheimer, êsses homens generosos tiveram de humilhar-se perante o doutor Eck que lhes fez sentir toda a importância de um protonotário romano, e os obrigou a escrever ao papa uma carta em que declararam aderir às doutrinas de Lutero somente no que eram conforme à fé cristã. Ao mesmo tempo Adelmann, com quem Eck se tinha uma vez batido, em seguida a um discurso sobre a grande questão que então ocupava todos os espíritos, teve ao levantar-se da mesa, de comparecer perante o bispo de Augsburgo, e de se lavar por juramento de toda a participação na heresia luterana. Todavia más conselheiras tinham sido para Eck a vingança e a cólera. Os nomes de Bilibaldo e de seu samigos prejudicaram a bula.

O caráter desses homens eminentes e suas relações numerosas tornaram mais geral a irritação. Fingiu Lutero a princípio duvidar da autenticidade da bula. Consta-me," disse êle no primeiro escrito que publicou, "que Eck trouxe de Roma uma nova bula, que tanto se lhe assemelha, que a podem chamar —Doutor Eck — tão cheia está ela de falsidades e erros. Ele dá a crer que é obra do papa, ao passo que é apenas uma obra de mentira." Depois de ter exposto o fundamento de suas dúvidas termina Lutero, dizendo: "Quero ver com meus próprios olhos o sêlo, os cordões, a clausura, a assinatura, tudo, em uma palavra, ou não avaliar na grossura de um cabelo todo esse palavreado. [5]°

Mas ninguém duvidava, nem mesmo Lutem, de que a bula fosse do papa. A Alemanha aguardava o que iria fazer o reformador. Permaneceria êle firme? Estavam os olhos cravados sobre Witembeg. Lutero não guardou por muito tempo em suspenso os seus contemporâneos. Res-pondeu por uma descarga fulminante publicando, a 4 de novembro de 1520, o seu escrito "Contra a bula do Anticristo." [6]

Quantos erros, quantas fraudes," disse êle, "se têm introduzido por entre o pobre povo, sob o manto da igreja e da pretendida infalibilidade do papa! quantas almas assim perdidas! quanto sangue derramado! quantos assassínios cometidos! quantos reinos arruinados!

Eu sei muito bem distinguir," disse êle com ironia um pouco além, entre arte e malícia, e muito pouco estimo uma malícia sem arte. Queimar livros é coisa tão fácil que as próprias crianças o podem fazer; quanto mais o santo padre e seus doutored° Convir-lhe-ia mostrarem mais habilidade dó que a que é precisa para queimar li-vros... Demais, destruam minhas obras! Nada mais desejo: porquanto só quis eu conduzir almas à Bíblia para que abandonassem depois todos os meus escritos. Grande Deus! se temos conhecimento da Escritura, que necessidade haveria de meus livros? Eu sou livre pela graça de Deus, e bulas não me consolam, nem me aterram. Minha força e minha consolação estão em lugar onde as não podem atingir os homens, nem os demônios."

A décima proposição de Lutero, condenada pelo papa, era assim concebida: Os pecados não são perdoados a homem algum , a não ser que êle creia que lhe são perdoados quando o padre o absolve."[7] O papa, condenando-a, negava que a fé fosse necesária no sacramento: "Pretendem. ," exclamava Lutero, "que não devemos crer que nos são perdoados os pecados quando, somos absolvidos pelo padre. E que devemos, pois, fazer? Ouvi agora, ó cristãos, uma nova vinda de Roma. Pronuncia-se condena-nação contra estes artigo de fé que profesamos, dizendo: "Creio no Espírito Santo no igreja cristã, e na remissão dos pecados." Se eu soubesse que o papa tinha verdadeiramente publicado em Roma esta bula (êle não duvidadva), e que não fôra inventada por Eck, o arquimentiroso, eu gritaria a todos os cristãos que considerassem o papa como o verdadeiro antcristo de que fala a Escritura. E se êle não deixasse de prescrever publicamente a fé da igreja, então.. que lhe resista o próprio gládio temporal de preferência a reistor ao turco!... porquanto o turco permite que se creia, e o papa o proíbe. [8]

Enqunto Lutem falava com tanta fôrça, seus perigos aumentavam. O plano de seus inimigos era fazer com que fosse expulso de Witemberg. Se Lutero e Witemberg se separassem, Lutero e Witemberg ficariam perdidos. Um só golpe desembaraçaria assim a Roma do doutor e da universidade herética. O duque Jorge, o bispo de Merseburgoz, os teólogos de Leipzig trabalhavam de mão comum nessa obra. Lutero

quando o soube, disse: "Entrego este negócio às mãos de Deus." Esses passos não ficavam sem efeito: Adriano, professor de hebraico em Witemberg, voltou-se de repente contra o doutor. Era preciso estar bem firme na fé para aguentar o golpe que dava a bula de Roma. Há caracteres que só vão com a verdade até certa, ponto. Tal foi Adriano. Espantado por essa condená0o, êle deixou Witemberg para ir ter em Leipzig com o doutor Eck. [9]

A bula começava a executar-se. Não era vã a palavra do pontífice da cristandade. Muito tempo havia que a espada e o fogo ensinavam aos homens a submeterem-se a ela. As fogueiras se levantavam à sua voz. Tudo anunciava que uma terrível catástrofe ia dar fim à revolta audaciosa do frade agostinho. Em outubro de 1520 os livros de Lutero foram arrancados em Ingolstadt, de todas as lojas de liveiros, e postos sob sêlo. O eleitor-arcebispo de Mogúncia, apesar de sua moderação, teve de banir de sua côrte a Ulrico de Hütten, e de meter na cadeia a seu impressor. Os nuncios do papa tinham assediado o jovem imperador: declarou Carlos que protegeria a antiga religião: [10]* viram-se levantar em agumas de suas possessões hereditárias cadafalsos em que deviam ser reduzidos a cinzas os escritos heréticos. Príncipes da igreja e conselheiros assistiram a eses autos de fé. A ouvir-se o orgulhoso núncio, ter-se-ia dito que a fogueira que consumiu em Mogúncia os livros de Lutero era "o princípio do fim." [11] Essas chamas, diziam em Roma, levarão o susto por toda a parte. Foi de fato assim para com muitos espíritos supersticiosos e tímidos; mas mesmo nos estados hereditárias_ de Carlos, únicos em que se ousava _executar a bula, o povo e algumas vezes os grandes respondiam freqüentemente a essas demonstrações pontifícias só com risos e sinais de indignação. "Lutero," diserarn os doutores de Louvairi, apresentando-se perante Margarida, governadora dós Países-Baixos "Lutero derruba a fé cristã." Quem é Lutero?" perguntou o princesa." "Um frade ignorante."

"Pois bem," replicou ela, "vós que sois sábios e em tamanho número, escrevei contra êle. O mundo crerá de preferência em muitos sábios do que -em um homem isolado e sem ciência." [12] Os doutores de Louvain preferiram um método mais fácil. Fizeram levantar à sua custa uma vasta fogueira. Uma grande multidão assistiu à farsa da execução. Viam-se estudantes e burgueses atravessar a toda pressa a multidão, trazendo, debaixo dos braços grossos volumes que atiravam nas chamas. Sèu zêlo edificava os frades e os doutores, mas a astúcia foi mais tarde descoberta. Eram os "Sermones discipuli, Tartareto," e outros livros escolásticos e papistas que se tinham lançado às chamas em vez dos de Lutero. [13]*

.0 conde de Nassau, vice-rei da Holanda, disse aos dominicanos que solicitavam o favor de queimar os livros do doutor: "Ide e pregai o Evangelho tão puramente como êle o faz, e não tereis de que vos queixar de ninguém." Com se falasse do reformador em um festim em que se achavam os prinieiros príncipes do império, o senhor de

Ravenstein disse em alta vóz: "No espaço de quatro séculos um só homem cristão ousou levantar a cabeça, e o papa quer que êle morra."-i- [14]

Lutero, tendo o sentimento do poder de sua causa, permanecia tranqüilo no meio do tumulto que a bula levantava. "Se vós," dizia êle Spalatino, "não apertásseis tanto, eu me calaria, sabendo bem que é pelo conselho e poder de Deus que tem de cumprir-se esta obra." [15]§ O tímido queria que se falasse, o forte quis calar-se. É que Lutero discernia um poder que escapava às vistas do amigo. "Tende boa esperança," continuava o reformador. "Foi Cristo quem começou estas coisas; será êle quem as cumprirá, quer seja eu afugentado, quer seja até morto. Jesus Cristo está aqui presente, e Aquele que está em nós é mais poderoso que o que está no mundo."

NOTAS DE RODAPÉ

[1] Lut. Epist., 1, p. 490.

[2] Ibid., p. 488.

[3] Ibid., p. 494.

[4] Pirckheimeri Op. Franckfort.

[5] L. Opera Lat., 17, p. 323.

[6] Lut. Opera Lat., 17. p. 324.

[7] Ibid.. 324.

[8] Lut. Epist., 1, p. 519. ..

[9] Ibid., p. 520.

[10] Palavicini, 1, p. 80.

[11] Seckend., p. 280.

[12] Ibid., p. 288.

[13] Lut. Epist., 1, p. 519.

[14] Ibid., p. 521.

[15] Ibid,, p. 526.

CAPÍTULO X

Passo dcisivo do reformador — Apela para um concílio geral — Luta de corpo a corpo — A bula queimada por Lutero Significação deste ato atrevido — Lutero na academia — Lutero contra o papa — Novo escrito de Melancton — Gomo Lutem consola seus amigos —Progresso da luta — Opinião de Melancton sobre os tímidos — Escrito de Lutero sobre a Bíblia — Doutrina da graça — Retratação de Lutro.

O dever, porém, obrigava-o a, falar para manifestar a a verdade ao mundo. Roma o feriu: êle fará conhecer como recebe seus golpes. O papa o baniu da igreja; êle o banirá da Cristandade. - A palavra do pontífice Mora até essa hora onipotente; êle oporá palaVra à palavra, e • o mundo conhecerá qual a que tem mais força. Quero, .disse êle, "dar descanso à minha consciência, revelando aos homens o perigo em que se acham;" [1]° e ao mesmo tempo preparava-se êle para renovar o seu apêlo para um concílio universal. Apelar do papa para um concílio era um crime. Foi, pois, por um novo atentado contra o poder pontifício que pretendeu Lutero justificar-se dos que tinham precedido.

A 17 de novembro um notário e cinco testemunhas, entre as quais se achava Cruciger, reuniram-se às dez horas da manhã em uma sala do convento dos agostinhos, em que habitava o doutor. Aí o oficial público, Sartor dEisleben, preparando-se logo para redigir a minuta do seu protesto, o reformador disse em tom solene na presença dessas testemunhas:

Atendendo a que um [2]• concílio geral da igreja cristã está acima do papa, sobretudo no diz respeito á fé;

Atendendo a que o poder do papa está, não acima, porém abaixo da Escritura, e que êle não têm o direito de degolar as ovelhas de Cristo, e nem de as lançar na goela do lobo:

Eu, Martinho Lutero, agostinho, doutor da Santa Escritura em Witemberg, apelo. por êste escrito, em prol meu e dos que comigo estão ou estarão, do santíssimo papa Leão para um futuro concílio universal e cristão.

Apelo do dito papa Leão primeiramente como de um juiz iníquio, temerário, tirânico, que me condena sem ouvir-me, e sem expôr os seus motivos; em segundo lugar como de um herético e de um apostata desvairado, endurecido, condenado pelas Santas Escrituras, o qual me ordena que negue ser desncssária a fé cristã no uso dos sacramentós; [3]* em terceiro como de um inimigo, de um anticristo, de um adversário, de um tirano da Santa Escritura, o qual se atreve a opôr suas próprias palavras a todas as palavras de Deus; em quarto, como de um zombador, caluniador e blasfemador da santa igreja cristã e de um concílio livre, o qual pretende que -um concílio nada é em si mesmo.

É porque eu muito [4] humildemente supico ao sere-nisimos, muito ilustres, excelentes, generosos, nobres, fortes, sábios e prudentes senhores, Carlos, imperador romano. eleitores, príncipes, condes, barões, cavalheiros, fidalgos, conselheiros, cidades e comunas de toda a nação alemã, a aderir ao meu protesto, e ai resistir comigo ao •procedimento anticristão do papa, para a glória de Deus, para a defesa da igreja e doutrina cristã, e para a manutenção dos concílios livres da Cristandade; e Cristo, nosso Senhor os reconapensára ricamente por sua eterna graça. Mas se al-guns houver que desprezem a minha deprecação e que continuem a obedecer ao papa, èsse homem ímpio, antes que a Deus, [5]• pelo presente escrito declino de mim e responsabilidade, tendo fielmente advertido as suas consciências, e os abandono ao juizo supremo de Deus, assim como o papa e seus aderentes.

Tal é a ata de divórcio de Lutero; foi assim que êle respondeu à bula do pontífice. Há grande seriedade nesta declaração. As acusações que faz êle contra o papa são de alta gravidade, e não foi levianamente que êle as fez. Esse protesto foi espalhado por tôda a Alemanha, e enviando à maior parte das córtes cristãs.

Lutero tinha ainda em reserva um passo mais afoito se bem que o que acabava de dar parecesse o cúmulo da audácia. Ele em nada queria que Roma lhe levasse a dianteira. O frade de Witemberg ia fazer tudo que se atreveria a fazer o soberano pontífice. Pronunciou palavra contra palavra; erigiu fogueira contra fogueira. O filho dos Médicis e o filho do mineiro de Mansfeld desceram à liça; e nêsse lutar, arca por arca, que abalou o mundo, nenhum vibrou golpe que não fosse respondido pelo outro. A 10 de dezembro podia-se ler um anuncio nos muros da universidade de Witemberg. Convidava êle os professores e os estudantes a se acharem às nove horas da manhã na porta oriental, perto da santa cruz. Grande número de doutores e discípulos se reuniu, e Lutero, marchando à sua frente, conduziu o cortejo ao lugar indicado. Quantas fo-gueiras tem ateado Roma no correr dos séculos? Melhor aplicação queria. fazer Lutero !o grande princípio romano. Tratava-se apenas de alguns papéis velhos a destruir; e "o fogo, pensava ele, para isso fôra feito." Preparado estava um cadafalso. Um dos mais_antigos mestres em artes deitou-lhe fogo. No momento em que se elevaram as chamas viu-se o terrível agostinho, revestido de hábito, chegar-se à fogueira, tendo em mãos o Direito Canônico, as Decretais, as Clementinas, as Extravagantes dos papas, alguns es- tos de Eck e de Emser, e a bula pontifícia. Tendo sido ao princípio consumidas as Decretais, Lutero levantou a bula e dizendo: "Pois que tu contristaste o Santo do Senhor, contriste-te fogo eterno, e te consumai" êle a atirou às chamas.

Guerra alguma foi declarada com mais energia e resolução. Tomou então Lutero tranqüilamente o caminho da cidade, e a multidão de doutores, de profess8res de estudantes, dando largas a sua aprovação, entrou com Me em Witemberg. "As Decretais," dizia Lutero, "assemelham-se a um corpo cuja cabeça é mansa como uma

virgem, cujos membros estão cheios de violências como um leão, e cuja cauda está repleta de astúcias como uma cobra. Em todas as leis dos papas não há uma só palavra que nos ensine quem é Jesus Cristo," "Meus inimigos," dizia êle ainda, "puderam, com a queima de meus livros, fazer mal à verdade no espírito do povo comum, e perder almas; eis porque consumi seus livros por meu turno. Acaba-se de encetar uma luta séria. Até aqui nada mais fiz do que brincar como o papa. Comecei esta obra em nome de Deus; ela terminará sem mim, e por seu próprio poder. Se ousam êles queimar meus livros, nos quais se acha mais Evangelho, para falar sem gabolice, do que em todos os livros do papa, eu posso por mais forte razão, queimar os seus em que nada há de bom." [6]

Se Lutero tivesse assim começado a Reforma, tal passo teria podido sem dúvida ter conseqüências funestas. O fanatismo poderia ter-se dele apoderado e lançado a igreja em vias de desordem e violências. Mas foi expondo com gravidade os ensinos da Escritura que o reformador tinha preludiado sua obra. Os fundamentos tinham sido postos com sabedoria. Nesse tempo um golpe de fôrça como o que êle acabava de vibrar podia não somente ser sem inconveniente, mas acelerar o momento em que a cristandade visse caírem as suas cadeias.

Lutero declarava assim solenemente que se separava do papa e de sua igreja. Podia-lhe isto parecer necessário depois de sua carta a Leão X. Aceitava êle a excomunhão que Roma pronunciara. Dava conhecer ao mundo cristão que entre ele e o papa havia guerra de morte. Queimava na praia os seus navios, e impunha-se a necessidade de avançar e. de combater.

Lutero tinha entrado de novo em Witemberg. No dia seguinte a sala acadêmica estava mais cheia que de costume. Estavam os ânimos comovidos; havia nessa assembléia alguma coisa de solene; esperava-se. uma alocução do doutor. Êle Comentou os Salmos; era um trabalho que tinha começado no mês de março do ano precedente. Depois, tendo acabado a explicação, parou alguns instantes, e terminou com fôrça: "Tende-vos em guarda contra as leis e estatutos do papa. Eu queimei as Decretais, mas foi isto um brinquedo apenas de criança. Seria tempo e mais do que tempo que se queimasse o papa, isto é," ajuntou ele logo, "a sé de Roma com todas as suas doutrinas e abominações." [7] Tomando depois um tom mais solene: "Se não combaterdes de todo vosso coração," disse ele, "o poder ímpio do papa, não podereis ser salvos. Todo aquele que se compraz na religião e no culto do papado ficará eternamnte perdido na vida por vir."

"Se deixardes a comunhão romana," acrescentou êle, "é mister contar com toda a espécie de perigos, e mesmo com a perda da vida. Porém mais vale expôr-vos a tais perigos neste mundo do que calar-vos! Enquanto eu viver denunciarei a meus

irmãos a chaga e a peste de Babilônia, receioso de que muitos que conosco estão venham a cair com outros no abismo do inferno,"

É difícil fazer-se idéia do efeito que na assembléia produziu êste discurso cuja energia nos espanta, "Nenhum de nós," acrescenta o cândido estudante que nó-lo conservou, "a a nao ser que seja um pau sem inteligência (como o são todos os papistas, diz êle em parentesis) nenhum de nós dúvida que isto seja a pura verdade. É evidente a todos os fiéis que o doutor Lutero é um anjo do Deus vivo. chamado a apascentar com a palavra de Deus as ovelhas de Cristo tanto tempo transviadas." [8]

Estes discursos e o ato que o coroou assinalam uma época importante da Reforma. A disputa de Leipzig desligara interiormente Lutero do papa. Mas quando declarou ele de modo mais expresso a sua inteira separação do papa e da igreja de Roma, e sua ligação à igreja universal, tal qual fôra fundada pelos apóstolos de Jesus Cristo, foi no momento em que queimou a bula. Êle ateou na porta Oriental um incêndio que dura desde três séculos.

"O papa," dizia ele, tem tres corôas; eis a razão: a primeira é contra Deus, porque ele condena a religião; a segunda contra o imperador, porque ele condena o poder secular; a terceira contra a sociedade, porque ele condena o casamento. [9]°

Quando o repreendiam por levantar-se com excessiva violência contra o papismo, respondia: "Ah! eu queria poder fazer ouvir só contra ele ribombos de trovão, e que cada uma de minhas palavras caísse como um raio." [10]

Essa firmeza comunicava-se aos amigos e aos compa-triotas de Liitero. Um povo inteiro se reunia a ele. A uni-versidade de Witemberg, principalmente, se afeiçoava cada vez mais a èsse herói, a quem devia sua importância e sua glória. Carlstadt levantou então a voz contra "o leão furioso de Florença" que rasgava as leis divinas e humanas, e conculcava os princípios da eterna verdade. [11] Por essa época também dirigiu Melancton aos estudos do império um escrito em que se encontram a elegância e a sabedoria que distinguiam êsse homem amável. Respondia èle a um livro atribuído a Emser, mas publicado sob o nome de teólogo romano Radino. Nunca o próprio Lutero falou com mais força; e todavia há nas palavras de Melancton graça tal que lhes dá acesso aos corações. [12]

Depois de ter mostrado com palavras da Escritura que o papa não é superior aos outros bispos: "O que é que impede," diz ele aos estados do império, que tiremos ao papa o direito que lhe temos dado? Importa pouco a Lutero que nossos riquezas, isto é, que os tesouros da Europa sejam enviados a Roma; mas o que causa a sua dor e a nossa é que seis dos pontífices e o reinado do papa não somente põem em risco as almas dos homens, mas as deitam inteiramente a perder. Cada qual pode por si mesmo julgar se lhe con-vém ou não dar o seu dinheiro para sustentar o luxo

romano; mas julgar das coisas da religião e dos mistérios sagrados não está ao alcance do vulgo. 8 pois aqui que Ligero implora a vossa fé, o vosso zelo, e que todos os homenspiedosos imploram com êle, uns em alta voz, outros com gemidos e suspiros. Lembrai-vos que sois cristãos, príncipes do do povo cristão, e subtrai os tristes restos do Cristianismo à tirania do anticristã.o. Enganam-vos os que pretendem que não tenhais autoridade alguma contra os padres. O mesmo espírito que animou Jehu contra os padres de Baal vos excita com êsse antigo exemplo a abolir a superstição romana, muito mais horrível do que a idolatria de Baal. [13]• Assim falava aos príncipes da Alemanha o doce Melancton.

Alguns gritos de espanto se fizeram ouvir de entre os amigos da Refoma. Espíritos tímidos, inclinados a rodeios extremos, Staupitz em particular, exprimiram vivas angustias. Até o presente," disse-lhe Lutero, "não tem sido mais do que um brinquedo este negócio. Vós mesmo o disseste: se Deus não fizer estas coisas, impossível será que elas se façam. O tumulto vai-se tomando cada vez mais tumultuoso, e eu penso que êle não se poderá aplacar, senão no último dia. Era assim que Lutero reanimava os ânimos assustados. Há já três séculos, e o tumuto ainda não se aplacou! [14]

"O papado," continuou êle, "não é mais agora o que era ontem e anteontem. Excomungue e queime êle os meus escritos! .. Mate-me... Êle nãb fará parar o que caminha. O que quer queé de prodigioso está à porta. Queimei a bula a princípio com grande temor; mas agora sinto mais alegria por tê-lo feito do que por qualquer outra ação que tenha praticado em minha vida." [15]

Pára-se como que involuntariamente, e compraz-se, lendo-se na grande alma de Lutero todo o futuro que se preparava. "Ó meu pai," ,disse êle a Staupitz, terminando, "orai pela palavra de Deus e por mim. Sou arrastado por estas ondas, e como que atordoado em seus barbilhões."

Assim se declarava o combate por todos os lados. Os campeões tinham atirado fora as bainhas das espadas. Re-cobrara seus direitos a Palavra de Deus, e havia deposto aquele que tinha tomado o lugar do próprio Deus; abalava-se toda a sociedade. Em todos os tempos não faltam homens egoistas .que queiram deixar dormir a sociedade humana no êrro e na corrupção; homens sábios, porém,. ainda mesmo que tímidos, pensam de outro modo. "Sabemos bem," disse o manso e moderado Melancton, "que os homens. de estado tem horror a toda a inovação; e preciso é confessar que, nesta triste confusão que se chama vida humana, as discordias, e mesmo as que provêm das mais justas causar, são sempre eivadas de algum mal. Todavia é necessário que a Palavra e o mandamento de Deus sejam preferidos na igreja a todas as coisas humanas. [16]• Deus ameaça com a ira eterna os que se esforçam por aniquilar a verdade. Eis porque repreender erros perniciosos

que homens desregrados espalhavam com inconcebível descaramento tornava-se para Lutero, dever cristão, e ao qual não podia êle subtrair-se, principalmente sendo doutor da igreja de Deus. Se a discordia engendra muitos males, assim como com grande dôr de minha parte vejo," acrescenta o prudente Filipe, "é por culpa dos que no princípio espalharam erros, e de quem cheio de ódio diabólico procura presentemente mantê-los."

Mas nem todos assim pensavam. Oprimiram Lutero com exprobações; sobre êle desencadeou-se a tempestade por todos os lados. ."£1.e está sózinho!" diziam uns; "Ensina coisas novas!" ajuntavam outros.

Scd tamen in Ecclesia omnibus rebus humanis. Melanchton— necesse est anteferr mandatum Dei Vita Luther dazu berufen und crwaehlt hat. Fun-pela bula de Roma. Lut. Opera Lat..

Quem sabe," respondeu Lutero no sentimento da vo-cação que de cima lhe era dirigida, "quem sabe se não foi Deus quem me escolheu e chamou, e se não devem temer que desprezando-me desprezem ao próprio Deus?... Moisés estava só por ocasião da saida do Egito; Elias só no tempo do rei Acab; Isaias só em Jerusálem: Ezequiel só em Babilônia... Deus nunca escolheu para profeta a sumo sacerdote, nem qualquer outro grande personagem; mas ordinariamente elegeu pessoas baixas e desprezadas, uma vez até um pastor, Amos. Em todos os tempos os santos têm de repreender os grandes, os reis, os príncipes, os padres, os sábibs, com risco de vida... E sob o Novo Testamento não aconteceu o mesmo? Ambrósio estava só em seu tempo; depois dele, Jerônimo esteve só: mais tarde, ainda Agostinho esteve só... Não digo que sou profeta; mas digo que êles devem temer, precisamente porque sou só e êles muitos. De uma coisa, sim estou certo, e é que a

Palavra de Deus está comigo, e que ela não está com êles. . [17]• "Dizem também," continuou êle, que eu meto por diante das coisas novas, e que é impossível de crêr que todos os outros doutores se tenham tanto tempo enganado.[18]• Não! eu não prego coisas novas. Eu digo, porém, que todas as doutrinas cristãs têm desaparecido de entre os mesmos que as deveriam conservar, a saber, os doutos e - os bispos. Eu não duvido todavia que a verdade tenha permenecido em alguns corações, ainda mesmo que Rifa entre as crianças de berço. Pobres camponeses, simples crianças compreendem melhor agora a Jesus Cristo do que o papa, os bispos e os doutores.

Acusam-me de rejeitar os santos doutores da igreja. Eu não os respeito; mas já que todos esses doutores procuravam provar seus escritos pela Santa Escritura, é porque é ela mais. clara e mais certa do que êles próprios. Quem pensará em provar um discurso obscuro com outro ainda mais obscuro? Assim, pois, a necessidade me

constrange a recorrer á Bíblia, corno o fazem todos os doutores, e a pedir-lhe que ela sé pronuncie sobre os escritos deles; porquanto só a Bíblia é senhora e mestra.

Mas, dizem, "homens poderosos o perseguem." E não é claro, segundo a Escritura, que o grande número têm estado sempre com a mentira, e o pequeno com a verdade?

A verdade têm feito rumor em todo o tempo. [19]•

Lutero passou depois em revista as proposições con-denadas na bula como heréticas, e demonstrou a verdade com provas tiradas da Escritura Santa. Com que fôrça, em particular, não sustentou êle a doutrina da graça

"Que!" exclamou, "poderá a natureza, antes da graça e sem ela, odiar o pecado, evitá-lo, doer-se de ter praticado, ao passo que, mesmo quando veio a graça, essa natureza ama o pecado, o procura, o deseja, e não cessa de combater a graça, é de irritar-se contra ela: pelo que gemem continuamente todos os santost... È como se alguém dissesse que uma grande árvore que eu não posso vergar empregando todas as minhas forças, verga por si quando a sós, ou que uma impetuosa torrente, que os diques e as muralhas não podem deter, para por si quando a deixo... Não, não é considerando o pecado e suas conseqüências que se chega RO arrependimento; mas é sim contemplando a Jesus Cristo, a SUJAS chagas, o seu imenso amor, É mister que o conhecimento provenha do arrependimento, e não o arrependimento do conhecimento do pecado. 0 conhecimento é o fruto, ❑ arrependimento é a árvore. Entre nós os frutos crescem sabre as árvores, mas parece que nos estados do santo padre as árvores crescem sobre os frutos." [20]

O corajoso doutor, conquanto protestasse, retratou to-davia algumas de suas proposições. Cessará a admiração quando se souber a maneira por que o fez. Depois de ter citado as quatro proposições sabre as indulgências, condenadas pela bula,*[21] acrescentou simplesmente: "Em honra da santa e sabia bula, retrato tudo o que tenho ensinado tocante às indulgências. Se foi com justiça que queimaram meus livros, isso certamente aconteceu por ter eu concedido ao papa alguma coisa na doutrina das indulgências; eis porque as condeno eu próprio ao fogo."

Retrata-se também quanto a João Huss: "Eu digo agora, não alguns artigos, porém sim todos os artigos de João Huss são inteiramente cristãos. O papa, condenando Huss, condenou o Evangelho. Eu tenho feito cinco vezes mais do que èle, e todavia receio não ter feito bastante. Huss disse somente que um mau papa não é membro da cristandade; eu, porém, digo que se S. Pedro mesmo se entronisasse em Roma, eu negaria que êle fosse papa por instituição de Deus."

NOTAS DE RODAPÉ

[1] Lut.. Epist., 1, p. 522.

[2] Lut. Opera Lat., 2, p. 50.

[3] Lut. Opera Lat., 17, p. 442.

[4] Ibid.

[5] Lut. Opera 1.at.. 2, p. 50.

[6] Lut. Opera W.. 22, p. 1493-1496.

[7] Lut. Opera Lat., 17, p. 333.

[8] Ibid., 2, p. 123.

[9] Lut. Opera W., 22, p. 1313. –

[10] Ibid., p. 1350.

[11] Corp. Ref., 1, p. 337.

[12] Ut extinguaris illam, multó tetriorem Baalis idolatriâ, Romanam superstitionem. Corp. Ref., 1, p. 337.

[13] Tumultus egregié tumultuatur, ut nisi extremo mihi posse non videatur. Lut. Epíst., 1, p. 511.

[14] Omninó aliquid portenti prae foribus est. Lut. Epíst., 1, p. 541. Que sentimento do futuro! -

[15] Primum trepidus et orans, sed mune lactior quam ullo totius vitae meae facto. Ibid. Ego fluctibus bis. rapior et volvor. Ibid.

[16] Wer weiss ob mich Gott damento dos artigos condenados 17. P. 338.

[17] Ich salte nicht, dass ich ein Prophet sey. Lut. Opera Lat., 17, p. 338.

[18] Und solltens citei Kinder in der Wiege seyn. Ibid., p. 339.

[19] Wahrheit hat allezeit rumor[. Lut. Opera Lat., 17, p. 340.

[20] Man sou] zuvor Christurn in seine. Wunden sehen, und aus dcn sclhcn seine Lieb gegen uns. Ibid. 351.

[21] Lut. Opera Lat.. 19 a 22. r. 363.

CAPÍTULO XI

Coroação de Carlos V — O nandu Aleandro — Serão queimados os livros de Lutero? — Aleandro e o Imperador — Os nuncius e o eleitor O filho do duque João fala a favor de Lutero — Calma de Lutero —O eleitor o protege — Resposta dos nuncios — Erasmo em Colonia — Erasmo em casa do eleitor — Declaração de Erasmo .— Conselhos de Erasmo — Sistema de Carlos V.

As palavras poderosas do reformador penetravam em todos os espíritos, e serviam para libertá-l6s A faísca que escapava de cada uma delas comunicava-só à nação inteira. Mas restava uma grainde questão a resolver: O príncipe em cujos estados morava Lutero favoreceria à execução da bula, ou a ela se oporia? Parecia duvidosa a resposta. O eleitor se achava então, bem como todos os príncipes do império, em Aix-la-Chapelle. Foi nessa cidade que a cora de Carlos Magno foi posta na cabeça do mais moço, porém do mais poderoso monarca da cristandade. Desenvolveram-se nesta cerimônia pompa e magnificência inauditas. Carlos V, Frederico, os príncipes, os ministros e os embaixadores foram logo depois para Colonia., Aix-la-Chapelle, em que dominava a peste, pareceu vasar-se nessa antiga cidade da bcwdas do Reno.

Entre a multidão de estrangeiros que pululavam nessa praça se achavam os dois nunclos do papa, Marino Caracioli, e Jerônimo Aleandro. Caracioli, que já tinha cumprido uma missão junto de Maximiliano, estava encarregado de felicitar o novo imperador, e de tratar com êle de coisas políticas. Mas Roma tinha compreendido que, para levar a bom- êxito a extinção da Reforma, era preciso enviar à Alemanha um núncio encarregado especialmente dessa obra, de caráter, destreza e atividade próprias para cumpri-la. Aleandro foi o escolhido. [1]• esse homem, que já foi mais tarde decorado com purpura dos cardeais, era, ao que parece oriundo de uma família muito antiga, e não de pais judeus como se tem dito. O celerado Borgia, o chamou a Roma para o fazer secretário de seu filho, dêsse Cesar, perante cujo punhal assassino Roma inteira tremia.

Tal amo, tal servo," disse um historiador, que compara assim Aleandro a Alexandre VI. Esse juízo nos parece a nós severo demais. Depois da morte de Borgia, Aleandro se entregou ao estudo com renovado ardor. Seus conhecimentos em grego, em hebraico, em chal-daico, e em árabe lhe valeram a reputação de ser o homem mais douto de seu século. Entregava-se ele de toda a sua alma a tudo o que empreendia. O zelo com que ele estudava as línguas não cedia em nada ao que ele empregou mais tarde em perseguir a Reforma. Leão X o ligou a seu serviço. Alguns historiadores falam de seus costumes epicureos; outros da honestidade de sua vida. [2] "Parece que ele gostava do luxo, de aparato, dos divertimentos. "Aleandro vive em Veneza como baixo epicurista, e em altas dignidades," disse dele seu antigo

amigo Erasmo. Concorda-se em reconhecer que êle era veemente pronto em suas ações, cheio de ardor, infatigável imperioso e devotado ao papa. [3] Eck é o fogoso e intrépido campeão da escolástica; Aleanr?ro, o soberbo embaixador da côrte pontifícia. Parecia èle talhado para núncio.

Roma tudo preparara para deitar a perder o frade de Witemberg. O dever de assistir, como representante do papa, à coroação do imperador não era para Aleandro senão missão secundária, própria pela consideração que assegurava-lhe a facilitar-lhe a tarefa, Mas ele estava essencialmente encarregado de levar Carlos a esmagar a Reforma nascente.[4]° "O papa," dissera o núncio ao imperador, entregando-lhe a bula, "que têm conseguido debelar tantos e tão grandes príncipes, saberá bem chamar à ordem três gramáticos." Queria com isto designar Lutero, Melancton e Erasmo. Erasmo estava presente à essa audiência. [5]

Chegado á Colonia, o primeiro cuidado de Meandro fui, com Caracioli, empregar todos os esforços para que se queimassem em todo o império, mas sobretudo às vistas dos príncipes, os escritos heréticos de Lutero. Carlos V o consentira já em seus. estados hereditários, Grande era a agitação dos espíritos. "Tais medidas," houve quem dissesse aos príncipes e aos próprios núncios, "longe de curarem a chaga, só servirão para aumentá-la. julgais vós que as doutrinas de Lutero não se acham senão nesses livros que atirais ás chamas? Elas estão escritas em lugares em que as não podereis alcançar, nos corações da nação. ... Se quiserdes empregar a fôrça, será preciso que seja a de ferros inumeráveis desambainhados para trucidar uni povo imenso,[6]§ Alguns tóros de pau empilhados para consumir algumas folhas de papel nada farão: e armas tais não convém nem à dignidade do imperador nem à do pontífice." O núncio defendia suas fogueiras: "Estas chamas," dizia éle, "são uma sentença de condenação escrita em carácteres gigantescos, e que tanto os que estão perto como os que estão longe, os sábios e os ignorantes, e até os que não sabem ler, podem compreender." [7]

Mas, em suma, não Eram--papeis e livros que queria o núncio, era o próprio Lutem. "Estas chamas," continuou èle, "não bastam para purificar o ar infecto da Alemanha. Se elas aterram os simples, não corrigem os máus. Torna-se necessário ufrn edito do imperador contra a própria cabeça de Lutero." [8]

Aleandro não achou o imperador tão condescendente quando se tratou da pessoa do reformador, como quando havia só questão de livros.

`Sentado apenas no trono," disse èle a Aleandro, "eu não posso sem o parecer de meus conselheiros e o consen-timento dos príncipes ferir com tal golpe uma fação a que cercam tão poderosos defensores. Saibamos primeiramente o que pensa sôbre este negócio nosso pai, o eleitor de Saxônia; veremos depois o que convirá responder

ao papa.[9] Foi, pois, junto do eleitor que os núncios foram provar os seus artifícios e o poder da sua eloqiiência.

No primeiro domingo de novembro, Frederico, tendo assistido à missa no convento dos franciscanos Caracioli e Aleandro lhe mandaram pedir audiência. Lie os recebeu em presença do bispo de Trento e de muitos de seus selheiros. Caracioli começou por apresentar-lhe o breve do papa. Mais manso do que Aleandro, julgou dever ganhar o príncipe com lisonjas, e se pôs a exaltá-lo, bem como a seus antepasados. "É de vós," disse, "que se espera a salvação da igreja e do império de Roma." [10]

Porém o impetuoso Meandro, querendo vir ao cabo, adiantou-se bruscamente, e interrompeu o colega que lhe cedeu modestamente a palavra. [11] Foi a mim e a Eck que se confiou o negócio de Martinho. Véde em que imensos perigos êsse homem mergulha a república cristã. Se não aplicarmos prontamente um remédio, vai-se o império. Porque se perderam os gregos, senão porque abandonaram o papa? Vós não podeis conservar-vos unidos a Lutero sem vos se-parar de Jesus Cristo. [12]

Duas coisas vos peço em nome de sua Santidade: a primeira é, que queimeis os escritos de Lutero; a segunda, que os punais a êle próprio com o suplício que merece, ou, quando menos, que o entregueis cativo ao papa. O imperador e todos os príncipes declaram-se pronto a ceder a nossas instâncias; vós sois o único que tardais...

Frederico respondeu por intermédio do bispo de Trento. "Éste negócio é por demais grave para que decidamos neste momento; far-vos-emos conhecer a nossa resolução." [13]

Difícil era a posição em que se achava Frederico. Que partido tomaria êle? De um lado estavam o imperador, os príncipes do império, e o grande pontífice da Cristandade a cuja autoridade o eleitor não pensava ainda em subtrair-se: do outro, um frade„ um fraco frade; porquanto é êle só que se exige. O reinado de Carlos principiava apenas. Seria Frederico, o mais antigo, o mais prudente de todos os príncipes da Alemanha, quem lançaria a desunião no império? Demais, essa antiga piedade que o conduziu até o sepulcro de Cristo, como renunciá-la?.... [14]

Outras vozes se fizeram então ouvir. Um jovem príncipe que cingiu mais tarde a corôa eleitoral, João Frederico, filho do duque João, sobrinho do eleitor, discípulo de Spalatino, dezessete anos de idade, e cujo reinado foi assinalado por grandes infortunios, receberá em seu coração grande amor pela verdade, e era vivamente afeiçoado a Lutero. Quando o viu ferido de anatemas de Roma, abraçou a sua causa com o ardor de um jovem cristão e de um jovem príncipe. Ele escreveu ao doutor, escreveu a seu tio, a solicitou com nobreza a êste último que protegesse Lutero

contra seus inimigos. Por outra parte, Spalatino, é verdade que muitas vezes abatidissimo, Pontano e outros conselheiros, que estavam com o eleitor em Colonia, representavam ao príncipe que êle .não podia abandonar o reformador. [15]

No meio dessa agitação geral um só homem conservava-se sossegado; era Lutero. Enquanto procuravam salvá-lo pela influência dos grandes o frade em seu claustro de Witemberg pensava que era antes ele quem devia salvar esses grandes do mundo. Se o evangelho," escrevia êle a Spalatino, "tivesse por natureza ser propagado ou mantido pelos poderes do mundo, Deus não o teria confiado a pescadores. [16]§ Não é aos príncipes e pontífices dêste século que compete defender a Palavra de Deus. Bastante têm êles que fazer para se porem ao abrigo dos juizos do. Senhor e do seu Ungido, Se falo faço-o a fim de que obtenham o conhe-cimento. da Palavra divina, .e de que sejam salvos por ela.

Não devia ser enganada a expectativa de Lutero, Essa fé, recôndita em um convento de Witemberg, exercia seu poder nos palácios de Colônia. O coração de Frederico, abalado talvez por um instante, fortificava-se demais a mais. Indignava-se de que o papa, apesar de suas instantes súplicas para que se mandasse informar o negócio na Alemanha, o tivesse julgado em Roma, apedido de um inimigo pessoal do reformador, e de que sua ausência êsse adversário tivesse ousado publicar na Saxónia uma bula que ameaçava a existência da universidade e paz de seu povo. Demais o eleitor estava convencido de que faziam injustiça a Lutero, Êle estremecia com a pensamento de entregar um inocente às mãos cruéis de seus inimigos. A justiça de preferência do papa, eis a regra que adotou. Tomou êle a resolução de não ceder a Roma. [17]

A 4 de novembro seus conselheiros disseram de sua parte aos núncios romanos, reunidos em casa do eleitor, na presença do bispo de Trento, que com muita pena vira êle o doutor Eck aproveitar-se de sua ausência para envolver na condenação diversas pessoas de que não se tratava na bula; que bem poderia ter acontecido desde a sua partida da Saxónia imenso número de sábios, de ignorantes, de eclesiásticos e de leigos se houvessem unido e aderido à causa e ao apêlo de Lutero; que nem sua majestade impe-rial, nem quem quer que fôsse lhe tinha mostrado que ti-vessem os escritos de Lutero sido refutados, e que só merecessem que fossem atirados ao fogo; e que êle pedia que o doutor Lutero, munido de um salvo-conduto, pudesse comparecer perante juízes esclarecidos, piedosos e imparciai .

Depois dessa declaração, Meandro, Caracioli e os de seu séquito retiram-se para deliberar. [18]• Era a primeira vez que o eleitor dava a conhecer publicamente suas intenções a respeito do reformador. Os núncios tinham esperado coisa inteiramente diversa de sua parte. Quando, tinham eles pensado, o eleitor atraísse sôbre si perigos cuja extensão não pudesse avaliar tôda, não hesitaria em sacrificar o frade.

Assim raciocinára Roma. Suas maquinações, porém, tinham de sossobrar de encontro a uma força que não entrar em seus cálculos: o amor da justiça e da verdade.

Admitido de novo à presença dos conselheiros do eleitor: "Eu desejaria muito saber," disse o imperioso Meandro, "o que pensaria o eleitor, se um de seus súditos escolhesse para juiz o rei de França ou qualqur outro príncipe estrangeiro." [19]E vendo por fim que nada poderia abalar os conselheiros saxônios, disse: "Executaremos a bula, perseguiremos e queimaremos os escritos de Lutero; quanto a sua pessoa," acrescentou, afetando indiferença desdenhosa," "o papa não cuida em banhar as mãos no sangue dêsse miserável.

Encheram-se de gôzo os amigos de Lutero quando chegou em Witemberg a notícia da resposta que o eleitor dera aos núncios. Melancton e Amsdorf principalmente se entregaram às mais lisongeiras esperanças. "A nobreza alemã" disse Melaneton, "seguiará pelo exemplo desse príncipe a quem ela segue e tudo como a seu Nestor. Se Homero chamava a seu herói muralha dos gregos, porque não se chamará a Frederico muralha dos germanos?" [20]

O oráculo das côrtes, o facho das escolas, a luz do mundo, Erasmo, achava-se então em Colônia. Muitos príncipes o tinham mandado chamar para consultá-lo. Erasmo foi, na época da Reforma, o chefe do justo-meio; ao menos êle creu ser, porém, falsamente: porquanto ao acarearem-se a verdade e o èrro, a justiça não está no meio. Êle era ❑ príncipe desse partido filosófico e universitário, que desde séculos, pretendera corrigir Roma, sem nunca consegui-lo; êle era o representante da sabedoria humana, muito fraca sabedoria para derrubar as alturas do papado. Para isso era necessário a sabedoria divina, que os homens frequentemente apelidam de loucura, mas a cuja voz esboroam-se as montanhas. Erasmo nem queria lançar-se nos braços de Lutem, nem assentar-se aos pés do papa. Hesitava, e por vezes titubeava,, ora atraido para Lutero, ora impelido de repente para o papa.

A última fagulha de piedade cristã parece prestes a extinguir-se," dissera em sua carta a Alberto; "e eis ❑ que moveu o coração de Lutero: êle não cuida de honras, nem de dinheiro." Mas essa carta, que publi-cara a imprudente Ulrico de Hütten; atraiu-lhe tantos enfadados que prometeu a si próprio ser mais reservado para o futuro. Demais, acusavam-no de cumplicidade com Lutero, e este feria-o com seus discusos indiscretos. "Quase todas as pessoas de bem são por Lutero," dizia ele; "mas eu vejo que marchamos para uma revolta... eu não quereria que se juntasse o meu nome ao seu. Se ser útil a êle, isto me prejudicaria." "Seja assim," respondeu Lutero; já que vos incomoda, prometo-vos nunca mais fazer menção de vós, nem de vossos amigos." [21] Tal era o homem a quem se-dirigiram os inimigos e os amigos do reformador.

O eleitor, compreendendo que a opinião de um ho-mem tão respeitado como Erasmo seda de grande, autori-dade, convidou o ilustre holandés a ir ter consigo. Erasmo obedeceu. Era 5 de dezembro., Os amigos de Lutem olharam esse passo com secretas apreensões. O eleitor estalva diante do lar, com Spalatino a seu lado, quando Erasmo foi introduzido. "Que pensais vós de Lutero?" perguntou-lhe logo Frederico. O pmd:.wnte Erasmo, surpreso por questão tão direta, procurou iludir a resposta. Torcia a boca, mordia os beiços, e não dizia palavra. Entãq ❑ eleitor, arregalando as olhos, como tinha por costume fazer quando falava com pessoas de quem queria uma resposta precisa, conta Spalatino, figo em Erasmo olhares penetrantes. [22]

Este, não saueliuu como safar-se do embaraço, disse por fim et. tom meio faceto: Lutero cometeu dois grandes pecados, porque atacou a corôa do papa, e a barriga dos frades." O eleitor riu-se, mas deu a entender ao interlocutor que estava falando seriamente. Então Erasmo, saindo de sua reserva, disse: "A origem de. toda esta disputa é o ódio dos frades contra as letras, e o medo que êles têm de vêr findar-se a sua tirania. Que têm eles posto em campo contra Lutero? clamores, cabalas, ódios, libelos. Quanto mais é um homem virtuoso e afeiçoado à doutrina do Evangelho, tanto menos é opôsto Lutero. [23]• A dureza da bula têm excitado a indignação de todas as pessoas honestas, e ninguém há que possa nela recanhecer a doçura de um viário de Jesus Cristo. De tantas universidades duas semente condenaram Lutem; e ainda assim só condenaram; mas não provaram que está em erro. Não se engana alguém: o perigo é maior do que alguns o crêem. Estão à porta coisas difíceis, árduas ...[24]§ Começar o reinado .de Carlos por ato tão odioso como a prisão de Lutem seria triste agouro. O mundo têm sêde da verdade evangélica; [25]§ guardemos-nos de opôr-lhe resistência culpável. Mande-se examinar o negócio por homens graves e de juizo seguro; é o que há de mais conveniente para a dignidade do próprio papa.

Foi assim que ao eleitor falou Erasmo. Talvez que cause admiração semelhante franqueza; Erasmo, porém, sabia a quem dirigia essa linguagem. Spalatino regosijava-se. Êle saiu com Erasmo, e o acompanhou, até a casa do conde de Nuenar, preboste de Colônia, que era onde assistia o ilustre sábio. Este, entrando em casa, em um acesso de franqueza, pegou da pena, assentou-se, escreveu o sumário do que dissera ao eleitor, entregou o papel a Spalatino. Mas bem depressa o tímido Erasmo esmoreceu com medo de Aleandro; desvaneceu-se a coragem que lhe infundira a presença do eleitor e de seu capelão, e êle suplicou a Spalatino que lhe devolvesse o escrito por demais ousado, com receio de que fosse parar às mãos do terrível núncio. Mas já era tarde. [26]

O eleitor, sentindo-se robustecido (:<.)114 a opinião de Erasmo, falou de modo mais decidido ao imperador. O próprio Erasmo esforçou-se nas conferências havidas

de noité. ° com outrora as de Nicodemos, por persuadir aos conselheiros de Carlos que era mister submeter todo ❑ negócio a juizes imparciais. Talvez mesmo que êle esperasse ser nomeado árbitro nessa causa que ameaçava dividir o mundo cristão. Sua vaidade se lisongearia com tal distinção. Mas ao mesmo tempo, para não se perder em Roma, escrevia a Leão X as cartas mais submissas, e êste respondia-lhe com benevolência, o que punha em tratos o pobre .Aleandro. Ele, por amor do papa, teria de boa vontade repreendido vivamente o papa; porquanto Erasmo mostrava as cartas do pontífice, e elas aumentavam-lhe ainda o crédito. O núncio queixou-se para Roma. "Procurai fingir," responderam-lhe, "que não notais a maldade desse homem. A prudência o manda; é de necessidade deixar urna porta aberta ao arrependiemnto." [27]°

O próprio Carlos V adotou um sistema de balanço. (lue consistia em lisongear tanto ao papa como ao eleitor, e em parecer inclinar-se alternadamente para um e para outro, conforme as necessidades do Momento. Uni de seus ministros que ele mandara a Roma por certos negócios da Espanha, aí chegara justamente no momento em que o doutor Eck procedia com grande barulho à condenação de Lutero. O astuto embaixador conheceu que vantagens poderia seu amo tirar do frade saxônio. Vossa majestade," escrevia em 12 de.maio de 1520 ao imperador que se achava então na Espanha, "deve ir à Alemanha, e mostrar algum favor a um tal Martinho Lutero que existe na côrte da Saxônia, e que, pelo que prega, dá muito cuidado à côrte de Roma." É qual foi desde o princípio o ponto de vista de Carlos. Não se tratava, para ele, de saber de que lado se achava a verdade ou ❑ erro, nem de conhecer o que exigiam os grandes interesses da nação alemã. O que exigia a política, e de que cumpria fazer para levar o papa a sustentar o imperador? eis a questão; e isso sabiam-no bem em Roma. Os ministros de Carlos insinuaram a Aleandro o plano que seu amo queria seguir. "O imperador," disseram, "conduzir-se-á para com o papa, corno o papa para com o imperador. porquanto este não cura de aumentar o poder de seus rivais, e em particular o do rei de França." A estas palavras o imperioso núncio deu largas a sua indignação. "Pois quer respondeu, "quando mesmo o papa abandonasse o imperador, seria preciso que este abandonasse a religião? Se Carlos se quer assim vingar... eia! Essa vileza se voltará contra êle próprio." Porém as ameaças do núncio não abalaram os diplomatas imperiais.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] Studium flagrantissimum religionis, ardor indolis... incredibile quanta solertiâ Palavicini, 1, p. 84.

[2] Cupello, embaixador veneziano em Roma no ano de 1500, disse a seu respeito.: "Tutta Roma si esso ducha non li fana amazzar." Re1atione msc. Arquivos de Viena, extraído por Ranke.

[3] Er virdabel ais ein gebohrner Jude und schsaedlicher Epicurcr beschrieben. Seckend., 288. Integritas vitae quâ praenoscebatur. Pala-vicini, 1, p. 84.

[4] Cui tota solicitudo inniteretur nascentis ba:resis evellendae. Palavicini, 1. p. 83.

[5] Altiusque insculpiam in mentibus universae fora Germaniae.

[6] Ibid.

[7] In vi innumerabilium gladiotum qui infinitum populum trucidarent. Ibid.

[8] Non sacis ad expurgandum aerem Germaniae jam tabificum. Palavicini, 1, p. 89..

[9] Caesaris edkctum in caput... Lutheri. Ibid.

[10] Audiamus anteà hâc in re palrem nostrum Fredericum. E.. Opera Lat., 2, p. 117.

[11] Cui ita loquenti de improviso sese addit Aleander. Lut. Opera Lat., 2, p. 117.

[12] Non posse cum Lutero conjungi, quin sejungeretur a Christo. Palavicini, 1, p. 96.

[13] Ut de eo supplicium sumeret, vel captum pontifici transmitteret. Lut. Opera Lat. 2, p. 117.

[14] Sondeliche. Gunst und Gnade zu mir unwürdiglich und den grossen Willen und Lust zu der heiligen gottlichen Wahrheit. Luth. Epist., 1, p. 548, a João Frederico, a 30.de outubro de 1520.

[15] Assíduo flabello mínistrorum, illi jugiér suadentium ne Luthcrum desererct. Palavicini. 1, p. 86.

[16] Evangelium si tale esset, quod potentibus mundi aut propa-garetur au servaretur, non illud piscatoribus Deus demandasset. Lut. Epist., 1, p. 521.

[17] Lut. Opera Lat.. 2, p. 116.

[18] Lut. Opàra Lat., 2. p. 117. 1 Corp. Ref., 1, p. 272.

[19] Erasmo Ep., Londini, 1642, p. 586.

[20] Corp. Ref., 1, p. 205.

[21] Lut. Epist., 1, p. 525. Corp. Ref., 1, p. 206.

[22] Spalatino, Hist. msc., in Seckend.. p. 291

[23] Axiomata Erasmi in Luth. Opera Lat., 2, p. 115.

[24] Christi vicario. Ibid.

[25] Ibid.

[26] Ibid.

[27] Palav.. 1. p. 91.

CAPÍTULO XII

Lutero sôbre a confissão — A verdadeira absolução — O Anticristo — A popularidade de Lutero — Sátiras — Ulrico de Hiitten — Lucas Cranach — O carnaval em Witemberg Staupitz intimidado — Trabalhos de Lutero — Sua humildade — Progresso da Reforma.

Se os legados de Roma perdiam os passos junto dos poderosos do mundo, os agentes inferiores do papado conseguiam semear perturbação entre os pquenos. [1] A milícia de Roma tinha ouvido a voz de seu chefe. Padres fanáticos se serviam da bula para aterrar as consciências, e eclesiásticos honestos, mas pouco esclarecidos, consideravam dever sagrado obrar de acordo com as instruções do papa. Fôra no confessionário que Lutero começara a luta contra Roma; foi no confessionário que Roma travou batalha contra os aderentes do reformador. [2] Rebatida em face da nação tornava-se a bula arma poderosa nesses tribunais solitários. "Tende vós lido os escritos de Lutero?" perguntavam os confessores; "possuis vós alguns? considerais vós como verdadeiros, ou como heréticos?" E se o penitente hesitava em pronunciar o anátema o padre recusava a absolvição. [3]

Perturbavam-se muitas consciências. Havia grande agitação entre ❑ povo. Essa hábil manobra vai meter de novo sob o jugo do papa populações inteiras já ganhas para o Evangelho. Roma felicitava-se de ter levantado no século treze êsse tribunal destinado a sujeitar aos padres as consciências livres dos cristãos. Enquanto êle estiver de pé o reinado de Roma não se acabará.

Lutero soube dessas coisas. Sozinho para contrariar essa manobra que faria êle? A palavra, uma palavra pro-nunciada, em alta voz, eis a sua arma. A palavra irá pro-curar essas consciências assustadas, essas almas aterradas, e fortificá-las-á. Preciso era dar um impulso poderoso. A voz de Lutero fez-se ouvir. Dirigiu-se aos penitentes com ânimo viril, com nobre desdem de todas as considerações secundárias. "Quando vos perguntar se aprovais ou não meus livros." disse éle, "respondei: "Vós sois um confessor, e não um inquizidor ou fiscal. Meu dever é confessar o que minha consciência me leva a dizer: não é o vosso sondar ou descobrir os segredos de meu coração. Dai-me a absolvição, e disputai depois com Lutero, com o papa e com quem vos aprouver; não façais, porém, do sacramento da penitência querela e combate." E se o confessor não quiser ceder, então", continuava Lutero, "prescindirei antes.[4] de sua absolvição. Nada receies: se o homem vos não absolver, Deus vos absolverá. Regosijai-vos porque sois absolvido por Deus mesmo, e apresentai-vos sem temor ao sacramento do altar. O podre dará contas no juizo final da absolvição que vos tiver recusado. Eles podem muito bem recusar-nos o sacramento, mas não podem privar-nas da força e da graça que Deus a êle ligou, Êle não faz depender a nossa.salvação nem da vontade nem do poder do confessor, e sim

da nossa fé. Deixai de parte o sacramento, altar,padre, igreja: a palavra de Deus, condenada na bula, vale mais do que tudo isso. A alma pode possar sem o sacramento, mas não pode viver sem a palavra. Cristo, o verdadeiro bispo. se encarregará de nutrir-vos espiritualmente." [5]

Assim a voz de Lutero penetrava nas famílias e C011ti-ck-licias assustadas, para lhes comunicar coragem e a fé. Mas não lhe bastava defender-se: êle sentia que devia atacar e dar golpe após golpe. Um teólogo romano, Ambrosio Catarino, escrevera contra êle. "Eu revolverei a bilis dessa besta italiana," [6]° disse Lutero. Cumpriu a palavra. Em sua resposta provou com as revelações de Daniel

e de S. João, com as epistolas de S. Paulo, de S. Pedro

e de São Judas, que o reinado do Anticristo, predito e descrito na Bíblia, era o papado. "Eu sei por certo," disse êle terminado, "que nosso Senhor Jesus Cristo vive e reina. Forte com esta segurança que tenho, eu não temeria milhares de papas. Visite-vos Deus enfim segundo seu poder infinito, e faça luzir o dia da exaltação gloriosa de seu Filho, no qual éle destruirá os maus. E diga o povo todo: Ameml" [7]

E todo o povo dizia: Amem. Um santo temor apode- rava-se das almas. Era o anticristo que viam sentado no trono pontificial. Essa idéia nova que grande força tomava emprestada das descrições dos profetas, lançada por Lutero no meio de seu século vibrou em Roma o mais terrível gol- pe.. A fé na palavra divina substituía a que só a igreja obti- vera até então; e o poder do papa, por longo tempo objeto das adorações do povo, tornou-se objeto de ódio e de terror. A Alemanha respondia à bula do papa, cercando Lu- tero com suas aclamações. Reinava a peste em Witemberg, e todavia viam-se chegar cada dia novos estudantes; qua-trocentos a quinhentos discípulos estavam habitualmente assentados nas salas acadêmicas, aos pés de Lutero e de Melancton. A igreja do convento e a igreja da cidade eram por demais pequenas para a multidão ávida das palavras do reformador. O prior dos agostinhos- tremia com receio de ver esboroarem-se esses dois templos com o pèso dos ouvintes. Mas o movimento dos espíritos não estava encerrados pelos muros de Witemberg: percorria a Alema-nha. Príncipes, senhores, sábios escreviam de todas as par-tes a Lutero cartas cheias de consolação e de fé. O doutor mostrou mais de trinta delas ao capelão. [8]

O rnargrave de Brandeburgo chegou um dia a Witemherg com vários outros príncipes para visitar Lutem, "Ëles quiseram ver o homem," disse este. Com efeito todos queriam vêr o homem, cuja palavra movia os povos e fazia titubear no trono ❑ pontífice do Ocidente.

O entusiasmo dos amigos de Lutero aumentava de dia para dia. "Ó loucura inaudita de, Emser," exclamava Melancton, "que ousou medir-se com o nosso

Hercules, desconhecendo o dedo de Deus nas ações de Lutero, [9]§ como Faraó o desconheceu nas de Moisés." O meigo Melacton achava palavras poderosas para excitar os que lhe pareciam dar passos retrógrados, ou conservar-se estacionários. "Lutem se tem levantado pela verdade," escrevia "ele a João Hesse, "todavia tu guardas silênciol... Êle respira" ainda, éle prospera ainda, bem que Leão se indigne e brame. Lembra-te qui é impossível que a impiedade romana dê a sua aprovação ao Evangelho. ° Como faltariam, neste século desgraçado, Judas, Caifases, Pilatos, Herodes? Arma-te, pois, com o poder da palavra de Deus contra tais adversários."

Todos os escritos de Lutero, sua "Oração Dominical", sobretudo a nova edição da "Teologia Alemã," eram devorados com avidez. Formavam-se sociedades de leitura, cujos membros comunicavam uns aos outros essas obras. Amigos as reimprimiam e as faziam circular por meio de colportores. Recomendavam-nas do alto dos púlpitos. Queria-se uma igreja alemã; pedia-se que ninguém, para o futuro, fosse revestido de qualquer dignidade se não pudesse pregar ao povo em alemão: e que os bispos germânicos se opusessem em toda a parte ao poder papal.

Havia mais ainda: sátiras mordentes, dirigidas contra os principais ultramontanos, corriam pelas províncias do império. A oposição reunia todas as suas fôrças em tórno dessa doutrina nova, que lhe dava precisamente o que lhe faltava, justificando-a aos olhos da religião. A mór parte dos jurisconsultos, fatigados dos estorvos dos tribunais eclesiásticos, se ligavam ã Reforma, porém sobretudo eram os humanistas que abraçavam com ardor esse partido. Ulrico .de Hütten era infatigável. Êle escrevia a Lutero, aos legados, aos homens mais considerados da Alemanha: "Eu to digo, e to digo ainda, ó Martinho," dizia ao legado Caracioli, em uma de suas publicações, "disiparam-se se as trevas comque vós outros tinheis obscurecido os .nossos olhos; o Evangelho é pregado; a verdade é anunciada; as frioleiras de Roma são cobertas de pesprêso, vossas ordenanças desfalecem e morrem; a liberdade começa." [10]•

Não se contentando com a prosa, Hütten recorria também aos. versos. Publicava seus Gritos sôbre o incêndio de Lutero.° Apelando para Jesus Cristo, êle o conjurava a consumir com o fogo de seus olhares os que ousassem desconhecer seu poder. £le dedicou-se principalmente a escrever em alemão. "Até o presente," dizia, "tenho escrito em latim, língua que nem todos entendem; mas agora é à patria que me dirijo!" Suas rimas alemãs abriram e davam a ler ao povo o vergonhoso e avolumado registro dos pecados da côrte de Roma. Hütten, porém, não querialimitar-se a simples palavras; impaciente estava por fazer intervir na luta a sua espada. Pensava que seria com os gládios e alabardás de tantos esforçados guerreiros, de que se orgulhava a Alemanha, que se cumpriria a vingança de Deus. Lutero opôs-se a seus insensatos projetos. "Não quero," disse êle, "que se combata em prol do Evangelho com violência e carnificina. Já o escrevi a Hütten." [11]

O célebre Pintor Lucas Cranach publicou, sob o título de "Paixão de Cristo e do anticristo," gravuras que representavam de um lado a glória e a magnificência do papa,

Quo tu oculos, pie Christo, tuos frontis que severae

Tende supercilium, tçque esse ostende neganti.

Qui te contsmnunt igitur, mediumque tonanti

Ostendunt digitam, tandem lis te ostende potentem.

Te videat ferus ilie Leo, te tota malorum

Sentiat illuvies, sceleraтaque Roma tremiscat,

Ultorem scelerum discant te vivere saltem,

Qui regnare negant. [12]

E do outro a humilhação e os sofrimentos do Redentor. Para elas compôs Lutero as inscrições. Essas gravuras, feitas com muito espírito, produziram efeito inaudito. O povo ia se desligando de uma igreja que, em todo o pon-to, parecia tão oposta ao espírito de seu fundador. "Esta obra," disse Lutero, "é excelente para os leigos." [13]°

Muitos empregavam contra o papado armas pouco em relação com a santidade da vida cristã. Emser tinha respondido à obra de Lutero intitulada: "Ao bode de Leipzig," com um escrito que tinha por título: "Ao touro de Witemberg." O nome não estava mal aplicado. Em Magdeburgo a obra de Emser foi pendurada na forca comum com êste letreiro: "O livro é digno do lugar," e a seu lado estava suspenso um açoite para denotar o castigo que o autor merecia. Em Doeblin alguns, para chamar a ridículo sobre os inúteis- trovões da bula, escreveram embaixo dela, "O ninho está aqui, mas os pássaros fugiram." [14]°

Tomando vantagem das liberdades do carnaval, os estudantes de Witemberg vestiram a um colega com traje semelhante ao do papa e o fizeram ir em procissão com grande pompa pelas ruas da cidade, mas de um modo extremamente ridículo, como observa Lutero. [15]§ Quando chegaram à grande praça aproximaram-se ao rio e alguns deles, fingindo um ataque repentino, mostraram desejo de atirar o papa na água. O pontífice ,tendo pouca inclinação à semelhante banho, disparou a correr; seus cardeais, bispos e fâmulos fizeram o mesmo dispersando-se por todos os quarteirões da cidade, e os estudantes a persegui-los pelas ruas: não havia um canto de Witemberg em que não fugisse um dignitário romano acossado pelos gritos e vaias da multidão amotinada. "O inimigo de Cristo," disse Lutero, "que zomba dos reis e do próprio Cristo, merece bem que se zombe assim dêle." [16] Isto é um erro, segundo a nossa opinião: a verdade é muito bela para que seja arras- tada assim na

lama. Ela deve combater sem auxilio de canções, de caricaturas e de cenas de carnaval. Talvez que, sem estas demonstrações populares, seus sucessos fossem menos aparentes; seriam, porém, mais puros e por conseqüências mais duráveis.

Seja como fôr, a conduta imprudente e apaixonada da côrte de Roma tinha excitado uma antipatia universal; e essa bula com que o papado julgava sufocar tudo, foi precisamente o que, fez rebentar por toda a parte a revolta. [17]

Entretanto nem tudo era para o reformador enlevo e triunfo. Atrás do carro, em que o tirava seu povo comovido e transportado de admiração, não deixou de figurar o escravo encarregado de recordar-lhe sua miséria. Alguns amigos seus pareciam dispostos a arrepiar carreira. Staupitz, a que èle dava o nome de pai, como que estava abalado. O papa o tinha acusado, e Staupitz se declara pranto a subeter-se ao juizo de sua santidade. "Temo," disse-lhe Lutero, "que, aceitando ao papa por juiz, deis mostras de rejeitar-me a mim e as doutrinas que tenho sustentado. [18] Se Cristo vos ama êle vos constrangerá a retratar a vossa carta. Cristo é condenado, despojado, blasfemado; é tempo, não de temer, porém de levantar a voz. Eis porque vós me exortais à humildade, eu vos exorto à altivez; porquanto vós tendes humildade demais, assim como eu excessivo orgulho. Chamar-me-ão soberbo, avarento, adúltero, homicida, antipapa, homem culpado de todos os crimes... Não importa! Contudo que não se possa lançar-me em rosto o ter eu guardado um silêncio ímpio, no momento em que o Senhor dizia com dôr: "Olho a minha direita, e ninguém há que me reconheça." Sal. 142:4. A palavra de Jesus Cristo é palavra, não de paz, senão de espada. Se não quereis seguir a Jesus Cristo, eu, eu marcharei só avançarei desacompanhado, e tomarei a praça." [19]

Assim Lutero, como um general de exército, abar-cava todo o campo de batalha; e enquanto sua voz impelia para a refrega novos soldados, descobria também os que entre os seus pareciam fracos,, e os chamava à linha do dever. Por toda a parte se faziam ouvir suas exortações. Sucediam-se rapidamente as cartas. Três prelos estavam continuamente ocupados em mutiplicar seus escritos. Suas palavras corriam por entre o povo, firmavam nos confessionários as consciências amedrontadas, fortaleciam nos conventos as almas prestes a ceder, e mantinham os direitos da verdade nos palácios dos príncipes.

"No meio das tormentas que me assaltam," escrevia êle ao eleitor, "eu esperava sempre encontrar um dia a paz. Mas vejo que isso era apenas um pensam,ento de homem. De dia para dia a onda altera-se, e já me cerca inteiro o oceano. Desencadeia-se a tempestade com horroroso fracasso. Empunho com uma mão o gládio das batalhas, e com a outra levanto os muros de Sião." [20]§ Romperam-se seus antigos laços; quebrou-se a mão que lançou contra êle, os raios da excomunhão. "Excomungado pela bula," disse êle, "estou desligado da autoridade do papa e das

leis monásticas. Abraço jubiloso êsse livramento. Mas não deixo nem o hábito da ordem, nem o convento." [21]• E todavia, no meio de toda essa agitação, não perdia de vista os perigos a que a luta expunha sua alma. Sentia necessidade de velar sobre si próprio. "Fazes bem de orar por mim," escrevia a Pelicanos que morava em Basiléia. "Não posso me dar suficiente a santos exercícios; a vida é para mim uma cruz. Fazes bem de me exortar à modéstia; sinto a necessidade que dela tenho; porém não sou senhor de mim; não sei que espírito me arrebata. Não quero mal a pessoa alguma; mas com tal furor me apertam meus inimigos, que não tomo bastante cuidado contra as tentações de Satanaz. Ora, pois, por mim." [22]

Assim o reformador e a Reforma corriam para o fito a que Deus os chamava. Comunicava-se o abalo. Os ho-mens, que pareciam dever ser mais fiéis à hierarquia, começavam a mover-se. "Os próprios," dizia Eck com bastante ingenuidade, que ao papa devem os melhores benefícios e canonicatos, conservam-se mudos corno peixes. Muitos de entre eles chegam a exaltar Lutero como um homem cheio do Espírito de Deus, e chamam aos defensores do papa sofistas e lisongeiros. A igreja, em aparência cheia de força, sustentada pelos tesouros, pelos poderes, pelos exér força, sustentada pelos tesouros, pelos poderes, pelos exércitos do mundo, mas na realidade enfraquecida, debilitada, sem amor de Deus, sem vida cristã, sem entusiasmo pela verdade, se achava em presença de homens simples, mas corajosos, que, sabendo que Deus está com os que combatem por sua palavra , não duvidavam da vitória.

Tem-se visto em todos os tempos qual é o poder de uma idéia para penetrar nas massas para levantar nações e arrastar, se mister, milhares de homens a um campo de batalha e à morte. Mas se uma idéia humana tem tal fôrça, que poder não terá uma idéia descida do céu, quando Deus lhe franqueia a porta dos corações? O mundo não tem visto muitas vêzes em obra um tal poder: êle, entretanto, o viu nos primeiros dias do Cristianismo, nos da Reforma, e o verá ainda em dias futuros. Homens que desdenhavam das riquezas e grandezas do mundo, que se contentavam com uma vida cheia de trabalho e pobreza, começavam a mover-se pelo que há de mais santo sôbre a terra, a doutrina da fé, da graça. Todos os elementos religiosos entravam em fermentação na sociedade abalada; e o fogo do entusiasmo levava as almas a se atirarem com coragem nessa vida nova, nessa época de renovação que acabava de abrir-se com tanta grandeza, e em que a Providência precipitava os povos.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] Despachos de Manuel Llorente, 1. p, 391.1. 1 Palav., 1, p, 87.

[2] Ibid.

[3] Ibid.. 88.

[4] Em 1215, pelo quarto concílio de Latrão, sob inocêncio Lut. Opera Lat., 17, p. 565.

[5] Lut. Episi., 1. p. 570.

[6] Lut. Opera Lat., 2, 162.

[7] Spalatin in Seckend.. p. 295.

[8] Ibid.

[9] Lut. Epist.. 1. p. 541. 16 de janeiro de 1521. 1 Corp. Ref.. 1. p. 2R2.

[10] 1 Lut. Opera Lat., 2, p. 176.

[11] In incendium Lutheranum Exclamatio Ulrichi Hiltteni Equitis, Mar, Carac. Lut. Opera Lat., 2, p. 176.

[12] Lut Epist., 1. n 543

[13] Lut. Epist., 1, p. 543. Valeria a pena fazer uma reimpressão desse livro. Eu o achei na biblioteca de Zurich. DAubigné.

[14] Ibid., 560.

[15] Ibid. 570. Ibid., 561. L. Epist.. 1. 17 de fevereiro de 1521.

[16] Ibid., 557.

[17] Lut. Epist., I , p. 555.

[18] Lut. Epist. 1 558. 4-

[19] Ibid.

[20] Ibid., 558.

[21] Ibid., 565.

[22] Reynald, Epist. .1. Eckil ad Cardinalem Contarenum.

LIVRO VII. A DIETA DE WORMES

CAPÍTULO I

Vitórias da palavra de Deus — A dieta de Worms — Dificuldades — Carlos exige Lutero — O eleitor a Carlos V — Estado dos ânimos — Temores de Aleandro — O eleitor parte sem Lutero Aleandro desperta Roma —Excomunhão do papa e comunhão de Cristo —Fulminações da bula — Os motivos de Lutero na Reforma.

Começada na cela de um convento em Erfurt pelas lutas de uma alma humilde, não cessara a Reforma de crescer. Um homem obscuro, com a palavra da vida na mão, se tinha conservado de pé em presença das grande-zas do mundo, e estas tinham vacilado. Opusera essa pala:vra no começo a Tetzel e a seu numeroso exército; e êsses após instantes de luta, tinham fugido: depois ao legado de de Roma, em Augsburgo; e o legado, aturdido, tinha, deixado escapar a prêsa: mais tarde aos campeões da ciência nas salas de Leipzig; e os teólogos espantados tinham visto as armas do silogismo quebrarem-se em suas mãos: enfim a opusera ao papa, quando êle, perturbado em seu sono, se levantara no trono para fulminar o frade importuno; e essa palavra tinha paralisado todo o poder do chefe de [1] cristandade. Restava-lhe urna última luta a sustentar.

De-via ela triunfar do imperador do Ocidente, dos reis e dos príncipes da terra; e, então, vitoriosa de todas as grande-zas do mundo, levantar-se na igreja, e aí reinar como a própria palavra de Deus. Agitada estava uma nação inteira. Príncaipes e nobres, cavalheiros e burgueses, eclesiásticos e leigos, cidades e campos, tudo estava em luta aberta. Uma poderosa revolução religiosa, cujo primeiro motor era o próprio Deus, mas que tinha também lançado profundas raízes na vida do povo, ameaçava derrubar o chefe tanto tempo venerado da hierarquia romana. Uma geração nova, de espírito grave, profundo, ativo, enérgico, enchia as universidades, as cidades, as côrtes, os castelos, os campos, e até mesmo muitas vezes os claustros. O sentimento de que próxima estava uma grande transformação da sociedade afiava todos os espíritos com santo entusiasmo. Em que relações se acharia o novo imperador com êsse movimento do século? e onde devia dar o terrível impulso pelo qual todos a um tempo se sentiam arrebatados?

Ia abrir-se uma dieta solene: era a primeira assembléia do império a que devia presidir o jovem Carlos. Estava sendo assolada pela peste a cidade de Nuremberg, onde, em virtude da bula de ouro, se deveria reunir; e por isso convocaram-na para abrir-se no dia 6 de janeiro de 1521 em Worms.. . Nunca tantos príncipes se tinham achado reunidos para a dieta: cada qual queria assistir a êsse primeiro ato do governo do jovem imperador: cada qual se comprazia em ostentar o seu poder. Entre outros o jovem langrave Filipe de Hessen, que devia mais tarde representar tamanho papel na Reforma, chegou a Worms pelos melados de janeiro, com

seiscentos cavalheiros, entre os quais se achavam homens célebres por sua valentia. [2]

Entretanto um mais poderoso motivo levava os elei-tores, os duques; os arcebispos, os langraves, os margraves, os condes, os bispos, os barões e os senhores do império, bem como os deputados das cidades e os embaixadores dos reis da cristandade, a cobrir nesse momento com seus brilhantes cortejos os caminhos que levavam a Worms. Tinha- se anunciado que ocupar-se-iam na dieta com a nomeação de urn conselho de regência para governar o império nas ausências de Carlos, com a jurisdição da câmara imperial, e com outras questões graves; porém a atenção pública se fixava sobre um outro negócio quem o imperador meneionára também na sua carta de convocação: era o inegóbio da Reforma. Os grandes interesses da política empalideciam diante da causa do frade de Witemberg. Era com ela que principalmente ocupavam-se os nobres personagens que chegavam a Worms.

Tudo anunciava que .dificil e tempestuosa seria a dieta. Carlos, com vinte anos apenas de idade, pálido, de saúde fraca, e sabendo todavia montar a cavalo com elegância, e quebrar uma lança como qualquer outro; de caráter pouco desenvolvido, de ar grave, melancólico, conquanto de expressão benévola, não dava ainda [3]• provas dè ser um espírito eminente, e parecia não ter adotado uma marcha bem determinada. O hábil e ativo Guilherme de Crol, senhor de Chiévres, seu camarista-mor, seu aio e seu primeiro ministro, que gozava na côrte de absoluta autoridade, morreu em Worms; numerosas ambições apresentavam-se em campo; muitas paixões chocavam-se; os espanhois e os belgas procuravam à porfia insinuar-se nos conselhos do jovem príncipe: os núncios multiplicavam as intrigas, os príncipes da Alemanha falavam com coragem. Podia prever-se uma luta em que os surdos manejos de partido iam fazer primeiro papel.

Carlos abriu a dieta em 28 de janeiro de 1521, dia de Carlos Magno, Cheia estava sua alma com a alta importância da dignidade imperial. .£1e disse, em sua fala de abertura, que nenhuma monarquia se podia comparar ao império romano, ao qual outrora quase o universo em peso fora submisso; que desgraçadamente esse império não era mais do que a sombra do que fora; mas por mêio de seus reinos e de suas poderosas alianças, ele esperava restabelecê-lo em sua antiga glória.

Mas logo numerosas dificuldades se apresentaram ao jovem imperador. Que faria Carlos colocado entre o núncio do papa e o eleitor a quem êle devia a coroa? Como não descontentar Aleandro ou Frederico? O primeiro solicitava o imperador para que fizesse executar a bula do papa, e o segundo suplicava-lhe que nada intentasse contra o frade, sem o ter ouvido. Querendo satisfazer dois partidos opostos, o jovem príncipe, quando estava em Openheim, escrevera ao eleitor que trouxesse Lutero à dieta, assegurando-lhe que não se cometeria a respeito dele

injustiça alguma, que não se empregaria para com êle nenhuma violência, e que homens doutos aí confeririam com êle.

Essa carta de Carlos, acompanhada das cartas de Chiè-vres e ,do conde de Nassau, meteu o eleitor em grande perplexidade. A cada instante podia-se tornar necessária ao jovem e ambicioso imperador a aliança do papa. e então feito era de Lutero. Se Frederico conduzisse a Worms o reformador, seria talvez levá-lo ao cadafalso. E todavia eram terminantes as ordens de Carlos. O eleitor mandou que Spalatino comunicasse a Lutero as cartas que recebera. "Os adversários," disse o capelão, empregam todos os esforços para abreviar esse negócio...[4]

Os amigos de Lutero tremeram, mas êle não tremeu. Andava então mal de saúde: não importava! -Se não puder ir a Worms de saúde, respondeu ao eleitor, "far-me-ei conduzir doente mesmo. Porquanto, se o imperador me chama, não posso duvidar que seja o chamamento do próprio Deus. Se quiserem empregar contra mim a violência, o que me parece provável, (porquanto não é de certo para se instruir que me chamam,) remeto tudo às mãos de Deus. Vive é reina ainda Aquele que conservou ilesos os tres moços na fornalha. Se não me quiser salvar, também a minha vida vale pouco. Obstemos somente que o Evangelho seja exposto ao vilipêndio dos ímpios, e derramemos por êle o nosso sangue para que não triunfem os seus perseguidores. Será acaso a mi:4w vida ou a minha morte o que mais deve contribuir pa [5]•,: a salvação de todos? A nós não compete a decidi-lo. Roguemos unicamente a Deus para que o nosso jovem imperador não comece o seu reinado tingindo suas mãos com o meu sangue. Eu preferiria morrer pela espada dos romanos. Sabeis que castigos sofreu o imperador Sigisundo depois do homicidio de João Huss. Espera tudo de mim... menos a fuga e a retratação. Fugir, não posso: retratar-me, muito menos." [6]

Antes de receber esta carta de Lutero, o eleitor já tinha tornado urna resolução. Este príncipe, que avançava no conhecimento do Evangelho, já tinha mais firmeza em seus passos. Compreendia que a conferência de Worms não poderia dar bom resultado. "Parece-me difícil," escreveu a Carlos V, "levar Lutero a Worms comigo; exonerai-me dêsse encargo. Demais eu nunca quis tornar sua doutrina sob minha proteção, mas somente impedir que o condenassem sem ouvi-lo. Os legados, sem esperar vossas ordens, têem dado passos desonrosos para Lutero e para mim, e muito receio que por tal fórma o tenham impelido a um ato imprudente; que poderia expô-lo a graves perigos, se êle comparecesse na dieta." O eleitor aludia à fogueira que tinha consumido a bula do papa.

Mas em Worms já corria a notícia: .da .chegada de Lutero. Os noveleiros regosijavam-se; os cortesões do imperador temiam: mas ninguém se indignou tanto corno o legado do papa. Aleandro pode ver em viagem quanto o Evangelho

anunciado por Lutero tinha penetradõ em todas as classes da sociedade, Os letrados os jurisconsultos, os nobres, o baixo clero, as ordens regulares, o povo estavam convertidos à Reforma. Esses amigos da nova doutrina andavam com. a cabeça levantada; sua palavra era ousada; um invencível terror petrificaVa os partidários de Roma. O papado estava ainda em pé, mas suas bases vacilavam; é que seus ouvidos já distinguiam um ruido especial semelhante ao que se faz ouvir quando vai se desMoronar Irma montanha. Aleandro, durante sua viagem a Worms, ficou muitas vêzes fóra de si. Se tratava de comer ou pousar em alguma parte, nem letrados, nem nobres, nem padres, mesmo entre os supostos amigos do papa ninguém ousava recebê-lo: e o orgulhoso núncio era forçado a. procurar asilo nas mais ínfimas pousadas. [7]° Aleandro, aterrado, não duvidava que a sua cabeça corria grandes perigos. Foi assim que chegou a Worms, e ao seu fanatismo romano adicionou-se desde então o sentimento das injúrias pessoais lue recebera. Empregou todos os esforços para impedir o audacioso comparecimento de Lutero. [8]

"Não seria um escandalo," disSe ele, "o ver leigos submeterem a um novo exame uma causa que o papa já condenou?" Nada horroriza tanto um cortezão romano como um exame; e ainda por cima este se faria na Alemanha e não em Roma: que humilhação!. [9] quando mesmo a condenação de Lutero fôsse unânimemente pronunciada, quanto mais não parecendo certo a resultado. Essa poderosa palavra de Lutero, que já tinha feito tantos destroços, não arrastará a uma inevitável ruiva muitos príncipes e senhores? Aleandro insistiu junto de Carlos; suplicou, ameaçou, falou como núncio do chefe da igreja. [10].- Carlos rendeu-se e escreveu ao eleitor que tendo expirado o prazo concedido a Lutero, este monge estava sob a excomunhão do papa, de sorte que, se não quisesse retratar seus escritos, Frederico o deveria deixar em Witemberg. Mas este príncipe já tinha deixado a Saxônia sem Lutero. "Suplico ao Senhor que seja favorável ao nosso eleitor," disse Melancton, "ao vè-lo partir. Sôbre éle repousam as nossas esperanças para a restauração da cristandade. Seus inimigos ousam tudo, mas Deus dissipará o conselho de Aitofel. Quando a nós, sustemos a nossa parte do combate, por nossas práticas e nossas orações." Lutero sentiu profundamente que lhe proibissem de comparecer em Worms. [11]°

Para Aleandro não bastava que Lutero deixasse de ir a Worms; queria a sua condenação. Voltava sempre t carga junto aos príncipes, aos prelados, aos diversos membros da dieta: acusava o monge agostinho, não sómente de desobediência e heresia, mas de sedição, rebelião e blasfemia. Mas• o acento de sua voz era bastante pára revelar as paixões que o animavam. "É o ódio, o amor da vingança que o excitam," dizia-se, "antes que o zêlo e a piedade;"

Cochléus foi durante toda a sua vida um dos maiores inimigos de Lutero. Rrevemenie v-remo cena. t. por mais frt [12]•quentes e eveeunentes que fussetu

seus dis-cursos, a ninguém convertia. Alguns observavam-lhe que a bula do papa não tinha condenado Lutero senão condicionalmente; outros de modo algum ocultavam a alegria que lhes causava a humilhação do orgulho romano. Os ministros do imperador de um lado, os eleitores eclesiásticos de outro, afetavam grande frieza; aqueles, a afim de que o papa sentisse melhor a necessidade de ligar-se com o seu soberano: êstes a fim de que o pontífice comprasse mais caro o seu favor. O sentimento da inocência de Lutero dominava a assembléia: e Aleandro não podia conter a sua indignação.

Mas a frieza da dieta impacientava o legado menos do que a de Roma. Roma, que tinha custado tanto a tomar a sério a questão do "alemão ébrio", não imaginava que uma bula do sumo pontífice fosse impotente para humilhá-lo e submetê-lo, Ela tinha recobrado toda a sua segurança,* e já não enviava bula nem bôlsa. Ora, como, sem dinheiro, terminar semelhante negócio? "A Alemanha separara-se de Roma," escreveu ao cardeal de Médicis; "os príncipes separam-se do papa... Mais alguma demora, mais alguma hesitação, e não haverá mais esperança. Di-nheiro! dinheiro! ou perderemos a Alemanha."

Com êste brado Roma desperta; os servos do papado, saidos do torpor, forjam a toda pressa no Vaticano seus terríveis anátemas. O papa promulga uma nova bula, [13]§ e a excomunhão, que até então tinha ameaçado ao doutor hereje, é decididamente pronunciada contra êle e contra todos os seus aderentes, Roma, rebentando ela mesma o último fio que ainda o ligava à sua igreja, aumentou a liberdade de Lutero e por isso mesmo a sua fórça. Fulminado pelo papa, êle refugiou-se com um novo amor em Jesus Cristo. Repelido do templo exterior, sentiu mais vivamente que êle próprio era um templo no qual Deus habitava. [14]

"É urna grande glória," dizia êle, que nós pecadores, crendo em Jesus Cristo, e comendo sua carne, o tenhamos dentro em nós com sua fórça. seu poder, sua sabedoria. sua justiça, segundo está escrito: -Aquele que crê em mim, eu moro nele. Admirável morada! maravilhoso tabernáculo muito superior ao de Moisés. e interiormente adornado de modo magnifco, ,ele tapetes soberbos. de vens de púrpura e de mobílias de ouro, enquanto que exteriormente, como sobre o tabernáculo que Deus ordenou que fosse construído no deserto do Sinai, não se distingue senão uma aparência grosseira de peles de carneiros ou .peles de cabra, Ëxodo 26:7-14. Muitas vêzes os cristãos tropeçam, e vê-los só exteriormente, eles só parecem fraqueza e opróbio. Mas não importa! No interior desta enfermidade e desta loucura habita secretamente um poder que o mundo não pode conhecer, e que entretanto vence o mundo; porque Cristo inóra neles. Havia algumas vezes cristãos que andavam coxeando e numa grande fraqueza; mas quando chegava a hora de combater ou de comparecer ante o tribunal do mundo, Cristo operava súbitamente

neles, e eles tornavam-se tão fortes c resolutos. que o diabo, a sua vista, fugia aterrado. [15]°

Essa hora ia soar eia breve para Lutero, e Cristo, em cuja comunhão ele estava, não lhe devia faltar. No entanto Roma o repelia com violência. O reformador e todos os seus partidários estavam amaldiçoados, quaisquer. que fossem sua posição e seu poder, e despidos, como seus descendentes, de todas as honras e bens. Todo cristão fiel, que deSejava a salvação de sua alma devia evitar o contato com essa turba maldita. Por toda parte em que a heresia se introduzira os padres • deviam, aos domingos e dias de festa, à hora em que o povo enchia as igrejas, publicar solenemente a excomunhão. Deviam retirar-se os vasos e os ornamentos de altar; a cruz se devia colocar no chão: doze padres, tendo tochas em suas mãos, deviam acondêIas, para em seguida atirá-las ao chão com violência e apagá,las pisando-as; então o bispo devia publicar a condenação desses impioS; todos os sinos deviam repicar; os bispos e os padres deviam proferir anátemas e maldições. e pregar-se-ia com afoiteza contra Lutemo e contra seu aderentes.

Havia vinte e dois dias que a excomunhão tinha sido publicada em Roma, e talvez que ainda não estivesse co-nhecida na Alemanha, quando Lutero, sabendo que se falava de novo de chamá-lo a Worms, escreveu ao eleitór urna carta redigida de tal modo que Frederico pudesse mostrá-la à dieta. Lutero queria corrigir as idéias falsas dos príncipes, e expor francamente a esse augusto tribunal a natureza verdadeira de uma causa tão desconhecida. "Regosijo-me de todo o meu coração, sereníssimo senhor," disse ele,. "de que sua majestade imperial queira chamar diante de si esta questão. Tomo por testemunha Jesus Cristo, esta éa causa. da nação germânica, da igreja católica, do mundo cristão, de Deus mesmo... e não de um só homem, e principalmente de um homem tal como eu.° Estou pronto a ir a. Worms, contanto que se me dè um salvo-conduto e juizes sábios, pios e imparciais. - Estou pronto a responder... porque não é por um espírito temerário ou para tirar algum proveito que ensinei a dou-trina de que me acusam: é para obedecer à minha cons-ciência e ao meu juramento de doutor da sagrada Escritu-ra; é para a glória de Deus, para a salvação da igreja cristã, para o bem da nação alemã, para a extirpação de tantas superstições, de abusos, de males, de opróbio, de tirnia, de blasfêmias, e de impiedades."

Esta declaração, feita em momento tão solene para Lutero, merece que se lhe preste atenção. Eis os motivos que o puseram em ação e as molas íntimas que trouxeram a renovação da sociedade cristã. É coisa mui diversa da inveja dum frade ou do desejo de se casar!

NOTAS DE RODAPÉ

[1] Sleidan, 1, p. 80.

[2] Seckend.. p. 326.

[3] Epist., I , p. 534.

[4] Ibid. 1, p. 53r,

[5] Palavicini, 1, p. 93.

[6] Ibid.

[7] Palav., 1, p.

[8] Swin. Epist., p. 157.

[9] E não deixarão pedra que não revolvam. Corp. Ref., 1, p. 279, janeiro 24.

[10] Ibid.

[11] Lut. Epist., 1, p. 542.

[12] Magis invidiá et vindietae libidine quam zelo pietatis. Historia Johannis Cohloei, de actis et scriptis Martini Lutheri, Paris, 1565. p. 27, verso.

[13] PaIv.. I. p. 94.

[14] Bullarium Romanurn,

[15] Ibid.

CAPÍTULO II

Um príncipe estrangeiro — Conselho dos políticos — Conferência entre o confessor e o chanceler — Inutilidade dessas manobras — Atividade de Aleandro — Palavras de Lidero — Carlos entrega-se ao Papa.

Mas tudo isso importava pouco aos políticos. Por mais elevada que fosse a idéia que Carlos fizesse da dignidade imperial, a Alemanha não era o centro de seus interesses e de sua política. De outro lado èle não compreendia nem a língua nem o espirito alemão. Foi sempre um duque de Borgonha que a muitos outros cetros reuniu a primeira coroa da cristandade. Coisa notável! no momento de sua transformação mais intima, a Alemanha tomou por chefe um príncipe estrangeiro, aos olhos do qual as necessidades e as tendências da nação não tinham senão importância secundária. O movimento religioso não era certamente indiferente para o jovem imperador, mas não tinha significação para Me senão no que ameaçava ao papa. A guerra entre Carlos e a França não podia ser evitada; esta guerra devia ter lugar principalmente na Itália.

A aliança do papa tornava-se, pois, cada vez mais necessária aos projetos de Carlos. Êle quisera ou destacar Frederico de Lutero, ou satisfazer ao papa sem ofender a Frederico. Muitos dos que o cercavam mostravam, no negócio do monge agostinho essa frieza desdenhosa que os políticos afetam de ordinário quandc.► st [1]• trata de religião. -Rejeitemos os par_ tidos extremos,- diziam. -Prendamos Lutemo por negociações, e reduzamô-lo ao silêncio cedendo-lhe alguina coisa. Sufocar, e não atiçar, eis a verdadeira marcha a seguir. Se o monge cair na rede, já temos vencido! Aceitando uma transação, estará perdido. Decretar-se-Cio algumas reformas exteriores para salvar as aparências: o eleitor ficará satisfeito; o papa estará ganho e as coisas seguirão seu curso ordinário.-

Tal é o -projeto que formaram os íntimos cio iniKrador. Os doutores de Witembei-g pareciam ter adivinhado esta nova política. "eles procuravam às ocultas ganhar os ânimos,- diz N,Ielancton, "e trabalhavam nas trevas.- [2]° O con-fessor de Carlos V, João Clapião, homem considerado, cortesão hábil, frade cheio de Finura, encarregou-se de executar o projeto. Clapião possuía toda a confiança de Carlos, e éste príncipe, seguindo os costumes espanhois, confiava-lhe quase que inteiramente o cuidado dos negócios que se referiam à religião. Desde que Carlos foi nomeado irnepardor Leão X tinha-se apressado u ganhar Clapião por favores aos quais o confessor tinha sido muito serisível. Ele não podia melhor corresponder às graças do pontífice do que reduzindo a heresia ao silêncio, e meteu mãos à obra.

Entre os conselheiros do eleitor achava-se o chanceler Gregório Bmuck, ou Pontanus, homem cheio de luzes, de decisão, de coragem, que sabia mais em teologia que todos os doutores, e cuja sabedoria podia resistir à astúcia dosfrades da

córte de Carlos- V. Clapião, conhecendo a influência do chanceler, lhe pediu uma conferência, e, aproximando-se dele, como se fosse amigo do reformador: Foi que transportado de alegria, disse-lhe com ar de benevalência, quando, lendo os primeiros escritos de Lutero reconheci nele uma árvore vigorosa que tinha produzido belos ramos e que pometia à igreja frutos os. mais preciosos. Muitos, é fato,. reconheceram antes clèle as mesmas todavia nenhum teve a nobre coragem de publicar sem temor a verdade. Mas criando li seu livro sobre o Cativeiro de Babilônia," pareceu-me que tinham-me moído a pau e quebrado todos os ossos. Não creio," acrescentou o frade, "que o irmão Martim declare-se o autor dessa obra: não encontro nela o seu estilo, nem a sua cièricia.- Depois de alguma discussão o confessor continuou: "Apresentai-me ao eleitor, e lhe exporei em vossa presença os erros de Lutero.-

O chanceler respondeu que as ocupações da dieta não deixavam tempo a sua alteza, que aliás não se envolvia nisso. O frade viu com pesar a recusa de seu pedido. O chanceler continuou: "Desde que vós mesmo dizeis que não há mal sem remédio, explica-vos."

Tomando então um ar confidencial, o confessor res-pondeu: "O imperador deseja ardentemente ver um homem tal como Lutero reconciliado com a igreja; porque seus livros (antes da publicação do tratado sobre o -Cativeiro de Babilônid [3] agradaram sofrivelmente sua majestade. ... A indignação que a bula causava a Lutero foi certamente o único motivo que lhe ditou esse último escrito. Que declare não ter querido perturbar o repouso da igreja, os sábios de todas as nações se colocarão do seu lado... Obtende-me uma audiência em sua alteza."

O chanceler foi ter com Frederico. O eleitor sabia muito bem que uma retratação qualquer era impossível: "Dizei ao confessor," respondeu, "que não posso anuir ao seu. pedido, e continuai a conferência".

Glapião recebeu a mensagem com grandes demonstra-ções de respeito; e mudando de baterias, disse: Que o eleitor nomeie alguns homens de confiança para deliberar sobre o negócio.

O chanceler. "O eleitor não pretende defender a causa de Lutero."

O confessor. "Beml tratemos nós então clo assuntol... Jesus Cristo é testemunha .de que eu faço tudo isto por amor à igreja e por Lutero, que tem conduzido tantos corações •à verdade."

O chanceler, tendo-se recusado a uma tarefa que era a cio reformador, se dispôs a retirar-se.

"Fica," disse-lhe o frade.

O chanceler. "Para que?"

O confessor. Que Lutero negue ser o autor do "Cativeiro de Babilônia."

O chanceler. "Mas a bula do papa condena todas as outras obras dele,"

O confessor. É por causa de sua obstinação. Se se retratar desse livro, o papa, em sua onipotência, pode fa-cilmente restabelecê-lo em graça. Que esperanças não podemos conceber, agora que temos tão excelente impera-dor. Notando que suas palavras faziam no chanceler, o frade acrescentou logo: "Lutero quer sempre argumentar segundo a Bíblia. A Bíblia... é como a cêra, e deixa-se estender e dobrar como se quer. Comprometo-me a achar na Bíblia opiniões ainda mais estranhas que as de Lutero. Lie se engana quando transforma em mandamentos todas as palavras de Jesus Cristo." Depois, querendo também influir pelo temor sobre a interlocutor, acrescentou: "O que aconteceria se hoje, ou amanhã o imperador tomasse as armas?... Pensai bem nisto." Permitiu depois a Ponta-nus a retirar-se.

O confessor preparava novos laços. "Quando alguém tivesse vivido dez anos com èle," dizia Erasmo, "ainda assim não o conheceria." [4]

"Que excelente livro de Lutero sobre a liberdade do cristão!" disse ele ao chanceler, quando voltou alguns dias depois; que sabedoria! que talento! que espírito! é assim que deve escrever um verdadeiro sábio... Que se escolham de um e de outro lado homens irrepreensíveis, e que o papa e Lutero se submetam ao juizo. deles. Não há dúvida de que Lutero está superior em muitos artigos. Falarei disto ao próprio imperador. Crêde-me: não é de mim mesmo que vos digo estas coisas. Já disse ao imperador que Deus o castigaria assim como a todos os outros príncipes, se a igreja, que é a espôsa do Cristo, não fosse purificada de todas as suas nodoas. Acrescentei que o próprio Deus tinha suscitado Lutero, e lhe tinha ordenado que repreendesse vivamente os homens, servindo-se dele como de urna vara para punir os p(.cados do mtin do.

O chanceler ouvindo estas palavras (que reprodu-zem as impressões do tempo e que mostram que opinião tinha-se então de Lutero mesmo entre os adversários), julgou dever expressar sua admiração de que não testemunhasse mais atenção a seu soberano. "Delibera-se cada dia em casa do imperador sóbre êste assunto," disse èle, "e o eleitor não é convidado. Parece-lhe estranho que o imperador que lhe deve algum reconhecimento, o exclúa de seus conselhos."

O confessor: -Só urna vez assisti a essas deliberações, e. ouvi o imperador resistir às solicitações dos núncios. [5]• Daqui a cinco anos se verá o que Carlos há de ter feito pela reforma da igreja.

"O eleitor," respondeu Pontanus, "ignora as inten-ções de Lutero. Façam-mo vir e ouçam-no."

O confessor respondeu suspirando profundamente. [6]° "Tomo Deus por testemunha do ardente desejo que tenho de ver cumprir-se a reforma da cristandade."

Protelar o negócio, fechar a boca a Lutero, eis tcdo o que pretendia Glapião. Em todo o caso, que Lutero não compareça a Worms. Um morto vindo do outro mundo, e aparecendo no meio da dieta, teria aterrado menos os núncios, os monges, e todo o exército do papa, que só a vista do doutor de Witemberg.

"Quantos dias são preciso para ir de Witemberg a Worms?" perguntou o monge ao chanceler; afetando ar indiferente; depois, rogando a Pontanus que apresentasse ao eleitor suas humildes saudações, deixou-o.

Tais foram as manobras dos cortesãos. A firmeza de Pontanus desmontou-os. Ëste homem jUsto foi inabalável como um rochedo em todas as negociações. Demais, . os frades romanos mesmos caíam nos laços que armavam aos seus inimigos. O cristão," dizia Lutero em sua lingnuagem figurada, "é como o pássaro que está prêso perto da armadilha. Os lobos e as raposas andam em roda e avançam para devorá-lo; mas eles caem no buvaco c. morrem, enquanto que o pássaro tímido fica vivo assim que os santos anjos nos guardam e que os lobos devoradores, os hipócritas e os perseguidores não podem fazer-nos mal. Não só os artifícios do confessor foram inúteis;. mas ainda st...as confissões firmaram Fre-derico no pensamento de que Lutero tinha. razão, e que seu dever era defendè-lo.

Os corações se inclinavam cada vez mais para o Evangelho. Tim prior dos dominicanos propôs que o imperador, os reis de França, de Espanha, de Inglaterra, de Portugal, de Hungria e da Polônia, o papa e os eleitores, nomeassem representantes aos quais se confiasse a decisão deste negócio. "Jamais," dizia (le, "o mundo sujeitou-se somente ao papa." As disposições dos espíritos tornavam-se tais que parecia impossível condenar Lutero sem ouví-lo e refutá-lo.

Aleandro, inquieto com isso, desenvolveu uma emergia inteiramente nova. Já não era. somente ao eleitore a Lutero que d.o devia resistir. Ële viu com horror as negociações secretas do confessor, a proposta do prior o consentimento dos ministros de Carlos, a extrema frieza da piedade romana, entre os amigos os mais dedicados do pontífice, "de sorte que se acreditaria," diz Palavicini, "que uma torrente de água gelada tinha passado por cima." [7]§ Rle tinha em fim recebido de Roma ouro e prata; tinha nas mãos breves enérgicos dirigidos a homens os mais poderosos do império. [8] II Temendo ver escapar sua prèsa, compreendeu que era chegado o momento de um golpe decisivo. Entregou os breves; espalhou a mãos cheias o ouro e

a prata; fez as mais lisonjeiras promessas: "e armado com esta tríplice industrial," diz o historiador cardeal, "esforçou-se por fazer inclinar de novo a favor do papa a assembléia vacilante dos eleitores."[9] Mas foi especiamente ao imperador que èle armou ciladas. Aproveitou-se das dissensões dos m [10]• inistros, bel- gas com Os ministros espanhois. Sitiou o monarca. Todos os amigos de Roma, despertados por sua voz, solicitaram o jovem Carlos. Cada dia," escreveu o eleitor a seu irmão João, "se delibera contra Lutero; pede-se que ele seja levado ao tribunal pelo papa e pelo imperador: procuram prejudicá-lo de todos os modos.[11] Os que fazem ostentação de seus barretes vermelhos, os romanos, com toda a sua seita, desenvolvem nesta obra um zelo infatigável.- [12]

Com efeito, Aleandro insistia pela condenação do reformador com uma violência que Lutero chama uma fúria maravilhosa. O núncio apostata, [13]§ como o chama Lutero, arrastado pela colem além dos limites da pru-dência, chegou a exclamar um dia: "Se pretendeis, cí germanos, sacudir o jugo da obediência romana, nós faremos de modo que, levantando uns contra os outros uma espada exterminadora, morrais todos em vosso próprio sangue."[14] I "Eis como o papa apascenta as ovelhas de Cristo," acrescenta o reformador.

Mas não era deste modo que êle falava. Nada pedia para si. "Lutero está pronto." dizia Melancton, "a comprar à custa de sua vida a glória e o progreso do Evangelho." [15]° Mas tremia, pensando nos males de que sua morte poderia ser precursora. Via um povo desvairado vingar talvez seu martirio do sangue de seus adversários e, principalmente. os padres. Ële repelia tão terrível responsabilidade. "Deus," dizia, reprima a furia de seus inimigos; mas .se reben-tar...

Fa-zer a guerra contra os padres, povo sem coragem e sem fôrça, é fazê-la contra mulheres e crianças.- [16] semelhante à que devastou a Boêmia... Eu estarei limpo, porque pedi com instância que a nobreza germânica cantientão..ver-se-á cair sôbre os padres uma tormenta tivesse os romanos pela sabedoria, e não pela espada a medida do poder com que a palavra de Lutem tinha comovido até mesmo ZION que gardavam a porta do conselho do império. soberbo Aleandro, endireitando-se com dignidade, prosseguiu seu caminho e entrou .na sala. Jamais Roma fira chamada a fazer sua apologia diante de tão augusta assembléia, O núncio colocou diante de si os documentos julgados necessários, os livros de Lutero as bulas dos papas: depois, a dieta em silèncio. disse:

"Augusto imperador, poderosos príncipes, excelentís-simos deputados! venho sustentar diante de vós uma causa pela qual sinto arder em meu coração a mais veemente afeição. Trata-se de conservar sobre a cabeça de meu amo essa tiara que todos adoram; trata-se de manter esse trono papal pelo qual eu estaria pronto a dar meu corpo às chamas, se o monstro, que gerou a heresia nascente que venho

combater, pudesse, consumido pela mesma fogueira, misturar suas cinzas com as minhas." [17]

Não! todo o dissentimento entre Lutero e Roma não versa sobre os interesses do papa. Tenho diante de mim os livros de Lutero, e basta ter olhos para reconhecer que são as santas doutrinas da igreja que èle ataca. Lie ensina que só comungam dignamente aqueles cujasconsciérícias estão cheias de tristeza e de pesar de seus pecados, e que o batismo é o penhor. Lie nega a .necessidade de nossas obras para obter a glória celeste. Nega que.tenhamos liberdade e poder de observar a lei• [18] natural e divina. Afirma que pecamos necessariamente em todas as nossas ações. Porventura sairam jamais do arsenal do inferno armas mais próprias para quebrar o freio do pudor?... Éle .prega a abolição dos votos religiosos. Pode-se imaginar uma impiedade mais sacrílega?... Que desolação não se veria

Seckendorf e depois dele muitos historiadores protes-tantes têm avançado que Palavicini tinha composto ele próprio o discurso que pôs na boca de Aleandro. É verdade que o historiador cardeal anuncia ter-lhe dado a forma sób a qual o apresenta: mas indica as fontes em que bebeu, em particular as cartas de Aleandro depostas nos arquivos do Vaticano (Ata Wormatioe, foi, 66 e 99): creio pois que haveria parcialidade em regeitá-Io inteiramente no mundo, quando aqueles que deviam ser o fermento dos povos, despissem suas vestes sagradas, abandonassem os templos que faziam ressoar com seus cânticos sagrados, e se mergulhassem no adultério, no incesto, na dissipa-pação?...

Enumerarei todos os crimes deste monge audacioso? .Êle peca contra os mortos, porque nega o purgatório; peca contra o céu, porque diz que não acreditaria mesmo num anjo dos céus; peca contra a igreja, porque pretende que todos os cristãos são sacerdotes; peca contra os santos, porque despreza seus escritos veneráveis; peca contra os concílios, porque chama o de Constanç-a urna assembléia de demônios: peca contra o mundo, porque proibe o punir de morte aquele que não tenha cometido una pecado mortal. [19]° Alguns dizem que èle é um homem pio. Não quero atavar sua vida, mas somente recordar a esta assembléia que o diabo engano muitas vêzes a gente com aparências de verdade.

Aleandro, tendo falado do purgatório, condenado pelo condio de Forença, depôs aos pés do imperador a bula do papa sôbre êsse concílio. O arcebispo de Mogúncio levantou-a e entregou- a aos arcebispos de Colônia e de Trèves, que a receberam com gravidade e a fizeram passar aos outros príncipes. Depois, o núncio, tendo assim acusado Luteo, passou ao segundo ponto, que tratava de justificar Roma.

"Em Roma," disse Lutero, "promete-se uma coisa com a bôca e faz-se o contrário com as mãos." Se êste fato é verdadeiro, não se deve daí tirar justamente a consequèn-eia oposta? Se os ministros de uma religião vivem con-formes a seus

preceitos, é um sinal que ela é falsa. Tal foi a religião dos antigos romaA,os... Tal é a de Maomé, e a de Lutero mesmo: mas tal não é a religião que os pontífices de Roma nos ensinam. Sim,a doutrina que files professam os condena a todos como tendo cometido faltas: muitos, como culpados, e mesmo alguns (digo-o inegênuamente) como criminosos. [20]° ... Esta doutrina entrega suas ações à censura dos homens durante sua vida. :I ràníja da história depois de sua morte. f Ora, que prazer, que utilidade, pergunto, achariam os pontífices em inven-tar tal religião?

"A igreja, dir-se-á, não era nos primeiros séculos governadas pelos pontífices romanos. O que se segue dai? Com tais argumentos, poder-se-ia persuadir aos homens que se nutrissem de glandes e às princezas que lavassem cias mesmas as suas roupas." [21]

Mas era especialmente a seu adversário, ao reformador que ❑ núncio queria atacar. Cheio de indignação contra os que diziam que êle devia ser ouvido: "Lutero," exclamou de, "não se deixará instruir por ninguém. Já o papa o citou o Roma, a êle não foi. Então o papa citou-o para Augsburgo diante de seu legado, e não apareceu senão com um salvo-conduto do imperador, isto é, depois que ataram as mãos do legado, e que só lhe deixaram livre a língua...

Ah!" disse Meandro, voltando-se para Carlos V, suplico a vossa majestade imperial que não façais uma coisa que seria para vosso opróbiol Não vos metais num negócio em que os leigos nada têm que ver. Fazei vosso dever. Que a doutrina de Lutero seja interdita por vás em todo o império; que seus escritos sejam pot- toda parte queimados. Não temais. Há nos erros de Lutero com que queimar cem mil hereges.[22]° ... E o que ternos a temer?... Esta populaça?... Ela mostra-se terrível antes da batalha por sua insolência, mas des-pezivel no combate por sua fraqueza. Os pring,ipes es-trangeiros?... Mas o rei de França proibiu a introdução das doutrinas de Lutem em seu reino; o rei da Inglaterra prepara-lhe um golpe com a sua real mão. O que pensam a Hungria, a Itália, a Espanha, vós o sabeis, e não há um só de vossos vizinhos, por grande que seja o ódio que vos tenha, que vos deseje um mal tão grande como mesta heresia. [23]

Porque se a casa de nosso inimigo está próxima da nossa, podemos desejar-lhe febre, mas não peste... Que são todos esses lutereanos? um punhado de gramáticos insolentes, de padres corruptos, monges desre- grados. advogados, nobres degradados, gente comum, des-vairada e pervertida. Quanto mais numerosos, mais hábil, e mais poderoso não é o partido católico! Um decreto unânime desta ilustre assembléia esclarecerá os simples, advertirá os imprudentes decidirá os que hesitam, firmará os fracos... Mas se o machado não fôr posto à raiz desta árvore venenosa, se o golpe de morte não lhe fôr dado, então... vejo-a cobrir com seus ramos a herança de Jesus Cristo, mudar a vinha do Senhor numa horrível floresta,

transfOrmar o reino de Deus num covil de feras, e pôr a Alemanha nêsse horrível estado de barbaria e ele desolação ao qual a Ásia foi reduzida- pela supertição dc de Maomé.

O núncio calou-se. Tinha falado durante três horas. O atrativo de suas eloquências tinha comovido a assembléia. Os príncipes abalados, aterrados, diz Cochléus, olhavam uns para os outros e logo começaram ouvir-se rumores contra Lutero e seus partidários. [24]* Se o poderoso Lutero houvesse estado presente, se tivesse podido responder a êsse discurso; se aproveitando-se das confissões que tinha arrancado ao orador romano a lembrança de seu antigo mestre, o infame Borgia, tivesse mostrado que esses argumentos, destinados a defender Roma, eram a sua condenação; se tivesse feito ver que a doutrina que punha em evidência a inquidade de Roma, não era inventada por êle, como dizia o orador, mas era a religião que Cristo tinha dado ao mundo, e que a Reforma restabelecia em seu primitivo resplendor; se tivesse apresentado um quadro exato e animado dos erros, dos abusos do papado, e feito ver como êste fazia da religião de Jesus Cristo uni meio de lucro e de rapina, o efeito do discurso clo núncio teria imediatamente sido nulo: mas ninguém se levantou para falar. A assembléia ficou sob a impressão dêsse discurso; e comovida, arrastada, mostrou-se pronta a arrancar com violência do solo do império a heresia de Lutero. [25]

Não Obstante, esta vitória era apenas aparente. Estava na vontade de Deus que Roma tivesse ocasião de desen- volver suas razões e fôrças. O maior de seus oradores tinha falado na assembléia dos príncipes; tinha dito O que Roma tinha que dizer. Mas era precisamente este último esfàrço do papado, que para muitos dos que o ouviam, devia-se tornar o sinal de sua derrota. Se é preciso confessar altamente a verdade para que ela triunfe, para que o èrro pereça é também preciso que èle seja publicado bem alto. Nem um nem outro deve ser oculto para que completem a carreira. A luz julga tudo.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] Corp. Ref., 1, p. 28t. 3 de fevereiro. Palav., 1. 90,

[2] Ibid.

[3] Arquivos de N,Veirriar. Seckend.. p. 3 5.

[4] Seckencl.. p. 319.

[5] Lut. Opera. 10. 22, p. 1655.

[6] Seckend.. p. 323.

[7] Luc. Epist., 1, p. 556, de 9 de fevereiro. 1 Palav., 1, p. 96.

[8] Triplici hac indú%tria mine Aleancler Palav.. 1. P. 95.

--- 1 Ag ---

[9] summis viribus. Ibid., 569. Tn

[10] Epist., 1. p. 556.

[11] Miro furore Papistae moliuntur mihi mala. Lut. Epist,, 1, p. 556.

[12] Nuntius apostaticus (jogo de palavra por opostolicus) agir

[13] Das thum die in rolhen Hüten prangem. Seckeixl., p. 364.

[14] Ut mutuis caedibus nbsumpti, vestro cruore pereatis. Lut.

[15] Corp. Ref., 1, p. 285.

[16] Lut. Epist.. 1. p. 563.

[17] Lummodu mecum urià monstrum nascentis haeresis arderct. Palav., 1, p. 97.

[18] Baptismum neminem justificara, sed fidem in verbum pro-missionis, cui additur Hapiisnuts. Colchlooeus, Ata Lut.. p. 28.

[19] Seckend., p. 333.

[20] Palav., 1. p. 101.

[21] Ibid.

[22] Ibid.. 109.

[23] Seckend. p. 332.

[24] Cochloeus, p. 28.

[25] Palav., 1, p. 101. Vida de Leio X por Rostos, 4. p. 30.

CAPITULO III

Aleandro admitido na Dieta — Discurso de Aleandro — Lutero acusado — Roma defendida — Apelo a Carlos contra Lutero — Efeito do discurso do núncio.

O núncio preparou-se para esta audiência solene. Esta missão era importante, mas Aleandro era digno de a desempenhar. Embaixador do soberano pontífice, estava rodeado de todo o esplendor do seu cargo e era considerado um dos homens mais eloquentes do seu século. Os amantes da reforma aguardavam esta sessão com receio. O eleitor, sob o pretexto de indisposição, absteve-se de comparecer, mas deu ordens a alguns de seus conselheiros para que comparecessem e anotassem o discurso do núncio.

Chegado o dia, Aleandro dirigiu-se à reunião dos príncipes. Os ânimos estavam acalorados. Muitos acreditaram ver Anás e Caifás dirigindo-se ao pretório para pedir a morte daquele homem que seduzia a nação. Lileas, 23:2. No momento em que o núncio estava prestes a cruzar a soleira da porta, o porta-voz da dieta o encarou com vivacidade, diz Palayicini, e, colocando os punhos sobre o peito, o repeliu. «Este era luterano na alma», acrescenta o historiador romano. Se esta história é verdadeira, revela indubitavelmente uma paixão estranha; mas, ao mesmo tempo, revela-nos a força com que a palavra de Lutero comoveu até mesmo aqueles que guardavam a porta do conselho do império.

O feroz Aleandro, ereto e com dignidade, continuou o seu caminho e entrou na sala. Nunca Roma tinha sido chamada a fazer a sua apologia perante uma assembleia tão augusta. O núncio colocou diante de si os documentos de condenação que julgou necessários, como os livros de Lutero e as bulas dos papas; e, tendo a assembleia guardado silêncio, disse:

• «Augusto imperador, poderosos príncipes e excelentíssimos deputados! Venho defender uma causa perante esta augusta assembleia, pela qual arde no meu coração a mais veemente simpatia. Trata-se de conservar sobre a cabeça do meu senhor a tiara que todos veneramos; trata-se de defender este trono pontifical, pela defesa do qual Maria está pronta a entregar o meu corpo às chamas, se o monstro que propagou a heresia nascente que me proponho refutar puder, sendo queimado na mesma fogueira, misturar as suas cinzas com as Mas.*

Não! Todo o desacordo entre Lutero e Roma não se baseia apenas nos interesses do papa. Tenho diante de mim os livros de Lutero, e basta ter olhos na cara para reconhecer que o que ele ataca é a sã doutrina da Igreja. Ele ensina que apenas aqueles cujas consciências possuem contrição e arrependimento pelos seus pecados comungam dignamente; e que o batismo não justifica ninguém que não tenha fé na promessa cuja garantia é o próprio batismo. Ele nega a necessidade das nossas obras para alcançar a glória celestial. Nega que tenhamos liberdade e vontade para

observar a lei natural e divina. Afirma que peca e, depois disso, muitos historiadores protestantes afirmam que o próprio Palavicini compôs o discurso que coloca na boca de Aleandro. É verdade que o cardeal historiador diz ter-lhe dado a forma em que o apresenta; mas indica as fontes de onde o tirou, em particular as cartas de Aleandro arquivadas no Vaticano (Acta Worrnatite, fólio 66 e 99); portanto, creio que seria parcialidade rejeitá-lo por completo. Apresento alguns excertos deste discurso retirados dos documentos protestantes e romanos necessários em todas as nossas ações. Alguma vez saíram do arsenal do inferno armas mais adequadas para cortar o freio da modéstia? Pode-se imaginar uma impiedade mais sacrílega? Quanta desolação se verá no mundo, quando aqueles que deveriam ser a luz do povo, jogarem fora seus ornamentos sacerdotais, abandonarem os templos que faziam ressoar com seus cânticos e mergulharem no adultério, no incesto e na dissipação!

41i, Vou enumerar todos os crimes deste frade audacioso? Ele peca contra os mortos, porque nega o purgatório; peca contra o céu, porque diz que não acreditaria nem mesmo em um dos anjos do céu; peca contra a igreja, porque pretende que todos os cristãos são sacerdotes; peca contra os santos, porque despreza os seus escritos veneráveis; pecado contra os concílios, porque chama o de Constança de reunião de demónios; pecado contra o mundo, opondo-se à pena de morte para quem não cometeu um pecado mortal.* Alguns dizem que ele é um homem devoto. Não pretendo atacar a sua vida, mas apenas lembrar a esta assembleia que o diabo seduz as «pessoas com a aparência da verdade».

Tendo Aleandro falado do purgatório condenado pelo concílio de Florença, depositou aos pés do imperador a bula do papa sobre este concílio. O arcebispo de Maguncia recebeu-a das mãos do imperador e apresentou-a aos arcebispos de Colónia e de Tréveris, que a receberam com solenidade e a fizeram passar aos príncipes. Em seguida, tendo o núncio acusado Lutero dessa forma, passou para a segunda parte, que tratava da justificação de Roma.

«Em Roma, diz Lutero, prometem uma coisa com a boca e fazem o contrário com as mãos. Se assim fosse, não se poderia deduzir uma consequência totalmente oposta? Quando os ministros de uma religião vivem de acordo com os seus preceitos, isso é prova de que ela é falsa. Tal era a religião dos antigos romanos. Tal é a de Maomé e a do próprio Lutero; mas não é assim a religião que nos ensinam os ministros de Roma. Sim, a doutrina que eles professam condena-os a todos por terem cometido faltas: muitos como culpados e alguns, digo ingenuamente, como criminosos. Esta doutrina entrega as suas ações à crítica dos homens durante a sua vida e à infâmia da história após a sua morte. Além disso, pergunto: que utilidade teriam os pontífices em inventar tal religião?

«Dir-se-á que a Igreja não era governada nos primeiros séculos pelos pontífices romanos. O que se deduz disso? Com tais argumentos, poderia-se convencer os

homens a alimentarem-se de bolotas e as princesas a lavarem elas mesmas as suas roupas.»

Era sobretudo o seu adversário, o reformador, que o núncio desejava atacar. Indignado contra aqueles que diziam que ele deveria ser ouvido, disse: «Lutero não se deixará ensinar por ninguém. O papa já o convocou a Roma, e ele não quis comparecer. Depois, convocou-o em Augsburgo perante o legado, e ele não quis comparecer sem um salvo-conduto do imperador; ou seja, depois de terem amarrado os braços do legado, deixando-lhe livre apenas a língua.

«Ah!», disse Aleandro dirigindo-se a Carlos V, «imploro a Vossa Majestade Imperial que não faça nada que possa resultar em seu opróbrio! Que não se misture em assuntos onde os leigos nada têm a ver. Que a doutrina de Lutero seja proibida por vós em todo o império; que os seus escritos sejam reduzidos a cinzas. Não temais. Há nos erros de Lutero motivos suficientes para queimar cem mil hereges. E o que há a temer? Esta ralé? Ela se mostra terrível antes da batalha por sua insolência, mas desprezível no combate por sua covardia. Os príncipes estrangeiros? Mas o rei da França proibiu a entrada da doutrina de Lutero no seu reino; o rei da Grã-Bretanha prepara-lhe um golpe com a sua mão real. O que pensam a Hungria, a Itália e a Espanha — vós sabeis, e nenhum dos vossos vizinhos, por maior que seja o seu ódio contra vós, deseja-vos um mal tão grande como esta heresia. Porque se a casa do nosso vizinho está ao lado da nossa, podemos desejar-lhe febre, mas não a peste. O que são todos esses luteranos? Um punhado de gramáticos insolentes, padres viciados, frades desarrumados, advogados ignorantes, nobres degradados e populaceiros pervertidos e seduzidos.

Quanto mais numeroso, mais hábil, mais poderoso é o partido católico! Um decreto unânime desta ilustre assembleia iluminará os simples, avisará os incautos, decidirá os que duvidam, fortalecerá os fracos; mas se não se aplicar a foice à raiz desta planta venenosa, se não se der um golpe mortal, então vejo-a cobrir com os seus ramos a herança de Jesus Cristo, converter a vinha do Senhor numa selva horrível, transformar a casa de Deus numa caverna de animais selvagens e reduzir a herança de Jesus Cristo a um pedaço de terra, a uma floresta de árvores, a uma caverna de animais selvagens e a uma casa de demónios. um golpe mortal, então eu a vejo cobrir com seus ramos a herança de Jesus Cristo, converter a vinha do Senhor numa selva horrível, transformar a casa de Deus numa caverna de animais selvagens e reduzir a Alemanha àquele terrível estado de barbárie e desolação a que a Ásia foi reduzida pela superstição de Maomé.

Depois de ter falado durante três horas consecutivas, o núncio calou-se. O encanto da sua eloquência tinha seduzido a assembleia. Os príncipes, atordoados e pasmos, diz Cochleus, olhavam uns para os outros, e depois ouviu-se um murmúrio de várias partes contra Lutero e os seus seguidores.

Se o poderoso Lutero estivesse presente; se pudesse responder a esse discurso; se, valendo-se da confissão que o orador acabara de fazer, ao lembrar-se de seu antigo mestre, o infame Borgia, tivesse demonstrado que aqueles argumentos escolhidos para defender Roma eram os que a condenavam; se tivesse manifestado que a doutrina que evidenciava a sua iniquidade não tinha sido inventada por ele, como afirmava o orador, mas que era desta religião que Cristo tinha dado ao mundo, e que a reforma restabelecia no seu estado primitivo; se Lutero tivesse apresentado um quadro exato e animado dos erros e abusos do papismo, e demonstrado como este se vale da religião de Jesus Cristo para convertê-la em instrumento de elevação e de rapina, então o efeito da arenga do núncio teria sido nulo: mas ninguém lhe respondeu. A assembleia ficou impressionada com este discurso e, consternada e seduzida, manifestou-se disposta a extirpar com violência a heresia de Lutero do solo do império.*

No entanto, essa vitória não passava de uma aparência. Estava determinado por Deus que Roma tivesse a oportunidade de mostrar as suas forças e as suas razões. O mais famoso dos seus oradores falou na assembleia dos príncipes e disse tudo o que Roma tinha a dizer. Mas precisamente este último esforço do papado era, para aqueles que o compreendiam, o sinal da sua ruína. Se é preciso confessar abertamente a verdade para que ela triunfe, também é certo que o erro deve ser divulgado sem reservas para que pereça. Nem um nem outro devem ser ocultados, para que cumpram o seu curso. A luz julga tudo.

CAPÍTULO IV

Parecer dos príncipes — Discurso do duque Jorge — Caráter da Retoma -- Cento e uma queixas — Carlos se rende— Estratagemas de AleandiY) — Os grandes de Espanha — Paz de Lutero — Antes a morte que a retratação.

Poucos dias bastaram para dissipar essas primeiras impressões, como sucede sempre que um orador enche de palavras sonoras o vario de seus argumentos.

O maior número dos príncipes estava pronto a sacrifi-car Lutero, mas ninguém queria sacrificar os direitos soberanos do império e da nação germânica. Desejavam realmente entregar o monge insolente que tinha ousado falar tão alto mas pretendia-se fazer sentir tanto mais ao papa a necessidade de uma reforma, quanto era a bàca dos chefes da nação que a reclamava. Por isso, foi o maior inimigo pessoal de Lutero, o duque Jorge de Saxe, quem falou mais energicamente contra as usurpações de Roma. O neto de Podiebrado, rei de Boêmia, repelido pelas doutrinas da graça que anunciava o reformador, ainda não tinha perdido a esperança de ver-se operar urna reforma moral e eclesiástica. O que o irritava tanto contra o monge de Witemberg, era que com suas doutrinas desprezadas, Me punha tudo a perder.

Mas agora, vendo o núncio afetar confundir Lutero e a reforma da igreja mesma condenação, Jorge se levantou de repente na assembléia dos príncipes, com extrema admiração dos que conheciam seu ódio contra o reformador. "A dieta," disse êle, não deve esquecer suas queixas contra a corte de Roma. Quantos abusos se têm introduzido em nossos estados! Os anatas, que o imperador concedeu livremente para o bem da cristandade, são agora exigidos como dívida; os cortezões romanos inventam cada dia novas ordenanças para monopolisar, para vender, para rendar a outros os benefícios eclesiásticos; uma multidão de transgressões são permitidas; os transgressores ricos são indignamente tolerados, enquanto que os que nada tèm para se remir são desapiedadamente punidos.

O papa não cessa de dar à gente de seu palácio expectativas e reservas, com prejuizo daqueles aos quais pertencem os benefícios; as comendas das abadias e dos conventos de Roma são entregues aos cardeais, aos bispos, aos prelados, que se apoderam das rendas, de sorte que já não se acham religiosos em conventos que deveriam ter vinte ou trinta: as estações multiplicam-se ao infinito, e lojas de indulgências montam-se em todas as praças de nossas cidades; lojas de Santo António, do Espírito Santo, de Santo Huberto, de São Cornélio, de São Vicente, e ainda muitas outras. Há sociedades que comprando em Roma o direito de ter desses negócios, compram depois a seu bispo o direito de ostentar a sua mercadoria, e para arranjar o dinheiro necessário, oprimem os pobres e lhes esvasiam a bolsa. A indulgência, que não deve ser concedida senão para a salvação das almas, e que não se deve merecer senão por orações, jejuns, obras de caridade, vende-se a dinheiro.

Os subalternos dos bispos esmagam os pequeninos com penitências, por blasfemias, adultérrios, devassidões, violações de tal ou tal dia de festa, mas nem se quer uma repreensão dirigem aos eclesiásticos que se tornam culpados dos mesmos crimes. Im-põem-se penas ao penitente combinadas de modo que êle caia logo na mesma falta e dê ainda mais dinheiro.°

É alguns dos abusos que clamam contra Roma. Puseram de parte toda a vergonha e só se aplicam a uma coisa... dinheiro! Mais dinheirol... de sorte que os pregadores que deveriam ensinar a verdade, já não pregam senão a mentira, e não somente são tolerados, mas recompensados, porque, quanto mais mentem, mais ganham. É desta fonte lodosa que saem tantas águas corrompidas. A devassidão dá a mão à avareza. Os eclesiásticos mandam vir a suas casas mulheres sob di-versos pretestos, e se esforçam por seduzi-las, ora por ameaças, ora por presentes, ou se não o conseguem, perdem-nas em sua reputação.[1]°

Ah! é o escândalo dado pelo clero que precipita tantas pobres almas numa condenação eterna, É preciso operar urna reforma universal. É preciso reunir um concílio geral para fazer esta reforma. Eis porque, excelentíssimos príncipes e senhores, suplico-vos com submissão que vos ocupeis instantemente deste assunto. O duque Jorge entregou a lista das acusações que tinha formulado; isto foi alguns dias depois do discurso de Aleandro. Este escrito importante nos foi conservado nos arquivos de Weimar.

O próprio Lutero não havia falado com mais fórça contra os abusos de Roma; tinha, porém, feito alguma coisa mais, O duque assinalava o mal: Lutero com o mal tinha assinalado também o remédio. Tinha mostrado que o pecador recebe a indulgência verdadeira, a que vem de Deus, únicamente pela fé na graça e no merecimento de Jesus Cristo; e esta simples, mas poderosa doutrina, tinha derribado todas as casas de mercado estabelecidas pelos padres. "Como tornar-se piedoso?" perguntou êle um dia. "Um franciscano responderá: Vesti um hábito pardo e cingi-vos c,om o cordão. Um romano replicará: Ouvi missa e jejuai. Mas uni cristão dirá: Só a fé. em Cristo justifica e salva. Antes das obras devemos ter a vida eterna. Mas quando havemoms nascido de novo, e sido feitos filhos de Deus pela palavra da graça, então fazemos bôas obras." [2]

O discurso do duque era o de um príncipe secular; o discurso de Lutero o de um reformador. O grande mal da igreja era o ter-se lançado tôda nas exterioridades, ter feito de tôdas as suas obras e de tôdas as suas graças, coisas exteriores e materiais. As indulgências tinham sido o ponto extremo dêste modo de proceder, e o que há de mais espiritual no cristianismo, o perdão, era comprado nas lojas como a comida e as bebidas. A grande obra de Lutero consistiu precisamente em se ter servido deste ponto extremo da degeneração da cristandade, para reconduzir o homem e a igreja à

fonte primitiva da vida, e restabelecer no santuário do coração o reinado do Espírito Santo. Neste caso ainda, como freqüentemente acontece, o remédio saiu do próprio mal, e os dois extremos se tocaram. Desde então a igreja, que durante tantos séculos se tinha desenvolvido exteriormente, em cerimonias, em observância e em práticas humanas, recomeçou a desenvolver-se no interior, em fé, esperança e caridade. [3]

O discurso do duque fez tanto mais efeito quanto sua oposição a Lutero era bem conhecida. Outros membros da dieta apresentaram acusações diferentes. Até os príncipes eclesiásticos apoiaram essas queixas. "Nós temos um pontífice que não gosta senão da caça e dos prazeres," diziam êles; "as prebendas da nação germânica são dadas em Roma a bombardeios, a falcoeiros, a inquilinos, a burriqueiros, a moços de cavalariça, a guarda-costas, e outra gente desta laia, ignorantes, ineptos e estrangeiros na Alemanha."[4]

A dieta nomeou uma comissão encarregada de colher todas as acusações; e elas foram cento e uma. Uma depu-tação, composta de príncipes seculares e eclesiástos, apresentou a relação ao imperador, pedindo-lhe que fizesse justiça, como se tinha obrigado em sua capitulação.

"Quantas almas cristãs perdidas!" disseram a Carlos V: "quanto roubo, quantas concussões, por causa dos escândalos de que se cerca o chefe espiritual da cristandade! É preciso prevenir a ruiva e a desonra de nosso povo. Eis porque todos juntos suplicamos-vos humildemente, mas com a maior instância, que ordeneis uma reforma geral que a compreendais e a completeis." Havia então na sociedade cristã um poder desconhecido que subjugava os príncipes e o povo, urna sabedoria do alto que arrastava os próprios adversários da Reforma, e que preparava a emancipação cuja hora tinha em fim soado. [5]

Carlos não poderia ser insensível a estas manifesta-ções do império. Nem o núncio, nem êle as esperavam. Seu próprio confessor tinha-lhe denunciado as vinganças do céu, se êle não reformasse a igreja. O imperador revogou logo o edito que odenava que fôsein entregues às chamas os escritos de Lutero em todo o império, e substituiu-o por uma ordem provisória de entregar esses livros aos magistados.

Isto não satisfez à assembléia; ela queria que o reformador comparecesse. É injusto, diziam seus amigos, condenar Lutero sem tê-lo ouvido, e sem saber por ele mesmo se é o autor dos livros que querem queimar. Sua doutrina, diziam os adversários, se tem de tal modo apoderado dos corações, que .. imposível suspender-lhe os progressos, se não o ouvirmos a êle mesmo. Não se disputará com êle; e se reconhecer seus escritos e recusar retratá-los, então, eleitores, príncipes, estados do santo império, todos unidos, fiéis à fé de nossos antepassados, ajudaremos vossa majestade com tôdas as nossas fôrças na execução de seus decretos. [6]°

Aleandro assustado, temendo tudo da intrepidez de Lutero e da ignorância dos prínipes, meteu logo mãos à obra para impedir o comparecimento do reformador. Lie ia dos ministros de Carlos aos príncipes os mais bem dispostos em favor do papa, e dêstes príncipes ao imperador mesmo. "Não é permitido," dizia, "pôr em dúvida o que o supremo pontífice ordenou. Não se disputará com Lutero, dizeis vós; mas," continuava êle, "o poder dêste homem audacioso, o fogo de seu olhar, a eloqüência de suas palavras, o espírito misterioso que o anima, não bastarão para excitar alguma sedição? Já muitos o veneram como santo, e acha-se por tilda parte seu retrato cercado duma aureola de glória, como a cabeça dos bem-aventurados... Se se quiser citá-lo a comparecer, que pelo menos não o ponham sob a proteção da fé pública!" [7]§ Estas últimas palavras deviam aterrar Lutem ou preparar sua ruína.

O núncio encontrou acesso fácil junto aos grandes de Espanha. Na Espanha, como na Alemanha, a oposição aos inquisidores dominicanos era nacional. O jugo da inquisi-ção, que tinha sido por algum tempo afastado, acabava de ser restabelecido por Carlos. [8]Um partido numeroso simpatizava na península com Lutero: mas assim não acontecia a respeito dos grandes, que encontravam ao pé do Reno o que odiavam além dos Pireneos. inflamados pelo mais ardente fanatismo, estavam impacientes por aniquilar a nova heresia. Frederico, duque de Alba, é quem principalmente Ficava enfurecido sempre que se tratava da Reforma. Quisera nadar no sangue de todos os seus setários. Lutero ainda não tinha sido citado a comparecer, e só o seu nome já agitava todos os senhores da cristandade, reunidos então em Worms. [9]

O homem que revolvia assim os poderes da terra era o único que parecia em paz. As notícias de Worms eram assustadoras. Os próprios amigos de Lutero estavam aterrados. lá não nos resta mais que Os vossos bons desejos e as vossas orações," escrevia Melancton a Spalatino. "Oxalá que Deus se dignasse comprar à custa do nosso sangue a salvação do povo cristão." [10] Mas Lutero, estranho ao temor, encerra.ndo a si estas palavras com que Maria, mãe de Jesus, exclama: A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegra por extremo em Deus meu Salvador... Porque mc fez grandes coisas o que é Poderoso: e santo o seu Nome. , . Êle manifestou o poder de seu braço... Depôs do trono os poderosos, e elevou os humildes." S. Lucas 1:47, 49, 51, 52. Eis alguns dos pensamentos que enchiam o coração de Lutero: O Poderoso... diz Maria. Oh! é grande te-meridade da parte duma donzela! Com uma só palavra ela faz desfalecer todos os fortes, abate todos aqueles cujos nomes são glorioso sôbre a terra, e deposita aos pés de Deus só toda a fórça, todo o poder, tôda a sabedoria e tôda a glória. 11 Seu braço, continua ela: e chama assim este poder (lue opera por si mesmo, e sem o socorro das •criaturas: poder misterioso! [11]•que se exerce em segredo e no silêncio, até que tenha cumprido o se propôs. A destruição aí está, sem que ninguém a tenha visto vir. A elevação aí está,

sem tine ninguém o tenha suspeitado. Ele deixa seus filhos na OpreSSár) e na fraqueza, de sorte que dizem: Estão perdidos!... Mas então é que ele é mais forte; porque é quando a força dos homens se acaba, que começa a força de Deus. Somente, clue a ré tudo espere dele... E, por outro lado, Deus permite a seus adversários o elevar-se cm sua grandeza e seu poder. Tira-lhes o socorro da força e deixa que eles inchem com a própria fórça. Deixa-os baldos de sua sabedoria eterna e permite que se encham da sabedoria de um dia. E enquanto se levantam no resplendor de seu poder, Deus retira o braço, e a obra dèles... aniquila-se como uma bolha de sabão que brilha nos ares. [12]

A 10 de março, no momento em que seu nome enchia de temor a cidade imperial, Lutero terminou esta exposição da Alagnificat.

Não o deixaram tranquilo em seu retiro. Spalatino. conformando-se às ordens do eleitor, enviou-lhe a nota dos artigos cuja retratação exigiam. Uma retratação, depois da recusa de Augsburgo!... "Não temais," escreveu Me a Spalatino, "que eu retrate uma só sílaba, pois que o seu único argumento é pretender que meus escritos se opõem aos ritos daquilo que êles chamam igreja. Se o imperador Carlos me chamar semente para que eu me retrate, responder-lhe-ei que ficarei aqui, e será o mesmo como se eu tivesse ido a Worrns e voltado; mas se pelo contrário, o imperador quiser chamar-me para matar-me, como inimigo do império, estou pronto a obedecer, porque com o socorro de Cristo, não abandonarei a Palavra no campo de batalha. Eu sei; èstes homens sanguinários não descansarão enquanto não me tiverem tirado a vida. Oh! se ao menos fossem só os papistas que se tornassem culpados do meu sangue!" [13]

NOTAS DE RODAPÉ

[1] Arquivos de Wcimar, Scckend., p. 330.

[2] Lut. Opera W.. 22, pp. 745. 752.

[3] Seckend.. Vorrede von Frick.

[4] Büchsenmeistern, Falnern. Pfisiern, Eseltreibern, Stallkneeh-ten. Frabanten. , Kapps Nachlesc nützl. Ref. Urkunden, 3, p. 262.

[5] Ibid., p. 262.

[6] Lut. Opera Lat., 22, p. 567.

[7] Palav., 1, p. 113.

[8] Ibid.

[9] Palpv., 1, p. 362.

[10] Corp. Ref., 1. p. 362.

[11] Nlagnificut, 1.t. npera W. Aug., 3. P- II. etc.

[12] Ibid.

[13] Lut. p. 574.

CAPÍTULO V

Dar-se-lhe-á um salvo-conduto? — O salvo-conduto — Lu-tero virá? — Quinta-feira santa em Roma — O para e Lutero.

Enfim o imperador decidiu-se. O comparecimento de Lutero diante da dieta pareceu o único meio eficaz de ter-minar de algum modo êsse negócio que ocupava todo o império. Carlos V resolveu, fazê-lo citar, mas sem lhe dar salvo-conduto. Recomeçava então para Frederico o papel de protetor. O perigo que ameaçava o reformador era evidente. Os amigos de Lutero, diz Cochleus, receiavam que o entregassem ao papa, ou que o imperador mesmo o mandasse matar, como indigno, por causa de sua heresia obstinada, ou que não lhe cumprissem as promessas.[1]° Houve a êste respeito entre os príncipes um debate longo e difícil. Tocados, enfim, pela grande agitação que resolvia então todos os povos em quase tôda a Alemanha, temendo que na passagem de Lutero, rebentasse algum tumulto súbito, ou alguma perigosa sedição, (sem dúvida em favor do reformador mesmo), os príncipes julgaram mais prudente tranquilisar os espíritos a seu respeito, e não somente o imperador, mas ain- da o eleitor de Saxe, o duque Jorge e o langrave de Hessen, por cujos estados èle devia passar, deram-lhe cada um, um salvo-conduto.

A 6 de março de 1521, Carlos V assinou a citação se-guinte, dirigida a Lutero: Carlos, por graça de Deus eleito imperador romano, sempre augusto, etc., etc.

"Honrado, caro e piedoso! Nós e os estados do santo império aqui reunidos, tendo resolvido fazer um inquérito concernente à doutrina e aos livros que publicaste, há pouco tempo, te temos dado para vires aqui e voltar lugar seguro, nosso salvo-conduto e o do império, que te enviamos incluso. Nosos sincero desejo é que te prepares imediatamente para esta viagem, afim que no .espaço de vinte e um dias fixados em nosso salvo-conduto, te aches com certeza aqui ao pé de nós e que não faltes. Não temas injustiça nem violência. Queremos manter firmemente o nosso salvo-conduto, e esperamos que correspondas ao nosso apêlo. Seguirás nisto o" nosso formal aviso.

Dado em nossa cidade imperial de Worms, no sexto dia do mês de março, no ano do Senhor de 1521 e no segundo de nosso reinado.

"CARLOS."

Por ordem do Imperador meu Senhor, de próprio punho, Alberto, cardeal de Mogúncia, arqui-chanceler.

"NICOLAU ZWIL".

O salvo-conduto encerrado nesta carta dizia no sobre-escrito: Ao honrado, nosso caro e Pio Doutor Martinho Lutero, da Ordem dos Agostinho?

Começava assim:

"Nós Carlos, quinto do nome, por graça de Deus eleito imperador romano, sempre augusto, rei de Espanha, das Duas Sicílias, de Jerusalém, de Hungria, de Dalmácia, de Croácia, etc., arquiduque da Austria duque de Borgonha, Conde de Hapsburgo, de Flandres, e do Tirol," etc., etc.

Depois, o rei de tantos povos, fazendo saber que tinha citado diante de si um frade agostinho chamado Lutero, ordenava a todos os príncipes, senhores, magistrados e outros, que respeitassem o salvo-conduto que lhe concedia, sob pena cia punição do imperador e do império.

Assim o imperador dava o título de "caro, de honrado e pio", a um homem que o chefe da igreja tinha excomungado. Tinham querido, pela redação dêste documento, afastar tida a desconfiança do espírito de Lutero e de seus amigos. Caspard Sturm foi nomeado para levar a mensagem .o reformador, e acompanhá-lo a Worms. O eleitor, temendo a indignação pública, escreveu, a 12 de março, aos magistrados de Witemberg que provissem à segurança dêste oficial do imperador, e que lhe dessem um guarda, se preciso. O pregoeiro partiu.

Assim cumpriam-se os decretos divinos. Deus queria pôr sobre a montanha a luz que tinha aceso no mundo; e imperador, reis e príncipes agitavam-se logo para executar, sem o saber, seu desígnio. Custa-lhe pouco a exaltar o que há de mais baixo. Um ato de seu poder basta para levantar o humilde filho de Mansfeld, de uma cabana escura até ao palácio em que se retinem os reis. Não há diante dele nem pequenhez, nem grandeza, e, quando o quer, Carlos V e Lutero se encontram.

Mas Lutero obedeceria a esta citação? Seus melhores amigos duvidavam. "O doutor Maninho é chamado aqui." escrevia o eleitor, a 25 de março, a seu irn-ião; "mas não sei se virá. Nada posso agourar depor." Três semanas mais tarde, a 16 de abril, este excelente príncipe, vendo crescer o perigo, escreveu de novo ao duque João: Há ordens fixadas em cartazes contra Lutero. Os cardeais e os bispos o atacam com extrema dureza. Que Deus faça tudo para bem! Oxalá pudesse eu proporionar-lhe uma recepção dignar [2]°

Enquanto estas coisas se passavam em Worms e em Witemberg, o papado multiplicava os golpes. A 28 de mar-ço, que era quinta-feira antes da Páscoa, ecoou em Roma uma excomunhão solene. É de costume publicar nessa época a terrível bula In Coend Domini, que não é mais que uma longa série de imprecações [3]. Nesse dia, a vizinhança do templo e mque devia oficiar o sumo-pontífice estava ocupa- da desde muito cè.do pela guarda papal e por unia multidãc, de povo, vinda de tôdas as partes da Itália para receber a bênção do padre-santo. Ramos de louro e de murtas decoravam a praça diante da basílica; círios ardiam no altar e levantava-

se nele a custódia. De repente os sinos fazem retinir o ar com solenes repiques; o papa, vestido com roupas pontificiais, aparece carregado sôbre uma poltrona; o povo cai de joelhos; as cabeças se descobrem; as bandeiras se inclinam: as armas são depostas, e guarda-se um silêncio solene. instantes depois, o papa estende lentamente as mãos, levanta-as para o céu, depois inclina-se lentamente para a terra, fazendo o sinal da cruz. Repete êste movimento por três vezes. Então o ar ressôa de novo com o repique dos sinos, que anunciam aos campos afastados a benção do pontífice; aproximam-se sacerdotes com impetuosidade, trazendo tochas acesas; viram-nas para baixo, sacodem-nas, jogam-nas ao chão com violência, como se fossem chamas do inferno; o povo comove-se, agita-se: e as palavras de maldição caem do alto do templo. [4]°

Quando chegou a Lutero a notícia desta excomunhão, èle publicou o teor, corri algumas observações escritas com aquele estilo mordaz que sabia manejar com tanta perfeição. Posto que só mais tarde tenha aparecido a publicação daremos aqui alguns trechos. Ouviremos o sumo sacerdote da cristandade da sua basílica, e o monge de Witemberg respondendo-lhe do fundo da Alemanha.

Há alguma coisa de característico no contraste dessas duas vozes.

O papa. "Leão bispo..."

Lutero. "Bispo... como um lobo é um pastor: porque o bispo deve exortar segundo a doutrina de salvação e não vomitar imprecações e maldições..."

O papa. "... Servo de todos os servos de Deus..."

Esta ceremônia acha-se descrita em muitas obras, entre outras: "Tagebuch einer Reise durch Detistschland und Italien". Berlin, 1817, 4, p. 94. Os traços principais remontam a tempos muito anteriores aos de Lutero.

Vede, sobre a bula do papa c comentário de Lutero, "Dic Bulia vom Abendfressen."

Lutero. "À tarde, quando bobado; ruas de manhã nos chamamos Leão, Senhor de todos os senhores."

O papa. "Os bispos romanos, nossos predecessores, costumaram servir-se nesta Festa das armas da justiço....",

Lutero. "Que, na tua opinião, são a excomunhão e o anátema; mas segundo S. Paulo, a paciência, a doçura e a caridade." 2 Cor. 6:6, 7.

O papa. Segundo o dever do cargo apostólico, e para manter a pureza da fé

Lutero. Isto é, as possessões do papa.

O papa. "E sua . unidade, que consiste ria união dos membros com Cristo seu chefe... e com seu vigário..."

Lutero. "Porque Cristo não é suficiente: ainda é preciso outro."

O papa. Para guardar a santa comunhão dos fieis seguimos o antigo costume, e excomungamos e amaldiçoamos da parte de Deus onipotente, o Pai...

Lutero. De quem foi dito: "Deus enviou seu Filho ao mundo para condenar o mundo." S. João 3:17.

O papa. "... E o Filho e o Espírito Santo, e segundo o poder dos apóstolos S. Pedro -e S. Paulo... e o nosso pró-prio..."

Lutem. "E o nosso próprio! diz o lôbo carniceiro, como se o poder de Deus fosse demasiado fraco sem êle."

O papa. "Amadiçoamos todos os herejes, os Gorazes, os Patarinos, os Pobres de Lião, os Arnoldistas, os Speronistas, os. Passageni, os Wiclefitas, os Hussitas, os Fraticeles..."

Lutero. "Porque: quiseram possuir as Santas Escrituras, e quiseram que o papa fosse sóbrio e pregasse a Palavra de Deus."

O papa: ".. , e Martinho Lutero, há poiico condena-do por nós por uma heresia semelhante, assim como todos os seus aderentes e aqueles que, lhe testemunhem o menor favor, .."

Lutem. "Dou-te graças, ó graciosíssimo pontífice, por me condenares com todos êsses cristãos! É urna honra para mim que o meu nome seja prolamado em Roma no tempo da festa, de modo tão glorioso, e que corra o mundo com os nomes de todos esses humildes confessores de Jesus Crista."

Este nome está alterado. 1.éde: Gazares ou Gathares.

O papa. "Da mesma sorte, excomungamos e a►aldiçoamos todos. os piratas e os corsários..."

Lutero. "Quem é então o maior dos piratas e dos corsários, senão aguei eque rouba as almas, prende-as e dá-lhes a morte?..."

O papa. "... • particularmente os que navegam sobre nosso mar..."

Lutero. "Nosso mar!.. , S. Pedro, nosso predecessor, disse: "Não tenho prata nem ouro." Atos 3:6. Jesus Crista disse: "Os reis dos gentios dominam sôbre êles;... não ha de ser porém assim entrevós." S. Luc. 22:25, 28. Mas um carro carregado de feno

deve dar caminho a um homem bêbado, com quanto •mais razão S.. Pedro e Jesus Cristo mesmo devem dar caminho ao papa!"

. O papa. Da msma, sorte, excomungamos e amaldiçoa-mos a todos aqueles que falsificam as nossas bulas e nossos breves apostólicos... [5]•

Lutero. "Mas os breves de Deus, as Escrituras de Deus, todo o mundo pode condená-las e queimá-las."

O papa. "Da mesma sorte excomungamos e amaldiçoamos todos aqueles que intercetarem os viveres que vierem para a corte de Roma."

Lutero. "Ële ladra e morde, como o cão ao qual que-rem tirar o õsso."°

m papa. Da mesma sorte condenamos e amaldiçoamos todos àqueles que retêm direitos judiciários, frutos, dízimos primícias, pertencentes ao clero... .

. Lutero. "Porque Jesus Cristo disse: Ao gafe quer demandar-te em juizo,.e tirar a tua túnica, larga-lhe também a capa." S. Mat. 5:40, e acabamos de dar o comentário.

O papa. "Quaisquer que sejam sua. elevação, sua dignidade, sua categoria, seu .poder, sua posição; embora sejam bispos ou reis..."

Lutero. Porque haverá entre vós falsos doutores que desprezarão as dominações e falarão mal das dignidades." diz a Escritura". S, Judas 8.

O papa. Da mesma sorte condenamos e amaldiçoamos todos as que, de um ou outro modo, ofendem à cidade de Roma, ao reino de Sicilia, às ilhas de Sardenha e de Córse- ga, ao património de S. Pedro em Toscana, ao ducado de Spoleto, ao margraviato de Ancona, à Campanha, às cida-des de Ferrara e de Benevento, e a tôdas as outras cidades ou países pertencentes ,à igreja de Roma.

Lutero. "O Pedro! pobre pescador! donde te vem Roma e todos estes reinos? Eu te saúdo, Pedro! rei de Sicílial... e pescador. em Betsaidal"

O papa. "Nós excomungamos e amaldiçoamos todos os chanceleres, conselheiros, parlamentos, procuradores, governadores, oficiais, bispos:e outros, que se opuserem aos nossos breves de exortação de convite, de proibição, de mediação, de execução."

Lutero. Porque a santa sé só quer viver .na ociosidade, na magnificència e na intemperança, comandar, fulminar, enganar, mentir, desonrar; seduzir e cometer tôda espécie de atos de malícia, em paz e em segurança..-

"....Senhor, levanta-te! não• é como os papistas pretendem; tu não nos abandonaste, e teus olhos não se desviaram de mim."

Assim falaram Leão X em Roma e Lutero em N-i-temberg.

O pontífice, tendo terminado estas condenações, o pergaminho sabre o qual elas estavam escritas foi roto. e os fragmentos lançados ao ,povo. Manifestou-se logo uma grande agitação na multidão; cada uni se precipitava e esforçava para agarrar um dos pedaços da terrível bula. Eram as santas relíquias que o papado. oferecia a seus fieis, na véspera do grande dia de graça e de expiação. Dentro em pouco dispersou-se a multidão, e•os arredores da basílica tornaram a entrar no silêncio habitual. VoltémoS a Witemberg.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Cochloeus, p. 28. Ibid.

[2] 1 Chr. C. Mechein, p. 12.

[3] * Seckend., p. 365.

[4] Lut. Opera Lat.. 18. p. 1.

[5] 1 Lut. Opera L.. 18. p. 12. -

CAPÍTULO VI

Coragem de Lutem — Bugenhagem em Witemberg — Per-seguições em Pomerânia — Melancton deseja acompa-nhar Lutem Amsdorf, Schurf, Suaven — Hütten a Carlos V.

Enfim a 24 de março o pregoeiro imperial tinha passado as portas da cidade em que estava Lutero. Gaspard Sturm, apresentou-se em casa do doutor e entregou-lhe a citação de Carlos V. Momento grave e solene para o reformador! Todos os amigos estavam consternados. Nenhum príncipe, sem excetuar Frederico-o-Sábio, .se tinha ainda declarado por cale. Os cavalheiros, é verdade; faziam ouvir ameaças; mas o poderoso Carlos as desprezava. Entretanto Lutero não fiCou perturbado. "Os papistas,» disse, vendo a angústia dos amigos, "não desejam que eu vá a Worms, mas a minha condenação e a minha morte. [1]° Não imortal orai, não por mim, mas pela palavra de Deus. Ainda não se haverá esfriado o meu sangue já milhares de homens em todo o universo estarão responsabilizados por tê-Io derramado! O mui santo adversário de Cristo, o pai, o mestre, o generalíssimo dos homicidas; insiste em derramá-lo. Amem! Que a vontade de Deus se cumpra! Cristo me dará seu Espírito para vencer èste ministro do rro. Eu os desprezo durante a minha ida e triunfarei deles com minha morte. [2]° Agitam-se em Worms para obrigar-me a uma retratação. Eis qual será a minha retratação: Eu disse outrora que o papa era o Vigário de Cristo; agora digo que êle é o adversário do Senhor e o apóstolo do diabo." E, quando soube que todos os púlpitos de franciscanos e dominicanos retiniam de imprecações e de maldições contra êle: "Oh! que maravilhosa alegria sinto! exclamou. Ele sabia que tinha feito a vontade de Deus e que Deus estava com ele: porque, pois, não partiria com coragem? Esta pureza da intenção, esta liberdade da consciência, é uma força oculta, mas incalculável, que nunca falta ao serva de Deus, e que o torna mais invensível do que poderiam fazê-lo tôdas as couraças e todos os exércitos.[3]

Lutero viu então chegar a Witemberg um homem que devia ser, como Melancton, o amigo de tôda a sua vida e que estava destinado a consolá-io no momento de sua partida. Era um padre de trinta e seis anos, chamado Bugenhagen, que fugia dos rigores com que o bispo de Camin e o príncipe Bogilas de Pomerânia perseguiam os amigos do Evangelho, fossem eles eclesiásticos, burgueses ou letrados. [4]° Oriundo de uma familia senatorial, e natural de Wolin em Pomerânia, donde o chamavam comumente Pomeranus, Bugenhagen ensinava desde os vinte anos em Treptow. Os moços corriam para ouvi-lo; os nobres e os sábios disputavam a sua sociedade. Êle estudava assiduamente as santas Letras suplicando a Deus que o instruisse.[5]§ Um dia, era fins de dezembro de 1520, entregaram-lhe, estando a ceiar com muitos amigos, o livro de Lutero sôbre o "Cativeiro de Babilónia." "Desde que Cristo morreu," disse êle depois de o ter percorrido, "muitos hereges têm infestado a igreja;

mas nunca existiu uma peste semelhante ao autor deste livro. Tendo levado o livro para casa, tendo-o lido e relido, todos os seus 13ensamentos mudaram: verdades novas apresentaram-se ao seu espírito; e tendo voltado, dias depois, disse a seus colegas: "O mundo inteiro tem caído nas mais escuras tre- Êste homem é u único que-vê a verdade- [6]° Vários presbíteros , um diácono, o próprio abade, receberam a pura doutrina de salvação, e logo, pregando com fÔrça, levaram seus ouvintes, diz um historiador, das superstições humanas, ao merecimento, único eficaz, de Jesus Cristo. Então rebentou a perseguição. já muitos gemiam em prisões. Bugenhagen furtou-se a seus inimigos e chegou a Witeinberg. "Ële sofre por amor do Evangelho." escreveu logo Melancton ao capelão do eleitor. "Para onde poderia fugir a não ser para o nosso lado, e sob a guarda de nosso príncipe?"

Mas ninguém recebeu Bugenhagen com tanta alegria como Lutero. Combinou-se entre eles, que logo depois da partida do reformador, Bugenhagen começasse a explicar Salmos. É assim que a Providência divina trouxe êste ho-mem poderoso, para substituir em parte o que Witemberg ia perder. Colocado um ano depois à testa da igreja da ci-dade, Bugenhagen a presidiu durante trinta e seis anos. Lutem o chamava por excelência o Pastor.

Lutero devia partir. Seus amigos assustados pensavam que se Deus não interviesse por um milagre, ele marcharia para a morte. M,elancton, afastado de sua pátria, tinha-se afeiçoado a Lutero com toda a afeição de uma alma terna. "Lutero", dizia èle, "preenche o lugar de todos os meus arai_ gos; para mim Me é maior, mais admirável do que o posso dizer. Sabeis quanto Alcibiades admirava Socrates; .[7]° mas é de modo mui diverso que eu admiro Lutero, porque é cristãmente." Depois acrescentava esta palavra tão bela e simples: "Cada vez que o contemplo, acho-o de novo maior que Me próprio." Melanctón queria acompanhar Lutero em seus perigos. Mas os amigos de ambos, e sem dúvida o próprio doutor, se opuseram [8]. Filipe não _dévia substituir seu amigo? se êste nunca mais voltasse, quem dirigiria a obra da Refor-ma? -Oxalá, disse Melancton resignado, finas pesaroso, -me tivesse sido permitido partir com èle!e

O veemente Amsdorf declarou logo que acompanharia o doutora Sua alma forte achava prazer em se expôr ao perigo; sua altivez lhe permitia aparecer sem temor diante duma assembléia de reis. O eleitor tinha chamado a Witemberg, como professor de direito, um homem celebre, de grande doçura, filho dum médico de S. Gall, Jerônimo Schurff, que vivia com Lutero numa grande intimidade. "Rle ainda não pode se resolver," dizia Lutero, "a pronunciar a sentença de morte contra um só malfeitor." [9]§ Este homem tímido desejou assistir ao doutor em qualidade de conselheiro nesta viagem perigosa. Um jovem estudante dinamarquês Pedro Suaven, que morava em casa de Melancton, célebre mais tarde por seus trabalhos evangélicos na Pomerânia e na Dinamarca, também [10]•declarou que

acompanharia seu mestre. A mocidade das escolas devia estar representada ao lado do campeão da verdade.

A Alemanha comovia-se ao pensamento dos perigos que ameaçavam o seu representante. Ela achou então uma voz digna para expresar os seus temeros. Ulric de Hütten, estre-meceu ao pensamento do golpe que ia ferir a pátria: escre-veu, a.[11]° de abril, a Carlos V, mesmo. "Excelentíssimo im-perador," lhe disse èle, estais a ponto de perder-nos e a vós mesmos conosco. O que se propõe neste negócio de Lutero, destruir a nossa liberdade, e abater o vosso poder? Não há em tôda a extensão do império um homem justo, que não tome o mais vivo interesse por este negócio.° Só os padres se levantam contra Lutero, porque êle se tem oposto a seu luxo vergonhoso, a sua vida depravada, e porque êle tem seu poder excessivo, a seu luxo vergonhoso, a sua vida depravada, e porque êle tem pleiteado pela doutrina de Cristó; pela liberdade da pátria e pela santidade dos costumes.

Ó imperador! afastai de vossa presença os oradores de Roma, os bispos, os cardeais, que querem impedir toda reforma. Não tendes notado a tristeza do povo, vendo-vos, quando chegastes, aproximar-vos do Reno, cercado dessa gente de barrete vermelho. ,. dum rebando de padre; e não duma corte de valentes guerreiros?...

"Não entregueis vossa majestade soberana àqueles que querem calcá-la aos pés. Tende piedade de nós! Não arrasteis em vossa ruína a nação inteiral. f Conduzi-nos ao meio dos maiores perigos, contra as espadas dos soldados, contra bôcas de fogo," que todas as nações conspirem contra nós; que todos os exércitos nos assaltem_ de modo que possamos mostrar abertamente o nosso valor, antes que sermos assim vencidos e subjugados obscuramente, às escondidas, como mulhres, sem armas e sem combates... Ah! nós esperávamos que serieis vós quem..nos livraria do jugo dos. romanos, e quem derrubaria a tirania pontificial. Deus faça com que o futuro valha mais que êste princípio!

"A Alemanha em pêso [12]• cai a vossos pés; vos suplica com as lágrimas nos olhos; implora o vosso socorro, a, vossa compaixão, a vossa fidelidade; e pela santa memória daqueles germanos que, quando o mundo inteiro estava sujeito a Roma, não abaixaram a cabeça diante dessa cidade orgulhosa, ela vos suplica que a salvei; que a restituas a si mesma, que a livreis da escravidão, e que a vingueis cle seus tiranos!" [13]

Assim falava a Carlos V, a nação alemã, tendo por ór-gão o Cavalheiro de Hütten. O imperador não prestou atenção, e entregou, provavelmente com desprêso, esta epístola a um de seus secretários. Ele era flamengo e não germano. Seu poder pessoal, e não a glória e a liberdade do império, era o objeto de todos os seus desejos.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] Epist., I, p. 556. I In. fpist.. 1. p. 567.

[2] Ibid.. 579.

[3] Melh. Adami. Vila ilugenhagii. p. 314.

[4] lb., 313.

[5] Ibid.. 312.

[6] Melch. Adami Vita Bugenhagii, p. 314.

[7] Corp. Ref., 1, p. 361.

[8] Corp. Ref., 1, p. 264.

[9] Ibid., 365.

[10] Lut. Opera W.. 22, p. 2067..1819.

[11] Lut. Opera Lat.. 2. p. 182. verso.

[12] Lut. Opera Lai.. 2, p. 183, verso.

[13] Ibid. 184.

CAPÍTULO VII

Partida para a dieta de Worms — Despedida de Lutero —Sua condenação é publicada em cartazes — Cavalgada perto de Erfurt — Encontro de lonas com Lutero — Lutero em seu antigo convento — Lutem prega em Erfurt — Incidente — A fé e as obras — Concurso do povo e coragem de Lutero — Lutem a Spalatino — Estação em Francfort — Temores em Worms — Planos dos imperiais — Firmeza de Lutero.

Era chegado o dia 2 de abril, em que Lutero devia desperdir-se dos amigos. Depois de anunciar a Lange, por um bilhete, que passaria na quinta ou sexta-feira seguinte em Erfurt, disse adeus a seus colegas. Voltando-se para Melacton: "Se eu não voltar," disse com uma voz comovida, "e se meus inimigos me matarem, ó meu irmão! não cesses de ensinar e permanecer firme na verdade. Trabalha em roeu lugar, porque então já eu não poderei trabalhar. Se tu viveres, pouco importa que eu morra. [1]" Depois, entregando sua alma nas mãos daquele que é fiel, Lutero entrou no carro e deixou Witemberg. O conselho da cidade lhe tinha fornecido um carro modesto, coberto .com um pano que os viajantes poderiam pôr ou tirar à vontade. O pregoeiro impe-ria, revestido de seus ornamentos e trazendo a águia do império, estava a cavalo adiante, seguido pelo criado. De-pois seguiam-se Lutero, Schurf, Amsdorf e Suaven em seu carro. Os amigos do Evangelho, os burgueses de Witern-berg, comovidos, invocando a Deus, debulhavam-se em lágrimas. Assim partiu Lutero.

Ele notou logo que sinistros pressentimentos enchiam os corações daqueles a quem encontrava. Em Leipsig não lhe renderam a menor honra, e contentaram-se cle apresentar-lhe o vinho do costume. Em Naumburgo, encontrou ti.m padre, provável:Mente Langer, homem de um zèlo severo, que guardava cuidadosamente em seu gabinete o retrato do famoso jedinirno Savonarola de Ferrara, queimado em 1498, em Florença, por ordem do papa Alexandre VI, como mártir da liberdade e da moral, e também como confessor da verdade evangélica. Tendo tornado o retrato do mártir italiano, o padre aproximou-se de Lutero e o apresentou ein silencio. Êste compreendeu o que essa imagem muda anunciava, mas sua alma intrépida ficou firme. "É Satanáz", disse èle, "que desejaria impedir, por seus terrores, que a verdade fosse confessada na asembléia dos príncipes, porque prevè o golpe que isto irá dar ao seu reinado." [2]° "Permanece na verdade que reconheceste," disse-lhe então gravemente o padre," "e teu Deus permanecerá também firmemente contigo.

Tendo passado a noite em Naumburgo, onde o burgo-mestre o recebeu com hospitalidade, Lutero chegou no ou-tro dia à tarde a Weimar. Apenas acabava de chegar, ouviu gritos .de todos os lados: era sua condenação que anuncia-vam. Vêde!" disse-lhe o pregoeiro. Éle olhou, e seus olhos cheios de espantos viram mensageiros

imperiais percorrendo a cidade, e afixando por tôda parte o edito do imperador, que mandava entregar aos magistrados seus escritos., Lutero desconfiou que ostentassem de antemão èsses rigores para intimidá-lo, e depois condená-lo como tendo recusado comparecer. "Bem! senhor doutor, quereis continuar? [3]" disse o pregoeiro imperial aterrado. "Sim", respondeu Lutero: "ain- Lia que interdito em todas as cidades, continuarei! Confio no salvo-conduto do imperador.

Lutero, em Weimar, obteve urna audiência do duque João, irmão do eleitor de Saxe, que aí residia então. O príncipe convidou-o a pregar. ✓le anuiu. Palavras de vida saiam do coração comovido do doutor. Um monge franciscano, que o ouviu, João Voit, amigo de Frederico Mic8nius, converteu-se então á doutrina evangélica. Deixou o convento dois anos depois, e mais tarde tornou-se professor de teologia em Witemberg. O duque deu a Lutero o dinheiro necessário para a viagem.

De Weimar o reformador foi a Erfurt. Era a cidade de sua mocidade. Ele esperava ver aí seu amigo Lange, se como lhe tinha escrito, pudesse sem perigo entrar na cidade.[4]° Ainda estava a três ou quatro léguas, perto da cidade de Nora quando se aproxima uma tropa de cavaleiros. Eram amigos? inimigos? Logo Crotus, reitor da universidade, Eobanus Hesse, amigo de Melancton, que Lutero, chamava o rei dos poetas, Euricius Cordus, João Draco, outros ainda, em número de quarenta, membros do senado, da universidade, da burguesia, todos a cavalo, o saúdam com aclamações. Uma multidão de habitantes de Erfurt cobre o caminho e manifesta estrepitosamente sua alegria. Estava-se ávido de ver o homem poderoso que tinha ousado declarar guerra ao papa.[5]

Um moço, de vinte e oito anos, chamado Justo Jonas, se tinha adiantado ao cortejo. Jonas, depois de ter estudado Direito em Erfurt, tinha sido nomeado reitor da universidade em 1519. Esclarecido pela luz evangélica, que se espalhava então por toda parte, tinha çoncebido o desejo de tornar-se teólogo. "Creio", lhe escreveu Erasmo, "que Deus te elegeu como instrumento seu, para fazer briffiar a glória de seu Filhó Jesus." [6]° Todos os pensamentos de Jonas estavam dirigidos para Witemberg, para Lutem. Alguns anos antes sendo apenas estudante de direito, Jonas, de um espírito pronto e empreendedor, tinha partido a pé, acompanhado dalguns amigos, e tinha atravesado, para chegar até Erasmo, então em l3ruxelas, florestas infestadas de ladrões e cidades devastadas pela peste. Não afrontará ele agora novos perigos para acompanhar a Worms o reformador? Pediu-lhe ins-tantemente que lhe concedesse êsse favor. Lutero consentiu. Assim se, encontraram êstes dois doutores, que deviam tra-balhar juntos toda sua vida na obra de renovamento da igreja. A Providência divina grupava em torno de Lutero os homens destinados a serem a luz da Alemanha: os Melancton. os Amsdorf, os Bugenhagen, os Jonas. De volta de Worms, Jonas foi nomeado prior da igreja de Witemberg, e doutor em teologia. "Jonas", dizia Lutero, "é una homem cuja vida deveria ser

comprada por grande preço para retê-lo sôbrc, a terra." -F. Nenhum pregador tinha recebido como èle o dom de cativar os ouvintes. "Pomeranus é exegeta," dizia Melancton, "eu sou dialético, Jonas é orador. As palavras saem de seus lábios com admirável beleza, e sua eloquência é cheia de fôrça. Mas Lutero tios excede a todos." [7]° Parece que quase no mesmo tempo um amigo de infância e um irmão de Lutero vieram aumentar-lhe a escolta.

A deputação de Erfurt voltou. Os cavalheiros e a gente a pé, cercando o carro de Lutero, entraram nos muros da cidade. À porta, nas praças, nas ruas, onde o pobre monge ti•nha tantas vêzes mendigado o pão, era imensa a multidão dos espectadores. Lutero desceu ao convento dos agostinhos, onde o Evangelho tinha consolado seu coração. Lange o recebeu com alegria; Usingen e algu.ns dos padres mais idosos lhe testemunharam muita friesa. Desejavam ouvi-lo; a pre gaçãO lhe fôra interdita; mas o pregoeiro, arrastado ele próprio, cedeu.

No domingo depois da Páscoa, a igreja dos agostinhos de Erfurt estava cheia de grande multidão. esse frade, que outrora abria as portas e varria a igreja, subiu ao púlpito e, tendo aberto a Bíblia, leu: "Paz seja convosco; e dito isto (Jesus) mostrou-lhe as mãos e o lado." S. João 20:19, 20. "Todos os filósofos," disse <Me, "os doutores, os escritores, aplicaram-se a ensinar como o homem pode ter a vida eterna, e não o conseguiram. Quero agora vô-lo dizer."

Em todos os séculos é a grande questão; por isso os ou-vintes de Lutero redobraram de atenção.

Há duas espécies de obras continuou o reformador: -obras estranhas: são as boas; obras próprias: valem pouco. Um edifica urna igreja. outro vai em peregrinação a S. Tiago ou a S, Paulo; um terceiro jejua, ora, faz-se frade, anda descalço; outro faz outra coisa. Tôdas estas obras nada são e perecerão: porque as nossas próprias obras não tem valor, las quero dizer-vos agora qual é a obra verdadeira. Deus ressuscitou um homem o Senhor Jesus Cristo, para que esmague à morte, destrua o pecado, e feche as portas do inferno. Eis a obra da salvação. O demônio pensou que tinha [8]• o Senhor em seu poder, quando o viu. entre dois ladrões, sofrendo o mais vergonhoso martírio, maldito de Deus e dos homens... Mas a divindade ostentou o seu poder e aniquilou.a morte, o pecado e o inferno, ..

"Cristo venceu! eis a grande nova! e nós somos salvos pelas suas obras e não pelas nossas. O papa diz coisa diversa. Mas declaro-o, a santa mãe de Cristo mesma foi salva, não por sua virgindade nem por sua maternidade, nem por sua puresa ou suas obras, mas únicamente por meio da fé e pelas obras de Deus..."

Enquanto Lutero falava, ouviu-se um ruido surdo; uma das galerias estalou, e pensou-se que ia ceder ao pèso da multidão. Isto causou grande agitação em todo o

auditório. Uns fugiam, outros estavam aterrados. O orador parou por um momento; depois, estendendo a mão, exclamou com voz forte: "Nada temais! não há perigo; o diabo procura assim impedir que eu anuncie o Evangelho, mas não o consegui, rá."° A esta ordem, os que fugiam pararam admirados; a assembléia se acalmou, e Lutero, sem se incomodar com as tentativas do diabo, continuou: "Talvez me digais; vós nos falais muito da fé; ensinai-nos, pois, como poderemOs obtéla! Bem; sim, quero ensinarvo-lo. Nosso Senhor Jesus Cristo disse: "Paz seja convosco! olhai para minhas mãos;" isto é: . "Repara, ó homem! sou eu, eu só quere, tirou o teu pecado, e quem te remiu; e agora tu tens a paz! disse o Senhor...

Eu não como o fruto da árvore,". continuou Lutero: "vós também não o comestes; mas nós recebemos o pecado que Adão nos transmitiu e o comentemos_ Da mesma sorte. eu não sofri na cruz, nem vós, também sofrestes; mas Cristo sofreu por nós: nós somos justificados pela 4,11ra de Deus, e não pela nossa... Eu sou, diz o Senhor, tua justiça e tua redenção...

"Creiamos no Evangelho, creiamos nas epístolas de S. .Paulo, e não nos breves e decretais dos papas..."

Lutero, depois de ter pregado a fé como causa da justificação do pecado, prega as obras corno conseqüência e manifestação da salvação.

"Pois que Deus, nos salvou," continúa èle, "ordenemos de tal sorte as nossas obras que Ele ache nelas prazer. És rico?- que tua riqueza seja útil aos pobres! És pobre? que o teu serviço seja útil aos ricos! Se o teu trabalho só é útil a ti mesmo, é falso .o serviço que pretendes prestar a Deus." [9]°

Nem uma palavra a respeito de si mesmo em todo esse sermão de Lutero; nenhuma alusão às circunstâncias em que se acha; nada sobre Worms, nem sobre Carlos, nem sobre os núncios: prega Cristo e Cristo sóé neste momento em que o mundo tem os olhos nele, èle não tem a menor preocupação a seu respeito, é o sinal de um verdadeiro servo de Deus.

Lutero partiu de Erfurt e atravessou Gota, onde pregou QZe novo. Miconius acrescenta que no momento em que saia do sermão, o diabo arrancou do frontão da igreja algumas pedras que não tinham sido movidas ,há mais de dlizentos anos. O doutor foi dormir no convento dos beneditinos em Reinhardisbrunn, e foi .daí a Isenac onde se.seritiu indisposto. Amsdorf, Jonas, Schurf, todos os seus amigos ficaram aterrados. Sangraram-no; prodigalizaram-lhe cuidados desvelados o schultheis da cidade, João Oswald, correu em pessoa, levando um cordial. Lutero, tendo bebido, dormiu, e as fôrças que lhe deu o repouso permitiram continuar sua viagem no dia seguinte. [10]

Por toda parte o povo apinhava-se em sua passagem. Sua viagem era a marcha dum triunfador: Contemplava-se com emoção êsse homem ousado, que ia apresentar sua -cabeça ao imperador e ao império. Um concurso imenso o cercava. falavam-lhe: "Ah!" diziam-lhe alguns, existem em Worms tantos cardeais, tantos bispos!... Queimar-vos-ão, reduzirão vosso corpo a cinzas, como fizeram ao de João Huss. Nada, porém, atemorizava o frade. "Quando fizessem um fogo," disse ele, "que se estendesse de Worms a Witemberg, e que subisse até ao céu, eu atravessaria em nome do Senhor, eu compareceria diante deles, entraria na guela desse Beemot, quebraria seus cientes e confessaria ao Senhor Jesus Cristo." [11]•

Umdia, quando èle acabava de entrar numa estalagem e que a multidão se apinhava como de costume em roda dele, um oficial aproximou-se e lhe disse: "Sois vós o homem que empreendeu reformar o papado?... Como o consegui-• reis?"... "Sim," respondeu Lutero, "sou o homem. Confia DO Deus onipotente, cuja palavra e mandamento tenho diante de mim." O oficial comovido olhou então para êle com um olhar mais brando, e disse: Caro amigo, o que dizeis é alguma coisa. Eu sou servo de Carlos; mas vosso amo é maior que o meu. Ele ajudará e vos preserva; [12]§ Tal era a impressão que produzia Lutero. Até seus inimigos ficavam impressionados vendo essa multidão que o cercava; mas com outras câres pintaram esta viagem.[13]° .0 doutor chegou em fim a Francfort, domingo, 14 de abril.

A noticia da viagem de Lutero já tinha chegado a Worms. Os amigos do papa não tinham acreditado que ele obedecesse à citação do imperador. Alberto, cardeal-arcebispo de Mogúncia, daria tudo para detê-lo no caminho. Novos meios foram empregados para o conseguir.

Lutero, depois de chegado a Francfort, e descansado um pouco, anunciou sua chegada a Spalatino, que se achava então em Worms com o eleitor. Foi a única carta que êle escreveu durante a viagem. "Chego," lhe disse êle, "pôsto que Satanaz se tenha esforçado por fazer-me parar na viagem por doenças. De Isenac até aqui, nãO cessei de sofrer, e ainda estou como nunca tenho estado. Sei que Carlos publicou um edito para meter-me mêdo. Mas Cristo vive e entraremos em Worms apezar de todas as portas do inferno e de todas as potências•do ar. [14]*-•Prepara-me, pois,• tun quarto."

Nu outro dia de manhã, Lutero foi visitar a escola du sábio Guilherme Nesse, cérebre geografo desse tempo. "Aplicai-vos," disse êle aos moços, "à leitura da Bíblia e à investigação da verdade". Depois, pondo a mão direita em uni dos meninos e a esquerda em outro, pronunciou sua benção sôbre toda a escola.

Se Lutero abençoava os meninos, era ele também a es-perança dos velhos. Uma viúva já idosa e serva de Deus, Catarina de Holzhausen, foi ter com ele e lhe disse: "Meu pai e minha mãe me anunciaram que Deus suscitaria um homem que se

opusesse às vaidades papais e que salvasse a palavra de Deus. Penso que tu és este homem, e desejo para tua obra a graça e o Espírito de Deus.[15]"

estes sentimentos estavam longe de ser os de todos em Francfort. O deão da igreja de Notre Dame, João Cochloeus, era um dos homens mais dedicados à igreja romana. Vendo Lutem atravessar Francfort para ir a Worms, não pode comprimir seus temores. Pensou que a igreja tinha necessidade de defensores dedicados. Ninguém o tinha chamado, é fato; mas não importava! Apenas Lutero deixou a cidade, Cochloeus patiu logo atrás, pronto, disse êle, a dar a vida para defender a honra da igreja.

O espanto era grande rio campo dos amigos do papa. O heresiarca chegava; cada dia, cada hora aproxima-o de Worms. Se êle entrasse, tudo estaria talvez perdido. O arcebispo Alberto, o confessor Glapião e todos os políticos que cercavam o imperador estavam perturbados. Como impedir a vinda deste frade? Arrebatá-lo era impossível, por causa do salvo-conduto de Carlos. Só a astúcia o pode fazer. Logo estes homens sábios forjam o plano seguinte. O confessor do imperador e seu camarista-mór, Paulo Amsdorf, partem a toda pressa de Worms.[16]° Dirigem-se para o castelo dê Ebernburgo, a dez léguas mais ou menos dessa cidade, de Ebernburgo, a dez léâuas mais ou menos dessa cidade, onde residia FranciSco de Sickingen, aquele cavalheiro que tinha oferecido um asilo a Lutero. Bucer, jovem dominicano, capelão do eleitor palatino, convertido à doutrina evangéli- Cl, na ocasião tia disputa cie Iteicieiberg, estava então refugiado nessa -hospedaria dos justos. O cavalheiro, que pouco entendia de negócio de religião, era fácil de enganar, e o caráter do antigo capelão palatino favorecia os projetos do confessor. Com efeito, Bucer era pacifico; distinguindo os pontos fendamentais dos secundários, acreditava poder sacrificar èstes à unidade e à paz. [17]

O camarista e o confessor de Carlos começam o ataque. Fazem compreender a Sickingen e a Bucer que Lutero estará perdido se fôr a Worms. peclarain-lhes que o impera está pronto a mandar alguns sábios a Ebernburg; a fim de conferenciar aí com o doutor, "É .sob vossa guarda que ficarao as duas partes," disse o cavaleiro., "Estamos de acordo com Lutero em todos os pontos essenciais," disseram a Bucer; "trata-se sómente dalguns- pontos secundários: servir-nos-eis de mediador." O cavaleiro e o doutor ficaram abalados. O confessor e o camarista prosseguem.. "É preciso que o convite feito a Lutero parta de vós," dizem eles a Sickingen, "e que Bucer .seja o portador." Tudo se arranja à medida de seus desejos: Bastava que Lutero por credulidade Risse a •Ebernburgo,- e o tempo de seu salvo-conduto expiraria, e então quem o poderia defender?

Lutero tinha chegado a Openheim. O seu salvo-conduto lá era válido ~ente por três dias. Éle vê urna tropa de °q.-- valeiros que se. aproxima. e logo reconhece na

frente Bucer com o qual tinha tido em Heidelberg conversações tão íntimas. [18]° "Estes cavalheiros pertencem a Francisco de Sickingen," lhe disse Bucer, depois das primeiras expansões da amizade. Ele ma.ndou-lhe para .levar-vos para o seu castelo. O confessor do imperador deseja ter convosco urna conferência. Sua influência sobre Carlos não .tem limites; tudo se pode arranjar. Mas evitai Meandro!" Jonas, Amsdorf, Schurf não sabem o que pensar. Bucer insiste; mas Lutero não hesita. "Eu continuo o meu caminho, respondeu ele a Bucer, e se o confessor do imperador tiver alguMa coisa que me dizer, achar-me-á em Worms. Eu irei para onde fui chamado.[19]

Entretanto S pala ti no mesmo começava a pert u rbar-m. e a temer. Cercado em Worms de inimigos da Reforma, ouvia dizer qué não se podia respeitar o salvo-conduto dum herege. Èle assustou-se por seu amigo. No momento em que éste se aproximava da cidade, um mensageiro se apresentou e disse-lhe da parte do capelão: -Não entreis em Worms! Assim falava o seu melhor amigo, e confidente do eleitor, Spala tino mesmo!... Lutero inabalável, levanta os olhos para o enviado, e responde: "Ide e dizei a vosso amo que quando mesmo. houvesse tantos diabos em Worms, quantas telhas há nos telhados, eu entraria."... Talvez nunca fosse Lutero tão grande. O enviado voltou a Worms e levou esta admirável mensagem. "Eu era então intrépido," disse Lutero poucos dias antes de sua morte, "eu nada temia. Deus pode dar a um homem tal audácia. Não sei se presentemente eu teria tanta liberdade e alegria." "Quando a causa é boa," acrescenta seu discípulo Matesius, "o coração cresce, e dá coragem e fôrça aos evangelistas e aos soldados."

NOTAS DE RODAPÉ

[1] Lut. Epist., I. p. 580.

[2] M. Adami, p. 117,

[3] Mathesins Historiador, p. 23: citamos segundo a primeira edição de 1566.

[4] Lut. Epist., 1, 581.

[5] Eob. Hessi Elegia Secunda.

[6] Erasrn. Epist.. 5. p. 27

[7] Knapp, Narrai, de lona, p. 581. Weismunn, ..p. 1436.

[8] Hessi Fleg. 3.

[9] Lut. Opera Lat.. 12, p. 485.

[10] Palav. Hist. Concil. Trid.. I, p. 114. Cochloeus. p. 29.

[11] Keil 1, p. 89.

[12] Ibid., 99.

[13] Coehloeus, p. 29.

[14] Lut Opera. I. p. 897.

[15] Cypr. Hilar. Ev., p. 608.

[16] Cochloeus, p. 36. E o escritor que citamos muitas veze-,. Lut. Opera. 17. p. 587.

[17] M. Adami Vila Buceri. p. 223.

[18] Lut. Opera. 17, p. 587.

[19] Ibid.

CAPÍTULO VIII

Entrada em Worms — De prof undis — Conselho presidido por Carlos V. — Capitão e o contem). orisadores — Concurso numeroso de visitas a Lutero — Citação — IIWien a Lutero — Marcha paru a dieta Palavra. de Fremidsberg — Assembléia imponente — Alocução do chanceler — Resposta de Lidero — Sua sabedoria — Palavra de Carlos V. — Alarma — Triunfo — Firmeza de Lutero — tlltrage dos espanholes Conselho Turbação e Oração de Lutero —Força .da Reforma Seu Juramento de Fidelidade a Santa Escritura — O átrio .da dieta — Discurso de Lutero —Três Gêneros de Escritos — Pede que se lhe prove o seu erro — Craves conselhos — Repetido seu discurso em Latim — Eis-me aqui; não posso proceder doutro modo — A debilidade de Deus mais forte que o homem — Novas tentativas — Vitória.

Enfim, a 16 de abril de manhã, Lutero avistou os muros da antiga cidade. Esperavam-no. Em Worms havia um só pensamento. Alguns jovens nobres, não podendo conter a iinpacWncia, Bernard de Hirschfeld, Alberto de Lizidenau, com seis. cavaleiros e outros gentis homens da comitiva dos príncipes, em número de cem, se podermos crer a Palavicini, correram a cavalo ao encontro dele, e o cercaram, para o escoltar no momento de sua entrada. Ele aproximava-se. Diante dele o pregoeiro imperial cavalgava, vestido de todas as insígnias cio seu cargo. Loteio vinha depois cio seu ►o-desto carro. Donas o seguia a cavalo; os cavaleiros o cercavam. Urna grande multidão o esperava diante das portas. Era perto de meio dia quando ele transpôs essas muralhas, donde tantas pessoas lhe tinham predito que jamais sairia. Todos estavam à mesa. No momento em que o vigia do campanário da catedral tocou a corneta, todos correram para a rua para ver o monge. Eis Lutem em Worms.

Duas mil pessoas o acompanhavam através das ruas da cidade. Todos corriam a seu encontro. De momento a momento a multidão aumentava. Era muito maior que por ocasião da entrada do imperador. De repente, refere um historiador, um homem vestido de roupas singulares, e levando diante de si uma cruz, como é de uso nos enterros, destaca-se da multidão, encaminha-se para Lutero, depois, com voz alta e com esse tom fúnebre e cadenciado com que se dizem as missas pelo repouso das almas dos mortos, cantou estas palavras, corno se saissem do império dos mortos;

Advenisti, O desiderabilis!

Quem expectabamus in tenebris!

Com um Requier, foi celebrada a chegada de Lutem. Era o bufo da cuide de um dos duques de Baviera, que, se a história é verdadeira, dava a Lutero uma dessas adver-tências, cheias ao mesmo tempo de sabedoria e de ironia, da qual citam-se

tantos exemplos da parte deSses perso-nagens. Mas o ruído da multidão cobriu logo o De pi-u-fundis de quem levava a cruz. O cortejo mal podia caminhar por entre. as ondas de povo. Enfim, o pregoeiro do imperador parou diante do hotel dos cavaleiros de Rodes. Aí moravam dois conselheiros do eleitor, Frederico de Tun e Felipe de Feilitsch assim como o marechal do Império Ulrie de Papenhein. Lutem desceu do carro, e apeando disse: Deus será a minha. defeza." "Entrei em Vorms num carro coberto e com os meus hábitos," disse mais tarde. -Todo o mundo corria às ruas, e queria ver o frei Martinho." [1]

A notícia de sua chegada encheu de espanto não só ao eleitor de Saxe, como a Alcandro. o jovem c elegante arce-bispo Alberto, que guardava o meio termo entre os dois partidos, estava consternado de tanto audácia . -Se eu não tivesse tido mais coragem que ele", disse Lutero, "é certo que jamais me teriam visto em Worms.

Carlos V. convocou logo seu conselho. Os conselheiros íntimos do imperador foram às pressas ao palácio: o terro apoderara-se deles. "Lutero chegou," disse Carlos; "o que devemos fazer?"

Modo, bispo de Pulemo e chanceler de Flandres, res-pondeu, se devemos dar crédito ao testemunho do próprio Lutero: Por muito tempo ha que temos consultado a este respeito. Que nossa majestade imperial se desfaça pron-tamente deste homem. Sigismundo não fez queimar João Huss? Ninguém é obrigado a dar, nem a conservar um salvo-,conduto a um hereje [2]° "Não," disse Carlos, "o prometido é devido." Resignaram-se pois a fazer comparecer o reformador.

-Enquanto os grandes agitavam-se assim em seus con-selhos a respeito de Lutero, havia muitos homens em Worms que se regosijavam de poder enfim contemplar este ilustre servo de Deus. Capiton, capelão é conselheiro do arcebispo de Mogúncia, estava entre eles na primeira linha. Este homem notável, que pouco antes tinha anunciado o Evangelho na Suiça [3]° com muita liberdade, pensava então dever ao lugar que ocupava uma conduta que o fazia acusar de fraqueza pelos evangelistas, e de dissimulação pelos romanos. No entanto ele tinha pregado, em Mogúncia, com clareza a doutrina da fé. No momento de sua partida, ele se tinha feito substituir por um jovem pregador cheio de Mo, chamado Hedion. A palavra de Deus não estava atada nessa cidade, sede antiga do primado dá igreja germánica [4]. Aí se ouvia com avidez o Evangelho; debalde os frades esforçavam-se por pregar a seu modo a Escritura Santa, e empregavam todos os meios a seu alcance, afim de suspender o vôo dos espíritos; mas não o podiam con-. seguir. [5]° Pregando a doutrina nova. Capitou esforçava-se por ficar amigo daqueles que a perseguiam. Lisonjeava-se, com alguns que pensavam como ele, ser, desse modo, de urna grande utilidade para a igreja. A ouvi-los, se Lutem já não estava queimado, se todos os luteranos não estavam excomungados, isto era devido à influência que Capitou

exercia sobre o arcebispo Alberto O deão de Francfort, Cochloeus, que chegou a Worms quase ao mesmo tempo que Lutero, foi logo à casa de Capiton. Este, que estava, pelo menos exteriormente, em muito bôas relações com Aleandro, apresentou-lhe Cochloeus, servindo assim de laço entre os dois maiores inimigos do reformador [6]. Capam] julgou sem. dúvida ser muito útil à causa de Cristo guardando esta política; mas não se poderá dizer que daí resultasse algum bem: O resultado quase sempre zomba deste cálculo duma sabedoria toda humana, c prova que tuna marcha decidida, sendo a mais franca, e também a mais acertada. [7]

Entretanto a multidão não cessava de cercar o hotel de Rodes, onde se achava Lutero hospedado. Ele era para uns um prodígio de sabedoria, para outros um monstro de iniquidade. Toda a cidade queria vè-lo. Deixaram-lhe porém. as primeiras horas para estabelecer-se a fadiga, e conversar com os seus mais íntimos amigos. Mas apenas chegou a tarde, condes, barões, cavaleiros, simples gentis-homens, eclesiásticos, burgueses, apinharam-se em roda dele. Todos, e até os seus maiores inimigos, estavam pasmados da ousadia de seu passo, da alegria que parecia animá-lo, do poder de suas palavras, dessa elevação e entusiasmo tão majestoso, que davam a este simples monge uma irresistível autoridade. Uns atribulam esta grandeza a alguma coisa de divino que havia nele, os amigos do papa gritavam altamente que estava possesso do demônio. As visitas sucediam-se, a multidão de curiosos reteve Lutem de pé até alta noite. [8]

No dia seguinte de manhã, sexta-feira, 17 de abril, o _marechal hereditário clo imperador, Ulrie de Papeneim, o citou a comparecer, as quatro horas da tarde, em presença de sua majestade imperial e dos estados do império. Lutero recebeu a mensagem com profundo -respeito.

Está, pois, tudo decretado; ele vai comparecer por-Jesus Critso diante da mais [9]•augusta assembléia do uniVersó: Animo não lhe. faltam. O ardente cavaleiro Ulric de Papeneim. ten achava-se então no castelo de Ebemburgo. Não podendo ir a Worms (porque Leão X tinha pedido a Carlos V que o remetesse para Roma com os pés e mãos amarrados), quis ao menos estender a Lutero a mão de amigo; e neste mesmo dia, 17 de abril, escreveu-lhe empregando as palavras dum rei de Israel: "O Senhor te ouça [10]• no dia da tribulação! O nome do Deus de Jacó te proteja. Envie-te socorro desde o santuário, e desde Sião te proteja! Reparta contigo segtindo e teu coração, e curnpra tódos os teus desígnios!" Sal. 19: 1-5. O meu caro Lutero! meu respeitável padre,... nada temais, sède forte. O conselho dos maus vos sitiou, e tem aberto contra vós a bôca, corno leões esfaimados. Mas o Senhor se levantará contra os ímpios e os dispersará. Combatei, pois, valentemente por Cristo. Quanto a mim, combaterei também com coragem. Oxalá me fosse permitido ver como eles enrugam as testas. Mas o Senhor limpará sua vinha, que o javali da floresta

devastou... Cristo vos salve! Bucer fez o que Hütten não tinha podido fazer; chegou ele mesmo, de Ebernburgo, eíri Wordms, e não deiXon seu amigo durante todo o dia.

Quatro horas tinham dado. O marechal do império apresentouse: era preciso partir: Lutero dispôs-se. Estava [11] comovido pelo pensamento do congresso augusto a que ia comparecer. O pregoeiro ia na frente:. depois o marechal do império e depois o reformador. A multidão elite enchia as ruas era ainda mais considerável que na véspera. Era impossível caminhai; em vão gritava-se que dessem caminho; a multidão aumentava. Enfim, o pregoeiro, reconhecendo .a impossibilidade de chegar ã casa da ca-mura municipal, em que a dieta celebrava suas sessões, mandou .abrir casas particulares, e conduziu Lutero, por jardias e passagens ocultas, até ao lugar da dieta. * O povo, que o percebeu, precitou-se nas casas; sobre os passos do frade de Witemberg, pôs-se às janelas que davam para os jardins, e grande número de pessoas subiu aos telhados. O telhado das casas, a calçada das ruas, em cima, em baixo, tudo estava coberto de espectadores. [12]°

Chegados enfim à casa da ("arriara municipal, Lutero e os que o acompanhavam não podiam transpôr a porta, por causa, da multidão. Gritavam: "Lugar! lugar! [13]• Nin-guém se mexia. Então os soldados imperiais abriram à força um caminho para Lutero passar. O povo precipi-tando-se para entrar após èle, os soldados o retiveram com as suas alabardas. Lutero penetrou no interior da casa municipal, mas aí mesmo .estava tudo cheio de gente. Achavaxn-se, tanto nas antecâmaras como às janelas, mais de • cinco mil espectadores, alemães, italianos, espanhois e outros. Lutero mal podia caminhar. Como se aproximava. enfim da porta que devia pó-lo em presença de seus juizes, encontrou um valente cavaleiro, o célebre general Jorge de Freundsberg, que, quatro anos mais tarde, à testa dos soldados alemães, dobrou o joelho com seus soldados no campo de Pavia, e, preCipitando-se então sobre a esquerda do exército francès, lançou-o no Tessin e decidiu em grande parte o cativeiro do rei de França. O velho general, vendo.passar Lutero, bateu-lhe no ombro, e sacudindo a cabeça encanecida nos combates, lhe disse :Com bondade: "Monge-zinho! mongezinho! tens diante de ti um passo e um negócio tais, que nem eu; nem muitos capitães, ternos jamais visto semelhante nas mais sanguinolentas batalhas! Mas, se tua causa é justa, e se tu tens toda a certeza,- segue em nome de Deus, e nada temas! Deus não te abandonará!" [14]• Bela homenagem rendida pela coragem da espada à coragem do espírito! "Aquele que é senhor de seu coração é maior que aquele que toma cidades," Prov. 16:32, disse um rei.

-Enfim abrirain-se as portas da sala . Lutero entrou, e muitas pessoas, que não faziam parte da dieta, entraram com ele- Nunca homem algum tinha comparecido diante duma assembléias tão augusta. O imperador Carlos V, cujos reinos dominavam o Antigo e o Novo Mundo; seu irmão o arquiduque Fernando; seis eleitores do império, cujos descendentes trazem agora todos coroas de reis; vinte e

quatro duques, a maior parte reinando sobre países mais ou menos extensos, entre os quais alguns cujos .nomes se tornaram mais tarde terríveis à Reforma, o duque de Alba e seus dois filhos, oito margraves, trinta arcebispos, bispos, ou prelados; sete embaixadores, entre [15]• os quais estão os dois reis da França e da Inglaterra; os deputados de dez cidades livres; um grande número de príncipes, de condes e barões soberanos; os núncios do papa; ao todo duzentas e quarenta pessoas: tal é o tribunal majestoso diante do qual apareceu Martinho Lutero.

Este comparecimento já era uma brilhante vitória ga-nha sobre o papado. O papa tinha condenado esse homem, se ele se achava diante de uni tribunal que se colocava assim acima do papa. O papa o tinha interdito, separado de toda sociedade humana, e ele era citado em termos honrosos e recebido diante da mais augusta assembléia do universo. O papa tinha ordenado que sua boca fosse para sempre muda, e ele ia abri-la diante de milhares de ouvintes reunidos dos mais remotos países da cristandade. Uma imensa revolução fôra feita por meio de Lutem. Roma já descia de seu trono, e é a palavra de um monge que a fazia descer.

Alguns dos príncipes vendo o humilde filho do mineiro de Mansfeld comovido em presença desta assembléia de reis, aproximaram-se-lhe com benevolência, e um disse: Não temais aqueles que não podem matar senão o corpo, é que não podem matar a alma." Outro até acrescentou: "Quando vos levarem diante dos reis, o Espírito de vosso Pai falará por vossa bôca.- [16] desse modo as próprias palavras do seu Mestre consolavam o reformador, por meio dos poderosos deste mundo.

Durante este tempo, os guardas faziam. em dar lugar a Lutero. Ele caminhou e chegou diante do trono de Carlo V. A visão da augusta assembleia pareceu um momento ofuscá-lo e intimidá-lo. Todos os olhos fixaram stnele. Mas, pouco a pouco, a agitação serenou, fez-se grande silêncio. "Nada dirais antes de vos interroguem," disse-lhe o marechal do império. E deixou-o”

Depois de um momento de calma solene, o chancheler do arcebispo de Tréves, João d’Eck, amigo d’Aleandro, e que não se deve confundir com o teólogo do mesmo nome, levantou-se e disse em alta e inteligível voz, primeiramente em latim, depois em alemão "Martinho Lutero! Sua santa e invencível majestade imperial te citou diante de seu trono, segundo o parecer e conselho dos estados do santo império romano, a fim de interrogar-te sobre estas duas questões! Primeiramente reconheces que estes livros foram compostos por ti?" Ao mesmo tempo o orador imperial apontava com o dedo para urnas vinte obras colocadas sobre uma mesa no meio da sala, diante de Lutero. "Nem sei por que meio as obteve," disse Lutero referindo depois estas circunstâncias. Era Aleandro que tinha tomado sobre si esse trabalho.. "Em segundo lugar," continuou o chanceler, "queres retratar estes livros e seu conteúdo, ou persistes meus coisas que avançastes neles."

Lutero, sem desconfiança. ia responder afirmativamente à primeira destas perguntas, quando seu conselheiro, jereinimo Schurf, tomando prontamente a palavra, interrompeu em voz alta, dizendo: "Que se leiam os títulos dos livros."

O chanceler, aproximando-se da mesa, leu os titules. Havia no nárnero muitas obras de devoção estranhas à controversia.

Acabada esta enumeração, Lutero disse, primeiramente em latim, depois em alemão.

Gracioso imperador! Graciosos príncipes e senhores!

Sua majestade imperial dirige-me duas perguntas.

Quanto à primeira, reconheço os livros, que acabam de ser nomeados, como de minha pena: não posso negá-los.

Quanto à segunda: visto que é esta urna questão que afeta a fé e á salvação das almas, e em que se acha interessada a palavra de Deus. isto é, o maior e o mais precioso tesouro que há nos céus e nu terra, procederia eu im-prudentemente se respondesse sem reflexão. Poderia afirmar menos que o caso pede, ou mais que a verdade exige. e tornar-me assim culpado contra esta palavra de Cristo: -Quem me negar diante dos homens, eu o negarei diante de meu Pai que esta no céu.. Mat. 10;33. Eis por que peço a sua majestade imperial, com toda a submissão, que me dé tempo, a fim de que eu responda sem ofender a palavra de Deus.- [18]

Esta resposta, longe de poder fazer supôr alguma he-sitação em Lutem, era digna do reformador e da assembléia. Ele devia mostrar-se calmo, circunspecto, numa cousa. tão grave, e afastar deste instante solene tudo o que tivesse podido fazer suspeitar paixão ou leviandade. Tomando o tempo conveniente, ele provaria aliás tanto melhor a inabalável firmeza de sua resolução. Muitos homens na história tém, por uma palavra precipitada, atraido grandes males sobre si e sobre o mundo. Lutero domou seu caráter naturalmente impetuoso, conteve sua palavra sempre pronta a escapar-se; parou, quando todos os sentimentos que o animam quereriam transbordar. Esta reserva, esta calma tão admirável em tal homem, centuplicaram sua força e o colocaram em estado de responder mais tarde com sabedoria, força, dignidade que enganaram a esperança de seus adversários e confundiram sua malícia e seu orgulho.

Não obstante, como tinha falado com um tom respeitoso e com voz baixa, muitos julgaram que ele hesitava, çue mesmo estava atemorizado. Um raio de esperança veio luzir na alma dos partidários de Boina. Carlos, impaciehte por conhecer o homem cuja palavra revolvia o império, não tinha desviado os olhos dele. Voltou-se então para um de seus cortezões, e disse com. despréso: -Certamente nunca será

este homem quem me há de fazer herege. [19]° Depois, levantando-se, o jovem imperador retirou-se com os seus ministros para uma sala de conselho; os eleitores fecharam-se em outra com os príncipes; os deputados das cidades livres em nina terceira. Quando á dieta tornou a reunir-se depois, coneordou em anuir ao pedido. Foi uma grande decepção para os homens apaixonados.

"Martin Lutero," disse o chanceler de Tréves, "stia ma-jestade imperial, segundo a bondade que lhe é natural, quer conceder ainda 11111 dia, mas sob condição que dés tua res-posta de viva voz e não por escrito." [20]

Então o pregoeiro imperial aproximou-se e reconduziu Lutero à sua pousada. Ameaças e gritos de alegria fizeram-se ouvir alternativamente em sua passagem. Boatos sinis-tros espelharam-se entre os amigos de Lutero. "A dieta está descontente," diziam; "os enviados, do papa triunfam; o re-formador será sacrificado." [21] As paixões se aqueciam. Muitos gentisomens correram à casa de Lutero. "Senhor doutor!" lhe disseram comovidos, "o que há? Asseguram que vos querem queimar!." ... "Isto não se há de fazer sem que eles o paguem com a vida!" "E isto teria também acontecido." disse Lutero, citando estas palavras em Eisleben, vinte anos mais tarde.

Por outro lado, os inimigos de Lutero triunfavam. "Ele pediu tempo," diziam eles; "retratar-se-á. De longe sua palavra era arrogante, agora a coragem o abandona... Está vencido." [22]

Lutero talvez fosse o único tranquilo em Worgis . Poucos momentos depois de sua volta da dieta, escrevia ao conselheiro imperial Cuspianus: "Escrevo-te do meio do tumulto" (provavelmente queria falar do barulho que fazia a multidão que cercava sua pousada). "Compareci agora mesmo diante do imperador e seu irmão... Reconheci-um o autor dos meus livros, e declarei que responderia amanhã a respeito da retratação. Não retratarei uma só letra em todas as minhas obras, mediante o auxílio de Jesus Cristo."

A emoção do .povo e dos soldados estrangeiros crescia de hora em hora. Enquanto os partidos procediam com calma no seio da dieta, eles vinham às [23]• mãos na rua. Os soldados espanhois, altivos. desapiedados, ofendiam por SOZL imprudência os burgueses da cidade. Um destes satelites de Carlos encontrando em casa do livreiro a bula do papa, publicada por Hütten com uni comentário deste cavaleiro, tomou-a. Fé-Ia em pedaços depois. jogando ao chão os fragmentos, pisou-os. Outros, tendo descoberto muitos exemplares do escrito de Lutero sobre o "Cativeiro de Babilônia", tiraram-os e rasgaram-os. O povo indignado correu, lançou-se sobre os soldados e forçou-os a fugir. Outra vez ainda, uni espanhol a cavalo, com a espada em punho, per-.seguia numa das principais ruas de Worms uni alemão que fugia diante dele, e o povo aterrado não ousava opor-se ao furioso.

Alguns homens políticos pensaram ter achado meio de salvar Lutero. "Retratai," lhe disseram, "vossos erros de dou-trina mas persisti em tudo o que tendes dito contra o papa e sua corte; e sereis salvo." Aleandro estremeceu quando ouviu este conselho. Mas Lutero, inabalável em seu projeto, declarou que pouco se importava com urna reforma política., se não repousasse sobre a fé.

Chegado o dia 8 de abril, Clapião, o chanceler dEek e Aleandro reunirarn•se muito cedo, segundo a ordem de Carlos. para decidir como se procederia a respeito de Lutem.

Lutero tinha ficado por um instante surpreendido, quando na véspera teve de comparecer diante de uma assem-bléia tão augusta. Seu coração tinha ficado comovido em presença de tantos príncipes, diante dos quais grandes povos dobravam [24]• humildemente o joelho. O pensamento de que ia recusar obediência a esses homens que Deus tinha revestido com o poder supremo, perturbava-lhe a alma, e ele sentia a necessidade de procurar sua força mais acima que neste mundo. "Aquele que, atacado pelo inimigo, sustenta o escudo da fé," dizia ele um dia, é como Perseo Segurando a cabeça da Corgona. Todo aquele que olhava para da, estava morto. Assim devemos nós apresentar o Filho de Deus aos ataques do diabo.- [25]° Houve nesta manhã de 18 de abril momentos de perturbação, em que a face de Deus lhe ficava encoberta. Sua fé desfalecia: seus inimigos se multiplicavam diante dele; sua imaginação ficava impressionada... Sua alma estava corno um navio agitado pela mais violenta tempestade, que cavila. que desce ao fundo do abismo, e que depois sobe até aos céus Naquela hora duma dôr amarga em que ele bebia da laça de Cristo, e que era para ele como um jardim de Cetsemáne, ele se lançou com o rosto sobre o chão, e fez ouvir gritos entre-cortados que não poderemos compreender se não nos re-presentarmos.a profundeza da angústia de onde eles subiam até Deus. "Lieus onipotente! Deus eterno! quanto é terrível o mundo" como abre ele a bôca para me engolir!

e quanto é pouca a confiança que tenho em til. Quanto é fraca a carne, e quanto é poderoso Satanázl Se. é no que é poderoso segundo o mundo que devo pôr a minha esperança, que será de mim!... Está tudo decidido, ° o juizo está pronunciado!... O Deus! ó Deus... ó tu, meu Deus!... assiste-me contra toda a sabedoria do mundo! Faze-o; tu o. deves fazer... tu só... porque• não é obra minha, mas tua. Eu nada tenho que fazer aqui, nada tenho a debater com estes grandes do mundo! Também eu quisera passar dias felizes e tranquilos. Mas a causa é tua...

E ela é justa e eterna! Ó Senhor! Vem em meu socorro! Deus fiel, Deus imutável! Eu .não me fio em homem algum; pois seria em vão. Tudo o que é do homem vacila; tudo o que vem -do homem desfalece. O Deus, ,ó Deus... não escutas? Meu Deus! estás morto?... Não, tu não podes morrer! Tu te ocultas apenas. Tu me escolheste

para esta obra. Eu o seil... [26]• Bem! obra, pois, ó Deusl... fica a meu lado, pelo nome de teu amado Filho Jesus Cristo, que é minha defeza, meu escudo e minha fortaleza.

Depois de um momento de silêncio e de luta, prossegue assim: Senhor! onde estás?... O meu Deus! onde estás... Vem! vem! eu estou pronto!... Eu estou pronto a dar a minha vida pela tua verdade... paciente como um cordeiro. Porque a causa é justa e é a tual... Não me destacarei de ti, nem agora e nem por toda a eternidade!...

E liando O mundo estivesse cheio de demónios. quando meu corpo. que é todavia obra de tuas mãos, devesse mor-der o pó, ser estendido morto, feito em pedaços... redu-zido a pó... minhalma é tual... Sim, tenho por garante a tua palavra. Ela te pertence! Minalma ficará eternamente ao pé de ti . , . Amem!... Ü Deus! ajuda-rnel.. Amem.- .

Está oração explica LuterO e a Reforma. A história levanta tutu O véu do santuário, e nos mostra o lugar secreto em que a fortaleza e a coragem foram comunicadas a esse homem humilde, que fbi instrumento na mão de Deus para libertar a alma e o pensamento dos homens, e conieçar os tempos novos, Lutero e a Reforma estão titio] trazidos à luz. Deseobrem-se os seus íntimos móveis, Reconhece-se donde procedeu sua força. Esta palavra de urna alma que se sacrifica a causa da verdade, acha-se na coleção das peças relativas ao comparecimento de Lutero em Worms, sob o número 16, no meio dos salvo-condutos, e de outros documentos deste género. Algum de seus amigos sem duvida ouviu esta oração e nó-la conservou. É, em nossa opinião, um dos mais belos documentos da história.

Depois-de ter assim orado, Lutero achou essa paz de alma sem a qual o homem nada pode fazer de grande. Leu a Palavra de Deus, percoreu seus escritos e procurou dar à sua resposta a forma conveniente. O pensamento que ele ia dar um testemunho de Jesus Cristo e Sua palavra, em presença do imperador e do império, enchia seu coração de alegria. O momento de comparecer já estando perto, ele aproximou-se. com emoção da Escritura Santa, aberta sobre sua mesa, pôs sobre ela á mão esquerda, e levantando a direita para Deus, jurou ficar fiel ao Evangelho, e confessar livremente sua fé, embora devesse selar essa confissão cum seu sangue. Depois disto, sentiu ainda maior paz. [27]

Às quatro horas, o pregoeiro apresentou-se e o conduziu ao lugar das sessões da dieta. A curiosidade geral tinha aumentado, porque a resposta deveria ser decisiva, A dieta estando ocupada, Iattero foi obrigado a esperar no átrio, no meio duma multidão imensa que agitava corno uni mar proceloso e empurrava com suas ondas o reformador. Dlia5 longas horas se passaram para o doutor de Witentberg iw meio desta multidão ávida por vêilo. "Eu não estava a•ostumado," disse ele, "a todas estas cousas e a tudo este barulho." [28]° S,,ria devéras uma triste preparação para

um homem ordinári• Mas Lutem estava com Deus. Seu olhar estava sereno, suas feições tranquilas; o Eterno o havia posto sobre uma rocha. Começava a anoitecerj A enderam-se velas na sala da assembléia. Seu darão chegava, através das antigas vidraças, até o pátio, Tudo tomava um aspecto solene. Enfim, introduziram o doutor. Muitas pe.:soas entraram com ele, porque todos queriam ouvir sua resposta. Todos os espíritos estavam atentos todos esperavam com vez Lutem estava livre, calmo, seguro, e sem que se pu-implwièneia u momento decisivo que se aproximava. Desta vez Lutero estava livre, calmo, seguro e selo que se pudesse. descobrir nele o menor incômodo. A oração tinba dado seus frutos, Os príncipes tendo-se assentado, não seio dificuldade, porque seus lugares estavam quase invadidos, e o monge de Witemberg achando-se de novo em face de Carlos V, o chanceler do eleitor de Trèves tomou a palavra e disse:

Martinho Lutero! ontem pediste uni prazo que expi-rou agora. Certamente ele não te deveria ter sido conce-dido ,pois que cada u mdeve estar bastante instruido da fé para estar sempre pronto a dar conta dela :t todos os que a pedirem; tu principalmente, que és tão grande e hábil doutor da Santa Escritura... Agora, pois, responde à pergunta de sua majestade, que te mostrou tanta benevolência. Queres defender teus livros, em sua íntegra, ou queres retratar alguma cousa?

Depois de ter dito estas palavras em latim, o chance-ler repetiu-as em alemão.

Então o Doutor Martinho Lutero," dizem as atas de Worms, "respondeu da maneira n mais submissa e a mais humilde. Não gritou, não falou com violência, imas com honestidade, doçura, conveniência e modéstia, entretaoto com muita alegria e firmeza cristã. [29]°

Sereníssimo imperador! ilustres príncipes, graciosos senhores!" disse Lutero levantando os olhos para Carlos para a assembléia. "Compareço humildemente bate diante de vós, segundo a ordem que me foi dada ontem, e conjuro, pelas misericordias de Deus, vossa majestade e vossas altezas augustas, que ouçam com bondade a defeza de urna causa que, eu estou bem certo, é justa e verdadeira. Se, por ignorância, eu faltar aos usos e às conveniências das córtes, Perdoai-mo; porque não fui educado nos palácios dos reis, mas na obscuridade dum claustro.

Ontem perguntaram-me duas cousas da .parta de sua majestade imperial: a primeira, se eu era o autor dos livros cujos títulos foram lidos; a segunda, se eu queria revogar ou defender a doutrina que tenho ensinado. Respondi sobre o primeiro artigo, e persevero nesta resposta.

Quanto ao segundo, compós livros sobre matérias mui diversas. Alguns há em que tratei da fé e das boas obras de uma maneira tão pura, tão simples e tão cristã, que mesmo os meus adversários, longe de terem o que dizer, confessam que estes

escritos são úteis e dignos de ser-lidos por corações pios. A biila do papa, por violenta que seja, o reconhece ela própria. Se, sois, eu os fosse retratar, o que faria?... Infeliz! só entre todos os homens, eu abandonaria verdades que, com voz unânime, meus amigos e meus inimigos aprovam, e me oporia aquilo que o mundo inteiro se gloria de confessar...

Em segundo lugar, compús livros contra o papismo, nos quais ataquei aqueles que por sua falsa doutrina, sua má vida e seus exemplos escandalosos, devastam o mundo cristão, e perdem os corpos e as almas. As queixas de todos aqueles que temem a Deus não o põem em relevos não é evidente que as leis e as doutrinas humanas dos papas enlaçam, atormentam, martirizam as consciências dos fiéis, enquanto que as extorsões revoltantes e perpétuas de Roma engolem os bens e as riquezas da Cristandade, e particularmente desta nação tão ilustre?...

Se eu revogasse o que escrevi a este. respeito, o que faria... senão fortificar esta tirania e abrir a tantas e tão grandes impiedades uma porta ainda mais larga? [30]° Trans- bordando então com mais furor que nunca, ver-se-iam estes homens orgulhosos crescerem, arrebatarem-se, e gritarem cada vez mais. E não somente o jugo que pesa sobe o povo cristão tornar-se-ia mais duro pela minha retratação: tornar-se-ia, por assim dizer, mais legítimo, porque teria recebido mesmo por esta retratação, a confirmação de vossa sereníssima majestade e de todos os estados do santo-império. Grande Deus! eu ficaria sendo como um manto infame, destinado a ocultar e a cobrir toda espécie de malícias e de tiranial...

Em terceiro lugar enfim, escrevi livros contra pessoas privadas que queriam defender a tirania romana e destruir a fé. Confesso com franqueza que talvez os tenha atacado com mais violência do que permitiria o meu estado eclesiástico. Eu não me considero um santo, mas também não poso retratar estes livros, porque autorizaria as impiedades de meus adversáriOs, e .eles se aproveitariam para esmagar mais cruelmente ainda o povo de Deus.

"Entretanto eu sou um simples homem, e não Deus; me ei defender, pois, como o fez Jesus Cristo. "Se eu falei mal, dá testemunho do mal, S. João 8:23, disse ele. Quanto mais eu,. que não sou sinão cinza e pó, e que posso tão facilmente errar, devo desejar que cada um proponha o que possa ter contra a minha doutrina!

É porque suplico-vos, pelas misericórdias de Deus, a vós. sereníssimo imperador, e a vós, mui ilustres príncipes e quem quer que seja, de alta ou de baixa categoria, que me prove pelos escritos dos profetas e dos apostolos que rrk: enganei. Desde que eu estiver convencido, retratarei logo meus erros, e serei o primeiro a lançar no fogo os meus escritos.

"O que acabo de dizer mostra claramente, segundo penso, que bem considerei e pesei os perigos aos quais me exponho; mas, longe dé ficar espantado, para mim é um grande gôzo ver que o Evangelho, hoje como outrora, é uma causa de perturbação e de .discórdia. l esse o caráter e o destino da palavra de Deus. Não vim trazer paz à terra, mas espada." disse Jesus Cristo. S. Mat. 10:34. Deus é admirável e terrível em seus conselhos; temamos que pretendendo suspender as discórdias, não persigamos a sant, palavra de Deus, o não façamos cair sobre nós um horríble [31] dilúvio dinvenciveis perigos, de desastres presentes e de-solações eternas... Temamos que o reinado deste jovem e nobre príncipe, o imperador Carlos, sobre o qual, depois de Deus, fundamos tão altas esperanças, não somente príncipe, mas ainda continui e acabe sob os mais funestos auspícios. Eu poderia citar exemplos tirados dos oráculos de Deus," continúa Lutero, falando em presença do maior monarca do mundo, com uma coragem cheia de nobresa; "e eu poderia vos falar dos Faráos, dos reis de Babilônia e dos dIsrael, que jamais trabalharam tão eficazmente para sua mina como quando, por conselhos em aparência mui sábios, pensavam firmar seu império. "Deus transferiu os montes, e aqueles mesmos que subverteu no seu furor, não o conheceram." Job 9.5.

"Se digo estas cousas, não é porque creia que tão grandes príncipes tenham necessidade de meus pobres conselhos, mas é que desejo dar à Alemanha o - que ela tem o direito de esperar de seus filhos. Assim, recomendando-me à vossa augusta majestade e a vossas altezas sereníssimas, suplico-lhes com humildade que não consintam que o ódio de meus inimigos faça cair sobre mim uma indignação que não tenho merecido." [32]•

Lutero tinha pronunciado estas palavras em alemão com modéstia, mas energia e firmeza. Ordenaram-lhe que as repetisse em latim. O imperador não gostava da língua alemã. A assembléia imponente que cercava o reformador, assim como o ruido, a emoção, o tinham fatigado. "Eu transpirava por todos os poros," disse ele, "aquecido pelo tumulto, em pé no meio dos príncipes." Frederico de Thun, conselheiro íntimo do eleitor de Saxe, colocado por ordem de seu amo ao lado do reformador, a-fim-de vigiar que não lhe fizessem surpresa nem violência, vendo o estado do pobre monge, disse. "Se não podeis repetir vosso discurso, bastará, senhor doutor." Mas Lutero, tendo parado um instante para respirar, tomou de novo a palavra, e pronunciou o discurso em latim com a mesma força que da primeira vez. [33]° "Este discurso agradou extremamente ao eleitor Frede. rico", conta o reformador.

Desde que cessou de falar, o chanceler de Trèves, orador da dieta, disse-lhe com indignação! "Não respondestes à pergunta que se vos fêz. Não estais aqui para pôr em dúvida o que já foi decidido pelos concílios. Pede-se-vos uma resposta clara e precisa. Quereis ou não retratar-vos?" Lutero replicou então sem hesitar "Pois que

vossa sereníssima majestade e vossas altas potências exigem de mim uma reposta simples, clara e precisa, .dá-la-ei, ei-la aqui: Não posso submeter a minha fé, nem ao papa, nem aos concílios, porque é claro como o dia que eles cairam muitas vezes em erro, e mesmo em grandes contradições consigo :mesmos. Se, porém, eu não fôr convencido com testemunhos da Escritura, ou por evidentes razões, se não me persuadirem pelas próprias passagens que citei, e se não tornarem assim a minha consciência cativa da palavra de Deus, não posso e não quero retratar cousa alguma, porque não é seguro para o cristão falar contra a suá consciência." Depois, percorrendo com a vista essa assembléia diante da qual se achava em pé, e que tinha sua vida em suas mãos: "Aqui estou," disse ele; "não posso fazer de outro modo; Deus me ajude! Amem." [34]

Assim Lutero, obrigado a obedecer à sua fé, arrastado por sua consciência à morte, opresso sob a mais nobre ne-cessidade, escravo daquilo que crê, e nesta escravidão so-beranamente livre, semelhante ao navio agitado por urna horrível tempestade, e que, para salvar o que é mais pre-cioso que ele próprio, vai voluntariamente quebrar-se contra um rochedo, pronuncia estas palavras sublimes, que, a três séculos de distância, ainda nos fazem estremecer: assim falou uni monge diante do imperador e dos grandes da nação; c este homem, fraco e mesquinho, só, mas apoiado nagraça do Altíssimo, parece maior e mais forte que eles todos. Sua palavra. tinha uma força contra a qual todos esses poderosos nada podiam. Eis aí essa fraqueza de Deus, que é mais forte que os homens [35]. O império e a igreja dum -lado, o homem obscuro do outro, estiveram em presença. Deus tinha reunido esses reis 4. prelados para confundir publicamente sua sabedoria. A batalha está perdida; e as conseqüências dessa derrota dos poderosos da terra far-se-ão sentir entre todos os povos e em todos Os séculos futuros.

A assembléia estava pasmada. Muitos dos príncipes ti-nham dificuldade de encobrir sua admiração. O imperador, voltando de sua primeira impressão, exclamou: "O monge fala com um coração intrépido e inabalável coragem. [36]" Os espanhóis e os italianos eram os únicos confusos, e logo depois zombavam duma grandeza dalma que não podiam compreender.

"Se não te retratares", continuou o chanceler, depois que se restabeleceram da impressão produzida por este discurso, "o imperador e os estados do império verão o que tem de fazer contra um hereje obstinado." A estas palavras os amigos de Lutero estremeceram: mas o monge repetiu: Deus me ajude! porque não posso retratar cousa alguma.

Então Lutero retirou-se e os príncipes deliberaram. Todo mundo compreendia que era um momento de crise para a Cristandade. O sim ou o não desse monge devia decidir, talvez por séculos, do repouso da igreja e do mundo. Quiseram

amedrontá-lo, e não fizeram mais que levantá-lo sobre uma tribuna, em presença da nação; julgaram dar mais publicidade à sua derrota, e só aumentaram sua vitória. Os partidários de Roma não puderam resolver-se a sofrer sua humilhação. Fizeram entrar Lutero, e o orador lhe disse: "Martinho, tu não falaste com a modéstia que convinha à tua pessôa. A distinção que fizeste, quanto a teus livros, era inútil; porque se retratasses aqueles que contêm erros, o imperador não consentiria que queimassem os outros. Ê extravagante pedir que te refutem pela Escritura, quando tu resuscitas. heresias condenadas pelo concílio universal de Constança [37]. O imperador te ordena, pois, que digas simplesmente, por sim ou não, se pretendes sustentar o que avançaste, ou- se queres retratar alguma parte?" "Não tenho outra resposta a dar sinão aquela que já dei," respon-deu tranqüilamente Lutero.

Compreenderam-no. Firme eu-mo uma rocha, todas as ondas cio poder humano vinham quebrar-se inutilmente contra ele. A fôrça de sua palavra, seu porte corajoso, o brilho de seus olhos, a inabalável firmeza que se lia nos traços rudes de seu rosto germânico, tinham produzido.sobre essa ilustre assembléia a mais profunda impressão. Não havia mais esperança. Os espanhóis, os belgas, os próprios romanos, estavam mudos. O monge tinha vencido essas grandezas da terra. Ele tinha dito não à igreja e ao império. Carlos V, se levantou, e toda a assembléia com ele. "A dieta se reunirá amanhã para ouvir a opinião do imperador," disse o chanceler em voz alta. •

NOTAS DE RODAPÉ

[1] p. 114. •

[2] Melch. Muni Vita Lutheri. p. 118. Lut. Opera Lat. 17. p. 587.

[3] Veja-se o livro R.

[4] Coehoe►s. p. 36.

[5] Caspar Hedio, Zw. Ep.. p. 157.

[6] Ibid., 148.

[7] Cochloeus. p. 36.

[8] Palavicini. 1. p. 114.

[9] Ibid.

[10] Lut. Opera, 2, p. 175.

[11] M. Adami Vita Ruceri. ri. 212.

[12] Lut. Opera Lat., 17, p. 574.

[13] Seekend.. p. 348.

[14] Seekertd.. p. 348.

[15] Mal. 10:20. 28.

[16] Seckend.. p. 348.

[17] Lat., Opera Lat. 17. p. 588.

[18] Ibid., p. 57S.

[19] I. p 115.

[20] L. Opera 1_ 17, p. 558.

[21] Episi., 1. p. 587.

[22] Ibid.

[23] KappenN Ref. Urkkinden.. 2. p. 448.

[24] Lut. Opera W.. 22, p. 1659.

[25] Vede Lut. Opera Lat.. 17. p. 589.

[26] O negócio está decidido. Lut. Opera Lati., 17. p. 589.

[27] Lut. Opera Lat.. 1 7. p. 589.

[28] Lut. Opera, 17, pp. 535, 558.

[29] Lut. Opera Lat.. 17. p. 576. .

[30] Lut. Opera Lat.. 17. p. 573.

[31] Vede Lut. Opera Lat., 17, p, 776-7g0.

[32] Ibid., 1. p. 165.

[33] Lut. Opera Lat.. 2. p. 165-167.

[34] Ibid., 166.

[35] Amen. Ibid., 17, p. 580.

[36] Seckend., 350.

[37] Lut. Opera W.. 1. p. 2236.

CAPÍTULO IX

Tumulto e calina — A copa do duqut., — O Eleitor e Spalatino — Mensagem do imperackr— Querem violar o salva-conduto — Violenta. aposição — Entusiasmo a favor de Lutero — Via de conciliação — Temores do eleitor — Concurso em casa de Lutero — Filipe de Hesse.

Era noite. Cada um voltava para casa às escuras. De-ram a Lutem dóis oficiais imperiais para acompanhá-ilo. Alguns imaginaram que estava decidida a sua sorte, que o conduziam para a prisão, e que ele daí só sairia para subir ao cadafalso: levantou-se pois grande tumulto. Muitos da nobreza exclamaram: "É para a prisão que o levam?" "Não", respondeu Lutero, "eles acompanham-me à minha estalagem". Ã estas palavras os espirP-os se acalmaram. Então os espanhois da casa do imperador, seguindo este lio-- mem audacioso, acompanharam-no com vaias e apupadas, [1]* através das ruas que ele devia atravessar, enquanto que outros davam- gritos como fazem as feras a quem arrebatam a presa. Mas Lutero ficou firme e em paz.

Tal foi a cena de Worms. Esse monge intrépido, que até então tinha afrontado com certa audícia todos os ini- migos, falou nessa hora, em que se achava em presença dos que tinham sede de seu sangue, com calma, nobreza e humildade. Nada de exagêro, nada de entusiasmo humano, nada de cólera; ele esteve tranqüilo no meio da emoção mais viva; modesto resistindo às potestadas da terra; grande em presença de todas as majestades do mundo. É este um irrecusável indício que Lutero obedecia então a Deus, e não às sugestões de seu orgulho. Havia na sala de Worms alguém maior que Lutero e que Carlos. "Qnando derdes testemunho de mim diante das nações não cuideis como ou o que haveis de falar," disse Jesus Cristo, "por que não sois vós os que falais." Mat. 10:18, 20. Talvez que nunca esta promessa se tenha cumprido de um modo mais ma,ni festo.

Tinha-se produzido uma profunda impressão sobre os chefes do império. Lutero o havia notado, e seu valor crescia, Os servos do papa irritaram-se contra João dEck por não ter mais cedo interrompido o monge culpado.]Muitos príncipes e senhores foram ganhos para uma causa sustentada com tal convicção. Em alguns, é verdade, a impressão foi passageira; mas outros, pelo contrário, que então se ocultavam, manifestaram-se mais tarde com grande coragem.

Lutero estava de volta a sua pousada, repousando seu corpo fatigado por tão rude assalto. Spalatino e outros amigos o cercavam, e todos juntos louvavam a Deus. Enquanto conversavam, entrou um criado trazendo uma copa de prata cheia de cerveja dEimbek: "Meu amo," disse ele apresentando-a a Lutero, "convida-vos a restaurar as forças com esta bebida." "Qual é o príncipe," perguntou o doutor de Witemberg, "que se lembra tão graciosamente de mim?" Era o velho duque Eric de

Brunswick. O reformador ficou tocado com esta oferta de um senhor tão poderoso, e que pertencia ao partido do papa. "Sua alteza," continuou o criado, "dignou-se provar ele mesmo desta bebida antes de vô-lo mandar." Então Lutero, que estava sequioso, serviu-se da cerveja do duque, e havendo-a bebido, disse: "Assim como hoje o duque Eric• se lembrou de mim, assim também nosso Senhor Jesus Cristo se lembre dele na hora do último combate." [2]° Este presente era de pouco valor; mas Lutero, querendo testemunhar reconhecimento a uni príncipe que sr lembrava dele em tal momento, dava-lhe o que tinha, uma oração. O criado foi levar a mensagem a seu. amo. O velho duque recordou-se destas palavras no momento da morte, e. dirigindo-se. a um jovem pagem, Francisco de Kramrn, que. estava em pé junto ao seu leito: "Toma o Evangelho," disse-lhe ele, "e lê-mo." O menino leu as palavras de Cristo, e a alma db moribundo sentiu-se restaurada. "Todo aquele que vos der um copo dágua em meu nome, porque pertenceis a Cristo," disse o Salvador, "digo-avos em verdade, que não perderá sua recompensa." Mat. 10:42.

Apenas o criado do duque de Brunswick tinha saído, um enviado do eleitor de Saxe veio ordenar a Spalatino que fosse imediatamente procurá-lo. Frederico tinha ido à dieta cheio de inquietação. Imaginava que em presença do imperador Lutero perderia a coragem. Por isso o valor do reformador o havia profundamente comovido. Estava orgulhoso de ter tomado sob sua proteção Um total homem. Quando o capelão chegou, a mesa estava posta; o eleitor ia assentar-se para cear com a sua côrte, e já os criados tinha.m levado a bacia em que se lavavam as mãos. Vendo entrar Spalatino, Frederico fez-l.he logo sinal de que o seguisse, e só com ele no seu quarto de dormir, disse-lhe com grande emoção: "Oh! como o padre Lutero falou diante do imperador, e diante de todos os estados do império! Eu estava com muito medo de que ele se excedesse." [3] Frederico tomou então a resolução de proteger daí em diante o doutor com maior coragem.

Aleandro via a impressão que Lutero tinha produzido; não havia tempo a perder; era preciso decidir o jovem imperador a proceder vigorosamente. O momento era favorável: a guerra com a França estava iminente. Leão X, querendó aumentar seus estados, e importando-se pouco com a paz da cristandade, fazia ao mesmo tempo negociar secretamente dois tratados, um com Carlos contra Francisco, outro com Francisco contra Carlos. [4]° Pelo primeiro pedia para si ao imperador Parma, Placència e Ferrare; pelo se- ;fundo, reclamava do rei tuna parte do reino de Nápoles, que devia desse modo ser tirada a Carlos. estes conhecia a importância de ganhar para si Leão, afim de tê-10 por aliado na guerra contra seu rival de França. Era pouco comprar à custa de Lutero a amizade do poderoso pontífice

No dia seguinte ao do comparecimento, sexta-feira 19 de abril, o imperador mandou ler à dieta urna mensagem escrita em francês, de seu próprio punho. Descendente," disse ele, -dos imperadores cristãos da Alemanha, dos reis católicos

da Espanha, dos arquiduques «Áustria, e dos duques de Burgonha, que se têm ilustrado como defensores da fé romana, tendo o firme propósito de seguir o exemplo de meus antepassados. Somente um monge, desvairado por sua própria loucura, levanta-se contra a fé da cristandade. Eu sacrificarei meus reinos, meu poder, meus amigos, meus tesouros, meu corpo, meu sangue, meu espírito e minha vida para conter esta impiedade. [5]° Vou mandar embora o agostinho Lutero, proibindo-lhe que cause o menor tumulto entre o povo: depois procederei contra ele (seus aderentes como contra hereges manifestos, pela excomunhão, pelo interdito, e por todos os meios próprios para destrui-1o. Peço aos membros dos estados que se condu-zam como fiéis cristãos." [6]

Esta alocução não agradou a todos. Carlos, jovem e apaixonado, não tinha seguido as formas ordinárias; deveria primeiramente pedir a opinião da dieta. Duas opiniões extremas pronunciaram-se logo. As criaturas do papa, o eleitor de Brandeburgo, e muitos príncipes eclesiásticos. pediram que não se respeitasse o salvo-conduto dado a Lutero. [7]"O Reno," disseram eles, "deve receber suas cinzas, como recebeu, há um século, as de João Huss." Carlos, a darmos crédito a um historiador, arrependeu-se depois muitíssimo.de não ter seguido este indigno conselho. "Confesso," disse êle, nos fins de sua vida, que cometi grave erro deixando viver Lutero. [8] Eu não era obrigado a cumprir-lhe minha promessa, visto que este hereje tinha ofendido uni

Senhor maior que eu, Deus mesmo. Eu podia, devia até esquecer minha palavra, e vingar a injúria que ele fazia a Deus: é porque não o mandei matar, que a heresia não cessou de fazer progresso. Sua morte te-la-ia sufocado no berço. [9]§

Tão horrível proposta encheu de terror o eleitor e to-dos os amigos de Lutero. "O suplício de João Huss," disse o eleitor palatino, "fez cair sobre a nação alemã muitíssimas desgraças, e não convém levantar segunda vez semelhante cadafalso." "Os príncipes dAlemanha," exclamou o próprio Jorge de Saxe, esse irreconciliável inimigo de Lutero, "não permitirão que se viole um salvo-conduto. Esta primeira dieta reunida por nosso novo imperador não se manchará e não se tornará culpada de tão vergonhosa ação. Tal perfídia não concorda com a antiga retidão germânica." Os príncipes de Baviéra, dedicados também à igreja de Roma, apoiaram este protesto. A cena de morte que os amigos de Lutero já tinham diante dos olhos pareceu afastar-se.

O rumor destes debates, que duraram dois dias, espa-lhou-se na cidade. Os partidos se exaltaram. Gentisomens, partidários da Reforma, começaram a falhar com voz firme contra a traição que Meandro propunha. "O imperador," diziam eles, " um moço que os papistas e os bispos guiam à vontade, por suas lisonjas." ° Palavicini faz menção de quatro centos nobres prontos a sustentar com suas

espadas o salvo-conduto de Lutero. Sábado de manhã, acharam-se cartazes pregados nas portas das casas e nas praças públicas: uns contra Lutero, outros a seu favor. Em um deles liam-se simplesmente estas palavras enérgicas do Eclesiastes: "Desgraçada de ti, terra! cujo rei é menino." Ecl. 10:16. Sickingen, dizia-se, reuniu, à distância de algumas léguas de Worms, atrás das trincheiras inexpugnáveis de sua fortaleza, muitos cavalheiros c soldados, e para pôr-se em ação só esperava o resultado do negócio. O entusiasmo do povo, não somente em Worms, mas ainda nas cidades mais afas-

*Sandoval, Hist, de Carlos V, citada em Llorente, Segundo Llorente, a suposição que Carlos, nos fins de sua vida,_ inclinou-se para os sentimentos evangélicos, é uma invenção dos protestantes e dos inimigos de Filipe Il. Esta questão é um problema histórico, que as citações numerosas de Llorente parecem resolver infelizmente inteiramente em conformidade com o seu ponto de vista. [10]**

A intrepidez dos cavaleiros, a afeição de muitos príncipes ao reformador, tudo devia fazer compreender a Carlos e à dieta, que o passo reclamado pelos Romanos poderia comprometer. a autoridade suprema, excitar revoltas, e até abalar o império. Tratava-se apenas de queimar um simples frade; mas os príncipes e os par-tidários de Roma, todos juntos, não tinham força, nem bastante coragem para fazê-lo. Sem dúvida também, Carlos V moço então, temia ainda o perjúrio. É o que, se é verdadeira, indicaria esta palavra que, segundo alguns historiadores, pronunciou então: "Ainda quando a boa fé e a fide•idade fossem banidas de todo o universo, elas deveriam achar refúgio no coração dos príncipes." É triste que o haja talvez esquecido quando perto do túmulo. Demais, ainda outros motivos poderiam atuar sobre, o imperador. O Florentino Vettori, amigo de Leão X e de Maquiavel, pretende que Carlos não poupou Lutero senão para conter o papa. [11]§

Na sessão do sábado, os conselhos violentos de Aleandro foram repelidos. Amava-se Lutero, queriam salvar este homem tão simples, cuja confiança em Deus era tão tocante; mas também queriam salvar a igreja. Tremiam ao pensamento das conseqüências que teriam igualmente o triunfo ou o suplício do reformador. Vozes de conciliação se fizeram ouvir; propuseram fazer nova tentativa junto do doutor de Witemberg. Até o arcebispo-eleitor de Moguncia, o jovem e suntuoso Alberto, mais devoto que corajoso, diz Palavicini, [12]° tinha medo vendo o interesse que o povo e a nobreza testemunhavam ao frade saxônio. Seu capelão, Capiton, que se tinha relaeionado, durante sua residência em Basiléia, com e-sse padre evangélico de ZuriCh chamado Zwingle, homem intrépido na defesa da verdade, do qual já temos tido ocasião de falar, tinha também sem dúvida representado a Alberto sobre a justiça da causa do reformador.

O mundano arcebispo teve uma destas voltas a sentimentos Cristãos que às vezes Ne notam em sua vida, e consentiu em ir ao imperador, para pedir-lhe que permitisse o último esfôrço; Mas Carlos recusou-se a tudo. Segunda feira, 22 de abril, os príncipes vieram em corpo renovar as solicitações de Alberto. "Não me afastarei uma só linha do que decretei," respondeu o imperador. "Não encarregarei pessoa alguma de ir oficialmente a Lutero. Mas," acrescentou, com grande escândalo de Alea!tdro, "concedo três dias de reflexão a este homem; durante este tempo, cada um poderá, como particular, fazer- [13]•he as exortações que julgar convenientes." Era tudo o que se lhe pedia. O reformador, pensavam alguns, exaltado pela solenidade, do comparecimento, cederá em uma conferência mais amigável, e talvez seja salvo do abismo em que está prestes a cair.

O eleitor de Saxe sabia o contrário, e por isso mesmo estava cheio de temor. "Se estivesse em meu poder," es-•rvia ele no outro dia a seu irmão o duque João, "eu estaria pronto a sustentar Lutero. Não poderíeis crer até que ponto os partidários de Roma me atacam [14]. Se eu pudesse contar-vos tudo, ouvirieis cousas admiráveis. Eles querem sua ruína; e por pouco que se manifeste algum interesse na sua pessoa, fica-se logo desacreditado como liereje. Que Deus, que não abandona a causa da justiçça, leve tudo a bom termo!" Frederico, sem mostrar a viva afeição tinha ao reformador, contentou-se de não perder de vista uma só de seus movimentos.

O mesmo não se dava com os homens de todas as classes que então se achavam em Worms. Alguns manifestavam sua simpatia sem medo. Desde sexta-feira uma multidão de príncipes, de condes, de barões, de cavalheiros, de gentisomens, de eclesiásticos, de leigos, de homens do povo, cercavam a estalagem em que morava o reformador: eles entravam, saiam, e não podiam fartar-se de vê-lo [15]. Ele se tinha tornado o homem da Alemanha. Mesmo os que pensavam que ele estava em erro achavam-se tocados da nobreza dalma yie a levava a sacrificar sua vida à voz de sua ,J.onsciência. Com muitos personagens então presentes em Wonns, com a flôr da nação, Lutero tinha conversações cheias desse sal que temperava todas as suas palavras. Ninguém o deixava sem sentir-se animado de generoso entusiasmo pela verdade. "Quantas cousas eu teria a contar-vos!" escrevia então a um de seus amigos o secretário particular do margrave Casimiro de Brandeburgo, Jorge Vogler. Quantas conversações cheias de piedade e de bondade teve Lutero comigo e com outros! Quanto este homem é cheio de graças! a

Um dia, um jovem príncipe de dezesete anos entrou caracolando no pátio da pousada: era -Filipe, que, havia dois anos, reinava em Hesse. O jovem landgrave era de um caráter pronto e empreendedor de uma sabedoria que pre-cedia os anos, de um humor belicoso, de um espírito impe-tuoso, e pouco amante de deixar-se dirigir senão por suas próprias idéias. Ferido pelos discursos de Lutero, desejava vê-lo de mais perto. "Todavia ele ainda não era por mim," disse Lutero contando-o. Apeou e

subiu sem mais cum-primentos ao quarto do reformador, e apostrofando-o, disse: "Pois então, caro doutor, como vai o negócio?" "Gracioso senhor," respondeu Lutero, "espero que vá bem." "Pelo que ouço," continuou o landgrave rindo, "ensinais, doutor, que uma mulher pode deixar o marido e casar-se com outro quando reconhecer que o primeiro é muito velho [16]*" A gente da côrte imperial é que tinha contado essa história ao landgrave; os inimigos da verdade nunca deixam de inventar fábulas sobre pretendidos ensinos dos doutores cristãos. "Não, meu senhor," respondeu Lutero gravemente; "vossà alteza não fale assim, por favor! "Então, o príncipe estendeu bruscamente a mão ao doutor, apertou cardealmente a .sua e disse-lhe: "Caro doutor, se tendes razão, Deus vos ajudei"... Depois saiu do quarto, tornou a montar a cavalo e partiu. Foi a primeira entrevista destes dois homens, que deviam mais tarde achar-se à testa . da reforma e defendê-la, um com a espada da palavra e o outro com a dos reis.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] Lut. Opera Lat.. 2. p. 166.

[2] Seckend., p, 354,

[3] Seckend., p. 355.

[4] Guicciardini, lib. 14 P. 175: Durnont. Corp Dipl.. vol 4. p. 9t]. Archivos de Vencia.

[5] Cochloeus, p. 32.

[6] Pallavicini, •1, p. 118.

[7] Lut. Opera Lat.. 17. p. 581.

[8] Seckencl.. p. 357.

[9] Hist. da In-quisição, 2, p. 57.

[10] Cochloeus, p. 33.

[11] "Es ware ein Aufruhr daraus worden". diz Lutero. Vettori, lstoria msc. Bibl. Co,-;ini em Rornz, pelo Sr. Ranke.

[12] Palav.. p. 118,

[13] Ibid., U9.

[14] Seckend., p. 365.

[15] Lut. Opera Lat.. 17. p. 8I. MeuzeI, Magaz. 1, p. 07.

[16] Oporá Lat.. 17. p. 589.

CAPÍTULO X

Conferência em casa do arcebispo de Tréves — Exortação de Wehe a Lutero — Resposta de Lutero — Conversação particular — Visita de Cochleus — Ceia em casa do arcebispo — Tentativa na pousada de Rodes — Proposta de um concílio — Última conferência de Lutt ,o e do arcebispo — Visita a um amigo enfermo — Lutero recebe a intimação de sair de Worms — Saído de Lutero.

O arcebispo de Tréves, Ricardo de Griffenklau, com a permissão de Carlos V, tinha empreendido o papel de mediador. Ricardo, intimamente ligado com o eleitor de Saxe e bom católico romano, desejava, arranjando esse ne- gócio difícil, prestar ao mesmo tempo serviço a seu amigo e à igreja. Segunda-feira à tarde, 22 de abril, no momento em que Lutero ia assentar-se à mesa, um enviado do arce- bispo veio anunciar-lhe que este prelado desejava vê-lo no segundo dia depois, na quarta-feira, às seis horas da manhã. O capelão e o pregoeiro imperial Sturm estavam nesse dia antes das seis horas em casa de Lutero. Mas, já às quatro horas da manhã, Aleandro tinha mandado chamar Cochloeus. O nuncio não tinha tardado a reconhecer no homem que Capiton lhe havia apresentado, um servo de- dicado da corte de Roma, no qual podia fiar-se como em si mesmo. Não podendo achar-se presente nessa entrevista,

Aleandro mandou um substituto. Achai-vos em casa do ar-cebispo de Tréves, disse ao deão de Francfort; "não en-treis em discussão com Lutero, mas contentai-vos de ouvir atentamente tudo o que se disser, de sorte que possais re-ferirmos fielmente." [1]° O reformador chegou com alguns amigos em casa do arcebispo. Achou este prelado cercado do margrave Joachim de Brandeburgo, do duque Jorge de Saxe, dos bispos de Brandeburgo e de Augsburgo, de al-guns nobres, de deputados das cidades livres, de juriscon-sultos e de teólogos, entre os quais estavam Cachloeus e Jeronimo Wehe, chanceler de Baden. Este, hábil .juriscon-sulto, queria uma reforma nos costumes e na disciplina; ia até mais longe: "Ë preciso," dizia ele, "que a palavra de Deus, por tanto tempo oculta debaixo do alqueire,. reapa-reça em todo o seu resplendor."[2]

Era este homem conci-liador, o encarregado da conferência. Voltando-se com bondade para Lutero, disse: "Não vos mandámos buscar para disputar convosco, mas para fazer-vos ouvir exortações fraternais. Sabeis com que cuidado a Escritura nos convida a guardar-nos "da seta volante e do demônio do meio dia." Sal. 90:6. Este inimigo do gênero humano impeliu-vos a publicar cousas contrárias à religião. Pensai na vossa salvação e na do império. [3] Vêde bem que aqueles que Jesus Cristo remiu por sua morte da morte eterna não sejam seduzidos por vós e pereçam para sempre... Não vos levanteis contra os santos concílios. Se não mantivermos os decretos de nossos pais, não haverá senão confusão na igreja. Os príncipes

eminentes que me ouvem tomam por vossa salvação um interesse particular; mas, se persistirdes, então - o imperador vos banirá do império, e nenhum lugar no mundo poderá oferecer-vos asilo... Refleti na sorte que vos espera!" [4]

"Sereníssimos príncipes," respondeu Lutero, "dou-vos graças por vo..sa solicitude; porque apenas sou um pobre homem, demasiado insignificante para ser exortado por tão grandes senhores." [5]° Depois continuou: Não censurei to- dos os concílios, mas somente o de Constança, puí-crie con-denando esta doutrina de João Huss: - Que a igreja cristã é a assembléia daqueles que estão predestinados para a salvação." condenou este artigo de nossa fé: "Creio na santa igreja universal," e até a Palavra de Deus. Meus ensinos excitam," dizem, "escândalos," ajuntou ele. "Respondo que o Evangelho de Cristo não pode ser pregado sem escândalo. Por que pois, separar-me-ia do Senhor e da sua palavra divina que é a única verdade, o temor ou a apreensão de perigos? Não, antes daria meu corpo, meu sangue e ininha vida!"

Os príncipes e os doutores tendo deliberado, tornaram a chamar Lutero, e Wehe continuou com doçura: "É preciso honrar as potências, mesmo quando elas se enganam, e fazer grandes sacrifícios pela caridade." Depois acrescentou com um tom mais firme: "Confiai no juízo do imperador e nada temais." [6]

LUTERO. "Consinto de todo coração que o imperador, os príncipes, e mesmo o menor dos cristãos, examinem e julguem meus livros; mas com uma condição: é que tomem como regra a palavra de Deus. Os homens .não têm coisa melhor a fazer que obedecer-lhe. Minha consciência depende dela, e sou prisioneiro, sob sua obediência." [7]°

O ELEITOR DE BRANDEBURGO. "Se bem vos compreendo, Senhor doutor, não quereis reconhecer outro juiz senão a santa Escritura?"

LUTERO. "Sim, meu senhor, precisamente; é esta a minha última palavra."

Então os príncipes e os doutores retiraram-se; mas o excelente arcebispo de Tréves não podia resolver-se a abandonar a empresa. "Vinde," disse ele a Lutero, passando a seu quarto particular, ordenando ao mesmo tempo a João dEck e a Cochloeus de um lado a Schurf e a Amsdorf do outro, que os seguissem. "Porque apelar sempre para a Escritura sagrada?" "dela é que vieram todas as heresias." Mas Lutero, diz seu amigo Mathesius, estava inabalável como uma rocha que repousa sobre a rocha verdadeira [8]

O papa, respondeu ele, "não. é juiz nas cousas da palavra de Deus. Cada cristão deve ver e compreender ele próprio como deve viver e morrer." Separaram-se. Os partidários do papado sentiam a superioridade de Lutero, e a -atribuíam a que não houvesse lá quem fosse capaz de lhe responder, "Se o imperador tivesse pocedido

sabiamente," disse Cochloeus, "ao chamar Lutero a Worms, teria também chamado teólogos que refutassem seus erros." [9]

O arcebispo de Tréves foi à dieta, e anunciou o pouco sucesso de sua mediação.. A admiração do jovem impera-dor igualou sua indignação. "É: tempo," disse; "de pôr ter-mos a este negócio." O arcebispo pediu ainda dois dias; toda a dieta se reuniu a ele; Carlos V cedeu. Aleandro, fóra de si, fez explosão. [10]§

Enquanto estas cousas passavam-se na dieta, Cochloeus ardia por ganhar a vitória recusada aos prelados e aos reis. Posto que de vez em quando ele tivesse atirado algumas palavras em casa do arcebispo de Tréves, a ordem que Aleandro lhe dera de guardar silêncio o havia retido. Resolveu desforrar-se, e apenas deu conta de sua missão ao núncio do papa, apresentou-se em casa de Lutero. Falou-lhe como amigo, e expressou o pesar que a resolução do imperador lhe fazia sentir. Depois do jantar, a conversação se animou. Cochloeus instava com Lutero para que se retratasse. Este fez um sinal negativo. Muitos nobres que estavam à mesa custaram a conter-se. Mostravam-se indignados de que os partidários de Roma quisessem, não convencer o reformador pela Escritura, mas obrigá-lo pela força. "Bem!" disse a Lutero Cochloeus, impaciente por estas exprobações, "ofereço-me para disputar publicamente convosco, se renunciardes ao salvo-conduto." [11] O que Lutero mais desejava era uma disputa pública. Que devia fazer? Renunciar ao salvoconduto era perder-se; recusar o desafio de Cochloeus era parecer duvidar de sua causa. Os assistentes viam neste oferecimento uma perfídia tramada por Aleandro, que o deão de Francfort acabava de deixar. Vollrat de Watzdorf, um dentre eles, tirou a Lutero do embaraço de fazer uma escolha tão difícil. Este senhor, de caráter ardente, indignado por uma cilada que tendia a nada menos que entregar Lutero ás mt*os dó carrasco, levantou-se com ímpeto, agarrou o padre aterrado, empurrou-o para fora, e correria sangue se os outos assistentes não tivessem imédiatainente &brado a mesa, é interpostb sua mediação entre o cavaleiro furioso e -Cochloeus tremendo de susto. [12]* Este afastou-se confuso da estálagern dos cavaleiros de Rodei. Sem dúvida foi no calor da. discussão que escaparam essas palavras áo deão, e não .havia .entre ele e Aleándro. um projeto forMado de antemão para -fazer com que Lutero caísse num laço tãopérfido.--Cochloeus o nega, e temos prazer de crer em seu testemunho. Entretanto ele acabava de sair de urna conferência. com o nuncio quando se apresentou em casa. de Lutero.

À -tarde, o arcebispo de Tréves reuniu, para cearem, as. pessoas que . tinham assistido à conferência da manhã: pensou ser esse um meio dé desafogar os espíritos e de aproximá-los. Lutero, tão intrépido e inabalável diante dos árbitros- ou dos juízes, tinha no cornérci6 íntimo uma bano-mia, uma alegria, que fazia. com que se ousasse esperar tudo dele. O chanceler do arcebispo, que tinha mostrado. tanta rijeza em seu caráter oficial, prestou-se a este ensaio e no fim da refeição, fez a

saúde de Lutero. Este- preparava-se .a corresponder à honra; o vinho já estagia no copo, e ele já. faZia, .corno de costume, o sinal da cruz, quando de repente o copõ rebentou-se entre as suas mãos, e o vinho derramou-se sobre [13]• a mesa. Os convidados ficaram consternados. "Deve estar envenenado!" disseram em voz alta .alguns amigos de Lutéro. Mas o doutor, sem se abalar, respondeu sorrindo: "Caros. senhores, ou este vinho não me. estava destinado, ou me seria prejudicial." Depois acrescentou com calma: "Sem dúvida o copo . estalou porqUé lavando-o mergulharam-no cedo demais em água fria." Estas palavras tão simples têm alguma coisa de grande em tal

Es müsse .Cift darinnem gewessen .seyn, Lutero não fala desta circunstância; mas Razeberg, amigo de Lutero, médico do eleitor João Frederico, refere-a em uma história manuscrita que se acha na biblioteca de Gota, e diz sabê-la por uma testemunha ocular circunstância, e mostram uma paz inalterável. Não se pode presumir que os católicos romanos tivessem querido envenenar Lutero, principalmente em casa do arcebispo de Tréves, [14]•Esta refeição. nem afastou nem aproximou os espíritos. Nem o favor nem o ódio dos homens podiam influir sobre a resolução do reformador; éla provinha de mais alto.

Quinta-feira de manhã, 26 de abril, o chanceler Wehe e o doutor Peutinger dAugsburgo, conselheiro do imperador, que tinha testemunhado a Lutero muita afeição, na ocasião de sua entrevista com de Vio, foram à estalagem dos cavaleiros de Rodes. O eleitor de Saxe enviou Frederico de •Thun e outro de seus conselheiros para assistirem à conferência. "Confiai em nós," disseram com emoção Wehe e Peutinger, que teriam sacrificado tudo para impedir a divisão que ia rasgar a igreja. "Rste negócio« se terminará cristãmente; nós vo-lo•asseguramos." "Eis em duas palavras a minha resposta," lhes respondeu Lutero. "Consinto em renunciar ao salvo-conduto. [15]° Ponho entre as mãos do imperador minha pessoa e minha vida, mas a palavra de Deus... nunca." Frederico -de Thun, comovido, levan-tou-se e disse aos enviados: "Não basta? O sacrifício já não é suficientemente?" Depois, declarando que nada mais que-ria ouvir, saiu. Então Wehe e Peutinger, esperando obter melhor sucesso, vieram assentar-se aos lados do doutor. "Confiai na dieta," lhe disseram "Não," replicou Lutero, "porque "maldito o homem que confia no homem!" Jer: 17:5. Wehe e Peutinger redobram suas exortações e seus ataques; apertam no cerco , o reformador. Lutero cansado, levanta-se e os despede dizendo: "Não permitirei que homem algum coloque-se acima da palavra de Deus." [16]° "Refleti ainda", disseram eles retirando-se, "voltaremos depois do meio-dia.

Vieram com efeito; mas, convencidos que Lutero não cederia, traziam uma nova proposta. Lutero tinha recusado reconheéer o papa, depois o imperador, depois a dieta; restava um juiz que ele próprio tinha invocado: um concílio geral. Sem dúvida semelhante proposta teria indignado Ro-ma; mas era a última tábua de salvação. Os

delegados ofe-receram um concilio a Lutero. ESte teria podido aceitar sem precisar. Anos se teriam passado antes que se tivessem podido afastar as dificuldades que a convocação de um concilio teria encontrado da parte do papa. Ganhar .anos era para a Reforma e para o reformador ganhar tudo. Deus e o tempo teriam feito então grandes cousas. Mas Luterõ punha a retidão acima de tudo; ele não queria salvar-se à custa da verdade, embora para dissimulá-la bastasse guardar silêncio.- "Consinto", .respondeu ele, "mas (e fazer esta condição era recusar o concilio, sob condição que o concílio não julgue senão pela Escritura."

Peutinger e Wehe, não pensando que um concílio pu-desse julgar de outro modo, correram alegres à casa do arcebispo. "O doutor Martin", lhe disseram eles, "submete seus livros a um concílio." O arcebispo ia levar esta feliz notícia ao imperadór, quando lhe sobreveio. alguma dúvida; mandou chamar Lutero.

Ricardo de Greiffenklaü estava só quando o doutor chegou. "Caro senhor doutor", disse o arcebispo, com mui-ta benevolência e bondade, [17]* "meus doutores me asseguram que consentis em submeter sem reserva vossa causa a um concílio." "Monsenhor", respondeu Lutero, "posso sofrer tudo, mas não abandonar a Santa Escritura." O arcecebispo compreendeu então que Wehe e Peutinger se tinham explicado mal. Jamais Roma poderia consentir num concilio que não julgasse senão pela Escritura. "Era", diz Palavicini, "querer que uma vista cansada lesse tipo muito miúdo, e recusar-lhe ao mesmo tempo óculos." O bom arcebispo suspirou. "Bem fiz eu de vos mandar chamar", disse ele. "Que figura faria eu, se tivesse ido logo dar esta notícia ao imperador?"

A inabalável firmeza e rigeza de Lutero admiram .sem dúvida; mas serão compreendidas e respeitadas por todos os que conhecem o direito de Deus. Raramente mais nobre homenagem foi rendida à palavra imutável do céu; e isto com risco da liberdade e da vida do homem que a rendia. [18]

"Beml" disse a, Lutèro o venerável prelado, "indicai pois vós mesmos, um remédio."

LUTERO, depois chim momento de Silêncio: "Mon-senhor, não conheço outro senão o de Garnaliel: "Se esta obra vem dos homens, ela se desvanecerá; porém, se vem de Deus, não na podereis desfazer, porque não pareça que até a Deus resistis." Atos 6:38, 39. Que o imperador, os eleitores, os príncipes e os estados do império mandem esta resposta ao papà!"

O ARCEBISPO. "Retratai pelo menos alguns artigos." LUTERO. "Com tanto que não sejam os que o concilio de Constança condenou."

O ARCEBISPO. "Creio muito que a -exigência verse justamente sobre esses."

LUTERO. "Nesse caso antes sacrificarei meu corpo, e minha vida, antes, deixar-me-ei cortar os braços e as pernas, que abandonar a palavra clara e verdadeira de Deus." [19]°

Finalmente o arcebispo compreendeu quem era Lu-tero. "Retirai-vos", lhe disse ele, sempre com a mesma doçura. "Monsenhor", respondeu Lutem, "dignai-vos de .fazer com que sua majestade me faça expedir o salvá-ponduto necessário para a minha volta."

"Providenciarei," respondeu o bom arcebispo; e separaram-se.

Assim acabaram as negociações. O império inteiro tinha-se voltado para este homem com os mais ardentes rogos se ameaças, e ele não tinha vacilado. Sua recusa de dobrar sob o braço de ferro. do papa emancipou a igreja e deu entrada a uma nova era. A intervenção providencial era evidente. E. esta uma dessas grandes cenas da história acima das quais paira e leva-se a figura majestosa da Divindade.

Lutero saiu com Spalatino, que tinha vindo, durante a visita, à casa do arcebispo. O conselheiro do. eleitor do Saxe, ;João de Minkwitz, tinha adoecido em Worms. Os dois amigos foram à sua casa. Lutero dirigiu ao doente tocantes consolações. "Adeus," lhe disse ele afastando-se, "amanhã deixarei Worms." [20]

Lutero não se enganava. Não havia três, horas <pie tinha voltado à estalagem dos cavaleiros de Rodes, quando o chanceler dEcl, acompanhado do chanceler do impe-rador e dum tabelião, apresentou-se em casa dele.

O chanceler. disse-lhe: "Martinho Lutero, sua majestade imperial, os eleitores, príncipes e estados do império, tendo-vos exortado à submissão por muitas vezes e de muitos modos, mas sempre em vão, o imperador, em sua qualidade de advogado e de defensor da fé católica, se vê obrigado a ir além. Ordena-vos, pois, que volteis para vossa casa no espaço de vinte e um dias, e vos abstenhais de perturbar a paz pública pelo caminho, por pregações ou por escritos." [21]

Lutero canhecia que esta mensagem era o princípio de sua condenação: Como fôr do agrado do Senhor, assim suceda; bendito seja o nome do Senhor!" job 1:21, respondeu ele com doçura. Depois acrescentou: "Primeiro que tudo agradeço humildemente e do fundo de meu coração a sua majestade, aos eleitores, aos príncipes e aos outros estados do império, por me terem ouvido com tanta tanta benevolência. Não desejei e nãd desejo senão uma só cousa, uma reforma da igreja segundo a Santa Escritura. Estou pronto a fazer tudo, a sofrer tudo, para submeter-me humildemente à vontade do imperador. Vida e morte, honra e opróbrio, tudo me é indiferente; faço uma única reserva: a pregação do Evangelho; porque, diz S. Paulo, "a palavra de Deus não pode ser ligada." Os deputados saíram.

Sexta-feira, 26 de abril de manhã, os amigos do re-formador e muitos senhores reuniram-se em casa de Lute-m.° Tinham prazer, vendo a constância cristã que ele ha via oposto a Carlos e ao império, em reconhecer nele os traços deste retrato célebre da antigüidade justum ac tenacem propositi virum, Non civium ardor prava jubentium, Non .vultus instantis tvranni

Mente quatit solida, [22]°...

Queria-se ainda uma vez, • e talvez que para sempre, dizer adeus ao monge intrépido. Depois de Lutero tornar modesta refeição, foi mister despedir-se , dós amigos, e fugir para longe, sob um céu prenhe de tempestades. Quis passar este momento solene na presença de Deus. Elevou sua alma. Abençoou aqueles que o cercavam. Deram dez horas. Lutero saiu da pousada com os amigos que o tinham acompanhado a Worms. Vinte gentisornens a cavalo cercavam seu carro. Grande multidão de povo acompanhou-o fora dos muros da cidade. O pregoeiro imperial Sturn reuniu-se a ele pouco tempo depois em Openheim e, no dia seguinte, chegaram a Francfort. [23]

NOTAS DE RODAPÉ

[1] Cochloeus, p. 36.

[2] Seckend., p.- 364.

[3] Lut. Opera Lat., 17, p. 582;

[4] Sleidan. 1, p. 97.

[5] Lut. Opera Lat.. p. 167.

[6] Ibid.

[7] Mat., p. 27.

[8] Lut. Opera Lat.. p. 588.

[9] Lut. Epist., 1. p. 604.

[10] Palav., 1, p. 120.

[11] Cochloeus. p. 36.

[12] Lut. Opera Lat., 17, p. 589.

[13] Cochloeus, p. 36.

[14] Lut. Opera Lat., 17, p. 589.

[15] Lut. Epíst., 1, p. 604.

[16] Ibid., 110.

[17] Lut. Opera Lat., 17, p. 588.

[18] Ib.. 584.

[19] Lut. Opera Lat., 17, p. 584.

[20] Palavicini, 1, p. 120.

[21] Lut. Opera Lat., 2. p. 168.

[22] Horac. Od., lb. 3, 3. Nem o ardor dos que governam, nem semelhante ameaçador do tirano, abalam a mente firme de varão justo e tenaz de princípios.

[23] Matesitis, p. 27.

CAPÍTULO XI

O conflito em Worms —Lutero a Cranach Lutero a Carlos V — Lutero em casa do abade d'Hirschfeld cura d'Eisensch — Vários príncipes retiram-se da dieta — Carlos- V firma a..èondenação de Lutero — O edito de Worms — Lutero com seus pais — Lutero acome-tido e arrebatado — Os desígnios de Deus — A Wartburgo — Lutero prisioneiro.

Assim Lutero tinha- èscapado aos muros de. Worms que parecia deverem ser seu túmulo. De todo o coração dava glória a Deus. "O diabo mesmo," disse ele, "guardava a fortaleza -do papa: mas CriSto abriu-lhe larga brecha, e Satanaz foi obrigado a confessar que o Senhor é mais poderoso que ele."

"O dia da dieta de Worms," disse. o Pio Matesius, dis-cípulo e amigo de Lutero, "é um dos dias maiores e mais gloriosos concedidos à. terra antes do fim do mundo." O combate ferido em Worms teve eco ao longe, e pelo ruído que percorreu .toda a cristandade, desde as regiões do norte até as montanhas de Suíça é às cidades de Inglaterra, França e Itália, muitos tomaram com ardor as armas poderosas da palavra de Deus. [1]

Lutero, chegado a Fracfort sábado à tarde, aprovei-tou-se no outro dia de manhã de um momento de liberdade, o primeiro que teve durante muito tempo, para escrever um bilhete cheio de familiaridade, e ao mesmo tempo de energia, a seu amigo, o célebre pintor. Lucas Cranach, em Witemberg. Um vosso criado, meu caro compadre Lucas," lhe disse ele. "Eu contava que sua majestade reunisse em Worms uns cinqüenta doutores para convencer diretamente ao monge. Mas, qual! — Estes livros são teus? — Sim. — Queres retratá-los? ,Não. Bem! vai-te embora! Eis ai toda a história. O alemães cegos! ... como nos portamos como crianças e deixamos que -Roma nos iluda e escarneça! ... É -preciso que os judeus cantam uma Yo! yo! yo! Más também chegará a nossa Páscoa; e então cantaremos: Aleluia! É preCiso calar-,se" e sofrer por algum tempo. "Um pouco, e já me não vereis, e outra vez um pouco e ver-me-eis," disse Jesus Cristo. S. João 16:16. Espero que me aconteça o mesmo. Adeus.. Recomendo-vos, todos vós, ao Eterno. Que ele guarde em Cristo vosso entendimento e vossa fé contra os ataques dos lobos e: dos dragões de Roma. Amém."

Depois de haver escrito esta carta um pouco enigmá-tica, Lutero, como o tempo urgia, partiu logo para Fried-berg, a seis léguas de Francfort. No dia seguinte, Lutero se recolheu de novo. Desejava escrever ainda uma vez a Carlos V, não querendo que o confundissem com culpados rebeldes. Expôs com clareza, em sua carta. ao imperador, qual a obediência devida aos reis, qual a devida a Deus, e qual é o limite em que aquela deve parar para dar lugar a esta. Lendo esta epíst3la de Lutero, a gente recorda-se involuntariamente desta palavra do maior autocrata dos tempos modernos: "O meu domínió se acaba. onde começa o da consciência." [2]

"Deus, que é o escrutador dos corações, é testemunha," disse Lutero, que estou pronto a obedecer com diligência a vossa majestade, seja. na glória, seja no opróbio, seja pela

Estes gritos de alegria dos judeus no tempo da crucificação representam os cânticos de triunfos dos partidáriós do papado por ocasião da catástrofe que ia cair sobre Lutem; mas o rèformador descobre no futuro os aleluias da redenção.

Napoleão 1 à deputação protestante depois de seu acesso ao império vida, seja pela morte, e não excetuzffido absolutainektte nada senão a palavra de Deus, pela qual o homem tem a vida. Em todos os negócios deste sécul6r minha fidelidade será imutável, porque perder ou ganhar na terra são cousas indiferentes à salvação. Mas Deus não quer, quando se trata dos bens eternos, que o homem se. submeta ao homem. A submissão, no mundo espiritual, é um culto verdadeiro, e que não deve ser rendido senão ao Criador.

Lutero escreveu. também, mas em alemão, urna carta dirigida aos estados do Era quase do mesmo teor que a que acabava. de escrever ao• imperador. Nela referia tudo o que se tinha passado em Worms. Esta carta fói copiada muitas vezes e espalhada em toda a Alemanha; por toda parte, diz Cochloeus, excitou a indignação do povo contra o imperador e contra o alto clero.[3]

No dia seguinte de manhã, muito cedo, Lutero escreveu um bilhete a_ Spalátino e, debaixo da mesma coberta, re-meteu-lhe as duas cartas da véspera; enviou a Worms o pregoeiro Sturm, ganho para a causa do Evangelho; abra-çou este homem, e partiu às pressas para Grunberg.

Terça-feira estava ainda a duas léguas de Hirschfeld quando encontrou o chanceler do príncipe-abade . desta cidade, que vinha recebê-lo. Apareceu logo.urria tropa de cavaleiros tendo o abade na frente. Este apeou; Lutero desceu do carro. O príncipe c o reformador se abraçaram; depois entraram em Hirschfeld. O senado. os recebeu às portas da cidade.[4]° Os príncipes da igreja corriam ao encontro de um frade amaldiçoado pelo papa, e os :anotáveis do povo abaixavam a cabeça diante dum homem proscrito pelo impe-. rador.

"Às cinco horas da manhã estaremos na igreja," disse o príncipe levantando-se, à tarde da mesa para a qual tinha convidado o reformador. Quis que ele dormisse .em sua própria cama. No dia seguinte Lutero pregou, e o principal abade o acompanhou com sua comitiva.

À tarde, Lutero chegou a iscua•, lugar de sita knfància. Todos os seus amigos desta cidade cercaram-no e lhe suplicaram que pregasse; no dia seguinte de manhã conduzi-ram-no à igreja. Então apareceu o cura do lugar, acom-panhado do tabelião e de testemunhas: ele vinha tremendo, duvidoso entre o medo de perder seu

emprêgo, e o de se ()pôr ao homem poderoso que tinha diante de si. "Protesto contra a liberdade que ides tomar," disse enfim o padre com tom embaraçado. Lutero subiu ao púlpito, e logo a voz que, havia vinte e três anos, tinha cantado nas ruas da cidade para obter pão, fez ecoar sob as abóbadas da antiga igreja os acentos que começavam a agitar o mundo. Depois do sermão, o cura, confuso, aproximou-se de Lutero. O tabelião tinha redigido a ata, as testemunhas a tinham assinado, tudo estava em regra para por em segurança o lugar do padre. "Perdoai-me," disse humildemente ao doutor, eu o fiz por medo dos tiranos que oprimem a igreja.-

Havia com efeito de que temer. As coisas tinham mudado de aspecto em .Worms: Aleandro parecia ser o único que ali reinava: "O exílio é o único futuro de Lutero," es-creveu Frederico a seu irmão, o duque João. "Nada o poderá salvar. Se Deus permitir que eu volte para onde estais, terei cousas incríveiS a vos contar. Não somente Anás e Caifás, mas também Pilatos e Herodes, que se têm unido contra ele." Frederico importava-se pouco de ficar muito tempo em Worms; partiu. O eleitor palatino fez o mesmo.. O eleitor-arcebispo de Cologne também deixou a dieta_ Príncipes duma posição menos elevada os imitaram. Julgando impossível desviar o golpe que ia ser dado, preferiam, talvez por êrro, abandonar a praça. Os espanhóis, os italianos, e os mais ultramontanos dos príncipes alemães ficaram sós.

O campo estava livre! Aleandro triunfava. Apresentou a Carlos um projeto de edito destinado por ele a servir de modelo ao que a dieta devia promulgar contra o monge. O trabalho do núncio agradou ao imperador irritado, Reuniu em seu gabinete os restos da dieta e mandou ler o edito de Aleandro; todos os que estavam presentes, assegura Palavieini, o aceitaram. [5]

No dia seguinte, dia .de grande festa, o imperador es-tava no templo, cercado dos senhores da sua corte. A so-lenidade religiosa estava acabada, uma multidão de povo enchia o santuário, quando Aleandro, revestido de todas as insígnias de dignidade, aproximou-se de Carlos V.° Ti-. nha na mão dois exemplares do edito contra Lutero, um. em latim, outro em alemão, e, ajoelhando-se diante da ma-jestade imperial, suplicou a Carlos que pusesse sua assinatura e o selo do império. Era no momento em que o sacrifício. acabava de ser oferecido, em que o incenso enchia chia- o templo, em que os cantos ainda retiniam sob as abóbadas, e como em presença da Divindade,,•qüe a perda do inimigo de Roma.. devia ser assinada. O imperador, :tomando o ar. o mais gracioso,* pegou, na pena e assinou. Aleandro saiu . triunfante, deu logo, o decreto à imprensa, e enviou-o a toda a cristandade. Este fruto dos trabalhos de Roma tinha custado alguma coisa ao papado! O próprio Plavicini nos diz que este edito, posto qiie datado de 8 de maio, foi assinado mais tarde; mas o ante-dataram para fazer crer .que era duma: época em que todos os membros da dieta achavam-se ainda reunidos.

Nós, CARLOS QUINTO," dizia o imperador (depois vinham seus títulos, "a todos os eleitores, príncipes, prelados e aos outros a quem • isto vier:

O Onipotente tendo nos confiado, para defender à sua santa fé, mais reinos e-poder do que jamais deu a qualquer de nossos predecessores, pretendemos empregar todas as -nossas forças em impedir que alguMa heresia venha manchar o nosso santo império.monge agostinho Martinho posto què -exortado por nós, lançou-se como um furioso sobre a santa igreja, e pretendeu sufocá-la por livros cheios de blasfémias. Manchou. de modo vergonhoso a indestrutível lei do santo matrimônio; esforçou-se por excitar os leigos a lavarem as mãos no sangue dos padres, è. destruindo toda obediência, não cessou [6]* de excitar à revolta, à divisão, à guerra, ao- homicídio, ao roubo, ao incêndio, e de trabalhar por arruinar completamente a fé dos cristãos; .. Em uma palavra e para. -Passar em silêncio tantas outras malícias, este ser, que não é um hárnem, mas ó próprio Satanaz sob a forma do homem e coberto com o capuz dum frade, [7]* reuniu em um lodaçal infeto todas as heresias as mais nocivas dos tempos passados, e ainda de conta própria• acrescentou novas ...

Temos, põis, despedido de diante de nossa face este Lutero, que todos os homens pios e sensatos têm por um doido . ou possesso do diabo; e queremos que, depois da expiração de seu salvo-conduto, também se recorra a meios eficazes para conter sua raiva furiosa.

Eis porque, sob pena de incorrer nos castigos de crimes de lesa-majestade, vos proibimos receber em casa o dito Lutero desde que tiver expirado o termo fatal, rcebê-lo, nutri-lo, matar-lhe a sede, e prestar-lhe por palavra ou por obra, pública ou• secretamente, socorro algum. Ordenamos-vos, além_ disso, que o agarreis ou façais agarrar em qualquer parte que o encontrardes, de no-lo trazer sem a menor demora, ou de retê-lo com .toda segurança, até que tenhais sabido de nós como deveis proceder a seu respeito, e que tenhais recebido as retribuições devidas a vosso trabalho por, obra tão santa.

Quanto a seus aderentes, os agarrareis, os derrubareis e confiscareis para vós os seus bens.

Quanto a seus escritos, se mesmo a melhor Comida torna-se o horror de todos os homens desde que existe nela uma gota de Veneno, quanto mais tais livros, nos quais se acha para a.• alma • um veneno mortal, devem ser, não so-mente repelidos, mas ainda . aniquilados! • Queimá-los-eis, Pois, ou os destruireis inteiramente de qualquer outro modo.

Quanto aos autores, poetas, impressores, pintores, vendedores ou. Compradores de cartazes, escritos ou pinturas contra o papa ou a igreja, agarrá-lo-eis em corpo e .bens, e fareis deles o que quiserdes.

E se alguém, qualquer que seja a sua dignidade,•ousar proceder em contrário aó decreto de nossa majestade im-perial, ordenamos que seja desterrado do império;

"Cada • um se comporte segundo este edito." [8]

Tal era o edito assinado na catedral de Worm. s. Era mais que uma bula de Roma, ciue, embora publicada na Itália, poderia não ser executada na Alemanha. O próprio imperador tinha falado, e a dieta tinha ratificado este decreto. Todos os partidários de Roma deram um grito de triunfo. "É o fim da tragédia!" eclamaram. "Quanto a mim," disse um espanhol da côrte de Carlos Alfonso Valdez, "persuado-me que não é o fim, mas o principio." [9]• Valdez compreendia que o movimento estava na igreja, no povo, no século, e que, embora Lutero caísse, a causa não cairia com ele. Mas ninguém dissimulava o perigo iminente, inevitável, em que se achava o próprio reformador; e a grande multidão dos supersticiosos sentia-se cheia de horror com o pensamento desse satanaz encarnado, coberto de um capuz de frade, que o imperador assinalava à nação.

O homem contra o qual os poderes da terra forjavam assim seus raios tinha saído da igreja dIsenac, e se preparava para separar-se de alguns de seus mais caros amigos. Não queria seguir o caminho de Gota e dErfurt, mas ir à aldeia de Mora, donde seu pai era originário, para ver ainda uma vez sua avó, que morreu quatro meses depois, e visitar seu tio Henrique Lutero e outros parentes. Schurf, Jonas e Suaven partiram para Witemberg; Lutero entrou no carro com Amsdorf, que ficou com ele, e entrou nas florestas da Thuringia. [10]

Chegou na mesma tarde à de seus pais. A pobre velha aldeã apertou em seus braços este neto que acabava de resistir ao imperador Carlos e ao papa. Leão. Lutero passou a manhã seguinte com sua família, feliz, depois do tumulto de Worms, por esta doce tranqüilidade. No outro dia de manhã pôs-se de novo a caminho, acompanhado dAmsdorf e de seu irmão Tiago. Era nestes lugares solitários que a sorte do reformador .ia se decidir. Eles abeiravam as matas da Thuringia, seguindo o caminho de Waltershausen. [11] O carro rodava em um desfiladeiro, perto da igreja abandonada de Glisbach, a alguma distância do castelo dAltenstein, quando um ruído súbito se fêz ouvir, e no mesmo instante cinco cavaleiros mascarados e armados dos pés à cabeça caem sobre os viajantes. O irmão Tiago, desde que avistou os assaltantes, saltou do carro e pôs-se a correr, sem pronunciar uma palavra. O cocheiro quis defender-se. Pára! lhe grita com uma voz tèrrível um dos desconhecidos, que se lança sobre ele e o atira ao chão. Outro homem mascarado agarra Arnsdorf e conserva-o afastado. Durante esse tempo, os outros três cavaleiros apoderam-se de Lutero, guardando profundo silêncio. TiramLno com violência do carro, põem-lhe sobre os ombros um manto de cavaleiro, e montam-no num cavalo que estava preparado. Então os outros dois desconhecidos abandonaram

Amsdorf e o cocheiro; todos cinco saltam na sela, o chapéu dum deles cai, mas eles nem se quer param para o levantar; e, num abrir e fechar de olhos desaparecem com o prisioneiro na sombria floresta. Tomam primeiramente o caminho de Broderode; mas logo voltam sobre seus passos por outro caminho; e sem sair do bosque, fazem em todos os sentidos voltas e viravoltas para iludir os que pudessem querer seguir-lhes a pista.

Lutero, pouco costumado a andar a cavalo, ficou em pouco tempo prostrado de fadiga.° Permitiram que apeasse por alguns instantes; ele repousou perto duma faia, e bebeu água fresca duma fonte que ainda se chama a fonte de Lutem. Seu irmão Tiago, fugindo sempre, chegou à tarde em Waltershausen. O cocheiro, aterrado, tinha saltado ao carro no qual tinha de novo entrado Arnsdorf, e tinha tocado os cavalos, que, afastando-se rapidamente desses lugares, conduziram o amigo de Lutero até Witemberg. Em Waltershausen, em Witemberg, nos campos, nas vilas, nas cidades intermediárias, por toda parte do caminho, espalhava-se .a notícia do rapto de Lutero; esta nova, que regozijava alguns, enchia a maior parte dos outros de admiração e indignação. Logo um grito de dor retiniu em toda a Alemanha: "Lutero caiu nas mãos de seus inimigos!" [12]

Depois do violento combate que Lutero, havia pouco, tinha sustentado, Deus quis conduzi-lo a um lugar de re-pouso e paz. Depois de tê-lo colocado no teatro brilhante

de Worms, onde todas as forças da alma do reformador tinham sido tão exaltadas, dava-lhe o retiro obscuro e humilhante duma prisão. Ele tira da obscuridade mais profunda os débeis instrumentos pelos quais propõe-se fazer . grandes coisas; e depois, quando os tem feito brilhar com grande resplendor sobre uma cena ilustre, reenvia-os à mais profunda obscuridade. A Reforma devia fazer-se doutra forma que não por lutas violentas ou pomposos comparecimentos. Não é assim que o fermento penetra na massa do povo; o Espírito de Deus quer caminhos ,mais tranqüi:- los. O. homem a quem perseguiam sempre desapiedadamente os campeões de Roma, devia desaparecer do mundo por algum tempo. Era preciso que essa, grande individualidade se eclipsasse, para que a revolução que se ia operar não trouxesse o cunho dum indivíduo. Era preciso- que o ho-mem desaparecesse para que Deus ficasse só, movendo-se por seu Espírito sobre o abismo, em que já se precipita-vam as trevas da idade média, e dizendo: "Faça-se a luz!" a fim de que a luz se fizesse.

Tendo em fim chegado a noite, e ninguém mais po- dendo seguir os vestígios dos guardas de Lutero, estes to- maram um novo caminho. Era perto de onze horas da noite quando chegaram ao pé duma montanha. [13]* Os cavalos su- biam-na lentamente. No alto estava um velho castelo, cer- cado de todos os lados, salvo aquele pelo qual se entrava, de bosques negros que cobrem as montanhas da Thuringia. Era para este castelo elevado e isolado, chamado Wart- burgo, onde se

abrigavam outrora os • antigos landgraves, que levaram Lutero. Os ferrolhos são puxados, as barras de ferro caem, as portas se abrem; o reformador transpõe o limiar; as portas tornam-se á fechar sobre ele.. Apeia-se num pátio. Um dos cavaleiros, Burkard de Hund, senhor dAltenstei.n, retira-se; outro, João de Berlepsch, castelão de Wartburgo, conduz o doutor ao quarto que deve ser sua prisão, e onde se acham depostos um vestuário de ca- valeiró e uma espada. Os outros três cavaleiros, que de- pendem do castelão, despem-lhe os hábitos eclesiásticos e o revestem com a vestimenta eqüestre que lhe tinham pre- parado. ordenando-lhe que deixe crescer a barba e o ca-belo, a fim de que, mesmo no castelo, ninguém possa saber quem ele é. A gente de Wartburgo não deve conhecer o prisioneiro senão sob o nome de cavaleiro Jorge. Lutero, sob o vesutário que lhe impuseram, mal se reconhece. Enfim deixam-no só, e seu espírito pode dirigir-se alternativamente sobre as cousas admiráveis que acabavam de passar-se em Worms, sobre o futuro incerto que o espera, e sobre sua nova e estranha morada. Das estreitas janelas de seu torreão, descobre as sombrias, solitárias e imensas florestas que o cercam. "Foi ai," diz o biógrafo e amigo de Lutero, Matesius, "que o doutor ficou corno S. Paulo em sua prisão de Roma."

Frederico de Tun, Filipe Feilitsch e Spalatino não ti-nham ocultado a Lutem, numa conversação intima em Worms segundo as ordens do eleitor, que sua liberdade de-via ser sacrificada à cólera de Carlos e do papa. ° Entre-tanto este rapto foi cercado de tanto mistério, que o próprio Frederico ignorou por muito tempo o lugar em que Lutem estava. O luto dos amigos da Reforma se prolongou. Passou-se a primavera; o estio, o outono, o inverno lhe sucederam, ❑ sol completou seu curso anual, e os muros de Wartburgo ainda encerravam o prisioneiro. A verdade foi ferida de interdito pela dieta; seu defensor, encerrado nos muros dum castelo forte, desapareceu da cena do mundo, e ninguém sabia o que Rira feito dele; Aleandro triunfava; a Reforma parecia perdida ... mas Deus reina, e o golpe que parecia dever aniquilar a causa do Evangelho não serviu senão para salvar seu corajoso ministro e para estender longe a luz da fé.

Deixemos Lutemo cativo na Alemanha, sobre as alturas da Wartburgo, e velamos o que Deus fazia então em outros países da cristandade. [14]

NOTAS DE RODAPÉ

[1] Lut. Opera Lat., 17, p. 589. Matesius, p. 28.

[2] * Lut. Epist., 1, p. 589.

[3] Lut Epitit.. 1. p. .592.

[4] Coehlocus. p.

[5] Lut. Epi;1., 2, p. 6.

[6] Palavicini, 1, p. 122.

[7] Ibid.

[8] Lut. OpeFa Lat.. 17, p. 598.

[9] Martyris Ep., p. 412.

[10] Lut. Epist., 2, p. 7.

[11] Palav.. 1. p. 122.

[12] Lut. Epist.. 2. p. 3.

[13] Lut. Epist., 2, p. 7.

[14] Serkerui. p. 365.

LIVRO VIII. OS SUEÇOS. (1484-1522)

CAPÍTULO I

Movimento na Suíça — Princípio da Reforma — Caráter democrático — Culto Estranho — Moralidade — O Tockenburgo — Uma cabana nos Alpes — Uma familia de Pastores.

.No momento em (fut. apareceum o decreto da dieta de Worms, um movimento sempre crescente começava a abalar os tranqüilos vales da Suíça. As vozes que se faziam ouvir nas planícies da alta e baixa Saxônia respondiam, do seio das montanhas helvéticas, as vozes enérgicas de seus padres, de seus pastores e dos habitantes de suas belicosas cidades. Os partidários de Roma, cheios de espanto, exclamavam que uma vasta e terrível conjuração formava-se por toda parte. na igreja contra a mesma igreja. Os amigos do Evangelho, cheios de alegria, diziam que, como na primavera o sópro da vida se faz sentir das margens do mar até ao cume dos montes, assim o Espírito de Deus derretia agora em toda a cristandade os gelos dum longo inverno. cobria de verdura e de flóreN liMis baixas planícies e os rochedos mais áridos e escarpados.

Não foi a Alemanha quem comunicou a lu. A verdade à Suíça, a Suíça à França, a França à Inglaterra: todos estrs países a receberam de Deus, da mesma sorte que não é uma parte do mundo que transmite a luz à outra, mas o mesmo globo brilhante que a comunica imediatamente a toda a terra. Infinitamente elevado acima dos homens. Cristo, o Luzeiro do céu, foi na época da Reforma, como na do estabelecimento do cristianismo, o fogo divino donde emanou. a vida do mundo, Uma só e a mesma doutrina estabeleceu-se de repente no século dezesseis, nos lares e lios templos dos povos os mais afastados e diversos; é que o mesmo Espírito esteve por toda parte, produzindo por toda parte a mesma fé.

A Reforma da Alemanha e da Suíça demonstram esta verdade. Zwingle não se comunicou com Lutero. Houve sem chivida um laço entre dois homens; mas é preciso procurá-lo 4n-ima da terra. Aquele que do céu deu a verdade a Lutero, deu-a a Zwingle. Eles comunicaram-se por Deus. "Comecei a pregar o Evangelho," disse Zwingle, "no anu da graça 1516, isto é, num tempo em que o nome de Lutero jamais tinha sido pronunciado em nossos países. Não foi de Lutero qu aprendi a doutrina de Cristo, foi da palavra de Deus. Se Lutero prega a Cristo, faz o mesmo que eu fziço; eis tudo." [1]

Mas se as diversas reformas tiraram do mesmo Espírito de que todas emanam, uma vasta unidade, receberam também certos traços particulares dos diversos povos no meio dos quais se efetuaram. já esboçamos u estado da Suíça na época da Reforma. Poucas palavras mais acrescentaremos ao que já ficou dito. Na Alemanha

o princípio monárquico dominava, na Suíça o princípio democrático. Na Alemanha a Reforma teve de lutar com a vontade dos príncipes, na Suíça com a vontade do povo. Uma assembléia de homens, mais facilmente arrastada que um só, toma também decisões pontuais.

A vitória sobre o papado do outro lado do Reno representou o trabalho de anos, mas deste lado do Reno não teve necessidade de aquém meses ou dias.

Na Alemanha, a pessoa de Lutero levanta-se majestosa no meio das populações saxônias; ele parece ser só a atacar o colosso romano: e por toda parte onde se trava o com-bate, descobrimos de longe no campo de batalhá sua alta estatura. Lutero é como o monarca da revolução que se opera. Na Suíça, trava-se a luta ao mesmo tempo em muitos cantões; há urna confederação de reformadores; seu número admira; uma cabeça se levanta sem dúvida acima das ou-tras, mas nenhuma comanda; é urna magistratura republi-cana, em que todos se apresentam com fisionomias originais e influências distintas. É. uma companhia notável: Witem-bach, Zwingle, Capito, Haler, Oecolampade, Oswald Mico-Mus, Leão Judas, Farei, Calvino: a cena é em Claris, em Basiléa, em Zurich, em Berne, em Neuchâtel, erri Genebra, em Lucerna, em Schafouse, em Appenzell, em S. Call, nos Crisons. Não há na Reforma da Alemanha senão urna cena. una e plana como o país. Mas na Suíça, a Reforma , divi-dida, como a própria Suíça o é por suas mil montanhas. Cada vale tem por assim dizer o seu despertar. e cada ponto dos Alpes, a sua luz_

Uma época lamentável tinha começado para os Suíços depois de suas façanhas contra os duques de Burgonha. A Europa, qu etinha aprendido a conhecer a força de seus braços, tinha-os tirado de suas Monarcas, e lhes arrebatado a independência, tornando-os dispensadores, nos campos de batalha, da sorte de seus estados. A mão dum suíço brandia a espada contra o peito de outro suíço nas planícies da Itália e da França, e a intriga dos estrangeiros enchia de discórdias e de inveja esses altos vales dos Alpes, por tanto tempo teatro da simplicidade e da paz. Atraídos pelo brilho do ouro, filhos, jornaleiros, criados deixavam às escondidas a cabana dos campos alpestres, para correr às bordas do Ródano ou do Pó. A unidade helvética tinha-se quebrado sob os passos lentos dos burros carregados de Ouro. A reforma, porque na Suíça ela teve também um lado político, propôs-se restabelecer a unidade e as virtudes antigas dos cantões. Seu primeiro grito foi para que os suíços rompessem as redes pérfidas dos estrangeiros, e se abraçassem em íntima união aos pés da cruz.

Mas sua generosa não foi ouvida. Roma, costumada a comprar nes-ses vales o sangue que derramava para aumentar seu po-der, levantou-se cheia de cólera. Excitou suíços contra suíços; novas paixões surgiram e dilaceraram o corpo da nação.

A Suíça tinha necessidade duma reforma. Havia, é verdade, entre os helvécios, uma simplicidade, uma bonomia, que os italianos refinados achavam ridícula; mas ao mesmo tempo eles passavam pelo povo que transgredia mais habitualmente as leis da castidade. Os astrólogos o atribuíam às constelações; os filósofos, à força do temperamento daqueles povos indomados; os moralistas, aos princípios doS suíços, que consideravam a astúcia, a falta de honestidade, a calúnia, como pecados muito mais graves que a impureza. O casamento era proibido aos padres, mas teria sido difícil achar um que vivesse num verdadeiro celibato. Pedia-se-lhes que se compotrassem, não castamente, mas guardando as aparências. Foi esta uma das primeiras desordens contra as quais se levantou a Reforma.

É tempo de traçar o princípio do dia novo nos vales dos Alpes.

Em meados do século XI, dois solitários foram de S. Gall para as montanhas que ficam ao sul deste antigo mos-teiro, e chegaram a um vale deesrto, de mais ou menos dez léguas de comprimento. [2]° Ao norte, as altas montanhas do Sentis, o Sommeringkopf e o Homem-velho, separam este vale do cantão dApenzel; ao sul, o Kuhfirsten com as suas sete cabeças levanta-se entre ela e o Walensée, Sargans e os Grisons; do lado do oriente, o vale se abre aos raios .do sol nascente e descobre o aspecto magnífico dos Alpes do Tirol. Os dois solitários, chegados perto da nascente dum riacho, o Tur, aí construíram duas celas. Pouco a pouco o vale se povoou; sobre a parte a mais elevada, a 2,010 pés acima do lago de Zurich, formou-se, em torno duma igreja, uma aldeia chamada Wildhaus ou a casa selvagem, da qual dependem agora dois lugares, Lisighaus ou casa de Isabel e Schoenenboden. Os frutos da terra já não se dão sobre estas alturas.

Um tapete verde da frescura alpina cobre todo o vale e eleva-se nas encostas das montanhas, acima das quais massas de enormes rochedo, leantam para o céu sua selvagem grandeza.

A um quarto de légua da igreja de Lisighaus, ao lado Juni caminho que conduz às pastagens além do rio, acha-se ainda hoje urna casa isolada. A tradição refere que a madeira necessária à sua construção foi outrora cortada nesse mesmo local. Tudo indica que foi construída em tempos remotos. As paredes são finas; as janelas tém pequenos vidros redondos; o teto é formado de taboinhas carregadas de pedras para impedir que o vento as leve. Diante. da casa nascia urna fonte límpida.

Nesta casa vivia, no fim do século XV, um homem cha-mado Swingli. amman ou bailio da comunidade. A família dos Zwingle ou Zwingli era antiga e muito estimada entre os habitantes delas montanhas. [3] Bartolomeu, irmão do bailio, primeiramente cura da paróquia e desde 1487 deão de Wesen, gozava no país de certa celebridade. -I- A mulher cio aman de Wildhaus, Margarida, cujo irmão, chamado João, foi mais tarde abade do convento de Fischingen em Turgovia, já lhe

tinha dado dois filhos, Henri e Klaus, quando no primeiro dia do ano de 1484, sete semanas depois do nascimento de Lutero, uni terceiro filho, que foi chamado Ulric, nasceu nessa solitária choupana. Mais cinco Filhos, João, Wolfgang, Bartolomeu, Tiago, André, e uma filha, Iria, vieram ainda enriquecer esta família alpestre. Ninguém no país era mais venerado que o amam Zwingle. [4]§ Seu caráter, seu emprego, seus numerosos filhos faziam dele o patriarca dessas montanhas. Ele era pastor, assim como seus filhos.

****Diss [5] Geschlacht der Zwinglinem, Jars in guter Achtung diesser Landen. ais eia gut alt ehrlich Geschlacht. H. Bullingers Hist. Bes-chreibung der Eidg. Geschichten. Esta preciosa obra não existia em 1837 serão em manuscrito; devo a comunicação à obsequiosidade do Serr. J. G. Heis. Amigos da história deram-lhe desde então publicidade. [6]*

Apenas os primeiros dias de maio vinham fazer desabrochar as montanhas. o pai e os filhos partiram; os pastores com seus rebanhos, subindo pouco a pouco de estação eiui estação, e chegando assim em fins de julho às sumidades mais elevadas dos Alpes. Então começavam a descer gradualmente para o vale, e todo o povo de Wildhaus entrava no outono em suas humildes cabanas. Às vezes, durante o estio, os moços que tinham ficado nas habitações, ávidos do ar das montanhas, partiam em bandos para os chalés, unindo suas vozes às melodias de seus instrumentos rústicos, porque todos eram músicos. Ao chegarem sobre os Alpes, os pastores os saudavam de longe com suas cornetas e seus cantos, depois lhes apresentavam uma refeição de laticínios; em seguida o bando alegre, depois de voltas e vira-voltas, tornava a descer para o vale ao som de seus instrumentos. Ulric em sua tenra idade, por certo que algumas vezes reuniu-se a esses folgazões. Cresceu ao pé desses rochedos que parecem eternos, e cujos cimos apon-tam para os céus. Muitas vezes tenho pensado," diz um de seus amigos, "que, aproximado do céu sobre estas sublimes alturas, ele contraiu alguma cousa de celeste e de divino.-[7]

Compridas eram as tardes, durante o inverno, nas ca-banas de Wildhaus. Então o jovem Ulrie ouvia perto do lar paterno as conversações do bailio e dos anciãos da comuna. Ouvia contar corno os habitantes do vale tinham gemido outrora sob um jugo demasiado pesado. Estremecia de alegria com os velhos, ao pensar na independéncia que o Tockenburgo tinha adquirido, e que a aliança com os Suíços lhe havia assegurado. O amor da pátria acendia-se em seu coração; a Suiça se lhe tornava cara, e se alguém pronunciasse uma palavra desfavorável aos confederados, o menino se levantava logo e defendia sua causa com calor. Muitas vezes viam-no assentado tranquilamente, nessas longas tardes, aos pés de sua pia avó; com os olhos fitos nela, ouvia as piedosas narrações. bíblicas, as devotas lendas, e as recebia com avidez em seu coração. [8]

NOTAS DE RODAPÉ

[1] Opera. curam. Schutero et Schulthessio, Turiei. 1839. vol. 1, p. 273 e 276. Torno p4s. R3-1.

[2] Wirz, Helvetischc Kirchen Gesehiehte, 3. p. 201. Flemmerlin, de ano jubikteo.

O Tockenhurgo.

[3] Schulers Zwinglis Bildungs Gcsch., p. 290.

[4] H. Bullingers Hist. Beschreibung der lidg. Geschichten.

[5] Quadragesimum octavum agimus. escreve Zwingle a Vadiano a 17 de setembro de 1531.

[6] Oswald Miconius. Vita Zwinglii.

[7] Oswald Miconiw, vita Zwinglii.

[8] Schulers Zw. BildungN Gesch.. p. 291,

CAPÍTULO II

Ulric em Wesen e em Basiléa Ulric em Berne — O convento dos Dominicanos — Jetzer — As aparições — Paixão dum Frade-leigo — Impostura — Descoberta e Castigo — Zwingle em Viena e Basiléia — A música em Basiléia — Witembach ensina o Evangelho — Leão Judas — O curato de Glaris.

O boxe amas regosijava-se das felizes disposições de seu filho. Compreendeu que Ulric poderia fazer mais que guardar suas vacas no monte Sentis, cantando as árias dos pastores. Um dia tomou-o pela mão e dirigiu-se com ele para Wesen. Atravessou as colinas verdejantes do Amon, e desceu os rochedos escarpados e selvagens que bordam o lago de Walenstadt; chegado ao povoado, entrou em casa de seu irmão, o deão, e confiou-lhe o jovem montanhês a fim de que examinasse as suas capacidades. [1]° O que principalmente o distinguia,,era um horror natural à mentira e grande amor à verdade. Ele próprio conta que um dia, quando começava a refletir, veio-lhe à cabeça que a mentira devia ser punida mais severamente que o próprio roubo; "porque," acrescenta, "a veracidade é a mãe de todas as virtudes." O deão em pouco tempo estimou o sobrinho tanto como a um filha; encantado da vivacidade de selo spírito, confiou sua instrução a um mestre-escola, que em pouco tempo lhe ensinou o que sabia. Aos dez anos, já se notavam no jovem Vlric os sinais dum espirito elevado. Seu pai e seu tio resolveram enviá-ilo a Basiléia. [2]

Quando o filho de To•kenhurgo chegou a esta celebridade, com a retidão, puresa e coração. que parecia ter bebido no ar puro das montanhas, mas que vinham de mais alto, um mundo novo abriu-se diante dele. O brilho do famoso concílio de Basiléia, a universidade que Pio II tinha fundado em. 1460 nesta cidade, as tipografias que aí ressuscitavam as obras primas da antiguidade e que derramavam no mundo os primeiros frutos do renascimento das letras, a residência de. homens distintos, dos Wessel,.dos Witernbach, e em particular—do príncipe dos sábios, do sol das escolas, de Erasmo, tornavam Basiléia, na época da He-forma, um dos grandes fócos de luz do Ocidente. [3]

Ulric entrou na escola de S. Teodoro. Um homem de coração afetuoso e de uma doçura rara naquela época, entre os instituidores, Gregório Binzli, ensinava lá. O jovem Zwingle fez rápidos progressos. As disputações sábias, da moda então entre os doutores das universidades, tinham descido até aos moços das escolas. Ulric tomou, parte nelas: exercitou suas forças nascentes contra os rapazes das outras instituições, e sempre ficou vencedor. Aquelas lutas eram um prelúdio das que deviam derrubar depois na Suiça o papado. Seus triunfos encheram de inveja seus rivais mais velhos do que ele. Logo a escola de Basiléia foi excedida por ele como o tinha sido a de Wesen.

Um sábio distinto, Lupulus, acabava de abrir em Berne a primeira escola sabia fundada na Suiça. O bailio de Wildhaus e o cura de Wesen resolveram mandár para lá seu filho: Zwingle deixou em 1497 as risonhas colinas de Basiléia e aproximou-se desses altos Alpes nos quais tinha passado sua infância, e cujos cimos nevosos dourados pelo brilho do sol ele descobria de Berne.

Lupulus, poeta distinto, introduziu seu discípulo no santuário das letras clássicas, retiro então desconhecido, cujo limiar tão somente tinha sido transposto por alguns. O jovem neófito com respirava com ardor uma atmosfera rica em perfumes da antiguidade. Seu espirito intelecto desenvolveu-se em tel estilo se formou. Ele tornou-se poeta.

Entre os conventos de Berne distinguia-se o dos do-minicanos. Esta ordem estava metida numa grande luta com os franciseanos. Os últimos sustentavam a conceição ima-culada da Virgein. que os outros negavam. Por toda parte para onde dirigiam seus passos. diante dos ricos altares que decoravam sua iti·reja, e entre as doze colunas que su-portavam suas abobádas, os dominicanos só pensavam em humilhar seus rivais. Notaram a bela voz de Zwingle: ou-viram falar de sua inteligência precoce, e pensando que ele poderia dar brilho à sua ordem, esforçaram-se por chamá!o a si, [4]* e convidaram-no a ficar no seu convento até a época em que pudesse fazer o seu noviciado. Todo o futuro de Zwingle estava ameaçado. O aman de Wildhaus tendo sabido dos engodos a que os dominicanos recorriam, tremeu pela inocência do filho, e ordenou-lhe logo que deixasse Berne. Zwingle escapou assiin a esses recintos monásticos nos quais se precipitou voluntáriamente Lutero. O que se passou mais tarde póde-nos fazer compreender a iminência do perigo que Swingle correu então.

Urna grande agitação reinava em 1507 na cidade de Berne. Um mancebo de Zurzach, chamado João Jetzer, ten-do-se apresentado um dia nesse mesmo convento dos do-minicanos, tinha sido repelido. O pobre moço, desolado, voltou à carga e, trazendo na mão cinquenta e três florins e algumas peças de sede: "E tudo o que possúo, disse ele. -tomai-o e recebei-ine em vosia ordem." Foi admitido, a 7 de janeiro, entre os irmãos leigos. Mas logo na primeiro noite, um barulho que fizeram em sua cela o encheu de terror. Fugiu para o convento dos cartuxos, donde foi reenviado para o dos dominicanos.

Na noite seguinte, véspera da festa de S. Matias, pro-fundos suspiros o acordaram; abriu os olhos e descobriu perto de sua cama um fantasma branco. Eu sou," disse uma voz sepulcral, "uma alma que escapou do fogo do purgatinio.- O irmão tremendo, respondeu: "Deus te salve; por mim, nada posso fazer". Então o espírito avançou para O pobre irmão e, agarrando-o pela garganta, exprobrou-lhe com indignação sua recusa. jetzer aterrado exclamou: "Que posso eu, pois, fazer

para te salvar?" –"Flagela-te durante oito dias até fazeres sangue. e fica prostrado com a face no chão na capela de S. João.- Assim rusponden o espirito, depois desapareceu. O irmão leigo conii(a] esta aparição a seu cor,- fessor. pregador do convento. e, por seu conselho. snbineteu-se a disciplina pedida. Logo espalhou-se por toda a cidade que lama alma tinha-se dirigido aos dominicanos para livrar-se do purgatório. Abandonaram os franeis•anos. e cada um correu para a igreja em que se via o santo homem prostrado com o rosto no chão.

A alma do purgatório tinha anunciado que tornaria a aparecer dentro em oito dias. Na noite fixada apareceu de fato, acompanhada de dois espíritos que atormentavam e davam horríveis gemidos. "S(..ot,- disse ela, "Scot, inventor da doutrina dos franciscanos sobre a conceição imaculada da Virgem, está entre os que sofrem comigo tão cruéis dores.- Com esta notícia. logo espalhada em Berne, us partidários dos franciscanos ficaram ainda mais espantados. Mas a alma desaparecendo tinha anunciado a visita da própria Virgem.

Com efeito, no dia indicado, o irmão admirado viu aparecer Maria em sua cela. Ele flãil podia crer em seus olhos. Ela aproximou-se com bondade. entregou-lhes três lágrimas de Jesus, tr•s gotas de seu sangue, um crucifixo e uma carta dirigida ao papa Julio Il. -que.- disse ela. "era o homem escolhido por Deus para abolir a festa de sua imaculada conceição.- Depois, apro-ximando-se ainda mais do leito em que o irmão estava deitado, ela•he anunciou com voz solene que uma grande graça ia ser-lhe feita, e furou-lhe a mão com um prego. O irmão leigo deu um grande grito; mas Maria envolveu-lhe a mão com um pano que seu Filho, disse ela, tinha trazido na ocasião da fuga para o Egito.

Esta ferida não bastava; para que a glória dos dominicanos igualasse a dos franciscanos, Jetzer devia ter as cinco chagas de Cristo e de S. Francisco nas mãos, nos pés e no lado. As outras quatro lhe foram feitas; depois, tendo-lhe dado uma beberagem, colocaram-no numa cela alcatifada de quadros que representavam a paixão cio Senhor, onde passou em jejum longos dias, e onde logo sua imaginação se exalem]. Então os frades foram autorizados a abrir de tempo em tempo, a portas desta sala, que vinha ent multidão contemplar com devota admiração o irmão das cinco chagas, estendendo os braços, in-clinando a cabeça, imitando por suas posições e seus gestos a crucificação do Senhor. Algumas vezes, fóra de si, ele espumava. parecia render o espírito. "Ele sofre a cruz de Cristo!" murmuravam em roda dele. A multidão, ávida de milagres, enchia sempre o convento. Homens dignos de grande estima, o próprio Lupulus, mestre de Zwingle, esta-vam amedrontados, e os dominicanos, do alto do púlpito, exaltavam a glória que Deus dava à sua ordem.

Esta ordem tinha sentido, de alguns anos, a necessidade de humilhar a dos franciscanos e de aumentar por milagres o respeito e a liberalidade do povo. Tinha-

se escolhido por teatro destas operações Berne, "cidade simples, rústica e ignorante," disse o sub-prior de Berne no cabido que se reuniu em Wimpfen sobre o Necker. O prior, o sub-prior, o pregador e o provedor do convento tinham-se encarregado dos principais papéis, mas não o souberam re-presentar até ao fim. Uma nova aparição de Maria tendo tido lugar, Jetzer julgou reconhecer a voz de seu confessor. e. tendo-o dito alto, Maria desapareceu. Ela se mostrou logo de novo para censurar o irmão incrédulo. "Desta vez é o prior!" exclamou Jetzer, avançando para ele com uma faca na mão. A santa jogou um prato de fôlha na cabeça do pobre irmão e desapareceu.

Consternados pela descoberta que Jetzer acabava de fazer os dominicanos procuravam desembaraçar-se dele pelo veneno. Ele desconfiou, e fugindo revelou a impostura deles. Fizeram bôa cara e mandaram deputados à Roma. O papa encarregou o seu legado na Suíça e os bispos de Lausana e de Sião de julgarem o caso. Os quatro dominicanos Foram convictos e condenados a ser queimados vivos, e, a primeiro de maio de 1509, foram consumidos pélas chamas em presença de mais de trinta mil espectadores. Este negócio retiniu em toda a Europa, e revelando uma das maiores chagas da igreja, preparou a Reforma, [5]° gie escapou. Ele tinha estudado as belas-letras em Berne: agora devia entregar-se à filosofia, e foi para este firo à Viena dAustria. Um mancebo de S. Gail, Joaquim Vadiaria cujo genio.prometia ã Suiça um sábio e um distinto homem de estado; Henrique Loreti, do cantão de Claris, comumente chamado Clarearia, e que parecia dever brilhar entre os poetas; um jovem Suabe, João Heigerlin, filho de um ferreiro e cliamadi.) por causa disso Faher, dum caráter Flexível, amador das honras e da glória e que anunciava todas as qualidades de um cortesão; tais (-rani na capital da Áustria os companheiros de estudos e de divertimentos de Ulric.

Zwingle voltou a Wildhaus cio 1502; mas ao ver de novo suas .montanhas, sentiu que tinha bebido na taça da ciência, e que já não podia viver no meio dos cantos de seus irmãos e dos balidos de seus rebanhos. Tinha dezoito anos; voltou, pois, a Basiléia para lá cursar de novo as letras; e lá, ao Mesmo tempo mestre e discípulo .na escola de S. Martin e estudava na universidade: pôde desde então dispensar os socorros de seu pai. Tomou, pouco tempo depois, o gráu de mestre em artes. Um Alsaciano chamado Capito, que tinha nove anos mais que ele, entrou no número de seus melhores amigos.

Zwingle entregou-se ao estudo da teologia escolástica; porque, chamado a combater um dia seus sofismas, devia explorar o obscuro labirinto. Mas via-se muitas vezes o alegre estudante das montanhas do Sentis sacudir de repente esse pó escolástico, e fazendo suceder os divertimentos a seus filosóficos trabalhos, pegar do alaúde ou da harpa, do violão ou da flauta, du saltério ou da corneta, tirando desses instrumentos sons alegres, corno no:, prados de Lisighaus, fazer retinir seu

quarto ou a casa de seus amigos com árias de sua pátria, e misturar-lhes os acentos de sua voz. Era para a música um verdadeiro filho do Tockenburgo, mestre entre todos. [6]° Tocava os instrumentos que temos mencionado e ainda outros. Cheio de entusiasmo por esta arte, espalhou o gosto na universidade; não que qualquer desejo nela a dissipaça, mas porque gostava de descansar assim seu espírito fatigado pelos estudos sérios e a por-se erra estado de voltar com novo e maior, zelo a difíceis trabalhos. Ninguém era de indole mais alegre, de caráter mais amável, de conversação mais atrativa. Era Imiti árvore vigorosa dos Alpes, desenvolvendo-se em toda a sua graça e toda a sua força, e que, não tendo ainda :ido pu. dada, deitava de todos os lados robustos ramos. Devia che-gar o momento em que estes ramos se voltassem com força Lara o céu.

Depois de- ter forçado a entrada da teologia escolástica, saiu dessas terras áridas, fatigado, desgostoso, não tendo eneuntrado senão idéias confusas, um palavrório sem fim, vanglória, barbaria, mas nem unia idéia sã de doutrina, "É tinia perda de tempo," disse ele; e esperava.

Em novembro de 1505 chegou a Basiléia Tomé Wi-tembach, filho de um burgomestre de Biene. Witembach tinha ensinado até então em Tubingia, lado de Reuehlin. Estava na força da idade, era sincero, pio, sábio nas artes liberais, nas matemáticas, no conhecimento das santas Escrituras. Zwingle e toda a mocidade acadêmica reuni-ram-se logo em turno dele. Urna vida desconhecida até então animava seus discursos, e palavras proféticas saiam de sua boca. -Não está longe o tempo," dizia ele, "em que a teologia escolástica seja abolida, e a antiga doutrina da igreja restaurada.- -A morte de Cristo," acrescentou ele, -é a ríeis reiuiissãu de nossas almas." O coração de Zwingle •t.cebia cum avidez estas sementes da vida. Era então a época can lit1(• os estudos clássicos começavam a sübstituir por toda parte .o eseolásticismo da idade média. [7]

. Entre os estudantes que seguiam com mais entusiasmo as lições do novo doutor achava-se um moço de vinte e tres anos, de pequena estatura, de aparència fraca e doentia, mas cujo olhar anunciava ao mesmo tempo a doçura e at intrepidez. Era Leão Judas, filho d'uma cura alsaciano, com um tio do qual tinha morrido em Rodes sob o estandarte dos cavaleiros teutónicos, pela defesa da cristandade. Leão tocava saltério e tinha mui bela voz. Muitas vezes era em seu quarto que se faziam ouvir os cãnticos alegres dos jovens amigos das artes. Leão judas tornou-se mais tarde . colega de Zwingle, e nern a morte pôde destruir tão santa amizade.

Vagou por esse tempo o lugar de pastor de Claris. jovem cortezão do papa, Henrique Coldli, palafreneiro dc Sua santidade, e já revestido de muitos benefícios, correu a Claris com uma carta de nomeação do pontífice. Mas os pastores glaronêses, orgulhosos da antigüidade de sua raça e de seus combates pela liberdade, não

estavam. dispostos a abaixar a cabeça diante dum pergaminho de Roma. Vil- dhaus não está longe de Claris, e Wesen, donde o tio de Zwingle era cura, e o lugar em que se reúne o mercado desse povo. A reputação do jovem mestre em artes de Ba- siléia tinha penetrado até essas montanhas. Os glaroneses o queriam ter por pastor. Eles o chamariam pois em 1506. Zwingle, consagrado em Constança pelo bispo, pregou o Net! primeiro sermão em Raperswyl, disse a sua primeira missa • em Wildhaus no dia de S. Miguel, em presença de todos - os seus parentes e amigos de sua família. e chegou no fim do ano em Claris para tornar posse cia paróquia.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] Mele. Aclarai. Vita Zwinglii. I). 25.

[2] Manuscrito de Builinger.

[3] Oswald Miconius. Vita

[4] Wirz, Helvetische Kirchen-Gesch.. 3. p. 387; Ansclms Chronik. 3 e 4. Nenhum acontecimento da época da Reforma fez nasccr tantas obras. Véde Hallers Biblioth. der Schw. Gesch., 3.

[5] -Peais oti homens a cujas :nãos o jovem Uiri• Zwii►•

[6] Wrysen. Oryirage zu• Rct. (1(.,N4..h.. p. 2.

Mele, Vita Zwinglii.

MiconiuN. Vita Zwinglii.

(■1.1alteruN •ig.. 3, P. 102.

[7] Heytr.. 2 p. 268.

itt. in prad. aia Ann. in N. 1.

CAPÍTULO III

Amor pela guerra — Schinner — Pensão do Papa — O labirinto — Zwinglio na Itália — Princípio da reforma — Zwinglio e Lutero — Zwinglio e Erasmo — Zwinglio e os anciãos — Paris e Glaris..

Zwingle aplicou-se logo com zèlo aos deveres que lhe impunha a sua vasta paróquia. Entretanto tinha apenas vinte e dois anos, e muitas vezes se deixava arrastar pela dis-sipação e idéias frouxas de seu século. Padre de Roma, foi o litu• eram então em torno dele os outros padres. Nfit,sinci, porém, nesse tempo em que a doutrina evangélica ainda não tinha mudado seu coração, Zwingle jamais deu desses escándalos que afligiam muitas vezes a igreja, [1]* e sentiu vivamente a necessidade de submeter suas paixões à regra santa do Evangelho,

O amor da guerra inflamava então os tran(iiiilos vales ele ClariN. Aí havia famílias de heróis, os Tschudi, os Wala, os O•bli, t_ujo sangue tinha corrido sobre os campos de batalha. Os velhos v,ueric-irus cont;v,·tin a uma mocidade .ávida destas narrações, as ::sie rras de)1- got t 1 lu e de &lábia, os •ombute,.; de $. Tiago e de Raga7.. Mas, infelizmente, já não era irr.ti contra os inimigos de ,;iia liberdade que estes pas-

Oçw. Nliconiu%. Visa Zwinglii.

temes belicosos tomavam as armas. À ■•oz dos reis de França, dos imperadores, dos duques de Milão, ou mesmo do santo padre. desciam dos Alpes como uma avalanche, e choca :U com o estridor do raio contra as tropas formadas na planície.

Um pobre inoc,•o chamado Mateus Schiner, que freqüentava a escola de Sião ell1 Vaiais (era em meados da segunda metade do século XV), cantando um dia diante das casas, corno lei um pouco mais tarde o jovem Marti-libo !Altero, ouviu-se chamar po rum velho. Este, admirado da liberdade com que o menino respondia a suas perguntas, disse-11)e com aquele tom profético que o homem, segundo dizem, tem às vezes quando está perto do túmulo: Tu serás bispo e príncipe. Esta palavra impressionou o jovem mendigo, e desde esse momento uma ambição desmarcada apoderou-se de seu coração.

Em Zurich, em Cóme, fez progressos que admiraram seus mestres. Tornou-se cura duma pequena paróquia de Vaiais, elevou-se rapidamente e, enviado mais tarde à Roma para pedir ao papa a confirmação dum bispo de Sião que se acabava de eleger, obteve para si este bispado e cingiu a mitra episcopal. Este homem ambicioso e astucioso, muitas vezes nobre e generoso, •nunca encarou uma dignidade senão como um degrau destinado a fazê-lo chegar a outro ainda mais alto. Tendo mandado oferecer seus serviços a Luiz XII, fixando o preço: "É demais para um homem," disse o rei. "Mostrar-lhe-ei," respondeu o bispo de Sião irritado, "que eu

sou um homem que vale muitos." Com efeito, voltou-se para o papa Júlio 11, que o acolheu com alegria; e Schiner con-seguiu, em 1510, ligar a confederação suíça inteira à política deste ambicioso pontífice. O bispo, tendo recebido em recompensa o chapéu de cardeal, sorriu vendo que não restava mais que um degrau entre ele e o trono dos papas.

As vistas de Schiner dirigiam-se sempre para os cantões da Suíça, e logo que descobria lá algum homem influente, apressava-se por chamá-lo a si. O pastor de Claris fixou sua atenção, e logo Zwingle soube •que o papa lhe concedia uma pensão anual de cinqüenta florins, para animá-lo na cultura das letras. Sua pobreza não lhe permitia comprar livros; este dinheiro, durante o pouco tempo em que Ulric o recebeu, foi inteiramente consagrado à aquisição de obras clássicas ou teológicas. que mandava vir de Basiléia.[2]° Zwingle ligou-se desde então com o cardeal e entrou para o partido romano. Sehiner e Júlio 11 deixaram em fim aparecer o fim de suas intrigas; oito mil Suíços, que a doqiièneia do cardeal bispo tinha retinido, passaram os Alpes; mas a fome, as armas e o dinheiro dos franceses Os fizeram voltar sem glória para suas montanhas. Trouxeram consigo as conseqüências habituais das guerras estrangeiras: a desconfiança, a libertinagem, o espírito de partido, as violências e as desordens de todos os gêneros. Os cidadãos recusavam obedecer aos magistrados: os filhos tios pais; desprezava-se a agricultura e o cuidado dos rebanhos; via-se aumentar-se ao mesmo tempo o luxo e a mendicidade; os laços os mais sagrados quebravam-se, e a confederação parecia prestes a dissolver-se.

Então se abriram os olhos e inflamou-se a indignação do jovem cura de Claris. Sua forte voz se .elevou para assinalar ao povo o abismo em que ia precipitar-se. Foi no ano 1510 que publicou seu poema intitulado "o Labirinto" [3]. Nas voltas deste jardim misterioso, Minos ocultou o Minotauro, esse monstro meio homem, meio touro, que se nutriu com a carne dos jovens atenienses. O Minotauro é, diz Zwingle, "os pecados, os vícios, a irreligião, o serviço estrangeiro dos Suíços, que devoram os filhos da nação."

Um homem corajoso, Teseo, quer livrar sua pátria; mas obstáculos numerosos o detêm, primeiramente um leão com com um só olho: é a Espanha e Aragão; depois uma águia coroada, cuja garganta se entre-abre para o engulir: é o império; depois um galo, cuja crista se indireita e que parece provocar ao combate: é a França. O herói vence todos estes obstáculos, chega até ao monstro, mata-o e salva [4]•a pátria.

"Do mesmo modo," exclama o poeta, os homens va-gam agora no labirinto; mas não tendo fio, não podem tornar a ganhar a luz. Já não se acha em parte alguma a imitação de Jesus Cristo. Um poupo de glória nos faz arriscar vida, atormentar o

próximo, correr às disputas, às guer-ras, aos combates ... Dir-se-ia que fúrias têm-se escapado nos abismos do inft.ruo.

Era preciso um Pesco, um reformador. Zwingle o compreendeu e, desde então, pressentiU sua missão. Pouco de-pois compôs outra alegoria dum sentido ainda mais claro.

Em abril de 1512, os confederados levantaram-se de novo à voz cio cardeal, para a libertação da igreja. Clari, 1 fitava na primeira linha. A comuna inteira estava empenhada na campanha, reunida em torno de sua bandeira, com seu bailio e seu pastor. Zwingle teve de marchar. O exército passou os Alpes e o cardeal apareceu no meio dos confederados, adornado com os presentes do pontífice, um chapéu ducal ornado de pérolas e de ouro, e guarnecido dum Espírito Santo representado sob a forma duma pomba. Os Suíços escalavam as muralhas das fortalezas e das cidades e passavam em presença dos inimigos os rios a nado, sem roupa e com a lança na mão; os franceses fugiam por toda parte; os sinos retiniam e as trombetas soavam; as populações corriam de todas as partes; os nobres mandavam trazer para o exército vinho e frutas em abundância: os frades e os padres subiam aos púlpitos, e publicavam que os confederados eram o povo de Deus, que vingava de seus inimigos a Esposa do Senhor; e o papa, profeta, como ou-trora •Caifás, dava aos confederados o titulo de "defensores da liberdade da igreja." [5]*

Esta estada na Itália não ficou sem efeito para Zwingle, quanto a sua vocação de reformador. Foi de volta desta campanha que começou a estudar grego, "a fim de poder beber nas próprias fontes da verdade a doutrina de Jesus Cristo. Estou resolvido a aplicar-me de tal sorte ao grego," escrevia ele a Vadiano, a 23 de fevereiro de 1513, "que ninguém poderá. me desviar disso a não ser Deus: eu o faço, não por glória, mas por amor das santas letras." Mais tarde, um bom padre, que tinha sido seu camarada de escola, tendo vindo vé-lo, lhe disse: "Mestre Ulrie, asseguram-me que caís no novo erro, que sois luterano." "Eu não sou 1>3terano,- disse Zwingle, "porque soube o grego antes de ter ouvido o nome de [Altero:4 Saber grego, estudar o

Evagelho tia tingiu, segundo Zwingle„1

Zwingle fez mais que reconhecer tão cedo o grande princípio do cristianismo evangélico, a autoridade inhdí_ v21 da santa Escritura. Compreendeu demais como se devia determinar o sentido da Palavra divina. "Tem uma idéia bem pouco elevaria do Evangelho," disse ele, aqueles que consideram como frívolo, vão e injusto, aquilo que eles julgam não estar de acordo com sua razão. aNão é p•rmitido aos homens diklwar como lhes apraz o Evangelho sua própria razão e a sua pr()pria interpretação. [6] levantou os olhos para o eéu, disse o seu melhor amigo, "não querendo wr outro intérprete que não fosse o Espírito Santo." °

Tal foi, desde o princípio de sua carreira, o homem que alguns não hesitam representar conto havendo querido submeter a Bíblia à razão humana. "A filosofia e a teologia," dizia tle, "não cessavam de me suscitar objeões. Então cheguei em fim a dizer-me: É preciso deixar de lado todas estas causas, e procurar o pensamento de Deus unicamente em sua própria palavra. "Comecei," continúa ele, "a suplicar instantemente ao Senhor que me désse luz, e posto que eu não lesse senão a Escritura, ela tornou-se para mim muito mais clara que se eu tivesse lido muitos comentadores:" Ele comparava as Escrituras com as próprias Escrituras; explicava as passagens obscuras pelas passagens mais claras. [7]§ Em pouco tempo conheceu a fundo a Bíblia, e principalmente o Novo Testamento. I I Quando Zwingle voltou-se assim para a Santa Escritura, a Suíça deu o primeiro passo para a Reforma. Por isso quando ele explicava as Escrituras, todos sentiam que o seu ensino vinha de Deus e não dum .homem. a"Obra toda divina!" exclamava Oswald Miconius", "é asismque nos foi dado o co-nhecimento da celeste verdade!"

Osw. Mconius, Vita Zwirklii.

Il Manuscrito de Bullingcr.

Ogw. Myconhis. Vita

No entanto Zwingle não desprezou as vxplicayoes doutores mais célebres: estudou mais tarde Orígenes. Am-brósia Jertnimo„kgostinho, Crisóstomo, mas não como UH-toridades. "Eu estudo os doutores," disse ele, "com o mes-mo fim com que se pergunta a um amigo: Como entendes isto?" Segundo ele, a Escritura santa era a pedra de toque com que deviam ser provados mesmo os melhores doutores. [8]

A marcha de Zwingle foi lenta, mas progressiva. Não chegou à verdade como Lutem, por aquelas tempestades que obrigaram a alma a procurar a toda a pressa uma rekigio; chegou pela influência tranqüila da Escritura, cujo puder cresce pouco e pouco nos corações. Lidero chegou ao porto desejado através das tempestades do vasto mar: Zwingle, deixando-se levar pelas águas do rio. São os dois principais caminhos pelos quilis Deus conduz os homens. Zwingle não foi convertido plenamente Deus e a seu Evangelho senão nos primeiros tempos de sua residência em Zurich; entretanto, o momento em pie cio 1.514 ou 1515, este homem forte dobrou o joelho diante de Deus, para lhe pedir que lhe fizesse compreender sua palavra, foi o em que começaram os primeiros lampejos do belo dia que brilhou mais tarde.

Foi nesta época que uma poesia de Erasmo, na qual ele introduzia Jesus Cristo dirigindo-se ao homem que perece por sua própria culpa, fez sobre Zwingle uma impressão poderosa. Só em seu gabinete, repetia este pedaço em que Jesus se queixava de que não se procurasse toda graça junto dele, posto que ele fosse a fonte

de tudo o que é bom. "Tudo!" diz Zwingle, "tudo!" E esta palavra está sempre presente ao seu espirito. Há, pois, criatura, santos, aos quais devamos pedir socorro? [9]•Não, Cristo é u nosso único tesouro.-

Zwingle não se limitava a ler escritos cristãos. Um dos traços que caracterizam os reformadores do século XVI ,é o estudo profundo dos autores gregos e romanos. As poe- sias de Hesiodo, de Homero, de Píndaro, arrebatavam Zwingle, e ele nos deixou comentários ou característicos destes dois últimos poetas. Parecia-lhe que Píndaro falava de seus deuses de um modo tão sublime, que devia ter havido nele um pressentimento do verdadeiro Deus. Estudou a fundo Cícero e Demóstenes, que lhe ensinavam não só as artes do orador como os deveres do cidadão. Ele chamava Séneca um santo homem. O filho das montanhas da Suíça, também gostava de se iniciar nos mistérios da natureza nos escritos de Plínio. Tucídides, Salústio, Tito-Lívio, Cesar, Suetônio, Plutarco, Tácito, lhe ensinavam a conhecer o inundo. Exprobraram-lhe seu entusiasmo pelos grandes homens da antigüidade, e é verdade que algumas de suas palavras sobre este assunto não podem ser justificadas. Mas se ele os honrou tanto, é porque julgava ver neles, não virtudes humanas, mas a influência do Espirito Santo. [10] A ação de Deus, longe de se encerrar, nos tempos antigos, nos limites da Palestina, se extendia, segundó ele, ao mundo universal. "Platão," dizia ele, "também bebeu na fonte divina. E se os dois Catão, se Camilo, se Scipião não ti-vessem sido verdadeiramente religiosos, teriam sido tão magnânimos?"

Zwingle espalhava em roda de si o amor das letras. Muitos moços de distinção formavam-se em sua escola: Tendes-me oferecido não somente livros, mas a vós mesmo," lhe escrevia Valentim Tschudi, filho dum dos heróis da guerras de Borgonha: e este moço, que então já tinha estudado em Viena e em Basiléia com os mais célebres doutores, acrescentava: "Nunca encontrei quem explicasse os autores clássicos com tanta justeza e profundeza como vós." -17 Tschudi foi a Paris e então pôde comparar o espírito que reinava nessa universidade com o que tinha achado no estreito vale dos Alpes que dominam as sumidades gigantescas e as neves eternas do Dodi, clo Clarnisch, do Vigis e do Freyberg.

"Em que ninharias se educa a mocidade francesa!" disse ele. "Nenhum veneno iguala à arte sofística que se lhe ensina. Esta arte embota os sentidos, [11] tira o juízo, torna o homem semelhante ao bruto. O homem já não é então mais de um éco, um mero som. Dez mulheres não poderiam resistir a um só desses retóricos. [12]§ Até em suas orações, estou certo, apresentam a Deus seus sofismas, e pretendem, por seus silogismos, obrigar o Espirito Santo a ouvi-los. Tais eram então Paris e Claris, a metrópole intelectual da cristandade, e uma aldeia de pas-tores dos Alpes. Um lampejo da palavra de Deus ilumina mais que toda a sabedoria humana.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] Vise. de Bulling,er.

[2] Op. (edit. Schuler et Selluilhe..,), 2. secunda parte. p. 250.

[3] Ibid., 257.

[4] De Gestis inter Gaitas et Helvetios. relatio H. Zwinulii.

[5] Zw. Op., I, p. 274. em seu Explan. Artic.. que é de)523. § Saint. Chronik.

[6] Zw. Op.. 1. p. 202.

[7]- Ibid., 215.

[8] Ibid. Zw. Op. Op. I, p. 298. Zwingle disse, em 1523, que leu esta poesia de Erasmo oito ou nove anos antes.

[9] CEeol. e b.v. Ep.. p. 9, --7 293

[10] o, Ibid.

[11] Zw. Ep.. p.

[12] Ibid.. p. 45.

CAPÍTULO IV

Zwingle e Erasmo — Ostoald Nficouius O bandidos — CEcolampade — :ZwingIe em Marignan Zwingle e a — Método de Zwingle — Principio da Reforma — Descyberta — Passagem dum Ilidtlia0 a outro.

Um grande homem. daquele século, Erasmo. exercia muita influência sobre Zwingle. Não aparecia uni só de seus escritos sem que Zwingle o procurasse logo. Em 1514, Erasmo chegou a Basiléia, onde o bispo o recebeu com demonstrações de alta estima. Todos os amigos das letras gruparam-se logo em torno dele. Mas o rei das escolas tinha fadlinente discernido aquele que devia ser a glória da Suiça. "Felicito a nação helvética," escreveu ele a Zwingle, "por trabalhordes, i)os vossos estudos e por vossos costumes igualmente excelentês, em poli-la e enobrecê-la. "Zwingle ardia em desejo de vè-lo. "Espanhois e gauleses foram à Roma para ver Tito-Livio," dizia ele. Parte; chega à Basiléia: encontra um homem de mais ou menos quarenta anos, de pequena estatura, de corpo franzino, de aparência delicada. mas cheio de amabilidade e de graça. [1] . Era Erasmo. O agrado de sua pessoa dissipa a timidez de Zwingie; o poder

Esquinio. quando cada um dos diseiptilw; de Sócrates oferecia Mn presente a seu mestre, etr te dou o que Escininio deu... me dou a mim inesmor [2]*

Entri• OS iOnl•ns de letras formavani a corte de Erasmu Amei-bac:h. Benan. Frobenio, Nesse, Glareatio. e Outros Zwingle notou um jovem lucernense de vinte e sete anos, chamado Oswald Ceisshüssler. Erasmo, helenizando .seu nome, tinha-o chamado Micônius. Designá-lo-emos muitas vezes pelo próprio nome, para distinguir o amigo de Zwingle de Frederico Mieúnius, discípulo de Lutem. Oswald, depois de haver estudado cm Rotliwvl com um mancebo de sua idade, chamado Bcrtokl lia ler, depois em Berne, depois em Basiléia, tinha-se tornado nesta última cidade reitor da escola de S. Teodoro, e depois da de S. Pedro. O humilde mestre-escola apenas ti 1

uma in-significante renda; entretanto tinha-se casado coai moça duma simplicidade e pureza dalma que cativai/uni bico, os corações. Já ternos visto que era esse então na Suiça trai tempo de perturbação, em que as guerras estrangeiras sus-citavam violentas desordens, e em que os soldados, voltando à pátria, traziam a libertinagem e a brutalidade. Lim dia de inverno, sombrio e nebuloso, alguns destes homens grosseiros atacaram, na auséneia de Oswald, sua tranquila morada. Bateram na porta, jogaram pedras, chamaram com expressões desonestas sua modesta espôsa; enfim arrombaram as janelas e tendo penetrado na escola e quebrado o. que ai se achava, retiraram-se. Pouco depois chegou ,Oswald. Seu filho, o pequeno Felix, corre a seu encontro dando gritos, e sua mulher, não podendo falar, dá sinais do maior terror. Ele compreende o que acontecera. No mesmo instante um

rumor se faz ouvir na rua. Fira de si, o mestre-escola pega numa arma e persegue os bandidos até ao cemitério. Eles refugiam-se lã, prontos a defender-se: três deles lançam-se sobre Micônius, ferem-no, e, enquanto se pensava a ferida, aqueles miseráveis invadem de novo sua çasa dando gritos furiosos. Oswald não diz mais. Eis o que se passava nas cidades da Suíça no princípio do século XVI. e antes que a Reforma tivesse adoçado e disciplinado os costumes. ra.;rni cum annot. Miconii. rvtidiu de Oswzild sua sede de <•i:•u•ia e de virtude, o aproximaram de Zwingle. O reitor da escola de Basiléia reconheceu tudo o que havia de grande no cura de Claris. Cheio de humildade, subtraia-se aos elogios que lhe faziam Zwingle e Erasmo. "Vós, mestre-escolas," dizia muitas vezes este, "eu vos estimo tanto como aos reis."

Mas o modesto Micónius não pensava assim. "Mal eu rastejo no chão," dizia ele. "Houve em mim desde a infância não sei o que de humilde e de pequeno."

Um pregador, chegando à Basiléia quase ao mesmo tempo que Zwingle, atraía então a atenção. De um caráter doce e pacífico, gostava de uma vida tranquila; lento e cir-cunspecto nos negócios, gostava especialmente de trabalhar em seu gabinete e de fazer reinar a concórdia entre os cristãos. [3]° Chamava-se João Hausschein, em grego OEcolampade, isto é "luz da casa," e tinha nascido em Francónia, de pais ricos, um ano antes de Zwingle. Sua pia mãe desejava consagrar às letras e a Deus o único filho que Deus lhe tinha deixado, O pai dedicou-o primeiramente ao comércio, depois à jurisprudência. Mas como OEcolampade estava de volta de Bolonha, onde tinha estudado o direito,o Senhor, que queria fazer dele uma lâmpada na igreja, [4]§ o chamou ao estudo da teologia. Ele pregava em sua cidade natal, quando Capito, que o tinha conhecido em Hei-delberg, o fez nomear pregador em Basiléia. Aí ele anunciou Cristo com uma eloqüência que encheu de admiração os ouvintes. ° Erasmo o admitiu em sua intimidade.. OEco-lampade extasiava-se nas horas que passava na sociedade desde grande gênio. Não há senão uma coisa," lhe dizia o príncipe das letras, que é preciso procurar nas Santas Es-crituras, é Jesus Cristo. Deu ao jovem pregador, em lem-brança de sua amizade, o princípio do Evangelho segundo S. João. OEcolainpade beijava muitas vezes este penhor duma tão preciosa afeição, e tinha-o suspenso ao seu cru-cifixo, "afim,- dizia ele. "de inc lembrar sempre de Erasmo em minhas orações."

Zwingle voltou zi suas montanhas, eow o espírito e o coração cheios do que tinha visto e ouvido em Basiléia. "Eu não poderia dormir,- escrevia ele a Erasmo pouco depois de sua volta, "se não me tivesse entretido um pouco convosco. Não há nada de que tanto me orgulhe como de ter visto Erasmo. Zwingle recebera uma nova impulsão. Tais visitas exercem muitas vezes grande influência sobre a carreira do cristão. Os discípulos de Zwingle, Valentim, Just, Luiz Pedro e Egídio Tschudi; seus amigos, o bailio AEbli, o cura Binzli de Wesen, Fridolino Bruner, e o célebre professor Glareano, o viam com admiração crescer em sabedoria e em

conhecimentos. Os velhos honravam nele um corajoso servidor da pátria; os pastores fiéis um zeloso ministro do Senhor. Nada se fazia no país sem que ouvissem o seu parecer. Toda a gente de bem esperava que a antiga virtude dos suíços seria um dia restabelecida por ele. [5]°

Francisco 1, subindo ao trono quis vingar na Itália a honra do nome francês e o papa, aterrado, procurou ganhar os canhões. Ulric tornou a ver assim, em 1515, os campos da Itália, no meio das falanges de seus concidadãos. Mas a divisão que as intrigas dos franceses trouxe ao exército confederado magoou seu coração. Viam-no muitas vezes no meio do campo repreender em discurso e com energia, e ao mesmo tempo com grande sabedoria, um auditório armado dos pés à cabeça, e pronto para o combate. A 8 de setembro, cinco dias antes da batalha de Maringnan, pregou na praça pública de Monza, onde os soldados suí-ços, fiéis a suas bandeiras, estavam reunidos. "Se tivessem então seguido os conselhos de Zwingle," disse Werner Steiner de Zug, "quantos males teriam sido poupados a nossa pátria!" Mas os ouvidos estrtvain fechados às palavras de concórdia; de prudência e de submissão. A veemente eloqüência do cardeal Schiner eletrizava os confederados, e fazia-os cair com impetuosidade sobre os campos funestos de Murignan. A flor da mocidade helvética aí sucumbia. Zwingle, que não tinha podido impedir tantos cle,;:kidr,..

Osw Miconiw, Vila Zwinglii. Manuser;io nullinger. ihid.

precipitava-se, pela causa de Roma, no seio do.; p‹.,-igos. Sua mão brandia a espada. Triste erro de Zwingli

dc Cristo, esqueceu mais de uma vez que não devia combater senão com as armas do Espírito, e teve <k ver cumprir-se na sua pessoa, duma maneira notável, esta pro-fecia do Senhor: "Aquele que tomar a espada morrer:k pela espada." S. Mat.. 16:62.

Zwingle e seus suíços não tinham podido salvar Roma. O embaixador de Veneza foi u primeiro que soube, na cidade dos pontífices a derrota de Marignan. Alegre, foi muito cedo ao Vaticano; o papa saiu meio vestido de seus aposentos para dar-lhe audiência. Leão X, sabendo da noticia. não ocultou seu terror. Nesse momento de grande espanto, não viu senão Francisco 1, não esperou senão nele: "Senhor embaixador," disse tremendo -a Zorsi, "é preciso lançar-nos nos braços do rei e pedir misericórdia!" Lutero e Zwingle, em seu perigo, conheciam outro braço e invocavam outra misericórdia. [6]*

Esta segunda estada na Itália não foi inútil a Zwingle. Notou as diferenças entre o ritual ambrosiano, usado em Milão, e o de Roma. Reuniu e comparou entre si os mais antigos cânones da missa. Assim seu espírito de examt, achou de que se ocupar, mesmo no meio do tumulto dos campos. Ao mesmo tempo a vista dos filhos de sua

pátria, levados além dos Alpes e entregues à carnificina como gado. encheu-o de indignação. "A carne dos confederados, dizia-se, "é mais barata que a de seus bois e vitelas. A deslealdade e a ambição do papa a avareza e a ignorância dos padres, a licenciosidade e a dissipação dos frades, o orgulho e o luxo dos prelados, a corrupção e venalidade, que de todos os lados apoderavam-se dos suíços, todos estes males, dando mais que nunca em sua vista, fizeram-lhe sentir mais vivamente ainda a necessidade duma reforma na igreja.

Zwingle pregou desde então mais claramente a palavra de Deus. Explicava os fragmentos dos evangelhos e epistolas escolhidos para o culto, comparando sempre a Es-

Zorsi Rclatione, risse.

-; Bellissimo pulador (Leão X) prometca assa ma non atenden. Rciatione rnsc di Gradenig. venuto orator tli Roma.

(-ri t tira com a Escritura. Falava com animação e força,

e seguia com seus ouvintes o mesmo método que Deus seguia com ele. Não proclamava, como Lutero, as mazelas da igreja; mas à medida que o estudo da Bíblia lhe manifestava algum ensino ótii, comunicava-o às ovelhas. Procurava fazer-lhes receber a verdade rio coração, e então confiava nela para produzir efeito.° Se compreenderem a verdade,- pensava ele, "distinguirão o que é falso." Esta máxima é boa para os princípios duma reforma; mas chega um temo em que, com voz corajosa, é preciso assinalar o erro. É o que Zwingle sabia muito bem. "A primavera," dizia, "é o tempo de semear." Era então para ele a primavera.

Zwingle indicou esse teMpo (1516) como o princípio da reforma suíça. Com efeito, se quatro anos antes ele tinha inclinado a cabeça sobre ❑ livro de Deus, levantou-a então

e voltou-se para o seu povo, para lhe dar parte da luz que nesse livro tinha encontrado. É urna época nova e impor-tante na história do desenvolvimento da revolução religiosa destes países; mas é um erro concluir destas datas que a reforma de Zwingle precedeu a de Lutero. Talvez que Zwingle pregasse o Evangelho um ano antes das teses de Lutero, mas Lutero mesmo o pregou quatro anos antes das famosas proposições. [7]§ Se Lutero e Zwingle se tivessem limitado a simples pregações, a Reforma não teria invadido tão profundamente a igreja. Lutero e Zwingle não eram nem o primeiro frade, nem o primeiro padre que pregavam uma doutrina mais pura que a dos escolásticos. Mas Lutero foi

o primeiro a levantar publicamente e com coragem indo-mável o estandarte da verdade contra o império do erro, a chamar a atenção geral sobre a doutrina

fundamental do Evangelho, a salvação pela graça; a introduzir seu século nessa carreira nova de ciência, de fé e de vida, da qual saiu um novo mundo; numa palavra, a começar uma salutar e verdadeira revolução.[8] A grande luta de que as teses de 1517 foram sinal, gerou verdadeiramente a Reforma no mundo, dett-lhe ao meNillo tempo urna al111:1 e um corpo. Lutem foi o primeiro reformador.

Um espírito de exame começava a sopr.lr sobre as Mo»-Linhas da Suíça. Um dia, o cura de Claris achando-s• no risonho país de Molis, em casa de Adão, cura do lugar, com Bunzli, cura de Wesen, e Varschon, cura de Kerensen, descubrirain uma velha liturgia, em que leram: "Depois de batisar o menino, dè-se-lhe o sacramento da eucaristia e o copo do sangue." [9]° "Logo," disse Zwingle, "a ceia administrava-se então em nossas igrejas sob as duas espécieis." Esta liturgia tinha pelo menos duzentos anos. Era urna grande descoberta para esses padres dos Alpes.

A derrota de Marignan dava seus frutos nos mais re-motos cantões. Francisco .1, vencedor, prodigalizava ouro e lisonjas para ganhar os. confederados, e o imperador os adjurava por sua honra, pelas lágrimas das viúvas e dos c}ilãos, e pelo sangue de seus irmãos, que não se vendessem a seus assassinos. O partido francês prevaleceu em Claris, e desde então esta morada tornou-se insuportável para

Zwingle em Claris, talvez tivesse ficado um homem de seu século. As intrigas dos partidos, as preocupações políticas, o império, a França, o duque de Milão, teriam quase que absorvido sua vida. Deus nunca deixa no meio do tumulto do mundo, aos que quer preparar. Separa-os: coloca-os num retiro, onde se acham diante dé Deus e de si mesmos e recebem inesgotáveis lições. O próprio Filho de Deus, tipo nisto dos caminhos que impõe a seus servos, passou quarenta dias no deserto. Era tempo de tirar Zwingle desse movimento político, que, repetindo-se sempre. em sua alma, teria extinguido nela o Espírito de Deus. Era tempo de formá-lo para outra cena que não é aquela eia que se agitam os homens das cortes, dos gabinetes e dos partidos, e onde teria gasto inutilmente forças dignas de emprego mais elevado. Seu país tinha necessidade de outra coisa. Era preciso que uma nova vida descesse agora dos céus, e que quem devia comunicá-la desaprendesse as cousas do século. para aprender as do céu. São estas duas esferas inteiramente distintas: um grande espaço separa estes dois mundos: e antes de passar inteiramente de um ao outro, Zwingle devia residir algum tempo num espaço neutro, sobre um terreno intermediário e preparatório, para ai ser instruido por Deus. Deus o tomou então do meio dos partidos de Claris. e o conduziu para seu noviciado à solidão duma ermida. Encerrou nos muros estritos dum convento esse germem generoso da Reforma, que dentro em pouco, transplantado para melhor solo, devia (..obrir as montanhas com sua %timbra,

NOTAS DE RODAPÉ

[1] Zw. p. seu espirito u subiuu,a. -Pubry... lhe (.1kNt.

[2] Osw. kliconius, Vila Zwinglii. Mcich. Acl.. Vim (Ecol.. p. 51‹.

[3] I hid,, p. 46.

[4] • elch.. Art. Vita (.Eeol, p. Frscsmi U.p., p. 403

[5] Zw. Op.. 1, p. 273.

[6]- Sondem auch mit predigen, darrinen er heftig wass. Manus-cripto de Bullinger.

[7] Osw Micon., Vita Zwinglii.

[8] § Tomo 1. p. 312-317.

[9] Zw. Op. 1. p. 266.

CAPÍTULO V

Nossa Senhora de Einsid!en Vocação de Zwingle — O abade — Geroldsek — Reunião de literatos — A Bíblia copiado — Zwingle e a superstição — Primeira oposição aos erros — Sensação — lledio Zwingle e os legadOs — As honras- de Roma — O bispo de Constança Sansão e as indulgências — Stapfer — Caridade de Zwingle — Seus amigos

Um frade alemão, iVleinrad de Hohenzolern, tendo-se retirado, em meados do século IX, para entre os lagos de Zurich e de Waldstadt, parou sobre uma colina próxima ti um anfiteatro de pinheiros, e aí construiu uma ermida. Uns salteadores ensoparam suas mãos no sangue do santo. A ermida ensanguentada ficou por muito tempo deserta. -Em fins do décimo século, edificou-se nesse solo sagrado um cotwento e unia igreja em honra da Virgem. Na véspera do dia da consagração, à meia noite, o bispo de Constança seus padres estavam em oração na igreja; um canto celeste, provindo de seres invisíveis, soou de repente na capela. Eles o ouviram prostrados e cheios de admiração.[1] No outro dia de manhã, quando o bispo ia consagrar a capela, uma voz repetiu por três vezes: Pára! pára! o próprio Deus a tem consagrado! Cristo mesmo, dizem, a tinha abençoado du-

noite a noite: os cânticos que se tinham ouvido eram Os dos anjos, dos apóstolos e dos santos, e a Virgem, em p& sobre o altar, tinha brilhado como um relâmpago. Uma bula do papa Leão VIII proibiu aos fiéis o poderem em dúvida a verdade desta legenda. Desde então uma multidão imensa de peregrinos não cessou de ir a Nossa Senhora das Ermidas para a festa da "consagração dos anjos." Só Delfos e Efeso na antiguidade, Loreto nos tempos modernos, têm igualado a glória de Einsidlen.

Neste lugar estranho é que Ulric Zwingle foi chamado, no ano 1516, como padre e pregador. [2]

Zwingle não hesitou. Não é a ambição ou a cobiça que me levam para ali," diz ele, "mas as intrigas dos fran-ceses. Razões mais elevadas acabaram de o decidir. De um lado, tendo mais solidão, mais calma e uma paróquia menos considerável, poderá dar mais tempo ao estudo e à meditação; por outro lado, este lugar de peregrinação lhe oferecerá a facilidade de espalhar até nos países os mais longínquos e conhecimento de Jesus Cristo.

Os amigos da pregação evangélica em Glaris manifes- taram claramente seu pezar. O que poderia acontecer de- mais triste para Glaris, disse Pedro Tschudi; um dos mais distintos cidadãos desse cantão, que o ser privado de tão grande homem? Seus paroquianos, vendo-o inabalável, re- solveram deixar-lhe o título de pastor de Glaris, com uma parte do benefício e a facilidade de voltar quando quisesse. [3]§ Um fidalgo descendente de uma antiga família, grave, franco, intrépido, e às vezes, um

pouco rude, Conrado de Reichberg, era um dos mais célebres caçadores dos lugares para onde ia Zwingle. Tinha estabelecido em uma de suas terras, o Siltal, a criação de uma raça de cavalos que tor- nou-se célebre na Itália. Tal era o abade de Nossa Senhora das Ermidas. Reichberg tinha igualmente horror às preten- ções de Roma e às discussões dos teólogos [4]. Um dia em que, numa visita da ordem, lhe faziam algumas observações: Eu sou senhor aqui, e não vós, disse ele um pouco bruscamente: -passai o vossp caminho." Outro dia, como Leão judas discutisse à mesa com o administrador do convento, sobre questões difíceis, o abade caçador exclamou : - Deixem-me com as vossas disputas! Eu exclamo com .David: "Tem piedade de mim, ó meu Deus! segundo .a tua bondade, e não entres em juízo com o teu servo," e nada mais preciso, saber." [5]°

O barão Teobaldo de C:eroldsek era administrador do mosteiro; tinha espírito doce, piedade sincera, e muito amor-às letras. Seu projeto predileto era reunir no convento urna sociedade de homens instruídos: eis porque tinha chamado Zwingle. Ávido de instrução e de leitura, suplicou a seu novo amigo que o dirigisse: "Lède as Santas Escrituras," respondeu Zwingle, "e para melhor as compreender, estudai S; Jerônimo. Entretanto," ajuntou, "acontecerá (e breve mente, com o auxílio do Senhor,) que os cristãos não estimarão) em alto preço nem S. Jerônimo nem outro algum doutor, mas somente a palavra de Deus." A conduta de Ceroldsek ressentiu-se de seus progressos na fé. Permitiu às religiosas de um convento de -mulheres, dependente de Einsidlen, que lessem a Bíblia em língua vulgar: e alguns anos depois, Ceroldsek veio morar em Zurich, ao pé de Zwingle, e .aí morreu junto dele, no- campo de. Capei. O mesmo encanto uniu logo ternamente a Zwingle, não só Ceroldsek, mais ainda o capelão Zink, o excelente 0Exlin, Lucas e outros habitantes da abadia. Estes homens estudiosos, afastados do barulho dos partidos, liam juntos as Escrituras, os padres da igreja, as obras primas da antiguidade, e os escritos dos restauradores das letras. Muitas vezes amigos estranhos vinham aumentar o círculo. Um dia, entre outros, Capito chegou a Einsidlen. Os dois antigos amigos de Basiléia percorriam juntos o convento e seus selvagens arredores, absortos em suas conversações, examinando a Escritura e procurando conhecer a vontade divina. Houve um ponto sobre o qual ficaram de acordo: "O papa de Roma deve cair!" Capito era nesse tempo mais corajoso cio que foi depois. [6]

Repouso, lazeres, livros, amigos, tudo Zwingle tinha neste tranquilo retiro, e crescia em inteligência e fé. Fo! então (maio de 1517) que encetou um trabalho muito útil, Como outrora os reis de Israel escreviam de seu próprio punho a lei de Deus, Zwingle copiou ele próprio as episto las de S. Paulo. Não existiam então senão edições volumosai cio Novo Testamento, e Zwingle queria poder levá-lo toda parte consigo.. Aprendeu de cor estas epístolas, mai, tarde os• outros livros do Novo Testamento, depois uma parte do Antigo, Assim o seu coração ligava-se cada vez

mais à autoridade soberana da palavra de Deus. Não se contentava de conhecê-la; queria ainda submeter-lhe verdadeiramente sua vida. Entrava pouco a pouco. em caminhos cada vez mais cristãos. O fim para o qual ele tinha sido conduzido a esse deserto se cumpriu. Sem dúvida não foi senão em Zurich que a vida cristã penetrou com poder toda a sua álMa; mas já em Einsidlen fez progressos notáveis na santificação. Em Claris tinham-no visto tomar parte nos divertimentos do mundo; em Einsidlen, procurou mais uma vida pura de toda mácula e mundaneidade; começou a compreender melhor os grandes interesses espirituais do povo. e aprendeu pouco a pouco o que Deus lhe queria ensinai [7]•,

A Providência tinha tido ainda outras vistas conduziudo-o. a Eirisidlen. Devia ver de mais perto as superstições e os abusos que tinham invadido a igreja, A imagem da Virgem, guardada cuidadosamente no mosteiro, tinha, dizia-se, o.poder de fazer milagres. Acima da porta da abadia lia-se esta inscrição orgulhosa; Aqui se encontra plena remissão de todos os. pecadors.[8] Uma multidão de peregrinos corria a Einsidlen de todos os paires cristandade, para merecer esta graça por.-sua peregrinação. A igreja, a abadia, todo o vale, enchia-se nas festas da Virgem de seus devotos adoradores.. Mas foi principalmente na grande festa da "consagração dos anjos" que a multidão inundou a ermida, fuleiros de muitos milhares de indivíduos dos dois sexos subiam a encosta da montanha que conduz ao orató-rio, cantando cânticos ou rolando entre os dedos as contas de seus rosários. Estes devotos. peregrinos apinhavam-se tw

Este manuscrito acha-se .na biblioteca da cidade de Zurich.

igreja. iiereditaudo estar ai mais perto de Deus que em outra qualquer parte.

A [9]•morada de Zwingle em Einsidlen teve, sob o ponto de vi:-ta do conhecimento dos abusos do papado, um efeito Iinálogo ao de Lutem em Roma. Zwingle acabou em Einsidlen sua educação de reformador: Deus só é a fonte de salvação, e está por toda parte: foi isto o que ele aprendeu em Einsidlen, e estas chias verdades tornaram-se os artigos fundamentais da teologia de Zwingle. A seriedade que tinha adquirido em :sua alma manifestou-se logo no exterior. Tocado de tantos inales, resolveu opor-se-lhes com coragem. Não hesifou entre sua consciéncia e seus interesses levantou-se afoitamente, e sua palavra enérgica atacou sem rodeios a superstição da multidão que o cercava. "Não penseis," lhe disse ele do alto do púlpito, "que Deus estej:-I neste templo mais do que em qualquer outro lugar de sua criação. Qualquer que seja o pais da terra em que habitardes, Deus vos cerca e vos ouve tão bem como em Nossa Senhora de Einsidlen. Poderão obras inúteis, longas peregrinações, ofertas, imagens, a invocação da Virgem ou dos santos, obter-vos a graça de Deus? ... Que importa multidão das palavras com que formainos as nossas orações! Que importam um capuz brilhante, urna cabeça bem rapada, um

hábito comprido e bem sugado e enfeitado de ouro! 8 para o coração que Deus olha, e o nosso .coração está afastado de Deus!"

Mas Zwingle queria fazer mais que levantar-se contra as superstições; queria satisfazer Q deseja ardente duma reconciliação com Deus que sentiam muitos dos peregrinos vindos á capela de Nossa Senhora de Einsidlen, "Cristo," chamava ele com João Batista, neste novo deserto das montanhas da ludéia, "Cristo que se ofereceu uma vez .sobre a cruz, é a .hóstia e a vitima que satisfaz, por toda a eternidade, pelos pecados de todos os fiéis." Assim, Zwingle caminhava. .No dia em que se ouviu uma pregação tão corajosa no santuário mais venerado-da Suíça, o estandarte levantado contra. Roma começou a aparecer mais distinta- mente em cima de suas montanhas, e houve como um ter-remoto de. reforma que a abalou até aos fundamentos.

Com efeito, uma admiração universal apoderou-se da multidão ao ouvir os discursos do padre eloqüente. Uns afastavam-se com horror; outros hesitavam entre a fé de seus pais e a doutrina que devia assegurar-lhes a paz; mui-tos se dirigiam a Jesus que se lhes anunciava cheio de do-çura, e tornavam a levar às velas que tinham vindo oferecer à Virgem. Uma multidão de peregrinos voltava à pátria anunciando por toda a parte o que tinha ouvido em Einsidlen: Cristo é só quem salva, e ele salva por toda parte.- Às vezes acontecia que urna banda de romeiros, admirados do que ouviam contar, voltavam do- caminho, sem ter termi• nado a peregrinação. Os adoradores de Maria diminuíam de dia para dia. É de suas ofertas que se compunha quase toda a renda de Zwingle e de Geroldsek. Mas esta afoita testemunha da verdade era feliz de empobrecer-se para enriquecer espiritualmente as almas.

Na ocasião das festas de Pentecoste, no ano de 1518, no meio dos numerosos ouvintes de Zwingle, achava-se um sábio, de caráter brando -e ativa caridade, Caspar He dica, doutor em teologia em Basiléia. Zwingle pregava sobre a história do paralítico (S. Luc. 5), em que se acha esta declaração clo Senhor: O Filho cio homem tem sobre a terra poder de perdoar os pecados," palavra muito própria para tocar a multidão reunida no templo da Virgem. O sermão do pregador revolveu, arrebalou,- abrasou a congregação e em particular ao doutor de Basiléia. ° Muito tempo depois. Hédio expressava ainda toda a sua admiração. "Quanto este discurso," dilia ele, "é" belo, profundo, grave, completo, penetrante, evangélico, e como recorda a energia dos antigos doutores!" Desde esse instante, Hédio admirou e amou Zwingle. Desejava ir ter com ele, abrir-lhe o coração; vagava em tôrno da abadia, e não ousava aproximar-se, retido, diz ele, por urna timidez supersticiosa. Tomou a montar a cavalo, e afastou-se lentamente de Nossa Senhora, voltando a cabeça para os lugares que encerravam tão grande tesouro, e levando em seu coração •os mais vivos pesares.

Assim pregava Zwingie: com merais força sem d vida. porém com mais moderação e não menos sucesso que Lutero: ele nada precipitava; chocava menos os espíritos do que fazia o reformador saxônio; esperava tudo do poder da verdade. Procedia com a mesma sabedoria em suas relações com os chefes da igreja. Longe de se mostrar imediatamente seu adversário com Lutero, ficou por muito tempo seu amigo. Estes o poupavam. extremamente, não somente por causa de sua ciência e de seus talentos (Lu-teta deveria ter tido os mesmos direitos às atenções dos bispos de Mogúncia e de Brandeburgo, mas principalmente por causa de sua afeição ao partido político do papa e da influência que possuía um homem Como Zwingle num. estado- republicano. [9]•

Com efeito, muitos cantões, desgostosos do serviço do papa, estavam quase a romper com ele. Mas os legados se lisongeavam de Conservar muitos ganhando [10]•Zwingle, como ganhavam. Erasmo, por pensões e honras. Os legados Enius e Pucci iam muitas • vezes então a Einsidlen, donde, :visto a proximidade dos cantões democráticos, soas. negociações .com aqueles estados eram mais fáceis. Mas Zwingle, longe de sacrificar a verdade aos pedidos e às ofertas de Roma, não perdia uma ocasião de defender o Evangelho. O fa-. moso Schiner, -que tinha então desgostos em sua diocese, passou algum tempo em Einsidlen. "Todo o papado," disse um dia Zwingle, "repousa sobre maus fundamentos.° Metei mão à obra, rejeitai os erros e abusos, ouvireis desmoronar-se todo o edifício com horrível estrépito."[11]

Ele falava com a mesma franqueza ao. legado Pucci. Qtiatro vezes voltou á carga. "Com o auxílio. de Deus," lhe disse ele, "continuarei a pregar o Evangelho, e esta pregação abalará Roma." Depois lhe expôs o que devia fazer para salvar a igreja.. Pucci prometeu tudo, mas nada cum-. priu. Zwingle declarou que renunciava à pensão do papa. [12] O legado instou para que a conservasse, e Zwingle, que não tencionava então pôr-se em hostilidade aberta contra. o che- fe da igreja, consentiu em recebê-la ainda durante três anos. "Mas não penseis," acrescenta ele, "que pelo amor do dinheiro, eu corte da verdade uma só sílaba." ° Pucci, assustado, fez nomear o novo reformador capelão acolito do papa. Era um passo para novas honras. Roma queria aterrar [13]• Lutero por julgamentos e ganhar Zwingle por graças. Lançava a um suas excomunhões e ao outro seu ouro e seus esplendores. Eram dois caminhos diversos para chegar ao mesmo fim, e fazer calar os lábios animosos que ousassem, apesar do papa, proclamar na Alemanha e na Suíça a palavra de Deus. O último era o mais hábil; mas tanto um como outro falharam. As almas livres dos pregadores da verdade se mostraram igualmente inacessíveis às vinganças e aos favores.

Outro prelado suíço, Hugues de Landenberg, bispo dc Constança, deu então algumas esperanças a Zwingle. Ordenou uma visita geral das igrejas. Mas Landenberg, homem sem caráter, deixava-se conduzir um dia por Faber, seu vigário, outro dia por uma mulher má, a cujo império não podia escapar. Ele parecia ás-

vezes honrar o Evangelho, e todavia, se alguém. o anunciava com coragem, era. logo tido por ele em conta de perturbador. Era desses homens, muito comuns na igreja, que, amando mais a verdade que o erro, têm não obstante mais atenções com o erro do que com a verdade, .e acabam quase sempre por voltar-se contra aqueles com os quais deveriam combater. Zwingle se dirigiu a ele, mas em vão. Devia fazer a experiência que -tinha feito Lutero, e reconhecer que era inútil invocar o socorro dos chefes da igreja, e que o único *meio de restaurar o cristianismo era comportar-se como .fiel doutor (.1t palavra de Deus. A ocasião ofereceu-se logo..

Nas alturas de S. Gothard, naquelas passagens elevadas que sé. têm aberto com dificuldade através dos rochedos escarpados que a Suíça da Itália, caminhava, em agôsto de 1518, um frade franciscano. Saído dum convento italiano, trazia consigo indulgências papais, que tinha sido encarregado de vender aos bons cristãos das ligas helvéticas. Brilhantes sucessos, ganhos sob os dois papas precedentes, o tinham ilustrado oeste vergonhoso eoméreio. Companheiros, destinados a fazer valer a mercadoria que ele ia vender, passavam com ele essas neves e esses gelos tão antigos como o unindo. Esta caravana ziivida, de uma aparência bastante miserável, parecendo-se com uni hu ido de aventureiros, que procuram presa, andando em silén•io ao niurn3úrio das torrentes lodosas que formam o Reno, o Reuss, o Aar, o Ródano, o Tessin e outros rios, meditava a expoliação dos simples povos de Helvécia. Sansão, era o nome do franciscano, e sua companhia chegou primeiramente em Uri, e ali começou o tráfico. Em pouco tempo acabaram com esses pobres camponeses, e passaram ao cantão de Schwitz. aí que se achava Zwingle, e que devia se travar o •combate entre esses dois servos de dois senhores mui diferentes. "Eu posso perdoar todos os pecados," dizia em Schwitz o frade o frade italiano, o Tetzel da Suíça. "O céu e o inferno estão submetidos ao meu poder; e eu vendo os méritos de Jesus Cristo a todo aquele que quiser comprá-los pagando à vista urna indulgência." [14]

Zwingle sabe desses discursos, e seu zelo se inflama. Prega com força. "Jesus Cristo," diz ele, "o Filho de Deus, disse: "Vinde a mim, vós, todos que andais carregados, eu vos aliviarei." S. Mat. 11: 28. Não é, pois, urna audaciosa loucura e uma temeridade insensata dizer, pelo contrário: "Compra bulas de indulgência! corre à Roma! dá aos frades! sacrifica aos padres! Se tu fizeres estas coisas, absolver-te-ei de teus pecados.° Jesus Cristo é a única oferenda: Jesus Cristo é o único sacrifício; Jesus Cristo é o único caminha

Por toda a parte em Schwitz chamou-se logo .a Sansão velhaco e sedutor. Ele tomou o caminho de Zug, e então os dois campeões se- afastaram.

Apenas Sansão tinha-se afastado de Schwitz, um cidadão deste cantão, de espirito distinto, e que foi mais tarde secretário de estado, Stapfer, caiu com sua

família em grande penúncia. Ah!" disse ele dirigindo-se a Zwingle em sua angústia, "não sei como matar a minha fome e a de meus pobres filhos. Zwingle zibia dar quanto Roma sabia tirar, e estava tão pronto a praticar boas obras como a com-bater os que ensinavam que por elas se obtém a salvação. Cada dia ele trazia a Stapfer abundantes socorros. Deus—, dizia ele, desejoso de não guardar para si a menor glória, -é Deus quem gera a caridade no fiel e lhe dá ao mesmo tempo o pensamento, a resolução e a ação. Tudo quanto o justo faz de bom, e Deus quem o- faz por seu próprio poder." [15]° Stapfer ficou amigo dele durante toda a vida e, quatro anos mais tarde, feito secretário de estado cm Schwitz, e sentindo-se impelido por necessidades mais elevadas, voltou-se para Swingle e lhe disse com nobreza C candura:- Pois que ministrastes minhas necessidades temporais, quanto mais esperarei eu agora de vós com que mitigar a fome de minha alma!" [16]

Os amigos de Zwingle se multiplicavam. Já não era Nó em Claris, em Basiléia e em Schwitz, que se achavam afinas de acordo com a suja: em Uri, era o secretário de estado Schmidt; em Zug, Colin, Müller e Werner Steirwr, seu antigo companheiro d(-, armas em M.arignan; em Lucerna, Xilotet e Kilchmeyer; Witembach em Bienne, e muitos outros em outros lugares ainda. Mas o cura de Einsidlen não tinha amigo mais dedicado que Oswald -Micônius. Oswald tinha deixado Basiléia, em .1516 para dirigir em Zurich a escola da catedral. Não se achava então nesta cidade nem sábios nem escolas sábias. Oswald trabalhava lá, com, alguns homens bem dispostos, e entre outros com Utinger, notário do papa, em fazer sair da ignorância o povo zuriquense, e em iniciá-lo ria literatura da antiguidade. Ao mesmo tempo defendia a imutável verdade da santa Escritura, e declarava (pie se .o papa ou o imperador mandassem coisas contrárias ao Evangelho, o homem era obrigado a obedecer a Deus só. que está acima cio imperador e do papa. [17]

NOTAS DE RODAPÉ

[1] Hartm.. .Annal. Einsier11.. p. 5!.

[2] Zw. Ep. p. 24.

[3] Osw. Miconius, Vita Zwinglii. Zw. Ep.. p. 16.

[4] Ibid., p. 36.

[5] Wiriz. K. Gesch.. 3. p. 363: ZwingliN il H I

[6]....Lting vim Scluiler. P. 174: Miscell. Tigur.. 3. p. 1 t 7w. Os.. 1. P. 273- 1 306

[7] Zw. Op.. 1. p. 237.

[8] Zw. Op.. 1. p. 263

[9] Zw. Ep., 90.

[10] -h Ibid.

[11] bid., p. 90.

[12] Zw. Op., 2, parte 1, p. 7. -f- Ibid.

[13] Zw. Op., 1, p. 365.

[14] Zw. Op.. 1. p. 222. biti p 2111

[15] Zw. Fp.. 234.

[16] bid.

[17] 7w. t7p.. 1. p. 22(

CAPÍTULO VI

Zunch — O colégio dos cónegos — Eleição na catedral —Fábula — Acusações — Confissão de Zwingle — Os desígnios de Deus se desenvolvem — Adeus a. Ein.yidlen — Chegada a Zurich — Declaração resoluta de Zwingle — Primeiras pregações — Seus efeitos — Oposição —Caráter de Zwingle — Gosto pela música — *Ordem do dia — O bufarinheiro.

Havia sete séculos que Carlos-Magno tinha estabele-cido um colégio de cônegos naquela mesma catedral cuja escola era então presidida por Oswald Micônius. Estes cô-negos, decaídos de sua instituição primitiva, e querendo [1]• saborear seus benefícios nas doçuras duma vida ociosa, elegiam um padre a que encarregavam da pregação e da cura de almas. Este lugar tornou-se vago algum tempo depois da chegada de Oswald. Este pensou logo em seu amigo. Que ganho seria para Zuriquel O exterior de Zwingle prevenia a seu favor.. Era um homem bem parecido.° muito acessível, e agradável; sua eloqüência já o tinha tornado célebre, e ele brilhava pelo resplendor de seu espírito entre todos os confederados. Micdnius falou dele ao preposto do cabido, Félix Frev, a quem a boa fisionomia e talentos de Zwingle cativavam. [2] a Utinger. ancião que gozava de uma grande consideração, e ao cônego Hofman. homem dum caráter reto e franco, que tendo por muito tempo pregado contra o serviço estrangeiro, estava bem disposto a favor de Ulric. Outros zuriquenses tinham, em diversas ocasiões. ouvido Zwingle.em Einsidlen, e tinham voltado cheios dz admiração. A eleição do pregador da catedral pôs logo todo o mundo em movimento em Zurique. Agitavam-se em sentidos diversos. Muitos trabalhavam noite e dia para fazer eleger o pregador eloqüente de Nossa Senhora das Ermidas. [3]° MiCônius informou de tudo a seu amigo. "Quarta-feira próxima," respondeu Zwingle, "irei jantar em Zurique e falaremos sobre tudo." Chegou realmente. Achando-se de visita em casa dum cônego: "Podereis," lhe disse este, "vir a nossa paróquia, pregar a Palavra de Deus?" "Posso," respondeu ele, "mas não. frei se me não chamarem." [4]

E voltou para o seu convento.

Esta visita espalhou o terror no campo de seus inimigos.

Instaram com muitos padres para que se apresentassem ao lugar vago.. Um .stiábio, chamado Laurenço Fable, chegou até a pronunciar um sermão de prova e correu o boato de que estava eleito. É bem verdade," disse Zwingle sabendo-O, "que ninguém é profeta em sua terra, pois que se prefere uni suábio a um suiço. Eu sei o que valem os aplausos do povo." Swingle" recebeu logo depois uma carta do secretário do cardeal Schiner, que lhe comunicava que a eleição não tinha tido lugar. Mas a notícia falsa que primeiramente lhe tinha sido dada não deixou de aguilhoar o cura de Einsidlen. Sabendo que um homem tão indignó como este Fable aspirava

aquele lugar, ele [5]• o desejou mais para si, e escreveu sobre isto" a Miconius. Oswald lhe respondeu no,dia seguinte: "Fable será sempre fábula; os senhores souberam que ele é pai de seis filhos e já recheado de não sei quantos benefícios:-

Os inimigos de Zwingle uão se deram por batido.,_

O mundo, é fato, concordava em levar às nuvens o bfil11c, de seus conhecimentos; mas alguns diziam: "Costa rill11- to de música!" Outro: "Gosta do mundo e dos prazeres! Outros ainda: "Antigamente andou ligado com gente de conduta leviana. Houve mesmo uni homem que lhe expro-brou um caso de sedução. Swingle não era sem mancha, e, posto que superior aos eclesiásticos de seu tempo, tinha-se deixado arrastar mais de uma vez, nos primeiros anos de seu ministério, às inclinações da mocidade. Não se compreende facilmente a influência que pode exercer sobre urna alma a atmosfera corrupta em que ela vive. Havia no papado, entre os padres, desordens estabelecidas, admitidas e autorizadas; como conformes às leis da natureza. Uma palavra de Aenéas Silvius, depois papa sob o noive de Pio II, dá-nós uma idéia do triste estado dos costumes públicos nesta época: refirimo-la em nota. A desordem tinha-se tornado a ordem geralmente admitida.

Oswald desenvolvia uma inconcebível atividade em favor de seu amigo; empregava todas as forças para justificá-lo, e felizmente o conseguiu. [6]§ Ia ao burgomestre Roust, a Hofman, a Frey, a Utinger. Louvava a probidade, a honestidade, a pureza de costumes de Zwingle, e afirmava os zuriquenses, na opinião favorável que tinham do cura de Einsidlen. Dava-se pouco crédito aos discursos dos adversários.

Os homens os mais influentes diziam que Swing[7];-. seria evangelista em Zurique. Os cônegos o diziam também, mas em voz baixa. Espera," lhe escrevia Oswald, "com o coração comovido; porque eu espero. Não obstante lhe fez conhecer as acusações •de seus inimigos. Posto que Zwingle ainda não se tivesse tornado inteiramente um novo homem, ele era destas almas cuja consciência é despertada, que podem cair no mal, mas que não caem sem resistência e sem remorsos. Muitas vezes formara o projeto de viver na santidade, Cínico entre seus colegas, no meio do mundo. [8] Mas quando se viu ;kensaclo, não quis gabar-se de ser sempecado. *[9]*Não tendo quem andasse comigo lias resoluções que eu tinha tomado, escreveu ele ao cônego Utinger, muitos dos que me cercavam até ficando escandalizados, ah! caí, e como o cão de que fala S. Pedro (2 Pedro 2:22), tornei a voltar -ao que tinha %,ornitaclo, °

Ah! Deus sabe• com que vergonlia e• com que angústia tenho tirado estas Faltas das profuudezas de meu coração e as hei exposto a esse grande Deus, a quem confesso todavia minha miséria com muito menos vergonha do que ao homem mortal." Mas se Zwingle se reconheceu pecador, justificou-se ao mesmo tempo das

acusações mais odiosas que lhe faziam. Declarou que tinha sempre estadó muito longe dele o pensamento de subir a um leito adúltero ou de seduzir a ino••n•ia. tristes excessos muito. comuns então. "Sôbre este ponto... disse ele, "apelo para o testemunho de todos aqueles com qum tenho vivido."

A .11 de dezembro teve lugai a eleição. Zwingle foi nomeado por uma maioria de desessete votos em vinte e quatro. Era tempo que a Reforma começasse. na Suíça. O instrumento escolhido que a Providência divina tinha pre-parado durante três anos no retiro de Einsidlen estava pronto; devia ser transportado para alguma parte. Deus que tinha escolhido a nova universidade de Witernberg, situada no centro da Alemanha, sob a proteção do mais _sábio dos príncipes, para chamar para ela Lutero, escolheu na Helvecia a cidade de Zurique, considerada como a cabeça da confederação, para aí .colocar Zwingle. , Aí ia ele ficar ern contacto, não somente com um dos povos mais inteli-gentes, mais simples, mais Prontos e mais fortes da Suíça, mas ainda como todos os cantões que se grupávam tórno deste antigo e poderoso estado. que

mão que tinha ido buscar o pastor do monte Sentis para conduzi-lo à escola de Wesen, estabelecia-o agora, poderoso em obras e em palavras, em face de todos, para regenrar seu povo.. Zurique ia tornar-se um foco de luz para a Helvécia.

Foi para Einsidlen um dia de alegria e de dor e em que se soube da nomeação de Zwingle. O círculo que ali Se tinha formado ia ser destruído. pela retirada do mais pre- cioso de seus membros; e quem sabe se a superstição não iria entrar de posse. desse antigo lugar de peregrinação?... O conselho de estado de Schwitz fez chegar a Ulric a expressão de seus sentimentos, chamando-o reverendo, sábio, mui gracioso senhor e bom amigo." [10']° "Dai-rios pelo menos um sucessor digno de vós," disse a Zwingle Geroldsek entristecido. "Tenho para vós," respondeu ele, "um leãozi,lho simples e prudente, um homem iniciado nos mistérios da ciência santa." "Quero fé-1o, disse logo o administrador. Era Leão Judas; ao mesmo tempo ameno e intrépido, com o qual Zwingle tinha estado intimamente ligado em Basiléia. Leão aceitou este chamado, que o aproximava de seu caro Ulric. Este abraçou seus.amigos, deixou a solidão de Einsidlen, chegou a esses lugares- deliciosós em que se levanta, risonha •e animada, a cidade de Zurique, com o seu recinto de colinas cobertas de vinhas, ornadas .de prados e de vergeis, coroada de florestas; e a cima das quais aparecem as mais altas sumidades do Alhis. [11]

Zurique, o centro dós interesses políticos da Suíça, e em que se reuniam muitas vezes os homens mais influentes da nação, era o lugar mais próprio para operar sobre a Helvécia, e espalhar em todos os cantões as sementes da verdade. Por. isso os-amigos das letras da Bíblia saudaram por aclamações a nomeação de Zwingle. Em Paris em particular, os estudantes suíços, que lá estavam em grande número,

estremeceram de alegria ao receber a notícia. Mas, sé Zwingle tinha em Zurique a perspectiva duma grande vitóiiá, devia também esperar um grande combate. Glareano .lhe escreveu de Paris: "Prevejo que vossa ciência suscitará, um grande ódio, mas tende coragem, e, como Hércules, dominareis os monstros."

A 27 de clzembro de 1518 foi que Zwingle chegou a Zurique e apeou-se no hotel de Einsidlen, ondé lhe fizeram uma cordeai e honrosa recepção. [12]° O cabido reuniu-se logo para recebê-lo, e convidou-o a tomar parte nele. Félix Frey presidia: os amigos e os inimigos de Zwingle estavam assen- tacos indistintamente em torno c.lo seu prior. Havi agitação na assembléia: cada um sentia, sem talvez saber porque, quanto era sério o princípio deste ministério. Concordou-se em expôr ao jovem padre, cujo espírito inovador se temia, os deveres mais importantes do cargo. Empregareis todos os vossos esforços,- disseram-lhe gravemente, "em fazer arrecada:- as rendas do cabido, sem desprezar a menor. Exor-tareis os fiéis, quer do alto do púlpito. quér no confesSionário, a pagar as rendas e os dízimos, e a mostrar por suas ofertas que amam a igreja. Esforçar-vos-eis por multiplicar as rendas que provém dos doentes, dos sacrifícios, e em geral de todo ato eclesiástico." O cabido. acrescentou: "Quanto à administração dos sacramentos pregação e à presença no meio do rebanho, são també,-.[13] deveres do padre. Entretanto, podeis vos fazer substi.uir por um vigário nestes diversos misteres e principalmente, na pregação. Não deveis administrar os sacramentos senão aos notáveis, e depois de terdes sido convidado: lOS é proibido fazé-lo sem distinção de pessoas."

Que regra para. Zwinglel dinheiro, dinheiro, :riais di-nheiro!... Foi para isso que Cristo estabeleceu o ministério? Entretanto, ã prudência modera seu zèlo; sabe que não se pode ao mesmo" tempo meter no chão a semente, ver crescer a árvore e colher-lhe os frutos. Sem, pois, se explicar sobre o que se lhe impunha, Zwingle, depois de ter humil- [14]• demente testemunhado seu reconhecimento pela escolha honrosa de que tinha sido objeto, anunciou o que contava fazer: "A vida .de Jesus," disse ele, "ficou por muito tempo oculta ao povo. Pregarei principalmente o Evangelho segundo S. Mateus, capitulo por capitulo, seguindo o. sentido do Espírito Santo, bebendo unicamente nas fontes da Escritura, [15]° sondando-à, comparando-a consigo mesma, e procurando sua inteligência por constantes e ardentes orações. à glória de Deus, ao louvor de seu Filho: único, à verdadeira salvação das almas, e a seu ensino na verdadeira fé, que con-sagrei o meu ministério. Uma linguagem filo nova Fez munindo impressão no cabido. Alguns testemunharam sua alegria; Inas quase todos tornaram manifesto o seu desgósto.[16]§ "Esta maneira de pregar é uma inovação," exclamavam; "esta inovação acarretará outra, e onde se irá parar?" O cônego Hofman, principalmente, julgou dever prevenir os funestos efeitos duma eleição que ele próprio tinha solicitado. "Esta explicação da Escritura," disse "será mais prejudicial que útil ao povo." "Não se trata de um modo novo: respondeu

Zwingle; é o antigo. Recordai-vos das homiliás de S. Crisóstomo sobre S. Mateus e de S. Agostinho sobre S. João. Demais, falarei com modéstia e ninguém terá razão para queixar-se."

Assim Zwingle abandonava o uso exclusivo de fragmentos dos Evangelhos, estabelecido desde Carlos-Magno; reintegrando a santa Escritura em seus antigos direitos, ligava a Reforma, desde o princípio de seu ministério, aos tempos primitivos do cristianismo, e preparava para as idades futuras um estudo mais profundo da palavra de Deus. Ainda mais: esta posição firme e independente que ele tomava diante da igreja anunciava uma obra nova; seu vulto como reformador desenhava-se afoitamente aos olhos de seu povo, e a Reforma caminhava:

Hofman tendo sido vencido no cabido, dirigiu um re-querimento escrito ao•prepósito, para que este proibisse. a Zwingle abalar o povo em suas crenças. O prepósito man-dou chamar o novo pregador, e falou-lhe com muita afei-ção. Mas nenhum poder humano podia tapar-lhe a boca. A 31 de dezembro ele escreveu ao conselho de Claris que renunciava inteiramente à cura das almas que lhe tinham até. então conservado, e entregou-se todo a Zurique e à obra para qual Deus o estava preparando nesta cidade.

No sábado, primeiro dia do ano de 1519, Zwingle, fa-zendo justamente •trinta e cinco anos, subiu ao púlpito da catedral. Uma grande multidão, desejosa de ver este ho-mem já célebre, e de ouvir este novo Evangelho do qual todos começavam a falar, enchia o templo. "É a Cristo," disse Zwingle, "que vos quero conduzir; a Cristo, verda-deira fonte de salvação. Sua divina palavra é o único man-jar que quero dar à vossa ida e ao vosso coração." Depois zuntneinu (pie no dia seguinte. primeiro domingo do ano, começaria a explicar o Evangelho segundo S. Mateus. No dia seguinte o pregador e um auditório mas numeroso ainda achavam-se em seu posto. Zwingle abriu o Evangelho, esse livro havia tanto tempo fechado, e leu a primeira página. Percorrendo a história dos patriarcas e dos profetas (primeiro capítulo de S. ~eus), o expor de tal modo que cada um admirado e arrebatado exclamava: Nunca se ouviu coisa semelhante.

Continuou a explicar assim S. Mateus, segundo o texto grego. Mostrava corno toda a Bíblia achava ao mesmo tempo sua explicação na própria natureza do homem. Expondo numa linguagem fácil as mais altas verdades cio Evangelho, a sua pregação descia a todas as classes, aos sábios e entendidos, assim como aos ignorantes e aos simples.[17]° Ele exaltava as misericórdias infinitas de Deus Pai, e rogava a todos os seus ouvintes que pusessem toda a sua confiança unicamente em Jesus Cristo, como em seu único Salvador.° Ao mesmo tempo, chamava-os ao arrependimento com grande energia; atacava com força os erros que dominavam entre seu povo; •evantava-se com intrepidez contra o luxo, a intemperança, o brilho

do vestuário, a opressão dos po-bres, a ociosidade, o serviço estrangeiro e as pensões dos príncipes. "No púlpito," disse um de seus contemporáneos, "não poupava a ninguém, nem papa, nem imperador, nem ireis, nem príncipes, nem senhores, nem mesmo os confe-derados. Toda sua fÔrça e todo o gôzo de seu coração estavam em Deus; por isso exortava toda a cidade de Zurique a confiar unicamente em Deus." [18]§ "jamais se tem ouvido um homem falar com tanta autoridade," disse OsWald Micônius, que seguia com alegria e grande esperança os trabalhos de seu amigo;

O Evangelho não podia ser pnunciado em vão em Zu-rique. Uma multidão cada vez mais num~sa de homens de todas as classes, e principalmente de homens do povo, corria para ouvi-lo, [19]° Muitos zuriquenses tinham cessado de irecin•ntar o culto pUbli•o. -Não tiro o menor proveito dos discursos destes padres, dizia muitas vezes Fiislin. poeta, historiador e conselheiro de estado: "eles não pregam as coisas de salvação, porque não as compreendem. Não posso ver neles senão cobiça e licença." Henrique, Rauchlin, tesoureiro de estado, homem que lia assiduamente a Escritura, pensava da mesma forma.

"Os padres," dizia, "reuniram-se aos milhares no concilio de Constança... para aí queimarem o melhor de todos." Estes homens distintos, atraidos pela curiosidade, vieram ouvir o primeiro discurso de Zwingle. Podia ler-se em seus rostos a emoção com que seguiam o orador. "Glória seja à Deus! disseram eles saindo; "este é UM pregador da verdade! Será o nosso Moisés, para tirar-nos das trevas do Egito." Desde esse momento tornaram-se amigos íntimos do reformador. "Poderosos deste mundo," dizia Füslin. -"cessai de proscrever a doutrina de Cristo! Cristo.. o Filho de Deus, tendo sido morto, pescadores se levantaram. E agora, se fizerdes morrer os pregadores da verdade, vereis aparecer em seu lugar vidraceiros, marceneiros, oleiros, fundidores, sapateiros e alfaiates, que ensinarão com poder.[20]°

Houve logo em Zurique um brado unânime de. admiração; mas, passado o primeiro momento de entusiasmo, os adversários tomaram de novo coragem. Homens honestos, a quem o medo duma reforma espantava, afastaram-se pouco e pouco de Zwingle. A violèncía dos frades, por um instante reprimida, reapareceu, e o colégio dós cónegos ressoava. de queixas. Zwingle se mostrava inabalável. Seus amigos, con-templando sua coragem, criam ver reaparecer diante deles um homem dos tempos apostólicos. [21]° Entre seus inimigos, uns riam e zombavam, outros faziam ouvir insultuosas ameaças; mas ele .sofria tudo com paciência. "Se se quiser. ganhar os maus para Jesus Cristo," continuava ele dizer, "é preciso fechar os olhos a muita coisa." [22]§ Palavra admirável, que não devc., serperdida. [23]•

Seu caráter, soa maneira de tratar com tocio:; os ho-mens, contribuíam, tanto quanto seus discursos. para ganhar os corações. Ele era ao mesmo tempo um verdadeiro cristão e um verdadeiro republicano. A igualdade de todos os homens

não era para ele uma frase banal; escrita em seu coração, ela se 1:a em sua vida. Ele não tinha nem esse orgulho farisaico, nem essa grosseria monacal que chocam igualmente os simples e os entendidos cio mundo: todos sentiam-se a:raídos para ele, e a cómodo na sua conversação. Forte e poderoso no púlpito, era afável para com todos os que encontrava nas ruas e nas praças publicas: muitas ,,ezes viam-no nos lugares em que se reuniam as sociedades c os corpos de artistas, expór aos cidadãos da cidade os prin-cipais pontos da doutrina cristã, ou conversar familiarmente com eles. Acolhia com a mesma cordialidade os plebeus e os nobres. "Convidava a gente do campo pura jantar," dis um de seus mais violentos inimigos, "passeava com eles. falava-lhes de Deus, fazia entrar o diabo em seus corações e seus escritos em seus bolsos. Tanto fez que até as pessoas notáveis de Zurique visitavam esses camponeses, davam-lhes de beber, iam com eles para a cidade e lhes testemunhavam toda espécie de atenções!" ...

Continuou a cultivar a música. "com modéstia," diz Bullinger; não obstante, os adversários do Evangelho apro-veitaram-se disso e o chamaram "o evangélico •ocadc.r de flauta e da alúdc." Faber, tendo-lhe um dia censtwado esse gosto: "Meu caro Faber," respondeu-lhe Zwingle eom uma nobre candura, "tu não sabes o que é a música. De fato aprendi a tocar alaúde, violão e outros instrumentos, e me servem para fazer calar as crianças; [24]° mas tu és muito santo, santo demais para a músical... Não sabes que Davi era bom tocador de harpa .e que tirava por esse meio o espírito maligno de Ah! se tu conhecesses o som da harpa celeste, o espírito maligno da ambição e do amor das riquezas que te possua também sairia de ti." Talvez que a música fosse um fraco de Zwingle; entretanto era num espírito de bondade o de liberdade evangélica que ele cultivava esta arte, que a religião tem constantemente asso-ciado aos .seus mais sublimes vôos. Ele compôs a música de algumas de suas poesias cristãs, e às vezes não temia divertir com a sua harpa os menores do rebanho. Tinha sempre a mesma bondade para com os pobres. "Comia e bebia." disse um de seus contemporâneos, ,com todos aqueles que o convidavam; a ninguém desprezava; era cheio de compaixão pelos pobres, sempre firme e alegre na boa como na má fortuna. Nenhum mal o espantava; sua palavra era sem-pre cheia de força, e seu coração cheio de consolações.[25]° Assim aumentava-se a popularidade de Zwingle, assentado alternativamente à mesa do povo e no festim dos grandes, como outrora seu Mestre, e fazendo por toda a parte a obra para a qual Deus o havia chamado.

Também era infatigável no estudo. Desde manhã até às dez horas lia, escrevia, traduzia: o hebraico era principal-mente o objeto de sua aplicação. Depois do jantar, ouvia os que tinham alguma cousa para contar-lhe ou algum conselho a pedir-lhe; passeava com seus amigos e visitava o rebanho. As duas horas recomeçava o trabalho. Dava um pequeno passeio depois da ceia, e depois escrevia cartas, que o

retinham muitas vezes até à meia noite. Trabalhava sempre em pé, e não permitia que o distraissem senão por motivos mui graves.

Eram, porém, precisos mais que. os trabalhos dum. só homem: Um certo Luciano veio um dia à casa dele com escritos do reformador alemão. Renan, sábio •residente em Basiléia, e infatigável propagador dos escritos de Lutero na Suíça, mandou este homem falar a Zwingle. Renal] tinha compreendido que a venda ambulante de livros era um meio poderoso para espalhar a doutrina• do Evangelho. Luciano tinha percorrido quase toda a Suiça e conhecia todo o mundo. "Vède," dizia Renan a Zwingle, so este Luciano possui bastante prudència e habilidade; se assim for, que leve de cidade em cidade, de vila em vila, de aldeia em aldeia e mesmo de casa em casa, eptre Os suíços, Os estritos de Lutero, e em particular a exposição da oraç-ão• do Senhor, escrita par:, os leigos [26]° Quanto mais conhecido ela fcir, mais compradores achará. Mas é preciso ver bem que não leve outros livros; porque não tendo senão os de Lutero, os venderá tanto melhor. Muitas famílias na Suíça viram assim alguns raios de luz penetrar sob seu humilde teto. Há todavia um livro que Zwingle teria devido fazer vender antes que os de Lutero, é o Evangelho de Jesus Cristo.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] 11:KInw,crito cie Rtillinger.

[2] Osw. Miconius, Vita Zwinglii.

[3] Zw. Ep., p. 58.

[4]* No francês está "Fable restera toujours fable"; no inglès: "Fable will always remain a rabie, isto é. "1-attat,la será sempre fábula-. No português itá o jogo de palavras. N. tk: trad bras.).

[5] 7w. Ep.. p. 51.

[6] Ib.

[7] ibid., p. 57.

[8] p. 54. Zw. Fp., p. 55.

[9] Ibid. p. -4- Ibid.

[10] Ibid. 60.

[11] - Ibid., 68.

[12]- Ibid., p. 64 Mse. de BuIlincer.

[13] Schulers, Zwinglis Bilclung. p. 227. 7w. Op., 1. p. 273.

[14] Osw. .M Vitu Zwinglii.

[15] Mantim.:rito cie 13t; 11 inger.

[16] ()sv. Nrti.et)nitis.

[17] B. Weise, contempor:ineo de Zwingle Fiisslin Beytn4,7e. 4, ri. 36 Osw. Miconius, Vila Zwinglii.

[18] Manuscrito d Bullinger.

[19] B. Weise, Füsslin Beytrage. p. Mse. cic Bullinger.

[20] Ibid.

[21] Nlüllers Relig. 3. p.. 185. Zw.•Ep.. p. 74.

[22] t Ibid.. 7 de maio de 1519. lbid.

[23] Salats ehronik.. p. 155.

[24] Manuscrito de Bullinger, Ibid.

[25] B. Weise, Füsslin Beytrage. p. 36. Osw. Miconiw, Vila Zwinglii.

[26] Zw. Epp., p. 81:

CAPÍTULO VII

As indulgências — Sansão em Berne — Sansão em Baden —O decano de Bremgarten O jovem -Henrique Bullinuer — Sansão e o décano — Combates interiores de Zwingle — Zwingle contra as indulgências Sansão despedido.

A ocasião de desenvolver o seu zêlo em uma nova vocação não se fez esperar. Sansão, o famoso negociante de indulgências, aproximava-se então a passos lentos de Zurique. Este miserável traficante tinha chegado a Schwitz em Zug a 20 de setembro de 1518 e aí tinha ficado três dias. Uma multidão imensa havia-se reunido em torno dele. Os mais pobres eram os mais ardentes, e desse modo impediam os ricos de sé aproximarem. Isto não fazia conta ao frade; por isso um de seus servos começou a gritar à população: -Boa gente, não vos apinheis assim! Deixa que se aproximem os que têm dinheiro! Depois procuraremos contentar aos que não têm. De Zug, Sansão e sua tropa foram a Lucerna; de Lucerna a Underwald; depóis, atravessando montes férteis e ricos vales, passando a pé os gêlos eternos do Oherland, e expondo naqueles sítios, os mais belos da Suíça, suas mercadorias romanas, chegaram até perto de Berne. A princípio o frade recebeu ordem para não entrar na cidade; mas conseguiu em fim introduzir-se, por meio de inteligências que entretinha com pessoas de lá, e estabeleceu-se

na igreja de S. Vicente. Aí começou a gritar mais forte qui. nunca: Eis aqui," dizia aos ricos, "indulgências sobre per-gaminho, por uma corôa." "Eis aqui," dizia aos pobres, absolvições sobre papel ordinário, por dois vintens (boi-zen)!" Um dia, um cavaleiro célebre, Tiago de Stein, apresentou-se-lhe, caracolando num cavalo tordilho russo; o frade admirava muito o cavalo. "Dê-tme," disse o cavaleiro, "uma indulgência para mim, para toda a minha tropa, composta de quinhentos homens, para todos os meus vassalos de Belp e para todos os meus antepasSados; ofereço-vos em troca o meu cavalo tordilho." Era pedir muito por um. cavalo. Entretanto o corcel agradava ao franciscano. Chegaram a um acordo; o animal entrou para a estrebaria do frade, e todas aquelas almas foram declaradas por ele isentas para sempre do inferno.[1]° Outro dia, um burguês obteve dele, por treze florins, uma indulgência em virtude da qual o seu confessor ficava autorizado a absolvê-lo, entre outras cousas, de toda espécie .de perjúrio. Tinha-se tanto respeito a Sansão, que o conselheiro de May, homem idoso e de espírito esclarecido, tendo dito contra ele algumas palavras, foi obrigado a pedir perdão ao frade orgulhoso, pondo-se de joelhos .diante dele.

Era o último dia. Um som fervoroso de sinos anunciava a partida do. frade. Sansão estava na igreja, em pé sobre os degraus do altar-mor. O cônego Henrique Lupulus, outrora mestre de Zwingle, servia-lhe de intérprete. "Quando o lobo e a raposa reunem-se no campo," disse o cônego Anshelm, voltando-se para o decano de.

Wattevile, "o mais seguro para vós, gracioso senhor, é por prontamente em segurança vossas ovelhas." Mas o frade pouco se importava com estes juizos, que aliás não chegavam a seus ouvidos: "Cai de joelhos," disse ele à multidão supersticiosa, "recitai três Pater, três Ave Maria, e vossas almas ficarão imediatamente tão puras como no momento do batismo."[2] Então todo o povo se ajoelhou. Depois, querendo se exceder a .si mesmo, Sansão exclamou: Eu livro dos tormentos do purgatório e do inferno todos os espíritos dos bernenses mortos, quaisquer teilham sido o geuero e o lugar de sua morte! Estes saltimbancos guardavam, como os das feiras, o seu golpe de mestre para o Final.

Sansão caminhou, carregado de dinheiro, para Zurique, atravessando Argovia e Baden. A medida que caminhava, o Frade, cuja aparência era tão mesquinha passando os Alpes, seguia com mais explendor e orgulho. O bispo de Constança, irritado por não ter Sansão querido que ele lhe legalizasse as bulas, tinha proibido a todos os curas de sua diocese que lhe abrissem as igrejas. Todavia, em Baden o cura não se atreveu a opôr-se por muito tempo ao tráfico. O frade redobrou de descaramento. Fazendo, à testa duma procissão, a volta do cemitério, parecia fixar a vista nalgum objeto no ar, enquanto que seus acólitos cantavam o hino dos mortos, e, pretendendo ver as almas que voavam do cemitério para o céu, exclamava: "Ecce vokintl. Eis como vôam!" Um dia, um homem do lugar subiu ao campanário da igreja; logo uma infinidade de penas brancas, volteando nos ares, cobriu a procissão admirada. "Vède como váam!" gritava o jocoso badense, sacudindo um travesesiro do alto da torre. Muita gente se pôs a rir. [3]° Sansão, irritado, não se acalmou senão quando soube que esse homem tinha às vezes desarranjo mental; saiu de Baden envergonhado.

Continuando seu caminho,- chegou em fins de fevereiro de 1519, a Bremgarten, para onde o decano (schultheiss) e o segundo cura da cidade, que o tinham visto em Baden, lhe haviam rogado que fosse. Ninguém tinha em todo esse país mais reputação que o deão Bullinger, de Bremgarten. Este homem, pouco esclarecido sobre os erros de igreja e sobre a palavra de Deus, mas franco, cheio de zelo, eloqüente, benfazejo para os pobres, e pronto a prestar serviço aos pequenos, era estimado por todo mundo. Tinha cm sua mocidade contraído uma união de consciência com a filha dum conselheiro do lugar. Era esse o costume eir:re os padres que não queriam viver na dissolução. Ana lhe tinha dado cinco filhos, e esta família de nenhuma sorte tinha diminuído a consideração de que gozava o deão. Não havia em toda a Suíça casa mais hospitaleira que a dele.

Muito amigo da caça, andava sempre cercado de dez ou doze cães, e acompanhado dos senhores de Hallwyll, do abade de Mury, dos patrícios de Zurieli, batia os campos i florestas dos arredores. Tinha a mesa franca, e nenhum de seus convidados era mais alegre que ele. Quando os deputados da dieta iam a Baden,

passando por Bremgarten, não deixavam de assentar-se à mesa do deão. "Bullinger," dizia-se, "tem uma córte como o mais poderoso senhor." [4]

Os estranhos notavam nesta casa um menino de fisio-nomia inteligente. Henrique, um dos filhos do deão, desde os seus primeiros anos, tinha corrido muitos perigos. Um dia, atacado de peste, iam enterrá-lo, quando alguns sinais de vida vieram alegrar seus pais. O.;fro dia, um vagabundo, tendo-o atraído por carícias, arrebatava-o a sua família, quando os Franseúntes o reconheceram e livraram. Aos três anos, já sabia a oração dominical e o símbolo dos apóstolos; e, metendo-se na igreja, subia ao púlpito de seu pai, aí apresentava-se com gravidade, e dizia com toda a força de sua voz: "Creio em Deus Pai," e o que se segue. Aos doze anos, seus país o puseram na escola latina dEmeric, com o coração cheio de temor, porque esses tempos eram perigosos para tun menino sem experiência. Viam-se muitas vêzes estudantes, se a regra duma universidade lhes parecia muito severa, deixar .aos bandos a escola, levar consigo meninos, e estabelecer-se nas bosques, donde mandavam os mais moços pedirem esmolas, ou então lançavam-se com as armas nas mãos sobre os que .passavam, roubavam-nos,. e gastavam depois em devassidões o fruto de seus rapinas. Henrique foi felizmente preservado do mal nestes lugares remotos. Como Lutero, ele ganhou a vida cantando diante das portas das casas; porque seu pai queria que ele aprendesse a, viver dos próprios meios. Tinha dezesseis anos, quando abriu um Novo Testamento. "Achei aí," disse ele, "tudo o necessário para a salvação do. homem, e desde então fixei-me neste princípio, que é preciso seguir unicamente a santa Escritura, e rejeitar todas as adições humanas. Não creio nem nos Padres, nem em mim mesmo, mas explico a Escritura pela Escritura, sem nada acrescentar e nada tirar." [5]•

Deus preparav:. assim t.`stt moço que devia tini dia ser o sucessor de Zwingle. r. o autor da Crónica que citamos muitas vezes.

Foi por esse tempo que Sansão chegou a Breingurten com toda a sua comitiva. O corajoso deão, a quem este pe-queno exército italiani, não espantava, proibiu ao monge que vendesse em sua paróquia essa mercadoria. O schul-theiss, o conselho da cidade e o segundo pastor, amigo dc Sansão, estavam reunidos num quarto da hospedaria em que este se tinha instalado, e cercavam, desconcertados, o frade impaciente. Chegou o deão: "Eis as bulas do papa," lhe disse o frade, "abri vossa igreja,"

O DEÃO. "Jamais consentirei que por meio de bulas não autenticadas (porque o bispo não as tinha legislado), se esvasiem as bolsas de meus paroquianos."

O FRADE, com um tom solene. "O papa está acima do bispo. Proibo-vos que priveis o vosso rebanho de tão grande graça."

O DEÃO. "Mesmo se me custar a vida, eu não abrirei minha igreja."

O FRADE, com indignação. "Padre rebelde! em nome do nosso santo senhor, o papa, pronuncio contra ti a gran-de excomunhão, e não te absolverei sem que tenhas remido, por tresentos ducados, uma ousadia tão inaudita..."

O DEÃO, voltando as costas e retirando-se. "Saberei responder diante dos meus juízes legítimos: quanto a ti e a tua excomunhão, nada tenho."

O FRADE, fóra de si. "Basta insolente! vou a Zurique, e apresentarei queixa aos deputados da confederação."

O DEÃO. "Posso lá ir tanto como tu, e irei agora mesino."

Enquanto estas cousas se passaVam. em Bremgarten, Zwingle, que via o inimigo aproximar-se pouco a pouco dele, pregava com força contra as indulgências. O vigá-Tio geral, Faber, de Constança, o animava, prometendo-lhe O apoio do bispo. "Eu sei," dizia Sansão, caminhando pai:, Zurique,..que Zwingle falará contra mim, mas lhe taparei•

A boca. Zwingle sentia demasiadamente a doçura do

dão de Cristo, para deixar de atacar a indulgência de papel desses homens temerários. Muitas vezes tremia como Lutem por causa de seus pecados, mas achava no Salvador a libertação de seus temores. Este homem modesto, mas forte, crescia no conhecimento de Deus. "Quando Satanaz," dizia ele, "aterra-me exprobando-me o não fazer isto ou aquilo, que no entanto Deus ordena! logo a doce voz do Evangelho me consola, dizendo-me, "O que tu não podes fazer (e certamente nada podes), Cristo o faz e cumpre." Sim,- continuava o pio evangelista, "quando o meu coração está angustiado por causa de minha impoténcia e da fraqueza da minha carne, meu espírito se reanima ao ouvir esta alegre notícia: Cristo é tua inocência! Cristo é tua justiça! Cristo é tua salvação! Tu nada és, nada podes! Cristo é o alfa e o omega; Cristo é o princípio e o fim; Cristo é tudo: pode tudo. Todas as cousas criadas te abandonarão e te enga-narão; mas Cristo, o Inocente o o Justo, te receberá e te justificará... Sim, é ele," exclamava Zwingle, "a nossa justiça e a de todos os que jamais comparecerão como justos diante do trono de Deusl... [6]

Em presença de tais verdades, as indulgências caiam por si mesmas; por isso Zwingle não temia atacá-las. Nenhum homem," ,dizia ele, "pode perdoar pecados. Só Cristo, que é o verdadeiro Déus e verdadeiro homem, tem esse pode r.

Vai, compra indulgências... mas fica certo que de modo algum estás absolvido. Os qUe por dinheiro vendem remissão de pecados, são companheiros de Simão o Mágico, amigos de. Balaão, e embaixador de Satanaz.

O deão Bullinger, ainda esquentado por sua conversação com o frade, chegou antes dele a Zurique. Vinha queixar-se. à dieta deste negociante descarado e. de seu tráfico. Pelo menos lá já estavam enviados do bispo. Ele fez causa comum com eles. Todos lhe prometeram apoio. O espírito que animava Zwingle soprava sobre a cidade: O conselho de estado resolveu opôr-se a que o frade entrasse em Zurique. [7]

Sansão tinha chegado ao arrabaldes e se hospedado da solene, quando vieram deputados do conselho, e ha-vendo-lhe oferecido o vinho de honra como a um enviado do papa, lhe disseram que podia abster-se de entrar em Zurique. "Tenho alguma cousa a comunicar à dieta em nome de sua santidade," replicou o frade. Era uma astúcia. Resolveram, pois, admiti-lo; mas corno ele não fi lou• senão de suas bulas, despediram-no, depois de lhe ter feito retirar a excomunhão pronunciada contra o deão de Bremgarten. SaiU furioso, e logo o papa o chamou ã Itália. Um carro, puxado por três • cavalos e carregado de dinheiro que suas mentiras tinham arrancado aos pobres; o precedia sobre aqueles caminhos escarpados de S. Gotard, que ele tinha atravessado oito meses .antes, pobre, sem aparência, e carregado somente de alguns. papeis. s

A dieta helvética mostrou .mais resolução que a germá-

1 nica. [8] É que lá não tinham assento bispos e cardeais. Por isso o. papa, privado desses apoios, procedia mais branda-Mente com a Suíça que com a Alemanha. Demais, o negócio das .indulgências, que representou tão grande papel na Reforma da Alemanha, é apenas um episódio na Reforma suíça.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Anshelm, 5, p. 335: J. J. Honing, Hely.

[2] K. Gesch.. 3. p. 29. Müllers Relig.. 4. p. 403.

[3] NIse. cie liollirwer.

[4] Manuscrito dc Builinger.

[5] 7w. Opp.. 2, parte 1. p.

[6] lntrn hotel. Já tinha tini pé 11(5 estribo para faz(r N11.1 (•103•

[7] Zw. Opp.. 2. p. 207. Ibid.. I. p. 4 1

[8] Manuscrito de Bullinger.

CAPÍTULO VIII

Fadigas de Zwkrigle – Os banhos de Pfeffers – Oj momento de Deus – A grande morte. – Zwingle ateado da peste – Seus adversários – Seus amigos – Convalescença -- Alegria geral – Efeito da praga – Miconius em Lucerna – Ostvcdd anima Zwingle – Zwingle cm Basiléia – Capito chamado a Moguncia Hedio em Basiléia –Um filho cruel – Preparam-se para ó combate.

ZWINGLE não se poupava. Tanto trabalho pedia um pouco .de descanso. Prescreveram-lhe que f9sse aos banhos de Pféffers.. "Ah!" diSse separando-se dele Herus, um dbs discípulos que tinha .em casa, e que expressava assim o pensaimento de todos os que cçn:iheciRm .Zwingle, "quando eu tivesse cem línguas, cem bocas, uma vo de ferro, como disse Virgílio, ou antes á .eloqüência de Cícero, podeda dizer tudo qtianto vos devo e quanto me custa esta separação?" [1]• No entanto Zwingle foi.. Chegou a Pfeffers passando pela .tremenda garganta que. forma .a impetuosa torrente do Jarina. Desceu a. esse abismo infernal, como dizia Daniel o eremita, e chegou aos. banhos perpetuamente abalados pela .queda dá torrente e regados Pelo pó úmido dás ondas que-bradas.

Precisava-se de luz mesmo de dia na casa em que Zwingle morava. . Asseguravam mesmo por ali que nesse lugar apareciam às vezes horríveis espectros nas trévas.

E no entanto aí mesmo achou ele ocasião deservir seu Senhor. Sua afabilidade ganhou o coração de muitos doentes. Deste número foi um poeta célebre, Filipe Ingentinus, professor em Friburgo em Brisgan, [2]* que desde então mostrou-se cheio de zelo pela Reforma.

Deus velava sobre sua obra e queria apressá-la. O defeito de Zwingle estava em sua força. Forte de corpo, forte de caráter, forte de talentos, devia ver todas essas forças quebradas, para tornar-se nas mãos de Deus um instrumento como Ele gosta. Faltava-lhe um batismo, o da adversidade, da enfermidade, da fraqueza e da dor. Lutero o tinha recebido nesse tempo de angústia em que enchia de gritos agudos a cela e os longos corredores do convento dErfurt. Zwingle devia recebê-lo achando-se em contato com a doença e a morte. Há para os heróis do mundo, os Carlos XII, os Napoleão, um momento que decide de sua carreira e de sua glória, é o em que de repente sua força se revela. Existe um momento análogo na vida dos heróis segundo Deus, mas é em sentido contrário; é o em que eles vêm a reconhecer sua impotência e seu nada; desde então recebem do céu a força de Deus. Uma obra tal como essa de que Zwingle devia ser instrumento nunca se faz com a força natural do homem; murchar-se-ia logo, como uma árvore que se planta em todo o desenvolvimento e em todo o seu vigor. É preciso que uma planta seja tenra para que tome raiz; e que um grão morra »na terra, para que dê muitos frutos. Deus conduziu Zwingle, e com ele a

obra de que era a esperança, às portas do sepulcro. É entre o Ossos, as trevas e o pó da morte, que Deus se apraz de ti IA t Os homens de quem se serve para espalhar sobre a lerr,, ao luz, a regeneraçáu e a vida.

Zwingle estava oculto entre os imensos rochedos tu,. cingem a torrente furiosa do Jamina, quando de repeutt • [3] soube que a pe»ste, ou; como o chamavam, a grande morte, éstava em Zurique. Declarou-se »ela terrível em agosto, no dia de S. Lourenço, durou até à C:andelária, e ceifou duas mil e quinhentas pessoas.

Os moços que moravam em casa de Zwingle tinham partido imediatamente, segundo as instruções que ele lhes havia deixado. Sua casa estava vazia; mas era para ele chegado o momento de voltar. Deixou precipitadamente Pfeffers e reapareceu no seio do seu rebanho dizimado pela doença; mandou logo para Wildhaus, seu jovem irmão André, que tinha querido esperá-lo, e desde esse momento consagrou-se todo às vítimas desse horrível flagelo. Cada dia anunciava aos doentes Cristo e suas consolações. Seus amigos, alegres por verem-no são e salvo no meio de tanta mortandade, tinham no entanto um temor secreto. "Fazei o bem," lhe escrevia de Basiléia Canrado Brunner, que morreu da peste alguns meses mais tarde, "mas ao mesmo tempo tomai cuidado com a vossa vida!" Já era tarde: Zwingle estava atacado da peste. O grande pregador da Suíça ficou na cama da qual talvez não se devesse mais levantar. Recolheu o seu espírito e dirigiu a vista ao céu. Sabia que CristO lhe tinha dado segura herança, e expandindo os sentimentos de seu coração num cântico cheio de unção e simplicidade, do qual, não podendo traduzir a linguagem antiga e ingénua, procuraremos ao menos reproduzir o ritmo e as expressões literais. exclamou:

Abre-se a porta

Eis chega a morte.! ° Tua mão me cubra, Meu Deus, meu forte !

Levanta o braço, Jesus, dorido,

O ferro quebra

Que me há ferido ! [4]

Chateaubriand tinha esquecido este fato e milhares de outros semelhantes, quando escreveu "que o pastor protestante abandona o necessitado em seu leito de morte e não se atreve no meio da peste." [5] Ensaio sobre a literatura inglesa. [6]

Mas se minha alma, Na fôrça sua,

Cristo, reclamas,

Toma-se, que é tua.

A morte é doce, Sou todo teu;

À minha fé

Abre-se o céu.

No entanto aumenta-se a doença; seus amigos contemplam com grande aflição este homem, a esperança da Suíça e da igreja, quase a tornar-se presa do sepulcro. Seus sentidos e forças o abandonam. Seu coração teme,, mas ainda acha força para voltar-se para Deus, e exclama:

O mal se inflama, Socorro, ó Justo ! Minhalma e corpo Esvai-se em susto.

já sinto a morte;

Nem sei se existo; Foge-me a fala

tempo, ó Cristo.

Satan me enlaça Fm me sorver:

Deita-me as garras Vou parecer ?

Foge confuso,

Vai, tentador,

Que aos pés postrei-me Do Salvador.

O cônego Hoffman, sincero em sua fé, não podia su-portar a. idéia de ver morrer Zwingle nos erros que tinha pregado. Foi ter com o prepósito do cabido. Pensai," lhe disse ele, "nos perigos de sua alma! Não chama ele inovadores e fantásticos todos os doutores que têm ensinado nestes trezentos e oitenta e mais anos, Alexandre de Hales,

Roaventura, Alberto-o-grand•[7], Tomás dAquino, e Iodos os canonistas? Não sustenta que suas doutrinas são sonhos qui- tiveram em suas celas, entre as paredes dos claus-tros?... Ah! mais valera para a cidade de Zurique que Zwingle tivesse arruinado por muitos anos as nossas vinhas e as nossas messes! Agora, ei-lo às portas da morte._ En vos suplico, salvai sua pobre alma! Parece que o prepó-sito, mais esclarecido que o cônego, não julgou necessário converter Zwingle a S. Bonavenhira e ao grande Alberto. Debraram-no em paz.

Toda a cidade estava perturbada. Todos os crentes ora-vam a Deus noite e dia, e lhe pediam que restabelecesse seu fiel pastor.° O terror tinha passado de Zurique às mon-tanhas do Tockenburgo. A peste tinha também chegado a essas alturas. Sete ou oito pessoas sucumbiram no i)ovoado; entre elas estava um criado de Nicolau, irmão de Zwingle. Ninguém recebia cartas do reformador. "Dize-me," escreveu-lhe o

jovem André Zwingle, "em que estado te achas, é meu caro irmão! O abade e todos os irmãos te saúdam." Parece que o pai e a mãe de Zwingle já tinham morrido, pois que aqui não se trata deles.

A notícia da doença de Zwingle e mesmo o boato de sua morte correram a Suíça e a Alemanha. "Ah!" exclamou Hédio com as lágrimas nos olhos, "a salvação da pátria, a trombeta do Evangelho, o magnânimo pregoeiro da verda-de, foi ferido pela morte na flor e por assim dizer na pri-mavera da idade!" [8]• Quando chegou a Basiléia a noticia que Zwingle tinha morrido, toda a cidade enchia-se de gemidos e de luto. [9]§

No entanto a centelha de vida que ainda restava em Zwingle reanimava-se. Post❑que todos os seus membros ainda estivessem atacados de languidez, sua alma tinha a inabalável convicção que Deus o havia chamado para tor-nar a acender a lâmpada apagada da igreja a luz de sua palavra. A peste abandonou sua vítima, e Zwingle exclama com emoção: [10]

Meu Deus, meu Pai,

Tu me curaste,

E sobre a terra

Me restauraste.

Não mais me toque Feio pecado I

Por minha boca

Sejas cantado !

A hora incerta

Virá por fim

Talvez mais susto Trazer pira mim,

Mas animado,

Sempre contente,

Levo meu jugo

Ao céu fulgente !

Zwingle não podia pegar na pena (era em princípios de novembro), quando escreveu à sua família. Foram trans-portes inefáveis de alegria, principalmente para seu jo-vem irmão André, que morreu, no ano seguinte, da peste, e por cuja morte Ulric derramou lágrimas como uma mulher não teria feito, diz ele mesmo. § Em Basiléia, Conrado Bruener, amigo de Zwingle, e Bruno Amerbach, famoso

impressor, moços ambos, depois de três dias de doença tinham baixado à sepultura. Nesta cidade acreditava-se que Zwingle também tinha sucumbido. A universidade estava Inergulhada em luto. "Aquele a quem Deus ama," dizia-se, "concluiu sua carreira na flôr na vida." ° Mas que alegria, quando Colinuy, estudante lucernense, e depois o negociante de Zurique, trouxeram a notícia crie Zwingle tinha esca-pado às portas da morte!

[11]* Palavras que se cumpriam de um modo notável, doze anos mais tarde, nos campos ensanguentados de Cappel.

Posto que estes três pedaços de poesia tenham por data: "no princípio, no meio, no fim da doença", e expressem os sentimentos que sofreu Zwingle realmente nesses diversos momentos. é provável que não fossem redigidos no estado em que os termos, senão depois da cura. Manuscrito de Bullinger. [12]

O vigário geral do bispo de Constança, João Faber, esse antigo amigo de Zwingle, que foi mais tarde o seu mais violento adversário, lhe escreveu: "O meu caro Ulric, que alegria sinto, sabendo que esca-paste à guela da cruel morte. Se estás em perigo, a repú-blica cristã está ameaçada. O Senhor quis por estas provo-çõcs impelir-te a investigar melhor e procurar a vida eterna." [13]

Era esse realmente o fim pelo qual Deus tinha expe-rimentado Zwingle, e este fim fui atingido, mas de modo diferente do que Faber pensava. Esta peste de 1519, cujas dèvastações foram tão grandes no norte da Suíça, foi na mão de Deus um poderoso meio de conversão para um grande número de almas. [14]° Mas não teve sobre ninguém uma influência tão grande como sobre Zwingle. O Evan-gelho, que até então tinha sido para ele uma simples dou-trina, tornou-se grande realidade. Ele se levantou das pro-fundezas do sepulcro com um coração novo. Seu Mo tornou-se mais ativo, sua vida mais santa, sua pregação mais livre, mais cristã, mais poderosa. Esta época foi a da completa libertação de Zwingle; desde então consagrou-se todo a Deus. Mas ao mesmo tempo que o reformador, a Reforma da Suíça recebeu uma vida nova. O açoite de Deus, a grande morte, passando sobre todas aquelas montanhas, e descendo em todos os vales, deu alguma coisa de mais santa ao movimento que se operava. A Reforma, como Zwingle, mergulhou-se nas águas da dor e da graça, e daí saiu mais pura e viva. Foi um grande dia na marcha de Deus para a regeneração do povo.

Zwingle bebeu novas forças, de que sentia necessidade, .na comunhão de seus amigos. Uma viva afeição unia-o principalmente a Miconius. Caminhavam apoiados um no outro, como Lutero e Melancton. Oswald era feliz em Zurique. Lá sua posição era realmente incômoda, mas as virtudes de sua modesta esposa aliviam-na. Dela é que Clareano dizia: Se eu adiasse uma moça como da, preferi-ia-ia à fi- lha dum rei."

Entretanto uma voz fiel vinha muitas vezes perturbar a doce amizade de Zwingle e de Miconius; era a do cônego Xiloteto que, chamando Oswald de Lucerna, convida-o a voltar a seu país. "Zurique não é tua pátria," dizia-lhe, "é Lucerna! Dizes que os zuriquenses são teus amigos: concordo; mas sabes o que trará a estrela da manhã? Serve tua pátria:-° eu te aconselho, rogo-te, e, se é possível ordeno!" Xiloteto, juntando a ação às palavras, fez nomear Miconius diretor da escola colegial de Lucerna. Então Oswald não hesitou; viu o dedo de Deus nesta nomeação, e por maior que fosse o sacrifício, resolveu fazê-lo. Quem sabe se não será um instrumento do Senhor, para introduzir a doutrina da paz na belicosa Lucerna? Mas que separa ,ão a de Zwingle -e de Miconius! Com lágrimas nos olhos! "Tua partida," escrevia, pouco tempo depois, Ulric a Oswald, "deu tão grande golpe à causa que defendo, como o que recebe um exército formado em ordem de batalha quando uma das alas é destruídas. [15]° Ah! compreendo agora quanto tem podido o meu Miconius, e quantas vezes, sem que eu o soubesse, ele tem sustentado a causa de Cristo!

Zwingle sentia tanto mais a privação de seu amigo quanto a peste o tinha deixado em estado de grande fra-queza. Ela diminuiu minha memória," escrevia a 30 de novembro de 1519, "e esgotou meu espírito." Apenas convalescente, tinha continuado todos os trabalhos. "Mas," disse ele, "muitas vezes, pregando, perco o fio do discurso. Todos os meus membros são atacados de languidez, e fico como morto." Além disto, a oposição de Zwingle às indulgéncias tinha excitado a cólera dos partidários delas. Oswald fortificava seu amigo pelas cartas que lhe escrevia de Lucerna. Não dava o Senhor, nesse mesmo tempo, demonstrações de seu socorro na proteção de que cercava na Saxônia o atleta poderoso que ganhava sobre Roma tão grandes vitórias? "O que pensas," dizia Miconius a Zwingle, "da causa de Lutero? Quanto a mim nada temo nem pelo Evangelho, nem por ele. Se Deus não proteger a sua verdade, quem a protegerá? Tudo o que peço ao Senhor, é que não retire sua mão daqueles que nada tèm mais caro do que o seu Evangelho. Continua corno começaste, e uma recoin-pensa abundante te será decretada nos céus.

Um antigo amigo veio consolar Zwingle da partida de Miconius. Bunzli, que tinha sido, em Basiléia, mestre dUlric, e que tinha sucedido ao deão de Wesen, tio do reformador, chegou a Zurique na primeira semana do ano de 1520, e Zwingle e ele formaram o projeto de irem visitar em Basiléia seus amigos comuns. [16]° A estada de Zwingle em Basiléia deu frutos. "Oh! meu caro Zwingle," lhe escrevia mais tarde João Clother, "jamais vos esquecerei! O que me liga a vós, é a bondade com que, durante a vossa estada em Basiléia, me viestes ver, a mim pobre mestre escola, homem obscuro, sem ciência, sem mérito e de baixa condição! O que me cativa, é a elegância de costumes, a doçura indizível, pela qual subjugais todos os corações, e as próprias pedras, para assim dizer.- Mas os antigos amigos de Zwingle

aproveitaram.Se ainda mais de sua residência lá. Capito, Hédio, mais outros, ficaram eletrizados por sua palavra poderosa, e o primeiro, começando em Basiléia a obra que Zwingle fazia em Zurique, começou a expor o Evan-gelho segundo S. Mateus diante dum auditório que não cessava de crescer. A doutrina de Cristo penetrava e inflamava os corações. O povo a recebia com alegria e saudava com aclamações o renascimento do cristianismo. Era a aurora da Reforma. Por isso apareceu logo contra Capito uma conjuração de padres e frades..Foi então que o jovem cardeal arcebispo de Moguncia, Alberto, desejoso de ligar a si um homem tão sábio, chamou-o à sua corte. [17]§ Capito, vendo as dificuldades que lhe suscitavam, aceitou o convite. O povo amotinou-se: sua indignação levantou-se contra os padres, e houve tumulto na cidade. [18] Pensou-se em Hédio para substituí-lo; uns, porém, objetavam sua mocidade, outros diziam: "É discípulo de Capito!" "A verdade morde," disse Hédio; "não convém, dizendo-a, arranhar os ouvidos delicados. [19]° Não importa! nada me desviará do ca- Auriculas ~era-, mordaci radere vero, non usque adeo tucum e?-d. 7.w Fp.. il. 12n.

fuinho direito.- Os frades redobraram de esforços. "Não cr••de," exclamavam eles do alto do púlpito, "naqueles que dizem que o sumário da doutrina cristã encontra-se no Evangelho e em S. Paulo. Scotus foi mais útil ao Cristia-nismo que S. Paulo mesmo. Tudo o que se tem impresso de sábio é tirado de Scotus. O que alguns ambiciosos têm podido fazer fora daí, é misturar-lhe algumas palavras gre-gas e hebraicas, para escurecer tudo." 1-[20]

Crescia o tumulto: era de receiar que, quando Capito tivesse partido, a oposição se tornasse mais poderosa. Fi-carei quase só," pensava Hédio, "fraco e miserável, a lutar, só, contra estes monstros temíveis." Por isso invocava o so-corro de Deus escrevia a Zwingle: Inflamai a minha co-ragem por cartas freqüentes. A ciência e o cristianismo es-tão agora z-ntre o martelo e a bigorna. Lutero acaba de ser condenado pelas universidades de Louvain e de C.ologne. Se houve algum dia perigo iminente na igreja, é nesta ho-ra." [21]§...

Capito deixou Basiléia por Moguncia a 28 de abril, e Hédio o substituiu. Não satisfeito com as reuniões públicas (pie tinham lugar no templo e onde ele continuou a expli-cação de S. Mateus, propôs-se, desde o mês de junho, assim como o escreveu a Lutero, Fazer em sua casa reuniões particulares, para dar uma instrução evangélica mais fami-liar aos que sentissem necessidade de obtê-la. Este meio poderoso de instruir na verdade e de vivificar o interesse e o zelo dos fiéis pelas coisas divinas, não podia deixar, então como sempre, de suscitar oposição, seja da gente do inundo, seja dos padres dominadores, que, uns a outros. posto que por motivos diied.ntes, querem igualmente que não se adore a Deus senão no recinto de certas muralhas. Mas Hédio foi invencível.

Na mesma época •ni que tomava eln Basiléia esta boa resolução, chegava a Zurique um daqueles caracteres que brotam de ordinário clo seio das revoluções, como nin;1 pura espuma. [22]

O senador Crebel, homem muito considemdo

otll dho chamado Conrado, moço dt, [alenta«,

SCOIL1M pIu, profitisse rei Chtktianx quam irmint laulum...

notáveis, inimigo desapiedado da ignoráncia e da supersti-ção, que atava-a com sátiras mordazes, ardente, arrebatado, mordaz e amargo em seus discursos; sem afeição natural, entregue à devassidão, falando sempre e altamente de sua inocência, e não sabendo ver senão mal nos outros, Falamos aqui dele porque mais tarde terá de representar um triste papel. Nesta época, Vadiano casou-se com uma irmã de Conrado. Este, que estudava em Paris, onde o seu mau procedimento o tornava ,incapaz de progredir, desejoso de assistir às núpcias caiu de repente, no principio de junho, no meio de sua família. Seu pobre pai recebeu este filho pródigo com um doce sorriso, sua terna mãe com lágrimas. A ternura de seus pais não mudou seu coração desnaturado. Sua boa e infeliz mãe tendo mais tarde estado às portas da morte, Conrado escreveu a seu cunhado Vadiano: "Minha mãe acha-se restabelecida; governa de novo a casa, dorme, levanta-se, ralha, almoça, disputa, janta, bate boca, ceia e nos incomoda sempre. Corre, cose e recose, vira e revira, varre, ajunta o cisco, trabalha, morre de cansada e não tardará a recair." [23]° Tal era o homem que pretendeu mais tarde dominar Zwingle. A Providência divina permitiu talvez que tais caractéres aparecessem na época da Reforma para fazer sobressair mesmo por suas desordens o espírito sábio, cristão e regular dos reformadores.

Tudo anunciava que o combate entre o Evangelho e o papismo ia travar-se. "Excitemos os temporizadores," escre-via Hédio a Zwingle; -a paz está quebrada; armemos nossos corações! teremos de combater contra os mais rudes inimigos." escrevia rio mesmo tom a Ulrie: mas este respondia aos apelos guerreiros com admirável doçura. -Quisera," dizia, "ganhar estes homens obstinados pela be-nevolência e os bons ofícios antes que derrubá-los pela vio-lência e pela disputa. Se eles chamam a nossa doutrina (que aliás não é nossa), uma doutrina do diabo, nada há nisso que surpreenda; é natural, r por aí ainda reconheço que somos embaixadores de Deus. Os demônios não se podem calar em presença de Jesus Cristo," [24]

NOTAS DE RODAPÉ

[1]. Ep., p. 84.

[2] Ibid., p. 119.

[3] * Manuscrito de Bulinger.

[4] Manuscrito de Bulinger, p. 87.

[5] lbid.

[6] * Zw., 2. parte 2. p. 270.

[7] Manuscrito de Bulinger.

[8] -1- Zw. Ep., p.

[9] Ibid.. p. 91. Ibid.. p. 9 I .

[10] Zw. Ep. p. 86.

[11] Ibid.. p. 155.

[12] * Zw. Ep.. p. 90.

[13] -1 Ibid., p. 91.

[14] 11 Als die Pestilenz im .Iahrc 1519 in disser Gegend grassirte. viele neigten sicb zu einem bessern Leben. George Voegelin. Ref. Hist.: Füsslin Reytrage. 4. p. 174.

[15] Xylectectus M iconio. Zw, Fp., p. 9R.

[16] Zw. Ep., pp. 103. 111.

[17] Ibid., 133. Ibid., 120.

[18] Ibid.. 120.

[19] 1 Ibid. I; Ibid.

[20] quiequid eruditum, [arai!~ ex Seulo.. Ibid.

[21] § Si unquam imminebat periefflunt. imminel Ibid.. de 17 de ttt;ttu de 1 520.

[22] Sirnml. Samml., Wirz. 1. p. 26.

[23] Zw. Ep., p. 101.

[24] Ibid.. 103.

CAPÍTULO IX

Os dois reformadores — Queda do homem — Expiação do Deus homem — As obras não tem mérito — Objeções refutadas — Poder do amor para com Jesus Cristo —Eleição — Jesus Cristo L o único mestre — Efeitos desta pregação — Abatimento e valor — Pr;nzeiro ato do magistrado — A igreja e o estado — Ataques — Galster.

Pósto que desejando seguir o caminho da doçura, Zwingle não ficou ocioso. Depois de sua doença, a pregação tornou-se mais profunda, mais viva. Duas mil pessoas e mais tinham recebido a palavra de Deus em seus corações, confessavam a doutrina evangélica em Zurique, e já podiam anunciá-la elas mesmas. [1]°

Zwingle possuía a mesma fé que Lutero, porém fé mais esclarecida. Em Lutero dominava o fervor; em Zwiogle a clareza da exposição. Há nos escritos de Lutem um sentimento íntimo, e pessoal do apreço que fazia da cruz de Jesus Cristo; e este sentimento, cheio de calor e vida, •Rt a alma de tudo quanto ele dizia. A mesma coisa encontra-se sem dúvida em Zwingle, em menor grau. Ele viu mais o complexo do sistema cristão; admirava-o principalmente pela beleza que nele encontrava, pela luz que derramava no espírito humano, e pela vida eterna que trazia ao mundo. Um é mais o homem do coração: o outro é mais o homem 1 da Mteligência, e eis porque aqueles que não conhecem por sua própria experiência a fé que animava estes dois grandes discípulos. do Senhor, caem no grosseiro erro de fazer de urn, um místico e do outro um racionalista. Um é mais patético talvez fia exposição de sua fé, o outro é mais filosófico: mas uni e outro crêem nas mesmas verdades. Não encaram talvez sob o mesmo ponto de vista todas as questtws secundárias; mas a fé que é tinia, a fé que vivifica e justifica todo aquele que a possui, a fé que nehuma confissão, nenhum artigo de doutrina pode expressar, existe num como no outro. A doutrina de Zwingle foi muitas vezes tão mal representada, que convém recordar o que ele pregava então ao povo, cuja multidão enchia sempre de novo a catedral de Zurique.

Zwingle via na queda do primeiro homem a chave da história da humanidade. "Antes da queda," dizia ele uni dia, o homem tinha sido criado com uma vontade livre, de sorte que se tivesse querido, teria podido observar a lei; sua natureza era pura; a doença do pecado não a tinha ►inda atacado: tinha a vida em suas mãos. Mas querendo ser semelhante a Deus, morreu • .. e não somente ele, mas tam-bém tudo o que nasce dele. Todos os homens tendo morrido em Adão, ninguém os pode chamar à vida, até que o Espírito, que é Deus mesmo, os ressuscite da morte.- [2]°

O povo de Zurique, que escutava com avidez este po-deroso orador, compungido e triste ao ouvi-lo desenvolver o estado de pecado cru que se adia a humanidade, ouvia logo depois urna palavra de alegria, e aprendia a conhecer o remédio que pôde chamar o homem à vida. Cristo, verdadeiro homem e verdadeiro Deus,- dizia a voz eloqüente do filho do pastor de Tockernburgo, "comprou-nos uma redenção que

jamais acabará. Ê o Deus eterno que morreu por nós: sua paixão é pois eterna; e ela dá para sempre a salvação; [3]* satisfaz para sempre à justiça divina em favor de todos Os que confiam neste sacrifício com uma fé firme e inabalável. Aí onde existe o pecado,- exclamava o reformador, "é necessário que sobrevenha a morte. Cristo não tinha pecado, não houve fraude em suma boca: entretanto .; S

vie morreu! ... Ah! sofreu a morte em nosso lugar! Ele quis morrer para nos dar a vida; e como não tinha pecados próprios, o Pai, cheio de misericórdia, fez recair sobre ele os nossos pecados. Pois que a vontade do homem," dizia ainda o orador cristão, "pôs-se em rebelião contra o Deus supremo, era necessário, para que a ordem eterna fosse restabelecida e o homem fosse salvo, pie a vontade humana se submetesse em Cristo à vontade divina. Repetia muitas vezes que era para os fiéis, para o povo de Deus, que tinha tido lugar a morte expiatória de Jesus Cristo. [4]

As almas ávidas de salvação, • na cidade de Zurique achavam repouso ouvindo a boa nova; mas havia nos espíritos antigos erros, que era preciso destruir. [5] Partindo desta grande verdade duma salvação que é dom de Deus, Zwitigle levantava-se com força contra o pretendido mérito das obras humanas. "Pois que a salvação eterna," dizia ele, "provém unicamente do mérito e da morte de Jesus Cristo, o mérito de nossas obras é uma loucura, para não dizer temerária impiedade.[6]° Se houvéssemos podido salvar-nos por nossas obras, não teria sido necessário que Jesus Cristo morresse. Todos quantos têm ido para Deus o têm feito pela morte de Jesus Cristo."

Zwingle previa as objeções que esta doutrina suscitaria entre alguns de seus ouvintes. Iam ter com ele; apresentavam-nas. Ele subia ao púlpito e dizia: "Gente, talvez mais curiosa que pia, objeta que esta doutrina torna os homens levianos e dissolutos. Mas que importa o que a curiosidade dos homens pode objetar ou temer? Todo aquele que crê em Jesus Cristo está certo que tudo o que vem de Deus é necessariamente hom. Se pois o Evangelho é de Deus, é bom. E que outro poder seria capaz de implantar entre os homens a inocência,- a verdade, o amor? ... O Deus mui demente, mui justo, Pai de misericórdias," exclamava ele na efusão de sua piedade, com que caridade tens abraçado a nós teus inimigos. [7]§ ... Quão grandes e certas esperanças nos tens concedido, a nós que não deveríamos conhecer senão o desespero! e a que glória tens chamado em teu Filho

a nossa pequenez e o nosso nada! ... Queres, por este inefável amor, obrigar-nos a pagar-te amor por amor!...

Depois, seguindo esta idéia, mostrava que o amor ao Redentor é uma lei mais poderosa que os mandamentos. "C) cristão," dizia ele, "livre da lei, depende inteiramente de Cristo. Cristo é a sua Tazão, o seu conselho, a sua justiça e toda a sua salvação. Cristo vive nele e obra nele. Cristo o conduz, e não têm necessidade de

outro condutor." [8]° E, servindo-se duma comparação ao alcance de seus ouvintes, acrescentava: "Se um governo proibir sob pena de morte os cidadãos de receberem pensões e benefícios de estrangeiros, como é suave -e fácil esta lei àqueles que, por amor da pátria e da liberdade, já se abstivessem duma ação tão culpada! Mas, pelo contrário, como ela atormenta, como mortifica aqueles que Só perisam em seu interesse! Assim o justo vive alegre no amor da justiça, e o injusto marcha tremendo sob o peso enorme da lei que, o oprime."

Havia na catedral de Zurique grande número de antigos soldados que compreendiam a verdade destas palavras. O amor não é o mais poderoso dos legisladores? O que ele ordena não se cumpre imediatamente? Aquele a quem amamos não habita em nosso coração, e não faz nele o que quer? Por isso Zwingle não hesitava afirmar ao povo de Zurique que só o amor ao Redentor era capaz de conseguir que o homem fizesse cousas agradáveis a Deus. As obras feitas fora de Jesus Cristo não são úteis," dizia o orador cristão. "Pois que tudo se faz por Jesus, em Jesus e para Jesus, que pretendemos arrogar-nos? Por toda parte onde se cri. em Deus, lá está Deus: e onde Deus se acha, há um zdo que incita e impele para bóas obras. [9]° Vê bem que Cristo esteja em ti e que tu estejas em Cristo, e não duvides então da sua ação sobre ti. A vida do cristão não é senão urna operação contínua, pela qual Deus começa, continua e completa o bem do homem. [10]°

Impressionado pela grandeza deste amor de Deus, que existe desde os tempos eternos, o pregoeiro da graça refor-çava os acentos da voz, para chamar as almas irresolutas ou timoratas. -Temerieis, dizia ele, "aproximar-vos deste terno Pai que vos elegeu? Porque nos elegeu em sua graça? porque nos atraiu? Será por ventura para não ousarmos ir para ele?" ... [11]

Tal era a doutrina de Zwingle. Era a de Jesus Cristo mesmo. "Se Lutero prega Cristo, faz o que eu faço," dizia o pregador de Zurique; "aqueles que têm sido trazidos por ele a Cristo excedem em número os que o tem sido por mim. Mas não importa! não quero trazer outro nome senão o de Cristo, de quem sou soldado, e que só é meu chefe. Jamais um traço de pena foi escrito por mim a Lutero, nem por Lutero a mim. E porque? a fim de mostrar a todos quanto o Espírito de Deus está de acordo consigo mesmo; pois que, sem jamais termo-nos encontrado, ensinamos com tanta harmonia a doutrina de Jesus Cristo."

Assim Zwingle pregava com coragem, com efusão. [12]§ A vasta catedral não podia conter a multidão dos ouvintes. To-dos louvavam a Deus ao ver que urna vida nova começava a reanimar o corpo extinto da igreja. Suíços de todos os cantões, vindos a Zurique, seja para a dieta, seja por outros motivos, tocados por esta nova pregação, levavam as preciosas sementes a todos os vales helvéticos. Uma aclamação levantava-se das montanhas e das cidades. -A Suíça," escrevia, de

Lucerna para Zurique, Nicolao Hagéus, "tem até hoje dado à luz Scipiões, Cesares, e Brutus: mas apenas produziu um ou dois homens que conhecessem a Jesus Cristo e que nutrissem seus corações, não de vãs disputas, mas da palavra de Deus. Agora que a Providência divina dá à Suíça Zwingle por orador e Oswald Miconius por doutor, as virtudes e as santas letras renascem entre nós. O feliz Helvécia! se soubesses afinal repousar de tantas guerras, e, j tão célebre pelas armas, tornar-te ainda mais célebre pelas justiça e pela paz! [13]° "Dizia-se," escrevia Miconius a Zwingle, -que a tua voz não podia se ouvir a ti-és passos. Mas vejo agora que é mentira, porque a Suíça inteira a ouviu" "Tu te tens revestido de uma coragem intrépida, escrevia-111c de basiléia Hédio; -seguir-te-ei quanto pu.

der. [14]° "Eu te ouvi." dizia-lhe, de Constança, Sebastião Moimeister de Sehaff. "Ah! Oxalá que Zurique, que está à testa de nossa feli confederação, fosse arrancada à doença e a saúde voltass(assim a todo o corpo." [15]°

Mas Zwingle encontrava adversários assim como admiradores. "A que propósito," diziam uns, "ocupa-se ele com os negócios da Suíça?" "Porque em suas instruções religiosas," diziam outros, "repete cada vez as mesmas coisas?" No meio de todos estes combates, muitas vezes a tristeza apoderava-se da alma de Zwingle. Tudo lhe parecia confundir-se, e a sociedade figurava-se-lhe como movendo-se desde os alicerces. [16]° Cria impossível que alguma coisa nova aparecesse, sem que alguma coisa oposta se mostrasse logo. Logo que esperança nascia em seu coração, nascia ao lado dela um receio. No entanto ele levantava logo a cabeça: "A vida do homem neste muncio é uma guerra," dizia ele; "aquele que deseja obter a glória deve atacar de frente o mundo, e, como Davi, fazer morder o pó a este feroz Co-lias, que parece tão soberbo por sua alta estatura. A igreja," dizia ele como Lutero, "foi adquirida pelo sangue, e deve ser restaurada pelo sangue.[17]° Quanto mais imundice há nela, tantos mais Hércules devem armar-se para limpar esses currais de Augeias. [18]§ Termo pouco por Lutero," acrescentava ele, "mesmo se ele for fulminado pelos raios desse Júpiter." II

Zwingle tinha necessidade de repouso; foi às águas de Baden. O cura do lugar, antigo guarda do papa, homem de bom caráter, mas duma ignorância completa, tinha obtido seu benefício trazendo espada. Enquanto que, fiel a

hábitos de soldado, ele passava o dia e parte da noite em alegre companhia, Staheli, seu vigário, era infatigável no cumprimento de todos Os deveres a seu cargo. [19]° Zwingle mandou chamar à sisa casa ojovem ministro. Preciso de ajudantes suíços, disse ele; e desde esse momento, Staheli

foi seu colaborador, Zwingle, Stalieli e Luti mais tarde pastor de Winterthour, viviam sob o mesmo teto.

A dedicação de Zwingle não devia ficar sem recolinpensa. A palavra de Cristo, pregada com tanta energia, devia dar frutos. Muitos magistrados convertiam-se; tinham achado na palavra de Deus sua consolação e sua força. Aflito por ver os padres, e principalmente Os frades, dizerem descaradamente, do alto do púlpito, tudo o que lhes vinha à cabeça, o conselho lavrou um decreto pelo qual lhes ordenou que não avançassem em seus discursos "senão o que eles tivessem bebido nas fontes sagradas do Antigo e do Novo Testamentos." Foi em 1520 que o poder civil int•rveio assim pela primeira vez na obra da Reforma, procedendo como magistrado cristão, dizem uns, pois que o primeiro dever do magistrado é .manter a palavra divina e defender os interesses mais preciosos dos cidadãos; tirando à igreja sua liberdade, dizem outros, sujeitando-a ao poder secular e dando o sinal desta série de males que desde então a união da igreja e do estado têm gerado. Não pronunciaremos aqui juízo nesta grande controvérsia, que em nossos dias é sustentada em muitos países com tanto calor. Basta-nos assinalar sua Origem na época da Reforma. Mas ainda há outra coisa a assinalar: o ato destes magistrados fui ele próprio um efeito produzido pela pregação da palavra de Deus. A Reforma saiu então ,na Suíça das simples individualidades e entrou no domínio da nação. Nascida no coração dalguns padres e letrados, estendeu-se, levantou-se, tomou posição nos lugares superiores. Como as águas do mar, subiu 1301.1C0 a pouco, até que cobriu uma imensa extensão.

Os frades estavam confundidos: se lhes ordenava que não pregassem senão a palavra de Deus, e a maior parte nunca a tinha lido. A oposição provoca oposição. Aquele decreto tornou-se sinal de ataques mais violentos contra a Reforma. Começaram as intrigas contra o pároco de Zurique. Sua vida ficou em perigo. Unia tarde em que Zwingle e seus vigários se entretinham tranqüilamente em sua casa, vieram burgueses com precipitação a dizer-lhes: Tendes bons ferrolhos nas portas? Ficai alerta esta noite." "Tinha- mos muitas vezes tais sustos," acrescentou Stabeli: "unas es-távamos bem armados, [20]* e punha-se sentinela por nós na rua.

Em outros lugares tinha-se recorrido a meios ainda mais violentos. Um velho de Schaffhousen, chamado Cal-ster, homem justo e de raro fervor em sua idade, feliz pela luz que tinha achado no Evangelho, esforçava-se por comunicá-la a sua mulher e a seus filhos; seu zléo, talvez indiscreto, atacava abertamente as relíquias, os padres e as superstições de que este cantão estava cheio. Tornou-se logo objeto de ódio e de terror, até mesmo para sua família. O velho, prevendo funestas intenções, deixou, com o coração quebrado, sua casa, e fugiu para as florestas vizinhas. Viveu aí alguns dias, nutrindo-se do que podia encontrar, quando de repente, era a última noite de 1520, archotes alumiaram em todas as direções a floresta, e gritos de homens, latidos de cães furiosos retiniram sob suas sombrias ramagens. O conselho tinha ordenado uma busca na floresta para descobri-lo. Os cães acharam sua prèsa.

O infeliz velho foi arrastado diante do magistrado, e intimado para abjurar a fé; como ficasse inabalável, foi decapitado. [21]°

NOTAS DE RODAPÉ

[1]. Zw. Ep.. p. 104.

[2] Ibid.. p. 228. Ibid., p. 206. Z. Op.. p.

[3] Ibid.. p. 204.

[4] ti1 hitt, p. 253. Ibid.. p. 264.

[5] /w. Op.. I. p. 260.

[6] 1- I bici,

[7] I hid., p. 201.

[8] Zw. Op.. 1, p. 233. 1- ibid., p. 234.

[9] Ibid.. p. 213.

[10] 7w. Op.. I . p. 295.

[11] -I Ibid.. p. 87.

[12] ti Zw. Ep.. p. 160,

[13] /w. Ep., p.

[14] Ibid., p. 115

[15] Ibid., p. 134. 1 Ibid.. p. 147.

[16] Ibid.. p. 142 Ibid.

[17] Ibid.. p. 143. 1 Ibid., p. 144.

[18] ig.. 2, p. 679-696: I. p. 78, 79.

[19] /.w. Op. 3. p. 2s.

[20] Misc., Fig.. 2, p. 614 I Wirz.. I. p. 334.

[21] Wirz. 1. p. SIO: Sebast. Wagner. von Kirehofer. p.

CAPÍTULO X

Um novo lidador — O reformador de Berne — Zwingle <Mi-nta Haller — O Evangelho ein Lucerna — Oswald per-.seguido — Discurso dc Zwingle — Henrique Bullinger e Gerold de Knonau — Rubli em Basiléia — O capelão do hospital — Guerra na Itália — Zwingle protesto conIM ir.e capitulações.

Tinha apenas começado o ano cujo primeiro dia fora assinalado por aquela sangüinolenta execução quando Zwingle viu chegar à sua casa um mancebo de mais ou menos vinte e oito anos, bela estatura, cujo exterior anunciava candura, simplicidade e timidez.[1] Disse chamar-se Bertoldo Haller. Zwingle, ouvindo o nome abraçou o célebre pruga. dor de Berne com a afabilidade que o tornava tão atnável. Haller, nascido em Aldingen em Wurtcmburg, tinha primeiramente estudado em Rotwell ao pé de Rubellus, depois em Pforzheitn, onde tivera por mestre Simler, e Melancton por condiscípulo, Os Bernenses estavam então decididos a chamar as letras ao seio de sua republica,que as armas haviam tornado tão poderosa. Bubellus e Bertoldo, na idade de vinte e uni anos, foram para lá. Dias depois, Haller Foi nomeado cônego e mais tarde pregador da catedral.[2] O Evangelho que Zwingle prel_ra Vil. tinha chegado até l3er- nu; llaller creu, d•,de então de,,eica, •,•E homem po

deroso a finem já rt•.pt-itava •om() a um Irai. Foi a ZUt </UICIC Miconius o tinha anunciado. Assim se encontraram Haller Zwingle, o homem cheio de doçura, con-•• fessava a Zwingle seus sofrimentos, e Zwingle o homem forte, lhe inspirava coragem. "Meu espirito," dizia um dia Bertoldo a Zwingle, "está esmagado; ... já não posso suportar tantas injustiças. Quero abandonar o púlpito e retirar-me para Basiléia para <-3 pé de Witembach, para não me ocupar mais que das santas letras." "Ah! respondeu Zwingle, "eu também sinto o desániino apoderar-se de mim, quando rne vejo injustamente acriminado: mas Cristo desperta minha consciência pelo poderoso aguilhão -de seus terrores e de suas promessas. Assusta-nte dizendo: "Aquele que Int negar diante dos homens, eu o negarei diante de meu Pai:- e Inc alenta acrescentando: "aquele que me confessar diante dos homens, eu o confessarei diante de meu Pai." S. !vim. 10:32, 3:3. ineu caro Bertoldo, regozija-te! O nosso nome está escrito em caracteres indeléveis nos fastos dos cidadãos do céu.[3]° Estou pronto a morrer por Cristo. Que os vossos ferozes ursos," acrescentava ele, "ouçam a dou-trina de Jesus Cristo, e vê-los-eis se abrandarem. Mas t preciso empreender a tarefa com grande doçura, para que revoltando-se, não caiam sobre vós com fúria." A coragem volta a Haller, "Minha alma;" disse ele a Zwingle, "despertou do sono. E preciso que eu evangelize. E preciso que Jesus Cristo seja restabelecido nestes muros, dos quais esteve por tanto tempo desterrado." [4]§ Assim a luz de Ber-toldo se acendeu na de Ulric, e o tímido Haller lançou-se no meio dos ursos ferozes, que, rangendo os dentes. diz Zwingle, procuravam devorá-lo.

Era porém em outro ponto que devia começar a perseguição na Suíça. A belicosa Lucerna apresentava-se como adversário armado dos pés à cabeça, e com a lança em riste. O espírito militar dominava nesse cantão, amigo das capitulações, e os grandes da cidade franziam as sobranc•lhas ao ouvir uma palavra de paz, própria para pôr freio a seu humor guerreiro. Elltretanto escritos de Lutem tendo penetrado nesta cidade, alguns habitantes começaram a lê-los, e ficaram horrorizados. [5]

Parecia-lhes que Lila mão infernal traçou essas linhas; sua imaginação se aterrava, seus olhos se desvairavam, e pensavam ver seus quartos encherem-se de demôniosz que os cercavam, e que fixavam sol» eles os olhos com sorrisos sarcásticos [6]°... Fecharam precipitadamente o livro e atiraram-no longe com horror. Oswald, que tinha ouvido contar estas singulares visões, não falava de Lutero senão com seus amigos mais íntimos, e contentava-se de simplesmente anunciar o Evangelho de Cristo. Entretanto ouviam-se em toda a cidade os gritos: "8 preciso queimar Lutero e o mestre-escola" (Miconius)! "Estou assaltado por meus adversários, como um navio pelas tormentas do mar," [7]° dizia Oswald a um de seus amigos. Um dia, no principio do ano de 1520, foi de improviso citado a comparecer diante do conselho. "Ordena-se-vos," lhe disseram, "que não leiais os escritos de Lutero a vossos discípidos, que não os citeis em presença deles, e mesmo que nunca penseis nele." [8]° Os senhores de Lucerna pretendiam, como se vè, levar muito longe sua jurisdição. Pouco depois, um orador levantou-se no púlpito contra a heresia. Todo o auditório estava comovido; os olhares dirigiam-se para Oswald, porque que outro poderia o pregador ter em vista? Oswald ficava tranqüilo em seu lugar, como se o negócio não fosse com ele. Mas ao sair da igreja, seguindo com seu amigo, o cônego Xiloteto, um dos conselheiros passou perto dele, ainda muito agitado: "Encão!" disse-lhe com violência, "discípulos de Lutero, porque não defendeis vosso mestre?" Nada responderam. "Eu vivo," dizia ,Miconius, "entre lobos selvagens; mas tenho esta consolaição, que lhes faltam dentes a quase todos. Morderiam se pudessem, mas não podendo, ladram."

Reuniu-se o senado, porque o tumulto crescia entre o povo. "Ê um luterano," disse um dos conselheiros; "é um propagador de novas doutrinas!" dizia outro; "é um sedutor da mocidade!" disse um terceiro. "Que compareça! que compareça!" O pobre mestre-escola compareceu, e ouviu de novo proibições e ameaças. Sua alma simples estava ri angustiada, abatida. Sua amavel e terna espôsa não o consolava senão derramando lágrimas. "Todos levantam-se contra mim," exclama em sua angústia. "Assaltado por tantas tempestades, para onde me voltarei e como escaparei?... A não ser o socorro de Cristo, eu teria há muito tempo sucumbido sob tantos golpes." ... "Que importa," escreveu-lhe o doutor Sebastião Hofmeister, de Constança, "que Lutero queira ou não vos conservar? A terra é toda do Senhor. Todo país é a pátria

do homem corajoso. Quando fos• semos os piores dos homens, nossa empresa é justa, porque ensinamos a palavra de Cristo."

Enquanto a verdade encontrava em Lucerna tantos obstáculos, ficava vitoriosa em Zurique. Zwingle trabalhava sem descanso. Querendo meditar sobre a Escritura inteira nas línguas originais, tinha-se entregue com zelo ao estudo do hebraico, sob a direção de João Boschenstein, disc4pulo de Reuchlin. Mas se estudava a Escritura, era para pregá-la. Sexta-feira, os camponêses, que vinham em multidão trazer seus gêneros ao mercado da cidade, mostravam-se ávidos da palavra de Deus. Para satisfazer a estas necessidades, Swingle, desde o mès de dezembro de 1520, tinha começado a expôr os Salmos nesse dia, preparando de antemão uni sermão para esse dia pela meditação sobre cada texto. Os reformadores uniram sempre estudos sábios a trabalhos prá- ticos; estes trabalhos eram o fim; os estudos eram somente os meios. Eram ao mesmo tempo homens de gabinete e homens do povo. Esta união da ciência e da caridade é um traço característico da época. Quanto a sua pregações *do domingo, Swingle, depois de ter exposto segundo S. Mateus a vida do Senhor, mostrou, explicando os Atos dos Apóstolos, como a doutrina de Cristo se tinha espalhado. Depois fez a exposição das regras da vida cristã pelas Epístolas g Timóteo; sirviu-se da Epístola aos (Almas para combater os erros de doutrina, e juntou-lhe as duas epístolas de S. Pedro, para mostrar aos inimigos de S. Paulo que o espírito animava esses dois apóstolos; terminou pela epístola aos Hebreus, a fim de expôr, em toda a extensão, os benefícios que dimanam do dom de Jesus Cristo, o grande sumo-sacerdote dos cristãos. [9]

Mas Zwingle náo se ocupava somente dos que já eram homens; procurava transmitir também à mocidade o fogo sagrado que o animava, tint dia desse ano de 1521, estando ocupado em seu gabinete a estudar os padres da igreja, •ollie.ndo as passagens as mais notáveis e classificando-as com cuidado mim grosso volume, viu entrar um moço, cuja figura o interessou muitíssimo. [10]° Era Henrique Bullinger, que, de volta cia Alemanha, vinha v•-lo, impaciente por conliecer este doutor (1,• sua pátria, cujo nome já era célebre na cristandade. O belo mancebo fixava sucessivamente a vista sobre o reformador e sobre seus livros, e sentia vocação para seguir us passos de Zwingle. Este o acolheu com a cordialidade que lhe ganhava os corações. Esta primeira visita teve grande influência sobre toda a vida do estudante, de volta aos lares paternos. Outro moço tinha também ganho o coração de Zwingle: era Gerold Meyer de Knonau. Sua mãe, Ana Reinhard, que ocupou mais tarde lugar im-portante na vida do reformador, tinha sido de uma grande beleza, e suas virtudes a distinguiam ainda mais. Um moço de Lima família nobre, João Meyer de Knonau, educado na córte do bispo de Constança, do qual era parente, tinha se apaixonado extremamente por Ana: mas esta pertencia a uma família burguêsa. O velho Meyer de Knonau tinha recusado consentimento a sua união, e depois do

casamento, tinha deserdado seu filho. Em 1513, Ana ficou viuva com mn filho e duas filhas, e dali em diante só viveu para a educação de seus pobres órfãos. O avó era desapiedado. No entanto um dia, a criada da viuva, tendo levado consigo o jovem Gerold, menino cheio de graça e de vivacidade, então na idade de três anos, e tendo parado com ele no mercado do peixe, o velho Mever, que se achava a unia janela, notou-o, seguiu com os olhos os seus movimentos, e perguntou a quem pertencia esse belo menino, tão brilhante de frescura e vida. -e o de osso filho! responderam-lhe. O coração do velho comoveu-se; logo o gelo se derreteu; tudo foi esquecido, e cie apertou nos braços a mulher e os filhos de seu filho. Zwingle tinha-se afeiçoado.

manuscrito de Hullinger.

Arquivos de Meyer de Knonau, citado?, numa noticia sobre Anna Reinhardt. Eirlangen. 1835. peio Sr. eicroid Mcycr de Knonau. Devo à bondade deste amigo, agora falecido, algumas indagações sobre pontos obscuros da vida de Zwingle.

lt /MU SCU próprio filho, ;i este jovem, nobrz: c •orujo-s►

Gerold. que devia morrer, na flór na idade, perto do refor-mador, com a espada na mão, e cercado de cadáveres de inimigos. Pensando que Cerold não adiaria em Zurigne bastantes recursos para seus estudos, em 1521. Zwingle mandou-o para Basiléia.

O jovem de Knonau, não encontrou lá Elédio, o amigo de Zwingl•. Capito, forçado a acompanhar o arcebispo Al1)(•-to para a coroação de Carlos V, tinha-se feito substituir em Mogóncia por Hédio. Basiléia tinha desse modo perdido um após outro seus mais fiéis pregadores; esta igreja parecia abandonada; finas outros homens levantaram-se. Quatro mil ouvintes apinhavam-se na igreja de Guilherme Rubli, páraco de Santo Albano. Atacava a missa, o purgatório e a invocação dos santos: mas este homem turbulento e ávido de atrair para si a atenção pública, levantava-se contra os erros antes do que em favor da verdade. No dia de Corpo-de-Deus, reuniu-se à grande procissão, e, em luga• das relíq►ias que tinham por costume carregar, fez levar diante de si a Escritura Santa, magnificamente encadernada, com estas palavras em carateres grandes: A Bíblia: é esta a verdadeira relíquia; as outras não passam de ossos de mortos.- A coragem enobrece o servo de Deus. porém a afetação o desfigura. O trabalho dum evangelista é pregar a Bíblia, não o fazer dela orgulhosa ostentação. Os padres, irritados, acusaram Rubli perante o conselho. Uni tropel de gente cobriu logo a praça dos franciscanos. - Protegei o nosso pregador,- disseram os burgueses no conselho. Cinqüenta mulheres de distinção intercedera in a seu favor; mas Rubli teve de deixar Basiléia. Envolveu-se mais tarde, como Cr•bel, em alguns erros de seu tempo. A Reforma,

desenvolvendo-se, rejeitou, por toda parte, a palha que se acha-va de envolta com o bom grão.

Então, da mais modesta das capelas, fez-se ouvir trina VOZ humilde anunciando com clareza a doutrina evangélica. Era do jovem Wolfgang Wissenburger, filho dum conselheiro de estado e capelão do hospital. Todos os que em Basiléia tinham sentido novos desejos ligaram-se ao excelente capelão, mais guie ao orgulhoso Ruhli. Wolfgang •o-

Fridolin Ftyfr... Chronik.

►evon a ler a missa em alemão. Os frades renovaram seus clamores; mas desta vez nada conseguiam, e Wissenburger pode continuar a pregar o Evangelho; porque," div. um velho cronista, "era cidadão, e seu pai conselheiro. Estes primeiros sucessos da -Reforma em Basiléia anunciavam ainda maiores. Ao mesmo tempo, eram de alta importância para o progresso desta obra em toda a Confederação. Zuriqu• já não estava só. A sábia Basiléia começava a ouvir com encanto a nova palavra: as bases do novo templo alargavam-se; a Reforma atingia na Suíça um desenvolvimento maior.

Todavia em Zurique é que se achava o centro do movimento. Mas acontecimentos políticos importantes, e que despedaçaram o coração de Zwingle, vieram, durante o ano de 1521, destrair de certo modo os espíritos da pregação do Evangelho. Leão X, que tinha oferecido ao mesmo tempo aliança a Carlos V e a Francisco 1, tinha-se em fim decidido pelo imperador. A guerra entre os dois rivais ia rebentar na Itália. "Não restará do papa senão as orelhas," tinha dito o general francês Lautree. Esta pilhéria de mau gosto anni•nton a cólera do pontífice. O rei da França relanum o socorro dos cantões SUÍÇOS, (pie, à CXCeçãO cie Zurique, tinham-se aliado com ele; obteve-o. O papa lisonjeou-se cie empenhar Zurique em sua causa, e o cardeal de Sião, sempre intrigante, confiando em sua habilidadt e elovorreu a essa cidade, para obter soldados em fa-

vor do arno. Mas encontrou da parte de seu antigo amigo Zwingle vigorosa oposição. Este indignava-se com o pensamento de ver suíços venderem o sangue ao estrangeiro; sua imaginação já lhe representava as espadas dos zuriquenses cruzando- [11]*;e, sob o estandarte do papa e do imperador. nas planícies da Itália, com as espadas dos confederados reunidos sob as bandeints da França; e zi estas cenas fratri•kla-s sua alma patriótica e cristã tremia de horror. Ele atroava do palpito: "Quereis," exclamava ele, rasgar e destruir a Confederação? ... Perseguimos os lobos que devoram Os animais de nossos rebanhos, e náf► la7emos a menor resistência aos que rondam em 14141111 dr ! 11)!, para devorar homens!... Não é, seni raiz-tu (rn. as capas e os chapéus que trazem são vermelhos; sacudi estas roupas e delas cairão ducados e cordas: mas tercei-as, e vereis escorrer o sangue de vosso irmão, de vosso pai, de vosso filho, de voso melhor amigo.* [12]* ° Debalde fez Zwingle ouvir sua voz enérgica. O cardeal de chapéu vermelho venceu; e dois mil e setecentos zuriquenses partiram sob o comando de Jorge Berguer. Zwingle ficou com o coração dilacerado. Todavia sua influéncia não foi perdida. Por muito tempo o estandarte de Zurique não devia mais desenrolar-se e sair das portas da cidade para príncipes estrangeiros.

Zwingle combate as tradições humanas — Fermentação durante a Quaresma — A verdade prevalece nos combates — Os deputados cio bispo — Acusação perante o clero e o conselho — Apelação para O grande conselho — O coadjutor e Zwingle Resposta de Zwingle — Delibe-ração fio grande conselho — Situação — Ataque de

Ressentido em seus sentimentos patrióticos conto cida-dão, Zwingle consagrou-se com um novo zelo a anunciar o Evangelho, e pregava com energia crescente. Não cessa-rei," disse ele, "de trabalhar para restaurar a antiga unida-de da igreja de Cristo. Em 1522 começou a mostrar que diferença há entre os preceitos cio Evangelho e os preceitos dos homens. Tendo chegado o tempo da quaresma, Zwingle levantou a voz com mais força ainda. Depois de haver as-sentado os fundamentos do edifício novo, queria varrer os destroços do antigo. -lla quatro anos," disse ele à multidão reunida na catedral, -que terales recebido com uma sede ardente a santa

doutrina do Evangelho. Abrazados pelas chamas da caridade, fartos pela doçura do maná celeste, vos é impossível achar ainda algum gosto nos tristes alimentos das tradições humanas." -1- Depois, atacando a abstin6ncia [13]

I orç.idzi dt• carne cm certas épocas: -Alguns (.X(1;1111011

y1)111 a mui rude elo(iits.ncia. que pretende[►1 que comer

t-arne é um mal. e até mu grande pecado, pósto que Deus ►unt.:1 ti tenha proibido. e que no. entanto não consideram t-o►o um crime o vender ao esta►geiro carne humana e It•v:•i-lit ao ay.ttigtic! [14]°... A estas palavras ousadas ci antigos das capitulações militares, que estavam na rewii:-io. t•streineceram de indignação e de cólera, e jurarnm

emitieeer.

Posto qur pregando com tanta torva, ainda Zwingle dizia wissa; observava os usos da igreja, e Se abstinha de carne nos dias fixados. Estava persuadido que era preciso primeiramente esclarecer o povo. Mas certos espíritos tur-bulentos não procediam com tanta sabedoria. Btihli, refugiado em Zurique, entregava-se aos tresvarias de 11111 zelo exagerado. O antigo cura de Santo Alban, um capitão bernense, e um membro do grande conselho, Conrado Hube•, reuniam-se muitas vezes na casa deste, para comer carne sexta-feira e sábado, e gloriavam-se disso. A questão de cal-- 1:2 e peixe ocupava todos os espíritos. Um lucernente tendo vindo a Zurique: "Vós outros, caros confederados de Zurique," disse a um de seus amigos desta cidade, "fazeis mal em comer carne na quaresma.- O zuriquense: "Vós também tomais essa liberdade, sedthores de Lucerna, comendo-a nos dias proibidos." O lucernense: "Temo-la comprado do papa." O zuriquense: "E nós do açougueiro... Se é de dinheiro que se trata neste negócio, por certo que tanto vaie um como outro. 1- O conselho, tendo recebido queixa contra os transgressores das ordenanças eclesiásticas, pediu a opinião dos curas. Zwingle respondeu que o comer carne todos os dias não era censurável em si; I►as que se devia cada um abster de fazè-;1o, enquanto a autoridade competente nada tivesse decidido a esse respeito. Os outros membros do clero aderiram a esta opinião.

Os inimigos da verdade aproveitaram-se desta circuns-tância. A influência já lhes escapava:. a vitória ia pertencer a Zwingle; era preciso, pois, quanto antes, dar um golpe. decisivo, Eles importunaram o bispo de Constanya..Zwin-

exclamavam, é o destruidor do rebanho, e não seu pastor... [15]*

O junbicioso Faber, antigo amigo de Zwingle, tinha voltado cheio de Mo parai o papado, de uma viagem que acabava de fazer a Roma. Das inspirações desta cidade soberba é que deviam sair as primeiras perturbações da Suíça. Era preciso uma luta

decidida entre a verdade evan-gélica e os representantes do pontífice romano; é nos ataques que lhe fazem que a verdade bebe principalmente suas forças. Foi à sombra da oposição e da perseguiçãó que o cristianismo nascente adquiriu o poder que derribou todos os inimigos. Deus também quis conduzir sua verdade, na época do renascimento de que fazemos a história, por difíceis caminhos. Os sacerdotes se levantaram então, como no tempo:dos apóstolos, contra a doutrina nova. Sem estes ataques talvez que ela tivesse ficado obscuramente oculta em algumas almas fiéis. Mas Deus velava para manifestá-la ao inundo. A oposição abriu-lhe novas portas, lançou-a numa nova carreira, e fixou sobre ela os olhos da nação. Foi como a rajada de vento, dispersando ao longe as sementes, que, sem isso, talvez tivessem ficado ociosas no lugar que as encerrava. A árvore, que devia abrigar as po-pulações helvéticas, estava realmente plantada no fundo de seus vales, mas era preciso que viessem tempestades para firmar suas raízes e para fazer desenvolver seus ramos. Os partidários do papado, vendo o fogo que estava encubado em Zurique, precipitaram-se sobre ele para o apagar, e não fizeram mais que lançar mais longe as labaredas.

A 7 de abril de 1522, depois do meio dia, entraram nos muros de Zurique três eclesiásticos, deputados do bispo de Constança; dois dentre eles tinham ar grave e irritado; o terceiro parecia mais brando; eram o coadjutor do bispo, Meichior Bate, o doutor Brendi, e João Vaner, pregador da catedral, homem evangélico, e que guardou silêncio durante todo o negócio.° Era já noite quando Luti, correndo a casa

Zwingle menciona os três deputados e não fala de Faber. Estes autores têm confundido sem dúvida dois cargos diferentes da gerarquia romana,

de coadjutor e o de vigário) geral.

de Zwingle, lhe disse: -Chegaram oficiais do bispo: prepara-se um grande golpe; todos os partidários dos antigos costumes se agitam; um notário convida todos os padres para reunir-se amanhã de manhã muito cedo, na sala do cabido.

A assembléia do clero, tendo-se realizado no dia se-guinte de manhã, o coadjutor levantou-se e pronunciou um discurso que seus adversários acharam cheio de violência e de orgulho; no entanto evitou pronunciar o nome de Zwingle. Alguns padres, recentemente convertidos ao Evangelho, e ainda fracos, ficaram aniquilados; sua palidez, seu silêncio, seus suspiros mostravam que tinham perdido toda coragem. [16]° Zwingle levantou-se pronunciou um discurso que tapou a boca dos adversários. Em Zurique, como nos outros cantões, os mais violentos inimigos da nova doutrina achavam-se no pequeno conselho. A deputação, hitt-ida diante do clero, levou suas queixas perante os magistrados; Zwingle estava ausente, e, por isso, ela não tinha réplica a temer. O efeito pareceu decisivo. Ia-se condenar o Evangelho e seu defensor sem o ouvir. Jamais a Reforma correu na Suíça maiores

perigos; .ia ser sufocada no berço. Os con-selheiros, amigos de Zwingle, invocaram então a jurisdição do grande conselho; era a única táboa de salvação que ainda lhes restava, e Deus serviu-se dela para salvar a causa do Evangelho. Os duzentos foram convocados. Os partidários do papado fizeram tudo para que Zwingle não fosse admitido. Zwingle fez tudo para comparecer. Batia em todas as portas e revolvia, diz ele, todas as pedras: [17]* mas em vão! "Impossível," diziam os burgomestres; "o conselho há decretado o contrário." "Então," refere Zwingle, "fiquei tranqüilo, e levei o caso,, entre suspiros, diante &Aquele que ouve os gemidos dos cativos, suplicando-lhe que ele próprio defendesse o seu Evangelho." A confiança cheia de paciência e de submissão dos servos de Deus jamais os enganou.

A 9 de abril, os duzentos reuniram-se. "Queremos ter aqui nossos pastores!" disseram os amigos da Reforma, que eram membros. O pv< lucilo conselho resistia; mas o grande conselho decretou que os pastores estivessem presentes à acusação, e respondessem mesmo, se o julgassem conveniente. Os deputados de Constança, foram introduzidos, depois Os três Ilir;1, de Zurique. Zwingle, Engelhard e o velho Roesclili.

Depois que os adversários, assim em presença uns dos outros, mediram-se por algum tempo com o olhar, o coadjutor levantou-se. "Se seu coração e sua cabeça tivessem sido iguais à sua voz," diz Zwingle, "teria excedido em doçura a Apolo e a Ot:feo. e na força aos Graco e Demóstenes."

"A constituição civil," disse o campeão do papado, "e mesmo a fé cristã estão ameaçadas. Tèm aparecido homens que ensinam doutrinas novas, provocativas, sediciosas." Depois, ditas muitas palavras, fixando a vista sobre o senado reunido diante dele: "Ficai com a igreja!" disse ele, "ficai na igreja! Fora dela• ninguém pode ser salvo. Só as ceremônias podem conduzir os simples ao conhecimento da salvação;° e os pastores dos rebanhos não têm a fazer mais do que explicar ao povo a significação delas."

Logo que o coadjutor acabou o discurso, levantou-se;

e já se preparava com os seus, para deixar a sala do conselho, quando Zwingle disse vivamente: Senhor coadjutor,

e vós que o acompanhais, ficai, vos rogo, até que eu me tenha justificado.

m coadjutor. "Não estamos encarregados de disputar com quem quer que seja."

Zwingle. "Quero, não disputar, mas expór-vos o que tenho ensinado até agora."

m burgomestre Roust aos deputados de Constança. "Rogo-vos, ouvi o que o cura quer responder."

m coadjutor. Sei muito bem com quem trato. Ulric Zwingle é demasiado violento, para que se discuta com ele!

Zwingle. "Desde quando se ataca um inocente com tanta força e recusa-se depois a ouvi-lo? Em nome da fé que nos é comum, em nome do batismo que ambos ternos recebido, em nome do Cristo, o autor da salvação e da vida. ouvi-me. [18]° Se não o podeis fazer como deputados, fazei-o ao menos como cristãos."

Os cinzentos já não podiam conter a indignação; um murinurio fez-se ouvir na assembléia; o burgomestre instou de novo com os deputados. Envergonhados, voltaram a seus lugares. Então Zwingle disse:

O sr. coadjutor fala de doutrinas sediciosas, que sub-vertem as leis civis. Saiba que Zurique está mais tranqüila

e submissa às leis que .nenhuma outra cidade dos helvécios,

o que todos os bons cidadãos atribuem ao Evangelho. O cristianismo não é o mais poderoso baluarte para guardar a justiça no meio dum povo?* que fazem todas as ceremó nias, senão mascarar vergonhosamente o rosto de Cristo e dos cristãos? [19]§ Há outro caminho que não estas vãs práticas, para guiar o simples povo ao conhecimento da verdade. É

o que Cristo e os apóstolos seguiram: é o Evangelho mesmo! Não receiemos que o povo não o compreenda! Todo e que cré, compreende. O povo pode crer, logo pode compreender. E obra do Espírito divino, e não da razão htimana.N Demais, que aquele que não julga bastante quarenta dias, jejue, se quiser, todo o ano, pouco me importa! Tudo o que peço, é que não se obrigue ninguém a fazê-lo, e que por uma mínima observância, não se acusem os zuriquenses de separar-se da comunhão dos cristãos...

Eu não disse isso," exclamou o coadjutor. "Não,- disse seu colega o doutor Brmdi, "não o disse." Mas todo o se-nado confirmou a asserção de Zwingle. [20]

"Excelentíssimos cidadãos," continuou, que esta acusação não vos comova! O fundamento da igreja é esse rochedo, esse Cristo, que deu a Pedro em seu nome, porque o confessava com fidelidade. Em toda e qualquer nação aquele que de coração crer no Senhor Jesus será salvo. E fora desta igreja que ninguém pode ter vida.° Explicar o Evangelho e segui-lo, eis para mós ministros de Cristo todo

o nosso dever. Que aqueles que vivem de cerimónias encarreguem-se de explicá-las! Era pôr o dedo sobre a ferida. [21]

O coadjutor corou e calou-se. Os duzentos separaram-se. No mesmo dia decretaram que o papa e os cardeais fossem

convidados a explivar o ponto controvertido, e que, no entanto, enquanto esperavam, se abstivessem de carne du-rante a quaresma. Era deixar as coisas no mesmo pé, e respondcr ao bispo procurando ganhar tempo. [22]

Esta discussão tinha adiantado a obra da Reforma. Os campeões de Roma e os da doutrina nova tinham estado em presença, corno diante dos olhos de toda a nação; e a vantagem não havia ficado a favor do papa. Foi a primeira refrega duma campanha que devia ser longa e rude, e passar por militas alternativas de luto e de gozo. Mas uma primeira vitória, no princípio na luta, dá coragem a um exército e fere de espanto o inimigo. A Reforma tinha-se apoderado dum terreno que não mais deveria perder. Se o conselho se julgava ainda obrigado a ter atenções, o povo proclamava alto e de bom som a derrota de Roma. "Jamais," dizia-se na exaltação do momento, "eles poderão reunir de novo as tropas batidas e dispersas." "Tendes," diziam a Zwingle. "atacado com o espírito de S. Paulo estes falsos apóstolos e seus Ananias, estas paredes branqueadas... Os satélites do anticristo só o que podem é ranger os dentes contra vós!" Vozes que vinham do fundo da Alemanha, proclamavam com alegria "a glória da teologia renascente." [23]

Ao .inesmo tempo, porém, os iiiimigos do Evangelho reuniam suas forças. Não havia tempo a perder, se o qui-sessem atingir; porque deveria em breve estar fora do al-cance de seus golpes. Hofman apresentou ao cabido uma longa acusação contra o reformador. "Quando mesmo," dizia ele, "o cura pudesse provar por testemunhas que pecados, que desordens foram cometidas por eclesiásticos em tal convento, em tal rua, em tal tasca, não deveria mencionar pessoa alguma! Porque é que ele dá a compreender (é verdade que não o tenho quase nunca ouvido eu mesmo) que só ele bobe sua doutrina nu própria fonte bíblica, e que os outros a procuram senão em esgotos e lodaçais! [24]° Não é impossível, visto a diversidade dos espíritos, guie todos os pregadores preguem da mesma forma?"

Zwingle justificou-se em pleno cabido, dissipaildo as acusações do adversário, "como uni touro que com os chifres sacode palhas ao ar." [25]O negócio, que tinha parecido tão grave, acabou em risota i custa do cônego. Mas Zwingle não ficou nisso: a 16 de abril publicou uni escrito sobre o livre uso dos alimentos. -I-

---

NOTAS DE RODAPÉ

[1] Zw. Ep., p. 156.

[2] 1 J. J. Holt.. 3, p. 54.

[3] 7.w, Fp.. il. 156.

[4] p. 187.

[5] Ibid. ..:tbido que lies fie uti. em %1IUN arn1:1■.

[6] Zw. Fp.. p. 137. • Ibid.. 153.

[7] Ibid.. 159.

[8] 7.w. Fp.. p. 159.

[9] Ibid., p. 160.

[10] Gradenigu, embaixador veneziano em Roma. rase. 1523.

[11] Manuscrito de li►illinger.

[12] Niarniscríto dc liullingei. I I, C) .1: I

[13] 1w. (Jp.. 3. i). -17. f- ibid.. I. p.

[14] Zw. Op., 3, p. 28.

[15] 7w. Op.. 3. p. 8: J. J. Hotinger. 3. p. 77: Ruchat, 1. p. 134. 2 edil., e outros dizem que Faber estava à testa da deputação.

[16] 4- 7w. Op.. 3, p s. I bid.. p. 9,

[17] Z•. Op. 3. p 10. /: ,;, p.

[18] Zw. op.. 3. p.

[19] Ibid.

[20] Ibid.. p. 1 3.

[21] bid. 1 bid. .1w. p. 13.

[22], 1•.p„ p. 203.

[23] (;ti t. 1_11.bzint, Regia,. Ibid., p. 22S.

[24] Wirt. 1. p. 244.

[25] Zw. Ep.. 203, -} Zw. ()p.. I. p. I

CAPÍTULO XII

Tristeza e alegria na Alemanha — Tramas contra Zwingle — Mandato do bispo — Archételes — O bispo se dirige à Dieta — Proibição de atacar os frades — Declaração de Zwingle — As freiras de (Etenbach — Manifesto de Zwingle e Schwytz.

A firmeza inabalável do reformador regosijava os ami-gos da verdade, e particularmente os cristãos evangélicos da Alemanha, por tanto tempo privados, pelo cativeiro de Wartburgo, do poderoso apóstolo, o primeiro a levantar a cabeça no seio da igreja. Já muitos pastores e fiéis, fugiti-vos em conseqüência do decreto desapiedado que o papado tinha obtido em Worms, de Carlos V, achavam asilo em Zurique. "Oh! como.folgo," escrevia a ZVvingle, Nesse, o professor de Francfort que Lutero visitará em Worms, por saber com que autoridade anunciais Jesus Cristo! Firmai por vossas palavras aqueles a quem a crueldade dos máus bispos obriga a fugir para longe de nossas igrejas cobertas de luto.*** [1]

Mas não era somente na Alemanha que os adversários tramavam contra os amigos da Reforma. Não havia hora em que em Zurique não se tratasse dos meios de se desem-baraçarem de Zwingle. Um dia. recebeu uma carta anó- nima, çue comunicou a seus dois vigários. De todos os lados cercam-vos laços,- diziam-lhe; "uni veneno mortal está pronto a tirar-vos a vida. [2]§ Comei só em vossa casa, e somente pão feito por vossa cozinheira. Os muros de Zurique encerram homens que maquinam a vossa ruína. O oráculo que mo revelou é mais verdadeiro que o de Delfos. Sou dos vossos, mais tarde me conhecereis."

No dia seguinte ao em que Zwingle recebeu esta misteriosa epístola, no momento em que Staheli ia entrar na igreja da Água, um capelão o fez parar e lhe disse: "Deixa a toda à pressa a casa de Zwingle: prepara-se um catrástrofe." Os inimigos da Reforma, desesperando de impedir o seu progresso pela palavra, armavam-se de punhal. Quando se operam na sociedade poderosas revoluções, ordinariamente brotam assassinos do fundo impuro das populações, comovidos. Deus guardou Zwingle.

Enquanto os assassinos viam burlar seus planos, os órgãos legítimos do papado agitavam-se de novo. O bispo e seus conselheiros resolveram recomeçar a guerra. De todos os lados esta notícia chegou a Zwingle. O reformador, apoiando-se na palavra de Deus, disse com uma nobre altivez: "Eu os temo... como o rochedo teme as ondas amea, çadoras... com Deus!" A dois de maio, o bispo de Constança publicou uma pastoral em que, sem nomear Zurique nem Zwingle, queixava-se de que gente artificiosa renovasse doutrinas condenadas, e de que sábios e ignorantes discustissem por toda parte sobre os mais profundos mistérios. O pregador da

catedral de Constança, João Waner, foi o primeiro atacado: "Antes quero," disse ele, ser cristão com o ódio de muitos que abandonar Cristo pela amizade do mundo.

Mas em Zurique é que era preciso esmagar a he!esia nascente. Faber e o bispo sabiam que Zwingle tinhq..muitos inimigos entre os cônegos. Quiseram servir-se de seu ódio. Em fins de maio chegou a Zurique uma carta do bispo, dirigida ao propósito e a seu cabido. Filhos de igreja," dizia o prelado, "aqueles que quiserem morrer, morram! [3]

roas que ninguém vos roube à igreja." Ao mesmo tempo o bispo solicitava aos cônegos que impedissem que as perniciosas doutrinas que geravam seitas perniciosas fossem pregadas ao pé deles e discutidas, nem em particular, nem em público. Esta carta lida no cabido, todos os olhos fitaram-se em Zwingle, que compreendendo o que significava o olhar, disse: "Vejo que pensais que a mim se refere esta carta; fazei-ime o favor de ma entregar, c, se Deus quiser, responde-la-ei. [4]

Zwingle respondeu em seu "Archételes," palavra que significa "principio e fim;" "porque," disse ele, "espero que esta primeira resposta seja também a última." Aí ele falava de urna maneira muito respeitosa do bispo, e lançava sobre alguns intrigantes todos os ataques dos inimigos. "Que fiz eu?" dizia; "chamei todos os homens ao conhecimento de suas próprias feridas; esforcei-me por trazê-los ao único verdadeiro Deus e a Jesus Cristo seu Filho. Para isto servi-me, não de exortações capciosas, mas de palavras simples e verdadeiras, tais;como os filhos da Suíça podem compreender," Depois, passando da defesa ao ataque: "Júlio Cesar," ajuntava ël-e----com finura, "vendo-se ferido de morte esforçou-se por dispôr devidamente as dobras de sua roupa, a fim de cair com decência. A queda de vossas cerimônias está próxima! fazei ao menos que elas caiam convenientemente, e que a luz seja por toda parte prontamente substituída às trevas." [5]

Foi este todo o resultado da carta do bispo ao cabido de Zurique. Visto que todas as censuras amigáveis eram vãs, era preciso dar golpes mais decisivos. Faber e Landenberg dirigem pois suas vistas para outro lado; é para a dieta, para o conselho da nação helvética que se voltam enfim. Chegam deputados do bispo; expõem que seu amo proibiu por uma pastoral a todos os padres de sua diocese, que inovassem sobre materiais de doutrinas; que, sendo desprezada sua autoridade, invoca o socorro dos chefes da Confederação, para ajudá-lo a ~ter na obediência os rebeldes e a defender a antiga e verdadeira fé. [6] Os inimigos da Reforma dominavam nesta primeira assembléia da nação. Já, pouco antes, ela tinha promulgado um decreto que proibia a pregação a todos os padres cujos discursos, em sua opinião, levavam a discórdia entre o povo. Este decreto da dieta, que, pela primeira vez, ocupava-se da Reforma, não teve efeito; mas agora, querendo proceder com vigor, esta assembléia

citou perante si Urbano Weiss, pastor de Fislispach, perto de Bade, a quem o rumor público acusava de pregar a nova fé e de rejeitar a antiga. Weiss foi solto por algum tempo por intercessão de muitos e sob caução de cem florins, que seus paroquihnos ofereceram.

Mas a dieta estava resolvida; acabava de dar prova: por toda parte voltava a coragem aos padres e aos frades. Em Zurique, já depois do primeiro decreto, eles se tinham mostrado mais imperiosos. Muitos membros do conselho tinham o costume de visitar, de manhã e à tarde, os três conventos, e até de ir comer lá. Os frades doutrinavam estes benévolos comensais, e lhes solicitavam que obtivessem do governo um decreto a favor deles. Se Zwingle .não quiser se calar," diziam "nós gritaremos ainda mais!" A dieta tinha-se colocado do, lado dos opressores. O conselho de Zurique não sabia ❑ que fazer. A 7 de junho, promulgou uma ordem pela qual proibiu pregar contra os frades: mas apenas o decreto foi passado "fez-se no quarto um barulho súbito," diz a crônica de Bullinger, "de modo que olharam uns para os outros." [7]° A paz não se restabeleceu; o combate travado do alto do púlpito aquecia-se cada vez mais. O conselho nomeou uma deputação que fez comparecer, na casa do prepósito, os pastores de Zurique e os leitores e pregadores dos conventos; depois de uma viva discussão, o burgomestre ordenou aos dois partidos que nada pregassem que pudesse perturbar a concórdia. "Não posso aceitar semelhante ordem," disse Zwingle; "eu prego o Evangelho livremente e sem condição, conforme o decreto promulgado precedentemente. Eu sou bispo e pastor de Zuriqu a mim está confiado o cuidado das almas. Eu prestei juramento e não os frades. São eles que devem ceder, e não eu. Se pregam mentiras hei de contradizê-los, e até no púlpito de seus próprios conventos. [8] Se eu mesmo pregar uma doutrina contrária ao

santo Evangelho. peço então que me repreenda não só o cabido, como qualquer cidadão; e demais que eu seja punido pelo conselho." "Nós, disseram os frades. "pedimos que nos seja permitido pregar as doutrinas de S. Tomás." A comissão do conselho, tendo deliberado, ordenou "que se deixasem de Tomás, Scotus e outros doutores, e que pregassem só o Evangelho." Assim ainda uma vez a verdade ganhou a vitória. Mas a cólera dos partidários do papado aumentou. Os cônegos ultramontanos não podiam ocultar o despeito. Olhavam para Zwinglo cabido com impudên-cia, e pareciam pelo seu olhar, pqdir sua morte. [9]°

As ameaças não detinham Zwingle. Havia um lugar em Zurique onde, graças aos dominicanos, ainda não tinha pe-netrado a luz: era o convento de freiras de OEtenbach. As filhas das primeiras famílias di Zurique tomavam lá ❑ véu. Pareceu injusto que essas pobres moças, encerradas nos muros de seus conventos, fossem as únicas a não ouvir a pa-lavra de Deus. O grande conselho ordenou a Zwingle que fosse lá. O reformador subiu a esse púlpito, entregue até então aos dominicanos, e

pregou sobre "a clareza e a certeza da palavra de Deus." Ele publicou mais tarde o discurso notável, (pite nqe !ieou sem fruto e irritou ainda mais Os frades.

Urna circunstância veio estender mais o ódio e levá-lo a muitos outros corações. Os suíços, tendo à sua frente Stein e Winkelried, acabavam de sofrer sanguinolenta derrota em Bicoque, Eles se tinham precipitado com força sobre o ini-migo; mas a artilharia de Pescaire e os infantes daquele Freundsberg que Lutero tinha encontrado na parte da sala de Worms, tinham derribado chefes e bandeiras, e tinha-se visto cair e desaparecer ao.mesmo tempo companhias inteiras. Winkelried e Steiii, e membros das famílias nobres de Mulinen, de Diesbach, de Bonsteten, de Tschudi (.; de Pfyfer, tinham ficado no campo de batalha. Schwytz principalmente tinha sofrido. Os destroços ensanguentados daquele horrível combate haviam entrada na Suíça, levando por toda a parte luto em seus passos. Um grito de dor ressoou dos Alpes ao jura, e do Ikóda-no ao Reno.

Mas ninguém sentia dor mais profunda que a de Zwin-gle. Escreveu logo um manifesto a Schwytz para desviar os cidadãos desse cantão do serviço estrangeiro. "Vossos antepassados," disse-lhes com todo calor dum coração suíço. "combateram seus inimigos para defender a liberdade; mas nunca mataram cristãos para ganhar dinheiro. Estas guerras estrangeiras atraem sobre nossa pátria inúmeras calamidades. Os açoites de Deus castigam nossos povos confederados, e a liberdade helvética está quase a perder-se entre as carícias interessadas e os ódios mortais de príncipes estrangeiros." [10]° Zwingle apoiava Nicolau de Flue, e renovava as instâncias deste homem de paz. Tendo sido apresentado esta exortação à assembléia do povo de Schwytz, ela produziu tal efeito que decretou-se abstenção provisória por vinte e cinco anos de toda aliança estrangeira. Mas logo o partido francês fez revogar esta resolução generosa, e Schwytz foi o cantão mais oposto a Zwingle e à sua obra. As próprias desgraças que os partidários das alianças estrangeiras atraíam sobre seu país não faziam senão aumentar o ódio dos homens contra o mi-!listro corajoso que se esforçava por afastar a pátria de tantos infortúnios e tanta vergonha. Formou-se cada vez mais na Confederação um partido violento contra Zurique e contra Zwingle.. Os costumes da igreja e as práticas dos recruta-dores, atacados ao mesmo tempo, apoiavam-se mutuamente, para resistir ao sopro impetuoso da Reforma que ameaçava abatê-los. Ao mesmo tempo os inimigos se multiplicaram no exterior. Já não foi somente o papa, mas os outros príncipes estrangeiros, que juraram um ódio implacável à Reforma. Não pretendia ela tirar-lhes essas lanças helvéticas às quais sua ambição e seu orgulho deviam tantos triunfos? Mas restou à causa do Evangelho Deus e os mais excelentes do povo: isso bastava. Demais, de diversos países, a Providência divina trazia em seu, auxílio homens perseguidos pela fé. [11]

NOTAS DE RODAPÉ

[1] iw. Ep.. p. 21)8. Osw. Miconius. ViLt

[2] Zw. Ep., p. 199. Zw. Ep., p. 199. }- lbid., p. 203.

[3] 7.w. Fp.. 2(10.

[4] Zw. Op., 3, p. 35. Zw. Op., 3, p. 69.

[5] Manuscrito de Bullinger.

[6] Ibid.

[7] Manuscrito de Bffiling.er. Ibid.

[8] 1 Zw. Op.. .. 29.

[9] Zw. ❑p.. parte 2. p. 206. Ibid., I, p. 66.

[10] Ibid.. 1. p. (■<;.

[11] i%v. ()p.. partc 2. 11. 20A.

CAPÍTULO XIII

Um frade francès — Ele ensina na Suíça — Debate entre o frade e Zwingle — Discurso do diretor das boanitas O carnaval em Berne — Os comedores de defuntos — O crânio de S. Ana — Appenzell — Os Grisões — Homicídios e adultérios — Casamento de Zwingle.

Sábado, 12 de julho, entrou nas ruas de Zurique um frade, alto, magro, e teso, vestido .do capuz cinzento dos franciscanos, fisionomia estrangeira, e cujos pés descalços montado num burrinho, tocavam quase no chão. [1]° Ele chegava assim de Avinhão, e não sabia uma só palavra do alemão. Mas por meio do latim conseguiu fazer-se compreender. Francisco Lambert, era seu nome, procurou Zwingle, entregou-lhe uma carta de Bertoldo Haler. Este padre francisca.no," dizia o cura bernense, "que é o pregador apostólico do convento geral de Avinhão, ensina a perto de cinco unos a verdade cristã; pregou em. latim perante nossos padres, em Genebra, em Lausánia, em presença do bispo, em Friburgo, e enfim em Berne, tratando da igreja, do sacerdócio, do sacrifício da missa, das tradições dos bispos romanos, e das superstições das ordens religiosas. Parecia-me inaudito ouvir tais coisas dum franciscano e dum francês qualidades que supõem, tanto uma como outra,. como sabeis,

um mar de superstições. O francês contou ele próprio a Zwingle como tendo sidci achados em sua cela os escritos de Lutero, ele tinha sido forçado a deixar, a toda pressa, Avinhão; como tinha anunciado o Evangelho primeiro na cidade de Genebra, e depois em Lausânia, nas bordas do Leman. Zwingle, transportado de alegria, abriu ao frade a igreja de Nossa Senhora, e fè-lo assentar no coro, numa cadeira diante do altar mor. Lambert aí pronunciou quatro sermões, nos quais atacou com força os erros de floma mas no quarto ele defendeu a invocação dos santos e de Maria.

"Irmão, tu te enganas," [2]° gritou-lhe logo uma voz animada. Era a de Zwingle. Cônegos e capelães extremeceram de alegria vendo levantar-se uma disputa entre o francês e o herético cura. "Ele vos atacou,".disseram todos a Lambert, "pedi-lhe uma disputa pública!" Assim fez o monge de Avinhão, e a 15 de julho, às 10 horas, os dois campeões se reuniram no quarto das coi,i,.rencias dos cônegos. Zwingle abriu

o Antigo e o Novo Testamento, em grego e em latim; discutiu

e ensinou até às 2 horas; e então o frade franciscano juntando as mãos e levantando-as para o céu; disse: "Eu te dou graças, ó Deus, pois que, por um órgão tão ilustre, me tens dado um conhecimento tão claro da verdade! Daqui em diante," acrescentou voltando-se para assembléia, em todas as minhas aflições e tristezas invocarei só o nome de Deus,

e abandonarei o meu rosário. Amanhã torno a pôr-me em caminho, e vou à Basiléia ver Erasmo de Roterdam, e daí a Witemberg ver o frade agostinho, Martinho Lutero. E, com efeito, tornou a partir. Era o primeiro homem, que saído da França pela causa do Evangelho, apareceu na Suíça e na Alemanha; modesto precursor de muitos milhares de refugiados e de confessores. [3]

Micônius não tinha tais consolações: ele viu, pelo contrário, Sebastião Hofmeister, que tinha vindo de Canstança a Lucerna, e aí tinha pregado o Evangelho com coragem, forçado a deixar esta cidade. Então a tristeza de Oswald aumentou. O clima úmido de Lucerna lhe era contrário; a febre o- consumia; os médicos lhe declararam que, se não

mudasse dé clima, morreria." Em nenhuma outra parte que ro estar a não ser ao pé de ti," escrevia a Zwingle, "e em nenhuma outra parte menos que em Lucerna. Os homens me atormentam, e o clima me consome. Minha doença. dizem, é o castigo da minha iniqüidade: ah! por mais que eu diga, por mais que eu faça, tudo é veneno para eles ... Há só um, que está no céu no qual a minha esperança repousa." [4]°

Esta esperança não foi vã. Era em fins de março, e o dia da Anunciação se aproximava Na ant, véspera cele-brava-se uma grande festa em memória dum incêndio que. em 1340, tinha reduzido a cinzas a maior parte da cidade. Já uma multidão de povo dos distritos circunvizinhos achava-se em Lucena, e muitas centenas de padr s aí estavam reunidos. Um orador célebre pregava ordinariamente neste dia solene. O direto do convento das Joanitas, Conrado Schmidt de Küssnacht, veio desempenhar essa tarefa. Uma multidão imensa enchia a igreja. Qual foi a admiração geral ouvindo o diretor pôr de parte a ostentação latina a que se estava costumado, e falar em bom alemão, a fim de que todos o pudessem compreender, expor com autoridade, com santo fervor, o amor de Deus em mandar seu Filho, e provar com eloqüência que as obras exteriores não podem salvar, e que as promessas de Deus são verdadeiramente a essência do Evangelho! "Deus não permita,- exclamou o diretor diante do povo pasmado, "que recebamos um chefe tão cheio de pecados como o bispo de Roma, e que rejeitamos Jesus Cristo!° Se o bispo de Roma distribui o pão do Evangelho, recebamo-lo como pastor,.mas não como chefe; e se não o•distribui, não o recebamos de modo algum." 0Swald estava fora de si de contente. "Que homem!" exclama: "que discurso! que majestade! que autoridade! que abundância do Espírito de Cristo! A impressão foi geral. À agitação que enchia a cidade sucedeu um silêncio solene; mas tudo isto foi passageiro. Se o póvo fecha 1) ouvido aos chamados de eus, estes diminuem de dia para dia, e logo cessam. Assim. aconteceu em Lucerna.

Enquanto a verdade era lá anunciada do alto do púl-pito. o papado era atacado em Berne nas reuniõès do povo.

Um leigo distinto, célebre por seus talentos poéticos, e que fôra elevado aos primeiros cargos do estado, Nicolau Ma-nuel, indignado por ver seus compatriotas roubados desa-piedamente por Sansão, compôs dramas de carnaval, nos quais atacou, com as armas mordazes da sátira, a avareza, o orgulho, o fausto do papa e de seu clero. Terça-feira de entrudo "dos senhores" (os senhores eram então o clero, e o clero começava a quaresma oito dias antes dos fiéis), não se tratava em Berne senão dum drama, dum mistério inti-tulado os "Comedores de Mortos," que rapazolas iam re-presentar na rua da Cruz; e o povo corria em multidão e apinhava-se para assistir a esse espetáculo. Sob o ponto de vista da arte, esses esboços dramáticos do princípio do sé-culo dezesseis oferecem algum interesse; mas é sob outro ponto de vista que os recordamos: sem dúvida preferiríamos não ter de citar do lado da Reforma ataques deste gênero; é por outras armas que a verdade triunfa. Mas a história não cria; apresenta.

Enfim, o espetáculo começa a gôsto do público reunido na rua da Cruz. Vè-se -o papa coberto de vestimentas bri-lhantes assentado em um trono. Em torno dele se acham colocados os cortezãos, os guardas, e uma multidão confusa de padres de alta e de baixa categoria; atrás deles estão nobres, leigos e mendigos. Aparece logo um cortejo fúnebre; é um rico lavrador que segue para seu último jazigo. Dois parentes caminham a passos lentos diante do féretro, com um lenço na mão. O enterro tendo chegado diante do papa, o, esquife é deposto a seu pés e então principia a ação:

O primeiro parente, com 07 lamentosa .

Nobres, santos, tende pena Do mal que nos sucedeu! Ai! nosso querido primo Na flor dos anos morreu.

Segundo parente.

Se cem onças S►O precisas Para curas, sacristães.

Para monges, padres, freira%, Estamos proutiis t pag:o.

Só pie assim do purgatório. Cuja pena é notória,

Sua alma se possa salvar. [5]°

m sacristão, destacando-se da multidão flor cerca o papa e correndo para o pároco Roberto Sempre-Mais.

Senhor cura. uma molhadura! Vai um (regues pra sepultura!

m pároco

Só um?... È pouco; minha sede não se apaga! Um só morto, quando dez desejo!

A vida é alegre quando mortos vejo!

Pois este é o. jogo elite mais me agrada.

m sacristão.

Sim; os mortos pie mais renderia,

Ê muito melhor pelos mortos. dobrar Do pie O é nos campos cavar: Pois pagam bem e não discutem.

m pároco

Se os. teus dobres do céu abrem a porta

È o que não sei ... Mas <pie me importa?

m certo é (pie eles nw dão

Bom peixe, com truta e salmão.

A sobrinha do pároco. 1-

Mui bem está tudo; por isso vos digo

Que a alma deste nosso bom amigo

Deve render-me um vestido branco, amarelo ou preto,

E um lenço com o qual minha cabeça se enfeite.

m cardeal alto-orgulho. trazendo chapéu vermelho, ao pé do papa.

Se não quiséssemos a herança da grei , Em feroz combate

A palavra alemã empregada aqui é muito mais expressiva, porém menos decente. É Pfaffenmetze-

Oncle forte se bate

A exporíamos para que sucumba.

Levando-a com intrigas até à tumba?

É que Roma com sangue de cristãos

Enriquece sempre. De côr sanguínea é meu chapéu, Porque logo depois que um rico morreu

Seu dinheiro vem parar em minhas mãos.

m bispo, barriga-de-lobo.

Com o direito papal viver quero e morrer;

Vestindo sedas e esbanjando a mais não poder. À caça e ao combate com prazer assisto.

Mas se nos tempos em que vivia o Cristo, Por minha desgraça eu houvera vivido, De saco de certo me houveram vestido. [6]°

E em vez de ser qual sou, um grande senhor, Seria somente um simples pastor.

E ainda que sejamos pastores pelas leis,

m mundo todo sabe que mandamos como reis Mas apesar de tudo isto, não tem deixado De ser a vida pastoril por mim amada.

Uma voz.

A vida pastoril?

m bispo.

Sim, no tempo da tosquia.

Nós somos das ovelhas os pastores e os lobos: Têm de dar-nos de comer, ou cair sob nossos golpes. A lei papal proíbe aos padres que se casem;

A esta lei contudo bem poucos se submetem.

"Escândalos?" Sim, os há; mas isso não faz mal; Pois eles me ajudam a aumentar meu fausto real. Pague-me bem o padre e pode ter caseira.

Quatro florins por ano — não é para mim asneira, Ganho dois mil florins. Se muitos filhos têm, Mais dinheiro ainda para minha bolsa vem.

Pois por cada filho de padre o pai tem de me dar tanto; E anos há que este negócio rende muito.

O alemão é muito forte e expressivo: So bin ich auf gut Deutsch ein Hurenwirth. etc. Ibid.

Mas se dessem para a virtude. onde estaria meu uz.uthof Louvado, pois, seja O papa! ajoelhado o adoro.

Vivo na sua fé; defendo a sua igreja

E outro Deus não quero, enquanto eu vivo seja.

() papa.

O povo cri enfim que uru padre ambicioso

Pode mandá-lo a Deus ou ,nandá-lo ao Tinhoso. Os decretos papais pregai a bom pregar:

Hoje nós sornas reis e• é escravo o secular. Mas se do Evangelho arvoram o estandarte, Está tudo perdido. Ele, em nenhuma parte

Manda sacrificar, nem dar dinheiro ao padre. Para bem o seguir. digamo-lo em verdade Devíamos viver e morrer na pobreza.

Em vez de todo o fa►sto em que ostento riqueza,

Em (pie o dinheiro rola, e em que o luxo brilha Dos coches em que vai toda a minha família, Carregaria um burro a minha majestade. [7]°

Não, saberei guardar o antigo legado.

Meu raio abaterá qualquer esforço ousado. O ponto e eu querer, e Os homens são meus.

.1 mim curva-se o povo e me adora como Deus. Subo, calcando-o aos pés, subo ao trono do inundo. Dou tudo aos meus; porém o secular imundo

Nem há de ver a cór dos nossos bens zi ouro. Três gotas de água benta, eis todo o seu tesouro.

Não prosseguimos esta tradução do drama de Man►,•I. A angústia do clero, quando soube dos esforços dos refor-madores, sna cólera contra o que ameaçaram perturbar suas desordens, tudo isto está pintado com as mais vivas córes. Os costumes dissolutos de que este mistério apresentava tão viva imagem, eram mui conhecidos para que alguém deixasse de reconhecer e impressionar-se com a verdade do quadro. O povo estava agitado. Muitos diziam pilhérias saindo do espetáculo da rua da Cruz; mas alguns eram mais sérios: falavam da liberdade cristã, do despotismo do papa; opunham a siinplicidade evangélica às pompas roma-

nas. Logo o desprezo do povo transbordou pela rua. Quarta feira de Cinzas, andaram com as bulas das indulgèncias por toda a cidade, acompanhando esta procissão com cânticos satíricos. Um grande golpe tinha sido dado, em Berne 1. em toda a Suíça, no antigo edifício do papado.

Tempos depois desta representação, teve lugar em Berne outra •(•-u([8]*..dia; tuas nesta não havia invenção. O clero, o conselho e a burguesia estavam reunidos diánte da porta-superior; eles esperavam o crânio de SantAna, que o famoso cavaleiro Alberto de Stein tinha ido buscar em Lião. Afinal apareceu Stein, trazendo envolvido num pano de seda a santa relíquia, diante da qual o bispo de Lausânia, tinha, em sua passagem, dobrado o joelho. O crânio precioso é le-vado em procissão à igreja dos dominicanos, os sinos repi-cam, entra-se na igreja, coloca-se com grande

solenidade o crânio d ãe de Maria sobre o altar que lhe está consagrad , atrás uma suntuosa grade. Mas no meio de toda essa ,Jegria chega uma carta do abade do convento de Lião, onde repousavam os restos da santa, anunciando que os frades tinham vendido ao cavaleiro um osso profano tirado do cemitério, entre os restos dos mortos. Esta mistificação da ilustre cidade de Berne indignou profundamente seus cidadãos.

A Reforma caminhava em outros pontos da Suíça. Em 1521, um jovem appenzellense, Walter Klarer, voltou da universidade de Paris a seu cantão. Os escritos de Lutero lhe caíram entre as mãos, e em 1522 ele pregou a doutrina evangélica com todo o fogo de um jove-•u cristão. Um esta-lajadeiro, membro do conselho appenzellense, chamado Rausberg, homem rico e pio, abriu sua casa a todos os amigos da verdade. Um famoso capitão, Bartolomeu Ber-weger, que tinha-se batido por Júlio II e por Leão X, tendo então voltado de Roma, perseguiu logo os ministros evan-gélicos. Um dia, porém, lembrando-se de ter visto muita coisa uná em Roma, começou a ler a Bíblia e a freqüentar os sermões dos .novos pregadores: seus olhos se abriram, e ele abraçou o Evangelho. Vendo que a multidão do povo não podia achar lugar nos templos, ele disse: Pregue-se no campo e nas praças públicas! e apesar de uma viva oposição, as colinas, os prados e as montanhas de Appenzell ressoavam omitas %eles desde então com a sã doutrina.

. Esta doutrina, subindo o Reno, chegava até a antiga Recia. Um dia, um estrangeiro, vindo de Zurique. passou o rio e se apresentou em casa do mestre seleiro de Flasch, primeira vila dos Crisões. O seleiro, Cristiano Anhorn, ouviu com admiração os discursos de seu hóspede. "Prega isso à toda a vila," disse ao estrangeiro, que se chamava Tiago Burkli. Este colocou-se diante do altar; uni tropel de gente armada, tendo Anhorn à frente, o cercou para defendê-lo de um ataque imprevisto, e assim Burkli lhes anunciou o Evangelho. A noticia desta pregação se espalhou ao longe, e no domingo seguinte afluiu um imenso concurso de ouvintes. Pouco depois um crescido número dos habitantes da .comarca pediu se lhes administrasse a santa Ceia segundo a instituição de Jesus Cristo. Mas um dia os sinos subitamente toca-ram rebate em Maienfeld; o povo aterrado correu para lá; os padres lhe pintaram o perigo que ameaçava a igreja; depois, à testa daquela população fanatizada, correram a Flasch. Anhorn, que trabalhava no campo, admirado de ouvir o som dos sinos numa hora tão fora do comum, voltou precipitadamente à casa, e escondeu Burkli em um fosso profundo, cavado em sua adega. A casa estava cercada, as portas foram arrombadas, por toda parte procuraram o pregador herético, mas em vão; afinal, os perseguidores abandonaram o lugar.°

A palavra de Deus se espalhou em toda a liga das dez jurisdições. O cura de Maienfeld, de volta de Roma, para onde, furioso pelos sucessos do Evangelho, tinha

fugido, exclamou: "Roma me tornou evangélico!" e tornou-se um fervoroso reformador. A Reforma estendeu-se logo na liga da "casa de Deus:" "Oh! se tu visses como os habitantes das montanhas da Recia atiram longe de si o jugo do cativeiro babilônico!" escrevia Salandronius a Valdiano.

Revoltantes desordens apressavam o dia em que Zurique e os lugares vizinhos haviam de quebrar inteiramente o jugo. Um mestre escola casado, desejando fazer-se padre, obteve para este fim o consentimento da mulher, e separaram-se. O novo cura, achando impossível o cumprimento do voto de celibato, deixou, por atenção a sua mulher, o lugar que ela habitava, e tendo-se estabelecido no bispado de Constança, contraiu aí laços culpados. Sabendo sua mulher o que se passava, seguiu o marido. pobre padre teve compaixão

dela, e despedindo aquela que tinha usurpado os seus .di-reitos, tornou a tomar a sua espôsa legítima. Imediatamente o procurador fiscal deu queixa; o vigário geral pôs-se em campo, os conselheiros do consistório deliberaram ... e ordenou-se ao cura que abandonasse a mulher ou seu benefício. A pobre espôsa deixou, lavada em lágrimas, a casa (10 seu marido; sua rival tornou a entrar triunfante. A igreja se declarou satisfeita, e desde então deixou tranqüilo o padre adúltero. -F

Pouco depois, um cura de Lucerna roubou uma mulher casada, O marido, tendo voltado à Lucerna, aproveitou-se da ausência do padre para tornar a tomar mulher. Quando já ia com ela, o cura sedutor os encontrou; atirou-se logo ao marido ofendido, e fez-lhe um ferimento do qual morreu. [9]° Todos os homens pios sentiam a necessidade de restabelecer a lei de Deus, que declara que o "matrimônio seja honrado por todos." Heb. 13:4. Os ministros evangélicos reconheceram que a lei do celibato só era de instituição humana, imposta por pontífices romanos e contrário à palavra de Deus, que, descrevendo o verdadeiro bispo, o representa como es-pôso como pai. 1 Tim. 3:2, 4. Viam ao mesmo tempo que, de todos os abusos que se haviam introduzido na igreja, .nenhum havia causado mais vícios e escândalos. Acreditavam pois que era, não somente uma coisa legítima, mas ainda um dever perante Deus, o evitar o celibato. Muitos dentre eles entraram então no antigo caminho dos tempos apostólicos. Xiloteto era casado. Zwingle se casou também por essa época.

Nenhuma mulher era mais considerada em Zurique que Ana Eeinhardt, viuva de Meier de Knonau, mãe de Gerold. Tinha ela sido, desde a chegada de Zwingle, uma de seus ouvintes mais assíduos; morava em sua vizinhança e ele tinha notado sua piedade, sua modéstia, sua ternura por seus filhos. O jovem Gerold, que se tinha tornado quase seu filho adotivo, o aproximou ainda mais de sua mãe. As provações pelas quais já tinha passado esta mulher cristã, que devia ser um dia a

mais cruelmente experimentada de todas as mulheres de que a história nos tem conservado a lem-

trança, lhe haviam dado uma gravidade guie fazia sobressair ainda mais suas virtudes evangélicas. [10]° Ela tinha então mais ou menos trinta e cinco anos, e sua fortuna própria não excedia a quatrocentos florins. Foi sobre ela que Swingle lançou os olhos para fazer a companheira de sua vida. Ele compreendia tudo o que havia de sagrado e íntimo na união conjugal. Ele a chamava uma santíssima aliança." f -Da mesma sorte que Cristo," dizia ele, -morreu pelos seus e assim se deu todo inteiro a eles, da mesma sorte também esposos devem fazer tudo e tudo sofrer um pelo outro.- Mas Swingle, posto que tomasse Ana Reinhardt por mulher. todavia não deu logo publicidade a seu casamento. Foi uma fraqueza, sem dúvida condenável, desse homem aliás tão resoluto. As luzes que ele e seus amigos tinham adquirido sobre a questão do celibato, não eram gerais. Fracos podiam ficar escandalizados. Temeu que sua utilidade na igreja fi-case paralizada se seu casamento se tornasse público. [11]° Ele sacrificou uma parte de sua felicidade a estes temores, res-peitáveis talvez. mas dos quais se deveria ter libertado. [12]§

Os biografo?, e historiadores mais respeitáveis, e todo?, os au-tores crie os têm copiado, colocam dois anos mais tarde o casamento de Zwingle, isto é, em abril de 1524. Sem querer expor aqui todas as razões que me convenceram que este é um erro, indicarei somente as autoridades mais decisivas. Urna carta do amigo íntimo de Zwingle. Miconius, de 22 de julho de 1522, diz: "Vale cum uxore qu►rn felicissimè." Outra carta do mesmo amigo, escrita no fim do mesmo ano, diz também: "Vale cum uxure."•0 conteudo mesmo destas ~is cartas prova que a data é muito exata. Mas o que é mais convincente ainda, uma escrita de Strasburgo por Bucer, no momento em que o casamento de Zwingle tornou-se público, a 14 de abril (falta a data do ano, mas de provas internas é evidente que é 1524), contém muitas passagens que mostram que Zwingle estava casado já havia muito tempo; eis algumas; além da que ficou citada na nota precedente: "Professum /miam te maritum legi. Unum hoe desiderabam in te. ()cate multó faciliús quinam çsmnubii tal conlessionern Anticristus posset ferre ab eu, quod cum fratribus... episcopc.) Constantiensi congressos es, nuitus credidi. Qui► ratione id tam (lia celares.. . non clubitarim, rationibus huc adductum, qua: apud virum evangelicum non queant omnino repudiari.etc." Zw. Fp. p. 385. Zwingle não se casou. pois em 1524: mas nessa época tornou público o seu casamento. caniraido doi; anos ante,. Os sábio, eclilures das c;irius cie Zwingle dizem:

"Num furtè jan 1.wingliu. Annum Reinhardam elande!,tinu in mat•i• munio habebat?" p. 110. 1■tu me parece, não uma coisa duvidosa. mas um fato bem averiguado, que tem toda a verdade histórica • exigida.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] 1 Füsslin Beytruge. 4. p. 39.

[2] Zw. Ep., p. 207.

[3] Füsslin Beytrage, p. p. 40. Manuscrito de Bullinger. Zw. Ep.. p 19-5.

[4] 1 Ibid. /%%•. 1-.p., p.

[5] Bern. Mausol., 4: Wirtz, K. I. p.

[6] Bern. Mausol., 4; Wirz. K. Gesch., I. p. 383.

[7] , Hem. NIatisol.. 4. Wh/. k.. (Irwh.. 1. p. 1)(3,

[8] Chur.. 1650: Wirz.. I. p. 557.

[9] Simml. Sammlg. 6: Wirtz. K. Gesch.. 1. p. 275. Zw. F.pp. p. 206.

[10] Anna Reinhard, von Gerold Meyar von knonau, p. 25.

[11] Ibid.

[12] Zw. Ip.. p. 335.

CAPÍTULO XIV

Como a verdade triunfa — Reunião em Einsidlen — Petição ao .1)ispo e aos confederados — Os homens If.! Einsidlen separam-se — Cena num concento — Jantar em casa de .13i•ei►ius — A força dos reformadores — Resultado das petições de Lucerna — O conselho da — Ilaler na casa da cantara municipal — Friburgo — Destituição de 0.•t•ald — Zwingle o consola — Oswald deixa Lucerna — Primeiro ato de severidade da dieta — C:onsternação rios iimãos de Zwingie — Resolução Zwingle — O jhturo — Oração de Zwingle.

iintretanto, interesses mais elevados ainda preocupavam então os pensamentos dos amigos da verdade. A dieta, como temos visto, instada pelos inimigos ca Reforma, tinha ordenado aos pregadores evangélicos que não pregassem mais dOutrinas que perturbassem o povo. Zwingle sentiu que era chegado o momento da ação; e com a energia que o caraterizava, convocou em Einsidlen os ministros cio Senhor, amigos do Evangelho. A força dos cristãos não está nem no poder das armas, nem nas chamas das fogueiras, nein nas intrigas, nem na proteção das potências deste mundo; está numa profissão simples, mas unânime e corajosa, das grandes verdades às quais o mundo deve ser um dia submetido. Deus chama sobre tudo aqueles que o serv em a sustentar estas doutrinas celestes e elevadas em presença de todo o pu O, sem se deixarem atemorizar pelos gritos dos adversá-

rios. 1...st:is %erdades tem em Ni OICSIllaN O pC111101. (le seu tri-

unfo; diante delas, como outrora diante da arca de Deus caem Os ídolos. Era chegado o tempo em que Deus queria que zt grande doutrina de salvação fosse assim confessada na Suíça; era preciso que o estandarte evangélico fosse plantado sobre alguma altura. A providencia ia tirar de retiros desconhecidos homens humildes, mas intrépidos, para faz•-[1]

los dar tun notável testemunho diante da nação.

preciso que o estandarte evangélico fosse plantado sobre al-guma altura. A pnwicleneia ia tirar de retiros desconheci. dos homens humildes, mas intrépidos, para faze-los dar 11111 notável testemunho diante da nação.

Eu! fins de junho e princípios de julho de 1522, viam-st, pios ministros dirigir-se de todos os lados para a célebre capela de Einsidlen, para uma peregrinação nova. [2]°

Art, no cantão de Schwitz, vinha o cura do lugar, Baltasar Trachsel; de Weiningen, perto de Bade o cura Staheli; de Zug, Verner Steiner; de Lucerna, o cônego Kilchmever; de Ulter, o cura Pfister; de Hongg, perto de Zurique, o cura Stumpff; de Zurique mesmo, o cônego Fabricius, o capelão Schmid, o pregador do

hospital Grossmann, e Zwingle. Leão Judas, cura de Einsidlen, recebeu com grande gózo no antitigo convento todos estes ministros de Jesus Cristo. Desde a morada de Zwingle, este lugar tinha-se tornado uma fortaleza da verdade e uma hospedaria dos justos. - Assim. duzentos e quinze anos antes, tinham-se reunido na planície .solitária do Grütli trinta e três patriotas corajosos, decididos a quebrar o jugo da Áustria. Tratava-se em Einsidlen de quebrar o jugo da autoridade humana nas coisas de Deus. Zwingle propôs a seus amigos que dirigissem aos cantões e ao bispo um pedido urgente e instante, com o fim de obter a livre pregação do Evangelho, e ao MESMO tempo a abolição do celibato forçado, origem de tão criminosas de-sordens. Todos aprovaram a proposta. [3]° Ulric havia ele mesmo preparado as petições. O requerimento ao bispo foi primeiramente lido, a 2 de julho de 1522; todos os evange-listas supra mencionados o assinaram. Uma afeição cordial unia na Suiça os pregadores da verdade. Muitos outros ain- da si►Patifavai► com os homens retinidos em Einsidlen; tais eram Haler, Miconius, Hedio, Capito, OEcolampade, Sebastião Meier, Hofmeister e Waimer. Esta harmonia é um dos mais belos traços da Reforma suiça. Estes personagens excelentes procederam sempre como tini só homem, e ficaram amigos até it morte. [4]

Os homens .de Einsidlen compreendiam que não era senão pelo poder da fé que Os membros da Confedentção. divididos pelas capitulações e=strangeiras, poderiam se tornar um só corpo. Mas suas vistas subiam mais alto. "A celestial doutrina,- disseram eles ;to seu chefe eclesiástico no requerimento de 2 de julho, -esta verdade que o Deus criador manifestou por seu Filho ao genero humano mergulhado no mal, tem sido por muito tempo encoberta a nossos olhos pela ignorância, para não dizer pelai malícia de alguns homens. Mias este Deus todo poderoso resolveu restabelecé-la em seu estado primitivo. Reuni-vos àqueles que pedem que a multidão dos cristãos volte a seu chefe que é Cristo. " Quanto a nós, temos resolvido promulgar seu Evangelho com perseverança infatigável, e ao mesmo tempo com tal sabedoria, que .ninguém possa queixar-se. Favorecei esta empresa, bnirável talvez, mas não temerária. Colocai-vos à testa do povo, como Moisés no caminho ao sair do Egito.

e derribai vós mesmos os obstáculos que se opõem marcha triunfante da verdade. [5]

Depois deste caloroso apelo, os evangelistas retinidos em Einsidlen passaram a tratar do celibato. Zwingle nada mais tinha a pedir a esse respeito, pois já tinha por espósa tinia mulher a qual, segundo a descrição de S. Paulo, devia ser a espósa de uni ministro de Cristo, -grave, sóbria, fiel em tudo." 1 Tini. 3: 11. Mas ele pensava em seus irmãos, cuias conscifuicias não estavam ainda, corno a sua, livres das ordenanças humanas. Além disso, suspirava pelo momento em que todos os servos de. Deus pudessem viver abertamente e sem temor no seio de sua própria família, "tendo seus fi-lhos em sujeição e em honestidade." -Não ignorais,- diziam os homens

de Einsidlen, "quanto até hoje a castidade temo sido violada pelos padres. [6] Quando, na consagração dos ministros do Senhor, pergunta-s• àquele que tala em nome de todos: Aqueles que apresentais são justos? ele responde: São justos. São instruidos? São instruidos. Mas quando se pergunta: São castos? ele responde: Tanto quanto permite a fraqueza humana. [7]° Todo o Novo Testamento condena um comércio licencioso, todo ele autoriza o casamento.- Aqui, segue a citação de um grande número de passagens. "Eis porque,- continuam eles, "nós vos sufi m - caos, pelo amor de Cristo, peia liberdade Tiv 09 1104 i:-;4#

proa, pela pela miséria de tantas almas fracas e vacilantes, péial feridas de tantas •onsciéncias ulceradas, por tudo o que hit de divino ou de humano... permiti que aquilo que foi decretado com temeridade seja anulado com sabedoria; para que o majestoso edifício da igreja não se desmorone com enorme estridor, e arraste após si uma imensa ruiva. Vède de que tempestades o mundo está ameaçado! Se a sabedoria não intervier, está perdida a ordem dos padres.

O requerimento dirigido à Confederação era mais longo. [8]° "Excelentíssimos varões," assim falavam aos confederados, no fim deste requerimento, os aliados de Einsidlen, "nós somos todos suíços, e vós sois nossos pais. Há entre nós muitos que se témn mostrado fiéis nos combates, nas Destes e nas outras calamidades. É em nome da verdadeira castidade que vos falamos. Quem não sabe que satisfaríamos muito melhor à licença da carne não submetendo-nos às leis de urna união legítima? Mas é preciso fazer cessai os escândalos que afligem a igreja de Cristo. Se a tirania do pontífice de Roma quiser nos oprimir, nada temais, heróis corajosos! A autoridade da palavra de Deus, Os direitos da liberdade cristã e o poder soberano da graça nos guardam e nos cercam. Nós temos a mesma pátria, ternos a mesma fé, somos suiços, e a virtude de nossos ilustres antepassados na manifestado sempre o seu poder por uma defesa indomável daqueles a piem oprimia a iniquidade." [9]

Foi, pois, em Einsidlen mesmo, naquele antigo baluarte da superstição, que ainda em nossos dias é um dos mais famosos santuários das práticas romanas, que Swingle e seus amigos levantavam com mão ousada o estandarte da ver- dade e da liberdade. Eles apelavam para os chefes do Es-tado e da igreja; estabeleciam suas teses conto Lutero, mas à porta cio palácio episcopal e à do conselho da nação. Os amigos reunidos em Einsidlen separaram-se calmos, alegres, cheios de esperança em Deus ao qual tinham entregue a causa: e pasando uns perto do campo de batalha • de Mor-pilei], outros ao correr da cordilheira do Albis, outros ainda por outros vales ou outros montes, voltaram todos a seus postos. "Era realmente uma coisa grandiosa para esse tempo." ° diz Henrique Bullinger, "que estes homens tivessem assim ousado apresentar-se na frente, e, colocando-se CII1 tdrno do Evangelho, se tivessem exposto a todos os desgostos. Mas Deus os guardou a todos, de sorte que nenhum mal lhes aconteceu, porque Deus conserva os seus em todo o

tempo." Era realmente alguma coisa grande; era um passo ousado na marcha da Reforma, um dos dias mais ilustres da regeneração religiosa da Suiça. Uma santa con-federação se havia formado em Einsidlen. Homens humildes e corajosos tinham lançado mão da espada do Espírito, que é a palavra de Deus, .e do escudo da fé. A luva estava lançada; o desafio estava feito, não feito somente por um homem, mas por homens de diversos cantões, prontos a sacrificarem suas vidas; era preciso esperar a batalha.

Tudo anunciava que ela seria rude. Já cinco dias de-pois, a 7 de julho, os magistrados de Zurique, querendo dar alguma satisfação ao partido romano, fizeram comparecer Contudo Grebel e Claus Hotinger; dois desses homens extremos que pareciam querer ir além duma sábia reforma. "Proibimo-vos," disse o •burgomestre Roust, "falar contra os frades e sobre os pontos controversos." A estas palavras. se ouviu na sala um barulho surdo, diz uma antiga crónica. Deus se manifestava de tal modo, nesta obra, que por toda parte pretendia-se ver sinais de sua intervenção. Cada um olhou admirado em roda de si, sem que se pud,sse reconhcer a causa daquela misteriosa circunstância.

Mas era principalmente nos conventos que a indignação subiu ao auge. Cada reunião que se fazia, quer para discutir, quer para distrair-se, via aparecer um novo ataque. [10]

de Hullinger.

Uni dia em que havia um grande festim tio convento de Fraubrun, os convidados, um pouco cheios de vinho, começaram a atirar contra o Evangelho agudas setas. O que excitava principalmente a cólera dos padres e frades, era esta doutrina evangélica que, na igreja cristã, não deve haver classe sacerdotal superior aos crentes.[11] Um só amigo da Reforma, simples leigo, Macrinus, mestre-escola em Soleure, estava presente. Procurou ao princípio evitar a controvérsia, pasando de uma mesa para outra. Mas enfim, já não podendo sofrer os gritos arrebatados dos convidados, levantou-se com coragem, e disse em voz alta: "Sim, todos os verdadeiros cristãos são padres e sacerdotes, segundo o que diz S. Pedro: "Sois a geração escolhida, o sacerdócto real," 2 Ped. 2: 9. A estas palavras um dos mais intrépidos gritadores, o deão de Burgdorf, homem alto, forte e de uma voz retumbante, deu uma gargalhada: "Assim, pois, vós outros pequenos gregos e pedagogos, sois o sacerdócio real?... Belo sacerdócio!. . . reis mendigos... padres sem prebendas e sem benefícios. E no mesmo instante pa-dres e leigos cairain de acôrdo sobre o leigo imprudente .[12]

Era, porém, em Lucerna que o passo temerário dos homens de Einsidlen devia produzir a maior comoção. A dieta estava reunida nesta cidade, e de todas as partes chegavam queixam sobre os pregadores temerários que impediram a Helvécia de

vender tranquilamente aos estrangeiros o sangue de seus filhos. A 22 de julho de 1522, como Oswald Micônius ia jantar em cada dele, com o cônego Kilchmeyer e outros homens bem dispostos pelo Evangelho, apresentou-se à porta um moço enviado por Zwingle. ° Trazia as duas famosas petições de Einsidlen, e unia carta de Zwingle. que pedia a Oswald que as fizesse circular em Lucerna. "Minha opinião," acrescentava o reformador, "é que a coisa se faça tranquilamcnte, pouco a pouco, antes que de unia só vez; porque, pelo amor de Cristo, é preciso saber abandonar tudo, e até a própria mulher." [13]

A crise aproximava-se para Lucerna; a bomba tinha caído e devia rebentar. Os convidadas liam os requer~iitos... "Que Deus abençoe este princípio!" exclamou Os-

wald, olhando para o céu. Depois acrescentou: "Esta oração deve ser desde este instante a ocupação constante de ,ossos corações." Os requerimentos circularam logo, talvez com mais ardor do que Zwingle o tinha pedido. Mas o momento era extraordinário. Onze homens, a flôr do clero, estavam na estacada: era preciso esclarecer os espíritos, de-cidir os caracteres irresolutos, ganhar Os membros mais in-fluentes da dieta.

Oswald, no meio deste trabalho, não se esquecia de seu amigo. O jovem mensageiro lhe tinha contado os ataques que Zwingle havia sofrido da parte dos frades de Zurique. "A verdade do Espírito Santo é invencível," lhe escreveu Micônius, no mesmo dia. "Armado com o escudo das santas Escrituras, tu ficaste vencedor, não num combate somente, não em dois, -mas em três, e já começa o quarto... Empunha estas armas poderosas, mais duras que o diamante! Cristo, para proteger os seus, não precisa senão de sua palavra. Teus combates inspiram uma indomável coragem a todos aqueles que se têm consagrado a Jesus Cristo." [14]°

Os dois requerimentos não produziram em Lucerna o efeito esperado. Alguns homens pios os aprovavam; mas eram em mui pequeno número. Muitos, temendo se comprometer, não queriam louvar, nem censurar. "Esta gente," diziam outros, "nunca levará a bom termo este negócio!" Todos os padres murmuravam, falavam baixo, resmungavam entre dentes. Quanto ao povo, este se levantava contra o Evangelho. O espírito guerreiro se havia despertado de novo em Lucerna depois da sanguinolenta derrota da Bicbque, e só a guerra ocupava todos os espíritos. Oswald, que observava atentamente estas impressões diferentes, sentiu então abalar-se sua coragem.. O futuro evangélico que ele tinha sonhado para Lucerna e a Suiça parecia desaparecer. "Nosso povo está cego quanto às coisas do céu," disse dando uni profundo suspiro. "Nada há a esperar dos suíços, pelo que diz respeito à glória de Cristo." [15]§

Principalmente no conselho e na dieta a cólera era gran-de. O papa, a França, a Inglaterra, o império, tudo se agi- tava eni torno da Siiiça, depois da derrota de

Bietuitie e a evacuação da Lumbardia pelos franceses, sob as ordens dv Lautrec. Por ventura não estavam nesse momento os interesses políticos bastante complicados sem que esses onze homens viessem com seus requerimentos aumentar-lhes ainda questões religiosas? Os deputados de Zurique eram os únicos que se inclinavám para o Evangelho. O cônego Xiloteto, temendo por sua vida e pela de sua mulher (porque tinha-se casado com uma moça das primeiras famílias do país,) havia recusado derramando lágrimas, ir a Einsidlen,

e assinar os requerimentos. O cônego Kilchmeyer tinha-se mostrado mais corajoso, e por isso tinha tudo a temer. "Estou ameaçado de um processo," escreveu a 13 de agasto a Zwingle, "espero-o com coragem."... Quando estava ainda escrevendo estas palavras, o meirinho do conselho entrou-lhe em casa e eitou-o a comparecer no dia seguinte. [16]• "Se me meterem em ferros," disse, continuando a carta, "reclamo o teu socorro: mas será mais fácil transportar um rochedo de nossos Alpes que afastar-me em urna só linha da palavra de Jesus Cristo." As atenções que entenderam dever à sua família, e a resolução que tomaram de fazer cair o temporal sobre Oswald, salvaram o cônego.

Bertoldo Haler, talvez que por não ser suiço, não tinha assinado os requerimentos. Mas, corajoso, explicava como Zwingle o. Evangelho segundo S. Mateus. Unia grande multidão enchia a catedral de Berne. A palavra de. Deus atua-ma com mais força sobre o povo que os. dramas de Manuel. Haler foi citado à casa da câmara municipal; o povo acompanhou este excelente homem e ficou reunido na praça.

m conselho estava dividido. Isto é com o bispo, diziam. os mais influentes. ."g preciso entregar o pregador ao Monsenhor de Lausània." Os amigos de Haler tremeram a estas palavras e mandaram-lhe dizer cfue se retirasse incontinente.

m povo cercou-o, acompanhou-O; e grande número de bur-gueses armados ficaram diante de sua casa, prontos a fazer a seu humilde pastor uma trincheira com os corpos. O bispo e o conselho recuaram diante desta enérgica manifestação,

e Haler foi salvo. Demais, Haler não era o único que combatia em Berne. Sebastião Meier refutou então a carta pastoral do bispo de Constarwa, e em particular esta banal

►el►■Z,":".10. -pie os discípulos do Evangelho ensinam urna nova doutrina, e que a antiga e a verdadeira.• "Ter estado no erro mil anos," disse ele, não é ter razão durante uma hora; de outra sorte os pagãos deveriam ficar em sua fé. Se as doutrinas mais antigas devem vencer, mil é quinhentos anos são mais que quinhentos anos. e o Evangelho é mais antigo que as ordenanças do papa.- [17]°

Nesta época, os magistrados de Friburgo surpreenderam cartas dirigidas a Ilaler e a Meier por uni cônego de Friburgo chamado João Holard, natural de Orbe. Prenderam-no, depois o destituiram, e enfim o baniram. Um cantor da catedral, João Vanius, declarou-se logo pela doutrina evangélica; porque nesta guerra, um soldado ainda não tinha caído que outro ocupava o lugar. Como poderia a água lodosa de Tibre," dizia Vanius, subsistir ao lado da onda pura que Lutero bebeu na fonte de S. Paulo?" Mas também taparam a boca do cantor. "Será difícil encontrar em toda a Suíça homens mais mal dispostos contra a sã doutrina do que os Iriburguenses," escrevia Micônius a Zwingle.

No entanto devia fazer-se uma exceção a respeito de Lucerna: e Micó►ius o sabia. Ele não tinha assinado os famosos requerimentos; mas, se não era ele, eram seus amigos, e era preciso uma vítima. A literatura antiga da Grécia e de Roma começava, graças a ele, a lançar alguma luz sobre Lucerna: para lá corriam de diversos lugares para ouvir o sábio professar, e os amigos da paz ouviam com encanto um som mais doce que o das lanças, das espadas e das couraças, que só até então tinha retinido na belicosa cidade. Oswald tinha sacrificado tudo por sua pátria; tinha deixado Zurique e Zwingle; tinha perdido a saúde; sua mulher estava enferma; [18]° seu filho em tenra idade; se Lucerna viesse a repeli-lo não poderia esperar um asilo em nenhuma outra parte. Mas não importa; os partidos são desapiedados, e o que deveria comover sua compaixão, excita sua cólera. Hertenstein, burgomestre de Lucerna, velho e valente guerreiro, que tinha adquirido uni nome célebre nas guerras de Suábia e de Rorgonlia,procurava obter a demissão do mestre-escola, e queria expulsar com ele do cantão seu grego, seu latim e seu Evangelho. Conseguiu-o. Saindo da sessão do conselho em

que tinhzun demitido Micónius, Iierteostein cuetnitruu deputado zuriquense Berguer: "Nós vos devolvemos, vosso mestre-escola,- disse-lhe Me irónicamente; "prepara-lhe urna boa casa." "Não o deixaremos dormir na rua, respondeu logo o corajoso deputado. Mas Berguer prometia mais do titie podia fazer.

A notícia, dada pelo burgomestre, era mais que verda-deira. Foi logo comunicada ao triste Micónius. Ele foi de-mitido, banido, e o único crime de que o acusaram foi de ser discípulo de Lutero. ° Ele dirige para todos os lados suas vistas, e em nenhuma parte encontrou abrigo. Ve sua mulher, seu filho, c si próprio. seres fracos e doentios, re-pelidos de sua pátria... e em roda dele toda a Suiça agitada por forte tormenta, que quebra e destrói tudo o que se lhe opõe. "Eis, disse ele então a Zwingle, "o pobre Micónius expulso do conselho de Lucerna. Para onde irei?... Não sei... Assaltado vós também por tão furiosas tempestades, corno poderieis abrigar-me? Brado, pois, em minhas atribuições por aquele Deus que é o primeiro em quem espero. Sempre rico, sempre bom, ele não permite que um só daqueles que o

invocam se afaste de sua presença seus ser ouvido. Que ele proveja ao meu uecessárior

Assim dizia Oswald. A palavra de consolação não se fez esperar muito tempo. Havia na Suiça nua 110ifielli agiter-rido nos combates da fé. Zwingle apruxitnowse de Neli amigo e o levantem de novo. Os golpes com que forcejam por derribar à casa de Deus são tão rudes," disse-lhe Zwingle, "e os assaltos que lhe dão são tilo frequentes, que já não são somente os ventos e a chuva que caem sobre ela, como predisse o Senhor (S. Mat. 7:27), mas a saraiva e o raio. Se eu não visse o Senhor que guarda o liado, ha muito tempo que teria abandonado o leint.: mas eu o veji1. através da tempestade, firmar as cordas, endireitar as vergas, estender as velas, e até comandar aos próprios ventos... Eu não seria, pois, tini cobarde, indigno do nome de homem. se abandonasse meu posto para encontrar na fuga tuna ver-gonhosa morte? Confio absolutamente em sua bondade so-berana. [19] Que ele governe, que transporte, que zipresse. tiot, retarde, que precipite, que impeça. que quebre. que ;,t‹.. p. mergulhe no fundo do abismo... nada temeremos. [20]° Somos vasos que lhe pertencem. Ele pode servir-se de nós corno quiser, para honra e para ignomínia." Depois destas palavras cheias duma fé tão viva, Zwingle continua: "Quanto a ti, eis o que penso. Apresenta-te diante do conselho e pronuncia lá um discurso digno de Cristo e de ti, isto é, próprio para tocar e não para irritar os corações. Nega que sejas discípulo de Lutero; declara que o és de Jesus Cristo. Que teus discípulos te cerquem e que falem; e se tudo isto nada conseguir. vem para onde está teu amigo, vem para Zwingle, e considera a nossa cidade como o teu próprio lar.

Oswald, fortificado por estas palavras, seguiu o nobre conselho do reformador: mas todos os seus esforços foram inúteis. Esta testemunha da verdade devia deixar sua pá-tria; e os lueerttenses o desacreditavam de tal modo que por toda parte os magistrados opunham-se a que lhe oferecessem uni asilo. "Nada mais me résta," exclamou o confessor de Jesus Cristo, com a alma quebrada por tanta inimizade, "que mendigar de porta em porta coto que sustentar a minha triste vida" Em breve o amigo de Zwingle e o seu mais poderoso auxiliar, o. primeiro homem que uniu na Suiça o ensino das letras e o amor do Evangelho, o reformador de Lucerna, [21]• e mais tarde um dos chefes da igreja helvética, teve de deixar, com sua fraca espósa e seu filhinho, essa ingrata cidade, na qual, de toda sua família uma só de suas irmãs tinha recebido o Evangelho. Passou suas pontes antigas: saudou essas montanhas que parecem elevar-se do seio do lago de Walstater até à região das nuvens. Os cónegos Xiloteto e Kilchmeier, os únicos amigos que a Reforma contava até então entre seus compatriotas, seguiram-no pouco depois. É no momento em que este pobre homem, acompanhado de dois seres fracos, cuja existéncia dependia dele, com os olhos voltados para o lago, derramando lágrimas sobre a cegueira de sua pátria,

disse adeus a essa natureza sublime, cuja majestade tinha cercado seu berço, o próprio Evangelho saiu de Lucerna, e Roma reina lá até hoje. [23]

Logo a própria dieta, reunida em Baden, excitada pelos rigores ostentados contra Micônius, irritada pelos requerimentos de Einsidlen, que, dados á imprensa, produziam por toda parte grande sensação, solicitada pelo bispo de Constança, (pie lhe pedia que enfim desse um corte nos inovadores, lançou-se no caminho das perseguições, ordenou às autoridades das comunidades que lhe denunciassem todos os padres e leigos que falassem contra a fé, mandou prender em sua impaciència o evangelista que achou mais perto de si, Urbano Veiss, pastor de Fislispach, que tinha sido anteriormente solto sob fiança, e fè-lo levar a Constança, onde fui entregue ao bispo, que o reteve por muito tempo prèso. "Foi assim," diz a crónica de Bullinger, "que começaram as perseguições dos confederãdos contra o Evangelho; e isto teve lugar por instigação do clero, que em todo tempo levou Jesus Cristo de fierodes para Pilatos."

Zwingle não devia ficar ao abrigo de provação. Os golpes mais sensíveis lhe foram então dados. A fama de suas doutrinas e de seus combates havia passado o Sentis, penetrado no Tockenburgo e chegado às alturas de Vil-dhaus. A família de pastôres. da qual descendia o refor-mador ficou consternada. Dos cinco irmãos de Zwingle, alguns não tinham cessado de ocupar-se tranquilamente dos trabalhos das montanhas, enquanto que outros, com grande dor de seu irmão, tinham algumas vezes pegado em armas, deixando seus rebanhos e servido a «príncipes estrangeiros. Uns e outros estavam consternados com as notícias que a fama trazia até aos seus •halets. Já eles viam seu irmão agarrado, talvez arrastado a Constança até seu bispo.. e uma fogueira levantando-se para ele no mesmo lugar que tinha consumido o corpo de João lluss. Estes altivos pustôres não podiam suportar a idéia de ser chamados irmãos dum herege. Escreveram a Ulric; pintaram-lhe seu desgosto e e seus temores. Zwingle lhes respondeu: "Quanto Deus mo permitir, desempenharei o trabalho que me confiou, sem temer o mundo e seus tiranos soberbos. Eu sei tudo o que inc pode acontecer. Não ha perigos, nem desgraças que já não tenha de há muito tempo pesado comigo mesmo. Minhas forças são o próprio nada, e conheço qual o poder de meus inimigos, mas também sei que posso tudo em Cristo

que iya. Quando eu me calasse, outro seria obri-

g.;ado a fazer o (pie Delis faz agora por mim, e eu seria CaS•- tigado por Deus. Bani para longe de vós, fi meus caros irmãos, todas as vossas solicitudes. Se temo alguma coisa é ter sido mais brando e tratável do que o nosso século comportzt. [24]° Que vergonha, dizeis vós, não cairá sobre toda a IIONSa família, se fores queimado, ou morto de qualquer outra forma! • ó caros irmãos! o Evangelho recebeu do sangue de Cristo esta qualidade admirável, que as mais violentas perseguições longe de

suspenderem sua marcha. não fazem senão, apressai-la. São verdadeiros soldados de Cristo tão somente aqueles que não temem trazer em seus corpos as pisaduras de Seul Mestre. Todos os meus trabalhos não téan outro fim que fazer conhecer aos homens os tesouros de felicidade que Cristo adquiriu para nós, afim de que todos se refugiam no Pai, pela morte de seu Filho. Se esta doutrina vos ofender, nem por isso a vossa cólera poderia me deter. Sois meus irmãos, sim, meus próprios irmãos, filhos de meu pai, e fruto do mesmo ventre;... mas se não fosseis meus irmãos em Cristo e na obra da fé. então a minha dor seria tão veemente, que nada poderia iguala-la. Adeus. Jamais cessarei de ser vosso verdadeiro irmão, se vós não cessardes de ser vós mesmos irmãos de Jesus Cristo.- 4- [25]

Os confederados pareciam levantar-se como um só homem contra O Evangelho. Os requerimentos de Einsidlen lhes tinham dado o sinal. Zwingle comovido com a sorte do seu Caro Micónius, não via em seu infortúnio senão o princípio das calamidades. Inimigos em Zurique, inimigos 110 exterior; os próprios parentes de Um homem tornando-se seus adversários; oposição furiosa da parte dos frades e dos padres; medidas violentas das dietas e dos conselhos; ataques grosseiros, talvez sanguinolentos, da parte dos par-tidários do serviço estrangeiro; os mais altos%ales da Suiça, aquele berço da Confederação, vomitando falanges de soldados invencívcis, para salvar Roma e aniquilar. [26] à custa de sua vida, a fé renascente dos filhos da Reforma, eis o que descobria ao longe, tremendo, o espírito penetrante do re-f<Jrinador. Que fu(uro! À :)1 ru apenas começada ia

dissolver-se? Zwiugle, peusati,.0, agitado. expós então a seu Deus toda a sua angústia: "C] Jesus,• disse ele, .111 VCS corno malvados e blasfemadc)res atordoam com seus gritos Os ouvidos de teu povo. [27]° Tu sabes quanto, desde tenho odiado as disputas. e entretanto. a nwu pesar, tu não cessaste de atirar-me ao combate.. Eis por-que invoco-te com confiança, afim de que o que tu tlON começado, também acabes. Se eu edifiquei mal algumas coisa, derriba-a coto a tua poderosa mão, Se ztssentei algum outro fundamento, que o derribe teu braço temível. õ vide cheia de doçura, de quem o Pai é o vinhateiro, e da nós somos as varas, não nos abandones! •F- porque tu prometeste estar conosco até à consumação dos séculos. [28]

Foi a 22 de agosto que Une Zwingle, o reformador da Siiça, vendo descer das montanhas grandes procelas sobre a frágil barquinha da fé, expandiu assim diante de Deus as perturbações e as esperanças de titIll alma.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] 1 Mse. de I3ullinger.

[2] J. J. Iluttinger Helv. ti. p. 36.

[3] Zw. Op. 3 p.

[4] w. Op.. 3, p. I ti.

[5] I hW.

[6] I-:vang.. /A% op. 3. p. S

[7] Ibid., p. 24.

[8] Supplicatio, Zw. Op. 1, p. 39.

[9] Ibid., p. 63.

[10] 1 FüNNlin Ilcytrage, p, p. 39. Zw. Ep. p. 2 z1).

[11] Ibid.

[12] Zw. Lp. p. 209.

[13] Deus capta fornmei.

[14] Zw. Ep.. p. 210.

[15] Ibid.

[16] Zw. Ep., p. 213.

[17] Sinuni

[18] Ep., p. 2211.

[19] Ibid.

[20] Ibid., 245.

[21] Zw. Ep., p. 217.

[22] Ibid., 216. •

[23] Zw. Op.. I . I 111-1.

[24] Ibid 7

[25] Ibid.

[26] Zw. Op.. 5. p 74,

[27] Ibid.

[28] Ibid.